

Haruki Murakami

Crônica do Passaro de Corda



«Fascinante, surreal,
um romance de uma
profunda originalidade,
capaz de fazer perder
o fôlego.»

The Times

«Um fantástico
cruzamento entre
Woody Allen
e Franz Kafka.»

The Observer



Ficha Técnica

Título original: The Wind-up Bird Chronicle
Autor: Bárbara Nortonde Matos
Tradução: Maria João Lourenço
Revisão: Sofia Graça Moura
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.
Imagem da capa: Getty Images/ImageOne
ISBN: 9789896603595

Leya, SA
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Haruki Murakami, 1997, 1998
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
<http://bisleya.blogs.sapo.pt>
www.leya.pt

Livro I

La Gazza Ladra

De Junho a Julho de 1984

O pássaro de corda das terças-feiras

Seis dedos e quatro mamas

Estava na cozinha a vigiar o esparguete ao lume, quando tocou o telefone. Ao mesmo tempo ia assobiando a abertura da ópera *La Gazza Ladra* de Rossini, que estava a tocar numa estação de rádio em FM. O fundo musical perfeito para cozinhar massa.

Senti-me tentado a ignorar o toque, uma vez que o esparguete estava quase pronto e Claudio Abbado se aprestava para conduzir a Orquestra Filarmónica de Londres ao auge da intensidade dramática. Por fim, não tive outro remédio senão atender. Podia ser alguém conhecido a querer entrar em contacto comigo por causa de uma nova proposta de trabalho. Baixei o gás, fui até à sala e levantei o auscultador.

– Só peço dez minutos do teu tempo – disse uma mulher do outro lado da linha.

Costumo ser bom a reconhecer uma pessoa pela voz, mas confesso que nunca tinha ouvido aquela.

– Desculpe, mas com quem é que deseja falar? – perguntei educadamente.

– *Contigo*, é óbvio. Dez minutos. Dá-me apenas dez minutos do teu tempo. Vais ver que conseguimos entender-nos na perfeição. – A mulher tinha uma voz suave e profunda, mas, tirando isso, impossível de descrever.

– Entender-nos?

– Entender-nos no que toca aos sentimentos um do outro.

Meti a cabeça através da porta e espreitei para dentro da cozinha. Uma nuvem de vapor branco saía da panela com a massa ao lume e Abbado continuava a dirigir *La Gazza Ladra*.

– Vai ter de me desculpar, mas tenho o esparguete quase pronto. Importa-se de ligar mais tarde?

– Esparguete? Quem é que se lembra de cozinhar esparguete às dez e meia da manhã?

– Não é da sua conta – repliquei. – Estou no *meu* direito de comer o que quero e à hora que quero.

– Tudo bem. Volto a ligar mais tarde – disse ela, agora com uma entoação monocórdica, sem cor. É espantoso como uma pequenina variação de humor pode transformar o tom de voz.

– Espere aí – insisti eu antes que ela desligasse. – Se é para vender alguma coisa, aviso já que está a perder o seu tempo. Estou desempregado. Não tenho dinheiro nem para mandar cantar um cego.

– Bem sei. Não te preocupes.

– Sabe? Sabe o quê?

– Que estás sem trabalho, isso já eu sei. E agora trata mas é de ir cozinhar o teu precioso esparguete.

– Que diabo, mas quem é que...

Não tive tempo de acabar a frase. Do lado de lá, ela cortou a ligação.

Impedido de dar expressão aos meus sentimentos, fiquei ali, desconcertado, de auscultador na mão,

até me lembrar que tinha a massa ao lume. Regressei à cozinha, desliguei o gás e despejei o conteúdo da panela no escoador. Por causa da chamada telefónica, o esparguete já não estava bem *al dente*, mas também não era tragédia nenhuma.

«Entender-nos»? Enquanto comia, dei por mim a pensar. Entendermos os sentimentos um do outro em dez minutos? O que queria ela dizer com aquilo? Se calhar era apenas uma partida. Ou uma nova técnica de vendas. Em todo o caso, não era coisa que me dissesse respeito.

Quando acabei de comer, voltei a deitar-me no sofá da sala e a pegar no livro que tinha trazido da biblioteca, deitando volta e meia uma olhadela ao telefone. As palavras da mulher não me saíam da cabeça. O que *poderiam* duas pessoas ficar a saber uma acerca da outra em dez minutos? Agora que pensava nisso, ela parecia muito senhora de si: desde a primeira hora que fizera questão de indicar o tempo preciso. Como se nove minutos não chegassem e onze minutos fosse demasiado. Precisamente como o tempo de cozedura do esparguete.

Todas aquelas reflexões tiraram-me a vontade de ler. O melhor era ver se engomava meia dúzia de camisas. Que é uma coisa que faço sempre quando me sinto baralhado. Um velho hábito. Divido a tarefa num total de doze etapas distintas, a começar pelo colarinho (do lado de fora) e a acabar no punho da manga esquerda. A ordem é sempre a mesma, e conto sempre os passos um a um. De outra forma, não me sai bem.

Passei a ferro três camisas e, depois de me certificar de que tinham ficado sem rugas, pendurei-as em cabides. Mal acabei, desliguei o ferro e guardei-o, juntamente com a tábua de passar, no armário da despensa. Sentia a cabeça bastante mais desanuviada.

Ia a caminho da cozinha para beber um copo de água quando tocou o telefone outra vez. Ainda hesitei um segundo, mas depois achei melhor atender. Caso fosse a mesma mulher de há pouco, podia sempre dizer-lhe que estava ocupado a engomar e desligar-lhe o telefone na cara.

Mas desta vez era Kumiko. O relógio de parede marcava as onze e meia.

– Estás bem? – perguntou ela.

– Estou – respondi eu, aliviado ao reconhecer a voz da minha mulher.

– Estás a fazer o quê?

– Acabei agora mesmo de engomar.

– Que se passa? – Na sua voz notava-se uma ligeira apreensão. Ela bem sabia que eu tinha por hábito pôr-me a engomar quando me sentia confuso.

– Nada de especial. Estava apenas a engomar umas camisas. – Sentei-me e passei o auscultador da mão esquerda para a mão direita. – Que se passa?

– Sabes escrever poesia? – perguntou.

– Poesia!? – repeti, admirado. De que falaria ela quando falava de... poesia?

– Conheço um editor que trabalha numa revista literária para raparigas. Andam à procura de alguém que seleccione e corrija os poemas enviados pelos leitores. Essa pessoa teria ainda de escrever um pequeno poema todos os meses para a primeira página. Não pagam mal, para o tipo de trabalho fácil que é. Escusado dizer que é coisa para ocupar apenas algumas horas. Mas pode muito bem acontecer que te dêem outras funções editoriais, isto caso a pessoa...

– Fácil, dizes tu – interrompi. – Espera aí! Que diabo, ando à procura de qualquer coisa que tenha que ver com leis, e não com poesia. Onde é que foste desencantar essa história de me pões a corrigir poesia?

– Tinha ideia de me teres dito que chegaste a escrever qualquer coisa quando andavas a estudar, ou

estarei enganada?

– Sim, mas isso foi no jornal da escola! Sobre a equipa que ganhou o campeonato de futebol ou como o professor de Física caiu das escadas e acabou por ir parar ao hospital. Tudo artigos desse género. Agora poesia, não. Não sei escrever poemas, eu.

– Bom, quando falo em poesia refiro-me àquele tipo de poemas que lêem as rapariguinhas que andam no secundário. Não se trata aqui de escrever poemas que fiquem para a história da literatura. E isso, podias fazê-lo de olhos fechados. Faço-me entender?

– Vê tu se me entendes, não sei escrever poemas. Nunca escrevi nenhum e não é agora que vou começar – retorqui de modo categórico.

– Tu é que sabes – disse a minha mulher num tom pesaroso. – Mas olha que arranjar trabalho relacionado com o direito e as leis não é fácil, nos dias que correm.

– Tenho perfeita consciência disso. Daí que me tenha posto em campo e desdobrado em contactos. Estou a contar saber alguma coisa ainda esta semana. Se não der em nada, nesse caso logo pensarei noutra hipótese.

– Bom, se tu o dizes. A propósito, que dia é hoje? Quer dizer, que dia da semana? Pensei um momento antes de responder.

– Terça-feira.

– Então vê se não te esqueces de ir ao banco pagar as contas do gás e do telefone.

– Está bem. Daqui a bocado, quando for à rua, passo pelo Banco.

– O que é que estás a pensar fazer para o jantar?

– Ainda não sei. Logo vejo quando for às compras.

Kumiko fez uma pausa.

– Tenho andado a pensar nisso – alvitrou ela, num tom diferente, mais sério – e não me parece que tenhas de arranjar um emprego assim a correr.

– Por que carga de água é que dizes isso? – perguntei. Aquilo apanhou-me desprevenido, confesso. Parecia que todas as mulheres do mundo haviam decidido surpreender-me com um telefonema. – Mais tarde ou mais cedo acaba-se o subsídio de desemprego. Não posso continuar eternamente sem fazer nada o dia inteiro.

– Bem sei. Mas lembra-te de que fui aumentada, e com um ou outro trabalho por fora e as nossas poupanças, podemos aguentar-nos perfeitamente, desde que não façamos nenhuma loucura. Não me parece que haja pressa. Estás a querer dizer que achas que isto não é vida para ti?

– Não sei – respondi com sinceridade. A verdade é que não sabia.

– Bom, nesse caso chegou a altura de começares a pensar no assunto – disse ela. – A propósito, o gato voltou para casa?

O gato. Ao ouvir aquilo dei-me conta de que não pensara mais no gato durante toda a manhã.

– Não – disse eu. – Ainda não.

– Não te importas de ir dar uma volta pelo bairro à procura dele? Faz mais de uma semana que desapareceu.

Soltei um grunhido em jeito de resposta e voltei a passar o auscultador para a mão esquerda. Ela voltou à carga.

– Pode ser que ande a vaguear nos terrenos à volta da casa abandonada, ao fundo da azinhaga. Sabes, aquela casa que tem no pátio aquele pássaro de pedra. Fartei-me de o ver a rondar por aí.

– Na azinhaga? Desde quando é que costumavas andar pela azinhaga? Nunca me disseste nada...

– Ouve, tenho muita pena mas preciso de desligar. O trabalho chama-me. Não te esqueças do gato.

E desligou. Fiquei ainda uns segundos a olhar para o auscultador que tinha na mão antes de o pousar.

Muito gostaria eu de saber o que teria levado Kumiko a aventurar-se na azinhaga. Para lá chegar, indo da nossa casa, era preciso trepar o muro do jardim. Além do mais, não fazia sentido percorrer todo aquele caminho para chegar até ali.

Fui à cozinha beber um copo de água, depois saí para a varanda e pus-me a olhar para o prato com a comida do gato. As sardinhas secas que deixara ficar na noite anterior ainda lá estavam. Não, decididamente o gato não voltara a casa. Deixei-me ficar ali a olhar para o nosso pequeno jardim, à luz dos primeiros raios do sol de Verão. Isto, se bem que o nosso não fosse o tipo de jardim propício à contemplação. O terreno onde batia o sol durante uma pequena parte do dia estava sempre húmido e escuro, e a vegetação (aquilo a que podíamos chamar jardim) consistia apenas em duas ou três hortênsias de aspecto pouco imponente a um canto – e é preciso ver que eu nem sequer gosto de hortênsias. Vindo do arvoredado ali próximo chegava até nós o canto constante, estridente, de um pássaro que parecia estar a dar corda a algum mecanismo. Chamávamos-lhe o pássaro de corda. Foi Kumiko que se lembrou de lhe chamar assim. Não sabíamos ao certo o seu verdadeiro nome nem tão-pouco que aspecto tinha. Mas isso tanto fazia ao pássaro de corda. Todos os dias vinha até ao arvoredado perto de casa e punha-se a dar corda ao nosso pequeno e pacato mundo.

«Coragem, vamos lá procurar o gato», pensei. Sempre gostara de gatos. E gostava daquele gato em particular. Mas os gatos têm o seu próprio estilo de vida. Não são estúpidos. Quando um gato desaparece, significa que decidiu ir para outras paragens. Quando estiver cansado ou tiver a barriga vazia, logo volta. Resumindo, lá teria de ir à procura do nosso gato, isto se quera fazer a vontade a Kumiko. A verdade é que também não tinha nada melhor para fazer.

No início de Abril, e sem nenhuma razão especial, tinha deixado o escritório de advocacia onde estava empregado desde que começara a trabalhar. Não se podia dizer que o trabalho me desagradasse. É certo que as minhas funções não eram propriamente exaltantes, mas o ordenado não era mau e o ambiente era simpático.

Enquanto estagiário, a minha função no escritório era – para não ir mais longe – a de um moço de recados especializado. E garanto que era bom no que fazia. Posso até mesmo dizer que tenho um jeito especial para a execução de tarefas práticas. Era de compreensão rápida, expedito, nunca me queixava e tinha os pés bem assentes na terra. Tanto assim que, ao anunciar que me queria vir embora, o sócio mais velho (o patriarca nesta firma de advogados gerida por uma dupla constituída por pai e filho) chegou mesmo a oferecer-me um pequeno aumento de ordenado.

Apesar disso, acabei por tomar a decisão de me vir embora. Não porque tivesse qualquer desejo especial ou a perspectiva de fazer algo de concreto depois de abandonar o emprego. A última coisa que me apetecia, só para dar um exemplo, era fechar-me em casa, a estudar para o exame que me permitiria entrar na Ordem. Para começar, tinha a certeza absoluta de que não queria tornar-me advogado. Por outro lado, também não tinha a mínima intenção de ficar naquele escritório a desempenhar eternamente as mesmas funções. Se estava decidido a sair de lá, aquela era a altura. De outra maneira, ficaria para sempre a marcar passo ali naquele lugar o resto da minha vida. No fim de contas, já tinha feito trinta anos.

Uma noite, ao jantar, tinha anunciado a Kumiko assim como quem não quer a coisa que estava a pensar em deixar o emprego. «Estou a ver», respondera ela, e mais não dissera. Não entendi muito bem o que queria dizer com aquilo, mas ela não acrescentara nada mais e permanecera em silêncio durante um bocado.

Ao ver que também eu permanecia calado, acrescentou: «Se queres abandonar o emprego, vem-te embora. Afinal, a vida é tua, e deves fazer o que achares melhor.» E uma vez dito isto, concentrou-se na operação de tirar as espinhas do peixe com os pauzinhos e pousá-las na beira do prato.

Kumiko ganhava muito bem como editora de uma revista especializada em dietética e alimentação natural. Por fora, recebia ainda pelas ilustrações que alguns amigos, que trabalhavam noutras revistas, volta e meia lhe pediam. (Ela tinha estudado *design* na faculdade e o seu sonho era tornar-se desenhadora profissional independente.) Quanto a mim, ao abandonar o emprego ficaria durante um certo tempo a receber o subsídio de desemprego. O que significava que, mesmo que ficasse sem fazer nada e a tomar conta da casa, teria mais do que o suficiente para as minhas despesas supérfluas, como ir comer fora ou pagar as contas da lavandaria, por exemplo, o que significava que o nosso estilo de vida não conheceria grandes alterações.

E foi assim que tomei a decisão de abandonar o emprego.

Tinha acabado de regressar do supermercado e estava a guardar comida no frigorífico quando ouvi o telefone. Pareceu-me que o toque denunciava uma certa impaciência. Deixei o pacote de *tofu* tirado da embalagem de plástico meio aberto sobre a mesa da cozinha, com cuidado para não derramar a água. Dirigi-me à sala e levantei o auscultador.

– Por esta altura já deves ter acabado de cozinhar o esparguete – disse a mulher, a mesma da outra vez.

– Pode crer. Mas agora está na hora de ir à procura do gato.

– Não me digas que o teu gato não pode esperar dez minutos?! No caso do esparguete vá que não vá, ainda se compreendia.

Por qualquer razão, não fui capaz de desligar o telefone. Havia algo na voz dela que despertava a minha atenção.

– Tudo bem, mas só dez minutos.

– Agora sim, estamos no mesmo comprimento de onda – disse ela, com uma certeza na voz que tinha o seu quê de clarividente. Quase podia vê-la, do outro lado do fio, a mudar de posição na cadeira e a cruzar languidamente as pernas.

– Acha que sim? – retorqui eu. – Muito gostaria eu de saber o que há para entender em dez minutos.

– Dez minutos podem significar mais tempo do que julgas – replicou ela.

– De certeza que me conhece?

– Absoluta. Já nos encontrámos centenas de vezes.

– Onde? Quando?

– Num determinado momento, num certo lugar – respondeu ela. – Mas se me puser agora a perder tempo com pormenores desses, dez minutos não chegam para nada. E o que conta é o presente, não te parece?

– Talvez. Mas para isso preciso de ter uma prova. Dê-me uma prova de que me conhece.

– Que género de prova?

– Por exemplo. Quantos anos tenho?

– Trinta – respondeu ela imediatamente. – Trinta anos e dois meses. Chega?

Foi quanto bastou para me calar. Era evidente que me conhecia, apesar de a voz dela continuar a não me dizer rigorosamente nada, por mais que rebuscasse na minha memória.

– Agora é a tua vez de puxar pela imaginação – disse ela num tom provocante. – Pela voz, vê lá se consegues imaginar como eu sou. A idade que tenho. Onde estou. O meu aspecto, a roupa que tenho vestida. Esse género de coisas.

– Não faço ideia – disse eu.

– Vá lá – insistiu ela. – Faz um esforço.

Deitei uma olhadela ao relógio. Só tinham passado ainda um minuto e cinco segundos.

– Não faço ideia – repeti.

– Nesse caso, deixa-me ajudar-te – disse ela. – Estou deitada na cama. Acabei de sair do duche e não tenho nada em cima do corpo.

Era de esperar. Uma chamada erótica.

– Ou preferes que vista alguma coisa? Roupa interior com rendas e folhos? Ou meias? O que achas mais excitante?

– Tanto me dá. Faça como achar melhor – respondi. – Se quiser vestir alguma coisa, vista. Se quiser ficar nua, fique nua. Tenho muita pena, mas não estou interessado em telefonemas desta natureza. Tenho mais que fazer...

– Dez minutos – disse ela. – Não é por causa de dez minutos que a tua vida vai começar a andar para trás. Responde à pergunta que te fiz, só isso. Preferes que eu esteja nua ou que vista qualquer coisa? Tenho todo o tipo de coisas, sabes? Cuecas de renda preta...

– Deixe-se estar assim.

– Muito bem, preferes que fique nua.

– Sim. Nua. Pode ser.

Quatro minutos.

– Ainda tenho os pêlos púbicos húmidos – disse a mulher. – Não me limpei bem com a toalha. Oh, estou tão molhada. Quente e húmida. E que suavidade. Tenho os pêlos tão suaves e tão pretos. Acaricia-me.

– Olhe, tenho muita pena, mas...

– Toca-me mais abaixo. Vá até ao fundo. Está tão quente aí, parece manteiga. A sério, sabes? Mmm. E as minhas pernas. Queres saber em que posição estou? Tenho o joelho direito levantado e a perna esquerda ligeiramente de lado. Como os ponteiros de um relógio apontando para as dez e cinco.

Pelo tom da sua voz, podia ver que não estava a fingir. Devia ter mesmo as pernas abertas e formando o ângulo das dez e cinco, e o seu sexo devia estar quente e húmido.

– Acaricia-me os lábios – pediu ela. – Devagarinho. Abre-os. Assim, devagar, devagar. Deixa que os teus dedos os acariciem. Sim, assim mesmo, muito devagar. Agora toca com a outra mão no meu seio esquerdo. Acaricia-o suavemente, de baixo para cima. Belisca ao de leve o mamilo. Uma vez, e outra, e outra. Até que eu esteja quase a vir-me.

Sem dizer nada, pousei o auscultador. Deitado no sofá, deixei-me ficar ali a olhar para o relógio e soltei um suspiro profundo. Tínhamos estado durante cinco ou seis minutos ao telefone.

Dez minutos mais tarde voltou a tocar, mas desta vez não respondi. Ao fim do décimo quinto toque,

calou-se. Quando parou de tocar, um silêncio profundo e frio caiu à minha volta.

Pouco antes das duas, trepei pelo muro de cimento do jardim e saltei para a azinhaga. Não se podia dizer que fosse propriamente uma ruela, mas a verdade é que não devia existir nenhuma palavra para designar o espaço que era. Não se tratava de uma «rua» nem de uma «viela» nem sequer de um «caminho». Para ser mais preciso, um «caminho» é um lugar de passagem, com entrada e saída, e que vai dar a um determinado lugar. Mas a nossa «ruela» não tinha caminho de acesso, o que a convertia, em ambos os lados, numa ruela sem saída. Mas também não se podia dizer que se tratava de um beco: um beco tem, pelo menos, uma entrada. As pessoas do bairro chamavam-lhe «a ruela» como lhe podiam chamar outra coisa qualquer. Tinha cerca de trezentos metros de comprimento e passava a serpentear pelos jardins da parte de trás das casas que se alinhavam de um lado e de outro. Pouco mais tinha do que um metro de largura e, por causa das vedações que tapavam o caminho ou dos trastes que as pessoas tinham deixado acumular, em muitos pontos só se conseguia passar de lado.

Acerca desta ruela, rezava a história – contada pelo meu tio materno, que nos tinha alugado a casa por tuta-e-meia – que antigamente costumava ter uma entrada e uma saída, funcionando como um atalho para se ir de uma rua para a outra. Mas quando o preço dos terrenos aumentou, durante o período de ouro do crescimento económico, na segunda metade da década de 1950, construíram-se filas inteiras de casas naqueles descampados, reduzindo a azinhaga a uma estreita faixa de terreno entre duas ruas. Acontece que os moradores não gostavam de ter pessoas que não conheciam de parte alguma a passarem tão perto da porta de casa e dos seus pátios traseiros, daí que não demorou muito até uma das extremidades do caminho aparecer bloqueada – ou, melhor dizendo, tapada – por uma pequena vedação. A seguir, um dos proprietários locais decidiu aumentar o jardim e tapou por completo uma das entradas da ruela com um muro de cimento. Em jeito de resposta, apareceu no extremo oposto uma vedação de arame farpado que nem os cães deixava passar. Protestos por parte dos vizinhos, não houve, uma vez que praticamente nenhum deles tinha por hábito usar a ruela como passagem, podendo até dizer-se que ficaram satisfeitos por contar com mais uma barreira para lutar contra o crime. Em resultado disso, a azinhaga converteu-se num canal abandonado, sem outra função que a de ser uma espécie de terra de ninguém a separar as casas de um lado e do outro. O terreno tinha sido invadido pelas ervas daninhas, e era aí que as aranhas teciam as suas pegajosas teias.

O que teria levado Kumiko a frequentar semelhante lugar? Pela parte que me toca, não devia ter calcorreado a «ruela» mais do que uma ou duas vezes. Além disso, tinha medo de aranhas. «Se Kumiko me disse para ir até à ruela à procura do gato, paciência, não tenho outro remédio senão fazer como ela diz.» Logo se via no que aquela história dava. Mal por mal, sempre era melhor do que ficar sentado em casa à espera que o telefone tocasse.

À luz cintilante do sol dos primeiros dias de Verão, as sombras dos ramos pendurados sobre a minha cabeça formavam um desenho pintalgado na superfície do caminho. Sem vento que fizesse mexer as folhas, as sombras pareciam manchas indeléveis destinadas a permanecer eternamente inscritas no pavimento. Não se ouvia um rumor que fosse. Quase dava para ouvir respirar as folhas de erva banhadas pelos raios de sol. No céu flutuavam umas quantas nuvens esparsas, tão nítidas e precisas que pareciam tiradas do fundo de uma gravura medieval. Tudo o que via diante dos meus olhos era de tal forma espantosamente nítido que dei por mim a sentir o meu próprio corpo como uma forma vaga e de contornos imprecisos... Fazia um calor impressionante!

Tinha vestido uma *T-shirt*, umas calças de algodão ligeiro e calçado uns ténis, mas, só de andar ali de um lado para o outro debaixo da luz do Sol, dava para sentir uma fina camada de suor a formar-se

nas axilas e no peito. Só nessa manhã é que tinha tirado a *T-shirt* e as calças de uma caixa onde guardava a roupa de Verão, de modo que sentia o odor intenso das bolas de naftalina penetrar nas minhas narinas.

As casas alinhadas ao longo da ruela pertenciam a duas categorias diferentes: as antigas e as que tinham sido construídas mais recentemente. As casas novas eram, de uma forma geral, pequenas e com jardins também pequenos a condizer. As canas de bambu com a corda da roupa estendiam-se muitas vezes até à passagem, obrigando-me a abrir caminho por entre camisas, lençóis e toalhas de mãos ainda a pingar. Volta e meia chegava até mim, distintamente, o som de um televisor e o rumor dos autoclismos, e o ar ficava impregnado com o odor do caril usado para temperar a comida.

Das casas antigas, pelo contrário, era caso para dizer que mal se desprendiam quaisquer sinais de vida. Escondiam-se por detrás de arbustos e sebes estrategicamente distribuídos de modo a tapar a vista e só pelo meio se podia vislumbrar os vastos jardins bem cuidados.

Ao canto de um jardim estava um solitário pinheiro de Natal, agora acastanhado e seco. Num outro pátio traseiro, transformado em depósito de brinquedos de criança, jazia um sem-número de brinquedos de toda a espécie e feitio, num acumular de recordações de infância de várias pessoas. Havia um triciclo, um jogo de arcos, uma espada de plástico, uma bola de borracha, uma tartaruga de brinquedo e um pequeno taco de basebol. Num dos espaços ajardinados estava montado um cesto de basquetebol, noutro viam-se umas lindíssimas cadeiras de jardim à volta de uma mesa de cerâmica. As cadeiras brancas estavam cobertas de terra, como se ninguém as tivesse usado durante meses, ou anos, quem sabe. Agarradas à mesa, arrastadas e fustigadas pela chuva, pétalas de magnólia de um violeta-pálido.

Numa outra casa, através de uma janela de sacada com caixilho de alumínio, podia ver-se o interior da sala de estar. Um sofá e duas poltronas de pele a condizer, um televisor de grandes dimensões, um aparador e em cima um aquário com peixes tropicais e dois troféus de uma coisa qualquer, não me perguntem o quê. Ao lado, um candeeiro de pé saído de uma revista de decoração. Parecia o cenário de uma telenovela, daquelas que dão na televisão. Uma casota de cão enorme, destinada a algum mastim, ocupava parte de outro jardim, mas não havia sinais de um cão nas imediações, e a porta da casa estava aberta de par em par. A grade metálica da casota estava toda saída para fora, como se alguém se tivesse apoiado de encontro a ela com todo o seu peso durante meses a fio.

A casa vazia que Kumiko mencionara ficava logo a seguir à casa que tinha o canil enorme. Assim que lhe pus a vista em cima, vi logo que estava desabitada e que não estivera ninguém a morar lá nos últimos dois ou três meses. Tratava-se de uma construção de dois andares relativamente recente, ainda que os estores de madeira estivessem severamente degradados e que a balaustrada que protegia a janela do segundo andar mostrasse uma camada de ferrugem avermelhada. No meio de um jardimzinho simpático não faltava sequer uma estátua de pedra de um pássaro com as asas abertas. Estava em cima de um pedestal e chegava mais ou menos à altura do peito de uma pessoa. Em redor cresciam maciços de ervas daninhas, e os pés de vara-de-ouro eram tão altos que quase chegavam às patas da ave. O pássaro – não faço a mínima ideia de que espécie de pássaro se tratava – tinha as asas abertas como se, de um momento para o outro, fosse levantar voo a fim de escapar daquele lugar inóspito. Tirando a estátua, o jardim não tinha mais decoração nenhuma. Encostadas à parte da frente da casa empilhavam-se algumas velhas cadeiras de plástico e, mesmo ao lado, um tufo de azáleas exibia as suas flores de um vermelho tão vivo que provocava uma estranha sensação de irrealidade.

Fora isso, só se viam ervas daninhas.

Encostei-me à cancela de ferro que me dava pelo peito e deixei-me ficar ali durante um bocado, a contemplar o jardim. Tinha tudo para ser o tipo de jardim que agradaria a um gato, mas a verdade é que não andava nenhum por ali. Em cima do telhado, pousado na antena de televisão, um pombo emprestava com o seu arrulhar um tom monótono àquela cena. A sombra do pássaro de pedra estendia-se sobre a exuberante vegetação rasteira, fragmentando-se em formas descontínuas.

Tirei um rebuçado de limão do bolso, desembrulhei-o e meti-o na boca. Havia aproveitado a ocasião de me ter vindo embora da firma como pretexto para deixar de fumar, mas, em compensação, habituara-me por estes dias a andar sempre com uma embalagem de rebuçados de limão comigo. Kumiko bem dizia que eu era viciado naquilo e que não tardaria muito a ficar com os dentes cheios de cáries. Mas a verdade é que não podia passar sem os meus rebuçados. Enquanto estive a olhar para o relvado, o pombo pousado na antena de televisão prosseguiu com o seu arrulhar monocórdico, como um empregado a assentar números em cada um dos recibos de um livro de talões. Não sei dizer quanto tempo ali me deixei ficar, encostado à cancela. Em todo o caso, tempo mais do que suficiente para o rebuçado ter deixado um enjoativo sabor a doce na minha boca. Lembro-me de o ter cuspidido para o chão, meio derretido, e de ter dirigido de novo o olhar na direcção do pássaro de pedra. Foi então que me pareceu ouvir nas minhas costas uma voz a chamar por mim.

Virei-me e dei com uma rapariga de pé no pátio traseiro da casa em frente. Pequena de estatura, tinha o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo. Usava óculos de sol escuros com armações em tom de caramelo e uma *T-shirt* azul-celeste de manga curta. Apesar de a estação das chuvas ainda não ter acabado, os seus braços, magros e nus, mostravam já um bronzeado uniforme e bonito. Tinha uma das mãos enfiada no bolso dos calções, enquanto a outra, apoiada na cancela de bambu que lhe dava pela cintura, permitia um equilíbrio que se adivinhava algo precário. Estava apenas a um metro de distância de mim.

– Está calor – disse-me ela.

– Pois está – disse-lhe eu.

Depois desta breve troca de palavras, ela continuou ali plantada, na mesma posição, sem tirar os olhos de mim.

A seguir sacou de um maço de *Hope* normal do bolso, tirou um cigarro e colocou-o nos lábios. Tinha uma boca pequena, com o lábio superior ligeiramente virado para cima. Com um gesto maquinal, riscou um fósforo e acendeu o cigarro. Ao inclinar a cabeça para um lado, o cabelo apartou-se e deixou entrever uma orelha lisa e perfeitamente recortada, que dava a impressão de ter acabado de sair da fábrica. Seguindo o bonito contorno, brilhava uma fina camada de penugem.

Ela atirou o fósforo para o chão e soprou o fumo através dos lábios semicerrados. A seguir levantou os olhos para mim como se naquele momento se recordasse da minha presença. As lentes dos óculos eram escuras e, além disso, reflectiam a luz do Sol, não me deixando ver os seus olhos.

– Mora por aqui? – perguntou ela.

– Sim – respondi e fiz menção de indicar a minha casa, mas a verdade é que, depois de ter percorrido um caminho tão tortuoso e de ter dobrado todos aqueles ângulos bizarros, já não sabia ao certo onde me encontrava. Acabei por apontar com o dedo ao acaso.

– Ando à procura do meu gato – expliquei, ao mesmo tempo que limpava a palma da mão suada às calças. – Anda desaparecido há coisa de uma semana. Alguém me disse que o tinha visto a rondar por estas bandas.

- Como é o gato?
- Um macho grande. Castanho, todo às malhas, com uma ligeira curva na ponta da cauda.
- Como se chama?
- *Noboru. Noboru Wataya.*
- Não, não estou a perguntar o *seu* nome. O do gato.
- *Noboru Wataya.*
- Ah, sim? Muito pomposo, para um gato.

– Para dizer a verdade, é o nome do irmão mais velho da minha mulher. O gato faz-nos lembrar ele, de modo que lhe pusemos esse nome na brincadeira.

- São parecidos em quê?
- Não sei dizer ao certo. De uma forma geral. Na maneira de andar. E têm o mesmo olhar vazio. Coisas desse género.

A rapariga sorriu pela primeira vez. Ao mudar de expressão, pareceu aos meus olhos muito mais jovem do que ao princípio imaginara. Não devia ter mais de quinze ou dezasseis anos. O seu lábio superior apontava para cima formando um ângulo estranho. Tive a sensação de ouvir uma voz que me dizia: «Acaricia-me.» A voz da mulher ao telefone. Limpei o suor da testa com as costas da mão.

– Um gato castanho, malhado, com a cauda torcida na ponta – repetiu a rapariga em jeito de confirmação. – Hmm. Tem alguma coleira ou assim?

– Uma dessas coleiras pretas antipulgas.

Durante dez ou quinze segundos ela deixou-se ficar ali a pensar, com a mão pousada na cancela de madeira. Depois atirou o que restava do cigarro e pisou-o com a sola da sandália.

– É muito possível que o tenha visto, a esse tal gato – disse ela. – Não posso jurar que tivesse a cauda torcida, mas tratava-se de um gato castanho, grande, e creio que usava coleira.

– Quando foi isso?

– Quando é que *isso* foi? Deixa lá ver. Não há mais de três ou quatro dias. O nosso jardim é assim uma espécie de local de passagem para todos os gatos da vizinhança. Vêm da casa dos Takitani e arrepiam caminho por aqui para chegar ao jardim dos Miyawaki.

Ela apontou na direcção da casa vazia, onde o pássaro de pedra continuava com as asas estendidas, os altos ramos de vara-de-ouro ainda recebiam os raios de sol desse princípio de Verão e, pousados na antena de televisão, os pombos prosseguiam no seu arrulhar monocórdico.

– Tenho uma ideia – lançou ela. – Que tal ficares à espera no meu jardim? Mais tarde ou mais cedo, todos os gatos acabam por passar aqui a caminho da casa em frente. Além disso, se continuas a rondar por estas paragens, arriskas-te a que alguém te tome por ladrão e chame a Polícia. Não seria a primeira vez.

Hesitei.

– Não te preocupes – afirmou ela. – Não está mais ninguém em casa. Podíamos ficar sentados cá fora ao sol, à espera de ver passar o teu gato. Posso dar-te uma mãozinha. Tenho a chamada visão perfeita, não sei se sabes.

Olhei para o relógio. Duas e vinte e seis. Até ao fim do dia só tinha de ir buscar a roupa à lavandaria e preparar o jantar. Abri a cancela, entrei e fui atrás da rapariga por cima da relva. Reparei que arrastava ligeiramente a perna direita. Deu alguns passos, deteve-se e virou-se de frente para mim.

– Fui cuspidada do assento traseiro de uma motorizada – adiantou ela, como se não tivesse

importância nenhuma. – Azar o meu.

Erguia-se um grande carvalho no sítio onde a relva acabava. Debaixo da árvore viam-se duas espreguiçadeiras de lona, por cima de uma delas estava uma grande toalha turca azul e sobre a outra viam-se uma embalagem de *Hope* normal por abrir, um cinzeiro e um isqueiro, algumas revistas e um leitor de cassetes enorme. Do aparelho estereofónico, com o volume regulado no mínimo, saía o som de *rock* da pesada. Ela desligou a música e pôs a tralha toda que estava na cadeira em cima da relva, para que eu me pudesse sentar. Ali, da cadeira, podia vislumbrar o pátio da casa desabitada. Também dava para distinguir o pássaro de pedra, a vara-de-ouro, a cancela fechada a cadeado. Vendo bem, o mais provável era a adolescente ter estado a observar-me o tempo todo desde que eu ali chegara.

Era um vasto jardim, sem pretensões. Diante de mim estendia-se um tapete de relva, ligeiramente inclinado, com maciços de árvores e arbustos espalhados aqui e ali. À esquerda das cadeiras de encosto havia um tanque razoavelmente grande de cimento. A julgar pela coloração esverdeada que se via no fundo exposto à luz do Sol, há muito que não recebia água. Para além das árvores, atrás de nós, distinguia-se a frontaria de uma velha mansão ao estilo ocidental, ainda que de aspecto bem mais pequeno e modesto. Apenas o jardim criava uma impressão de grandeza e dava mostras de estar bem conservado.

– Tratar de um jardim assim tão grande deve dar muito trabalho – alvitrei eu, olhando à minha volta.

– Lá isso deve ser.

– Digo isto porque andei a cortar relva para uma empresa de arquitectura paisagística quando era mais novo.

– Ai, sim? – disse a jovem com um ar de quem não queria saber daquilo para nada.

– Estás sempre aqui sozinha? – perguntei.

– Sim. Durante o dia, sempre. De manhã e à tardinha vem a mulher-a-dias fazer a limpeza, mas durante o dia só cá estou eu. Olha lá, não queres beber qualquer coisa fresca? Também tenho cerveja.

– Não, obrigado.

– A sério? Não te acanhes.

Neguei com um movimento de cabeça.

– Não vais à escola?

– E tu, não vais trabalhar?

– Mesmo que quisesse, não tenho trabalho.

– Estás desempregado?

– Mais ou menos. Despedi-me há pouco tempo.

– O que é que fazias?

– Trabalhava num escritório de advogados. Andava pelos vários departamentos governamentais a entregar e a recolher documentos, mantinha os dossiês em ordem, verificava os precedentes legais, ocupava-me dos trâmites burocráticos do tribunal, coisas desse género.

– Mas deixaste o emprego?

– Sim.

– A tua mulher trabalha?

– Sim.

O pombo que estivera o tempo todo a arrulhar no telhado da casa em frente tinha voado dali para fora. Só então me dei conta de estar rodeado de um profundo silêncio.

– É por ali que os gatos costumam passar – disse ela, indicando um ponto ao fundo da relva. – Estás a ver o incinerador no jardim dos Takitani? Eles vêm dali, passam por baixo da vedação, atravessam o relvado, esgueiram-se pela cancela e vão ter ao jardim da frente. O percurso é sempre o mesmo.

Levantando os óculos escuros para a testa, semicerrou os olhos para ver melhor, voltou a pôr os óculos, ao mesmo tempo que soprava o fumo do cigarro. Quando deixou ver os olhos, reparei que ela tinha um corte de dois ou três centímetros mesmo ao pé da vista esquerda – um corte profundo, daqueles que deixam marca para toda a vida. Vendo bem, se calhar os óculos escuros destinavam-se a esconder aquela cicatriz. Não se podia dizer que o rosto da rapariga fosse propriamente bonito, mas tinha qualquer coisa de atraente. Graças à vivacidade dos olhos, ou à forma peculiar dos lábios, provavelmente.

– Já ouviste falar dos Miyawaki? – perguntou ela.

– Não – respondi eu.

– Eram os que viviam na casa abandonada. Tudo boa gente. Tinham duas filhas, que andavam a estudar em colégios privados. O pai era dono de meia dúzia de restaurantes.

– Por que é que se foram embora?

Ela franziu os lábios como que a dizer que *não sabia*.

– Se calhar estavam cobertos de dívidas. Foram-se embora de repente, uma noite, como se estivessem a fugir de alguma coisa. Aconteceu mais ou menos há um ano, se não estou em erro. Deixaram a casa ao abandono, entregue às ervas daninhas e aos gatos que não param de se multiplicar e entram por tudo quanto é sítio. A minha mãe passa a vida a queixar-se.

– Há assim tantos gatos por aqui?

Sem tirar o cigarro da boca, a rapariga levantou os olhos para o céu.

– Gatos de toda a espécie e feitio. Um a perder o pêlo, outro só com um olho... e, no seu lugar, uma massa de carne. Nojento!

Concordei com um movimento de cabeça.

– Tenho uma pessoa na família com seis dedos na mão. É ligeiramente mais velha do que eu. Ao lado do mindinho tem outro, pegado, um dedinho que mais parece de bebé. Ela consegue tê-lo sempre bem dobrado, de maneira a quase ninguém dar por ele. É uma rapariga muito bonita.

– Ah, sim?

– Achas que é de família? Como é que se diz... congénito?

Respondi que a genética não era o meu forte.

Ela ficou em silêncio durante um momento. Continuei a chupar o meu rebuçado de limão, sem nunca tirar os olhos do caminho dos gatos. Até ali, não vira aparecer nem um gato.

– Tens a certeza de que não queres beber nada? – perguntou ela. – Vou buscar uma Cola para mim...

Respondi-lhe que não me apetecia beber nada.

Ela saiu da cadeira e desapareceu por entre as árvores, coxeando ligeiramente. Apanhei da relva a revista que ela estava a ler e pus-me a folheá-la. Para minha grande surpresa, tratava-se de uma revista mensal destinada a um público eminentemente masculino. Na fotografia das páginas centrais, sentada num banco baixo, via-se uma mulher com umas cuequinhas finas que mostravam o sexo e os pêlos púbicos à transparência, em pose pouco natural, com as pernas abertas. Soltei um suspiro ao mesmo tempo que voltava a pôr a revista no sítio, cruzei os braços sobre o peito e tornei a concentrar

a minha atenção na passagem dos gatos.

Passou muito tempo até que a rapariga apareceu outra vez com um copo de *Coca-Cola* na mão. O calor começava a apertar. Ali sentado à torreira do sol alto, sentia dificuldade em raciocinar. Só me apetecia não pensar em nada.

– Diz-me uma coisa – pediu ela, retomando o fio à meada. – Se estivesses apaixonado por uma rapariga e ela tivesse seis dedos, o que é que fazias?

– Vendia-a ao circo – respondi.

– Estás a falar a sério?

– Não, claro que estou a brincar – disse eu. – Não me parece que fizesse diferença.

– Mesmo correndo o risco de isso se transmitir hereditariamente aos teus filhos?

Fiquei a matutar durante um momento naquela eventualidade.

– Creio que não me importaria. Que mal é que pode ter um dedo a mais?

– E se ela tivesse quatro mamas?

Voltei a ficar pensativo.

– Não sei dizer.

Quatro mamas? Era uma daquelas histórias que podia nunca mais ter fim. Por isso, tratei de mudar de assunto.

– Que idade tens?

– Dezasseis – respondeu ela. – Acabados de fazer. Ando no primeiro ano da escola secundária.¹

– Não vais às aulas há muito tempo? Deixaste de ir?

– Se ando muito, dói-me a perna. Além disso, tenho esta cicatriz ao pé da vista. Lá na escola levam a disciplina muito a sério e, caso viessem a saber que me magoei ao cair de uma moto, ficava logo metida em sarilhos. Por isso estou ausente por doença. Podia estar um ano sem ir às aulas nas calmas. Não tenho pressa nenhuma de passar para o segundo ano.

– Estou a ver que não – limitei-me a dizer.

– Bom, para voltar ao que estávamos a falar... Dizias tu que não te importarias de casar com uma rapariga que tivesse seis dedos, mas não com uma que tivesse quatro mamas.

– Não foi isso que eu disse. O que eu disse foi que não sabia.

– E por que é que não sabes?

– Porque não sei... Tenho dificuldade em imaginar.

– E consegues imaginar alguém com seis dedos?

– Consigo, mais ou menos.

– Onde é que está a diferença? Quer dizer, entre seis dedos e quatro mamas?

Voltei a reflectir mais um bocado naquilo, mas a verdade é que não me ocorreu nenhuma explicação decente.

– Achas que faço demasiadas perguntas? – quis ela saber.

– É o que as pessoas te dizem?

– Já aconteceu.

Voltei a olhar na direcção do caminho dos gatos. «Que diabo estou aqui a fazer?», pensei. Durante aquele tempo todo não aparecera por ali um único gato. Com os braços ainda cruzados sobre o peito, cerrei os olhos, o quê?, para aí uns trinta segundos. Assim com os olhos fechados, sem me mexer,

dava para sentir o suor a formar-se nas diferentes partes do meu corpo. A luz do Sol caía sobre mim com estranho peso. Sempre que a rapariga agitava o copo, lá dentro o gelo tilintava como os chocalhos de um rebanho.

– Se quiseres, podes dormir – disse ela baixinho. – Se aparecer algum gato, acordo-te.

De olhos fechados, assenti em silêncio.

Não havia vento. Não se mexia nem uma folha. O pombo há muito que voara dali para fora. Não me saía da cabeça a mulher do telefone. Será que realmente a conhecia? Nem a sua voz nem a sua maneira de falar me eram familiares. Mas a verdade é que ela parecia conhecer-me bem. Era como uma cena de um quadro de Chirico, a longa sombra da mulher projectando-se sobre mim através de uma estrada vazia, ao passo que ela permanecia longe, num lugar distante, para lá dos limites da minha consciência. Junto ao meu ouvido continuava a soar a campainha do telefone.

– Olha lá, estás a dormir? – perguntou a rapariga numa vozinha que mal se ouvia.

– Não, não estou a dormir – respondi eu.

– Importas-te que me aproxime mais? Dá-me mais jeito falar em voz baixa.

– Por mim, tudo bem – disse eu, sempre com os olhos fechados.

Ela puxou a cadeira para ao pé da minha e encostou-a. A fricção da madeira contra a madeira produziu um ruído seco.

Que estranho, lembro-me de ter pensado, a voz desta rapariga quando fecho os olhos é uma coisa, e quando tenho os olhos abertos soa de maneira completamente diferente.

– Importas-te de conversar um bocado? Falo baixinho, e não precisas de te dar ao trabalho de me responder. Até podes dormir, que não me importo.

– Está bem – disse eu.

– Quando morre alguém, é fascinante.

Falava com a boca encostada à minha orelha, por isso as palavras iam penetrando suavemente dentro de mim, impregnadas do seu hálito quente e húmido.

– Dizes isso porquê? – perguntei eu.

Ela pôs um dedo sobre os meus lábios, como se quisesse selar um pacto.

– Não faças perguntas – disse. – E não abras os olhos, está bem?

Com a cabeça fiz um sinal de assentimento tão ao de leve como o tom da sua voz.

Tirou o dedo dos meus lábios e pousou-o sobre o meu pulso.

– Quem me dera ter aqui um bisturi. Podia cortar e ver o que está lá dentro. Não o cadáver em si, mas a própria morte. Penso que a essência da morte deve estar em qualquer parte. Imagino que se trate de uma coisa redonda e fofa, uma bola de *softball* com um pequeno núcleo de nervos paralisados. Gostaria de tirar essa coisa de dentro de uma pessoa morta e abri-la. Estou sempre a pensar nisso. No aspecto que o seu interior poderá ter. Talvez seja duro como pasta de dentes seca dentro do tubo. Não te parece? Deixa estar, não respondas. De fora tem um aspecto mole e húmido, mas, quanto mais te aproximas do fundo, mais duro vai ficando. Primeiro trato de cortar a pele para tirar a parte gelatinosa, recorrendo a um bisturi e a uma espátula. À medida que vou chegando ao interior, aquela coisa mole vai ficando cada vez mais rija, até atingir finalmente o seu coração. Pequenino como um berlinde, e duríssimo. Não achas que deve ser esse o aspecto?

Ela tossiu por duas ou três vezes.

– Ultimamente, estou sempre a pensar nisto. É o que acontece quando não se faz nada todo o santo dia. Quando não se tem nada para fazer, parece que os pensamentos nos levam cada vez mais longe –

até que chega um ponto em que já não consegues segui-los.

Ela tirou o dedo de cima do meu pulso e bebeu o resto da Cola. Pelo som que o gelo fazia, percebi que o copo estava vazio.

– Não te preocupes com o gato: vou estar atenta. Aviso-te assim que *Noboru Wataya* aparecer. Mantém os olhos fechados. Tenho a certeza de que neste momento o *Noboru Wataya* anda por aí a rondar. É só uma questão de tempo até ele se mostrar. Até parece que o estou a ver, a passar por cima da relva, por debaixo da vedação, parando pelo caminho para cheirar as flores, aproximando-se a pouco e pouco... Tenta imaginá-lo.

Esforcei-me por visualizar a cena, mas o melhor que consegui foi a imagem terrivelmente desfocada de uma vaga forma felina, como numa fotografia a contraluz. A luz do Sol que atravessa as minhas pálpebras dispersou a minha escuridão interior de forma descontínua e, por mais que me esforce, não consigo evocar com precisão a silhueta do gato. Em vez disso, o que imagino não passa de um desenho distorcido, como uma caricatura mal feita. Apresentava alguns traços característicos em comum com o original, mas faltava o essencial. Nem sequer era capaz de me lembrar do seu modo de caminhar.

A rapariga tornou a colocar o dedo sobre o meu pulso, e com a ponta desenhou uma estranha figura de contornos imprecisos. Em resposta ao seu gesto, uma escuridão distinta da que até àquele momento experimentara começou a apoderar-se da minha consciência. Devia estar prestes a deixar-me dormir. Não se podia dizer que tivesse realmente sono, mas era mais forte do que eu. Ali afundado na espreguiçadeira de lona, sentia o meu corpo tão pesado como um cadáver – o cadáver de outra pessoa.

Do fundo das trevas, visualizei as quatro patas de *Noboru Wataya*, quatro patas silenciosas e de cor castanha, cada uma com um chumaço branco na parte de baixo suave como borracha. As patas pisavam a terra, algures, sem fazer qualquer barulho.

Mas onde?

«Só peço dez minutos do teu tempo», tinha dito a mulher ao telefone. Não, não podia ser. Às vezes dez minutos não são dez minutos. O tempo pode esticar e encolher. Isso era uma coisa que eu sabia por experiência própria.

Quando acordei, estava sozinho. Na espreguiçadeira de lona pegada à minha não se via ninguém. A toalha e os cigarros e a revista continuavam no mesmo sítio, mas o copo de *Coca-Cola* e o leitor de cassetes tinham desaparecido.

A oeste o Sol começava a afundar-se, e a sombra dos ramos do carvalho projectava-se até aos meus joelhos. Pelo meu relógio eram quatro e um quarto. Sentei-me na cadeira e olhei em redor. O imenso relvado, o lago seco, a vedação, o pássaro de pedra, a vara-de-ouro, a antena de televisão. Mas do meu gato nem sombra. Nem tão-pouco da rapariga.

Ali sentado, fixei o olhar no caminho dos gatos e fiquei à espera que ela voltasse. Passados dez minutos, o gato e a rapariga continuavam sem aparecer. Nada se mexia. Fiquei com a sensação de terem passado muitos anos enquanto eu dormia.

Pus-me de pé e lancei uma olhadela na direcção da casa. Parecia deserta. Os vidros da janela reflectiam a luz ofuscante do ocaso. Desisti de esperar. Atravessei o relvado, voltei à ruela e encaminhei-me para casa. Continuava sem encontrar o gato, mas não se podia dizer que não me

tivesse esforçado.

Uma vez em casa, apanhei a roupa que estava a secar e comecei os preparativos para um jantar simples. Quando eram cinco e meia o telefone tocou doze vezes, mas não fui atender. Mesmo depois de ter deixado de tocar, a reverberação da campainha continuava a vibrar dentro da sala como pó na penumbra do crepúsculo. O relógio golpeava regularmente com a ponta dura das suas garras uma placa transparente que flutuava no espaço.

Porque não escrever um poema acerca do pássaro de corda? Confesso, a ideia atravessou-me o espírito, mas, por mais que me esforçasse, não havia maneira de atinar com o primeiro verso. Para começar, não me queria parecer que as jovens estudantes do secundário fossem capazes de apreciar um poema acerca de um pássaro de corda.

Kumiko apareceu em casa por volta das sete e meia. No último mês tinha começado a chegar cada vez mais tarde. Não era raro que regressasse depois das oito, e uma ou outra vez chegara mesmo já passava das dez. Agora que eu estava em casa e que contava comigo para adiantar o jantar, já não havia razão para ela voltar para casa a correr. Para além de haver falta de pessoal, acontecia que lá no emprego um dos seus colegas adoecera ultimamente e estava de baixa.

– Desculpa – disse ela –, a reunião nunca mais acabava. A rapariga que foi contratada em regime de tempo parcial pouco ou nada sabe fazer nada e não serve de grande ajuda.

De pé na cozinha, preparei o jantar: peixe assado com manteiga, salada e sopa de *miso*². Durante esse tempo Kumiko veio sentar-se à mesa, e ali se deixou ficar a olhar no vazio.

– Onde é que estavas quando eram cinco e meia? – perguntou ela. – Tentei ligar cá para casa para te avisar que ia chegar mais tarde.

– Acabou-se a manteiga. Tive de ir à loja comprar mais – menti.

– Passaste pelo Banco?

– Claro.

– E o gato?

– Não o consegui encontrar. Fui até à tal casa desabitada, como tu disseste, mas não o vi em parte nenhuma. Aposto que a esta hora já está longe.

Kumiko não fez nenhum comentário.

Depois do jantar, quando saí do banho, fui dar com Kumiko sozinha na sala, de luzes apagadas. Ali sentada e quieta às escuras, com a sua camisa cinzenta vestida, parecia deslocada como uma peça de mobília fora do sítio. Sentei-me no sofá em frente dela, enquanto secava o cabelo com uma toalha de banho.

– Tenho a certeza de que o gato está morto – disse Kumiko em voz baixa.

– Não digas disparates – repliquei eu. – Aposto que anda para aí a divertir-se. Vais ver que regressa a casa assim que tiver a barriga a dar horas. Aconteceu o mesmo da outra vez, lembra-te? Quando morávamos em Koenji...

– Agora é diferente – insistiu ela. – Desta vez não é assim. Não me perguntes, sei. O gato está morto. A apodrecer por aí no meio das ervas. Procuraste no relvado à volta da casa abandonada?

– Não, aí não vi. A casa pode estar abandonada, mas pertence a alguém. Não posso irromper por ali dentro sem pedir licença.

– Nesse caso, posso saber por onde é que andaste à procura dele? Aposto que nem sequer te deste a esse trabalho. Por isso é que não o encontrei.

Suspirei e voltei a esfregar o cabelo com a toalha. Preparei-me para dizer de minha justiça, mas calei-me ao ver que Kumiko estava a chorar. Era normal, pensei. Tínhamos arranjado o gato pouco depois de casarmos e Kumiko adorava-o. Atirei com a toalha para dentro do cesto de roupa suja da casa de banho, fui à cozinha, tirei uma cerveja do frigorífico e bebi-a. Tinha sido um dia de loucos! Um dia sem sentido de um mês sem sentido e de um ano sem sentido.

«*Noboru Wataya*, por onde andas tu?», pensei. «Será que o pássaro mecânico se esqueceu de te dar corda?»

As palavras acorreram-me ao espírito em forma de poema.

Noboru Wataya,
Por onde andas tu?
Será que o Pássaro Mecânico
Se esqueceu de te dar corda?

Já tinha bebido metade da cerveja quando o telefone começou a tocar.

– Atende tu – gritei na direcção da escura sala mergulhada na penumbra.

– Não, responde tu, se queres! – retorquiu Kumiko.

– Não estou para aí virado.

O telefone continuou a tocar, perturbando com um ruído surdo a poeira que flutuava na escuridão. Nenhum de nós disse uma palavra. Eu bebia a minha cerveja, Kumiko chorava em silêncio. Contei vinte toques, depois desisti e não pensei mais nisso. Deixá-lo tocar. Não fazia sentido ficar ali eternamente a deitar contas ao número de toques.

¹ Muito competitivo, o ensino no Japão consiste em seis anos de ensino básico, três de ensino secundário básico (estes nove são obrigatórios, dos seis aos quinze anos) e outros três do segundo ciclo do secundário superior, seguindo-se a universidade. (*N. da T.*)

² Oriunda da China e consumida pelos japoneses na sua alimentação diária, esta pasta de soja fermentada é considerada uma das bases da cozinha oriental; com base nela prepara-se o *misoshiru*. (*N. da T.*)

Lua cheia e eclipse do Sol

Onde se fala dos cavalos que morrem nos estábulos

Pergunto-me até que ponto será possível um ser humano conhecer outro ser humano a fundo.

O esforço sincero no sentido de conhecer alguém implica da nossa parte investir nessa tarefa tempo e energia, mas, vendo bem, em que medida é que ficamos a conhecer a sua verdadeira essência? Estamos convencidos de que conhecemos a outra pessoa bem, mas saberemos verdadeiramente o que importa acerca dela?

Comecei a pensar nestas coisas a sério uma semana depois de ter deixado o emprego no escritório de advogados. Até aí, nunca na minha vida – nem uma única vez – me tinha confrontado com uma questão séria desta natureza. E porquê? Talvez por estar demasiado absorvido pela árdua tarefa de viver a minha própria vida. O que acontece é que tinha pura e simplesmente estado demasiado ocupado para pensar em mim mesmo.

Tal como acontece com a maior parte das coisas importantes neste mundo, as minhas dúvidas tiveram origem num facto perfeitamente banal. Certa manhã, depois de Kumiko ter engolido o pequeno-almoço e saído a correr para o emprego, meti a roupa na máquina de lavar, fiz a cama, lavei os pratos e passei o aspirador pela casa. Depois fui sentar-me na varanda com o gato ao lado, a passar os olhos pelas ofertas de emprego e pelos anúncios de saldos. Ao meio-dia, comi uma refeição ligeira e fui ao supermercado. Comprei qualquer coisa para o jantar e, ao passar pela secção dos produtos a preço de oferta, abasteci-me de detergente, lenços de papel e papel higiénico. De regresso a casa, fiz os preparativos para o jantar e estendi-me no sofá com um livro, à espera que Kumiko chegasse a casa.

Ainda não estava desempregado há muito tempo e, confesso, aquela forma de viver era uma experiência nova para mim. A verdade é que achava aquela vida particularmente refrescante. Não era obrigado a ter de apanhar os comboios apinhados para ir trabalhar, tinham-se acabado as reuniões com pessoas que não estava minimamente interessado em conhecer. E, o melhor de tudo, podia ler todos os livros que queria, quando queria. Não fazia ideia por quanto tempo mais se prolongaria aquela vidinha, mas naquela altura, passada apenas uma semana, dava-me gozo levar aquela existência pacífica, e esforçava-me por pensar o menos possível no futuro. Aquelas eram as férias grandes da minha vida. Mais cedo ou mais tarde teriam de acabar. Mas, até lá, por que não tirar partido da situação?

Naquela noite, porém, não fui capaz de me concentrar e de mergulhar no prazer da leitura. Kumiko nunca mais chegava. Regra geral, às seis e meia o mais tardar estava em casa, e, caso se atrasasse, nem que fossem dez minutos, nunca se esquecia de me avisar. Nestas coisas era metódica quase até ao exagero. Naquele dia, contudo, passava das sete e Kumiko ainda não estava em casa, nem tinha sequer telefonado. Pela minha parte, tinha tudo preparado para começar a fazer o jantar quando ela

chegasse. Não se tratava propriamente de um banquete. Tinha pensado saltar numa frigideira *wok* finas tiras de carne de vaca, cebolas, pimentos verdes e rebentos de soja, juntar umas pitadas de sal e pimenta, molho de soja e, por último, regar tudo com um bocadinho de cerveja. Uma receita dos meus tempos de rapaz solteiro, quando vivia sozinho. O arroz estava pronto, a sopa de *miso* estava aquecida, e os legumes estavam cortados e preparados para serem cozinhados a qualquer momento. Só Kumiko é que não havia maneira de chegar. Começava a ficar com fome. Senti-me tentado a preparar a minha parte e começar a comer sozinho. Não sei porquê, decidi não o fazer. Não posso dizer que tivesse alguma razão especial, mas não me pareceu correcto.

Sentei-me à mesa da cozinha, a beber a minha cerveja e a mordiscar umas bolachas de água e sal desenxabidas que encontrei no fundo do armário. Fiquei a ver o ponteiro pequeno do relógio a aproximar-se a pouco a pouco das sete e meia e, depois, a ultrapassar essa hora.

Passava das nove quando Kumiko finalmente chegou. Parecia exausta. Tinha os olhos injectados de sangue, o que era mau sinal. Quando ficava assim com os olhos vermelhos, acontecia sempre qualquer coisinha má. Calma, disse para comigo mesmo, não desatines. Fala com ela como se não fosse nada. Não te enerves.

– Desculpa lá – disse Kumiko. – Não havia maneira de acabar o trabalho que tinha em mãos. Ainda pensei em ligar para ti, mas metia-se sempre uma coisa ou outra pelo meio e não consegui arranjar um momento.

– Não faz mal, não penses mais nisso – retorqui eu no tom mais despreocupado que consegui arranjar. E, de facto, não se podia dizer que estivesse especialmente chateado. Vendo bem, a mim também já me acontecera o mesmo muitas vezes. Ter de ir trabalhar fora de casa todos os dias levanta muitos problemas, não é uma experiência fácil. Não é bem a mesma coisa que colher a rosa mais bonita do jardim e fazer planos para ir passar o resto do dia à cabeceira da avó, que mora duas ruas mais abaixo e está de cama com uma constipação. Volta e meia não temos outro remédio senão fazer coisas desagradáveis com pessoas que não interessam a ninguém, e isto sem termos oportunidade de ligar para casa e dizer: «Esta noite vou chegar mais tarde.» Bastariam trinta segundos, e telefones é coisa que não falta por aí, mas, vá lá saber-se porquê, há alturas em que nem isso se arranja.

Comecei a tratar da comida. Liguei o gás e deitei azeite na *wok*. Kumiko foi ao frigorífico buscar uma cerveja e de caminho tirou um copo do armário e inspeccionou o que eu me preparava para cozinhar. Depois, sem dizer nada, sentou-se à mesa da cozinha e pôs-se a beber a cerveja. A julgar pela expressão estampada no seu rosto, a cerveja não devia ser grande coisa.

– Devias ter começado a jantar sem mim.

– Não tem importância. Não estava assim com tanta fome como isso.

Enquanto eu salteava a carne e os vegetais, Kumiko levantou-se e foi refrescar-se. Podia ouvi-la a passar a cara por água e a escovar os dentes. Quando saiu da casa de banho, trazia qualquer coisa nas mãos. Eram os lenços de papel e o papel higiénico que eu tinha comprado no supermercado.

– Pode saber-se por que é que compraste *isto*? – perguntou ela numa voz cansada.

Sem pousar a *wok*, olhei para ela. Depois olhei para a caixa de lenços de papel e para a embalagem de papel higiénico que ela tinha nas mãos. Não fazia ideia do que ela queria dizer.

– O que é que queres dizer com isso? São apenas lenços de papel e papel higiénico. Tudo coisas que fazem sempre falta numa casa. Ainda não se acabaram, é certo, mas também não se pode dizer que sejam produtos que se estraguem.

– Não me importa que compres lenços de papel e papel higiénico! Isso é perfeitamente normal. O que te estou a perguntar é por que razão foste logo comprar lenços de papel azuis e papel higiénico às flores?

– Não vejo qual é o problema – disse eu, enchendo-me de paciência. – Estavam em promoção. Não é por usares lenços de papel azuis que vais ficar com o nariz azul. Qual é o teu problema? Não tem mal nenhum.

– Ai isso *é* que tem! Detesto lenços de papel azuis e papel higiénico às florzinhas. Não sabias?

– Não, não sabia – respondi. – Mas por que é que os detestas, existe algum motivo especial?

– Não é uma coisa que se explique. Não gosto, e pronto. Da mesma maneira que *tu* detestas as capas para telefones, e os termos com desenhos de flores, e as calças de ganga à boca-de-sino com rebites. Não detestas que eu pinte as unhas? É impossível explicar, uma por uma, as razões que levam uma pessoa a detestar determinada coisa. É uma simples questão de gosto, mais nada.

Para dizer a verdade, eu teria sido capaz de explicar a razão para cada uma delas, mas decidi não o fazer.

– OK, é uma simples questão de gosto, de acordo. Mas agora diz-me tu uma coisa: nestes seis anos, desde que estamos casados, não compraste nem uma única vez lenços de papel azuis ou papel higiénico às flores?

– Não. Nunca.

– Estás a falar a sério?

– Estou. Compro sempre lenços de papel brancos, amarelos ou cor-de-rosa. Só essas cores. E compro *sempre* papel higiénico liso. Choca-me o facto de teres vivido comigo estes anos todos sem dar por isso.

Também para mim era uma surpresa. Durante aquele tempo não tinha usado nem uma única vez lenços de papel azuis ou papel higiénico com desenhos.

– E já que estamos com a mão na massa, deixa-me que te diga mais uma coisa – prosseguiu ela, embalada. – Se há um prato que eu deteste é carne de vaca frita com pimentos. Não sabias?

– Não, não sabia.

– Bom, mas detesto. E não me perguntes porquê. A única coisa que sei é que não suporto o cheiro desses dois ingredientes quando são cozinhados ao mesmo tempo.

– Quer dizer que tu, nestes seis anos, nunca cozinhaste carne de vaca e pimentos?

Ela fez que não com a cabeça.

– Posso comer pimentos, mas em salada. Frito a carne de vaca com cebola. Mas carne de vaca com pimentos verdes, nunca na vida.

– Não me digas.

– Quer dizer que nunca achaste estranho? – perguntou ela.

– Estranho? Nunca reparei sequer nisso! – afirmei eu, parando para pensar se, com efeito, desde que casara alguma vez tinha comido vaca com pimentos. Como seria de esperar, não me consegui lembrar de semelhante coisa.

– Vives aqui comigo – continuou ela –, mas a verdade é que pouca ou nenhuma atenção me dás. Só sabes pensar em ti.

Apaguei o gás e pus a *wok* no forno.

– Calma aí – disse então. – Acho bem que não confundas as coisas. Se calhar tens razão quando afirmas que não prestei atenção à cena dos lenços de papel e do papel higiénico e da carne com

pimentos. Admito isso. Mas daí a dizeres que não *te* presto atenção! Estou-me nas tintas para a cor dos lenços de papel. Bom, se fossem pretos, aí o caso se calhar mudava de figura. Agora brancos ou azuis, é-me perfeitamente indiferente. E o mesmo acontece com a carne de vaca com pimentos. Juntos, separados, tanto se me dá como se me deu. Os bifinhos de vaca com pimentos verdes podiam desaparecer para sempre da face da Terra que isso para mim era igual ao litro. Mas isso não tem nada a ver contigo, com a pessoa que tu no fundo és, não te parece?

Em vez de me responder, ela acabou de beber em dois tragos a cerveja que tinha no copo e depois ficou a olhar em silêncio para a garrafa vazia em cima da mesa.

Deitei o que estava dentro da panela para o lixo. A carne de vaca, os pimentos verdes, as cebolas e os rebentos de soja, foi tudo parar direitinho ao caixote. Estranho. Há coisa de um minuto era comida, e agora não passava de lixo. Abri uma cerveja e bebi directamente da garrafa.

– Por que é que fizeste isso? – quis ela saber.

– Porque tu não gostas.

– Podias ter comido *tu*.

– Não quero – retorqui. – Perdi a vontade de comer carne frita com pimentos.

Ela pousou ambos os braços sobre a mesa e apoiou a cabeça em cima deles. Permaneceu assim, imóvel, durante algum tempo. Não parecia estar a chorar nem a dormir. Olhei para a panela vazia no forno, olhei para a minha mulher, e depois emborquei de uma vez o resto da cerveja. Até parecia uma coisa de doidos. Mas que diabo estava a acontecer? Aquela cena toda por causa de lenços de papel e de pimentos verdes!

Aproximei-me de Kumiko e pus-lhe a mão no ombro.

– Muito bem – disse. – Não tornarei a comprar lenços de papel azuis ou papel higiénico às flores. Prometo. Amanhã mesmo irei ao supermercado para ver se os consigo trocar por outra coisa. E se não mos trocarem, queimo tudo no jardim e as cinzas, deito-as ao mar. Acabaram-se os bifinhos de vaca com pimentos verdes. Nunca mais. Mesmo que o cheiro ainda permaneça durante algum tempo, acabará por desaparecer. Vamos esquecer este episódio, pode ser?

Ela continuou em silêncio. O que me apetecia era sair dali e só regressar quando ela tivesse recuperado a boa disposição. Mas as probabilidades de que isso acontecesse eram nulas. Cabia-me a mim resolver sozinho a situação.

– Estás cansada – disse-lhe. – Aproveita para descansar um bocado e depois vamos comer uma piza aqui perto. Há quanto tempo não fazemos isso? Uma de anchovas e cebolas, a dividir. Não nos fazia mal nenhum jantarmos fora de vez em quando.

Kumiko continuou sem me dar resposta. Não se tinha mexido e continuava com a cabeça apoiada sobre os braços.

Não sabia o que mais havia de dizer. Sentei-me do outro lado da mesa e deixei-me ficar ali a olhar para ela. O seu cabelo preto, cortado curto, deixava a descoberto uma orelha. Usava um brinco de ouro em forma de peixe que eu nunca lhe vira antes. Onde é que ela teria ido desencantar semelhante coisa? Apetecia-me um cigarro. Vi-me a tirar o maço de tabaco e o isqueiro do bolso, a pôr o cigarro na boca e a acendê-lo. Respirei fundo. O odor a carne frita com vegetais atingiu-me em cheio. Estava esganado.

Deitei uma olhadela ao calendário na parede. Tinha pequenos símbolos que indicavam as fases da Lua. Aproximava-se a lua cheia. É isso mesmo, pensei, está para vir a menstruação a Kumiko.

Só depois de me ter casado é que me dei conta de que era um ser humano que habitava a Terra, o

terceiro planeta a contar do Sol. Eu vivia na Terra, a Terra girava à volta do Sol, e à volta da Terra girava a Lua. E isso, quer eu gostasse quer não, continuaria a ser eternamente assim (ou, em todo o caso, um tempo que, à escala da minha vida, me parecia a eternidade). O que me levou a pensar desta maneira foi o facto de o ciclo menstrual da minha mulher ocorrer de vinte e nove em vinte e nove dias, ali certinho, correspondendo na perfeição às fases da Lua. A minha mulher tinha uma menstruação difícil e, durante os dias que precediam cada período, mostrava-se nervosa e maldisposta, para não dizer deprimida. O ciclo dela revelava-se assim, ainda que de forma indirecta, o meu ciclo. Nessa altura do mês, todos os cuidados eram poucos para evitar problemas desnecessários. Antes de sermos casados, mal dava pela passagem das fases da Lua. Poderia, quando muito, levantar os olhos para o céu e reparar na Lua, mas nunca me interrogara sobre as fases que a Lua tinha. Depois do meu casamento, parecia que a forma da Lua nunca me saía da cabeça.

Tinha tido relações com algumas mulheres antes de Kumiko e, como não podia deixar de ser, cada uma tinha o seu ciclo menstrual. Uma tinha um período difícil, outra tinha-o sem problemas, a outra não durava mais de três dias, a outra durava uma semana inteira, uma era regular, outra tinha atrasos de dez dias que me deixavam cheio de suores frios. Havia quem ficasse de péssimo humor e quem não fizesse quase caso disso. Antes do meu casamento com Kumiko, porém, nunca vivera com uma mulher. Para mim, o único ciclo natural que existia era o das estações. No Inverno, tirava o casaco do armário; no Verão tirava as sandálias para fora. Ao casar-me, passei a ter, juntamente com uma companheira, um novo conceito de período: as fases da Lua. Apenas uma vez deixara de lhe aparecer o período, isto durante uns meses. Porque estava grávida.

– Desculpa – disse ela, levantando a cabeça. – Não queria ser agressiva contigo. Acontece que estou cansada e de mau humor, mais nada.

– Não tem importância – respondi. – Esquece. Quando se está cansado, o melhor a fazer é descarregar o mau humor em alguém. Uma pessoa sempre fica melhor.

Kumiko inspirou lenta e profundamente, conservou durante alguns instantes o ar nos pulmões e depois expirou devagar.

– E tu?

– Eu, o quê?

– *Tu*, não implicas com ninguém quando estás cansado. Às vezes tenho a impressão de ser a única pessoa que faz isso. Por que será?

Abanei a cabeça.

– Nunca me tinha dado conta, que engraçado.

– Talvez seja porque tens dentro de ti uma espécie de poço muito profundo. Basta que te debruces e grites lá para dentro: «O rei tem orelhas de burro!»³, e logo todos os problemas se resolvem.

Reflecti um bocado sobre aquilo que ela acabara de dizer.

– Se calhar é isso – admiti eu.

Kumiko cravou de novo os olhos na garrafa de cerveja vazia. Analisou atentamente a etiqueta, a abertura, depois fez girar o gargalo entre os dedos e inspeccionou-a de todos os ângulos.

– O meu período está para chegar – afirmou ela. – Acho que é por isso que estou assim tão enervada.

– Bem sei – disse eu. – Mas não tens razão para isso. Não és a única a quem isso acontece. Os cavalos, por exemplo, também morrem às centenas quando está lua cheia.

Ela largou a garrafa, abriu a boca e olhou-me de frente.

– Por que é que dizes *isso*? Onde é que foste buscar essa história dos cavalos?

– Li há pouco tempo no jornal. Era para te ter falado nisso, mas depois esqueci-me. Foi numa entrevista em que um veterinário explicava que os cavalos são extremamente influenciados pelas fases da Lua – tanto física como mentalmente. Quando se aproxima a lua cheia, as suas ondas cerebrais partem à desfilada e começam a ter problemas físicos de toda a espécie. Na noite de lua cheia propriamente dita, muitos deles caem doentes, e aumenta de maneira extraordinária o número de cavalos que morrem. Por que é que isso acontece, ninguém sabe explicar ao certo, mas as estatísticas provam-no. Parece que, durante a lua cheia, os veterinários especializados em cavalos estão de tal forma assoberbados que mal conseguem pregar olho.

– Interessante – disse Kumiko.

– Mas pior ainda é o eclipse do Sol. Nos dias em que há um eclipse solar, a situação dos cavalos é ainda mais trágica. Não te passa pela cabeça a quantidade de cavalos que morrem num dia de eclipse total. Comparado com isso, que mal é que faz se tu mandares vir com alguém? Não é drama nenhum. Pensa em todos os cavalos à beira da morte. Imagina-os algures num estábulo em plena noite de lua cheia, deitados na palha, a espumarem pela boca, resfolegando, num sofrimento atroz.

Ela pareceu ficar a pensar alguns instantes sobre os cavalos moribundos nos estábulos.

– Uma coisa é certa – reconheceu ela num tom resignado –, possuis um estranho poder de persuasão. Não tenho outro remédio senão dar-te razão.

– Muito bem, nesse caso muda de roupa e vamos lá comer uma piza – disse eu.

Naquela noite, na escuridão do nosso quarto, deitado ao lado de Kumiko, de olhos postos no tecto, perguntei a mim mesmo até que ponto é que eu conhecia aquela mulher. Os ponteiros do relógio indicavam as duas da manhã. Kumiko dormia profundamente. Ali às escuras, pus-me a pensar nos lenços de papel azuis e no papel higiénico com desenhos e na carne de vaca com pimentos. Vivera com ela aquele tempo todo sem saber que eram tudo coisas que ela detestava. Coisas que, em si mesmas, não passavam de ninharias. Coisas tão triviais que até davam vontade de rir. Nada que merecesse ser levado a sério. O mais certo era o assunto cair no esquecimento daí a meia dúzia de dias.

E, no entanto, não foi bem isso que aconteceu. Aquilo continuou a dar-me que pensar, a incomodar-me como uma minúscula espinha de peixe cravada na garganta. Podia muito bem tratar-se de algo mais importante do que parecia assim à primeira vista. Se calhar era isso mesmo: um facto crucial. Ou podia acontecer que aquilo fosse apenas o princípio de um problema mais grave, para não dizer fatal. Se calhar, encontrava-me no limiar de um mundo, mundo esse habitado unicamente por Kumiko e que me era totalmente desconhecido. Aos meus olhos, via-o como um quarto enorme e escuro. Eu andava pelo quarto com um isqueiro minúsculo na mão. Mas a chama do isqueiro só me deixava ver uma ínfima parte da divisão.

Conseguiria ver alguma vez o resto? Ou envelheceria e morreria sem chegar a conhecê-la bem? Se era esse o caso, que sentido tinha a minha vida de casado? Que sentido fazia a minha vida, uma vez que vivia e dormia na mesma cama com uma estranha?

Isto foi o que me passou então pela cabeça, o que desde aquela noite continuei a pensar de vez em

quando. Só muito mais tarde vim a perceber que, naquele preciso momento, tinha colocado o dedo na essência do problema.

³ Lenda da Grécia antiga que conta a história do imprudente e ambicioso Rei Midas. (*N. da T.*)

O chapéu de Malta Kano

Tons sorvete e Allen Ginsberg e as Cruzadas

Estava a preparar qualquer coisa para comer quando o telefone voltou a tocar.

De pé na cozinha, tinha cortado duas fatias de pão, barrara-as com manteiga e mostarda, tinha-lhes posto em cima rodelas de tomate e fatias de queijo. Em seguida colocara a sanduíche em cima de uma tábua e preparava-me para a cortar ao meio com a faca da cozinha no preciso momento em que o telefone se pôs a tocar.

Deixei-o tocar três vezes e cortei a sanduíche ao meio. Depois passei a sanduíche para um prato, limpei a faca e tornei a guardá-la na gaveta dos talheres, antes de me servir de uma chávena de café que tinha entretanto aquecido.

O telefone continuava a tocar. Deve ter tocado para aí umas quinze vezes. Não tive outro remédio senão levantar o auscultador. Teria preferido não atender, mas podia ser Kumiko.

– Está lá? – disse uma voz de mulher que eu não conhecia. Não era Kumiko e também não era a desconhecida que ligara dias antes, quando eu estava a vigiar o esparguete ao lume.

– Seria possível falar com o senhor Toru Okada? – perguntou a mulher, como se estivesse a ler uma frase escrita no papel.

– É o próprio.

– O marido de Kumiko Okada?

– Sim, Kumiko Okada é a minha mulher.

– Nesse caso o senhor Noboru Okada é o irmão mais velho da sua esposa?

– Exacto – respondi eu, cheio de paciência. – Noboru Okada é o irmão mais velho da minha mulher.

– O meu nome é Kano.

Esperei em silêncio que ela continuasse. A súbita menção do nome do meu cunhado despertara a minha desconfiança. Cocei a nuca com a ponta do lápis que estava ao pé do telefone. Passaram cinco ou seis segundos sem que a minha interlocutora dissesse alguma coisa mais. Do auscultador não me chegava a sua voz nem outro som qualquer. Podia dar-se o caso de a mulher ter tapado o bocal com a mão e estar a falar com alguém ao seu lado.

– Está? – experimentei dizer, preocupado.

– Queira desculpar-me – disse a mulher de um fôlego. – Sendo assim, e se me permite, voltarei a ligar mais tarde.

– Espere aí. Mas que...

Ela desligara entretanto. Fiquei durante alguns instantes com o auscultador na mão, a olhar para ele, sem me mexer. Depois ainda o levei outra vez ao ouvido. Não, não me enganara, a chamada tinha sido cortada.

Vagamente frustrado, fui sentar-me à mesa da cozinha, bebi o meu café e comi a minha sanduíche. Na altura em que o telefone tocara, estava a pensar em qualquer coisa, mas, agora, já não conseguia saber ao certo em quê. Tinha a faca na mão direita, preparava-me para cortar a sanduíche, e sei com toda a certeza que estava a pensar em algo. Algo importante. Algo que desde há bastante tempo tinha procurado lembrar-me sem conseguir, e que, no momento de cortar o pão ao meio, me viera de repente à cabeça. Agora varrera-se-me. Esforcei-me por reavivar a lembrança enquanto comia a sanduíche. Sem sorte nenhuma. Essa ideia tinha regressado à região obscura da minha mente onde até então habitara.

Tinha acabado de comer e estava a lavar os pratos quando o telefone voltou a tocar. Desta vez atendi ao primeiro toque.

– Olá – disse uma voz de mulher. Era Kumiko.

– Como é que estás? Já almoçaste?

– Já. E tu, comeste o quê?

– Nada – respondeu ela. – Tenho estado tão ocupada toda a manhã que ainda não tive um minuto para respirar, quanto mais para comer. Daqui a bocado dou um salto à rua para comprar uma sanduíche aqui perto. E tu, almoçaste o quê?

Descrevi a minha sanduíche.

– Estou a ver – disse ela, sem uma ponta de inveja. – Ah, é verdade, era para te dizer esta manhã mas depois esqueci-me. Prepara-te para receber a chamada de uma tal Kano.

– Já telefonou – acrescentei eu. – Há coisa de alguns minutos. Mencionou o meu nome, o teu e o do teu irmão, e depois desligou. Sem dizer o que queria. De que diabo se trata? Por acaso sabes?

– Dizes que ela desligou?

– Sim, dizendo que voltaria a ligar mais tarde.

– Bom, quando ela ligar, quero que faças exactamente o que te pedir. É importante. É possível que tenhas de te encontrar com ela.

– Hoje? Agora?

– Por que é que dizes isso? Tens algum impedimento? Combinaste outra coisa qualquer?

– Não – respondi. – Não tenho impedimentos nem tenho planos. Nem hoje, nem ontem, nem amanhã. Nada de nada. Mas explica-me uma coisa: quem é esta tal Kano? O que diabo pretende ela de mim, não me quererás dizer? Gostaria de estar informado antes de ela voltar a ligar. Se for por causa de algum emprego arranjado pelo teu irmão, esquece. Não quero ter nada que ver com ele. Já te tinha dito.

– Não, não se trata de trabalho – disse Kumiko num tom contrariado. – É a propósito do gato.

– Do gato?

– Olha, desculpa mas tenho de desligar. Está uma pessoa à minha espera. Já foi uma sorte ter conseguido telefonar. Como disse, ainda nem sequer arranjei tempo para comer qualquer coisa. Se puder, telefono mais tarde.

– Ouve, sei perfeitamente que estás muito ocupada, mas já que me envolveste no meio desta história, ao menos diz-me do que se trata. Que diabo aconteceu ao gato? E essa tal Kano...

– Faz o que ela te disser, por favor. Percebeste? Estou a falar a sério. Fica em casa e espera pelo telefonema dela. Vou desligar, adeus.

E desligou.

Quando o telefone tocou às duas e meia, estava eu a fazer a sesta no sofá. A princípio julguei tratar-se do toque do despertador e estendi a mão para carregar no botão e fazê-lo calar. Mas o relógio não se encontrava ali. Nem eu me encontrava a dormir na cama, mas em cima do sofá. E não era de manhã, mas sim de tarde. Levantei-me e fui atender o telefone.

– Está lá? – disse eu.

– Sim – disse uma voz feminina. Era a mesma mulher que telefonara de manhã. – Estou a falar com o senhor Toru Okada?

– O próprio. Sou Toru Okada.

– O meu nome é Kano – disse ela.

– Foi a senhora que telefonou antes?

– Sim, queira desculpar-me pelo que aconteceu há bocado, fui terrivelmente indelicada. Mas diga-me uma coisa, senhor Okada, por acaso não estará livre esta tarde?

– Na realidade, não tenho nada de especial para fazer.

– Nesse caso... bem sei que o meu pedido lhe pode parecer um tanto ou quanto estranho e em cima da hora, mas acha que haveria alguma possibilidade de nos encontrarmos?

– Hoje? Agora mesmo?

– Sim.

Olhei para o relógio. Não que fosse necessário, visto que tinha olhado para ele trinta segundos antes. Só queria ter a certeza. Com efeito, eram duas e meia.

– É coisa para demorar muito tempo? – perguntei.

– Não creio que demore muito. No entanto, posso estar enganada. Neste preciso momento, é-me impossível dizer-lhe com exactidão. Lamento.

Uma vez que não tinha qualquer possibilidade de escolha, tanto fazia. O que é que Kumiko me recomendara ao telefone? Que fizesse o que a mulher dizia. Que era um assunto sério. Não tinha outro remédio senão fazer o que ela dissera. Se Kumiko dizia que era uma coisa séria, é porque era.

– De acordo. Onde é que nos encontramos? – perguntei.

– Por acaso conhece o Hotel Pacific, mesmo em frente da estação de Shinagawa?

– Conheço.

– Tem uma cafetaria no primeiro andar. Espero-o ali por volta das quatro da tarde. Acha bem assim?

– Perfeitamente.

– Tenho trinta e um anos e estarei a usar um chapéu vermelho de plástico – adiantou a mulher.

Só a mim. Havia qualquer coisa de esquisito na sua maneira de falar. Tudo aquilo me causava uma certa perturbação, ainda que não fosse capaz de explicar concretamente o quê. Vendo bem, não havia qualquer motivo que impedisse uma mulher de trinta e um anos de usar um chapéu vermelho de plástico.

– Estou a ver – retorqui. – Creio que não terei problemas em reconhecê-la.

– Só por uma questão de segurança, quer ter a amabilidade de me adiantar alguma particularidade do seu aspecto físico? – pediu a mulher.

Esforcei-me por encontrar alguma. Quais poderiam ser essas características físicas, se é que tinha

alguma?

– Tenho trinta anos. Meço um metro e setenta e dois, peso sessenta e três quilos, tenho o cabelo curto. Não uso óculos.

Ao mesmo tempo que dizia aquilo, dava-me conta de que nenhum deles podia ser considerado um traço distintivo. Na cafetaria do Hotel Pacific devia haver pelo menos cinquenta homens com aquela aparência. Já lá tinha estado uma vez, era uma sala enorme. Precisava de encontrar qualquer coisa de verdadeiramente singular que me diferenciasse dos outros. Contudo, não me lembrei de nada. Não quero com isto dizer que eu não possuísse qualquer coisa de original. Possuía um disco de Miles Davis, *Sketches of Spain*, assinado pelo próprio músico. Tinha o pulso lento: normalmente quarenta e sete batimentos por minuto, e nem com trinta e oito de febre ia além das setenta. Estava desempregado. E sabia de memória os nomes de todos os irmãos Karamazov. Mas não se podia dizer que alguma destas características estivesse escrita na testa.

– Que roupa é que vai levar vestida? – perguntou ela.

– Não sei – respondi eu. – Ainda não decidi. Foi tudo tão de repente.

– Muito bem. Nesse caso, ponha uma gravata às pintas – avançou ela num tom decidido. – Por acaso tem alguma gravata às pintas, senhor Okada?

– Creio que sim – disse eu. Tinha uma gravata azul-marinho às pintinhas cremes. Tinha-me sido oferecida pela minha mulher há dois ou três anos como prenda de aniversário.

– Então tenha a amabilidade de a usar – acrescentou ela. – E obrigada por aceitar encontrar-se comigo às quatro da tarde. – A seguir desligou.

Abri o guarda-fatos e pus-me à procura da minha gravata das pintas. No cabide das gravatas não estava. Procurei nas gavetas todas. Procurei nas caixas de roupa que havia no armário de parede. Nem sinal da gravata às pintas. Se a gravata estava lá em casa, tinha de encontrá-la. Kumiko era de tal forma arrumada com a roupa que seria impensável ir dar com a gravata num sítio diferente daquele reservado às gravatas. E, verdade seja dita, fui dar com tudo – tanto no que diz respeito às roupas dela como às minhas – na mais perfeita ordem. As minhas camisas encontravam-se cuidadosamente dobradas na gaveta. A roupa interior arrumada em caixas tão cheias de bolas de naftalina que fiquei com os olhos a arder só de levantar a tampa. Numa das caixas encontrei a roupa que ela costumava usar quando andava na escola: um uniforme azul-marinho, um vestido curto às florzinhas, ambos dispostos como fotografias num velho álbum. Qual seria a lógica de guardar aquelas peças de roupa? Talvez não tivesse ainda arranjado uma oportunidade para se livrar delas. Podia ser que estivesse a pensar enviá-las para o Bangladesh. Ou então, quem sabe, expô-las talvez um dia na qualidade de artefactos culturais. O certo é que a minha gravata das pintas não estava em lado nenhum.

Com a mão apoiada na porta do guarda-fatos, tentei lembrar-me da última vez que a usara. Era uma gravata elegante, de muito bom gosto, porventura demasiado vistosa para o gabinete jurídico onde eu costumava trabalhar. Se eu tivesse aparecido com ela no escritório, o mais certo era alguém vir ter comigo no intervalo para almoço e desdobrar-se em elogios: «Mas que bela gravata! A cor é lindíssima. E tão alegre!» O que teria funcionado como uma espécie de sinal de alarme. Na firma de advogados onde eu trabalhava, o facto de uma gravata merecer ser admirada não era propriamente uma honra. Daí que nunca a tenha usado para ir trabalhar. Em vez disso, costumava pô-la em

situações da minha vida privada que exigiam um certo toque formal: um concerto, um jantar num bom restaurante, quando Kumiko fazia questão que nos vestíssemos «à maneira» (o que, vendo bem, não acontecia assim tantas vezes quanto isso). A gravata ficava a matar com o meu fato azul-marinho, de que a minha mulher gostava muito. Mas não havia maneira de me lembrar da última vez que a tinha usado.

Passei outra vez revista ao armário e desisti. Por uma razão ou outra, a gravata às pintinhas tinha desaparecido. Paciência. Vesti o fato azul com uma camisa azul e uma gravata às riscas. Alguma coisa sairia de tudo aquilo. Não estava preocupado. Mesmo que ela não fosse capaz de me reconhecer, a mim bastava-me procurar uma mulher na casa dos trinta com um chapéu vermelho.

Pronto para sair, sentei-me no sofá e deixei-me ficar ali a olhar para a parede. Há muito tempo que não vestia fato e gravata. Em circunstâncias normais, o fato azul-marinho «para-as-três-estações»⁴ ter-se-ia revelado demasiado quente para aquela altura do ano, mas acontecia que estava a chover e, para um dia de Junho, corria uma aragem fresca. Era o mesmo fato que vestira da última vez que tinha ido trabalhar, em Abril. Por mero acaso comecei a meter as mãos nos bolsos e, no bolso interior, encontrei um recibo com a data do Outono passado. Uma corrida de táxi qualquer destinada a ser reembolsada, mas agora era demasiado tarde. Amarrotei-o e deitei-o para dentro do cesto dos papéis.

Desde que tinha deixado de ir trabalhar, há coisa de dois meses, não vestira aquele fato uma única vez. Agora, depois de tanto tempo, tinha a impressão de estar a ser comprimido numa espécie de armadura. Era tão rígido e pesado que não se ajustava ao meu corpo. Levantando-me, pus-me a andar um bocado pela sala, parando à frente do espelho a fim de puxar as mangas e pôr para fora as dobras das calças, de modo a fazê-lo assentar melhor. Estiquei os braços, respirei fundo e inclinei-me para a frente, para verificar que o formato do meu corpo não havia mudado naqueles dois meses. Voltei a sentar-me no sofá, mas nem assim me sentia confortável.

Até àquela Primavera, todos os dias tinha ido trabalhar de fato completo sem que isso me fizesse sentir estranho. Na firma onde trabalhava eram muito rígidos no que tocava à indumentária, exigindo-se que todos os funcionários, até mesmo os situados no fundo da escala, como era o meu caso, fossem obrigados a usar fato. Pela minha parte, levava aquilo como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Agora, ali sentado no sofá com o fato vestido, sentia-me como se estivesse a cometer algum delito. Como se estivesse a falsificar um currículo com propósitos mesquinhos ou a vestir-me de mulher às escondidas. A pouco e pouco comecei a sentir dificuldade em respirar.

Fui até à entrada, tirei os meus sapatos castanhos da sapateira e calcei-os com a ajuda de uma calçadeira. Estavam cobertos por uma fina camada de pó.

Afinal de contas, não foi preciso andar à procura da mulher. Ela encontrou-me primeiro. Quando cheguei ao salão de chá, percorri o local com o olhar para ver se encontrava o chapéu vermelho. Não havia nenhuma mulher com um chapéu vermelho. No meu relógio faltavam dez para as quatro. Sentei-me, bebi a água que me tinham trazido e pedi um café. Naquele preciso momento, atrás de mim, uma voz de mulher disse o meu nome.

«É o senhor Toru Okada, não é verdade?»

Surpreendido, virei-me. Nem sequer tinham passado três minutos desde que, antes de me sentar, lançara uma rápida vista de olhos pelo local.

A mulher vestia um casaco branco, uma blusa de seda amarela e, na cabeça, trazia um chapéu vermelho de plástico. Por reflexo, levantei-me e fiquei de frente para ela. Bela era a palavra que melhor a definia. Pelo menos era bastante mais bonita do que eu imaginara ao ouvir a sua voz pelo telefone. Era elegante e estava discretamente maquilhada. Bem vestida. Tanto o casaco como a blusa eram de boa qualidade. Uma pregadeira de ouro em forma de pluma brilhava na gola do casaco de bom corte. Poderia perfeitamente ter passado por secretária de direcção de uma grande empresa. A única coisa que destoava irremediavelmente, e de que maneira, era o chapéu vermelho. O que a levaria a usar na cabeça um artigo a um tempo tão vulgar e tão inapropriado, depois de se ter vestido com tanto esmero, era uma coisa que escapava por completo às minhas capacidades de entendimento. A menos que usasse o chapéu como chamariz sempre que tinha necessidade de ser reconhecida por alguém. Nesse caso, não se podia dizer que fosse má ideia. Decididamente, a julgar pela forma como dava nas vistas numa sala cheia de gente desconhecida, a estratégia surtia efeito.

Ela sentou-se à minha frente, e eu tornei a sentar-me.

– Vejo que não teve dificuldade em dar por mim – adiantei-me. – Não encontrei a minha gravata das pintas. Sei que a tenho em qualquer parte, mas não a consegui descobrir. Por isso não tive outro remédio senão usar esta às riscas. Pensava que seria eu a dar consigo. No entanto, a senhora encontrou-me primeiro. Como é que conseguiu?

– É claro que percebi logo quem era – retorquiu ela, pousando a mala branca de verniz sobre a mesa. Tirou o chapéu de plástico vermelho e colocou-o por cima da mala, encobrendo-a e fazendo-a desaparecer. Tive a sensação de que ela estava a preparar-se para executar um truque de magia: quando levantasse o chapéu, a mala ter-se-ia evaporado, ou qualquer coisa do género.

– Mas eu estou com uma gravata diferente, às riscas – protestei.

– Uma gravata? – repetiu ela, olhando para a minha gravata com uma expressão despassarada, como que a dizer: mas de que diabo estará ele a falar? Depois acrescentou, assentindo com a cabeça: – Não tem a menor importância, não se preocupe com a gravata.

Quis-me parecer que os seus olhos transmitiam uma impressão estranha. Como se ela só conseguisse ver a superfície das coisas. Eram bonitos, mas o dela era um olhar cego. Dir-se-iam olhos de vidro, ainda que não o fossem, visto que ela os mexia na perfeição e pestanejava.

Continuava sem saber como é que ela conseguira reconhecer-me tão depressa numa sala cheia de gente. Isto sem considerar que as mesas estavam quase todas ocupadas e muitas delas por homens da minha idade. Era minha intenção pedir-lhe que me explicasse, mas contive-me. Mais valia evitar perguntas desnecessárias.

Ela chamou um empregado que ia a passar com ar assoberbado e pediu uma água *Perrier*. Ele respondeu-lhe que não tinham *Perrier* mas que podia trazer-lhe uma água tônica. Ela pensou um bocado e acabou por aceitar a sugestão. Enquanto esperava que lhe trouxessem a água tônica, permaneceu em silêncio. Eu também não disse nada.

Às tantas, a mulher levantou o chapéu vermelho, abriu o fecho da mala e tirou lá de dentro uma caixinha de pele negra reluzente, mais pequena do que uma cassette de música. Era um estojo para cartões-de-visita⁵. Tal como a mala, também tinha um fecho – era a primeira vez que eu via um estojo daqueles, munido de um fecho. Ela tirou um cartão do estojo e ofereceu-mo. Também eu fiz menção de lhe entregar um dos meus, mas, assim que levei a mão ao bolso interior do casaco, lembrei-me que já não tinha nenhum.

O dela era de plástico fino e parecia emanar um leve perfume. Quando o aproximei do nariz, o

odor tornou-se mais evidente. Era incenso, sem sombra de dúvida. Só tinha escrito um nome em pequenos caracteres negríssimos:

Malta Kano

Malta?

Virei o cartão.

Não tinha nada escrito.

Enquanto me entregava a conjecturas acerca do significado do cartão, apareceu o empregado, que pousou diante da mulher um copo com gelo e o encheu até meio com água tônica. Dentro do copo havia um pedaço de limão em forma de meia-lua. Pouco depois, chegou uma empregada com uma bandeja e uma cafeteira cromadas, pôs diante de mim uma chávena, encheu-a de café e, com um gesto furtivo, como se estivesse a depositar uma profecia de mau augúrio nas mãos de alguém, deixou ficar a conta em cima da mesa e retirou-se.

– Não tem nada escrito – explicou Malta Kano.

Eu continuava a olhar distraidamente para o verso do cartão-de-visita.

– Só o nome. Não é necessário acrescentar o telefone nem a morada. Ninguém me telefona. Sou sempre eu que entro em contacto com toda a gente.

– Estou a ver – disse eu, e essa réplica, que não queria dizer rigorosamente nada, ficou suspensa no ar por cima da mesa como a ilha que flutua no céu em *As Viagens de Gulliver*.

Ela bebeu um golo pela palhinha, agarrando no copo com ambas as mãos. Fez uma ligeira careta e pôs o copo de lado como se tivesse perdido todo o interesse por ele.

– Malta não é o meu verdadeiro nome – confessou Malta Kano. – Kano, sim, é o meu apelido. Malta é o pseudónimo que uso para trabalhar. Inspirei-me na ilha de Malta. Alguma vez esteve em Malta, senhor Okada?

Respondi que não. Nunca ali tinha ido, nem fazia planos de ir nos tempos mais próximos. A única coisa que conhecia acerca da ilha de Malta era «The Sands of Malta», interpretada por Herb Alpert, uma cantiga abaixo de cão (e palavra de honra que não estou a exagerar).

– Vivi em Malta – continuou ela. – Durante três anos. A água ali é execrável, quase não se pode beber. Parece que estamos a beber água do mar. Parece água do mar diluída. Até o pão é salgado. Não porque lhe ponham sal, mas porque é feito com a tal água salgada. Mas o pão não é mau de todo. Gosto bastante do pão de Malta.

Anuí e bebi o meu café.

– Se bem que em Malta a água saia assim tão mal, existe um lugar na ilha onde a água possui um efeito maravilhoso sobre os elementos do corpo. Dir-se-ia uma água miraculosa, quase sagrada. A fonte encontra-se a grande altitude, e para lá chegar são precisas várias horas sempre a subir, partindo de uma aldeia situada no sopé da montanha – prosseguiu ela. – A água não pode ser transportada, longe da nascente perde as suas propriedades. Para prová-la é preciso uma pessoa deslocar-se até lá. Só pode ser bebida no local. Já nos documentos da época das Cruzadas havia referências a essa água. Chamavam-lhe a água milagrosa. Allen Ginsberg foi um dos que se deslocou a Malta para beber dessa água. Keith Richards foi outro que tal. Passei três anos numa pequena aldeia ao pé da montanha onde se encontra a tal fonte. Cultivava uma horta e aprendi a tecer. Todos os dias subia até à nascente e bebia daquela água. Isto passou-se entre 1976 e 1979. Uma vez, durante uma semana, não comi nada e só bebi água. Durante uma semana inteira, não meti nada no estômago a não ser aquela água especial. É uma espécie de exercício necessário. Penso que lhe poderíamos chamar uma prática ascética. A fim de purificar o corpo. No meu caso pessoal, posso dizer que se tratou de uma experiência verdadeiramente espantosa. Por isso, quando regresssei ao Japão, escolhi o nome de Malta como pseudónimo profissional.

– Posso saber qual é a sua profissão?

Ela abanou a cabeça.

– Para dizer a verdade, não é bem uma profissão. Não levo dinheiro por fazer o que faço. Sou uma espécie de consultora. As pessoas vêm ter comigo, falo com elas acerca dos diversos aspectos da sua constituição física. Também faço pesquisa sobre as águas que possuem propriedades benéficas sobre o organismo. Não tenho problemas económicos, estou bem na vida. O meu pai era médico e deixou-nos, à minha irmã mais nova e a mim, acções e propriedades imobiliárias que nos garantem uma renda vitalícia. Quem trata disso é o nosso gestor de conta. Todos os anos contamos com um rendimento confortável. Além disso já escrevi vários livros e os direitos de autor também rendem qualquer coisa. O meu trabalho em prol dos elementos do corpo é uma actividade sem quaisquer fins lucrativos. Por isso é que o meu cartão-de-visita não tem nem morada nem telefone. Sou eu que tomo a iniciativa de entrar em contacto com as pessoas.

Fiz sinal de estar a perceber. Que é como quem diz, limitei-me a acenar com a cabeça de forma puramente mecânica. A verdade é que não fazia ideia do que ela estava a falar. Quero dizer, entendia as palavras que ela dizia, mas escapava-me o sentido global de todo aquele arrazoado.

Elementos do corpo?

Allen Ginsberg?

Comecei a sentir-me pouco à vontade. Não sou uma daquelas pessoas particularmente intuitivas, mas quanto mais tempo passava na companhia daquela mulher, mais pressentia que novas complicações se avizinhavam.

– Desculpe, mas seria pedir muito que me explicasse tudo desde o princípio? Falei há pouco com a minha mulher e foi ela que me disse que viesse aqui ter consigo para conversarmos acerca do nosso gato. Para ser franco, não vejo em que é que me possa interessar tudo aquilo que me tem estado a contar. Está de alguma forma relacionado com o gato?

– Sim, está – respondeu ela. – Mas antes de entrar nesse capítulo, deixe-me que lhe diga uma coisa, senhor Okada.

Malta Kano tornou a abrir o fecho metálico da mala e tirou lá de dentro um sobrescrito branco. Dentro do sobrescrito estava uma fotografia. Entregou-ma.

– A minha irmã – disse ela. Na fotografia a cores apareciam duas mulheres. Uma delas era Malta Kano, que também usava chapéu – um chapéu amarelo de croché. Para não variar, aquele chapéu destoava por completo da roupa que trazia vestida. A outra mulher – a irmã mais nova, deduzi eu, porque ela mo havia dito – usava um fato de saia-e-casaco em tom pastel e um chapéu a condizer, daqueles que estavam na moda no início da década de 1960. Se não estou em erro, costumavam chamar a essas cores os «tons sorvete». Mas uma coisa era certa: aquelas duas irmãs tinham uma predilecção muito especial por chapéus. O estilo de penteado da mais nova era igualzinho ao de Jacqueline Kennedy no tempo em que era primeira-dama dos Estados Unidos e usava o cabelo carregadinho de laca. Apesar de estar demasiado maquilhada, via-se que era uma bela mulher. Devia ter entre os seus vinte e cinco e trinta anos. Devolvi a fotografia a Malta Kano, que a voltou a guardar dentro do sobrescrito, colocando por seu turno o sobrescrito dentro da malinha de mão, antes de apertar o fecho.

– A minha irmã é cinco anos mais nova – referiu ela. – Foi ultrajada pelo senhor Noboru Wataya. Brutalmente violada.

Só visto. Não faltava mais nada! A minha vontade foi levantar-me e ir-me embora dali. Tirei um lenço do bolso interior do casaco, passei-o pelos cantos da boca e tornei a guardá-lo no mesmo bolso. A seguir limpei a garganta.

– Não estou ao corrente dos pormenores da história – disse –, mas lamento sinceramente saber que a sua irmã foi desonrada. Deixe-me, contudo, que lhe diga que o meu cunhado e eu não temos propriamente aquilo a que se chama uma relação estreita. Por isso, caso se trate de algo relacionado com ele...

– Não estou a acusá-lo de ser responsável por nada, senhor Okada – atalhou ela secamente. – Se existe alguém que deve ser responsabilizado pelo que aconteceu, essa pessoa sou eu. Por não ter prestado a atenção necessária. Por não a ter protegido como devia ser. Infelizmente, devido a uma série de circunstâncias, tal não foi possível. São coisas que acontecem, senhor Okada. Como muito bem sabe, vivemos num mundo confuso, povoado de violência. E, mesmo no coração desse mundo, existem zonas ainda mais violentas, ainda mais caóticas. Percebe o que eu quero dizer, senhor Okada? O que lá vai, lá vai. A minha irmã acabará por recuperar dessa ofensa, dessa desonra. Tem de recuperar. Por sorte, não houve consequências fatais. Como eu disse à minha irmã, algo bem mais trágico poderia ter acontecido. Aquilo que mais me preocupa é a constituição física da minha irmã.

– A constituição física – repeti. Decididamente, a constituição física era um dos temas da sua eleição.

– Não lhe posso explicar agora em pormenor as circunstâncias que rodearam o incidente. O relato seria longo e complicado e o mais certo, desculpe-me se o que lhe digo pode parecer ofensivo, é o senhor não estar preparado para entender o verdadeiro sentido desta história. Trata-se de um mundo que faz parte da nossa esfera profissional. Não lhe pedi que viesse até aqui para ouvir as minhas lamentações a esse respeito. É evidente que o senhor não tem qualquer responsabilidade nessa matéria, nem é preciso dizê-lo. Quis simplesmente que tivesse conhecimento do facto de a compleição física da minha irmã ter sido, ainda que apenas temporariamente, danificada pelo senhor Wataya. Isto porque é bem possível que, no futuro, o senhor venha de alguma forma a estar em contacto com ela. Tal como já lhe disse, ela trabalha como minha assistente. A pensar nessa possibilidade, achei preferível que ficasse a par do que sucedeu entre ela e o senhor Wataya. Ao mesmo tempo, quis alertá-lo para o facto de esse tipo de incidentes poderem acontecer a qualquer

momento.

Seguiu-se um curto silêncio. Malta Kano olhava fixamente para mim, como se quisesse dizer: «Reflecta bem sobre tudo aquilo que acabei de lhe contar.» E foi o que eu fiz. Sobre o facto de Noboru Wataya ter violado a irmã de Malta Kano. Sobre a relação entre o tal episódio e a constituição física. E sobre a relação entre tudo aquilo e o desaparecimento do meu gato.

– Julgo ter percebido – aventurei-me timidamente – que nem a senhora nem a sua irmã têm intenção de apresentar queixa... denunciar o caso à Polícia, por exemplo...?

– Não, claro que não – afirmou Malta Kano, com um ar inexpressivo. – Bem vê, não queremos acusar ninguém. Só queremos ficar a saber exactamente o que poderá ter levado a isso. Se não resolvermos essa questão em pleno conhecimento de causa, existe a possibilidade de algo pior vir a acontecer.

Fiquei aliviado ao ouvir dizer aquilo. Não que me importasse por aí além que Noboru fosse acusado de violação, declarado culpado e enviado para a prisão. Se havia pessoa que o merecia, era o meu cunhado. Mas o irmão de Kumiko era uma figura por de mais conhecida e, como tal, o julgamento certamente daria que falar nos meios de comunicação. E isso teria, sem dúvida, deixado Kumiko em estado de choque. Quanto mais não fosse para preservar a minha própria paz de espírito, preferia que tudo aquilo fosse votado ao esquecimento.

– Não se preocupe – disse Malta Kano –, o motivo do nosso encontro prende-se única e exclusivamente com o gato. Foi por causa do gato desaparecido que o senhor Wataya se pôs em contacto connosco. A sua mulher dirigiu-se ao irmão, o senhor Wataya, que, por sua vez, se pôs em contacto connosco.

Isso explicava muita coisa. Malta Kano era uma espécie de adivinha ou médium, e eles tinham recorrido aos seus serviços no sentido de descobrir o paradeiro do gato. A família Wataya era muito dada àquele género de superstições e sempre acreditara piamente na história das profecias, dos oráculos e outras coisas que tais. Por mim, tudo bem: cada um é livre de acreditar no que quiser. Agora, que necessidade tinha o meu cunhado de violar a irmã mais nova da sua conselheira espiritual? Para quê criar problemas desnecessários?

– Seguir o rasto dos desaparecidos, é essa a sua especialidade? – perguntei.

Ela olhou fixamente para mim com aqueles seus olhos sem profundidade, como se estivesse a olhar pela janela de uma casa vazia. A julgar pela expressão dela, nem sequer parecia ter apreendido o sentido da minha pergunta.

Ignorando a pergunta, interpelou-me:

– O senhor vive num lugar estranho, não é verdade?

– Ai, sim? – retorqui. – Estranho em que sentido?

Em vez de responder, ela afastou de si uns bons dez centímetros o copo de água tônica em que mal havia tocado.

– Os gatos são criaturas muito sensíveis, não sei se sabe.

Depois o silêncio abateu-se sobre nós.

– Com que então, vivemos num lugar estranho e os gatos são animais sensíveis – disse eu. – De acordo. Mas a verdade é que já ali moramos há bastante tempo – nós os dois e o gato. O que é que o teria levado a desaparecer, assim de repente? Por que razão não se foi embora mais cedo?

– Isso não lhe posso dizer. É possível que a corrente tenha mudado. Talvez alguma coisa tenha obstruído a corrente.

– A corrente... – repeti.

– Ainda não sei se o gato está vivo ou não. Mas de uma coisa tenho a certeza: já não se encontra perto de casa. No vosso bairro é que não o encontram, por mais que procurem.

Peguei na chávena e bebi mais um gole de café, agora frio. Lá fora, através dos vidros das janelas, caía uma chuva miudinha. O céu estava coberto de nuvens baixas e escuras. Ao longo do passeio, via-se um triste cortejo de pessoas e guarda-chuvas para cima e para baixo.

– Dê-me a sua mão – pediu ela.

Estendi a mão direita sobre a mesa, com a palma para cima, pensando que ela quisesse ler-me o futuro nas linhas da mão. Mas não era essa a sua intenção. Em vez disso, esticou a mão e pousou a dela sobre a minha, palma com palma. Depois fechou os olhos, e permaneceu sem se mexer, na mesma posição. Como se estivesse a censurar em silêncio um amante infiel. A empregada aproximou-se e voltou a encher-me a chávena de café, fazendo por não reparar na forma como eu e Malta Kano uníamos as mãos por cima da mesa. Nas mesas à volta, as pessoas deitavam olhares furtivos na nossa direcção. Passei o tempo todo a rezar para que ninguém meu conhecido calhasse estar naquele lugar.

– Procure recordar-se de qualquer coisa que tenha visto hoje antes de vir para aqui – disse Malta Kano.

– Só uma? – perguntei.

– Só uma.

Veio-me à ideia o vestido curto às florzinhas que tinha visto na caixa de roupa da minha mulher. Não sei explicar porquê, mas em todo o caso foi a única coisa que me veio à cabeça, assim do pé para a mão.

Permanecemos com as mãos unidas durante mais cinco minutos – cinco minutos que me pareceram uma eternidade. Não só porque era incómodo ter aquela gente toda a olhar para mim, mas também por causa do mal-estar que me provocava o contacto com a mão dela. Tinha a mão pequena, nem quente nem fria. Também não se podia dizer que tivesse a intimidade da mão de uma amante nem o contacto puramente profissional da mão de um médico. Teve sobre mim o mesmo efeito que os seus olhos. Ao ser tocado por ela, via-me convertido numa casa desabitada. Lá dentro não havia móveis, nem cortinas, nem tapetes. Não passava de um mero recipiente vazio. Por fim, Malta Kano retirou a sua mão de cima da minha e respirou fundo. Depois assentiu várias vezes com a cabeça.

– Senhor Okada – disse –, julgo crer que a partir de agora e nos tempos mais próximos entrará numa fase da sua vida em que muitas coisas irão acontecer. O desaparecimento do gato é apenas o início.

– Muitas coisas? – repeti. – Coisas boas ou más?

Ela inclinou a cabeça como se estivesse a pensar. – Coisas boas *e* coisas más. Coisas más que à primeira vista podem revelar-se boas, e coisas boas que à primeira vista pareçam más e acabem por se revelar boas.

– Para ser honesto, isso tem o ar de um lugar-comum que se pode aplicar a toda a gente – confessei eu. – Não possuí nenhuma informação mais concreta?

– É possível que aquilo que eu estou a dizer possa aos seus olhos não passar de um lugar-comum – replicou Malta Kano. – Mas, vendo bem, muitas vezes só se consegue exprimir a essência das coisas recorrendo a generalidades. Veja se entende isto. Não há dúvida de que as coisas concretas despertam mais a atenção das pessoas. Mas, na sua maior parte, não passam de fenómenos banais.

Desvios inúteis, diria eu. Quanto mais nos esforçamos por ver à distância, mais as coisas se generalizam.

Baixei a cabeça em silêncio. Como seria de esperar, não tinha entendido uma palavra do que ela dissera.

– Posso voltar a entrar em contacto consigo? – perguntou ela.

– Claro – respondi eu. Sinceramente, não me estava nada a apetecer que alguém me telefonasse, mas não era coisa que lhe pudesse dizer.

Ela agarrou no chapéu vermelho que estava em cima da mesa, pegou na malinha de mão que estava escondida por baixo, e levantou-se. Sem saber ao certo como reagir, continuei sentado.

– Só lhe quero adiantar uma coisa sem importância – disse Malta Kano depois de ter posto o chapéu, olhando-me de alto a baixo. – A sua gravata de pintas, não é dentro de casa que irá dar com ela.

4 4 Nesse caso, Outono-Inverno-Primavera, uma vez que o Japão conhece cinco estações do ano distintas; falta mencionar o Verão e a Estação das Chuvas, porventura em posições extremas, também elas cada vez mais difusas à medida que aumenta o buraco de ozono. (*N. da T.*)

5 No Japão os cartões-de-visita (*meishi*) desempenham um papel essencial na vida em sociedade e no mundo dos negócios, sobretudo aquando de um primeiro contacto formal. Muitos são em japonês de um lado e em inglês do outro. (*N. da T.*)

Uma torre alta e um poço profundo
(ou longe de Nomonhan)

Ao regressar a casa, nessa noite, Kumiko estava de bom humor. De *excelente* humor, melhor dizendo. Já eram quase seis horas quando voltei do meu encontro com Malta Kano, razão pela qual não tive tempo de preparar um jantar digno desse nome antes que Kumiko chegasse. Assim, tratei de preparar qualquer coisa simples com aquilo que tinha no frigorífico. Acompanhámos a refeição com uma cerveja cada um. Ela falou do emprego, como era seu costume sempre que estava bem-disposta. Contou-me o seu dia de trabalho, com quem tinha estado, quais dos seus colegas eram competentes e quais não eram. Esse tipo de coisas.

Eu escutava, limitando-me a concordar de vez em quando, sempre que me parecia oportuno. Para ser franco, só ouvi metade. Não porque aquele género de conversa me aborrecesse, pelo contrário. Pondo de parte o conteúdo do discurso, adorava ouvi-la dissertar com paixão do seu trabalho à mesa da refeição, como acontecia sempre que estava para aí virada. Isto é que é um «lar», costumava eu pensar. Significava que estávamos a fazer um bom trabalho, cada a desempenhar o papel que lhe cabia. Ela falava do seu trabalho, e eu, depois de ter tratado do jantar, ouvia. Era uma imagem muito diferente daquela que me tinha sido inculcada antes de casar. Mas este era o *lar que eu tinha escolhido*.

Evidentemente, quando era criança também eu tivera uma família a que chamara minha. Mas não tinha sido eu a escolhê-la. Tinha nascido no seu seio, fora-me apresentada como um dado adquirido, imposta pelas leis da Natureza. Agora, porém, vivia num mundo que tinha escolhido por vontade própria. Aquela era a minha casa. Podia não ser perfeita, mas, quaisquer que fossem os problemas, tomara de uma vez por todas a firme decisão de os encarar e aceitar, uma vez que era essa a minha opção de vida. Se algum problema surgia, devia tratar-se de um problema inerente à minha própria natureza.

– E o gato, a propósito? – perguntou ela.

Contei-lhe por alto o meu encontro com Malta Kano no hotel em Shinagawa. Falei-lhe na minha gravata das pintinhas. Que, por alguma razão, desaparecera do roupeiro. Disse-lhe que Malta Kano tinha conseguido dar logo comigo numa sala cheia de gente. Expliquei como ela era diferente no vestir, no falar e tudo isso. Kumiko achou graça à história do chapéu de plástico vermelho de Malta Kano, mas, em contrapartida, mostrou-se francamente desapontada por eu não ter uma resposta concreta a dar-lhe no que dizia respeito ao paradeiro do gato.

– Quer então dizer que ela não sabe o que é que aconteceu ao gato? – referiu com uma expressão preocupada. – A única coisa que sabe é que o gato já não anda por estas paragens?

– É isso – disse eu. Decidi não adiantar nada acerca da possível relação entre o desaparecimento do gato e a «corrente obstruída» do lugar onde vivíamos. Palpitava-me que isso só iria aborrecer ainda mais Kumiko e, na minha perspectiva, problemas de sobra já nós tínhamos. E arranjaríamos um

bem sério se ela começasse a dizer que aquele era um «lugar negativo» e que só nos restava sair dali a correr. Dada a nossa presente situação económica, uma mudança repentina estava fora de questão.

– O gato já não anda pela vizinhança. Isto na opinião dela.

– Ou seja, o gato não voltará para casa nunca mais.

– Isso já não sei. Ela falou sempre de uma maneira muito vaga. Limitou-se a dar palpites, mais nada. Mas disse que voltaria a entrar em contacto comigo logo que soubesse alguma coisa de concreto.

– Achas que podemos confiar nela?

– Sei lá... sou um perfeito ignorante na matéria.

Deitei mais cerveja no copo e fiquei a ver a espuma a assentar. Debruçada na mesa, Kumiko apoiou o cotovelo na mesa e encostou o queixo à mão.

– Ela deve ter-te contado que não aceita nem dinheiro nem presentes nem uma compensação de outro género – afirmou ela.

– Melhor ainda – retorqui. – Qual é o problema? Não quer o nosso dinheiro, não quer as nossas almas, não quer resgatar a princesa. Não temos nada a perder.

– Vê lá se metes isto na cabeça de uma vez por todas – disse Kumiko. – O gato é muito importante para mim. O melhor seria dizer que é muito importante para *nós* dois. Encontrámo-lo juntos, uma semana depois de estarmos casados. Lembras-te?

– Claro que me lembro.

– Era ainda um gatinho e estava todo empapado de chuva. Chovia torrencialmente, naquele dia em que te fui buscar à estação, com o guarda-chuva. Pobrezinho. Fomos dar com ele no caminho de regresso, abandonado junto a uma grade de cervejas, ao pé de uma loja de vinhos. Foi o primeiro gato que tive em toda a minha vida. Significa muito para mim, é uma espécie de símbolo. Por isso não quero ficar sem ele.

– Não te preocupes. Sei perfeitamente disso.

– Sim, mas onde é que ele pára? A verdade é que te pedi que fosses à procura dele e não o encontraste. E isto já lá vão dez dias. Essa a razão de eu ter ligado ao meu irmão. Perguntei-lhe se não conhecia alguma vidente ou uma médium capaz de nos ajudar a encontrar o gato. Não gosto de pedir nada ao meu irmão, mas o certo é que ele entende dessas coisas, herdou essa característica do meu pai.

– Ah, já me esquecia, a tradição familiar do clã Wataya! – comentei eu numa voz tão fria como o vento de noite ao cortar a enseada. – Mas que tipo de relação existe entre Noboru Wataya e essa mulher?

A minha mulher encolheu os ombros.

– O mais certo é terem-se cruzado por mero acaso. Ultimamente ele parece estar a transformar-se numa pessoa muito conhecida.

– Imagino.

– Ele diz que os poderes dessa mulher são extraordinários, mas também que ela é um tanto ou quanto estranha – adiantou Kumiko, espetando maquinalmente o garfo no macarrão gratinado. – Como é que disseste que era o nome dela?

– Malta Kano. Malta porque se dedicou à vida ascética na ilha de Malta.

– É isso. Malta Kano. O que é que achaste dela?

– É difícil dizer – respondi a olhar para as minhas mãos pousadas sobre a mesa. – Pelo menos não

morri de tédio enquanto estive na companhia dela, e isso já não é mau de todo. Vendo bem, o mundo está cheio de coisas inexplicáveis, e alguém tem de preencher esse vazio. Mais vale uma pessoa que não seja chata do que alguém que nos moa o juízo, não te parece? Como acontece com o senhor Honda, por exemplo.

Kumiko pôs-se a rir com vontade ao ouvir o nome do homem.

– Era um velhote maravilhoso, não achas? Eu tinha uma verdadeira adoração por ele.

– Também eu – confessei.

Durante o nosso primeiro ano de casamento, Kumiko e eu costumávamos ir a casa do senhor Honda uma vez por mês. Era especialista em «possessão do espírito» e gozava de grande reputação entre os membros da família Wataya, ainda que fosse particularmente duro de ouvido. Nem com o aparelho auditivo conseguia ouvir bem

o que dizíamos. Víamo-nos obrigados a gritar tão alto que a nossa voz fazia tremer o papel de arroz das *shoji*². Se era assim tão surdo, lembro-me de ter pensado, como é que ele faria para ouvir o que os espíritos tinham para lhe dizer?

Mas se calhar era precisamente ao contrário: quanto mais surdo, melhor ele conseguia ouvir a voz dos espíritos. O senhor Honda tinha perdido a audição na guerra. Devido a um ferimento provocado pelo fogo de artilharia ou por uma granada de mão, rebentaram-lhe os tímpanos quando, então oficial subalterno do Exército de Kwantung, lutava na batalha de Nomonhan, ocorrida em 1939 contra as forças aliadas da União Soviética e da Mongólia, na zona fronteiriça entre a Mongólia Exterior e a Manchúria.

Se tínhamos por hábito visitar o senhor Honda, não era porque acreditássemos nos seus poderes espirituais. Pela parte que me tocava, nunca me haviam interessado tais coisas, e, no que dizia respeito a Kumiko, basta dizer que tinha, quando comparada com os pais e o irmão, uma fé bastante tibia nos poderes sobrenaturais. Era supersticiosa até dizer chega, e um vaticínio fatídico deixava-a doente, mas nunca foi ao ponto de se envolver a fundo naquele género de actividades.

Não, se íamos a casa do senhor Honda, era porque o pai de Kumiko tinha dado ordens nesse sentido. Para ser mais explícito, foi mesmo essa a condição que pôs para dar o seu consentimento ao nosso casamento. Estranha condição, reconheço, mas o certo é que preferimos obedecer, a fim de evitar problemas desnecessários. Falando honestamente, nenhum de nós pensava obter com tanta felicidade a bênção da família. O pai dela era funcionário da administração pública. Oriundo da província de Niigata, o segundo filho de uma família remediada de agricultores, frequentara, graças a uma bolsa de estudo

atribuída pelo governo, a prestigiada Universidade de Tóquio, onde concluíra a licenciatura com distinção, e tornara-se uma figura de proa no Ministério dos Transportes. Até aqui, tudo fantástico. Porém, como acontece muitas vezes com homens daquele género que subiram a pulso na vida, era arrogante e egocêntrico. Acostumado a dar ordens, não questionava minimamente os valores que norteavam o mundo a que pertencia. Para ele, a hierarquia era tudo. Da mesma forma que obedecia cegamente às ordens superiores, não hesitava em humilhar as pessoas que estavam abaixo dele. Nem eu nem Kumiko acreditávamos por um momento que um indivíduo assim aceitasse de bom grado para noivo da sua filha um jovem de vinte e quatro anos, mais a mais um zero à esquerda como eu, sem eira nem beira, com um historial académico medíocre e sem perspectivas de futuro. Caso os pais

dela se opusessem categoricamente à nossa união, tínhamos planeado casar sem a autorização deles e irmos à nossa vida. Amávamo-nos profundamente, éramos jovens e estávamos convencidos de poder ser felizes juntos, mesmo sem dinheiro e de relações cortadas com a família.

E, com efeito, no dia em que fui a casa de Kumiko pedir a sua mão, a reacção dos pais revelou-se extremamente fria. Parecia que as portas dos frigoríficos do mundo inteiro se tinham aberto ao mesmo tempo de par em par.

Em todo o caso, se os pais de Kumiko acabaram finalmente por dar o seu consentimento, ainda que com alguma relutância, é certo – para não falar mesmo em milagre –, isso só foi possível graças ao senhor Honda. Ele colocou-me todo o género de questões e no fim declarou taxativamente que eu seria um companheiro maravilhoso e que se a filha deles dizia que queria casar-se, não poderia encontrar melhor candidato. E, mais, que se ela queria mesmo casar-se comigo, não deveriam em caso algum opor-se a esse desejo, ou as consequências seriam terríveis. Na altura os pais de Kumiko tinham uma confiança absoluta no senhor Honda e, não ousando contrariar o seu vaticínio, não tiveram outro remédio senão aceitar-me como genro.

Aos olhos da família de Kumiko, contudo, fui sempre visto como um forasteiro, um hóspede não convidado. Nos primeiros tempos de casamento, Kumiko e eu aparecíamos lá em casa para jantar duas vezes por mês, com uma regularidade pendular, mais por obrigação do que outra coisa qualquer. Para mim, aquilo constituía uma experiência detestável, situada precisamente a meio caminho entre uma penitência absurda e um suplício cruel. Durante toda a refeição, tinha a impressão de que a mesa da sala de jantar era tão comprida como a estação de comboios de Shinjuku⁷. Eles comiam e diziam qualquer coisa na extremidade oposta. Quanto a mim, estava tão longe que não devia passar de uma pequena silhueta reflectida nas suas pupilas. Esta situação prolongou-se por um ano, altura em que eu tive uma violenta discussão com o pai de Kumiko e pus fim àqueles jantares dominicais. (Depois disso não voltámos a ver-nos.) E foi assim que pude finalmente libertar-me daquele peso no estômago. Nada consome tanto uma pessoa como um esforço desnecessário e sem sentido.

Logo a seguir ao nosso casamento, a verdade é que me esforçara para manter uma boa relação com a família da minha mulher. E confesso que, para mim, visitar o senhor Honda uma vez por mês era, sem sombra de dúvida, aquilo que menos me custava fazer.

O pai da minha mulher encarregava-se dos honorários do senhor Honda. Nós só tínhamos de ir visitá-lo uma vez por mês na sua casa de Meguro e levar uma garrafa de saqué. Depois de termos ouvido o que ele tinha para nos dizer, regressávamos a casa. Tão simples como isso.

O senhor Honda caiu-nos imediatamente no goto. Era um ancião simpático, cujo rosto se iluminava à vista da garrafa de saqué que

tínhamos para lhe oferecer. Tirando o facto de ter sempre o televisor com o volume no máximo por ser duro de ouvido, parecia um velhote à maneira.

Aparecíamos lá em casa sempre da parte da manhã. De Verão como de Inverno, ele estava sempre sentado ao *kotatsu*⁸.

No Inverno tinha uma manta a cobrir-lhe as pernas e a braseira acesa; no Verão não havia nem manta nem brasas. Ao que diziam, tratava-se de um adivinho bastante famoso, mas o seu estilo de vida era extremamente frugal. De tal forma que mais parecia um eremita. A sua casa era pequena e a salinha de entrada mal dava para uma pessoa calçar e descalçar os seus sapatos. Os tapetes *tatami* no chão estavam velhinhos e no fio, e o vidro rachado da janela remendado com fita adesiva. Mesmo em frente ficava uma oficina mecânica, de onde se ouvia sempre alguém a berrar ordens a plenos

pulmões. O senhor Honda usava um quimono que tinha todo o aspecto de ser metade camisa de dormir e metade bata de trabalho, e que não mostrava sinal de ter sido lavado nos tempos mais recentes. Vivia sozinho e tinha uma mulher que vinha todos os dias para fazer a limpeza e preparar a comida. Mas não sei bem por que razão, ele recusava categoricamente que ela lhe lavasse a roupa. Uma barba descuidada projectava uma ligeira sombra branca sobre as suas faces cavadas.

Se havia alguma coisa em casa do senhor Honda que chamava a atenção era a presença enorme, quase opressiva, de um televisor a cores. Estava permanentemente ligado à televisão pública e sempre a transmitir programas da NHK. Se isso acontecia porque ele gostava especialmente daquela estação, ou se por não se dar ao trabalho de mudar de canal, ou, ainda, por se tratar de um aparelho especial que apenas captava aquela estação, nunca cheguei a perceber. Uma coisa era certa: só via a NHK.

Quando íamos a sua casa, o senhor Honda encontrava-se sempre sentado em frente do televisor, que estava colocado directamente no chão, e manobrava, incansável, os pauzinhos divinatórios espalhados ao acaso em cima do *kotatsu*. Enquanto isso, a NHK transmitia, alto e bom som e sem interrupção, programas de culinária, rubricas sobre as mil e uma maneiras de cuidar das árvores *bonsai*, telejornais e debates políticos.

– Pode dar-se o caso de não estares fadado para a jurisprudência, meu rapaz – disse-me um dia o senhor Honda. Podia perfeitamente estar a dirigir-se a uma pessoa situada vinte metros atrás de mim.

– Ah sim?! – exclamei.

– Sim. As leis, em última análise, existem para regular todos os fenómenos que se produzem sobre a face da Terra. O mundo no qual a luz é luz e a sombra é sombra. Um mundo onde o *yin* é o *yin* e o *yang* é o *yang*. Um mundo onde «eu sou eu / Ele é ele: / É Outono e anoitece». O teu lugar não é aqui. Tu pertences a um mundo intermediário, um pouco mais acima ou um pouco mais abaixo do nosso.

– Qual é melhor? – perguntei eu só por curiosidade. – Quer dizer, mais vale estar em cima ou em baixo?

– A questão não é essa – respondeu o senhor Honda. Acometido por um breve ataque de tosse, expectorou o catarro para um lenço de papel. Depois de o examinar atentamente, amarrotou o papel e deitou-o para dentro do cesto dos papéis. – Não se trata de ser melhor ou pior. A ideia, aqui, é de não resistir à corrente. Vem-se à tona quando se deve vir à tona e mergulha-se quando se deve mergulhar. Quando tiveres de subir, procura a torre mais alta e trepa por ela até ao topo. Quando tiveres de descer, procura o poço mais fundo e desce até ao fim. Quando não houver corrente, o melhor é não fazer nada. Se resistires à corrente, fica tudo seco. E se ficar tudo seco à tua volta, o mundo vê-se envolto em trevas. «Eu sou ele / Ele é eu: / É Primavera e anoitece.» Que é como quem diz, quando renuncio a mim, existo.

– Agora estamos num daqueles momentos em que não há corrente? – quis saber Kumiko.

– Como?

– SE ESTAMOS AGORA NUM DAQUELES MOMENTOS EM QUE NÃO HÁ CORRENTE? – gritou Kumiko.

– Sim, agora não há corrente – respondeu o senhor Honda, concordando com um ligeiro movimento de cabeça. – Agora é tempo de ficar quieto. Não é preciso fazer nada. Mas é preciso ter atenção à água. Num futuro próximo, este jovem arrisca-se a viver uma experiência penosa relacionada com a água. Água que se encontra num lugar onde não devia existir. Em todo o caso, muito, mas muito cuidado mesmo com a água!

A meu lado, Kumiko ia dizendo que sim com a expressão mais séria do mundo, mas eu bem via que ela estava a fazer os possíveis para não desatar a rir.

– Que tipo de água? – perguntei eu.

– Não sei – disse o senhor Honda. – Água.

Na televisão, um professor universitário qualquer defendia que o uso impreciso da gramática japonesa correspondia precisamente ao caos que reinava na vida de muito boa gente. «Falando com propriedade, não podemos falar em caos», dizia ele, «uma vez que a gramática é como o ar: mesmo que alguém do alto da cátedra determine quais as regras a seguir, isso não quer forçosamente dizer que as pessoas as sigam.» Parecia um argumento interessante, mas o senhor Honda preferiu puxar a brasa à sua sardinha e continuou a dissertar sobre a água.

– Para ser sincero, também eu passei um mau bocado por causa da água – prosseguiu ele. – Em Nomonhan não havia nem uma gota de água. A linha da frente era um pandemónio, e o abastecimento tinha sido cortado. Não havia água nem víveres. Não havia ligaduras. Não havia munições. Foi uma guerra cruel, aquela. Na retaguarda, os manda-chuvas só estavam interessados numa coisa: ocupar território, e quanto mais depressa, melhor. Ninguém queria saber do aprovisionamento das tropas para nada. Houve uma vez em que não tive água para beber durante quase três dias. De manhã, deixávamos um trapo de fora, para ver se absorvia a água. Se ficasse empapado de água do orvalho, espremiámos o tecido para ver se conseguíamos aproveitar algumas gotas para beber, mas era tudo. Não havia água a não ser essa. Cheguei a pensar que era preferível morrer. No mundo não há nada mais terrível do que a sede. Mais vale apanhar com um balázio e morrer. Companheiros meus atingidos no estômago gritavam que queriam água para beber. Alguns enlouqueceram. Um Inferno na Terra. Diante dos nossos olhos corria um rio. Se lá conseguíssemos chegar, teríamos toda a água que quiséssemos. Entre nós e o rio interpunha-se uma interminável fileira de enormes carros de combate soviéticos equipados de lança-chamas e metralhadoras inimigas dispostas como alfinetes espetados numa almofada. No alto da colina havia ainda franco-atiradores, que passavam metade da noite a disparar foguetes luminosos, um atrás do outro. Tudo o que nós tínhamos eram espingardas de infantaria de calibre 38 e vinte e cinco balas cada um. Apesar disso, muitos dos meus companheiros de armas não aguentaram e desceram até ao rio a fim de ir buscar água. Nem um regressou com vida. Foram todos mortos. Por isso estão a ver, quando é preciso estar quieto, mais vale ficar quieto.

O senhor Honda pegou num lenço de papel, assoou-se ruidosamente e, depois de examinar o muco saído do nariz durante uns instantes, amarfanhou o lenço e deitou-o no cesto dos papéis.

– É duro ter de esperar pela corrente – disse ele. – Mas, quando é preciso esperar, há que esperar, há que esperar. Nesse entretanto, é melhor fingir que se está morto.

– Está a querer dizer-me que devo fazer como se estivesse morto?

– Como?

– **ESTÁ A QUERER DIZER-ME QUE DEVO FAZER-ME DE MORTO?**

– É isso mesmo, meu filho – retorquiu ele. – «Morrer é a única maneira / de flutuar na corrente / em Nomonhan.»

O senhor Honda continuou a falar de Nomonhan durante mais de uma hora. E nós deixámo-nos ficar ali a ouvi-lo. Durante o ano em que nos dirigimos uma vez por mês a casa do senhor Honda para receber os seus ensinamentos, quase nunca aconteceu ele ter algum conselho para nos dar. Raramente

nos fez uma previsão ou coisa que o valha. Passava o tempo todo a falar-nos da guerra e da batalha de Nomonhan. Contava-nos como um obus de canhão arrancara metade da cabeça a um lugar-tenente que estava junto a ele, como se tinham lançado sobre um carro de combate soviético e o tinham incendiado com um *cocktail* Molotov, como ele e os seus camaradas haviam perseguido um piloto soviético cujo avião fizera uma aterragem forçada, e acabado com ele de um só disparo. Eram tudo histórias interessantes e plenas de mistério, mas, convenhamos, qualquer história tende a perder um pouco o fulgor depois de ouvida sete ou oito vezes a fio. Além do mais, ele não se limitava a «contar» as suas histórias num tom de voz próprio de um relato, ele gritava as suas histórias, como se estivesse de pé no alto de uma falésia num dia de forte ventania. Era como assistir a um velho filme de Kurosawa na primeira fila de um cinema de bairro. Tanto assim que, quando saíamos de sua casa, nenhum dos dois conseguia ouvir lá muito bem durante um bocado.

Mesmo assim, a nós dava-nos prazer escutar aquelas estórias, e por mim falo. Eram, na sua maioria, relatos que excediam os limites da minha imaginação. Quase todas eram terrivelmente sangrentas, mas os pormenores da batalha, ouvidos assim da boca de um velho vestido com um robe encardido que tinha todo o ar de poder morrer de um momento para o outro, perdiam o sentido da realidade e soavam como histórias fantásticas. Quase meio século antes, na zona fronteiriça entre a Manchúria e a Mongólia, a unidade do senhor Honda travara uma batalha feroz por um pedaço de terra onde nem sequer a erva crescia. Até ouvir o relato da boca do senhor Honda, não sabia quase nada sobre a batalha de Nomonhan. E, contudo, tratava-se de uma batalha heróica, que desafiava os limites da imaginação. Quase de mãos nuas, os soldados tinham-se batido contra as potentes forças mecanizadas soviéticas e haviam sido dizimados, aniquilados. Aqueles oficiais que, para evitar o massacre, tinham ordenado por sua própria iniciativa a retirada, pereceram inutilmente, impelidos pelos seus superiores ao suicídio. Muitos dos soldados que caíram às mãos dos russos recusaram-se a participar, uma vez acabada a guerra, na troca de prisioneiros, com medo de serem acusados de deserção, e acabaram os seus dias com os ossos enterrados no deserto da Mongólia. Desmobilizado e evacuado por ter perdido a audição, foi assim que o senhor Honda se converteu em adivinho.

– Há males que vêm por bem – reconheceu o senhor Honda. – Se não tivesse sido ferido no ouvido, o mais provável era ter sido enviado para alguma ilhota do Pacífico Sul e a esta hora já estaria morto. Foi o que aconteceu à grande maioria das tropas que sobreviveram à batalha de Nomonhan. A derrota de Nomonhan representou uma vergonha para o exército imperial, e todos os soldados que escaparam à morte foram enviados para os campos de batalha mais perigosos. Eram o mesmo que enviá-los para a morte. Os oficiais do Estado-Maior que tinham dado as ordens absurdas em Nomonhan fizeram depois carreira no comando central das forças armadas japoneses, em Tóquio. E, uma vez terminada a guerra, alguns deles tornaram-se mesmo políticos, ao passo que os pobres diabos que combateram debaixo das suas ordens foram quase todos exterminados.

– Por que razão constituiu a batalha de Nomonhan tamanha vergonha para o Exército Imperial? – perguntei eu. – Vendo bem, os soldados combateram todos com extrema coragem, e muitos deles morreram, não é verdade? Como é que explica que os sobreviventes tenham sido tratados com tanta crueldade?

Mas o senhor Honda não deu mostras de ter ouvido a minha pergunta. Voltou a baralhar os seus pauzinhos divinatórios.

– É preciso ter cuidado com a água – lembrou ele.

E a conversa ficou por ali.

Depois da minha discussão com o pai de Kumiko, não voltámos a casa do senhor Honda. Estava fora de hipótese continuar a frequentar a casa dele sabendo que era o meu sogro a pagar essas sessões, e a verdade é que a nossa situação financeira não era de molde a permitir um tal luxo (diga-se de passagem que eu não fazia a menor ideia a quanto ascenderia). Quando nos casámos, estávamos, falando de um ponto de vista financeiro, com a corda no pescoço. Com o tempo, acabámos por esquecer o senhor Honda, como acontece muitas vezes com as pessoas jovens e atarefadas, que aos poucos se vão esquecendo das pessoas idosas.

Já deitado, naquela mesma noite, não conseguia deixar de pensar no senhor Honda. Esforcei-me por confrontar as suas palavras com a história de Malta Kano sobre a água. O senhor Honda tinha-me dito para ter cuidado com a água. Malta Kano contara-me que tinha levado uma existência ascética na ilha de Malta durante o tempo que demorara a fazer o seu estudo sobre a água. Talvez não passasse de uma coincidência, mas o certo é que tanto um como outro davam grande importância ao elemento líquido. E agora até eu começava a ficar preocupado. Experimentei pôr-me a imaginar a cena do campo de batalha de Nomonhan: os carros de combate soviéticos e posicionamento das metralhadoras, e o rio que corria do outro lado. A sede terrível, insuportável. Na escuridão, conseguia ouvir nitidamente o rumor da corrente do rio.

– Toru – disse a minha mulher baixinho –, estás acordado?

– Sim – respondi.

– Ouve, a propósito da gravata, lembrei-me agora. Levei-a para a lavandaria em Dezembro. Estava toda amarrotada e pedi que ma passassem a ferro. Nunca mais me lembrei de passar por lá para a ir buscar.

– Dezembro? Mas isso foi há mais de seis meses!

– Bem sei. E também sei que não é meu costume fazer isso, nem esquecer-me assim das coisas. Tu já me conheces. Que raiva! E logo aquela gravata, que era tão bonita. – Ela estendeu a mão e tocou-lhe no ombro. – Levei-a à tinturaria que fica em frente da estação. Achas que ainda a têm?

– Passo por lá amanhã. É possível que a tenham guardado.

– Por que é que pensas que ainda lá está? Seis meses é muito tempo. A maior parte das lavandarias não costuma guardar mais de três meses as coisas que as pessoas se esquecem de ir buscar. É um direito que lhes assiste, diz a lei. O que é que te leva a pensar isso?

– Malta Kano disse que eu não tinha motivos para me preocupar – respondi. – Que eu ia encontrar a gravata fora de casa.

Senti a minha mulher virar o rosto para mim no escuro.

– Quer então dizer que acreditas nela?

– Não sei porquê, mas começo a acreditar.

– Não tarda nada, tu e o meu irmão ainda acabam por se tornar unha com carne – disse a minha mulher num tom divertido.

– Quem sabe?

Depois de Kumiko adormecer, continuei a pensar na batalha de Nomonhan. Ali, todos os soldados dormiam. Sobre as suas cabeças o céu estava repleto de estrelas, os grilos chilreavam às centenas.

Ouvia-se o rio. Adormeci embalado pelo rumor da corrente.

6 Portas de correr compostas de um painel fininho de madeira forrado a papel japonês, que permite a entrada da luz. Regra geral, dão acesso à *engawa* (varanda). *(N. da T.)*

7 A maior de Tóquio (Shinjuku é considerada *fukotoshin*, o segundo coração da cidade) e a mais movimentada do mundo, ao que dizem. *(N. da T.)*

8 Espécie de mesa baixa, sobre a qual se coloca uma segunda estrutura que serve de plano de apoio. Aquecida no interior, serve para manter quentes as pernas e a parte de baixo do corpo. As pessoas ajoelham-se nas almofadas ou descansam os pés no buraco aberto no chão. Os *kotatsu* modernos são dotados de uma resistência eléctrica, mas antigamente usava-se antes uma braseira. *(N. da T.)*

Viciado em rebuçados de limão

Um pássaro que não voa e um poço sem água

Depois de lavar os pratos do pequeno-almoço, peguei na bicicleta e fui até à tinturaria em frente à estação. O dono – um homem que devia andar perto dos cinquenta, magro e com a testa vincada por rugas profundas – estava a ouvir uma cassette da Percy Faith Orchestra num aparelho estéreo depositado em cima de uma prateleira. O aparelho era um enorme *JVC* com um tipo de altifalantes especiais incorporados que faziam ressaltar os sons graves e, ao lado, via-se uma pilha de cassetes. A orquestra, lançada numa apoteose de instrumentos de corda, atacava o tema de Tara². Ao fundo da loja, o patrão assobiava ao som da melodia ao mesmo tempo que, com movimentos ágeis e seguros, brunia uma camisa a ferro. Aproximei-me do balcão e, depois de debitar as desculpas da ordem, expliquei que tinha lá deixado uma gravata em finais do ano passado e que me esquecera por completo de a ir buscar. Naquele pequeno e aprazível mundo, aquilo assim dito por mim, quando eram apenas nove e meia da manhã, deve ter sido comparável à chegada de um mensageiro portador de uma notícia funesta numa tragédia grega.

– Imagino que já não tenha consigo o talão? – indagou o dono da loja lá do fundo, numa voz estranha, sem timbre. Não estava a falar comigo. Parecia estar a dirigir-se ao calendário pendurado na parede ao lado do balcão. A fotografia alusiva ao mês de Junho mostrava os Alpes – um vale verde, vacas a pastar, uma nuvem branca nitidamente recortada contra o que tanto podia ser o Monte Branco como o Monte Cervino. A seguir olhou para mim com uma expressão que dizia: «Visto que te esqueceste da maldita gravata, devias mas era ter-te esquecido dela *de uma vez por todas!*» O olhar dele, directo e eloquente, dizia tudo.

– No final do ano, não foi o que disse? Se fosse a si não tinha grandes esperanças. Afinal de contas, já lá vão mais de seis meses. Muito bem, vou dar uma olhadela, mas não prometo nada.

Desligou o ferro, pousou-o sobre a tábua de engomar e, sempre a assobiar o tema de *A Summer Place*, começou a vasculhar as prateleiras ao fundo da loja.

Aquele filme, tinha-o ido ver com a minha namorada quando andava a estudar no secundário. Os protagonistas eram Troy Donahue e Sandra Dee. Uma reposição, estava a passar numa sessão dupla a par de *Follow the Boys*, com Connie Francis. Daquilo que me lembrava, a fita era bastante fraquinha, para não dizer má, mas, treze anos depois, em plena lavandaria do bairro, aquela música só despertou em mim boas recordações.

– Uma gravata azul com pintas? – perguntou o dono. – O seu nome é Okada?

– Isso mesmo – disse eu.

– Está com sorte.

Mal cheguei a casa, fui a correr telefonar a Kumiko para o escritório.

– Tinham a gravata – disse eu.

– Ótimo – exclamou ela.

A sua voz traduzia uma entoação artificial, como acontece quando um adulto elogia uma criança que traz para casa boas notas. Aquilo fez-me sentir pouco à vontade. Devia ter esperado pela hora do almoço para lhe telefonar.

– Tiraste-me um peso de cima – continuou ela. – Mas agora tenho outra pessoa em linha, não posso falar. Desculpa. Liga-me mais tarde, pode ser? À hora do almoço ou isso.

– Está bem.

Depois de desligar, peguei no jornal e fui até à varanda. Como de costume, deitei-me de barriga para baixo, abri o matutino nas páginas de emprego e, com todo o vagar, percorri de fio a pavio aquelas colunas de anúncios cheias de códigos e abreviações incompreensíveis. No mundo existiam todos os trabalhos possíveis e imaginários. E encontravam-se escarrapachados, todos eles, na página daquele jornal, claramente divididos em rectângulos por categorias, alinhados como campas no mapa de um cemitério.

Parecia-me quase impossível encontrar ali um emprego para mim. Vendo bem, aqueles rectângulos continham informações concretas, ainda que fragmentárias, mas o certo é que não chegavam nunca a formar uma imagem global. Aos meus olhos, todos os nomes, os símbolos e os números, alinhados uns atrás dos outros, num *puzzle* disperso, pareciam o esqueleto de um animal que não era possível voltar a reconstituir.

Depois de passar uma quantidade de tempo a analisar a página de ofertas de emprego, acabava sempre por sentir uma espécie de paralisia de espírito. Cada vez compreendia menos o que queria da vida. Afinal de contas, de que andava eu à procura? Onde é que queria ir? Ou melhor, onde é que eu *não queria ir*?

Como acontecia todas as manhãs, ouvi o pássaro de corda a cantar na copa de uma árvore ali próxima. *Cric, cric, cric*. Fechei o jornal, encostei-me a uma coluna e fiquei ali sentado, a contemplar o jardim. Pouco depois o pássaro recomeçou no seu chilreio. Desta vez, o canto chegava-me aos ouvidos vindo do cimo de um pinheiro no jardim vizinho. Tentei espreitar por entre os ramos, mas o pássaro não estava à vista, apenas o seu canto se fazia ouvir. Como sempre. Era caso para dizer que já tinha dado corda ao mundo para aquele dia.

Ainda não eram dez quando começou a chover. Uma chuvinha tão fina que mal se dava por ela. Só olhando bem é que se via. Existem basicamente duas circunstâncias no mundo, quando chove e quando não chove, e a linha de demarcação divisória deve situar-se algures, entre uma e outra. Fiquei ali sentado na varanda, na esperança de divisar aquela linha que devia estar em qualquer parte.

Que havia de fazer para ocupar o tempo até à hora de almoço? Ir nadar um bocado na piscina municipal ou regressar à azinhaga para ver se encontrava o gato? Sentado de costas para a coluna, a ver a chuva a cair no jardim, considereei ambas as possibilidades durante alguns instantes.

Piscina.

Gato.

Ganhou o gato. Malta Kano tinha dito que o bichano já não andava por aquelas paragens. Mas o certo é que naquela manhã me sentia impelido a ir à procura dele, desse por onde desse. A caça ao gato convertera-se numa das minhas tarefas quotidianas. Se mais não fosse, Kumiko iria ficar

satisfeita por saber que eu me estava a esforçar por encontrar o seu animalzinho de estimação. Vesti um impermeável ligeiro. Decidi não levar chapéu-de-chuva. Calcei os ténis, enfiei a chave e uns quantos rebuçados de limão no bolso e saí de casa. Acabara de atravessar o jardim e tinha a mão em cima do muro de cimento quando ouvi o telefone tocar. Imóvel, apurei o ouvido. Tanto podia ser o nosso telefone como o de algum vizinho, não consegui perceber. A partir do momento em que uma pessoa sai de casa, todos os telefones soam da mesma maneira. Desisti, trepei pelo muro e encontrei-me na ruela.

Sentia a suavidade da erva através das solas finas das minhas sapatilhas de ténis. A azinhaga estava ainda mais silenciosa do que era costume. Parei por instantes, contive a respiração e pus-me à escuta, mas não ouvi nem um som. Até o telefone deixara de tocar. Não se ouvia nem o canto das aves nem o ruído de fundo da cidade. O céu era de um cinzento uniforme, sem uma aberta. Em dias assim, as nuvens pareciam absorver os sons da superfície da Terra, pensei. Não, não apenas os rumores. Absorviam também outras coisas. Percepções, por exemplo.

Com as mãos enfiadas nos bolsos do meu impermeável, percorri a estreita passagem. Onde havia um varal de roupa estendida, esgueirei-me pelo espaço entre os muros. Passei mesmo ao lado das goteiras das outras casas desconhecidas e avancei em silêncio por aquele caminho abandonado que mais parecia um canal. A sola de borracha dos meus ténis sobre a relva não fazia barulho nenhum. Numa das casas havia um aparelho de rádio ligado e foi esse único som que me chegou aos ouvidos durante o breve percurso. Estava sintonizada numa estação que transmitia um debate radiofónico de antena aberta. Ouvia-se um homem de meia-idade a queixar-se da sogra ao moderador do programa. Por aquilo que percebi, a mulher teria sessenta e oito anos e uma verdadeira paixão por corridas de cavalos. À medida que me afastei da casa, o som da rádio começou a ficar cada vez mais ténue até se desvanecer por completo. Era como se também o homem de meia-idade e aquela sogra fanática por cavalos que existiam em qualquer parte do mundo tivessem, aos poucos, desaparecido do mapa.

Cheguei por fim à casa abandonada. Estava ali, silenciosa como sempre. Com aquelas nuvens cinzentas em jeito de pano de fundo, a casa de dois andares com as persianas todas corridas tinha um ar verdadeiramente melancólico. Parecia um navio mercante encalhado no recife à entrada da baía e deixado a apodrecer, depois de para ali ter sido atirado pelas ondas numa noite longínqua de tormenta. Se não fosse a relva do jardim ter crescido desde a vez anterior, caso alguém me tivesse dito que por qualquer razão o tempo naquele lugar tinha parado, o mais certo era ter acreditado. Graças aos longos dias chuvosos da estação das monções, as folhas de erva brilhavam com um verde luxuriante e exalavam o odor selvagem que só pode emanar de algo que mergulha as suas raízes na terra. Mesmo no meio daquele mar de erva, destacava-se o pássaro de pedra, precisamente na mesma posição em que estava da outra vez, com as asas abertas, prestes a levantar voo. Era óbvio que aquele pássaro nunca levantaria voo. Tanto eu como o pássaro estávamos fartos de saber isso. Imobilizado naquele lugar, só lhe restava esperar que chegasse o dia em que o levassem dali para fora, ou então que o deitassem abaixo. Essas eram as duas possibilidades que tinha de sair daquele jardim. A única coisa que ali dentro se mexia era uma pequena borboleta branca desenhada da estação que esvoaçava ao sabor da brisa por entre as ervas. A borboleta parecia uma pessoa à procura de qualquer coisa que continuava a escapar-lhe da memória. Ao fim de cinco minutos de busca infrutífera, a borboleta voou dali para fora.

Permaneci durante alguns instantes encostado à cancela, a contemplar o jardim. Não havia indícios do gato. Não havia indícios de nada. Aquele sítio parecia uma lagoa de água estagnada, como se uma

força extraordinariamente poderosa tivesse interrompido o curso natural das coisas.

De repente senti a presença de alguém atrás de mim e virei-me. Ninguém. No outro lado da azinhaga, não existia nada a não ser a sebe da casa em frente e uma portinhola. A portinhola onde a rapariga tinha aparecido. Só que agora estava fechada, e lá atrás no jardim não se via vivalma. Estava tudo mergulhado em silêncio, impregnado de uma ligeira humidade. Cheirava a ervas daninhas e a chuva. Cheirava ao meu impermeável. E também ao reбуçado de limão meio derretido que tinha debaixo da língua. Respirei fundo e todos os perfumes se fundiram num só. Tornei a virar-me para olhar em volta. Ninguém. Apurando o ouvido, captei ao longe o ruído surdo de um helicóptero. Devia estar a voar acima das nuvens. Mas também este ruído pouco a pouco se desvaneceu, e o silêncio não tardou a abater-se de novo sobre aquele lugar.

À entrada da cerca que rodeava o jardim da casa desabitada havia, como seria de esperar, uma cancela. Quando experimentei dar-lhe um empurrão, abriu-se com surpreendente facilidade, como se me convidasse a entrar. «Não tem dificuldade nenhuma», parecia estar a dizer-me. «Só tens de entrar, mais nada.» Por mais desabitada que a casa pudesse estar, entrar sem licença numa propriedade alheia não deixava, no entanto, de constituir um acto ilegal, e nem sequer precisava de apelar a todos os conhecimentos jurídicos adquiridos ao longo de oito anos de estudo aturado. Se um vizinho desconfiado visse alguém dentro de casa e chamasse a Polícia, apareciam logo os agentes e lá teria de me sujeitar a interrogatório. Bem, podia dizer-lhes que andava atrás do gato. Que o meu gato desaparecera e que andava à procura dele por todo o bairro. Nessa altura os polícias tratariam de me perguntar a morada e a profissão. E eu ver-me-ia obrigado a confessar-lhes que estava desempregado. O que só iria pô-los ainda mais de pé atrás. Por aqueles dias as forças de lei e da ordem mostravam-se terrivelmente nervosas por causa do terrorismo de extrema-esquerda. Viam terroristas em tudo quanto era sítio nas ruas de Tóquio e estavam convencidos de que escondiam arsenais de armas e bombas artesanais debaixo do chão. Era provável que telefonassem à minha mulher para o emprego, a fim de confirmarem a minha versão dos factos. E nesse caso Kumiko iria decerto ficar bastante transtornada.

Ora, que se lixasse! Empurrei rapidamente a cancela e entrei no jardim. Lembro-me de ter pensado: «Se *tiver* que acontecer alguma coisa, que aconteça. Por mim é igual ao litro.»

Atravessei o jardim, sempre a olhar furtivamente para todos os lados. Os meus ténis continuavam a pisar a erva sem o mínimo ruído. Havia umas quantas árvores de fruto baixas, cujo nome desconhecia, e uma vasta superfície relvada. Mas estava tudo de tal forma coberto de ervas daninhas que quase não dava para distinguir uma coisa da outra. Duas das árvores, com o tronco coberto de tenebrosas trepadeiras de coroas-de-cristo, pareciam ter sido estranguladas até à morte. Uma enfiada de *Osmanthus* da China junto à cancela estava toda branca de ovos de insectos. Um pequeno moscardo zumbiu durante instantes ao pé do meu ouvido.

Passando pela estátua, encaminhei-me para o sítio onde se via uma pilha de cadeiras de plástico brancas debaixo do beiral e peguei numa para a examinar. A cadeira de cima tinha uma camada de terra, mas a de baixo já não estava assim tão suja. Sacudi a terra com a mão e sentei-me. Fiquei tapado pelas ervas daninhas, por isso da azinhaga ninguém me podia ver, e, uma vez que estava abrigado debaixo da goteira, também não corria perigo de me molhar. Ali sentado, pus-me a assobiar a abertura de *La Gazza Ladra* de Rossini. A mesma melodia que estava a assobiar quando me preparava para pôr o esparguete ao lume e aquela mulher tinha telefonado.

Sentado no jardim deserto, sem ninguém por perto, enquanto contemplava as ervas e o pássaro de

pedra e assobiava mal e porcamente, tive a sensação de regressar à minha infância.

Encontrava-me num lugar secreto que ninguém conhecia. Ninguém me podia ver. Ao pensar nisso, senti-me invadido por uma grande serenidade. Deu-me vontade de atirar uma pedra – nem que fosse uma pedrinha, já serviria – a uma coisa qualquer. O pássaro de pedra daria um bom alvo. Mas sem deixar que ninguém me visse e sem fazer barulho. Costumava brincar assim quando era miúdo. Arranjava uma lata vazia e entretinha-me a arremessar pedras lá para dentro até ficar cheia. Podia estar horas naquilo. Mas acontecia que naquele momento não tinha pedra nenhuma. Paciência. Nem sempre temos aquilo que queremos à mão de semear.

Levantei os pés, dobrei os joelhos e encostei o queixo à mão. Depois fechei os olhos e assim me deixei ficar durante algum tempo. Continuava a não se ouvir nada. A escuridão por detrás das minhas pálpebras cerradas assemelhava-se a um céu coberto de nuvens, mas o cinzento era um tudo-nada mais carregado. A cada instante aparecia alguém e acrescentava outra pincelada de cinzento de um tom diferente. Mais dourado ou verde ou vermelho-vivo. Estava siderado com a quantidade de tonalidades de cinzentos que existiam neste mundo. O ser humano é um verdadeiro poço de mistérios, pensei, bastam dez minutos de olhos fechados para contemplar aquela espantosa paleta de cinzentos.

Continuei a assobiar sem pensar em nada, desfolhando mentalmente o mostruário com todas aquelas variações de cinzentos.

– Ei – disse alguém.

Abri os olhos de repente. Inclinei-me um pouco para conseguir ver a cancela através da vegetação. Estava aberta de par em par. Alguém me seguira até ao jardim. O meu coração começou a bater, acelerado.

– Ei – repetiu esse alguém.

Era uma voz feminina. Saiu de trás da estátua do pássaro e aproximou-se. Era a rapariga que da outra vez estava a apanhar banhos de sol no jardim da casa em frente. Trazia novamente a *T-shirt* azul-celeste, os mesmos calções, e arrastava ligeiramente a perna ao andar. A única coisa diferente era que não trazia óculos de sol.

– Que fazes aqui? – perguntou.

– Estou a ver se encontro o gato – respondi.

– Tens a certeza? Pois olha que não estás com ar disso. Aqui sentado, muito quietinho, a assobiar de olhos fechados... Muito me espantaria se encontrasses alguma coisa assim, não achas?

Corei um nadinha.

– Não é que me rale com isso, mas alguém que não te conheça ainda pode pensar que és um perverso qualquer – continuou ela, antes de fazer uma pausa. – Não és um perverso, pois não?

– Não, não me parece – repliquei.

Ela aproximou-se e, depois de passar cuidadosamente em revista as cadeiras amontoadas, acabou por escolher a que estava menos suja, pousou-a no chão e sentou-se.

– Além do mais, não sei o que estavas a assobiar, mas fica sabendo que assobias pessimamente. Não és homossexual, pois não?

– Não me parece – disse eu. – Por que é que perguntas isso?

– Alguém me disse que os homossexuais não sabiam assobiar. É verdade?

– Isso já não sei dizer.

– Atenção, tanto se me dá como se me deu que sejas homossexual ou perverso. A propósito, como é que te chamas? Se não sei o teu nome, não te posso chamar.

– Toru Okada – disse eu.

Ela repetiu várias vezes o meu nome para si mesma.

– Não se pode dizer que seja lá muito sonante, o teu nome.

– Talvez não – retorqui. – Sempre achei que tinha nome de ministro dos Negócios Estrangeiros do tempo antes da guerra¹⁰. *Toru Okada*. Não achas?

– Não me diz nada. Mas também é preciso ver que sou uma nulidade a História. Era a minha pior disciplina. Para o caso, tanto faz. Não tens um diminutivo? Um nome que seja mais fácil de pronunciar que Toru Okada?

Não me lembro de ter alguma vez tido um diminutivo. Nunca ninguém me tinha posto um. Por que seria?

– Não tenho nenhum – respondi.

– Nem sequer «urso» ou «rã» ou uma coisa do género?

– Nada.

– Não é possível – exclamou ela. – Pensa lá num nome qualquer.

– Pássaro de corda – disse eu.

– Pássaro de corda? – repetiu ela espantada, olhando para mim com a boca aberta. – E isso é o quê?

– Um pássaro que dá corda – expliquei eu. – Todas as manhãs, no cimo de uma árvore, dá corda ao mundo. *Cric, cric, cric*.

Ela continuou a olhar para mim em silêncio.

– Veio-me assim à ideia – disse eu, soltando um suspiro. – Há mais. É um pássaro que aparece todos os dias ao pé de minha casa e começa a fazer *cric, cric, cric* na árvore de um dos meus vizinhos. Mas nunca ninguém lhe pôs a vista em cima.

– Ah, que giro – disse ela. – Ficamos então assim. Também não deixa de ser difícil de pronunciar, senhor Pássaro de Corda, mas sempre é melhor do que Toru Okada.

– Muito agradecido.

Ela pôs os dois pés em cima da cadeira e pousou o queixo nos joelhos.

– E tu, como te chamas?

– May Kasahara. «May» de Maio.

– Nascestes no mês de Maio?

– Isso é pergunta que se faça? É óbvio, não? Já imaginaste a confusão que era se tivesse nascido em Junho e me chamasse May?

– Tens razão – disse eu. – Mas diz-me uma coisa, já não vais à escola?

– Estive todo o tempo a olhar para ti, senhor Pássaro de Corda – afirmou ela, não fazendo caso da minha pergunta. – Estava à janela do meu quarto com um binóculo e vi-te abrir a cancela e entrar. Tenho sempre um binóculo pequeno à mão, para vigiar o que acontece na ruela. Podes não acreditar, mas isto aqui tem muito movimento. E não só de pessoas, animais também. Aposto que não sabias isso. E tu, o que é que estiveste a fazer este tempo todo, sozinho aqui sentado?

– Nada de especial – respondi. – A pensar nas coisas do passado, a assobiar...

May Kasahara pôs-se a morder uma unha.

– Tu és um bocado estranho, não sei se já te disse...

– Não sou estranho. Toda a gente faz isso.

– Pode ser que sim, mas não costumam fazer isso no jardim de uma casa abandonada. Se uma pessoa quiser estar na lua, a pensar na morte da bezerra e a assobiar, pode fazê-lo no jardim da sua casa.

Nesse ponto, ela tinha toda a razão do mundo.

– Voltando à vaca fria. Estou a ver que *Noboru Wataya* ainda não regressou a casa. É isso?

Fiz que não com a cabeça.

– Também não o viste desde aquele dia?

– Um gato castanho, malhado, com a ponta da cauda ligeiramente dobrada, não é? Não, não o vi. E olha que me fartei de procurar.

Tirou um maço de *Hope* normal do bolso dos calções e acendeu um cigarro. Deixou-se ficar ali a fumar em silêncio durante um bocado e depois olhou para mim de frente.

– Olha lá, não estarás a perder cabelo?

Instintivamente, levei a mão à cabeça.

– Não é aí, tolinho – disse ela. – À frente, no sítio onde nasce o cabelo. Não te parece que tens umas entradas maiores do que é costume?

– Nunca tinha reparado nisso.

– De certeza que vais começar a ficar calvo aí nessa zona. Acredita, disso entendo eu. Em todo o caso, estás a ver, a linha de nascimento do cabelo vai começar a retroceder assim. – Juntando o gesto à palavra, ela agarrou com força na sua franja, pô-la para trás e deixou a testa branca à vista.

– É bom que tenhas cuidado.

Toquei no sítio onde o cabelo nasce. Talvez fosse apenas imaginação minha, mas, agora que ela falava naquilo, queria-me parecer que os meus cabelos estavam a nascer mais para trás. Bonito, mais uma preocupação.

– Mas como é que uma pessoa tem cuidado?

– Bom, para ser franca não há nada a fazer. A calvície não tem remédio. Quem está condenado à calvície fica careca, mais dia, menos dia. Passam a vida a dizer que, se uma pessoa tiver cuidado e fizer certos e determinados tratamentos, pode evitar a queda do cabelo. Uma treta. Basta olhar para os sem-abrigo que andam a dormir na estação de Shinjuku^u. Não encontras nem um careca, todos eles têm farta cabeleira. E olha, não estás a vê-los a lavar a cabeça todos os dias com champô *Clinique* ou *Vidal Sassoon*... Ou achas que todos os dias esfregam o couro cabeludo com a loção X? Isso foi inventado pelos fabricantes de cosméticos para sacar dinheiro às pessoas que andam a perder cabelo.

– É possível que tenhas razão – disse eu, impressionado. – Mas como é que sabes tantas coisas acerca da calvície?

– Tenho andado a trabalhar em regime de tempo parcial para uma empresa de perucas. Como não vou às aulas, sobra-me muito tempo livre. Estou encarregada de fazer inquéritos, testes e coisas do género. É por isso que sei imensa coisa acerca das pessoas calvas. Quase pareço uma enciclopédia ambulante.

– Caramba! – disse eu.

– Queres saber uma coisa? – perguntou ela, deitando a beata para o chão e apagando-a com a ponta do sapato. – Na empresa onde trabalho estamos terminantemente proibidos de usar a palavra «careca». Temos de dizer «pessoa com problemas capilares» ou «pessoa com pouco cabelo».

«Careca» é um termo depreciativo. Uma vez, na brincadeira, sugeri: «portadores de deficiências capilares» e, fogo, ficaram danados comigo! «Fique a menina sabendo que não se deve brincar com coisas sérias», advertiram-me. Todos eles levam o trabalho muito a sério. Sabes uma coisa? Não sei se já deste por isso, mas as pessoas que habitam este mundo são todas terrivelmente sérias.

Tirei um rebuçado de limão do pacote, meti-o na boca e ofereci outro a May Kasahara. Ela recusou-o com um movimento de cabeça e voltou a puxar de um cigarro.

– Agora que penso nisso, senhor Pássaro de Corda – disse ela –, continuas desempregado?

– Sim.

– E tens vontade de trabalhar a sério?

– Claro que sim. – Ainda as palavras não me tinham saído da boca e já começava a ter as minhas dúvidas. – A verdade é que não tenho a certeza – rectifiquei. – Como é que te hei-de explicar? Tenho a impressão de que preciso de tempo para pensar. Não te posso dar uma resposta a isso, eu próprio não compreendo muito bem.

May Kasahara olhou para mim durante alguns instantes mordiscando a unha.

– Diz-me uma coisa, senhor Pássaro de Corda. Por que é que não experimentas vir trabalhar comigo durante um dia? Para a fábrica de perucas? Não pagam grande coisa, é certo, mas em compensação o trabalho é fácil e sempre ficas com tempo livre. Que me dizes? Não penses muito nisso. Experimenta durante algum tempo uma ocupação temporária deste género, pode ser que fiques com as ideias claras. Sempre é uma mudança.

Não era uma ideia má de todo, pensei.

– Não é uma ideia má de todo – disse.

– OK. Da próxima vez vou-te buscar. A propósito, diz-me onde é que fica a tua casa.

– É um bocado difícil explicar. E daí talvez não. Vais até ao fundo da ruela, contornas sempre até que à tua esquerda vês uma casa com um *Honda Civic* vermelho estacionado à porta. No pára-choques tem um daqueles autocolantes que dizem «Paz a Todos os Povos do Mundo». A minha casa fica logo a seguir mas, como não tem entrada pela azinhaga, é preciso saltar o muro de cimento, quase da minha altura.

– Não te preocupes, consigo saltar um muro dessa altura nas calmas.

– Não te faz doer a perna?

Ela soltou uma espécie de suspiro à mistura com fumo de cigarro.

– Não há problema. Coxeio um bocado quando tenho os meus pais à perna e não quero ir às aulas. Primeiro só fazia fita diante dos meus pais, mas depois tornou-se um tique. Agora, dou por mim a coxear até quando não tenho ninguém a ver-me, quando estou sozinha no meu quarto. Sou uma perfeccionista, eu. Como é que se costuma dizer? «Para enganar os outros, começa por ter enganar a ti mesmo.» Não é assim, Pássaro de Corda? Olha lá, e tu, és do género corajoso?

– Não muito – disse eu.

– Nunca deste mostras de coragem, que te lembres?

– Nunca me senti especialmente corajoso, não. E não me parece que isso vá mudar.

– E curiosidade? Tens?

– Isso já é outra história. Curioso, posso dizer que sou.

– E não te parece que a coragem e a curiosidade têm pontos em comum? – indagou May Kasahara.

– Onde há curiosidade, há coragem, e quando somos curiosos, arranjamos a coragem necessária. Não será assim?

– Se calhar tens razão. É possível que tenham pontos em comum – respondi.

– Como acontece quando alguém entra em casa de outra pessoa sem pedir licença.

– Por exemplo – admiti eu, fazendo rolar o rebuçado de limão na língua. – Quando se penetra num jardim de uma casa desconhecida, parece que a coragem e a curiosidade funcionam em conjunto. Às vezes, a curiosidade pode despertar a coragem ou avivá-la. Na maioria dos casos, porém, a curiosidade é sol de pouca dura. Ao passo que a coragem tem de percorrer um longo caminho. A curiosidade é como um amigo simpático em quem não se pode confiar. Leva-nos a fazer coisas mas, quando chega a hora da verdade, recua e deixa-nos ficar pendurados. E nessa altura tens de ser tu a reunir coragem para seguir em frente.

Ela ficou um bocado a matutar naquilo que eu tinha dito.

– Sim – concordou. – Também podemos ver a questão por esse prisma. – A seguir levantou-se da cadeira e com a mão sacudi o pó que se tinha agarrado à parte de trás dos calções. Depois baixou o olhar para mim.

– Diz-me uma coisa, senhor Pássaro de Corda, gostavas de conhecer o poço?

– O poço? – perguntei. – Que poço?

– Existe um poço seco aqui por perto – explicou ela. – É uma coisa que me fascina imenso. Queres ir vê-lo?

O poço ficava do outro lado do jardim, ao pé da casa. Era redondo, com cerca de um metro e meio de diâmetro, e estava tapado com uma grossa tampa redonda de madeira fixada por dois blocos de cimento. Junto da boca do poço, mais ou menos com um metro de altura, erguia-se, protectora, uma velha árvore. Era uma árvore de fruto, ainda que eu não soubesse o nome ao certo.

Como quase tudo o que dizia respeito àquela casa, o poço tinha todo o aspecto de estar abandonado. Respirava-se ali uma atmosfera de apatia que se podia definir como «imobilidade esmagadora». Como se as coisas inanimadas se tornassem ainda mais sem vida quando as pessoas deixavam de lhes prestar atenção.

Ao aproximar-me, no entanto, e observando tudo aquilo mais de perto, dei-me conta de que, na realidade, o poço datava de uma época anterior à construção da casa. A julgar pela tampa de madeira, era uma verdadeira relíquia. A borda do poço estava revestida de uma sólida camada de cimento, mas esta parecia ter sido aplicada – provavelmente com o propósito de o reforçar – sobre a estrutura antiga. Até a árvore que se erguia ao lado do poço dava a impressão de se encontrar ali desde muito antes que as outras árvores em redor.

Levantei a pedra, afastei os dois pedaços de madeira em forma de meia-lua que formavam a cobertura, apoiei uma mão no parapeito, inclinei-me e pus-me a espreitar lá para baixo, mas não consegui alcançar o fundo. Via-se que o poço era profundo, pois a partir de um certo ponto sumia-se na escuridão total. Aspirei o ar. Cheirava ligeiramente a mofo.

– Não tem água – disse May Kasahara. – É um poço sem água.

Um poço sem água. Um pássaro que não pode voar... pensei eu. E uma ruela sem saída.

May deitou a mão a um pedaço de tijolo caído ali ao pé e atirou-o para dentro do poço. Pouco depois ouviu-se um pequeno ruído seco. Mais nada. Um rumor surdo e apagado, como se alguém

estivesse a triturar alguma coisa com as mãos. Endireitei-me e olhei May Kasahara nos olhos.

– Por que será que não tem água? Terá secado naturalmente, ou tê-lo-ão enchido de terra?

Ela encolheu os ombros.

– Se alguém o tivesse enchido de terra, estaria cheio até cima. Deixá-lo assim, até meio, não faz sentido, além de ser perigoso: se alguém cair lá dentro, pode magoar-se. Não te parece?

– Sim, acho que tens razão – disse eu. – Deve ter ficado seco por algum motivo.

Veio-me de repente à cabeça aquilo que o senhor Honda tinha dito. «Vem-se à tona quando se deve vir à tona e mergulha-se quando se deve mergulhar. Quando se vem à tona, há que procurar a torre mais alta e subir até ao cimo. Quando se mergulha, há que descobrir o poço mais fundo e descer mesmo até lá abaixo.» E agora tinha ali um poço, para o que desse e viesse.

Debrucei-me outra vez e fiquei ali a perscrutar a escuridão, sem pensar em nada de especial. Espantei-me pelo facto de num lugar daqueles, em pleno dia, poder existir tamanha escuridão. Aclarei a garganta e engoli em seco. O som ecoou na obscuridade, como se outra pessoa que não eu tivesse pigarreado. Ainda tinha na boca o gosto do rebuçado de limão.

Tapei o poço e voltei a pôr os blocos de pedra em cima, no sítio onde os havia encontrado. Em seguida vi as horas. Eram quase onze e meia. Tinha ficado de ligar a Kumiko ao meio-dia.

– Tenho de voltar para casa – disse.

May Kasahara fez uma pequena careta.

– À vontade, senhor Pássaro de Corda – respondeu ela. – Vá lá a voar para sua casa.

Atravessámos o jardim em diagonal. A estátua do pássaro continuava a olhar fixamente para o céu com os seus olhos de pedra. O céu permanecia coberto de nuvens cinzentas, sem uma brecha, mas ao menos tinha parado de chover. May Kasahara arrancou um punhado de erva e atirou-o ao ar. À falta de vento, as ervinhas foram caindo, uma a uma, a seus pés.

– Ainda falta muito tempo para o pôr do Sol – disse ela sem olhar para mim.

– Lá isso é verdade – disse eu. – Uma data de horas.

⁹ Tara é o nome da plantação de Scarlett O'Hara (Vivien Leigh), no filme *E Tudo o Vento Levou* (1939). O «Tema de Tara» remete para a conhecida música do filme, composta por Max Steiner. (*N. da T.*)

¹⁰ Keisuke Okada (1868-1952) desempenhou as funções de primeiro-ministro do Japão entre Julho de 1934 e Março de 1936. (*N. da T.*)

¹¹ A partir da década de 1980, nos corredores da estação mais movimentada do mundo, um número impressionante de sem-abrigo construiu uma espécie de «aldeia» de cartão. Mais tarde, numa medida muito contestada, o governo obrigou os desalojados a sair dali. (*N. da T.*)

Onde se conta a história de Kumiko Okada
e de Noboru Wataya

Na qualidade de filho único, tenho dificuldade em imaginar os sentimentos que podem existir entre um irmão e uma irmã adultos que levam cada um a sua vida independente.

No caso de Kumiko, sempre que a conversa recai em Noboru Wataya, ela costuma ficar com uma expressão um bocado estranha, como se tivesse acabado de meter na boca qualquer coisa com um gosto esquisito, mas agora que sentimento se esconde por trás dessa expressão, isso é coisa que eu não saberia dizer *ao certo*. Kumiko tinha perfeita consciência de que eu não nutria pelo irmão a mínima simpatia, e achava isso perfeitamente normal. De resto, pela parte que lhe toca, não se pode dizer que tenha pelo irmão uma predilecção especial. Se não fossem os laços de sangue, não creio que entre ela e Noboru existisse o mínimo indício de fraternidade. Mas a verdade é que são irmão e irmã, e isso torna logo as coisas um nadinha mais complicadas.

Nos últimos tempos, Kumiko e Noboru pouco ou nada se viam. Pela minha parte, em casa dos meus sogros nunca meto os pés. Tal como já aqui disse antes, cortei relações com a família depois de ter discutido com o pai dela. Estamos a falar de uma discussão bastante feia. Contam-se pelos dedos as discussões que já tive nos dias da minha vida, mas, em compensação, quando elas acontecem, levo-as muito a sério e até às últimas consequências. Curiosamente, depois de ter perdido as estribeiras e dito ao senhor tudo o que tinha na gana, a minha raiva contra ele havia desaparecido como que por magia. Tive a sensação de me libertar de um fardo que carregara durante muito tempo, ainda que não lhe guardasse ódio nem nada que se parecesse. Cheguei mesmo a pensar que a vida daquele homem, por mais absurda e revoltante aos meus olhos, deveria ter sido muito dura. Disse a Kumiko que nunca mais queria voltar a ver os seus pais, mas que ela era livre de o fazer, uma vez que não era assunto que me dissesse respeito. «Não tem grande importância», dissera ela. «A verdade é que também não tinha grande vontade de estar com eles.»

Naquela época, Noboru Wataya vivia ainda na casa paterna, mas não tomou partido na disputa entre o pai e eu; pelo contrário, manteve-se afastado, adoptando uma atitude displicente, sem manifestar qualquer interesse pelo nosso diferendo. À partida, não era de estranhar. Noboru Wataya nunca havia demonstrado o menor interesse pela minha pessoa e sempre recusara ter comigo qualquer contacto para além do estritamente necessário. Por isso, quando deixei de aparecer em casa dos meus sogros, deixei ao mesmo tempo de ter oportunidade para me encontrar com ele. Quanto a Kumiko, também não havia qualquer razão especial que a levasse a querer vê-lo. Ele estava ocupado, ela estava ocupada, sem esquecer que a relação entre os dois nunca tinha sido particularmente estreita, unha com carne, como se costuma dizer.

Ainda assim, Kumiko telefonava por vezes a Noboru Wataya para o escritório que ele ocupava no departamento de investigação da universidade, e também acontecia que Noboru Wataya lhe ligava a ela para o emprego (mas nunca para casa). «Hoje o meu irmão telefonou», «Hoje telefonei ao meu

irmão para o escritório», dizia-me Kumiko volta e meia. Kumiko costumava referir esses telefonemas recíprocos, mas sem nunca me contar em pormenor o teor das conversas. Eu nunca lhe perguntei nada, e ela só me dava as explicações indispensáveis.

Por mim, o teor das conversas entre eles era-me perfeitamente indiferente. Também não se podia dizer que me incomodasse o facto de saber que a minha mulher falava ao telefone com o meu cunhado. Para ser franco, escapava-me a razão para tal. Que género de conversa é que poderia existir entre duas pessoas que tinham tão pouco em comum? Queria isso dizer que os laços de sangue estavam a começar a criar entre eles uma relação especial?

Ainda que fossem irmão e irmã, entre Noboru Wataya e a minha mulher havia nove anos de diferença. Além disso, outra das razões que ajudava a explicar aquela evidente falta de intimidade entre os dois irmãos era o facto de Kumiko ter sido, desde muito pequena, educada pelos avós paternos.

Inicialmente, Noboru Wataya e Kumiko não eram os únicos filhos. Tinham uma irmã do meio, cinco anos mais velha do que Kumiko. Aos três anos de idade, porém, Kumiko tinha sido confiada aos avós paternos, abandonando Tóquio para ir viver em Niigata. Foi ali que a avó paterna a criou. A razão oficial que mais tarde os pais de Kumiko lhe deram era que tinha, de nascimento, uma constituição débil, e que seria melhor para ela crescer no campo, onde havia bons ares, mas ela nunca engoliu esta história. Tanto quanto se lembrava, fora sempre de natureza robusta e não só nunca tinha estado doente como não se recordava de ver ninguém à sua volta preocupado com o seu estado de saúde. «Devia ser uma desculpa para me afastar, mais nada», disse-me Kumiko uma vez.

Segundo lhe contou mais tarde um dos seus parentes, acontece que entre a avó e a mãe de Kumiko havia desde há muitos anos uma profunda discórdia, e a decisão de deixar Kumiko entregue aos cuidados dos avós em Niigata funcionou como uma espécie de trégua entre ambas. Ao confiar a sua filhinha, os pais de Kumiko aplacavam assim durante algum tempo a ira da avó, e esta, por sua vez, ao receber a incumbência de tratar da neta, via reforçados os vínculos com o seu próprio filho (e pai de Kumiko). Por outras palavras, Kumiko tinha sido usada como uma espécie de refém.

«Além disso», acrescentara Kumiko, «como eles já tinham dois filhos, um rapaz e uma rapariga, o facto de ficarem sem mim não constituía uma grande perda. Não quer dizer que tivessem a intenção de me abandonar, nada disso; enviaram-me para ali como se a coisa não tivesse grande importância, pensando que eu ainda era muito pequena e que isso não me afectaria. O mais certo é nem sequer terem pensado duas vezes no assunto. Em muitos sentidos, era a solução mais prática para todos. Dá para acreditar? Eu não entendo. Não tinham a menor noção do efeito desastroso que um gesto desses poderia ter numa criança pequena.»

Entre os três e os seis anos, Kumiko foi assim educada pela avó, em Niigata. Levava uma vida normal, e não se pode dizer que fosse infeliz. A avó tinha uma verdadeira adoração por ela e, verdade seja dita, Kumiko divertia-se mais a brincar com os primos da sua idade do que com os irmãos, muito mais velhos do que ela. Quando chegou a altura de entrar para a escola primária, regressou finalmente a Tóquio. Os seus pais tinham, entretanto, começado a sentir-se cada vez mais inquietos com a longa separação e fizeram questão de levar a filha de volta para Tóquio antes que fosse demasiado tarde. Mas, de certa maneira, *já* era demasiado tarde. Nas semanas que se seguiram à decisão de a mandar regressar, a avó começou a mostrar-se terrivelmente agitada, com os nervos à

flor da pele. Deixou de se alimentar decentemente e perdeu o sono. Desatava a chorar sem razão e, no minuto seguinte, movida por uma fúria violenta, agarrava em Kumiko e batia-lhe com uma régua, ao ponto de lhe deixar os braços marcados. Num minuto dizia que não a queria deixar partir, que preferia morrer a ficar sem ela; no outro, que nunca mais queria voltar a pôr-lhe a vista em cima. «Não te quero ver, vai-te embora, desaparece!» Referia-se à mãe de Kumiko nos termos mais insultuosos, dizendo-lhe que ela era uma megera. Chegou mesmo a fazer menção de cortar os pulsos com uma tesoura. Kumiko não conseguia compreender o que diabo estava a acontecer à sua volta.

A reacção dela foi refugiar-se no seu canto, fechando provisoriamente o coração ao mundo exterior. A situação chegara a um ponto que superava largamente a sua capacidade de compreensão. Fechou os olhos, tapou os ouvidos, deixou de pensar, de desejar o que quer que fosse. Os meses seguintes constituíram uma espécie de vazio. Daí que ainda hoje não se lembre de nada do que lhe aconteceu durante aquele período. Quando se deu conta, já estava de novo a viver com a sua nova família. Na casa de onde nunca deveria ter saído. Na companhia dos seus pais, do irmão e da irmã. Mas aquele não era o *seu lar*. Não passava, pura e simplesmente, de *um novo ambiente familiar*.

Naquela nova atmosfera, Kumiko transformou-se numa criança difícil e taciturna. Não sabia em quem confiar, quem procurar em busca de apoio incondicional. Não se sentia segura nem sequer quando o pai ou a mãe a abraçavam. O odor que se desprendia dos seus corpos não libertava nela recordação alguma. Mais, era um cheiro que a deixava terrivelmente inquieta, ao ponto de o odiar. De toda a família, a única pessoa a quem conseguia, em parte, abrir o coração era a sua irmã mais velha. Os pais mostravam-se desorientados perante uma filha tão problemática, e o seu irmão, naquela época, mal lhe prestava atenção. Apenas a irmã pareceu entender o estado de perplexidade e a solidão com que ela se debatia. Dando mostras de grande paciência, começou então a ocupar-se de Kumiko. Dormia no mesmo quarto que ela, conversava com ela, lia-lhe livros, levava-a à escola, ajudava-a a fazer os trabalhos de casa. Se acontecia Kumiko fechar-se no quarto, a um canto, a chorar durante horas a fio, permanecia a seu lado, abraçando-a e fazendo os possíveis por animar a irmã. Fez tudo o que estava ao seu alcance para ajudar a irmã a abrir o seu coração. Se não tivesse morrido por causa de uma intoxicação alimentar no ano seguinte, a situação teria certamente sido diferente.

«Se a minha irmã fosse viva, as coisas lá em casa poderiam ter corrido melhor», costumava dizer Kumiko. «Ela tinha apenas onze anos, mas era uma presença indispensável na família. Se não tivesse morrido, teria sido melhor para todos nós. Pela parte que *me* toca, eu não seria um caso perdido. Compreendes? Desde então, sempre me senti terrivelmente culpada, em relação a tudo. De que é que servia eu estar viva, eu que não era útil a ninguém, nem conseguia fazer ninguém feliz? Por que é que não tinha morrido eu no lugar da minha irmã? Além do mais, tanto os meus pais como o meu irmão, sabendo perfeitamente como eu me sentia, nunca me dirigiram uma única palavra afectuosa. Pelo contrário, não perdiam uma ocasião para falar da minha irmã desaparecida. De como era bonita e inteligente. De como toda a gente gostava dela. De como era compreensiva e atenta, de como tocava bem piano. Ouve, até lições de piano *me* obrigaram a ter! Isto porque, depois da morte da minha irmã, alguém tinha de usar o piano de cauda que havia lá em casa. Mas eu não estava minimamente para aí virada. Sabia que nunca conseguiria tocar tão bem como ela e, ao mesmo tempo, não queria que eles estivessem sempre a pensar que eu era inferior à minha irmã em todos os aspectos e mais algum. A verdade é que não podia ocupar o lugar de ninguém, e muito menos o dela. Nem queria! Mas eles não meligavam nem escutavam o que eu tinha para dizer. *Ninguém prestava atenção ao*

que eu dizia. Por isso, ainda hoje só de ver um piano fico maldisposta. E detesto ver alguém a tocar piano.»

Quando Kumiko me contou esta história, fiquei a detestar a sua família. Por tudo aquilo que a tinham feito passar. Por tudo aquilo que não lhe tinham sabido dar. Isto aconteceu antes de estarmos casados. Havia pouco mais de dois meses que nos conhecíamos. Lembro-me de que era uma manhã tranquila de domingo. Estávamos os dois na cama e, aos poucos, ela ia-me contando coisas da sua infância, como se estivesse a desenrolar os nós de um cordel, reavaliando lentamente os factos um a um. Era a primeira vez que falava tanto acerca de si mesma. Até à data, eu pouco ou nada conhecia acerca da sua família ou da sua infância. Tudo o que sabia dela era que falava pouco, que gostava de desenhar, que tinha o cabelo liso e bonito e dois sinais na omoplata direita. E que tivera a sua primeira experiência sexual comigo.

Enquanto falava, chorou um bocadinho. Compreendi a sua necessidade de chorar. Abracei-a e acariciei-lhe os cabelos.

– Se a minha irmã fosse viva, de certeza que irias gostar dela. Toda a gente gostava. Bastava olhar para ela.

– Acredito que sim – retorqui eu. – Mas acontece que é por ti que eu estou apaixonado. Tão simples quanto isto. É uma coisa entre tu e eu. A tua irmã não é para aqui chamada.

Kumiko ficou em silêncio durante algum tempo, mergulhada nos seus pensamentos. Às sete e meia de uma manhã de domingo, todos os rumores possuíam uma doce ressonância oca. Dava para ouvir pombas esvoaçar sobre o telhado do meu apartamento e, ao longe, uma voz a chamar um cão. Kumiko permaneceu durante um grande bocado a fixar um único ponto no tecto.

– Diz-me uma coisa – perguntou ela por fim –, gostas de gatos?

– Gosto imenso de gatos – disse eu. – Quando era pequeno, havia sempre gatos lá em casa. Passava a vida a brincar com eles. Até dormia com eles.

– Sorte a tua! Eu, quando era pequena, daria tudo para ter um gato. Mas nunca deixaram porque a minha mãe detestava gatos. Em toda a minha vida, até agora, nunca consegui obter uma coisa que realmente me desse prazer. Nem uma só vez. Dá para acreditar? Não fazes ideia do que é viver assim – quando uma pessoa se habitua a nunca conseguir aquilo que deseja, às tantas acaba por não saber muito bem o que quer da vida.

Peguei na mão dela.

– Talvez as coisas se tenham passado assim até agora. Mas já não és nenhuma criança. Tens o direito de decidir a tua própria vida. Podes começar tudo de novo. Se é um gato que queres, basta-te escolher uma vida em que possas ter um. É simples. Estás no teu direito. Não te parece?

Kumiko tinha os olhos postos nos meus.

– Sim – disse ela.

Passados meses, começámos a falar em casamento.

Se, naquela família, a infância de Kumiko tinha sido problemática e difícil, a de Noboru fora, à sua maneira, uma infância tortuosa. Os pais adoravam o seu único filho varão, mas não se limitavam a demonstrar a sua afeição; ao mesmo tempo, mostravam-se em relação a ele de uma exigência extrema. O pai estava convencido de que a única maneira de alcançar na sociedade japonesa uma posição digna era tirando as melhores notas na escola e deixando para trás quem se atravessasse no

caminho. Estava rigorosamente convencido disso.

Nos primeiros tempos de casado tive oportunidade de ouvir aquele mesmo discurso da sua própria boca. Para começar, os homens *não* eram todos iguais, dizia ele. Que aquela história da igualdade que se aprendia na escola não passava de um disparate pegado. O Japão podia ter a estrutura política de uma nação democrática, mas, ao mesmo tempo, era uma sociedade de classes ferozmente competitiva onde imperava a lei da selva e os mais fracos eram devorados pelos mais fortes. Quem não fazia parte da elite, não tinha lugar no país. A esses, só lhes restava esperar que a máquina os fosse pouco a pouco triturando. Por isso, as pessoas tinham de se esforçar para subir nem que fosse mais um degrau na escada. Caso os japoneses perdessem a vontade de se elevar socialmente, a nação estaria em perigo. Confrontado com semelhantes afirmações por parte do meu sogro, eu não fazia qualquer comentário. Até porque ele não tinha pedido a minha opinião. Limitara-se a despejar as suas próprias convicções, absolutas e imutáveis até ao final dos tempos.

Quanto à mãe de Kumiko, era filha de um alto funcionário. Criada no bairro de Yamanote, um dos mais elegantes de Tóquio, sem que lhe faltasse nada, não possuía, no entanto, opiniões próprias nem força de vontade para contestar as profissões de fé do marido (de facto, era terrivelmente curta de vistas). Quando chamada a pronunciar-se sobre qualquer assunto que lhe escapasse, pedia sempre emprestadas as opiniões do marido. Se a coisa tivesse ficado por aí, não teria causado moossa a ninguém. Mas, como acontece muitas vezes com este tipo de mulheres, a senhora padecia de uma presunção incurável. Na medida em que carecia de um sistema de valores a que chamasse seu, não estava em condições de calibrar a sua própria posição sem depender do ponto de vista dos outros. Pessoas dessas, só estão preocupadas em saber qual é a sua imagem que se reflecte nos olhos dos outros. E tornara-se assim uma mulher neurótica e de horizontes limitados, cujas únicas preocupações se limitavam à posição ocupada pelo marido no ministério e à carreira académica do filho. Tudo o que fosse para além disso não tinha aos seus olhos qualquer significado.

Deste modo, os pais perverteram a educação do pequeno Noboru metendo-lhe à força na cabeça uma filosofia discutível que era fruto da visão do mundo distorcida, apanágio dos Wataya. Todo o seu interesse estava concentrado na pessoa de Noboru, seu filho primogénito. Os pais jamais lhe permitiram que se conformasse com o segundo lugar. Se uma pessoa não sabia ser o primeiro num mundo restrito, como o era o da classe ou da escola, como podia esperar sê-lo no universo mais vasto da sociedade?, questionava o pai. E foi assim que deram ao seu filho os melhores professores particulares, espicaçando-o sem cessar. Quando ele obtinha notas excelentes, compravam-lhe tudo o que ele queria, à laia de recompensa, o que lhe permitiu conhecer uma juventude dourada, isto no plano material. Em contrapartida, não teve ocasião, naquele que é considerado o período mais sensível e vulnerável, de sair com raparigas ou de se divertir com os seus amigos, enfim, de gozar a vida. Para continuar sempre a ser o primeiro, via-se obrigado a concentrar nesse objectivo único todas as suas energias. Ignoro se esse modo de vida agradava ou não a Noboru Wataya, e o mesmo acontecia com Kumiko. Não se podia dizer que Noboru Wataya fosse uma pessoa dada a exteriorizar os seus sentimentos, nem à irmã, nem aos pais, nem a qualquer outra pessoa. Em todo o caso, quer esse estilo de vida fosse ou não do seu agrado, o certo é que não tinha escolha. Na minha opinião, certos sistemas de pensamento são tão parciais e tão simplistas que se torna muito difícil, senão mesmo impossível, refutá-los. De qualquer maneira, Noboru Wataya terminou os seus estudos num prestigiado instituto privado e entrou para a Faculdade de Economia da Universidade de Tóquio, onde se licenciou com uma das qualificações mais elevadas.

O pai tinha esperança de que, uma vez concluída a licenciatura, Noboru Wataya integrasse a função pública ou entrasse para uma grande empresa privada. Mas ele optou por ficar na faculdade e dedicar-se à investigação. Não era parvo nenhum. Compreendeu que o mais adequado para ele não era confrontar-se com o mundo real e exercer uma actividade no seio de um grupo, mas sim permanecer num ambiente onde a disciplina era essencial para tratar os conhecimentos de modo sistemático e onde se valorizava acima de tudo as faculdades intelectuais do indivíduo. Tinha feito uma pós-graduação de dois anos na Universidade de Yale, antes de regressar à Universidade de Tóquio, onde concluíra a licenciatura. Pouco depois do seu regresso ao Japão, seguiu os conselhos dos pais e fez um casamento de conveniência, que não durou mais de dois anos. Depois do divórcio, voltara a viver com os seus pais. Na época em que travei conhecimento com ele, Noboru Wataya convertera-se num indivíduo bastante estranho, para não dizer mesmo desagradável.

Há cerca de dois anos, então com trinta e quatro, Noboru Wataya acabou de escrever um grosso volume e publicara-o. Era um denso tratado de Economia, recheado de jargão técnico, e, por mais que me esforçasse, confesso que não consegui entender patavina. Pode mesmo dizer-se que nunca me aventurei para além da primeira página. Bem me esforcei por avançar na leitura, mas não fui capaz de decifrar o sentido daquelas frases. Sentia-me incapaz de dizer se o conteúdo do livro era por demais obscuro ou, pura e simplesmente, se estava mal escrito. O livro, porém, causou sensação entre os especialistas. Alguns críticos vieram a lume cobri-lo de louvores, clamando que «abria caminho a uma doutrina económica radicalmente nova, fruto de uma concepção radicalmente diferente», mas, se querem que lhes diga, para mim nem sequer aquelas recensões fizeram sentido. Não tardou que os órgãos de comunicação comesçassem a falar nele como um homem da nova era, uma espécie de herói dos tempos modernos. Até livros que tratavam tão-somente de interpretar o seu trabalho começaram a aparecer. Expressões como «economia sexual» e «economia escatológica», por ele usadas no livro, tornaram-se as expressões da moda naquele ano. Jornais e revistas publicaram artigos e suplementos sobre a sua pessoa, elegendo-o como um dos intelectuais da nova geração. Pela minha parte, era difícil acreditar que qualquer uma dessas vozes elogiosas tivesse compreendido o seu tratado de economia, duvidava mesmo que tivessem sequer aberto o calhamaço. Mas isso pouco ou nenhum significado tinha aos olhos deles. Para eles, Noboru Wataya era jovem, solteiro, dono e senhor de uma inteligência suficientemente lúcida para escrever um livro que ninguém conseguia entender.

Em todo o caso, a publicação do livro tornou-o famoso. Fartou-se de escrever artigos para as mais diversas revistas. Apareceu na televisão como comentador de assuntos económicos e políticos. Passado pouco tempo tornou-se convidado habitual dos programas de debate. Os que o conheciam melhor (incluindo Kumiko e eu), nunca tinham imaginado vê-lo ganhar tanto protagonismo. Toda a gente via nele o típico investigador neurótico, única e exclusivamente interessado na área da sua especialidade. Mas uma vez introduzido no mundo dos meios de comunicação social, é caso para dizer que desempenhou às mil maravilhas o seu papel, ao ponto de deixar toda a gente de boca aberta. Era bom naquilo que fazia, convenhamos. Enfrentava as luzes da ribalta com uma facilidade desconcertante. Com as câmaras de televisão apontadas, chegava inclusivamente a parecer mais descontraído do que no mundo real. Do lado de cá, todos nós assistíamos, mudos de espanto, a esta súbita metamorfose. O Noboru Wataya que víamos na televisão usava fatos de bom corte que deviam custar os olhos da cara, gravata a condizer e elegantes óculos com armações de tartaruga. Adoptara um corte de cabelo moderno. Saltava à vista que tinha um conselheiro de imagem a trabalhar para

ele. Nunca antes o vira aparecer vestido com tamanho luxo. Mesmo considerando que o seu novo visual lhe fora imposto pela estação de televisão a pensar nos telespectadores, a verdade é que ele parecia sentir-se perfeitamente à vontade. Como se tivesse feito aquilo toda a sua vida. «Quem diabo é este homem?», lembro-me de ter pensado na altura. Qual seria a sua verdadeira natureza? Onde diabo estará o verdadeiro Noboru Wataya?

Diante das câmaras assumia uma postura bem mais discreta. Quando lhe pediam a sua opinião, avançava uma explicação precisa, respondendo com palavras simples e exibindo uma lógica fácil de entender. Quando o debate aquecia e todos os outros convidados começavam a levantar a voz, ele nunca perdia as estribeiras. Sempre que confrontado, não respondia a provocações: deixava o seu interlocutor dizer o que queria e no fim, com uma simples frase, deitava por terra os argumentos do outro. Dominava a arte de desferir a estocada final com um sorriso no rosto e a voz serena. Não sei como fazia, mas no pequeno ecrã parecia muito mais inteligente e digno de confiança do que na realidade era. Ainda hoje estou para saber como é que o conseguia. Nem sequer se podia dizer que fosse especialmente bem-parecido, se bem que fosse alto e magro e tivesse todo o ar de ser filho de boas famílias. Numa palavra, Noboru Wataya encontrara na televisão o seu ambiente ideal. Os órgãos de comunicação acolheram-no de braços abertos e ele, por seu turno, sentia-se como peixe na água.

A verdade, porém, e por mim falo, é que não suportava ler os seus artigos nem ver a sua imagem na televisão. Era ardiloso, sem dúvida, e tinha talento. Isso até eu reconheço. Enquanto o diabo esfregava um olho, e recorrendo a um punhado de frases breves, deixava o seu opositor fora de combate. Possuía um instinto animal que lhe permitia saber a cada instante que passava em que direcção soprava o vento. Mas bastava ler os seus escritos ou analisar o seu discurso com alguma atenção para se perceber que tudo aquilo denunciava falta de consistência. As suas palavras não traduziam uma visão do mundo baseada em convicções profundas. Era um mundo construído com base numa série de sistemas superficiais de pensamento, que ele combinava a seu bel-prazer, conforme as necessidades do momento. Estamos a falar de combinações e permutações intelectuais extremamente engenhosas, atenção. Quase uma obra de arte, a bem dizer. Para mim, se é que a minha opinião conta alguma coisa, tudo aquilo não passava de um jogo. A única coerência que se podia encontrar nas suas opiniões era, por sistema, a falta de coerência. E a única visão do mundo era uma visão do mundo que consistia na ausência de uma visão do mundo digna desse nome. Por mais paradoxal que seja, o seu património intelectual assentava precisamente sobre esse vazio. Coerência e uma sólida visão do mundo eram armas perfeitamente dispensáveis na luta estratégica de ideias praticadas no terreno dos meios de comunicação e disputada ao segundo. O facto de estar liberto desse fardo constituía, para Noboru Wataya, uma vantagem enorme a seu favor.

A defender, pouco ou nada tinha. O que significava que podia dar-se ao luxo de concentrar toda a sua atenção no combate em si. Só tinha de atacar e levar o adversário ao tapete. De Noboru Wataya podia dizer-se que era um camaleão intelectual. Mudava de cor consoante a cor do seu adversário, construía a lógica mais eficaz para cada situação, mobilizando para isso todos os seus dons de retórica. Não faço a mínima ideia onde diabo terá ido buscar essas técnicas, mas o certo é que possuía o segredo que lhe permitia electrizar as multidões. Nem sequer era preciso recorrer à lógica, bastava parecê-lo. O importante era despertar os sentimentos das massas.

Tinha a mania de largar com mestria, um a seguir ao outro, termos científicos complicados, uma vez que dominar o jargão técnico era outra das suas especialidades. Evidentemente, quase mais

ninguém sabia o que esse palavreado significava. Mas até mesmo nesses casos ele tinha a arte de criar uma atmosfera tal que parecia que a culpa era de quem não entendia. Ah, e passava a vida a citar estatísticas. Eram tudo números que pareciam gravados na sua cabeça. E esses números possuíam um extraordinário poder de persuasão. O problema era que, parando mais tarde para pensar, ninguém sabia ao certo se os ditos números provinham de uma fonte credível nem se eram oficiais. Além de que os números podem ser interpretados de muitas maneiras. Toda a gente sabe isso. Mas a sua estratégia revelava-se demasiado astuciosa e a maioria das pessoas não estava em condições de pressentir o perigo, por mais evidente que fosse.

Aqueles estratagemas hábeis punham-me completamente fora de mim, mas era incapaz de explicar quais as razões de tamanha aversão. Nunca fui capaz de esgrimir argumentos à altura. Era como jogar boxe com um fantasma: por mais golpes que desferisse, só dava socos no ar. Espantava-me ver como até pessoas com a mais refinada inteligência perdiam tempo a responder às suas provocações. Não deixava de ser estranho, mas aquilo irritava-me supinamente.

E foi assim que Noboru Wataya começou a ser considerado um dos intelectuais mais brilhantes do seu tempo. Aos olhos da opinião pública, a coerência era um valor perfeitamente dispensável. O que as pessoas querem é assistir no pequeno ecrã a uma luta entre intelectuais que se digladiam; quanto mais vermelho o sangue que correr diante dos seus olhos, tanto melhor. Querem lá saber se a mesma pessoa diz uma coisa na segunda-feira e o contrário dois ou três dias depois...

A primeira vez que encontrei Noboru Wataya foi quando Kumiko e eu decidimos casar-nos. Fiz questão de ter uma conversa com ele antes de falar com o pai. Pensava que o filho, por estar mais próximo da minha idade, de alguma maneira facilitaria a tarefa de abordar o patriarca da família.

– Não esperes grande coisa dele – advertiu-me Kumiko, escolhendo cuidadosamente as palavras. – Não sei explicar bem, mas olha que ele não é esse tipo de pessoa.

– De qualquer maneira, agora ou mais tarde, terei sempre de o conhecer – repliquei eu.

– Sim, é verdade, mas...

– Vale a pena tentar – defendi eu. – Nunca se sabe.

– Talvez. Pode ser que tenhas sorte.

Ao telefone, quando lhe sugeri que nos víssemos, Noboru Wataya não me tinha parecido entusiasmado por aí além, mas, uma vez que eu insistia, acedeu em conceder-me uma meia hora. Decidimos encontrar-nos num café que ficava próximo da estação de Ochanomizu. Na altura ainda não tinha escrito o tal livro, era um simples professor auxiliar da universidade e não se podia dizer que o seu aspecto fosse particularmente brilhante. Os bolsos do casaco, à força de andar sempre com as mãos lá enfiadas, estavam deformados, e o cabelo, há pelo menos duas semanas que andava a pedir para ser cortado. O pólo cor de mostarda não combinava nada bem com o casaco de *tweed* em tons de azul e verde. Era a imagem do típico assistente, jovem e sem dinheiro para mandar cantar um cego, que se pode encontrar em qualquer universidade. Tinha a expressão ensonada, própria de quem estava mergulhado desde manhã na biblioteca a investigar e acabava de vir à tona respirar. Mas, olhando bem, distinguia-se no fundo dos seus olhos um brilho frio e penetrante.

Depois de me apresentar, contei-lhe que estava a pensar casar-me com Kumiko dentro em breve. Expliquei-lhe a situação o mais honestamente possível. Que estava empregado num escritório de advogados, mas que isso não era exactamente o que desejava fazer na vida. Disse-lhe que estava

ainda à procura do meu próprio rumo. Que poderia muito bem parecer uma temeridade que uma pessoa assim como eu quisesse casar com uma rapariga como Kumiko, mas amava-a e queria fazê-la feliz. Acreditava que os dois poderíamos dar força, compreensão e apoio um ao outro.

A questão era que Noboru Wataya não parecia entender bem as minhas palavras. Escutava o que eu lhe estava a dizer de braços cruzados, sem dizer nada. Mesmo depois de eu ter acabado o meu discurso, continuou imóvel durante algum tempo. Parecia ter a cabeça noutro sítio.

Confesso que desde o princípio me havia sentido extremamente constrangido na sua presença. Pensei que isso era devido à situação em que nos encontrávamos. Qualquer pessoa se sentiria mal ao dirigir-se a outra que nunca viu mais gorda para lhe anunciar, assim do pé para a mão: «Sabe, quero casar com a sua irmã.» Sentado à frente dele, o incómodo transformou-se em autêntico desagrado. Tinha a sensação de que um corpo estranho e a cheirar a podre estava aos poucos a alojar-se no fundo do estômago. Não que houvesse qualquer coisa de provocatório naquilo que ele fazia ou dizia. Era o rosto de Noboru Wataya que eu achava detestável. A minha intuição dizia-me que o rosto daquele homem estava coberto por uma máscara. Havia nele qualquer coisa de artificial, de falso. Aquele não era o seu verdadeiro rosto. Foi isso que eu senti.

Juro que só me deu vontade de pegar em mim e sair dali para fora. Mas uma vez que já tinha começado a debitar o meu discurso, não podia arrepiar caminho, deixando as coisas a meio. Por isso, não tive outro remédio senão ficar sentado, bebendo o meu café já frio, à espera que ele dissesse de sua justiça.

– Para ser franco – começou ele, falando num tom baixo e pacato como se estivesse a economizar energia –, não compreendo bem o que acabou de dizer e, mais, não estou sequer interessado nisso. As coisas que me interessam são de outra natureza, completamente diferente, tudo coisas que, suspeito bem, o *senhor* não compreenderia nem estaria interessado em compreender. Resumindo e concluindo: se quer casar-se com Kumiko e ela quer casar-se consigo, não tenho direito de me opor a isso, nem razão alguma para o fazer. Posto isto, quero que saiba que não me oponho. Nunca me passaria pela cabeça fazê-lo. Mas não espere mais nada de mim. E, mais importante ainda, agradecia que de futuro não me fizesse perder o meu tempo com assuntos deste género.

Dito isto, olhou para o relógio e levantou-se. Tenho a ideia de que se exprimiu de um modo algo diferente, mas não me recordo das palavras exactas. Esta foi, sem sombra de dúvida, a essência do discurso. Em todo o caso, a sua exposição foi clara e concisa. Não pecava nem por excesso nem por defeito. Entendi com perfeita clareza o que me queria dizer e, melhor ainda, a impressão que eu lhe tinha causado.

E separámo-nos naqueles termos.

Depois do meu casamento com Kumiko, Noboru Wataya passou a ser meu cunhado e tivemos mais de uma ocasião para trocar algumas palavras. Mas parece-me exagerado chamar a essas trocas de palavras conversas propriamente ditas. Tal como ele havia dito, não tínhamos pontos em comum. Podíamos passar dias inteiros a falar que as nossas palavras nunca chegariam para estabelecer um verdadeiro diálogo. Era como se falássemos línguas distintas. Se o Dalai Lama estivesse no leito de morte e o músico de *jazz* Eric Dolphy, com a modulação das notas do seu clarinete baixo, estivesse a tentar explicar-lhe a importância do óleo para o motor do carro, provavelmente aqueles dois conseguiriam entender-se melhor do que Noboru e eu.

Não tenho por hábito ficar emocionalmente perturbado durante muito tempo por causa das minhas relações com os que me rodeiam. É evidente que acontece às vezes sentir-me chateado ou irritado

com alguém. Mas nunca dura muito tempo. Tenho a capacidade de saber distinguir entre mim e os outros, de saber discernir entre o meu território e o território alheio (creio que lhe posso chamar a isso capacidade, uma vez que, e não é para me gabar, estamos perante uma espécie de talento, nada fácil de pôr em prática). Em resumo, quando estou descontente ou irritado por qualquer coisa, transfiro o objecto do meu desagrado para um território estranho que não tem qualquer relação pessoal comigo. Depois digo assim para comigo: «Tudo bem, neste momento estou chateado e irritado mas a causa disso, transferi-a para outra esfera, já não está aqui. Mais tarde, com a cabeça fria, logo tratarei de analisar as coisas tranquilamente a fim de tomar uma decisão.» E isso permite-me congelar durante algum tempo os meus sentimentos. Num segundo tempo, quando regresso a eles e procedo, com toda a calma, à sua análise, às vezes dou por mim ainda com os ânimos exaltados, mas é raro. Passado um certo tempo, a maior parte das coisas perdem a sua virulência e tornam-se inofensivas. Mais cedo ou mais tarde, acabo por esquecer tudo.

Até agora, ao longo de grande parte da minha vida, e graças ao uso apropriado deste sistema de gestão dos meus sentimentos, evitei muitos problemas inúteis e consegui manter o meu mundo interior numa situação relativamente estável. E confesso que me orgulho bastante por me ter mostrado capaz de manter a funcionar um sistema tão eficaz.

Mas no que diz respeito a Noboru Wataya, o meu sistema revelou-se inoperante, para não dizer que foi um fracasso absoluto. Revelei-me incapaz de relegar a pessoa de Noboru para um domínio estranho à minha pessoa. Devo até confessar que foi ele a relegar-me para um território sem ligação à sua pessoa. E foi isso que mais me irritou. O pai de Kumiko era um homem desagradável e antipático, de acordo. Mas, vendo bem, tratava-se de um indivíduo de ideias curtas que vivia agarrado a convicções rudimentares. E com isso eu podia perfeitamente viver. Ora, não era esse o caso de Noboru Wataya. O homem tinha uma consciência clara do tipo de pessoa que era. E também é possível que tivesse descoberto a minha verdadeira natureza. O que equivale a dizer que, caso estivesse para aí virado, teria podido dar cabo de mim e que, se não o havia feito, era simplesmente porque se estava nas tintas para mim. Aos seus olhos, eu era tão insignificante que não valia a pena gastar tempo e energia a riscar-me do mapa. Se calhar era por isso que eu não podia com o homem. Estamos a falar de uma pessoa intrinsecamente inferior, um egoísta desprovido de interioridade. Mas era claramente uma pessoa com muito mais capacidade e mais hábil do que eu.

Aquele nosso primeiro encontro deixou-me, durante muito tempo, uma sensação desagradável na boca. Como se alguém me tivesse obrigado a engolir um punhado de insectos nojentos. Mesmo que os tivesse cuspidos, o gosto mantinha-se. Durante uma série de dias, não fiz mais nada senão pensar em Noboru Wataya. Por mais que tentasse distrair-me e concentrar-me noutras coisas, o meu pensamento regressava sempre a ele. Fui a concertos, ao cinema. Até fui ver um jogo de basebol na companhia da malta do escritório. Bebi, devorei livros que alimentava a ilusão de poder ler quando tivesse tempo livre. Mas Noboru Wataya nunca saía do meu campo de visão, com os braços cruzados, fixando-me com aqueles seus olhos vítreos e malignos, fazendo lembrar águas estagnadas. Isso deixava-me à beira de um ataque de nervos e fazia tremer a terra debaixo dos meus pés.

Quando voltámos a encontrar-nos, Kumiko quis saber que impressão me tinha causado o seu irmão. Não fui capaz de lhe dizer a verdade. Tinha vontade de perguntar a Kumiko acerca da máscara que ele usava, acerca dessa «qualquer coisa» de tortuoso e desnaturado que escondia dentro de si. Tinha vontade de lhe confessar sinceramente o meu desagrado, a perturbação que sentia. Mas acabei por não lhe dizer nada. Por mais que me esforçasse, temia não ser capaz de lhe transmitir o meu

pensamento. E se não conseguia explicar-lhe bem, então não era aquele o momento para lhe dar a conhecer o que me ia na alma.

– Verdade seja dita que é um bocado estranho – confidenciei eu.

Ainda tentei acrescentar mais qualquer coisa, mas não me veio nada à ideia. E ela também não insistiu. Limitou-se a abanar a cabeça, sem dizer nada.

Desde então as minhas impressões acerca de Noboru Wataya pouco ou nada mudaram. Ele continuou sempre a bulir com o meu sistema nervoso e ainda hoje o homem consegue irritar-me. Como uma febre ligeira que nunca mais desaparece. Cá em casa, televisão é coisa que não há, mas, por estranho que pareça, sempre que calha pôr os olhos num televisor, seja em que parte for, aparece-me à frente a imagem de Noboru Wataya reflectida no pequeno ecrã. Cada vez que, na sala de espera de um consultório qualquer, pego numa revista e passo os olhos por ela, encontro sempre uma fotografia dele e um artigo da sua lavra. Sinto-me quase tentado a pensar que Noboru Wataya está escondido atrás de cada esquina, por tudo quanto é sítio. À minha espera.

OK, mais vale confessar desde já. Reconheço. Odeio o homem.

A lavandaria da felicidade

Entrada em cena de Malta Kano

Levei a blusa e a saia de Kumiko à lavandaria que fica diante da estação. Normalmente, tenho por hábito levar a nossa roupa à lavandaria ao pé de casa, não por uma questão de preferência, mas por ser mais perto. Quem costumava ir à lavandaria defronte da estação é Kumiko, uma vez que fica em caminho quando vai trabalhar. Leva a roupa à ida e recolhe-a no regresso. Diz ela que é um bocado mais careira, mas que trabalham melhor. E que, apesar de ser menos prático, é ali que prefere deixar a limpar as suas roupas preferidas. Foi isso que me levou a pegar na bicicleta e a dirigir-me à lavandaria perto da estação. Pensei que Kumiko preferiria que eu pusesse a saia e a blusa a limpar ali.

Vesti as minhas calças verdes de algodão fino, os ténis do costume, a *T-shirt* amarela a fazer publicidade ao Van Halen que Kumiko tinha recebido de uma empresa discográfica qualquer, peguei na roupa e saí porta fora. Tal como da outra vez, o dono da loja tinha o aparelho estereofónico ligado com o volume no máximo. Naquela manhã estava a ouvir uma cassette de Andy Williams. Quando abri a porta, «Hawaiian Wedding Song» estava quase a chegar ao fim e começava a tocar «Canadian Sunset». Com gestos enérgicos, o patrão escrevia qualquer coisa com uma esferográfica num caderno, assobiando alegremente ao som da melodia. Na coleção de cassetes empilhadas sobre uma prateleira liam-se os nomes de Sérgio Mendes, Bert Kaempfert e a 101 Strings Orchestra. Tínhamos ali um apreciador de *easy listening*. Dei por mim a pensar que um apaixonado do *jazz* de Albert Ayler, Don Cherry ou Cecil Taylor nunca poderia ser dono de uma lavandaria em plena zona comercial perto da estação. Ou se calhar até podia. Só não acredito é que fosse feliz.

Quando depusitei a blusa verde com flores estampadas e a saia cor de sálvia em cima do balcão, o homem pegou nas peças de roupa, inspeccionou-as rapidamente e escreveu cuidadosamente no talão: «1 saia e 1 blusa». Agrada-me pensar que os donos de tinturarias tenham uma letra bonita. E se ainda por cima são fãs de Andy Williams, tanto melhor.

– Chama-se Okada, não é verdade? – perguntou.

Respondi que sim. Ele escreveu o meu nome, depois arrancou a cópia de papel químico e entregou-ma.

– Pode vir buscar na próxima quinta-feira. E desta vez veja lá se não se esquece de vir buscar a roupa – disse. – É da sua esposa?

– Hmm hmm.

– São bonitas, as cores.

O céu estava coberto de nuvens carregadas. A previsão do tempo anunciava chuva. Passava das nove e meia da manhã, mas ainda havia muita gente a caminho do emprego, dirigindo-se em passo rápido para as escadas da estação com pastas na mão e guarda-chuvas fechados. Deviam ser tudo

peessoas que entravam mais tarde ao serviço. Fazia um calor húmido, mas isso não os impedia de estarem de fato completo, gravata e sapatos pretos, como mandam as regras. Viam-se muitos homens da minha idade, mas nenhum levava uma *T-shirt* do Van Halen vestida. Alguns tinham uma placa com o nome da empresa na lapela do casaco e um exemplar do diário económico *Nikkei Business* debaixo do braço. Quando se ouviu a campainha no cais de embarque, alguns deles desataram a subir as escadas. Há muito que não via gente assim tão apressada.

Subi para a bicicleta e regressei a casa, sempre a assobiar o tema «Canadian Sunset» sem dar por isso.

Eram onze da manhã quando recebi uma chamada de Malta Kano.

– Está lá? – disse levantando o auscultador.

– É da casa do senhor Okada? – perguntou ela.

– É o próprio.

Pela voz, percebi logo que se tratava de Malta Kano.

– Fala Malta Kano. No outro dia teve a amabilidade de se encontrar comigo. A propósito, por acaso tem algum compromisso para hoje à tarde?

Respondi que não. Tinha tantos planos como uma ave migratória tem propriedades para hipotecar.

– Nesse caso, será que a minha irmã Creta Kano pode ir ter consigo por volta da uma?

– Creta Kano? – perguntei numa voz sem expressão.

– É minha irmã – respondeu Malta Kano. – Creio que no outro dia lhe mostrei uma fotografia dela...

– Sim, lembro-me da sua irmã. Mas...

– Chama-se Creta Kano. Irá visitá-lo a meu pedido. À uma parece-lhe bem?

– Sim, pode ser...

– Nesse caso, não o incomodo mais – disse Malta Kano, e desligou o telefone.

Creta Kano?

Passei o aspirador pelo chão e dei um jeito na casa. Juntei os jornais todos, atei-os com uma corda e arrumei-os dentro do armário. Meti as cassetes espalhadas dentro das respectivas caixas e arrumei-as por ordem ao lado da aparelhagem. Lavei os pratos na cozinha. Depois tomei duche, lavei a cabeça e vesti roupa lavada. Fiz café e comi uma sanduíche de presunto e um ovo cozido. Sentei-me no sofá a folhear a *Home Journal*, e pensei no que havia de fazer para o jantar. Assinalei a página que tinha uma receita de «salada de algas *hijiki* com *tofu*¹² e tomei nota dos ingredientes num papel. Quando liguei o aparelho de rádio num posto em FM, Michael Jackson estava a cantar «Billy Jean». Dei por mim a pensar em Malta Kano e em Creta Kano. Que raio de nomes mais bizarros tinham as duas irmãs! Pareciam tirados de um espectáculo de *manzai*¹³. Malta Kano. Creta Kano.

Uma coisa era certa, a minha vida estava a tomar um rumo estranho. O gato andava desaparecido. Tinha recebido um telefonema extravagante de uma mulher não menos extravagante. Travara conhecimento com uma rapariga estranha e tinha começado a frequentar o jardim de uma casa abandonada na ruela. Noboru Wataya tinha violado Creta Kano. Malta Kano previra que a gravata haveria de aparecer. Kumiko tinha-me dito que não fazia mal se eu não trabalhasse.

Desliguei o rádio, voltei a guardar a revista na estante e bebi outra chávena de café.

À uma em ponto, Creta Kano tocou à campainha. Era igualzinha à fotografia, sem tirar nem pôr. Pequena de estatura, entre os vinte e os vinte e cinco anos, com ar calmo. E, o que não deixava de ser extraordinário, arranjada dos pés à cabeça ao mais puro estilo dos anos sessenta. Se estivessem a filmar uma versão japonesa de *American Graffiti*, nem sequer precisava de mudar de roupa para lhe caber em sorte um papel de figurante. Tal como na fotografia, usava o cabelo ripado que eu vira na fotografia com as pontas viradas para fora, puxado para trás na testa e apanhado por uma bandetele larga e brilhante, igualzinha à da fotografia. As sobrancelhas estavam nitidamente desenhadas com lápis, o rímel projectava uma sombra misteriosa no canto dos olhos e o batom era da cor da moda naquela época. Parecia prestes a desatar aos gritos a cantar o tema «Johnnie Angel» nas calmas desde que lhe pusessem um microfone nas mãos.

A roupa que trazia vestida era nitidamente mais discreta do que a maquilhagem e carecia de qualquer marca distintiva. Podíamos mesmo dizer que era essencialmente prática. Tinha uma blusa branca e uma saia verde justa ao corpo. Não usava acessórios de espécie alguma. Trazia uma pequena bolsa de verniz branca debaixo do braço e calçava sapatos pontiagudos também brancos, a condizer. Pequenos, com os saltos finos e afiados como o bico de um lápis, mais pareciam sapatos de boneca. Admirei-me que tivesse conseguido fazer o caminho todo até chegar a minha casa em cima de uns saltos daqueles.

Com que então era aquela a famigerada Creta Kano! Mande-i-a entrar, convide-i-a a sentar-se no sofá da sala, aqueci café e ofereci-lhe uma chávena. Perguntei-lhe se já tinha almoçado. Não sei explicar porquê, mas parecia estar com fome. Confessou-me que ainda não tinha comido nada.

– Mas não se incomode – acrescentou rapidamente –, ao almoço como sempre pouco.

– A sério? Veja lá, não me custa nada arranjar-lhe uma sanduíche. Não faça cerimónia. Estou habituado a preparar sanduíches, refeições rápidas e assim, não dá trabalho nenhum.

Ela disse que não com pequenos movimentos de cabeça.

– É muito simpático da sua parte, obrigada, mas estou bem assim. Não se incomode. Uma chávena de café é quanto basta.

Pelo sim, pelo não, arranjei um pratinho com bolachas de chocolate e pousei-o à frente dela. Creta Kano comeu quatro com nítida satisfação. Eu comi duas e bebi o meu café.

Depois das bolachas e do café, parecia mais descontraída.

– Venho aqui em representação da minha irmã – anunciou. – Chamo-me Creta Kano, sou a irmã mais nova de Malta Kano. Como é óbvio, não é esse o meu verdadeiro nome. O meu verdadeiro nome é Setsuko. Comecei a responder pelo nome de Creta quando fui trabalhar com a minha irmã, na qualidade de assistente dela. Trata-se de um... como é que se diz? Um pseudónimo. Não é que tenha alguma coisa que ver com a ilha de Creta. Nunca lá pus os pés. Mas como a minha irmã usa o nome de Malta, fui buscar outro que tivesse relação com o dela. De resto, foi Malta que escolheu o nome de Creta. Por acaso alguma vez foi a Creta, senhor Okada?

Respondi que infelizmente não. Nunca lá tinha estado nem fazia planos disso nos tempos mais próximos.

– Pois eu um dia destes faço tenções de ir até lá. – Disse aquilo com uma expressão muito séria. – Creta é a ilha grega que está mais próximo de África. É uma ilha razoavelmente grande, conhecida na Antiguidade devido a uma importante civilização que ali floresceu. A minha irmã Malta já lá esteve e diz que é um sítio espectacular. O vento sopra forte e tem um mel que é uma delícia. Gosto imenso de mel.

Acenei com a cabeça. Não sou grande apreciador de mel.

– Estou aqui para lhe pedir um favor – disse Creta Kano. – Gostaria que me arranjasse uma amostra da água que tem aqui em casa.

– Água? – repeti. – Refere-se à água da torneira?

– Sim, a água da torneira serve perfeitamente – acrescentou ela. – E caso haja algum poço na vizinhança, também gostaria de obter uma amostra.

– Isso é que já não me parece. Quer dizer, existir um poço aqui perto, *existe*, mas fica dentro da propriedade de outra pessoa, para além de estar seco.

Creta Kano deitou-me um olhar difícil de interpretar.

– Tem a certeza? – lançou-me ela, espantada. – De certeza que dentro do poço não há água?

Lembrei-me do som surdo e seco que tinha chegado aos nossos ouvidos quando aquela rapariga se pusera a lançar pedras para dentro do poço da casa abandonada.

– Está seco, de certeza absoluta.

– Estou a ver. Nesse caso levo só uma amostra de água da torneira, se não lhe fizer diferença.

Mostrei-lhe o caminho até à cozinha. De dentro da sua mala de marca branca ela tirou dois frascos pequenos daqueles que se usam para fazer análises. Encheu um com água e tapou-o com todo o cuidado. A seguir perguntou-me onde é que ficava a casa de banho. Levei-a até lá. Estava cheia de roupa interior e de meias que a minha mulher tinha deixado a secar, mas Creta Kano, sem ligar nenhuma àquele estendal, abriu a torneira e encheu outro frasquinho. Depois de o ter tapado, virou-o ao contrário para ver se não pingava. As tampas eram de duas cores, para diferenciar: azul para a água da casa de banho; verde para a água da cozinha.

Quando voltou à sala, colocou os dois frascos numa pequena bolsa de plástico, daquelas que se guardam no congelador, e fechou-a hermeticamente. Em seguida guardou-a cheia de precauções dentro da mala de verniz branca. O fecho metálico produziu um estalido ao fechar-se. Pela precisão dos seus gestos, adivinhava-se que já devia ter feito a mesma operação vezes sem conta.

– Agradeço imenso – disse Creta Kano.

– É tudo? – perguntei eu.

– Sim, por agora – respondeu ela. Com a mão endireitou a saia, pôs a mala debaixo do braço e fez menção de se levantar do sofá.

– Um momento – atalhei eu. Fiquei desconcertado, pois confesso que não estava nada à espera que se fosse embora assim tão de repente. – Espere um momento, por favor. A minha mulher gostaria de saber se tem alguma novidade em relação ao nosso gato. Já passaram quase duas semanas desde que desapareceu. Se houver alguma novidade, por insignificante que seja, gostaríamos de ser informados.

Creta Kano olhou para mim por momentos, sempre com a mala branca enfiada debaixo do braço, antes de anuir várias vezes com breves movimentos de cabeça. Sempre que fazia esse gesto, as pontas enroladas do cabelo balançavam ao de leve, e era como tivéssemos voltado ao início dos anos sessenta. Quando pestanejava, as suas grandes pestanas postiças pretas abanavam lentamente para cima e para baixo, como um enorme leque de penas languidamente agitado por um escravo negro nos filmes de época sobre o Egipto antigo.

– Para ser sincera, a minha irmã diz que é possível que esta história seja mais longa do que inicialmente parecia.

– Uma história mais longa do que parecia?

A expressão «uma história mais longa» fez-me pensar numa imponente estaca espetada num imenso

deserto a perder de vista. Quando o Sol começava a pôr-se, a sombra da estaca começaria a alongar-se cada vez mais até desaparecer no horizonte.

– Pelo menos é o que ela diz – confirmou Creta Kano. – É bem possível que esta história não se fique apenas pelo desaparecimento do gato.

Começava a faltar-me a paciência.

– Mas nós, tudo o que pedimos foi que nos ajudassem a encontrar o gato. Mais nada. Em aparecendo o gato, acaba a história. Se está morto, queremos saber. Em que é que isso torna esta história mais longa do que poderia parecer à primeira vista? Não estou a ver.

– Nem eu – confessou ela. Dito isto, levou a mão à bandetele reluzente que tinha no cabelo e empurrou-a mais para trás. – Mas tenha confiança na minha irmã. Não estou a dizer que ela saiba tudo, como é óbvio. Agora, se ela diz que esta é uma história mais longa do que o previsto, é porque assim vai ser.

Acenei com a cabeça em silêncio. Que mais poderia acrescentar?

– Está ocupado agora, senhor Okada? Por acaso tem algum compromisso para o resto da tarde? – perguntou Creta Kano em tom cerimonioso.

Respondi que não estava ocupado. Que não tinha nenhum compromisso.

– Nesse caso, importava-se de ouvir duas ou três coisas que eu tenho para lhe contar? – perguntou Creta Kano, pousando a mala branca em cima do sofá e cruzando as mãos sobre os joelhos, por cima da justa saia verde. Tinha as unhas pintadas de um bonito tom de rosa. Não usava anéis.

– Esteja à vontade – disse eu, convidando-a a contar-me tudo. E foi assim que a minha vida começou a tomar um rumo cada vez mais estranho. Como era de prever, a partir do momento em que Creta Kano tinha vindo bater à minha porta.

¹² Uma receita que combina *tofu* (massa de soja) com algas marinhas *hijiki*, ricas em cálcio, ferro, sais minerais e fibras e pobres em calorias. (*N. da T.*)

¹³ Diálogo entre dois actores que trocam piadas. É um número tradicional do teatro (ou do teatro de revista), que continua a ser muito popular, até mesmo em televisão. (*N. da T.*)

A longa história de Creta Kano

Reflexões sobre a dor

– Nasci a 29 de Maio – começou a narrar Creta Kano. – Na noite do meu vigésimo aniversário decidi pôr fim aos meus dias.

Coloquei à frente dela uma chávena de café acabado de fazer. Deitou um bocadinho de leite lá para dentro e mexeu vagarosamente com a colher. Nada de açúcar. Eu bebi o meu, negro, sem açúcar nem leite, como sempre. O relógio de mesa batia contra o muro do tempo em pequenos golpes secos.

– Talvez seja melhor começar pelo princípio – disse Creta Kano olhando fixamente para mim. – Pelo lugar onde nasci, o meu ambiente familiar, esse género de coisas.

– Como quiser. É consigo, faça da maneira que achar melhor.

– Sou a última de três irmãos – contou ela. – Malta e eu temos um irmão mais velho. O meu pai estava à frente de uma clínica na prefeitura de Kanagawa. Éramos aquilo a que se pode chamar uma família sem problemas, igual a tantas outras das que existem para aí. Os meus pais eram pessoas honestas que atribuíam grande valor ao trabalho. Tivemos uma educação muito severa, mas deram-nos sempre liberdade para sermos nós a decidir pequenas coisas sem importância, desde que não prejudicássemos ninguém. Financeiramente, podíamos considerar-nos privilegiados, apesar de os meus pais terem por princípio não alimentar caprichos nem dar aos filhos dinheiro para gastos supérfluos. Tudo somado, posso dizer que levávamos uma existência bastante modesta.

«Malta é cinco anos mais velha do que eu. Já quando era pequena mostrava ser diferente dos outros. Adivinhava coisas. Sabia que o doente no quarto número tal acabara de morrer, por exemplo, ou onde parava a carteira que andava perdida. Sabia tudo o que se passava. Ao princípio toda a gente achava graça a isso, até porque dava jeito, mas depois, pouco a pouco, as pessoas começaram a achar aquilo sinistro. Os nossos pais disseram-lhe para nunca dizer “sem fundamento concreto” diante dos outros. O meu pai tinha uma posição a defender na qualidade de director da clínica e não queria que as pessoas de fora viessem a saber, por portas e travessas, que a sua filha tinha poderes paranormais. A partir de então, Malta selou os lábios e nunca mais falou disso. Não só deixou de falar das coisas “sem fundamento real” como quase deixou de participar nas conversas normais do dia-a-dia.

«A única pessoa a quem ela abria o coração era a mim, a sua irmãzinha mais nova. Crescemos muito unidas e éramos unha com carne. Pedindo sempre para eu não contar nada a ninguém, ela costumava dizer-me: “um dia destes vamos ter um incêndio perto de casa”, ou “a nossa tia de Setagaya vai ficar doente”. E acertava sempre. Eu ainda era muito novinha e achava uma certa graça àquilo. Não me passava pela cabeça ter medo, não ficava impressionada nem nada. Desde que me lembro, andava sempre atrás da minha irmã, agarrada às saias dela, atenta às suas “previsões”.

«À medida que crescia, estes poderes começaram a aumentar. A minha irmã, porém, não sabia que

uso dar a esse talento nem como tirar dele partido. E isso constituiu durante muito tempo motivo de grande ansiedade. Não tinha a quem pedir conselhos, não havia ninguém com quem pudesse partilhar o seu segredo. Isso fez dela, nos seus verdes anos, uma adolescente muito solitária. Tinha de resolver os seus próprios problemas, encontrar sozinha as suas respostas. Não se podia dizer que fosse feliz em casa, no seio da família. Passava a vida com o coração nas mãos, obrigada a reprimir os seus dons e a mantê-los escondidos da curiosidade alheia. Era o mesmo que cultivar uma planta imponente e majestosa num pequeno vaso. Não era natural. E não era correcto. A única coisa que Malta sabia era que tinha de abandonar aquela casa o quanto antes. Acreditava que algures, por esse mundo fora, deveria existir um lugar certo para ela e um modo de vida adequado às suas necessidades. Mas não teve outro remédio senão aguentar estoicamente até chegar ao fim do secundário.

«Quando acabou o colégio, e em vez de ir para a universidade, Malta decidiu partir sozinha para o estrangeiro. Os meus pais eram pessoas muito conservadoras e não podiam dar-se ao luxo de permitir semelhante passo. Por isso, a minha irmã viu-se obrigada a trabalhar no duro para conseguir pôr algum dinheiro de parte e acabou por sair de casa sem dizer água vai. Primeiro que tudo viajou até ao Havai e ali viveu dois anos na ilha de Kauai. Tinha lido algures que algures na costa norte da ilha havia um lugar onde jorrava uma água milagrosa. Já naquela altura Malta se interessava profundamente pelo elemento água. Acreditava piamente que a vida humana era, em grande parte, determinada pela composição da água. Por essa razão escolheu ir viver para Kauai e juntar-se a uma importante comunidade *hippie* que à época permanecia ainda no interior da ilha. A água daquele lugar teve uma grande influência sobre os seus dons sobrenaturais. Ao absorver aquela água, sentia que o seu corpo e os seus poderes sobrenaturais se fundiam num só. Escreveu-me a dizer que era a coisa mais maravilhosa que lhe podia acontecer. As suas cartas encheram-me de alegria. Contudo, depois chegou a um ponto em que já não se sentia realizada naquele lugar. Tratava-se, com é óbvio, de um lugar belo e aprazível, onde as pessoas se dirigiam em busca de paz de espírito, renunciando às ambições materiais. Em contrapartida, todos viviam demasiado subjugados pelas drogas e pelo sexo, e isso era uma coisa em que Malta não estava interessada. Ao fim de dois anos, abandonou a ilha.

«A seguir rumou ao Canadá, viajou pelos Estados Unidos, antes de seguir viagem para a Europa. Por onde quer que passasse, bebia e analisava a água de tudo o que eram nascentes naturais. Descobriu diversas fontes de onde jorravam excelentes águas, mas sem nunca encontrar a água perfeita. E assim prosseguiu o seu périplo. Quando se lhe acabava o dinheiro, trabalhava como vidente. Pagavam-lhe para encontrar objectos perdidos ou pessoas desaparecidas. Por ela, teria preferido não receber nada. Trocar um dom do céu por bens materiais não era uma coisa que fosse propriamente do seu agrado. Na altura, porém, era a única maneira de sobreviver. Os seus poderes divinatórios chegaram aos ouvidos das gentes e não teve dificuldade em ganhar a vida. Em Inglaterra chegou mesmo a colaborar com a Polícia numa investigação policial. Descobriu o lugar onde estava escondido o cadáver de uma menina desaparecida e, não muito longe dali, encontrou também a luva que o assassino deixara cair. O homem foi julgado e confessou o crime. Veio tudo escarrapachado nos jornais. Se quiser, da próxima vez que nos encontrarmos posso mostrar-lhe os recortes que guardei. Deambulou pela Europa inteira até que, um belo dia, foi ter à ilha de Malta. Passou-se isto cinco anos depois de ter abandonado o Japão. E foi esse o destino final na sua peregrinação. Mas imagino que toda esta história já Malta lhe deve ter contado, não é verdade?

Fiz que sim a com a cabeça.

– Durante todo o tempo em que seguiu viagem, escreveu-me sempre. Todas as semanas recebia cartas, a não ser, claro, quando ela não podia mesmo. Contava-me onde estava e o que fazia. Éramos duas irmãs muito unidas. Apesar de nos encontrarmos longe uma da outra, através dessas cartas podíamos, até certo ponto, partilhar os nossos sentimentos. Eram realmente umas cartas maravilhosas, aquelas. Tenho a certeza de que se também as lesse, senhor Okada, compreenderia até que ponto a minha irmã é uma pessoa maravilhosa. Através das suas cartas, pude conhecer o mundo nos seus mais variados aspectos. E também fiquei a conhecer muitas pessoas interessantes. Foram um grande estímulo, as cartas da minha irmã. Ajudaram-me a crescer. Estou-lhe profundamente agradecida por isso, não posso negar, mas, em última análise, cartas são apenas cartas. A adolescência foi uma época muito difícil para mim e, precisamente numa altura em que necessitava da minha irmã mais do que nunca, ela permaneceu sempre afastada de mim. Estendia a mão e não a encontrava. Em família, sentia-me sozinha. Isolada. A minha era uma vida triste, repleta de dor e sofrimento – mais tarde disso lhe darei conta – e não tinha ninguém a quem pedir conselho. Nesse sentido, sentia-me tão sozinha como Malta. Estou em crer que se a tivesse tido por perto, a minha adolescência teria sido bem diferente do que foi. De certeza que teria podido contar com os seus conselhos e com a sua ajuda. Mas agora é inútil trazer esse assunto à baila. Malta tinha de encontrar sozinha o seu próprio caminho, tal como eu tive de encontrar o meu. Quando fiz vinte anos, decidi suicidar-me.

Creta Kano pegou na chávena e bebeu o resto de café.

– Que delícia de café!

– Obrigado – retorqui eu, aceitando o elogio com o ar mais natural do mundo. – Acabei há bocado de cozer ovos, não lhe apetece um?

Após uma ligeira hesitação, ela disse que aceitava um. Fui à cozinha buscar os ovos cozidos e o sal e aproveitei para deitar mais café nas chávenas. Sem pressas, tratámos de descascar os ovos e de os comer. Bebemos o nosso café. Entretanto tocou o telefone, mas não atendi. Depois de quinze ou dezasseis toques, parou. Creta Kano parecia nem sequer ter ouvido o telefone.

Quando acabou de comer o seu ovo, tirou um pequeno lenço de dentro da mala de verniz branca e limpou a boca. A seguir compôs a bainha da saia.

– Uma vez tomada a decisão de morrer, achei por bem escrever uma carta de despedida. Sentei-me à secretária e, durante mais de uma hora, procurei explicar as razões do meu acto. Queria deixar escrito, preto no branco, que a minha morte não era culpa de ninguém, que as razões que levavam ao meu suicídio estavam todas em mim, e só em mim. Não queria que ninguém da minha família se sentisse injustamente responsável pela minha morte.

«Mas não consegui acabar de escrever a dita carta. Escrevi e voltei a escrever não sei quantas vezes, mas, ao reler, tudo aquilo me parecia estúpido, para não dizer absurdo. Quanto mais sério o tom, mais ridículo me parecia. Até que decidi não escrever nada. Pensei que não valia a pena preocupar-me por aquilo que viesse a acontecer. Rasguei aos bocadinhos o rascunho daquele testamento frustrado e deitei-o fora.

«Era muito simples. A verdade é que estava cansada da minha vida. Não conseguia suportar mais o sofrimento. Durante vinte anos, a minha vida tinha sido uma agonia permanente. Até ali, tinha-me esforçado por suportar estoicamente a dor. E confesso que fiz tudo o que estava ao meu alcance para aguentar, disso tenho a consciência tranquila. É com orgulho que o afirmo. Não era do tipo de

abandonar facilmente a luta. Mas no dia em que fiz vinte anos, cheguei à conclusão de que, na realidade, a vida não valia tamanho esforço. Tinha desperdiçado vinte anos. E já não podia aguentar mais.

Calou-se e, durante alguns instantes, pôs-se a alisar as pontas do lenço branco que tinha em cima dos joelhos. Quando baixou os olhos, as pestanas postiças, enormes e negras, projectaram uma sombra suave sobre o seu rosto.

Pigarreei. Pensei que devia dizer qualquer coisa, mas não sabia o quê. Mais valia continuar calado. Ao longe, ouvi o pássaro mecânico cantar.

– Foi essa dor, esse sofrimento, o que me levou a desejar morrer – confidenciou-me Creta Kano. – E quando falo em «dor», não me refiro a uma dor psicológica. Falo de uma dor puramente física. Uma dor simples, quotidiana, tangível e, por isso mesmo, ainda mais intensa. Refiro-me, concretamente, a dores de cabeça, dores de dentes, dores menstruais, lumbago, febre, dores musculares, queimaduras, ruptura de ligamentos, fracturas de ossos, contusões... enfim, todo o tipo de dores. Sempre experimentei a dor física de uma forma muito mais frequente e intensa do que as outras pessoas. Os meus dentes, para não ir mais longe, têm problemas desde que me lembro. Durante todo o ano, havia sempre um dente que me doía. Podia lavar os dentes várias vezes ao dia, ou abster-me de comer doces, era o mesmo que nada. Por mais que tivesse cuidado, acabava sempre por arranjar uma cárie. Ainda por cima a anestesia não me fazia efeito. Cada ida ao dentista era um pesadelo. Não há palavras para descrever a dor. Entrava em pânico. A mesma coisa no que toca às dores menstruais, extremamente dolorosas. Tenho um fluxo abundante que dura uma semana e durante uma semana inteira as dores no baixo-ventre eram tão fortes que parecia que me estavam a perfurar as entranhas com uma broca, isto acompanhado de violentas dores de cabeça. Não creio que possa compreender, senhor Okada, mas as dores eram de tal ordem que me vinham as lágrimas aos olhos. Todos os meses, durante uma semana inteira, eu era a imagem de uma mulher torturada pela dor.

«Nas viagens de avião, devido às diferenças de pressão, a minha cabeça parecia que estalava. Dizia o médico que devia ser por causa da estrutura das minhas orelhas. Acontece a quem tem o ouvido interno particularmente sensível. Nos elevadores era a mesma coisa. Nem para subir a um arranha-céus podia entrar num elevador. A dor era tão intensa que tinha a impressão de que a cabeça ia rebentar e o sangue, jorrar a rodos. Sem esquecer os problemas de estômago. Pelo menos uma vez por semana, acordava com tantas dores que mal me conseguia pôr de pé. Já perdi a conta ao número de vezes que fui a caminho do hospital para fazer exames, mas o certo é que os médicos nunca conseguiram descobrir uma causa plausível. Disseram-me que talvez se tratasse de um problema psicossomático. Só sei que tinha dores que nunca mais acabavam. E nem sequer podia faltar às aulas. Se tivesse deixado de ir à escola de cada vez que me doía alguma coisa, acabaria por nunca lá pôr os pés.

«Cada vez que me magoava, ficava com uma nódoa negra. Sempre que me via ao espelho da casa de banho, só tinha vontade de chorar. O corpo estava de tal forma coberto de nódoas negras que mais parecia uma maçã sorvada. Detestava que me vissem em fato de banho e, que me lembre, desde muito pequena que me recusava a ir nadar. Outra coisa era o problema dos meus pés, cada um do seu tamanho. Escusado dizer que comprar sapatos novos era um tormento.

«Por todas estas razões, quase nunca fazia desporto. Uma vez, quando andava no colégio, os meus companheiros arrastaram-me até ao ringue de patinagem no gelo. Resultado, caí e magoei-me de tal maneira na anca que desde então, quando mal chega o Inverno, sinto uma dor lancinante naquela zona.

Parece que alguém me está a espetar uma agulha enorme com toda a força. Já me aconteceu não sei quantas vezes levantar-me da cadeira e cair redonda ali mesmo, sem forças para me aguentar em pé.

«A prisão de ventre era outro dos meus problemas, e evacuar de três em três ou de quatro em quatro dias representava para mim uma tortura. Além disso, tinha os músculos das costas terrivelmente contraídos, e essa parte do corpo ficava como uma pedra. As dores eram tantas que nem levantar-me conseguia, mas deitada tão-pouco ajudava. Tinha lido em tempos um livro que falava de uma tortura chinesa que consistia em fechar uma pessoa dentro de uma estreita caixa de madeira durante anos a fio e imaginei que essa tortura devia ser parecida com a minha. Quando ficava com os músculos assim tensos, mal conseguia respirar.

«Podia continuar a enumerar as muitas e variadas dores de que toda a vida padeci, mas corro o risco de o aborrecer de morte, senhor Okada, por isso fico-me por aqui. Só quis que percebesse até que ponto o meu corpo era um verdadeiro mostruário de dores. Senti na pele todas as dores possíveis e imagináveis. Comecei a pensar que tinha sido vítima de alguma maldição. As pessoas podiam dizer o que quisessem, mas a vida era realmente injusta. Se aos demais seres humanos também fosse dado acarretar semelhante sofrimento, creio que talvez pudesse ter suportado a situação. Mas não era o caso. O meu sofrimento era contrário a todas as leis humanas e divinas. Interroguei muita gente a esse respeito, mas ninguém foi capaz de me dizer em que consistia a verdadeira dor. A maioria das pessoas que povoam este mundo passa os seus dias quase sem saber o que é a verdadeira dor. Devia ter os meus treze ou catorze anos quando tive consciência desse facto, e invadiu-me uma tal tristeza que me vieram as lágrimas aos olhos. Porquê eu? Por que deveria apenas eu nesta vida aguentar um fardo tão pesado? Confesso que desejei morrer.

«Contudo, ao mesmo tempo, pensava noutra coisa. Vendo bem, aquilo não podia durar eternamente. Uma bela manhã acordaria e a dor teria desaparecido – subitamente, de forma inexplicável. Uma vida completamente nova e aprazível, sem sofrimento, abrir-se-ia diante de mim. Mas, confesso, era mais uma esperança do que uma certeza.

«Experimentei abrir o coração à minha irmã Malta. Confidenciei-lhe que estava farta da vida amarga que levava. Quis saber que diabo havia de fazer. Ela reflectiu um pouco e depois respondeu-me: “Também eu creio que se passa qualquer coisa de errado contigo. Mas não consigo dizer-te o quê. Da mesma forma que não sei o que se há-de fazer nem tenho capacidade para avaliar a situação. Tudo o que te posso dizer é que deves esperar até teres vinte anos, e só então tomares uma decisão. É o melhor que tens a fazer.”

«Foi essa a razão que me levou a continuar a viver até aos vinte anos. Porém, à medida que via o tempo a passar, a situação não conhecia melhoras. Pelo contrário, as dores eram cada vez mais intensas. Compreendi apenas isto: quanto mais o meu corpo crescia, mais o sofrimento aumentava. Contudo, aguentei durante oito longos anos. Durante todo esse tempo vivi a minha vida procurando ver o lado positivo das coisas. Não me queixei a ninguém. Esforcei-me por continuar sempre a sorrir mesmo nos momentos mais penosos, por continuar a mostrar cara alegre quando a dor era tão intensa que mal me conseguia ter de pé. Por mais que chorasse ou que me queixasse, não era por isso que a dor ia desaparecer; só serviria para me sentir ainda mais infeliz. Graças à minha força de vontade, ganhei a simpatia das pessoas. Percebiam que eu era uma rapariga simpática e afável. Conquistei a confiança dos adultos e fiz amigos com gente da minha idade. Se não fossem as dores, a minha adolescência poderia ter sido perfeita. Mas a dor estava sempre presente. A dor tornou-se a minha sombra. Se me esquecia dela por um momento que fosse, aparecia logo e abatia-se com força sobre o

meu corpo.

«Quando entrei para a universidade, tive o meu primeiro namorado e, no Verão desse primeiro ano, perdi a virgindade. Mas a experiência, como seria de esperar, só me fez sofrer. As minhas amigas mais avisadas diziam-me para não me ralar com isso e esperar, que acabaria por me acostumar e deixar de sentir dor. “Vais ver que depois passa”, diziam-me elas. Mas a verdade é que não passava. Sempre que tinha relações com ele, chorava de dor. Cansei-me de fazer amor. Um dia disse ao meu namorado que estava apaixonada por ele mas não queria continuar a fazer uma coisa tão dolorosa. Ele mostrou-se admirado e disse que nunca tinha ouvido nada tão disparatado. “Deves ter mas é problemas psicológicos”, disse ele. “Descontraí-te. Vais ver que a dor passa e que até conseguirás ter *prazer*. É o que toda a gente faz. Não há nenhuma razão para não o fazeres também. O problema é que não te esforças o suficiente. Dás demasiada importância a ti própria. Atribuis todos os teus problemas a essa história da dor. Não serve de nada, uma pessoa passar a vida a lamentar-se.”

«Quando ouvi aquilo, depois de tudo o que eu até ali tinha aguentado ao longo dos anos, explodi. Literalmente. “Não é uma brincadeira”, gritei. “Que sabes tu da dor? A dor que sinto não é uma dor qualquer. Conheço todo o tipo possível e imaginário de dores, eu. E quando digo que estou a sofrer é porque estou *realmente* a *sofrer*.” E passei então a enumerar-lhe, uma após a outra, todas as maleitas de que havia padecido ao longo dos anos. Mas ele não entendeu nada de nada. Só quem tiver experimentado a verdadeira dor está em condições de saber o que isso é. E foi assim que nos separámos.»

«Pouco depois chegou o dia do meu vigésimo aniversário. Durante todos aqueles anos aguentara estoicamente o sofrimento, na esperança de que talvez se produzisse uma reviravolta espectacular, mas tal não aconteceu. Fiquei terrivelmente decepcionada. Lamentei não ter posto fim à minha vida antes. Afinal, mais não fizera do que prolongar a minha agonia.

Ao chegar ali, Creta Kano soltou um profundo suspiro. Tinha à frente dela o prato com as cascas de ovos e as chávenas de café vazias. No colo, o lenço que dobrara com tanto cuidado. Deu uma olhadela ao relógio da estante, como se de repente se tivesse lembrado das horas.

– Tem de me desculpar – disse ela numa voz baixa e seca. – Não pensava falar tanto. Longe de mim abusar do seu tempo, senhor Okada. Não sei como desculpar-me por ter demorado tanto a contar uma história tão pouco interessante.

Acto contínuo, pegou na mala de verniz branca pela correia e levantou-se.

– Espere um momento – disse eu precipitadamente, uma vez que, chegados a este ponto, não queria que a história ficasse a meio. – Se está preocupada com o tempo, esqueça. Esta tarde não tenho mais nada para fazer. Visto que já me contou a história até aqui, por que não continuar até ao final? Imagino que não fique por aqui...

– É evidente que o relato não acaba aqui – replicou Creta Kano, continuando de pé, a olhar para baixo, na minha direcção, sempre agarrada à correia da mala com ambas as mãos. – Aquilo que lhe contei, pode dizer-se que é apenas o preâmbulo.

Pedi-lhe que esperasse ali um momento e fui à cozinha. Depois de respirar profundamente, uma e outra vez, tirei dois copos do armário e deitei gelo lá para dentro. Enchi-os de sumo de laranja que fui buscar ao frigorífico. Pousei os dois copos em cima de uma pequena bandeja e levei-a para a sala de estar. Todos os meus gestos tinham sido feitos com extremo vagar, demorando propositadamente tempo. Mas quando cheguei à sala fui dar com ela na mesma posição. Contudo, quando pus o sumo de laranja à sua frente, pareceu mudar de ideias. Voltou a sentar-se no sofá e colocou a mala a seu lado.

– Não se importa, a sério? – perguntou-me em jeito de confirmação. – Quer mesmo ouvir a história até ao fim?

– Claro que sim – respondi.

Ela bebeu metade do sumo de laranja e prosseguiu o seu relato.

– Como já deve ter percebido, senhor Okada, falhei na tentativa de pôr fim à minha vida. Caso contrário, não estaria agora aqui sentada, a beber sumo de laranja na sua companhia – disse, olhando-me fixamente nos olhos. Em sinal de concordância, esbocei um leve sorriso. – Se eu tivesse morrido conforme planeado, o problema teria ficado definitivamente resolvido. Uma vez morta, teria perdido a consciência para sempre e, por conseguinte, nunca mais teria voltado a sentir dor alguma. Era isso precisamente o que eu desejava. Infelizmente, escolhi a maneira errada de morrer.

«No dia 29 de Maio, às nove da noite, entrei no quarto do meu irmão e pedi-lhe o carro emprestado. Contrariado, ele fez má cara porque era um *Toyota MR2* acabado de comprar, mas não teve outro remédio porque tinha sido eu a emprestar-lhe o dinheiro. Peguei nas chaves, subi para o reluzente *Toyota MR2* e andei às voltas durante meia hora. A viatura era nova e ainda só tinha feito oitocentos quilómetros. Bastava apenas um toque no acelerador, e parecia que voava. O carro perfeito para aquilo que eu tinha em vista. Ao chegar à margem do rio Tama, avistei um grande muro de pedra, com ar sólido, que devia ser o limite exterior de um condomínio fechado. Além disso, por um feliz acaso, situava-se ao fundo de uma rua sem saída em forma de T. Ganhei distância suficiente para acelerar e carreguei no pedal a fundo. O carro devia ir a cento e cinquenta quilómetros à hora quando chocou de frente com o muro e eu perdi o conhecimento.

«Para minha desgraça, o muro não era tão sólido quanto parecia. Se calhar os operários tinham-no construído depressa e mal, sem deixar assentar bem o cimento. O que sei é que aquela parede de cimento se desmoronou, amassando a parte da frente do carro. Foi tudo. O muro era de tal forma pouco resistente que amorteceu o impacto. Como se não bastasse, na minha atrapalhão tinha-me esquecido de desapertar o cinto de segurança antes do embate.

«Foi assim que escapei de morte certa. Praticamente ilesa. E, coisa estranha, quase não sentia dores. Tinha a impressão de estar a ser alvo de algum sortilégio. Fui transportada para o hospital e aí trataram da minha única costela fracturada. Quando apareceu a Polícia para me interrogar, disse-lhes que não me lembrava de nada. Expliquei aos agentes que devia ter pisado o acelerador em vez do travão. E eles acreditaram em tudo o que lhes contei. Afinal de contas, acabara de fazer vinte anos e só tinha a carta há coisa de seis meses. Nem sequer se podia dizer que tivesse aspecto de quem se queria suicidar. Quem é que se tenta matar com o cinto de segurança posto?

«Quando me deram alta do hospital, vi-me confrontada com alguns problemas de ordem prática e de difícil resolução. Primeiro, pagar as letras do *MR2*, que ficara reduzido a sucata. Devido a um erro da companhia seguradora, o carro ainda não estava coberto pelo seguro no momento do acidente.

«Pensei que, se tivesse sabido disso, era preferível ter alugado um carro que tivesse seguro, mas confesso que naquela altura era a última das minhas preocupações, saber se o carro estava ou não coberto pelo seguro! Nunca me passou pela cabeça que a estúpida viatura do meu irmão não tivesse seguro e que, ainda por cima, falharia na minha tentativa de suicídio. Tinha-me lançado contra um muro de pedra à velocidade de cento e cinquenta quilómetros por hora. Era um milagre estar viva.

«Algum tempo depois, a administração da imobiliária enviou-me a factura da reparação do muro. Um milhão trezentos e sessenta e quatro mil duzentos e noventa e quatro ienes. E não havia volta a

dar. Era preciso pagar logo, à vista e em dinheiro. Pedi o dinheiro emprestado ao meu pai e paguei. Mas o meu pai era muito rigoroso em questões de dinheiro e exigiu que o empréstimo lhe fosse pago com juros. Disse que o acidente tinha sido por minha culpa e que eu devia repor o dinheiro até ao último cêntimo. Verdade seja dita que o meu pai não andava propriamente a nadar em dinheiro. Naquela época estava a fazer obras de ampliação na clínica e vira-se e desejara-se para conseguir reunir o dinheiro necessário.

«Voltei a pensar em morrer. Desta vez estava decidida a morrer mesmo. Bastava-me saltar do décimo quinto andar do edifício onde ficava o escritório central da universidade. Era morte certa. Não havia hipótese de falhar. Depois de muito procurar, lá encontrei uma janela de onde poderia atirar-me. Estive quase, quase a lançar-me no vazio.

«Mas algo me impediu. Havia qualquer coisa que não estava bem. Qualquer coisa que me dominava. Nesse último instante, essa “qualquer coisa” deteve-me, literalmente, como se me puxasse para trás. Depois de muito pensar, compreendi de que diabo se tratava.

«Não sentia dor.

«Desde a altura do acidente, quando tinha ido parar ao hospital, deixara praticamente de ter dores. Com tudo o que me acontecera, nem me tinha apercebido disso, mas o certo é que a dor desaparecera do meu corpo. Ia à casa de banho regularmente, as menstruações deixaram de ser dolorosas. Não me doía a cabeça nem o estômago. Até a costela partida, já não se fazia sentir. Não fazia a mínima ideia do que levava a isso. O sofrimento chegara ao fim.

«Escolhi viver um pouco mais. Sentia curiosidade. Queria saborear, nem que fosse por pouco tempo, aquela vida liberta da dor. Para morrer, havia sempre tempo.

«Mas isso significava que, para continuar a viver, teria de pagar a minha dívida, calculada em mais de três milhões de ienes. Foi por essa razão que me tornei prostituta.

– Prostituta? – repeti, apanhado de surpresa.

– Isso mesmo – replicou Creta Kano, como se fosse a coisa mais natural do mundo. – Precisava de arranjar muito dinheiro em pouco tempo. Queria saldar a minha dívida o mais cedo possível, e não conhecia outro meio eficaz de ganhar dinheiro rapidamente. Na altura nem sequer vacilei. Tinha pensado muito a sério em morrer, dizendo para comigo que isso aconteceria, mais cedo ou mais tarde. Mas no preciso momento em que pensava naquilo, a curiosidade de uma existência sem dor levava-me, temporariamente, a querer viver. Comparado com a morte, o facto de vender o meu corpo não era assim tão grave.

– Estou a compreender – disse eu.

Creta Kano remexeu com a palhinha o gelo meio derretido no sumo de laranja e bebeu um golinho.

– Posso fazer-lhe uma pergunta? – disse eu.

– À vontade.

– Falou com a sua irmã acerca dessa história?

– Na época a minha irmã encontrava-se em Malta. Enquanto por lá andou em retiro espiritual, nunca me deu a conhecer a sua morada. Tinha medo que isso interferisse nos seus exercícios ou lhe perturbasse a concentração. Praticamente não lhe pude enviar cartas durante os três anos que permaneceu em Malta.

– Estou a compreender – disse eu. – Apetece-lhe mais um pouco de café?

– Sim, agradeço – respondeu ela.

Fui à cozinha e aqueci o café. Enquanto esperava, respirei fundo várias vezes sem tirar os olhos do

termóstato da cafeteira eléctrica. Quando o café ficou quente, deitei-o em duas chávenas lavadas e levei-as para a sala na bandeja, juntamente com um pratinho de bolachas de chocolate. Durante um bocado, ficámos ali a beber café e a comer bolachas.

– Há quanto tempo tentou suicidar-se? – perguntei.

– Tinha acabado de fazer vinte anos, ou seja, há seis anos. Em Maio de 1978 – respondeu.

Foi em Maio de 1978 que Kumiko e eu nos tínhamos casado. Precisamente nesse mês Creta Kano tinha tentado suicidar-se e Malta Kano vivia como asceta na ilha de Malta.

– Ia até aos bairros mal-afamados, metia conversa com o primeiro homem decente que me aparecia pela frente – retomou Creta o fio à meada –, negociava o preço, levava-o para um hotel ali perto e ia para a cama com ele. O acto sexual não me provocava a mínima dor física. Nem me dava o mínimo prazer, verdade seja dita. Não passava de uma sucessão de movimentos físicos, mais nada. Tão-pouco sentia remorsos por receber dinheiro a troco de sexo. Estava envolta numa insensibilidade de tal forma profunda que não vislumbra o fundo.

«Era um bom negócio. Só no primeiro mês consegui amealhar quase um milhão de ienes. Àquele ritmo, teria sido possível saldar nas calmas a minha dívida em três ou quatro meses. À tardinha, quando saía da universidade, ia até ao centro da cidade fazer pela vida, procurando sempre estar em casa antes das dez, o mais tardar. Aos meus pais disse que tinha arranjado trabalho como empregada de restaurante. Ninguém suspeitava de nada. Como não podia devolver muito dinheiro de uma vez para não levantar suspeitas, decidi entregar ao meu pai apenas cem mil ienes por mês e depositar o resto no banco.

«Mas uma noite, perto da estação, quando me preparava como de costume para abordar um desconhecido, dois homens agarraram-me de repente por detrás. A princípio pensei que eram polícias. Mas depois percebi que eram membros da *yakuza*¹⁴. Arrastaram-me para uma ruela obscura, ameaçaram-me com uma espécie de faca e levaram-me para os seus escritórios locais. Trancaram-me no quarto dos fundos, despiram-me e ataram-me. A seguir violaram-me durante muito tempo. E gravaram tudo com uma câmara de vídeo. Eu permaneci o tempo todo com os olhos fechados, procurando não pensar em nada. Não foi difícil, uma vez que não sentia nem dor nem prazer.

«Depois mostraram-me o vídeo e disseram-me que, se não queria que o tornassem público, tinha de entrar para a organização e trabalhar para eles. Pegaram no cartão de estudante que levava comigo na carteira e ameaçaram enviar uma cópia daquele vídeo aos meus pais, dizendo que lhes sacariam todo o dinheiro que pudessem se eu me recusasse a obedecer-lhes. Não me restava alternativa. Disse que faria o que me ordenassem, visto que tudo me era indiferente. E, de facto, naquela altura assim era. Eles disseram que, a partir do momento em que eu entrasse para a organização, os meus ganhos diminuiriam consideravelmente, pois eles passariam a ficar com setenta por cento do total. Em contrapartida, deixaria de ter o trabalho de andar à procura de clientes. E também deixaria de me preocupar com a Polícia. Seriam eles a enviar-me clientes de categoria. Acrescentaram que, pelo que tinham visto, se eu continuasse a abordar qualquer um daquela maneira, o mais certo era acabar estrangulada no quarto de algum hotel.

«A partir daí, passei a não ter de calcorrear as esquinas. Só tinha de me apresentar ao princípio da noite no escritório e seguir para o hotel que me indicavam.

«E o certo é que me arranjavam bons clientes. Não sei bem porquê, mas a verdade é que recebia tratamento privilegiado. Talvez porque o meu aspecto não fosse o de uma profissional, mas sim o de uma rapariga inocente e, mais, de boas famílias. É provável que isso excitasse a imaginação de

certos clientes. As outras raparigas recebiam três e mais clientes por dia, mas no meu caso safava-me com um ou dois, no máximo. As outras andavam sempre com um bíper atrás, e quando eram chamadas, não tinham outro remédio senão ir para hotéis de segunda encontrar-se com clientes duvidosos. No meu caso, podia quase sempre contar com a reserva feita. E quase sempre em hotéis de primeira categoria. Também me acontecia ter encontros em apartamentos de luxo. Os meus clientes eram, na sua maioria, homens de meia-idade, e só muito raramente jovens.

«Uma vez por semana, passava pelo escritório para receber o pagamento. Não ganhava tanto dinheiro como dantes, mas, contando com as gorjetas que costumava receber de um ou outro cliente, não era mau de todo. Como é óbvio, havia clientes que apareciam com pedidos estranhos, mas não me importava nada com isso. Quanto mais bizarros eram os pedidos, maior a gorjeta. Houve alguns que começaram mesmo a requisitar os meus serviços com regularidade. Regra geral, pagavam-me bom dinheiro. Esse dinheiro, depositava-o em diferentes bancos. Mas, na realidade, o dinheiro tinha deixado de ser importante para mim e mais não era do que uma simples enumeração de cifras. Era como se vivesse apenas para confirmar a minha total insensibilidade.

«De manhã, ao acordar, ainda deitada na cama, confirmava que o meu corpo não sabia o que era uma dor digna desse nome. Abria os olhos, ordenava calmamente as minhas ideias e, depois, passava em revista, uma a uma, as diferentes partes do meu corpo, da cabeça aos pés. Nem uma dor para amostra. Se realmente não tinha dores, ou se era eu que não dava por elas, não o saberia dizer. Uma coisa era certa, não sentia dor. Mais. Não só não sabia o que era a dor, como tão-pouco experimentava qualquer outro tipo de sensibilidade. Saltava da cama, ia ao quarto de banho, escovava os dentes, despia o pijama e tomava um duche de água quente. Sentia o corpo extremamente leve, imaterial, a ponto de nem saber se era o meu corpo. Tinha a sensação de que a minha alma habitava um corpo que não era o meu. Olhava-me no espelho, mas a imagem reflectida era, aos meus olhos, qualquer coisa de terrivelmente distante.

«Uma vida sem dor: era o que havia sonhado durante tanto tempo. E agora que o meu sonho se tornara realidade, não lograva encontrar o meu próprio espaço naquela nova realidade desprovida de dor. Existia uma clara fractura entre ambas, o que me causava grande confusão. Como ser humano, sentia-me desligada do mundo. Até ali, sempre o odiara com todas as minhas forças, aquele mundo injusto e desigual. Mas no mundo de antes, pelo menos eu era eu, e o mundo era o mundo. Agora, o mundo deixara de ser o que era. E eu deixara de ser quem era.

«Comecei a ter frequentes ataques de choro. Durante o dia ia sozinha até aos Jardins Imperiais de Shinjuku ou ao Parque de Yoyogi e sentava-me na relva a chorar. Acontecia-me passar uma hora ou duas seguidas a chorar. Às vezes soluçava alto. As pessoas que por ali passavam olhavam-me com estranheza, mas eu não me importava. Pensava na felicidade que teria sido caso tivesse morrido na noite de 29 de Maio. Nesses momentos só lamentava profundamente não ter morrido! Agora já nem morrer podia. Na minha insensibilidade, até as forças para pôr fim à minha vida perdera. Não existia nada. Apenas insensibilidade. E já nem eu era eu.

Creta Kano soltou um profundo suspiro, pegou na chávena de café e pôs-se a olhar lá para dentro. Depois sacudiu ligeiramente a cabeça e voltou a pousar a chávena.

– Foi nessa época que conheci Noboru Wataya.

– Noboru Wataya? – perguntei surpreendido. – Como cliente?

Creta Kano assentiu em silêncio.

– Mas... – comecei eu a dizer. Parei, calei-me durante um bocado para escolher bem as palavras. –

Não estou a compreender. No outro dia a sua irmã disse-me que Noboru Wataya a tinha violado. Trata-se de um episódio diferente?

Creta Kano pegou no lenço que tinha em cima dos joelhos e limpou a boca. Deixou-se ficar ali, de olhos postos nos meus, como se quisesse ler neles. Havia algo nas suas pupilas que me desconcertou.

– Desculpe – disse ela –, mas seria muito incómodo pedir-lhe mais um café?

– Claro que não – disse eu. Coloquei as chávenas em cima da bandeja e fui para a cozinha tratar do café. Encostei-me ao lava-loiça com as duas mãos nos bolsos, à espera que a água fervesse. Quando regressei à sala com as chávenas de café, Creta Kano já não se encontrava sentada no sofá. A bolsa, o lenço, todas as suas coisas haviam desaparecido. Fui espreitar na entrada. Os sapatos também lá não estavam.

Só a mim, contado nem se acredita.

¹⁴ Máfia japonesa. (*N. da T.*)

Condutas subterrâneas e falta de electricidade

May Kasahara e as suas teorias sobre cabeleiras postiças

Na manhã seguinte, depois de me despedir de Kumiko, fui nadar um bocado para a piscina do bairro. A essa hora há sempre menos gente. De regresso a casa, preparei um café e fiquei a bebê-lo ali mesmo na cozinha, sempre com a estranha e incompleta história de Creta Kano às voltas na cabeça.

Fui recordando por ordem o que me havia contado, todos os episódios, um a um. Quanto mais remoía naquilo, mais estranho tudo me parecia. Mas chegou um momento em que o meu cérebro se recusou a funcionar como deve ser. Estava cheio de sono. Fui até à sala, deitei-me no sofá e fechei os olhos. Acto contínuo, adormeci. E tive um sonho.

Sonhei com Creta Kano. Mas quem aparecia primeiro era Malta Kano. Usava um chapéu tirolês com uma longa pena de cores vivas. Aquele lugar (uma espécie de grande salão) era um mar de gente, mas a figura de Malta Kano, com aquele chapéu vistoso, saltava à vista. Estava sentada no bar, sozinha. Diante dela tinha um copo cheio com o que parecia ser uma bebida tropical, mas não consegui perceber se estava a beber ou não.

Eu tinha vestido o meu fato e a famosa gravata às pintinhas. Assim que vi Malta Kano, encaminhei-me na direcção dela, mas a multidão tolhia-me o passo e não me deixava avançar. Quando finalmente consegui chegar ao bar, já ela tinha desaparecido. Diante do banco alto só ficara o copo com a tal bebida exótica. Sentei-me no tamborete ao lado e mandei vir um uísque escocês com gelo. O *barman* perguntou-me se tinha alguma marca preferida. «Um *Cutty Sark*», respondi eu. Na realidade, a marca pouca ou nenhuma importância tinha, mas *Cutty Sark* foi a primeira que me veio à cabeça.

Mas antes ainda de me servirem a bebida, senti alguém atrás de mim a agarrar-me delicadamente o braço, como quem pega numa coisa frágil. Ao virar-me, dei de caras com um homem sem rosto. Não conseguia ver se na realidade ele tinha rosto ou não. A zona onde deveria encontrar-se estava completamente coberta por uma sombra escura e não conseguia vislumbrar o que existia lá debaixo. «Por aqui, senhor Okada», dizia o homem. Eu tentava falar, mas ele não me dava sequer tempo de abrir a boca. «Por favor, siga-me. Não temos muito tempo. Venha depressa.» Sempre a agarrar-me pelo braço, atravessava a sala apinhada de gente com passo rápido e ia ter a um corredor. Eu seguia-o pelo corredor fora sem oferecer resistência. Afinal de contas, ele sabia o meu nome. Não se podia propriamente dizer que me estava a deixar levar por um completo estranho. O homem devia ter uma boa razão para aquilo, algum objectivo em vista.

Depois de seguir pelo corredor durante algum tempo, o homem sem rosto detinha-se frente a uma porta. O número inscrito numa placa era o 208. «Não está fechada à chave. Abra-a o senhor, por favor», dizia ele. Seguindo as suas instruções, eu abria a porta. Dava para uma sala espaçosa. Dir-se-ia a suíte de um velho hotel. Tinha o pé-direito alto e do tecto pendia o lustre de um candelabro

antigo. Mas não estava aceso, apenas uns pequenos apliques difundiam uma luminosidade ténue. As cortinas da janela estavam completamente corridas.

«Se é uísque que lhe apetece, aí encontrará muito por onde escolher», dizia o homem sem rosto. «Prefere *Cutty Sark*, não é verdade? Sirva-se, por favor, não faça cerimónia», dizia o homem sem rosto apontando para um armário ao lado da porta. Depois fechava a porta sem fazer barulho e deixava-me sozinho lá dentro. Eu ficava um grande bocado ali de pé, imóvel, no meio da sala, sem saber muito bem o que fazer.

Na parede via-se uma enorme pintura a óleo, representando um rio. Contemplei-a por instantes, na esperança de acalmar o espírito. A Lua iluminava placidamente a margem do lado de lá, mas não conseguia descortinar a paisagem. A luz da Lua era demasiado fraca, e os contornos vagos e imprecisos.

Começara, entretanto, a sentir uma vontade terrível de beber um uísque. Tal como me havia indicado o homem sem rosto, decidi abrir a porta do armário e beber um trago. Mas a porta não cedia. Vendo bem, aquilo que parecia uma porta não passava de uma falsa porta, um hábil *trompe l'oeil*. Durante alguns instantes, tentei empurrar ou puxar por todos os lados a fim de descobrir o mecanismo de abertura, mas em vão.

«Não se abre assim tão facilmente», dizia Creta Kano. Subitamente dei-me conta de que ela se encontrava ao pé de mim. Ainda e sempre, era a viva imagem da moda nos princípios dos anos sessenta. «Demora o seu tempo. Hoje já não vai ser possível. O melhor é desistir.»

E ali mesmo, diante dos meus olhos, livrou-se rapidamente da roupa, como se estivesse a descascar uma vagem de ervilha, e ficou nua. Sem preâmbulos nem explicações de espécie alguma.

«Não temos muito tempo, senhor Okada. Vamos lá despachar isto. Tenho muita pena de não poder ocupar-me de si com mais calma, mas tenho as minhas razões. Já foi difícil chegar até cá.» E então aproximou-se de mim, abriu-me a braguilha e, como se fosse a coisa mais natural do mundo, tirou-me o pénis para fora. Depois, baixando os olhos com as longas pestanas postiças, envolveu-me o pénis com os lábios. Tinha a boca muito maior do que eu alguma vez imaginara. Dentro dela, o meu pénis ficou mais duro e tive uma erecção imediata. Quando ela mexia a língua, as pontas encaracoladas do seu cabelo oscilavam ligeiramente como se tocadas pela brisa, acariciando-me as coxas. Só lhe conseguia ver o cabelo e as pestanas postiças. Eu estava sentado na cama e ela, de joelhos no chão, tinha o rosto enterrado no meu baixo-ventre. «Pára», dizia eu. «Noboru Wataya deve estar quase a chegar. Se me encontra aqui, estou feito. Não quero correr o risco de dar de caras com aquele homem.»

«Não te preocupes», retorquiu Creta Kano, tirando a boca do meu pénis. «Temos todo o tempo do mundo.»

Percorreu-me o sexo com a ponta da língua. Não queria ejacular. Mas foi mais forte do que eu. Tinha a sensação de estar a ser sugado para dentro de qualquer coisa. Os seus lábios e a sua língua eram como um corpo vivo e viscoso, agarrado a mim e mantendo-me prisioneiro. Vim-me. E foi então que acordei.

Só a mim, contado nem se acredita.

Fui à casa de banho, lavei a roupa interior manchada e tomei duche, lavando-me escrupulosamente para me livrar da sensação viscosa deixada pelo sonho. Há quantos anos não tinha um sonho húmido? Tentei lembrar-me da última vez. Fora há tanto tempo que já nem sabia o que isso era.

Acabava de sair do duche e estava a secar-me com a toalha quando tocou o telefone. Era Kumiko.

Eu a acabar de me vir enquanto sonhava com outra mulher e ela ali ao telefone. Não deixava de ser uma sensação incômoda, falar com ela.

– Estás com uma voz estranha. Aconteceu alguma coisa? – quis ela saber. Tinha uma intuição danada para aquele género de coisas.

– Não, nada de especial – respondi. – Adormeci sem querer e acordei agora mesmo.

– Hmm... – fez ela num tom desconfiado.

A sua suspeita chegava até mim através do telefone, deixando-me ficar ainda mais tenso.

– De qualquer forma, é só para dizer que tenho muita pena mas hoje vou chegar um bocadinho mais tarde – disse Kumiko. – Se calhar antes das nove não consigo estar em casa. Por isso o melhor é jantar fora.

– Por mim, tudo bem. É da maneira que arranjo qualquer coisa só para mim.

– Desculpa lá – acrescentou ela. Disse aquilo como se lhe tivesse ocorrido aquilo no último momento. Ao fim de alguns segundos, desligou.

Fiquei por momentos a olhar para o auscultador e depois fui para a cozinha, descasquei uma maçã e comi-a.

Ao longo dos meus seis anos de casamento com Kumiko, nunca a enganara. O que não é o mesmo que dizer que nunca tinha sentido desejo por outra mulher. Nem que as oportunidades haviam faltado. Pura e simplesmente, acontece que nunca as tinha aproveitado. Não sei explicar bem a razão, mas prende-se com uma questão de prioridades na vida.

Só uma vez, devido a circunstâncias que não estavam no programa, tinha passado a noite em casa de uma amiga. Tinha simpatia por ela, e, por seu turno, ela não se teria importado nada de ir para a cama comigo. Apesar de saber isso, não me deitei com ela.

Era uma rapariga que trabalhava comigo na mesma firma. Creio que era dois ou três anos mais nova do que eu. As suas funções consistiam em atender o telefone e coordenar a agenda de todos nós, e posso afirmar que desempenhava esse tipo de tarefas de forma impecável. Possuía uma grande intuição e excelente memória. Se alguém queria saber alguma coisa, era só perguntar-lhe: onde se encontrava fulano tal e o que estava a fazer, onde estava arquivado o documento xis, coisas desse género. Era ela que tomava notas de todas as reuniões. Toda a gente gostava dela e confiava na sua capacidade de trabalho. A nível pessoal, a nossa relação quase poderia ser considerada de amizade, e não era a primeira vez que tínhamos ido beber qualquer coisa. Não se podia dizer que fosse propriamente uma beldade, mas o rosto dela era do meu agrado.

Quando deixou o emprego para se casar (foi obrigada a mudar-se para Kyushu por causa do trabalho do noivo), eu e vários outros colegas do escritório convidámo-la para ir tomar um copo connosco no último dia de trabalho. No regresso, apanhámos os dois o mesmo comboio e, como já era tarde, acompanhei-a a casa. Ao chegar à porta do seu apartamento, ela convidou-me a entrar para beber um café. Eu estava preocupado com a ideia de perder o último comboio, mas, ao mesmo tempo, sabia que aquela poderia muito bem ser a última vez que nos víamos e, além disso, estava mesmo a apetecer-me um café para ver se dissipava os efeitos do álcool, por isso aceitei. Era a típica casa de uma rapariga solteira que vive sozinha. Havia um frigorífico demasiado grande para uma só pessoa e uma estante em que se destacava a aparelhagem de som, porventura demasiado luxuosa para aquele tipo de alojamento. Segundo me contou, um amigo tinha-lhe oferecido o

frigorífico. Ela foi ao quarto vestir uma roupa mais confortável e depois voltou à cozinha para tratar do café. Sentámo-nos os dois no chão, um ao lado do outro, e ficámos ali à conversa.

– Há alguma coisa que te meta realmente medo? – perguntou-me ela a certa altura, como se tivesse acabado de se lembrar daquilo, isto numa altura em que estávamos ambos calados.

– Nada em especial – respondi eu depois de ter pensado naquilo durante um bocado. Havia muitas coisas que me faziam medo, mas na altura não me lembrei de nenhuma *em concreto*. – E tu?

– Tenho medo das condutas subterrâneas – confessou ela abraçando os joelhos com ambas as mãos.

– Sabes o que são, não sabes? Uma espécie de canais subterrâneos por onde passa a água. Uma corrente de água coberta por uma tampa e muito escura.

– Condutas subterrâneas – repeti. Não me lembrava da ortografia exacta.¹⁵

– Nasci e cresci numa zona rural, na província de Fukushima. Perto de minha casa passava um pequeno rio que era aproveitado para regar os campos – começou ela a contar –, mas, a partir de um certo ponto, transformava-se numa conduta subterrânea. Um dia, devia ter os meus dois ou três anos, estava a brincar com umas crianças mais velhas das redondezas e elas obrigaram-me a subir para um barquinho e largaram-me no meio do riacho. Se calhar era uma brincadeira que passavam a vida a fazer, mas naquele dia tinha estado a chover e as águas do rio transbordaram. O barco escapou-lhes das mãos e a corrente começou a arrastar-me para a entrada da conduta subterrânea. Se não fosse um vizinho que por acaso ia a passar por ali, não sei o que me teria acontecido. O mais certo era ter sido sugada para dentro da conduta e nunca mais ninguém teria sabido nada de mim.

Ela acariciou os lábios com um dedo da mão esquerda como para confirmar, uma vez mais, que continuava viva.

– Ainda me lembro de como tudo aconteceu. Lembro-me da cena como se fosse hoje. Até parece que estou a ver-me, deitada de barriga para cima e a ser levada pela corrente. Vejo desfilar cada vez mais depressa os muros de pedra que bordejam o rio e, por cima de mim, vejo o céu de um belo azul, o mais azul dos azuis. Sinto que a corrente me leva consigo, cada vez mais veloz. Não compreendia o que me estava a acontecer. Mas, de repente, dou-me conta do que me espera: a escuridão. A verdadeira escuridão. Um pouco mais adiante, esperam-me as trevas e não tarda nada vão engolir-me. Tinha a sensação de que uma sombra gélida estava prestes a abater-se sobre mim. É a minha recordação mais antiga.

Bebi um gole de café.

– Tenho medo – disse ela. – Não consigo deixar de ter um medo de morte. Um medo insuportável. Sinto-me como da outra vez. Estou a ser arrastada pela corrente, rapidamente, *lá* para dentro. E não há maneira de escapar.

Tirou o tabaco do bolso, meteu um cigarro na boca e acendeu-o com um fósforo. Depois deixou escapar lentamente o fumo. Era a primeira vez que a via fumar.

– Estás a referir-te ao teu casamento? – perguntei.

– Sim. Estou a falar do meu casamento.

– Há algum problema concreto relacionado com o casamento?

Ela abanou a cabeça.

– Não, não creio que haja aquilo a que se possa chamar um problema concreto. São pequenas coisas. Mas se entramos por aí, nunca mais de lá saímos.

Não sabia bem o que lhe havia de dizer, mas a situação exigia que eu dissesse alguma coisa.

– Creio que toda a gente que se vai casar deve experimentar mais ou menos a mesma sensação.

Não deve haver quem não pergunte a si próprio se não estará a cometer um grande erro. Trata-se, ao fim e ao cabo, de uma insegurança perfeitamente legítima. É óbvio que eleger um companheiro para toda a vida é uma decisão importante. Não há razão para estares assim angustiada *a esse ponto*.

– Isso é fácil de dizer. «Acontece a toda a gente, somos todos iguais» – lançou ela.

Já passava das onze. Estava na altura de levar a conversa a bom porto e ir-me embora dali. Mas antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela virou-se para mim à queima-roupa e pediu-me que a abraçasse.

– Porquê? – perguntei-lhe, apanhado de surpresa.

– Preciso que recarregues as minhas baterias.

– As baterias?

– Não tenho electricidade no corpo que chegue. Há uma quantidade de dias que não sei o que é dormir. Durmo um bocadinho, acordo e depois não consigo pregar olho. Já não consigo pensar. Quando isto acontece, preciso que alguém me ajude a recarregar as baterias. De outra maneira, não posso continuar a viver. Acredita. Estou a falar a sério.

Pensando que talvez ela já estivesse com um grãozinho na asa, olhei-a bem no fundo dos olhos, mas o que vi foram os mesmos olhos inteligentes e perspicazes do costume. Sem o mínimo sinal de embriaguez.

– Escuta uma coisa, tu vais casar-te daqui a uma semana. O teu marido vai poder abraçar-te as vezes que quiseres. Todas as noites. É isso, o casamento. A partir de agora nunca mais sentirás falta de energia.

Ela não respondeu. Apertou os lábios e limitou-se a olhar para os pés em silêncio. Tinha os pés perfeitamente alinhados um ao lado do outro. Eram pequenos e brancos, com dez unhas muito bem arrançadas.

– O problema é agora – disse ela. – Não amanhã, na semana que vem ou no próximo mês. É *agora* que a electricidade me faz falta.

Parecia ter realmente necessidade de que alguém a abraçasse, e foi isso mesmo que eu fiz, pondo os braços à volta dela. Tive uma sensação muito estranha. Para mim, ela não passava de uma colega, eficiente e simpática. Trabalhávamos na mesma sala, trocávamos piadas, e quando calhava íamos beber qualquer coisa juntos. Mas, longe do trabalho, naquele apartamento, com ela nos meus braços, o seu corpo mais não era do que uma massa de carne tépida. No fim de contas, pensei, limitamo-nos a representar o papel que nos foi atribuído no cenário da nossa vida profissional. Uma vez fora do cenário, tiradas as máscaras que dão corpo às personagens que interpretamos, não passávamos de pedaços de carne, petrificados de angústia e vergonha. Simples pedaços de carne tépida dotados de esqueleto, aparelho digestivo, coração, cérebro, sexo. Pus os braços em redor das suas costas, e ela apertou com força os seios contra o meu peito. Eram maiores e mais macios do que eu imaginava. Eu continuava sentado no chão com as costas apoiadas à parede, ela estava toda encostada a mim. Deixámo-nos ficar assim, sem mudar de posição nem trocar uma palavra, durante muito tempo.

– Estás melhor assim? – perguntei eu por fim, numa voz que não parecia a minha. Senti-a dizer que sim com a cabeça.

Ela vestia uma camisola e uma saia fininha que lhe dava pelo joelho. Reparei que não tinha mais nada por baixo. Acto contínuo, fiquei com uma erecção. Ela pareceu dar-se conta disso. Durante todo

aquele tempo tinha sentido sempre a sua respiração quente sobre a minha nuca.

Não fui para a cama com ela. Mas continuei ali a «recarregar as suas baterias» até às duas da manhã. Ela pediu-me por tudo para não a deixar sozinha, para ficar assim abraçado até ela adormecer. Levei-a para a cama e deitei-a. Mas continuava sem conseguir dormir. Tinha vestido o pijama, e eu continuava a abraçá-la, para «recarregar as baterias». Com ela nos meus braços, dava para sentir as suas faces quentíssimas, o seu coração a bater com força. Não tinha a certeza de estar a agir correctamente, mas não conseguia imaginar outra maneira de lidar com a situação. O mais fácil teria sido dormir com ela, mas afastei aquela ideia do meu espírito. Dizia-me o instinto que não o devia fazer.

– Espero que não me fiques a detestar por causa do que aconteceu esta noite – disse ela. – Estava com tanta falta de electricidade que não podia fazer outra coisa.

– Não te preocupes – respondi. – Compreendo perfeitamente a situação.

Ainda pensei em telefonar para casa. Mas a verdade é que não sabia o que havia de dizer a Kumiko. Que explicação dar? Odiava ter de mentir, mas, por outro lado, não acredito que fosse compreender o que acontecera, caso lhe tivesse explicado tudo, com todos os pormenores. E, confesso, às tantas aquilo deixou de me preocupar. O que tem de ser, tem muita força. Às duas estava a sair do apartamento dela e às três entrava em casa. Demorei uma eternidade a encontrar um táxi.

Como seria de esperar, Kumiko estava furiosa. Ainda acordada, esperava por mim sentada à mesa da cozinha. Contei-lhe que tinha ido beber um copo com os colegas e que depois tínhamos ficado entretidos a jogar *majong*. Ela quis saber por que motivo não tinha telefonado a avisar. Respondi que nem sequer me passara pela cabeça. Isso obviamente não a convenceu, e, uma coisa levou à outra, não demorou muito a descobrir a mentira. Há anos que eu não sabia o que era jogar *majong*. E, ainda por cima, não sei mentir. Acabei por confessar a verdade. Contei-lhe a história toda do princípio ao fim, saltando, claro, a parte da minha erecção. E jurando que não tinha havido nada entre mim e aquela rapariga.

Kumiko passou três dias sem me falar. Literalmente. Nem uma palavra. Dormia no outro quarto e comia sozinha. Pode dizer-se que foi esta a pior crise que o nosso casamento enfrentou. Estava seriamente zangada comigo. E eu compreendia muito bem que isso acontecesse.

– Experimenta pôr-te no *meu* lugar. Tu, que pensarias *tu*? – perguntou-me Kumiko ao fim de três dias de silêncio. Foram estas as suas primeiras palavras. – E se fosse *eu* a chegar às três da manhã, sem ter sequer telefonado para casa, e te tivesse dito: «Passei a noite na cama com um homem, mas não te preocupes, não aconteceu nada entre nós. Acredita, estive só a recarregar-lhe as baterias. Agora, vamos a um bom pequeno-almoço e, depois, caminha.» Eras capaz de acreditar, sem ficares irritado?

Permaneci em silêncio.

– E não contente com isso, ainda fizeste pior – prosseguiu Kumiko. – Mentiste-me. Primeiro disseste-me que tinhas estado a beber e a jogar *majong*. E isso era mentira. Como é que queres que acredite em ti quando me dizes que não fizeste amor com ela?

– Reconheço que fiz mal em ter mentido – disse eu. – Mas se menti foi só porque era complicado dizer a verdade. Não é algo que se possa explicar assim tão facilmente. Só quero que acredites que não fiz nada de mal.

Kumiko permaneceu alguns instantes com a cabeça apoiada sobre a mesa. Tive a impressão de que o ar na sala se fora tornando, pouco a pouco, mais ligeiro.

– Não sei como explicar melhor – acrescentei –, mas preciso que acredites em mim. Não posso fazer mais nada para te convencer.

– Se queres que acredite em ti, eu acredito – retorquiu ela. Mas não *te* esqueças do que te vou dizer: pode muito bem acontecer que eu te faça a mesma coisa a ti. E, nesse dia, é bom que *tu* acredites em *mim*. Tenho esse direito.

Até à data, Kumiko nunca exercera aquele direito. Às vezes penso no que aconteceria se ela o fizesse. Era provável que acreditasse nela. Mas não descarto a hipótese de me sentir confuso, ao ponto de considerar a hipótese insuportável. Por que diabo se teria ela lembrado de apostar uma coisa assim? E esses deviam ter sido precisamente os sentimentos de Kumiko naquele momento.

– Senhor Pássaro de Corda! – gritou alguém do jardim. Era a voz de May Kasahara.

Saí para a varanda ainda a secar o cabelo com a tolha. Fui dar com ela ali, a morder a unha do polegar. Trazia os mesmos óculos de sol da primeira vez que a vi, umas calças de algodão cremes e um pólo de cor preta. Na mão tinha um portefólio.

– Saltei por cima – disse, apontando para o muro de cimento. E sacudi o pó que se havia agarrado às calças. – Saltei para aqui um bocado a olho. Ainda bem que aterrei na tua casa! Imagina se, por engano, tivesse entrado na casa de outra pessoa!

Sacou do bolso das calças de um maço de *Hope* e acendeu um cigarro.

– Ora diz lá, senhor Pássaro de Corda, tudo bem contigo?

– Vou andando.

– Olha, estou a caminho do trabalho – disse ela –, por acaso não queres vir comigo. Funcionamos em grupos de dois e confesso que prefiro mil vezes fazer equipa com alguém que conheça. As pessoas que estão ali pela primeira vez não param de fazer perguntas. Quantos anos tenho, por que é que não vou à escola, esse género de coisas. Uma seca. Isto se não me calhar em sorte algum perverso, que também os há. Já tem acontecido, sabes? Anda lá... pensa nisso como um favor que me fazes.

– É aquele trabalho de que me falaste da outra vez? O tal inquérito para o fabricante de perucas?

– Isso mesmo – respondeu ela. – Só tens de contar as pessoas calvas que passam por Ginza¹⁶ entre a uma e as quatro da tarde. Nada mais simples. E ainda ficas a ganhar. Mais cedo ou mais tarde, vais começar a ficar calvo e, pelo sim pelo não, tens todo o interesse em começar desde já a debruçar-te sobre o problema enquanto ainda tens cabelo.

– Mas ouve lá, não corres o risco de te dizerem alguma coisa, caso te encontrem em Ginza durante o dia a fazer isto, em vez de ires à escola?

– Não me acontece nada. Basta que diga que estou a fazer um trabalho de campo para a aula de Ciências Sociais. Engolem sempre esta história, não há problema.

À falta de outros planos para passar a tarde, decidi acompanhá-la. May telefonou para a dita empresa e disse-lhes que íamos a caminho. Ao telefone, exprimia-se com a linguagem mais correcta do mundo, como se fosse uma senhora muito educada. «Sim, terei todo o gosto em trabalhar com a pessoa em questão. Sim, com efeito. Não se preocupe. Agradeço imenso. Muito obrigada. Sim, plenamente de acordo. Perfeitamente. Estaremos lá pouco depois das duas.» Deixei um bilhete a

dizer que estaria de volta antes das seis, para o caso de Kumiko chegar mais cedo, e sair de casa na companhia de May Kasahara.

O escritório do fabricante de perucas ficava em Shimbashi. Durante a viagem de metro, May explicou-me em que consistia o trabalho de investigação. Tínhamos instruções para ficarmos numa esquina e contar todos os homens carecas (ou pessoas com pouco cabelo) que por ali passassem. Depois era preciso dividi-los em três categorias, consoante o grau de calvície. Categoria «A»: os cabelos começavam a rarear (aqueles que tinham o cabelo um tanto ou quanto ralo); «B»: calvície já instalada; «C»: pessoas completamente calvas.

May abriu o portefólio e tirou lá de dentro um impresso como os que usavam no inquérito e mostrou-me os diversos modelos de calvície.

– Com isto já dá para perceber, não? Segundo o grau de calvície, consideras que uma pessoa faz parte de um determinado grupo. Basta uma coisa aproximada. Se uma pessoa cai na tentação de ser demasiado precisa, nunca mais saímos daqui.

– Sim, no geral acho que já percebi – respondi num tom hesitante.

Ao lado dela ia sentado um homem com peso a mais e pinta de funcionário público – que, sem hesitação, eu me arriscaria a classificar como pertencendo à categoria «B» – que não parava de olhar de relance para o folheto, nitidamente incomodado. May Kasahara, essa não parecia nada preocupada com esse facto.

– Eu encarrego-me de classificar as pessoas em A, B ou C. Tu ficas ao meu lado e só tens de tomar nota de cada vez que eu disser «A», «B» ou «C». Queres mais simples?

– Talvez seja – respondi. – Mas qual é o interesse de um inquérito deste género?

– Isso já não sei – admitiu ela. – Só sei que há pessoas a fazer o mesmo que nós um pouco por toda a parte. Em Shinjuku, em Shibuya, em Aoyama. Se calhar estão a tentar saber em que bairros há mais gente careca. Ou então estão interessados em averiguar a percentagem a que corresponde cada um destes grupos na população em geral. Vá lá saber-se... O certo é que não sabem o que hão-de fazer ao dinheiro, por isso podem dar-se ao luxo de o gastar em coisas deste género. O comércio das cabeleiras postiças dá dinheiro que se farta. Basta dizer que as horas extraordinárias são aqui *muito mais* bem pagas do que em qualquer outro ramo. Sabes porquê?

– Não. Porquê?

– Porque as cabeleiras postiças não duram muito. Aposto que não sabias isto, mas uma peruca, em média, dura dois ou três anos. Nos últimos tempos, as cabeleiras postiças estão muito bem feitas mas, em contrapartida, são mais frágeis e estragam-se mais depressa. Ao fim de dois anos, três no máximo, é preciso comprar uma nova. Como aderem perfeitamente ao couro cabeludo, os cabelos verdadeiros começam a ficar cada vez mais ralos, o que obriga a trocar a velha cabeleira por uma que seja capaz de cobrir mais cabelo. Imagina que compravas uma peruca e que ela deixava de te servir ao fim de dois anos. Qual seria o teu raciocínio? «Bom, lá fiquei sem cabeleira postiça. Como já não a posso usar, e uma nova iria custar-me os olhos da cara, a partir de amanhã vou mas é trabalhar sem peruca...» Consegues imaginar uma cena do género?

Neguei com a cabeça.

– Não me parece.

– Claro que não. Em resumo, quando uma pessoa começa a usar peruca, está condenada a usá-la para sempre. É por isso que os fabricantes de perucas ganham tanto dinheiro. Bem sei que, dito assim, é um bocado forte, mas são como os traficantes de droga. Cada vez que arranjam um cliente,

têm ali um cliente para toda a vida, até à morte. Alguma vez ouviste falar de um careca a quem tenha crescido uma farta cabeleira negra? *Eu*, não conheço nem um caso para amostra. E, depois, uma peruca vale no mínimo uns quinhentos mil ienes; as mais sofisticadas chegam a custar à volta de um milhão. E é preciso comprar uma de dois em dois anos, agora faz as contas. Mais do que um automóvel... Um carro, podes andar com ele durante quatro, cinco anos, não? E ao comprar um modelo novo, entregas o velho e ainda recibes dinheiro por ele. Mas as perucas têm um ciclo de vida mais curto. E nem sequer podes entregar a velha para troca!

– Estou a perceber o teu ponto de vista – disse eu.

– Além disso, os fabricantes de cabeleiras postiças têm os seus próprios cabeleireiros, onde os clientes podem mandar lavar, cortar e pentear as suas perucas. Não estás a ver-te no barbeiro, sentado diante do espelho, a tirar a peruca e a dizer para o homem: «Importava-se de me aparar um pouco a cabeleira?», pois não? É mais fácil dizer que fazer, não te parece? Só com esses institutos de beleza especializados ganham eles uma pipa de massa.

– As coisas que tu sabes! – exclamei eu, com genuína admiração. O funcionário pertencente à categoria «B» sentado ao nosso lado escutava a conversa com evidente fascínio.

– Ah, isso é porque tenho boas relações com o pessoal da empresa e eles puseram-me a par de uma quantidade de coisas – confidenciou May Kasahara. – Esta gente tem lucros que nem te passa pela cabeça. Mandam fazer as cabeleiras postiças nos países do Sudeste asiático, onde a mão-de-obra é mais barata. Até mesmo o cabelo das perucas compram lá na Tailândia ou nas Filipinas. As raparigas desses países cortam o cabelo e vendem-nos às empresas fabricantes de cabeleiras postiças. Em certos lugares, é a única maneira de arranjar dote. Que mundo mais estranho, este em que vivemos. Se formos ver, o cabelo de algum destes tipos aqui sentados é, na realidade, o cabelo de alguma jovem indonésia.

Ao ouvir aquilo, o funcionário «B» e eu varremos com o olhar, acto contínuo, o interior da carruagem.

Passámos primeiro pelo escritório de Shimbashi para irmos buscar um sobrescrito contendo formulários de inquérito e alguns lápis. A empresa era tida como a segunda em vendas de mercado, mas tinha uma fachada muito discreta, sem nenhuma inscrição, por onde podiam aceder os clientes sem darem nas vistas. Da mesma forma, o nome da empresa não aparecia nem nos sobrescritos nem nas folhas destinadas a serem preenchidas. Escrevi o nome, morada, habilitações literárias e idade numa ficha de inscrição para trabalhadores em tempo parcial e entreguei-a no departamento de estudos de mercado. Segundo parecia, tratava-se de um local de trabalho sossegado, onde reinava o silêncio. Não havia ali ninguém a gritar ao telefone, nem se via ninguém a matraquear o teclado do computador, com as mangas da camisa arregaçadas. Estava toda a gente impecavelmente vestida, calmamente entregue às respectivas tarefas. Como seria de esperar numa empresa de cabeleiras postiças, não se via uma única pessoa calva entre os presentes. Podia dar-se o caso de alguns deles estarem a usar perucas de fabrico da empresa, mas não fui capaz de dizer quem usava e quem não usava. De todas as empresas que alguma vez visitara, aquela era a mais estranha.

Saindo dali, apanhámos o metro e fomos até Ginza. Como ainda era cedo e tínhamos fome, entrámos num Dairy Queen para comer um hambúrguer.

– Diga-me lá, senhor Pássaro de Corda – disse May Kasahara –, eras capaz de usar peruca se

começasses a perder cabelo?

– Não te sei dizer – respondi. – Não gosto de complicar as coisas, de modo que o mais provável era ficar careca.

– Ainda bem – disse ela, limpando o *ketchup* da boca com um guardanapo de papel. – Assim é que é. Perder cabelo não é uma coisa assim tão trágica, contrariamente ao que pensa muito boa gente a quem isso acontece. Não me parece que seja caso para um drama.

– Hmm – fiz eu.

Depois sentámo-nos na entrada do metro, diante do edifício Wako, e durante três horas entretivemo-nos a contar as pessoas com falta de cabelo. Sentados nas escadas que dão para a estação, olhando lá de cima as cabeças dos que subiam e desciam, era o melhor método para avaliar com precisão o estado capilar de todas aquelas cabeças. Conforme May Kasahara me ia dizendo «A» ou «B» ou «C», eu ia registando a informação no formulário. Via-se perfeitamente que May estava habituada à tarefa. Nem por uma única vez se enganou ou deu mostras de hesitação. Não perdia tempo e classificava imediatamente os estados de calvície em três graus, dando-me a conhecer o resultado, com segurança na voz. «A», «B», «C», limitava-se ela a dizer, baixinho, para não dar nas vistas. Volta e meia, quando calhava irem a passar várias pessoas carecas ao mesmo tempo, via-se obrigada a disparar rapidamente e de uma assentada: «C-C-B-A-B-C-A-A-C-C-B-B-B». A certa altura, um homem de idade com ar distinto (e por sinal dono de uma magnífica cabeleira branca), depois de observar durante algum tempo a nossa actividade, virou-se para mim e perguntou-me:

– Desculpe, mas posso saber o que estão os dois a fazer?

– Um inquérito – disse eu.

– Que tipo de inquérito? – perguntou ele.

– Um inquérito sociológico – respondi.

– «C-A-C-A-B-C» – debitou May Kasahara em voz baixa.

Pouco ou nada convencido, o ancião ficou ali a observar o nosso labor durante mais um bocado até que, por fim, desistiu e foi à sua vida.

Quando bateram as quatro no relógio dos armazéns Mitsukoshi, do outro lado da rua, demos por terminado o inquérito e voltámos ao Dairy Queen para tomar um café. Não se podia dizer que fosse um trabalho que envolvesse grande desgaste físico e, contudo, sentia os músculos do pescoço e das costas estranhamente rígidos. Quem sabe se não seria por ter estado a contar às escondidas o número das pessoas sem cabelo. Apanhámos o metro e, no caminho de regresso à empresa, sempre que via alguém com pouco cabelo punha-me, por reflexo, a catalogá-lo em «A», «B» e «C», o que não era propriamente uma coisa simpática, bem pelo contrário. Por mais que me esforçasse para não o fazer, tornara-se uma espécie de reflexo condicionado, mais forte do que eu, e a verdade é que não conseguia parar. Entregámos os formulários do inquérito e recebemos o que nos era devido. Assinei um recibo e guardei o dinheiro no bolso – tendo em conta o tempo gasto e o tipo de trabalho, não era nada mal pago. May Kasahara e eu metemo-nos no metro e fomos até Shinjuku, e dali apanhámos a linha Odakyu para regressar a casa. Já estávamos em plena hora de ponta. Há muito tempo que não andava assim numa carruagem apinhada de gente, mas confesso que não tinha saudades.

– Nada mau como trabalho, não te parece? – exclamou May Kasahara. – É fácil e pagam bem.

– Não está mal – disse eu, chupando um rebuçado de limão.

– Queres vir comigo da próxima vez? Podemos fazer isto uma vez por semana.

– Pode ser.

– Sabes uma coisa, senhor Pássaro de Corda? – continuou May Kasahara após um breve silêncio, como se fosse uma ideia que lhe tivesse vindo à cabeça de repente. – Não sei até que ponto as pessoas receiam ficar sem cabelo porque isso lhes faz lembrar o fim da vida. Quero dizer, dá-me a impressão de que elas sentem que, conforme o cabelo começa a rarear, também a vida começa a escapar-lhes... Como se se estivessem a aproximar a passos gigantes da sua própria morte, até à destruição final.

Aquilo deu-me que pensar durante um tempo.

– Sim, é uma maneira de ver as coisas.

– Sabes uma coisa, senhor Pássaro de Corda? Às vezes penso: qual será a sensação de morrer aos poucos, lentamente, à medida que o tempo passa. Alguma vez pensaste nisso?

Como não entendi bem o significado da sua pergunta, sempre agarrado à correia para não cair, mudei de posição de modo a ficar virado de frente para May.

– Ir morrendo aos poucos, lentamente... Queres dizer o quê, com isso? Não me podes dar um caso concreto?

– Bem, por exemplo... Imagina que ficavas fechado num lugar escuro, sem nada que comer e que beber, e que comesas a definhando a cada dia que passa...

– Deve ser uma coisa horrível, e dolorosa – disse eu. – Não gostaria de morrer dessa maneira, por nada deste mundo.

– Mas, no fundo, não será a vida um bocadinho assim? Não estaremos todos nós fechados num lugar escuro, sem ter que comer e que beber, e ali vamos definhando, aos poucos...

Ri-me.

– Tu, para a idade que tens, às vezes pensas de maneira terrivelmente *pessimistic*¹⁷ sabes?...

– Pessi-quê?

– Pessimista. Significa ver apenas o lado negro das coisas.

– Pessimista. Pessimista... – repetiu ela para si mesma, uma vez e outra antes de levantar a cabeça e fixar os olhos em mim. – Senhor Pássaro de Corda, só tenho dezasseis anos e confesso que não conheço muito da vida, mas uma coisa posso afirmar: se eu sou pessimista, então é caso para dizer que os adultos que o não sejam, de certo modo não passam de um bando de idiotas...

¹⁵ O japonês escrito usa uma combinação de três escritas: ideogramas chineses (*kanji*) e dois sistemas alfabéticos baseados em sílabas (*hiragana* e *katakana*). (N. da T.)

¹⁶ De terreno pantanoso no século XVI, transformou-se numa zona comercial única no coração de Tóquio. De armazéns (a torre do relógio do edifício Wako é um dos símbolos mais populares) a galerias de arte, passando por teatros, restaurantes e livrarias, é todo um mundo de cultura e comércio que ali pode ser encontrado. (N. da T.)

¹⁷ Em inglês no original japonês. (N. da T.)

O toque mágico

Morte na banheira

O distribuidor de recordações

Mudámos para a nossa casa actual no Outono do segundo aniversário de casamento. O apartamento onde morávamos, em Koenji, precisava de obras de renovação e fomos obrigados a sair de lá. Andámos à procura de outro apartamento confortável e barato, mas não conseguimos encontrar nada que coubesse dentro do nosso orçamento. Sabendo disso, o meu tio perguntou-nos se não queríamos ir viver para uma casa que ele tinha em Setagaya. Comprara-a nos seus verdes anos e ali vivera durante dez anos. Quando a casa começou a ficar velha, o meu tio pensou em mandá-la deitar abaixo e construir uma nova, mais funcional, mas as normas de renovação urbanística da zona impediram-no de levar por diante o seu projecto. Dizia-se que o plano regulador não tardaria a mudar, tornando-se menos rígido, e que era precisamente disso que ele estava à espera, mas, ao mesmo tempo, manter a casa vazia, desabitada, implicava muito dinheiro em impostos. Alugá-la a um desconhecido acarretava, por outro lado, o perigo de arranjar problemas na hora de lhe pedir que deixasse a casa vaga. A nós, cobrava-nos a mesmíssima renda que até à data pagáramos pelo apartamento de Koenji (e que era bastante baixa, diga-se de passagem), uma espécie de renda nominal destinada apenas a contrabalançar os impostos, mas, em troca, comprometíamo-nos a libertar a casa no prazo de três meses, a partir do momento em que ele precisasse dela. Pela parte que nos tocava, não tivemos nada a objectar. Não estávamos lá muito por dentro em matéria de impostos, mas a possibilidade de vivermos numa casa a sério, nem que fosse por pouco tempo, víamo-la como um verdadeiro golpe de sorte. A casa estava bastante afastada da última estação da linha de Odakyu, mas ficava situada numa zona residencial muito tranquila, e com jardim. Pequeno, mas tinha. Não se podia dizer que a casa nos pertencesse, é certo, mas dava-nos a sensação de ter um verdadeiro lar.

O meu tio, irmão mais novo da minha mãe, não era pessoa de grandes exigências. Tinha um espírito franco e bastante aberto, se bem que fosse dono de um feitio um tanto ou quanto imprevisível, para não dizer indecifrável, na medida em que nunca dizia uma palavra a mais. O que não impedia que, de todos os meus familiares, fosse ele o meu preferido. Depois de se ter licenciado pela Universidade de Tóquio, trabalhou para locutor de rádio durante dez anos, até ao dia em que, farto daquilo, abandonou a emissora para abrir um barzinho em Ginza. Era um bar sem pretensões, mas rapidamente adquiriu uma certa fama graças aos *cocktails* da casa e, no espaço de meia dúzia de anos, o meu tio encontrava-se à frente de outros locais do género. Parecia ter muito jeito para triunfar naquele tipo de negócio, visto que todos os bares que abria davam lucro. Uma vez, andava ainda a estudar, perguntei-lhe qual a receita para todo aquele êxito. Isto porque em Ginza tinham aparecido locais parecidos com os seus, mas uns funcionavam bem e outros iam à falência, e eu não entendia por que razão. Em jeito de resposta, o meu tio estendeu as palmas de ambas as mãos e mostrou-mas.

«É o meu *magic touch*»¹⁸, respondeu ele, com uma expressão séria. E mais não disse.

É possível que tivesse realmente um toque mágico. Mas o certo é que também possuía o dom de se saber rodear de excelentes colaboradores. Pagava salários elevados, tratava bem os seus empregados e eles, por seu turno, adoravam-nos e trabalhavam no duro. «Quando vês alguém que tem valor, deves investir nessa pessoa sem pensar duas vezes e dar-lhe uma oportunidade», disse-me ele um dia. «As coisas que podes comprar com dinheiro, o melhor é fazê-lo sem te piores a pensar demasiado no que ganhas e no que perdes. Trata mas é de guardar a tua energia para aquelas coisas que o dinheiro não pode comprar.»

Casou-se tarde, o meu tio. Só depois de ter obtido considerável êxito nos negócios, numa altura em que ia já a meio dos quarenta, é que por fim assentou. A mulher era três ou quatro anos mais nova, divorciada, e também ela dona de uma fortuna razoável. Onde a conheceu, ou como, foi coisa que o meu tio nunca me disse e eu, pela parte que me toca, não fazia a mínima ideia, mas via-se que era uma mulher discreta e de boas famílias. Não tiveram filhos. Parecia que ela também não conseguira ter filhos da primeira vez, e, quem sabe, talvez por esse motivo o casamento não tivesse funcionado. Em todo o caso, chegado aos quarenta e cinco anos, o meu tio, sem ser propriamente um homem rico, estava numa situação que se podia dar ao luxo de não trabalhar mais até ao fim dos seus dias. Para além do que ganhava com o negócio dos bares, contava ainda com o dinheiro que as casas e os andares lhe rendiam, sem esquecer os sólidos lucros provenientes dos seus investimentos. Pelo facto de trabalhar num ramo de negócio considerado menos ortodoxo, era considerado a ovelha ralhosa pelos restantes membros da família, com os seus trabalhinhas respeitáveis e o seu modesto modo de vida, e ele, pela sua parte, também não se podia dizer que privilegiasse as relações familiares. Uma coisa é certa: desde pequeno, sempre se preocupara comigo, seu único sobrinho. Sobretudo depois da morte da minha mãe, no ano em que eu tinha entrado para a universidade. Isto também porque o meu pai entretanto voltara a casar-se e as nossas relações haviam começado a dar para o torto.

Estava eu então a viver em Tóquio e levava a vida típica de estudante universitário, que é como quem diz, solitária e com pouco dinheiro no bolso. Durante esse período, era frequente o meu tio levar-me a comer fora a um dos vários estabelecimentos comerciais em Ginza de que era proprietário.

Habitava com a mulher no apartamento no alto de uma colina, no quarteirão de Azabu, porque, dizia ele, as casas com jardim davam demasiado trabalho. Não sendo uma pessoa que gostasse de levar uma vida luxuosa, a sua única diversão era comprar automóveis raros, de luxo, e na garagem tinha um velho *Jaguar* e um *Alfa Romeo*, também modelo antigo. Ambos poderiam ser considerados quase antiguidades, mas estavam extremamente bem conservados e as respectivas carroçarias resplandeciam como bebés recém-nascidos.

Aproveitando o facto de ter telefonado ao meu tio por outro assunto, perguntei-lhe se conhecia a família de May Kasahara.

– Kasahara?... – o meu tio pensou durante alguns instantes, antes de responder. – Nunca ouvi falar. Quando morava aí ainda era solteiro e não me dava com ninguém da vizinhança.

– Por acaso o que me interessava saber diz respeito à casa que fica por trás dos Kasahara, atravessando a ruela, uma casa desabitada – acrescentei eu. – Ouvi dizer que antigamente morava aí

um tal Miyawaki, mas agora não vive lá ninguém e tem as persianas todas corridas.

– Se é o mesmo Miyawaki, conheço-o bem – referiu o meu tio. – Era dono de vários restaurantes. Falei com ele por mais de uma vez, até por razões comerciais. Para ser franco, nos restaurantes dele a comida não era grande coisa, mas como estavam bem situados, davam lucro. Simpático, esse tal Miyawaki, apesar de ser o típico menino rico e mimado. Ou nunca trabalhara na vida ou nunca ganhara gosto ao trabalho. Seja como for, era do tipo de pessoas que não crescem nunca. Alguém o aconselhou a jogar na Bolsa e o certo é que ele investiu o seu dinheiro num negócio arriscado e viu-se coberto de dívidas. Perdeu tudo: o terreno, a casa, os estabelecimentos comerciais. Tudo. Um golpe de azar do destino, isto numa altura que não podia ser pior, quando acabara de hipotecar a casa e o terreno para abrir novo restaurante. Quer-me parecer que tinha duas filhas já crescidas, em idade de casar.

– Imagino que a casa tenha ficado sem ninguém desde essa altura.

– Não me digas?! – exclamou o meu tio. – Aposto que devem ter problemas com a propriedade e que os bens estão congelados ou coisa que o valha. Mas também te digo que o melhor que tens a fazer é não pensares sequer em comprá-la, por mais barata que seja.

– Quem? Eu? Mesmo que me fizessem um bom preço, não chegava lá – anunciei a rir. – Por que é que dizes isso?

– Bem, quando comprei a minha casa andei a ver outras e fiz as minhas pesquisas. Sei, de fonte certa, que ali dentro aconteceram coisas estranhas.

– Referes-te a histórias de fantasmas?

– Fantasmas, talvez não, mas a verdade é que não são propriamente edificantes, as histórias que correm sobre aquela casa – referiu o meu tio. – Até ao final da guerra, viveu ali fulano de tal, militar muito conhecido de cujo nome não me recordo. Um coronel que durante a guerra esteve no Norte da China, oficial de elite do Exército. Parece que as tropas que comandava naquela região se distinguiram pelos seus méritos, mas não só. Tudo indica que, ao mesmo tempo, cometeram enormes atrocidades – falava-se em perto de quinhentos prisioneiros de guerra que teriam sido executados de uma assentada, dizia-se que reuniram centenas de camponeses em campos de trabalhos forçados e que deixaram morrer mais de metade, coisas assim. São tudo histórias que me contaram, não sei até que ponto são verdade ou mentira. Pouco antes de a guerra acabar, chamaram-nos de regresso à pátria e o fim das hostilidades foi encontrá-lo em Tóquio. Da maneira como as coisas estavam, tinha grandes possibilidades de ser julgado como criminoso de guerra. Todos os generais e tenentes-coronéis que haviam cometido barbaridades na China estavam a ser presos, um atrás do outro, pela Polícia Militar. Ele não tinha intenção de comparecer diante de um tribunal a fim de ser julgado e de ver os seus crimes expostos publicamente para acabar na forca... Nem pensar! Preferiu ser ele a pôr fim à sua vida antes de as coisas chegarem a esse ponto. Um dia, ao ver parar diante de sua casa um *jeep* do exército norte-americano e dele sair um soldado, não esteve com meias-medidas, agarrou numa pistola e, sem hesitar, fez saltar os miolos ali mesmo. A verdade é que teria preferido abrir a barriga e fazer haraquiri, mas não havia tempo para isso. A esposa seguiu o marido na morte e enforcou-se na cozinha.

– Caramba.

– Afinal, tratava-se de um simples soldado que andava perdido, à procura da casa da sua namorada. Só parara ali o *jeep* a fim de perguntar a alguém o caminho. Como tu muito bem sabes por experiência própria, não é fácil uma pessoa que não conheça o bairro orientar-se à primeira. Vendo

bem, descobrir qual é o momento propício para morrer não é fácil para ninguém.

– É verdade.

– Em seguida a casa permaneceu desabitada durante um tempo, até ser comprada por uma atriz de cinema. Aconteceu tudo há muito tempo e não era assim tão conhecida quanto isso, por isso não creio que o nome dela te diga alguma coisa. A atriz viveu ali uns bons dez anos, se a memória não me falha. Não era casada e vivia sozinha na companhia de uma criada. Alguns anos depois da mudança, ficou doente dos olhos. Via tudo desfocado e tinha até dificuldade em distinguir os objectos muito próximos, mas, como era atriz, não podia aparecer de óculos. E as lentes de contacto, naquela época, não estavam tão aperfeiçoadas como agora, nem o seu uso estava assim tão generalizado. Assim sendo, antes de cada dia de trabalho, ela começava por estudar muito bem a disposição dos objectos no local de rodagem e decorava o número de passos que era preciso dar para ir do sítio A para o sítio B. E o certo é que a coisa lá funcionava. Vendo bem, tratava-se daqueles melodramas de antigamente produzidos em Shochiku¹⁹.

Antigamente era tudo mais calmo. Até que um dia, depois de ela ter preparado tudo para a cena em que aparecia e regressado tranquilamente ao camarim, um jovem operador de câmara que não estava por dentro do assunto mudou ligeiramente a disposição dos objectos no cenário.

– Não me digas?

– Acontece que ela deu um passo em falso, caiu e ficou inválida. Ainda por cima, e possivelmente por causa desse acidente, a sua visão começou a deteriorar-se cada vez mais. Ficou praticamente cega. E, para sua desgraça, a pobre era ainda uma rapariga jovem e bonita. Escusado será dizer que nunca mais pôde voltar a trabalhar em mais nenhum filme. Não teve outro remédio senão ficar fechada em casa. Entretanto, a empregada, em quem ela depositava uma confiança cega, roubou-lhe todo o seu dinheiro e fugiu com um homem qualquer. Esvaziou as contas no banco, levou as poupanças, as acções, tudo. Deixou-a sem nada. Uma coisa infame. E o que é que achas que ela então fez?

– Seguindo o fio lógico da história, palpita-me que não deve ter tido um final feliz.

– Não, claro que não – disse o meu tio. – Encheu a banheira e mergulhou a cabeça dentro de água até morrer afogada. Agora imagina a força de vontade que uma pessoa não precisa de ter para se suicidar desse modo.

– Estava mesmo a ver-se que a história não podia ter um final feliz.

– É como dizes. Miyawaki comprou a casa pouco depois. Fica situada numa zona bonita e alta, é grande e apanha sol. Toda a gente a queria. Mas, conhecendo ele as histórias sinistras que se tinham desenrolado naquele cenário, mandou demoli-la e construiu outra nova, de raiz. Até uma cerimónia de purificação conduzida por sacerdotes xintoístas mandou fazer. Mas tudo isso foi inútil. Pelos vistos, não pode acontecer nada de bom a quem vive naquela casa. No mundo há lugares assim. Eu, não a queria nem dada.

Depois de ter feito as minhas compras no supermercado do bairro, arranjei tudo e comecei a fazer o jantar. Tirei a roupa da máquina, dobrei-a e guardei-a nas gavetas. Fui à cozinha, fiz café e bebi uma chávena. O dia passou-se paulatinamente, sem uma única chamada telefónica. Estendi-me no sofá e deixei-me ficar ali a ler um livro. Nada nem ninguém interrompeu a minha leitura. De vez em

quando, o pássaro de corda punha-se a cantar no jardim. Não se ouvia mais nenhum som.

Por volta das quatro, tocou alguém à porta. Era o carteiro. Trazia uma carta registada e entregou-me um grosso sobrescrito. Assinei o recibo e fiquei com a encomenda.

O meu nome e a minha morada estavam inscritos a traços negros de pincel sobre o luxuoso sobrescrito antigo em papel de arroz. Virei-o e no remetente lia-se o nome de Tokutaro Mamiya. O endereço era de uma cidade na prefeitura de Hiroxima. Nem o nome nem a morada me diziam coisa alguma. A julgar pelos caracteres traçados com pincel, o tal Mamiya devia ser um homem de idade avançada. Já ninguém sabia escrever daquela maneira.

Sentei-me no sofá e abri o sobrescrito com a ajuda de uma tesoura. Na carta também apareciam as elegantes letras desenhadas a pincel sobre uma folha de papel japonês tradicional. Aquela bonita caligrafia devia pertencer a uma pessoa bastante culta, mas a verdade é que, não tendo eu sido educado naquela tradição, vi-me em palpos de aranha para a decifrar. Não era só a letra, também o estilo se revelava antigo e extremamente formal. Mesmo assim, dedicando todo o meu tempo a essa tarefa, lá consegui apreender por alto o conteúdo da missiva. Dizia que o senhor Honda, o velho adivinho que Kumiko e eu costumávamos visitar, tinha sucumbido a uma crise cardíaca duas semanas antes, na sua casa de Meguro. Um ataque de coração. Segundo o médico, tivera uma paragem respiratória e não tinha sofrido. Considerando que vivia sozinho, talvez se pudesse falar em sorte no meio da desgraça. A carta dizia ainda que tinha sido a empregada a encontrá-lo, na manhã seguinte, estirado sobre o *kotatsu*, já sem vida. O senhor Tokutaro Mamiya estivera durante a guerra numa guarnição na Manchúria como tenente do exército e havia arriscado a vida ao lado do cabo Honda, numa operação militar. Agora, por ocasião do falecimento do senhor Oischi Honda, e dando cumprimento às suas últimas vontades, fora encarregue pela família da tarefa de distribuir algumas recordações do defunto, que a esse respeito tinha deixado instruções muito concretas. «Pelo facto de ele ter deixado um testamento tão detalhado, somos levados a pensar que terá adivinhado a sua própria morte. No seu testamento, o defunto deixou escrito que ficaria muito grato se o senhor Toru Okada se dignasse aceitar um objecto em sua recordação», lia-se na carta. «Tenho perfeita noção de que o senhor deve estar muito ocupado, mas se, por respeito às últimas vontades do defunto, quiser ter a bondade de aceitar estes objectos como recordação, não poderia dar uma alegria maior a este camarada de guerra do senhor Honda, um velho a quem restam poucos anos de vida», dizia a carta, que mencionava ainda a morada em Tóquio do senhor Mamiya: *Bunkyo-ku, Hongo 2, chome* número tal²⁰. Porventura algum familiar em casa de quem estava alojado.

Sentei-me à mesa da cozinha para escrever a resposta. Pensava alinhar meia dúzia de linhas num postal, mas quando peguei na caneta não me saíam as palavras certas. «Sinto-me honrado por ter conhecido o senhor Honda durante a sua vida», lá acabei por escrever, «e de ele me ter dispensado a sua atenção. Ao saber que ele já não se encontra entre nós, várias recordações daquela época acorrem ao meu pensamento. As nossas idades eram muito diferentes e o convívio não durou mais de um ano, mas sempre fui da opinião que ele possuía o dom de tocar fundo o coração das pessoas. Para ser perfeitamente sincero, devo confessar-lhe que não estava nada à espera que ele me deixasse uma recordação. Assim como também não creio ter direito a receber qualquer legado da parte dele. No entanto, se foi essa a vontade expressa do defunto, é evidente que estou disposto a aceitá-lo com toda a humildade. Agradeço, por isso, que tenha a amabilidade de entrar em contacto comigo quando tiver

oportunidade, a fim de nos encontrarmos.»

Deitei a carta no marco de correio mais próximo.

«Morrer é a única maneira/ de flutuar na corrente/ em Nomonhan», recitei para mim mesmo.

Eram quase dez da noite quando Kumiko chegou do trabalho. Telefonara antes das seis a dizer que o mais certo era chegar outra vez tarde, por isso o melhor era eu não esperar por ela para jantar, que ela comeria fora. Respondi-lhe que estava bem. Preparei qualquer coisa simples e jantei. Depois voltei ao meu livro. Quando chegou a casa, Kumiko disse que lhe estava a apetecer uma cerveja, por isso bebemos uma a meias. Ela tinha um ar cansado. Sentada à mesa da cozinha, com o queixo apoiado nas mãos, pouco ou nada disse, limitando-se a seguir a minha conversa. Parecia estar a pensar noutra coisa. Contei-lhe que o senhor Honda tinha morrido.

– Ai, sim? Morreu? – disse ela, suspirando. – Também é preciso ver que o pobre homem já não era novo, e estava praticamente surdo...

Mas quando lhe contei que ele me tinha deixado uma recordação, mostrou-se tão espantada como se tivesse caído alguma coisa do céu.

– Deixou-te uma coisa? A ti?

– Sim. Não faço a mínima ideia por que razão o terá feito, mas sim, deixou.

Kumiko reflectiu por momentos, franzindo o sobrolho.

– Deves ter-lhe caído em graça.

– Mas se ele e eu nunca mantivemos uma conversa digna desse nome – disse eu. – Pelo menos eu, que me lembre, mal abria a boca. E quando abria, ele quase não me ouvia. Uma vez por mês, tu e eu ficávamos sentados diante dele, ali a escutar o que ele tinha para nos contar. Só isso. E quase sempre eram histórias da batalha de Nomonhan. Os carros de combate que explodiam e os que não se tinham incendiado sempre que era lançada uma granada, e coisas do género.

– Não me perguntes porquê – confessou Kumiko. – Mas alguma coisa em ti lhe deve ter caído no goto. Isso é mais que certo. Pela parte que me toca, não entendo esse tipo de pessoas, nunca sei bem o que lhes vai na cabeça.

Depois disso, Kumiko voltou a ficar calada. Era um silêncio tenso. Dei uma olhadela ao calendário pendurado na parede. Ainda faltavam uns dias para a menstruação. Imaginei que alguma coisa de desagradável lhe pudesse ter acontecido no escritório.

– Muito trabalho? – perguntei.

– Um bocado – respondeu Kumiko bebendo um gole de cerveja e ficando a olhar para o resto que ficara no copo. Na sua voz havia uma ligeira nota de desafio. – Desculpa ter chegado tão tarde. A culpa é do trabalho na revista, acumula-se sempre nestas alturas. Não é meu costume chegar a estas horas. Além de que faço menos horas extraordinárias do que os outros, com a desculpa de ser casada...

– Acontece a quem trabalha, chegar tarde. Não tem importância. Só me preocupa o facto de poderes estar cansada.

Kumiko ficou muito tempo debaixo do duche. Durante esse tempo, folhee a revista que ela tinha trazido para casa e bebi uma cerveja.

Sem querer, meti a mão no bolso das calças e encontrei o dinheiro recebido pelo trabalho desenvolvido naquela tarde. Ainda nem sequer tirara as notas do sobrescrito. E tão-pouco falara

disso a Kumiko. Não tinha qualquer intenção de esconder isso dela, mas, uma vez perdida a oportunidade, achara melhor calar-me. Depois, com o passar do tempo, e por qualquer razão que me escapava, começara a achar difícil trazer o assunto à baila. Bastava que lhe dissesse: «Conheci uma rapariga um bocado estranha de dezasseis anos que vive aqui perto e fui com ela fazer um trabalho para um fabricante de perucas. Pagam melhor do que seria de esperar.» E, então, Kumiko teria dito: «Ah, sim? Que interessante», e a conversa teria ficado por aí. Ou não. Podia muito bem acontecer que ela quisesse saber mais coisas acerca de May Kasahara. Ou que não lhe agradasse o facto de eu ter conhecido uma miúda de dezasseis anos. Nesse caso, teria de lhe explicar tudo sobre May Kasahara: que género de rapariga, e onde, e quando, e como é que travara conhecimento com ela. E eu não sou lá muito bom a explicar as coisas muito explicadinhas.

Peguei no dinheiro, guardei-o na carteira, amarrotei o sobrescrito e deitei-o para o cesto dos papéis. Com que então, era assim que os segredos começavam a ganhar forma, pouco a pouco, pensei para comigo mesmo. Não era minha intenção esconder aquela história, aparentemente insignificante, de Kumiko, e tanto se me dava contar-lha como não. Porém, uma vez atravessado o imperceptível canal, fosse qual fosse a minha primeira intenção, a verdade é que tudo ficara coberto pelo manto opaco do segredo. O mesmo acontecera com Creta Kano. Eu tinha dito a Kumiko que a irmã mais nova de Malta Kano aparecera lá em casa, que o seu nome era Creta, que se vestia segundo a moda dos primórdios da década de sessenta e que fora lá a casa com a intenção de recolher uma amostra de água da nossa torneira. Mas calara-me bem calado relativamente ao facto de ela ter desatado a fazer-me confidências sem sentido e de ter desaparecido inesperadamente sem sequer se despedir, ainda o relato ia a meio. Porque aquela história me parecia de tal maneira extravagante que me era impossível contá-la a Kumiko reproduzindo com exactidão todos os matizes. E, também, porque era possível que Kumiko não ficasse contente por saber que Creta Kano, uma vez concluída a tarefa que a levava até lá, ficara lá em casa um grande bocado na minha companhia a desfiar um rosário de confidências extremamente pessoais. E foi assim que aquele se transformou em outro dos meus pequenos segredos.

Se calhar, Kumiko também tinha os seus segredos, pensei. Mesmo que isso acontecesse, não lhe podia levar a mal, acontece a todos. Segredos destes, quem os não tem? Contudo, era provável que, dos dois, fosse eu a ter maior tendência para guardar segredos. Kumiko era mais do género de dizer o que lhe ia na alma. Mais dada a pensar alto. Já eu não sou assim.

Comecei a sentir-me angustiado e dirigi-me à casa de banho. A porta estava toda aberta. Fiquei de pé na entrada, a olhar para ela de costas. A minha mulher vestira um pijama azul e estava a secar o cabelo com uma toalha diante do espelho.

– Ouve uma coisa, em relação ao meu trabalho – disse eu –, *tenho pensado* muito nisso, mas à minha maneira. Já falei no assunto com vários amigos e fiz passar a mensagem. E podes acreditar que também me mexi. Não se pode dizer que haja falta de trabalho. Haver trabalho, *há*. Assim que quiser, poderei voltar a trabalhar. Se quisesse, podia começar amanhã mesmo. O que se passa é que estou com dificuldade em tomar uma decisão. Não sei o que fazer. Não sei se faço bem ou não em continuar assim, até encontrar um trabalho que me agrade.

– Mas já te disse isso no outro dia: faz aquilo que achares melhor – respondeu Kumiko, olhando para o meu rosto reflectido no espelho. – Ninguém *te obriga* a arranjar emprego assim de um dia para o outro. Se é por causa do dinheiro, esquece. Agora, se te sentes mal por não trabalhares, se te deprime ficares aqui a tratar das coisas da casa enquanto eu vou trabalhar, nesse caso tens bom

remédio: trata de encontrar trabalho, qualquer trabalho. A mim, tanto se me dá uma coisa como outra.

– É evidente que um destes dias acabarei por arranjar emprego. Sou *o primeiro* a ter a noção disso. Não posso passar a vida nisto, de braços cruzados. Mais cedo ou mais tarde, *encontrarei* trabalho. Mas agora, se queres que seja sincero, não sei muito bem o que gostaria de fazer. Pouco depois de deixar o antigo emprego, pensava vagamente em arranjar algo relacionado com a advocacia, uma vez que é nesse campo que tenho os meus contactos. Agora, porém, já não tenho assim tanta certeza. Quanto mais o tempo passa, menos o Direito me interessa. Mais tenho a impressão de não ser talhado para isso.

Kumiko olhou para mim no espelho.

– Pelo facto de *não saber* o que quero fazer, não quer dizer que não queira fazer *nada*. Se me disserem que tenho de trabalhar, sinto-me capaz de fazer quase tudo, só não tenho uma imagem *concreta* do trabalho que quero. É esse o meu problema, neste momento. Não consigo definir os contornos dessa imagem.

– Nesse caso – disse ela, pousando a toalha e virando-se para mim –, se estás farto da advocacia, basta que não aceites nenhum trabalho relacionado com isso. Esquece o exame para acederes à magistratura. E como não tens pressa de arranjar emprego, visto que não tens uma imagem definida, espera até que arranjares uma. Não achas que é o melhor?

Respondi que sim com a cabeça.

– Só queria explicar-te concretamente aquilo que penso e sinto.

– Ainda bem que o fizeste – disse ela.

Fui à cozinha e lavei os copos. Ela saiu da casa de banho, veio ter comigo e sentou-se à mesa da cozinha.

– Sabes? O meu irmão telefonou-me esta tarde – disse.

– Ai sim?

– Diz que está a pensar concorrer às eleições. Parece que já é oficial e tudo.

– Às eleições? – repeti. Fiquei tão chocado que durante alguns instantes não fui capaz de articular palavra. – Quer dizer, como deputado ao Parlamento?²¹

– Isso mesmo. Propuseram-lhe que se apresentasse como candidato pela circunscrição eleitoral do meu tio, em Niigata.

– Mas não tinha sido decidido apresentar a candidatura do teu primo, como sucessor do teu tio, naquele distrito eleitoral? Pensava que ele tinha dito que ia demitir-se do cargo de director da empresa Denzu, ou coisa que o valha, e regressar a Niigata.

Kumiko começou a limpar os ouvidos com um cotonete.

– Sim, era isso que estava previsto, mas depois o meu primo deu o dito por não dito. Tem a família em Tóquio, gosta do que faz, e presentemente não tem vontade nenhuma de abdicar da importante posição que ocupa na direcção de uma das grandes empresas de publicidade para se enfiar num buraco como Niigata na qualidade de deputado. Outra razão de peso é que a mulher está totalmente contra a candidatura dele às eleições. Em resumo, ele afirma que não tem a mínima intenção de sacrificar a sua família.

O irmão mais velho do pai de Kumiko tinha sido eleito deputado pelo distrito eleitoral de Niigata e havia desempenhado o cargo durante quatro ou cinco legislaturas. Não se podia considerar propriamente um peso-pesado, mas tinha feito uma carreira bastante satisfatória e, uma vez, chegara mesmo a ser ministro, ainda que de uma pasta pouco importante. Agora, a sua avançada idade e uma

doença do coração tornavam difícil, para não dizer impossível, a sua apresentação às próximas eleições, o que significava que alguém deveria suceder-lhe na representação do distrito eleitoral. Tinha dois filhos, mas o primeiro desde o princípio deixara muito claro que não tinha a menor intenção de se dedicar à política, tendo por isso a sua escolha obviamente recaído no mais novo.

– E depois, naquela circunscrição eleitoral, querem a todo o custo que o meu irmão se apresente. Querem uma pessoa como ele: jovem, inteligente, enérgico. Alguém capaz de desempenhar o cargo durante muitas legislaturas, capaz de se converter numa personalidade influente no governo central. É bom de ver que o meu irmão é muito conhecido, por certo captaria o voto jovem, nada a objectar. É certo que talvez não possa acudir às populações pequenas, mas para isso contaria com uma organização de apoio muito forte que se encarregaria de tudo. Mais, não faria diferença se continuasse a viver em Tóquio, desde que se apresentasse em Niigata para as eleições.

Era-me difícil imaginar Noboru Wataya no papel de deputado.

– E tu, o que achas de tudo isto? – perguntei.

– O que ele faz não é da minha conta. A mim, tanto se me dá que seja deputado ou astronauta. Ele que faça o que lhe der na gana.

– Como é que explicas então que ele tenha ido pedir conselho precisamente a ti?

– Conselho a mim? Não sejas ridículo! – exclamou ela secamente.

– Claro que não me pediu conselho nenhum. Desde quando é que ele tem por hábito pedir conselhos a alguém? Só me telefonou para me dar a conhecer a sua decisão. Enquanto membro da família, mais nada.

– Estou a ver – retorqui. – Mas não irá ter problemas pelo facto de se ter divorciado e nunca ter voltado a casar?

– Isso já não posso dizer – afirmou Kumiko. – Não entendo nada de política nem de eleições, nem me interessa saber. Mas uma coisa sei: aquele, nunca mais vai tornar a casar-se. Com ninguém. Aliás, à partida ele nem sequer devia ter casado. Não foi feito para isso. O que ele pretende da vida é algo completamente diferente daquilo que nós queremos, tu e eu. Sei isso melhor que ninguém.

– Ah, sim?

Kumiko envolveu os dois cotonetes de algodão num lenço de papel e deitou-os no lixo. Depois levantou a cabeça e olhou-me fixamente.

– Uma vez fui dar com ele a masturbar-se. Abri a porta e vi-o ali.

– E então? Toda a gente se masturba – disse eu.

– Não, não é isso – replicou ela, e depois suspirou. – Aconteceu uns dois ou três depois de a minha irmã ter morrido. Ele devia andar na universidade e eu tinha para aí os meus oito anos. A nossa mãe estava indecisa e não sabia se devia ou não dar a roupa da minha irmã, mas depois acabara por guardar as coisas todas. Se calhar pensou que eu poderia usá-las quando crescesse. Estava tudo guardado numa caixa de cartão, dentro do roupeiro. O meu irmão tinha-a tirado para fora e estava a fazer aquilo ao mesmo tempo que cheirava as peças de roupa.

Fiquei calado.

– Na altura, eu ainda era uma menininha e não sabia nada acerca de sexo. Não podia entender exactamente aquilo que ele estava a fazer, mas, ainda assim, deu para compreender que se tratava de um acto perverso, de qualquer coisa que nunca deveria ter visto. E, também, que tinha um significado muito mais profundo do que à primeira vista poderia parecer – confidenciou Kumiko, abanando a cabeça.

– E ele sabe que tu o viste?

– Tem olhos, não te parece?

Acenei com a cabeça.

– E no que toca às roupas da tua irmã? – perguntei. – Alguma vez as usaste quando crescestes?

– Não faltava mais nada.

– Achas que ele estava apaixonado pela tua irmã?

– Não faço ideia – respondeu Kumiko. – Se ele se sentia ou não sexualmente atraído por ela, não sei. Mais do que uma impressão, tenho a certeza de que ali havia qualquer coisa que ele nunca foi capaz de superar. Foi isso que quis dizer quando afirmei que ele nunca se deveria ter casado.

Dito isto, Kumiko calou-se. Durante muito tempo ficámos os dois em silêncio. Passado um bocado ela voltou a pegar na palavra.

– É nesse sentido que me parece que ele tem graves problemas psicológicos. É óbvio que, em certa medida, problemas psicológicos todos nós temos. Mas os dele são diferentes dos que eu ou tu possamos ter. São muito mais profundos e persistentes. Além de que ele, aconteça o que acontecer, não está disposto a mostrar as suas feridas nem as suas fraquezas a ninguém. Entendes o que eu quero dizer? Daí que esta candidatura às eleições me deixe um pouco preocupada.

– O que é que te preocupa concretamente, diz lá?

– Várias coisas – respondeu ela. – Estou cansada, não me apetece pensar mais nisso. Vamos mas é dormir.

Na casa de banho, enquanto lavava os dentes, pus-me a observar a minha cara ao espelho. Naqueles três meses, desde que abandonara o emprego, pouco ou nada me embrenhara no mundo exterior. Contentava-me nas minhas idas e vindas entre o supermercado e a piscina municipal. Fora a expedição ao edifício Wako, em Ginza, e o Pacific Hotel, em Shinagawa, a lavandaria diante da estação era o local mais afastado onde me aventurara. Durante todo aquele tempo, praticamente não tinha visto ninguém, tirando a minha mulher, Malta Kano e Creta Kano, isto sem esquecer May Kasahara. Era um mundo verdadeiramente pequeno. Um mundo quase parado no tempo e no espaço. No entanto, quanto mais o ambiente em que me encontrava ficava reduzido e se imobilizava, mais parecia povoar-se de pessoas e de acontecimentos bizarros, que não tinham outro nome. Como se tivessem estado desde sempre escondidos nas trevas, aguardando pacientemente que eu entrasse em cena. E de cada vez que o pássaro mecânico aparecia no jardim para dar corda ao mundo, este parecia afundar-se um pouco mais no caos.

Enxaguei a boca e tornei a examinar o meu rosto por instantes.

Não consigo encontrar a minha imagem, disse para comigo mesmo. Ali estava eu, com trinta anos, parado no tempo e sem uma imagem definida.

Saí da casa de banho. Quando entrei no quarto, Kumiko já estava a dormir.

¹⁸ Em inglês no original japonês. (*N. da T.*)

¹⁹ No início do século XX, o Japão chegou a ser o maior produtor mundial de longas-metragens. A partir dos anos 20, a Shochiku Kinema passou a usar nos seus filmes padrões e ideias inspirados em Hollywood (à imagem e semelhança dos filmes de Griffith, por exemplo), e um grande número de actrizes adoptaram mesmo as técnicas das suas colegas americanas para expressar as emoções e os sentimentos das personagens. (*N. da T.*)

²⁰ No Japão os bairros, *ku*, estão divididos em quarteirões, *chome*, reagrupando várias casas e formando um bloco. As casas são numeradas segundo o bloco a que pertencem e não em função da rua. Assim, o primeiro número indica a prefeitura, o segundo o

quartirão principal, o terceiro um bloco de edifícios mais pequeno dentro do *chome*, sendo o último o número do prédio. (*N. da T.*)

21 Monarquia parlamentarista, o Japão tem um sistema político democrático e pluripartidário. Todos os cidadãos adultos têm o direito ao voto e a concorrer às eleições nacionais e locais. O primeiro-ministro japonês é escolhido pelo Parlamento (Dieta). (*N. da T.*)

Entra em cena o tenente Mamiya

O que vem da lama quente

Água-de-colônia

Três dias mais tarde, recebi uma chamada de Tokutaro Mamiya. Eram sete e meia da manhã e eu estava a tomar o pequeno-almoço na companhia de Kumiko.

– Peço imensa desculpa por estar a ligar tão cedo. Espero não ter interrompido o seu descanso – disse o senhor Mamiya num tom desolado.

Respondi-lhe que não tinha motivo para ficar preocupado, que eu costumava estar a pé a partir das seis.

Agradeceu-me o postal e disse que se tinha ligado tão cedo era para me apanhar em casa antes de eu sair para o trabalho. Acrescentou que ficaria muito grato se eu lhe pudesse dedicar alguns minutos durante a minha hora de almoço. Isto porque tinha ainda de apanhar o *shinkansen*²² para regressar a Hiroxima naquela mesma tarde. Inicialmente pensara que teria mais tempo, disse ele, mas aparecera um assunto urgente e tinha de abandonar Tóquio e voltar para casa mais cedo do que o previsto.

Expliquei-lhe que de momento não estava a trabalhar e que, como tal, poderíamos encontrar-nos à hora que fosse mais conveniente para ele, manhã, tarde ou noite.

– Mas de certeza que não tem nenhum compromisso para hoje? – insistiu ele, educadamente.

Respondi-lhe que não, que não tinha compromisso de espécie alguma.

– Nesse caso, que diria se eu tomasse a liberdade de passar por sua casa por volta das dez da manhã?

– Por mim, excelente.

Só depois de ter desligado reparei que me tinha esquecido de lhe indicar o caminho da estação para nossa casa. Bem, paciência, disse para comigo mesmo. Se já tem a morada, é meio caminho andado.

– Quem era? – quis saber Kumiko.

– A pessoa encarregada de distribuir as recordações do senhor Honda. Diz que passa expressamente aqui por casa, ainda esta manhã.

– A sério? – disse ela. Bebeu um gole de café e barrou uma torrada com manteiga. – É muito simpático da parte dele.

– Muito.

– Ouve lá, não seria de bom-tom irmos a casa do senhor Honda fazer uma oferenda de incenso ou assim? Pelo menos tu.

– Acho que tens razão. Quando chegar o senhor Mamiya, pergunto-lhe o que pensa ele disso.

Antes de sair, Kumiko veio ter comigo e pediu-me que lhe puxasse o fecho de correr nas costas. O

vestido era muito justo e o fecho custava a subir. Tinha posto perfume atrás das orelhas e cheirava muito bem. Um aroma que ligava às mil maravilhas com uma manhã de Verão.

– Água-de-colónia nova? – perguntei.

Em vez de responder, ela deitou uma olhadela rápida ao relógio de pulso e levou a mão ao cabelo para compor o penteado.

– Estou atrasada, tenho de me despachar – disse, agarrando na mala que estava em cima da mesa.

Ao dar um jeito na salinha que Kumiko costumava usar como escritório, quando me preparava para despejar o cesto dos papéis, o meu olhar recaiu sobre uma fita amarela que ela tinha deitado fora. Saltava à vista por entre as folhas de papel amarrotadas e os folhetos publicitários. Foi a cor que me chamou a atenção, um amarelo vivo e brilhante. A fita era das que se usavam para enfeitar presentes, e formava uma laçada a imitar uma flor. Tirei-a de dentro do cesto e examinei-a. Agarrado ao laço havia papel de embrulho dos Grandes Armazéns Matsuya. E, por baixo, uma caixa com uma etiqueta que trazia inscrita a marca *Christian Dior*. Abri-a. Lá dentro o espaço vazio tinha a forma de um frasco. Bastava olhar para a caixa para se ver que o conteúdo devia ser caro. Levei-a comigo para a casa de banho e abri a malinha de mão onde Kumiko guardava os seus produtos de beleza. Fui dar com um frasco de água-de-colónia *Christian Dior* quase intacto que encaixava no vazio formado pela embalagem. Desenrosquei a tampa dourada. Era exactamente o mesmo perfume que eu tinha cheirado pouco antes por detrás da orelha de Kumiko.

Sentado no sofá, enquanto bebia o resto do café da manhã, esforcei-me por ordenar as minhas ideias. Era óbvio que alguém havia dado um presente a Kumiko. Uma água-de-colónia bastante cara, por sinal. Comprada nos Grandes Armazéns Matsuya e mandada embrulhar para oferta. Caso fosse um homem, devia tratar-se de alguém que tinha com Kumiko uma relação bastante íntima. Os homens não oferecem água-de-colónia a mulheres a não ser que tenham com elas uma certa intimidade. Agora, imaginando que se tratava de um presente de uma amiga... mas será que as mulheres têm por hábito oferecer perfume a outras mulheres? Não sabia ao certo. A resposta escapava-me. Tudo o que sabia era que naquela altura do ano não havia nenhum motivo especial para alguém oferecer uma prenda a Kumiko. Fazia anos em Maio, o aniversário do nosso casamento também calhava nesse mês. Provavelmente, a água-de-colónia comprara-a ela e mandara fazer um embrulho bonito. Mas porquê?

Suspirei e fixei o tecto.

Devia perguntar directamente a Kumiko quem é que lhe dera a água-de-colónia? O mais provável era ela responder qualquer coisa como: «Ah, isso... Dei uma ajuda a uma rapariga que trabalha comigo. É uma longa história, mas posso dizer-te que ela estava com problemas e lhe dei uma mãozinha. E, em jeito de agradecimento, ela ofereceu-me a água-de-colónia. Cheira lindamente, não cheira? Deve ter custado os olhos da cara...»

Sim. Aquilo fazia sentido. Assunto resolvido. Então, por que motivo é que tinha de me pôr a fazer perguntas? Por que é que me preocupava com uma coisa do género?

Agora, que me deixava preocupado, deixava. Havia ali qualquer coisa que não batia certo. A verdade é que ela podia ter mencionado o facto. Se teve tempo para regressar a casa, desembulhar o presente, abrir a caixa, deitar tudo no cesto dos papéis e guardar o frasco ao pé dos outros produtos de maquilhagem, também podia ter-me dito: «Olha, foi-me oferecido por uma colega que trabalha comigo.» Mas nem uma palavra. É possível que tenha pensado que não valia a pena. Ainda que assim

fosse, o seu comportamento adquirira os contornos de um segredo. E era isso que me estava a preocupar.

Deixei-me ficar ali durante um grande bocado a fitar distraidamente o tecto. Esforcei-me por pensar em outras coisas, mas, vá lá saber-se porquê, a minha mente não parecia estar a funcionar. Recordava as costas alvas e suaves de Kumiko e o perfume atrás da orelha no momento de lhe correr o fecho do vestido. Pela primeira vez em muito tempo, senti vontade de fumar um cigarro. Só me apetecia era meter um cigarro na boca, acendê-lo, e encher os pulmões de fumo. Podia ser que me acalmasse. Mas não tinha cigarros ali à mão. Encontrei um rebuçado de limão e comecei a chupá-lo.

Às dez para as dez, tocou o telefone. Calculei que fosse o tenente Mamiya. Não era fácil, dar com a nossa casa. Mesmo as pessoas que já cá tinham vindo ainda, por vezes, se perdiam no caminho. Acontece, porém, que não era o tenente Mamiya. A voz que me chegou através do auscultador era a da mulher misteriosa que dias antes telefonara para me fazer propostas indecentes.

– Olá querido, há quanto tempo não tinha o prazer de te ouvir! – atacou ela. – Que tal correu da outra vez? Espero que tenhas gostado. Por que é que desligaste a meio? E precisamente numa altura em que as coisas começavam a aquecer...

Por um momento tive a sensação de que se referia ao sonho em que aparecia Creta Kano. Mas, obviamente, era outra história. Estava a falar do dia em que tinha telefonado e eu estava na cozinha a preparar um prato de esparguete.

– Tenho muita pena, mas agora estou ocupado – desculpei-me. – Estou à espera de uma pessoa daqui a dez minutos e ainda tenho coisas que fazer antes.

– Para quem estás desempregado tens sempre muito que fazer, não é? – inquiriu ela com uma pontinha de sarcasmo. Já da outra vez acontecera o mesmo, que é como quem diz, a mudança automática no seu tom de voz. – Ou estás a cozinhar esparguete, ou estás à espera de visitas... Seja como for, tanto faz, só preciso de dez minutos do teu tempo. Olha, vamos conversar durante dez minutos, queres? Quando chegar a tua visita, desligamos logo.

Pensei em desligar logo, sem dizer mais nada. Mas não fui capaz. Ainda estava um bocado desorientado com a história da água-de-colónia da minha mulher. Creio que me apetecia falar com uma pessoa qualquer, não interessava quem.

– Não sei quem és – disse eu, passando por entre os dedos um lápis que havia ao pé do telefone. – De certeza que te conheço?

– Claro que conheces. Eu conheço-te a ti, da mesma maneira que tu me conheces. Nestas coisas não minto. Achas que ia perder o meu rico tempo a telefonar para perfeitos desconhecidos? Deves ter algum ângulo morto na tua memória ou qualquer coisa do género!

– Isso não sei. Agora, o que...

– Bom, já chega – disse ela, cortando-me bruscamente o fio à meada. – Deixa lá de esmiuçar tudo ao pormenor. Tu conheces-me e eu conheço-te. O que importa, estás a ouvir?, o que importa é que eu vou ser muito boazinha para ti. E tu, tu não tens de fazer nada, não precisas de assumir responsabilidade nenhuma, fica tudo por minha conta. *Tudo*. Não achas incrível? Por isso, vê mas é se deixas de pensar em coisas sérias. Deixa de complicar as coisas todas. Esvazia a tua cabeça. Imagina que estás deitado em cima de barro tépido num dia quente de Primavera.

Continuei em silêncio.

– Imagina que estás deitado sobre uma cama de lama suave. A dormir. A sonhar. Esquece a tua mulher. Não penses mais no trabalho que não tens, no futuro. Esquece tudo isso. Todos nós vimos do

barro quente e, mais cedo ou mais tarde, ao barro quente voltaremos. Diz-me, qual foi a última vez que fizeste amor com a tua mulher? Lembras-te? Já deve ter passado algum tempo, não? Duas semanas, pelo menos?

– Peço desculpa, mas chegou a minha visita.

– Hmm, está-me a parecer que deve ter sido ainda há mais tempo. Adivinho-o na tua voz. Três semanas, talvez?

Continuei calado.

– Bom, deixemos lá isso – disse ela. A sua voz fazia lembrar uma vassourinha dispersando diligentemente o pó acumulado nas persianas de uma janela. – Seja como for, isso é lá um assunto entre ti e a tua mulher. Mas eu, pela parte que me toca, estou disposta a dar-te tudo o que desejas. E tu não serás ouvido nem achado. Estás a ouvir? Uma vez dobrada a esquina, encontrarás o que te digo. Um mundo nunca antes revelado. Já te disse que em ti existe um ângulo morto, não disse? Só que ainda não tens consciência disso.

Com o auscultador na mão, mantive-me em silêncio.

– Olha à tua volta – incitou ela. – O que há? O que vês?

Naquele preciso momento tocou a campainha da porta. Aliviado, desliguei sem dizer nada.

O tenente Mamiya era um ancião de elevada estatura, cabeça completamente calva e óculos de armação dourada. De tez morena e aspecto saudável, possuía o aspecto saudável de quem estava habituado a praticar a sua dose de exercício físico. E nem um grama de gordura. No canto dos olhos tinha esculpidas três rugas profundas, perfeitamente simétricas, e dava a impressão de ter sempre os olhos semicerrados. Não era fácil adivinhar a sua idade, mas de certeza que já passara dos setenta. Em jovem devia ter sido uma pessoa muito robusta. Mostravam-no o porte atlético e os gestos precisos. Tanto as suas maneiras como o modo de se exprimir eram extremamente formais, mas reconhecia-se neles uma espécie de autenticidade sem fingimento. O tenente parecia ser um homem habituado a tomar as suas próprias decisões e a responsabilizar-se por elas. Vestia um vulgaríssimo fato cinzento-claro, uma camisa branca e uma gravata cinzenta e branca às riscas. O fato, austero e sem marca distintiva, parecia feito de um tecido demasiado grosso para uma manhã de Julho quente e húmida como aquela, mas o certo é que ele não dava sinais de estar a transpirar. A mão esquerda era uma prótese coberta por uma fina luva do mesmo cinza-claro do fato. Em comparação com as costas da mão direita, bronzeada e coberta de pêlos, a mão artificial (envolta pela luva) tinha um aspecto extremamente frio e inanimado.

Convidei-o a sentar-se no sofá e servi-lhe chá verde.

Ele pediu desculpa por não ter ali nenhum cartão-de-visita.

– Ensinava Ciências Sociais numa escola secundária da prefeitura de Hiroxima, mas entretanto reformei-me, por limite de idade, e já não trabalho. Sou dono de algumas terras e, mais por passatempo do que por qualquer outra razão, cultivo algumas coisas. Por essa razão é que não tenho necessidade de andar com cartões-de-visita, peço desculpa.

Era coisa que eu também não tinha.

– Posso perguntar-lhe a sua idade, senhor Okada?

– Tenho trinta anos.

Ele acenou com a cabeça. Depois bebeu o seu chá. Não compreendia muito bem por que motivo

estaria ele interessado em saber a minha idade.

– Mora numa casa muito sossegada – disse ele, como para mudar de assunto.

Expliquei-lhe que a casa era alugada ao meu tio por uma renda irrisória. Que, em condições normais, com os nossos rendimentos não poderíamos viver numa casa com metade daquele tamanho. Ele concordou com a cabeça, lançando olhares discretos à sua volta. Eu fiz a mesma coisa. «Olha à tua volta», havia dito a mulher. Tornando a relancear os olhos em volta do que me rodeava, senti que na sala fluía um ar frio e indiferente.

– Fez agora duas semanas que estou em Tóquio – declarou o tenente Mamiya. – O senhor é a última pessoa a quem tenho de entregar uma lembrança. Agora já posso regressar a Hiroxima.

– Tinha pensado em visitar a casa do senhor Honda para fazer uma oferenda de incenso em sua memória – disse eu.

– Agradeço muito a sua intenção, mas ele era de Asahikawa, em Hokkaido, e é também ali que está o seu túmulo. A família veio de Asahikawa e tratou de recolher todos os objectos que ele tinha na casa de Meguro, antes de a fechar. Não ficou nada.

– Compreendo – disse eu. – Nesse caso o senhor Honda vivia sozinho em Tóquio, longe dos seus familiares.

– Correcto. O filho mais velho, que nunca saiu de Asahikawa, vivia preocupado pelo facto de o pai estar sozinho na grande cidade, com aquela idade e os problemas de audição que tinha. Parece até que chegou a pedir-lhe que fosse morar com ele, mas o senhor Honda recusou sempre.

– Tinha filhos? – perguntei, apanhado de surpresa. Não sei explicar porquê, mas sempre imaginara o senhor Honda um homem solteiro e sem ninguém no mundo. – Nesse caso, a mulher dele deve ter morrido há algum tempo.

– Bom, é uma história um tanto ou quanto complicada. De facto, a esposa do senhor Honda suicidou-se juntamente com outro homem pouco depois do fim da guerra. Em 1950 ou 1951, se não estou em erro. Não estou por dentro dos pormenores. Nem o senhor Honda me explicou a situação nem eu tinha nada que lhe fazer perguntas sobre o assunto.

Acenei com a cabeça.

– Depois disso, o senhor Honda criou os dois filhos sozinho, um rapaz e uma rapariga. Quando mais tarde eles se tornaram independentes, veio sozinho para Tóquio e, como de resto o senhor bem sabe, começou a exercer o ofício de adivinho.

– Que género de trabalho é que ele fazia em Asahikawa?

– Dirigia uma tipografia em sociedade com o irmão.

Tentei imaginar o senhor Honda vestido a preceito diante de uma impressora, a rever as provas. Mas, aos meus olhos, o senhor Honda continuava a ser aquele velho de aspecto um pouco desleixado, fizesse Verão ou Inverno, sentado de pernas cruzadas diante da braseira a manejar pausinhos divinatórios, enfiado no seu quimono não muito limpo, que usava atado com uma espécie de faixa enrolada à volta da cintura.

Com destreza, o tenente Mamiya desfez o *furoshiki*²³ que trouxera com ele e sacou lá de dentro um pacote que tinha a forma de uma caixa de doces pequena. Estava envolto num resistente papel *kraft* e bem atado com várias voltas de cordel. Depositou-o em cima da mesa e empurrou-o na minha direcção.

– É esta a recordação que o senhor Honda me encarregou de lhe entregar – disse ele.

Agradei e peguei no pacote. Não pesava quase nada. Não podia imaginar o que teria lá dentro.

– Já posso ver o que é?

O tenente Mamiya abanou a cabeça.

– Tenho muita pena, mas o senhor Honda deixou indicações para só abrir quando estivesse sozinho. Assenti e voltei a colocar o pacote em cima da mesa.

– Para dizer a verdade – disse o tenente Mamiya –, recebi a carta do Senhor Honda um dia antes de ele morrer. Nela, anunciava a sua morte. «Não temo a morte», dizia. «É o meu destino, e só tenho de o seguir, mas existe algo que ficou por fazer. Dentro do armário há este e outro como ele. São coisas que sempre quis entregar a diferentes pessoas. Mas não me parece que consiga pôr em prática os meus propósitos. Por isso, ficar-lhe-ia muito grato se me ajudasse a distribuir estes objectos que deixo de recordação, de acordo com as instruções que junto numa folha à parte. Tenho consciência de estar a abusar da sua amabilidade, mas esta é a minha última vontade e acredito que tudo fará para me ajudar a concretizá-la.» Foi isto que deixou escrito. Confesso que me surpreendeu. Havia muitos anos, talvez seis ou sete, que deixara de ter notícias do senhor Honda e, de repente, ele enviava-me uma carta destas... Respondi-lhe na volta do correio. Mas a minha carta cruzou-se com a do filho do senhor Honda, anunciando-me a sua morte.

O tenente Mamiya pegou na chávena e bebeu um gole de chá verde.

– Aquele homem sabia exactamente quando ia morrer – continuou ele. – O mais certo era ter desenvolvido faculdades que uma pessoa como eu não consegue nem sequer imaginar. Como o senhor muito bem dizia na sua carta, tinha o dom de tocar o coração das pessoas. Eu próprio senti isso desde o momento em que com ele travei conhecimento, no Verão de 1938.

– Quer então dizer que estava na mesma unidade que o senhor Honda quando ocorreu a batalha de Nomonhan?

– Não – respondeu o tenente Mamiya, mordendo ligeiramente o lábio. – Pertencíamos a unidades diferentes, a regimentos diferentes. Estivemos os dois, Honda-san e eu, envolvidos numa pequena operação militar que ocorreu antes da batalha de Nomonhan. O cabo Honda foi mais tarde gravemente ferido em Nomonhan e repatriado. Quanto a mim, não participei na batalha... Eu... – disse ele, e acto contínuo, o tenente Mamiya levantou a mão esquerda enfiada dentro da luva – perdi a mão esquerda em Agosto de 1945, um mês antes do fim da guerra. Durante a contra-ofensiva do exército soviético, apanhei com um estilhaço de armamento pesado no ombro durante um combate entre carros de combate e perdi momentaneamente os sentidos. Foi então que fiquei com o braço esmagado debaixo das lagartas de um carro de combate soviético. Fizeram-me prisioneiro e, depois de receber tratamento num hospital de Chita, internaram-me num campo de concentração da Sibéria, onde fiquei até finais de 1949. Desde a altura em que fui enviado para a Manchúria, corria o ano de 1937, passei ao todo doze anos no continente. E ao longo de todo esse tempo nem uma única vez pisei solo japonês. A minha família pensava que eu tinha morrido a lutar contra o exército soviético. No cemitério do meu país natal, havia um túmulo com o meu nome. Antes de sair do Japão, estava, por assim dizer, mais ou menos comprometido com uma rapariga, mas ao regressar encontrei-a casada com outro. Contra isso, nada pude fazer. Doze anos é muito tempo.

Assenti.

– Imagino que estas velhas histórias de guerra devam ser maçadoras para um jovem como o senhor. Mas deixe-me que lhe diga mais uma coisa, senhor Okada. Éramos apenas jovens normais, parecidos consigo. Pelo que me diz respeito, jamais quis ser militar. Queria ser professor. Mas quando saí da universidade, fui de imediato mobilizado e incorporado, por assim dizer à força, no exército como

cadete, e acabei por não poder regressar ao meu país. A minha vida não passou de um sonho efêmero.

O tenente Mamiya deixou-se ficar em silêncio por momentos.

– Se não for muito incómodo – perguntei eu –, gostaria que me contasse como conheceu o senhor Honda.

Estava muito curioso para saber que tipo de pessoa o velho adivinho havia sido, antes de eu o conhecer noutros tempos.

O tenente Mamiya, sempre com as mãos pousadas sobre os joelhos, ficou alguns segundos perdido nas suas recordações. Não hesitava, estava apenas a reflectir.

– É possível que a minha história se alongue... – avisou ele.

– Não faz mal – respondi.

– São coisas que nunca contei a ninguém – referiu ele. – E tenho a certeza de que o senhor Honda tão-pouco o deve ter feito. Nós... nós tínhamos feito um pacto no sentido de nunca dizer nada a ninguém, mas agora o senhor Honda morreu. Só resto eu. Mesmo que eu conte o que se passou, já não corro o risco de criar problemas a ninguém.

E foi então que o tenente Mamiya deu início ao seu relato.

22 Comboio-bala. (*N. da T.*)

23 Grandes lenços quadrados, normalmente muito decorativos, que os japoneses usam desde sempre na arte de bem embrulhar tudo e mais alguma coisa. (*N. da T.*)

A longa história do tenente Mamiya

Parte 1

– Quando fui enviado para a Manchúria, estava-se no início de 1937 – começou o tenente Mamiya a contar. – Enquanto alferes, fui destacado para o quartel-general do Exército de Kwantung, em Hsin-ching. Uma vez que era licenciado em geografia, passei a integrar a equipa de reconhecimento militar especializada em cartografia. Tive uma sorte dos diabos, confesso. Para dizer a verdade, entre todas as missões militares que é possível imaginar no seio do exército, aquela era sem dúvida uma das menos penosas.

«Para além disso, naquela época a situação política na Manchúria era relativamente calma ou, pelo menos, a conhecer um processo de estabilização bastante consolidado. Com efeito, na sequência da guerra sino-japonesa o teatro das operações militares deslocara-se da Manchúria para o interior da China, e as unidades de combate passaram a ser recrutadas, não no Exército de Kwantung, mas sim no Corpo Expedicionário da China. As operações de limpeza contra a guerrilha antijaponesa ainda continuavam mas decorriam agora bastante para o interior do país e, de uma maneira geral, pode dizer-se que o pior tinha passado. O Exército de Kwantung, ainda que de olho nos territórios da fronteira a norte, havia estacionado na Manchúria as suas poderosas forças a fim de manter a paz e a estabilidade política do Estado fantoche de Manchukuo, pretensamente independente e na realidade sob controlo japonês.

«Apesar de vivermos numa paz relativa, a verdade é que estávamos em tempo de guerra e as manobras militares eram frequentes. Pela parte que me dizia respeito, não era obrigado a participar. Também nisto tive sorte, uma vez que estamos a falar de manobras em pleno Inverno, com temperaturas de quarenta ou cinquenta graus abaixo de zero, tão duras que, ao mínimo erro, arriscávamos a deixar lá o coiro. A cada manobra, centenas de soldados regressavam com graves queimaduras e tinham de ser internados no hospital ou enviados para tratamento em estações termais. Não se podia dizer que a cidade de Hsing-ching fosse uma verdadeira metrópole, mas tratava-se, ainda assim, de um lugar interessante e com uma atmosfera exótica, onde todo aquele que o desejasse podia passar um bom bocado. Nós, os oficiais solteiros recém-recrutados, não dormíamos no quartel, mas sim numa pensão. Podia dizer-se que aquilo era uma espécie de prolongamento da despreocupada vida de estudante. Pensava eu, não sem uma certa ingenuidade, que não poderia queixar-me caso os dias continuassem a decorrer assim tranquilamente, sem nenhum percalço, até ao fim do serviço militar.

«Como é óbvio, vivíamos numa espécie de paz podre. A curta distância, na zona limítrofe, uma guerra encarniçada seguia o seu curso. Penso que, para a grande maioria dos japoneses, a guerra com a China ameaçava tornar-se um lodaçal do qual não lograríamos sair. Isto para os japoneses que tinham dois dedos de testa, pelo menos. Por mais batalhas localizadas que pudéssemos ganhar, a longo prazo nunca o Japão poderia ocupar e manter debaixo do seu jugo um país tão grande.

Qualquer pessoa em seu pleno juízo tinha perfeita noção disto. Como seria de esperar, à medida que a guerra alastrava, o número de mortos e feridos aumentava vertiginosamente. Além disso, as relações com os Estados Unidos haviam-se deteriorado tão depressa que mais parecia que estávamos a rolar montanha abaixo em direcção a um precipício. Até mesmo no interior do Japão podia ver como a sombra da guerra alastrava, pendendo, a cada dia mais ameaçadora, sobre a sua cabeça. Sim, 1937 e 1938 foram anos bem negros. Mas, em Hsing-ching, levando aquela vida de oficial tão despreocupada, chegava a perguntar a mim próprio se aquela guerra existiria de facto. Embebedávamo-nos todas as noites, andávamos na farra e íamos à procura dos cafés onde havia mulheres russas brancas.

«Mas um dia, estávamos em finais de Abril de 1938, fui chamado por um oficial superior do Estado-Maior que me apresentou a um homem, vestido à civil, chamado Yamamoto. Era de baixa estatura, tinha o cabelo cortado curto e bigode. Quanto à sua idade, devia andar pelos trinta e cinco, trinta e seis anos. Tinha uma cicatriz na nuca que parecia ter sido feita por um sabre. “O senhor Yamamoto”, disse o meu superior, “é um civil que foi requisitado pelo exército para estudar o modo de vida e os costumes dos mongóis que vivem no interior da Manchúria. A sua próxima missão consiste numa viagem de reconhecimento à região situada na estepe de Hulunbuir, perto da fronteira com a Mongólia Exterior. O exército dar-lhe-á uma pequena escolta e tu farás parte dela.” Não acreditei numa palavra daquela história. Apesar de estar vestido à civil, saltava aos olhos que o tal Yamamoto era militar de carreira. Diziam-no o seu olhar, a maneira de falar, o porte. Só podia tratar-se de um oficial de alta patente, de alguma maneira ligado ao Serviço de Informações. Possivelmente, dada a natureza da sua missão, não podia revelar a sua condição de militar. Tudo aquilo me dava um mau pressentimento.

«A escolta de Mamiya compunha-se de três homens, contando comigo. Éramos demasiado poucos para formar uma escolta, mas um número maior teria alertado as tropas da Mongólia Exterior colocadas na proximidade da fronteira. “Poucos mas bons”, gostaria de poder dizer, mas infelizmente não era o caso. Era eu o único oficial e a experiência em combate era nula. A única força bélica com que podíamos contar era um sargento que dava pelo nome de Hamano. Conhecia-o bem, uma vez que estava integrado no Estado-Maior. Era aquilo a que se chama um duro, um militar de carreira que se havia distinguido por mérito próprio nos combates travados na China. Bem constituído e intrépido, era homem com quem se podia contar, em caso de perigo. Ao invés, o outro, um cabo chamado Honda, não saberia dizer por que razão o tinham incluído no grupo. Chegara, também ele, há pouco do Japão e, tal como eu, carecia de experiência em combate. À primeira vista era uma alma tranquila, um homem calado, e ninguém estaria à espera de o ver desempenhar um papel preponderante no caso de pegarmos em armas. Além do mais, pertencia à Sétima Divisão, o que significava que o quartel-general o tinha requisitado de propósito para aquela missão. Logo, devia tratar-se de um elemento de peso. Quanto às razões para tal, só muito mais tarde me dei conta delas.

«Fui escolhido para oficial de escolta porque tinha estudado a topografia da fronteira ocidental da Manchúria na zona do rio Khalkha. Tinha como principal tarefa completar as minhas informações sobre os mapas da região, que de resto sobrevoara por mais de uma vez de avião. A minha presença tinha, por assim dizer, uma finalidade prática. A minha outra missão consistia em reunir informação topográfica detalhada a fim de proceder à elaboração de mapas mais precisos. Chama-se a isso matar dois pássaros com um único tiro. Os mapas da zona fronteira da planície de Hulunbuir com a Mongólia Exterior que então existiam, para ser franco, não eram grande coisa. Não passavam de

velhos mapas retocados da época em que a China era governada pela dinastia Manchu. Por ordem do Estado de Manchukuo, o Exército de Kwantung mais de uma vez enviara para o terreno expedições encarregadas de desenhar cartas topográficas mais precisas, mas os territórios eram demasiado vastos. É preciso ver que a zona ocidental da Manchúria se estendia por uma estepe desolada e selvagem, onde as fronteiras eram, por assim dizer, inexistentes. Esses territórios eram inicialmente habitados por tribos nómadas mongóis que durante milhares de anos nunca tinham necessitado de fronteiras e, como tal, nem sequer sabiam o que era o conceito de fronteira.

«Por outro lado, a situação política tinha contribuído para atrasar a elaboração de mapas precisos da região. Fazer mapas oficiais estabelecendo as fronteiras de forma arbitrária poderia ter provocado um conflito em grande escala. Os dois países que faziam fronteira com a Mongólia, a União Soviética e a Mongólia Exterior, mostravam-se extremamente susceptíveis a possíveis violações da linha fronteira e já tinham ocorrido violentos confrontos por causa disso. Por aqueles dias, o Exército de Terra não desejava uma guerra com a União Soviética. Concentrava o grosso das suas forças na guerra contra a China e não lhe sobravam efectivos militares para um conflito de grande envergadura com os soviéticos. Nem tão-pouco carros de combate, artilharia ou meios aéreos. Desde a criação de Manchukuo, a prioridade consistia em estabilizar a região e reforçar a frágil estrutura do Estado. Para o exército, estabelecer fronteiras a norte e a noroeste devia fazer parte de uma etapa posterior. O truque consistia em ganhar tempo, deixando, de momento, as coisas indefinidas. Até mesmo o poderoso Exército de Kwantung aprovou esta estratégia em linhas gerais e adoptou a postura de mero observador.

«Se, contra todas as expectativas, a guerra rebentasse por uma razão imprevista (como aconteceu, de facto, no ano seguinte em Nomonhan)²⁴, o certo é que não poderíamos lutar sem mapas. E não falo de mapas normais, daqueles que os civis usam, mas sim de cartas topográficas contendo informações detalhadas, próprias para uso militar, permitindo saber onde localizar os acampamentos militares, qual o local mais oportuno para instalar força de artilharia, determinar quantos dias são necessários às tropas de infantaria para se deslocarem de um local para outro, onde procurar água potável, qual a quantidade de forragem necessária para os cavalos, e por aí fora. Sem mapas desses não se pode combater numa guerra moderna. Como tal, grande parte do nosso trabalho consistia em fornecer informações, trocávamos amiúde ideias com os serviços secretos especiais estacionados em Hailar e com a Secção de Informação do Exército de Kwantung. Conheçamo-nos todos, mas era a primeira vez que eu punha os olhos em cima do tal Yamamoto.

«Depois de cinco dias de preparativos, apanhámos o comboio em Hsin-ching e prosseguimos viagem até Hailar. Dali, metemo-nos num camião e atravessámos a região onde fica o templo lamaísta a que chamam santuário de Khandur e chegámos ao posto de observação fronteiro do exército de Kwantung, nas proximidades do rio Khalkha. Não me recordo da distância exacta, mas calculo que estivesse a uns trezentos ou trezentos e cinquenta quilómetros. Era uma planície deserta, a perder de vista. O meu trabalho consistia em ir observando, do alto do camião, a configuração do terreno, a fim de comparar com as indicações que apareciam nos mapas que tinha levado comigo. Mas não havia nada a apontar, visto que não existia ali nada que pudesse ser considerado acidente topográfico. Apenas uma sucessão de colinas baixas cobertas de espessas ervas hirsutas, numa linha do horizonte que se confundia com o infinito debaixo de um céu com algumas nuvens. Nem sequer sabia com exactidão em que ponto do mapa nos encontrávamos. Tinha de me deitar a adivinhar, de uma maneira mais ou menos aproximada, calculando o número de horas que levávamos de viagem.

«Volta e meia, avançando em silêncio pelo meio de tanta desolação, acontecia-nos perder a noção da nossa coerência enquanto indivíduos e ficarmos reféns da ilusão de sentir, aos poucos, a mente a penetrar nos terrenos do delírio. Está a ver onde quero chegar? O espaço é de tal maneira vasto que se torna difícil manter o sentido da proporção no que toca aos limites da nossa própria existência física e acabamos por nos confundirmos com a paisagem que nos rodeia. Foi esta a sensação que experimentei em plena estepe mongol. Que imensidão! Mais que um deserto, parecia um oceano. O Sol erguia-se a leste no horizonte, e atravessava lentamente o céu antes de mergulhar a oeste, por detrás da linha do horizonte. Diante dos nossos olhos, era a única coisa que mudava. E aquilo que eu sentia perante aquele movimento solar quase se poderia definir como um imenso amor cósmico.

«No posto de observação do exército, descemos do camião e prosseguimos viagem a cavalo. Para além dos quatro cavalos que montávamos, contávamos com outros dois para o transporte de água, víveres e armas. O armamento que transportávamos era bastante ligeiro. O tal Yamamoto e eu apenas levámos uma pistola. Hamano e Honda estavam ainda munidos de espingardas de infantaria de calibre 38 e de duas granadas de mão cada um.

«Quem comandava o grupo era, na realidade, Yamamoto. Era ele quem tomava todas as decisões e quem nos dava ordem. Segundo o regulamento militar, deveria ter sido eu a assumir o comando, visto que oficialmente Yamamoto era um civil, mas ninguém questionou a sua liderança. Aos olhos de toda a gente, o homem indicado para liderar as hostes era ele, e eu, por mais que tivesse o posto de alferes, na realidade não passava de um funcionário de meia-tigela sem qualquer experiência de combate. Os soldados sabem distinguir na perfeição quem detém o poder real e obedecem ao verdadeiro líder de forma instintiva. Além disso, antes da partida, o meu superior ordenara-me que obedecesse cegamente a Yamamoto. Que é como quem diz, tinha ordens para seguir as instruções de Yamamoto à letra, fazendo tábua rasa das leis e dos regulamentos.

«Chegámos ao rio Khalkha e seguimos em direcção ao Sul. O rio tinha subido por causa do degelo. Viam-se grandes peixes na água. Ao longe acontecia por vezes vislumbrar-se a silhueta dos lobos. Não deviam ser de raça pura, mas antes chacais ou resultado do cruzamento entre cães e lobos. Em todo o caso, eram perigosos. De noite, tínhamos de montar guarda para proteger os cavalos. Também se viam muitos pássaros. Na sua maioria, aves migratórias que regressavam à Sibéria. Yamamoto e eu discutíamos a topografia da zona e confirmávamos na carta a rota que seguíamos, anotando num pequeno canhenho qualquer pequeno dado novo que lograsse captar a nossa atenção. Tirando essa troca de informações especializada, Yamamoto mal abria a boca. Fazia avançar o seu cavalo em silêncio, tomava as refeições à parte e deitava-se sem dizer água vai. Algo me dizia que não era a primeira vez que andava por aquelas paragens. Possuía um conhecimento extremamente preciso da configuração do terreno e um sentido de orientação fabuloso.

«Avançávamos há dois dias sem acidentes de percurso em direcção ao Sul, quando Yamamoto me chamou à parte e me disse que, antes do amanhecer, estaríamos a atravessar o rio Khalkha. Fiquei horrorizado. A margem oposta do rio era território mongol. Na realidade, a margem direita do Khalkha, onde nos encontrávamos, podia já ser considerado uma zona perigosa, marcada por confrontos fronteiriços. A Mongólia Exterior reclamava os seus direitos sobre o rio, ao passo que Manchukuo defendia que fazia parte dos seus territórios, e tinha havido inúmeros incidentes armados. Mas enquanto nos mantivéssemos na margem direita, e no caso de sermos surpreendidos pelos soldados da Mongólia Exterior, podíamos sempre justificar a nossa presença, escudando-nos na divergência de opiniões entre ambos os países. De qualquer maneira, não corríamos grande risco de

encontrar o exército mongol visto que, naquela altura do ano, as patrulhas não se aventuravam a atravessar o rio, atendendo à altura das suas águas. Mas a margem esquerda já era outra história. De certeza que ali haveria soldados da Mongólia Exterior patrulhando o tempo todo. E como justificar a nossa presença, caso fôssemos apanhados por eles? Estaríamos perante um caso evidente de violação territorial que, na pior das hipóteses, poderia levar a um incidente político. Corríamos o risco de sermos fuzilados ali mesmo, que ninguém teria nada a objectar. Os meus superiores não me tinham dado ordens no sentido de atravessar a fronteira. É certo que recebera ordens para obedecer a Yamamoto, mas não sabia até que ponto isso se aplicava a uma acção tão grave como uma violação de território. Por outro lado, o rio Khalkha, como já mencionei antes, aumentara o seu caudal e a corrente era extremamente forte. Isto para já não falar na temperatura da água, que devia estar gelada. Nem as tribos nómadas se atreviam a cruzar o rio naquela altura do ano, atravessando-o apenas no Inverno, quando estava gelado, ou no Verão, quando a corrente não era tão forte, e a temperatura mais suave.

«Quando disse isto mesmo a Yamamoto e invoquei as minhas razões, ele limitou-se a olhar-me em silêncio. Depois acenou com a cabeça várias vezes.

«“Percebo que violar a fronteira te deixe preocupado”, disse ele em tom paternalista. “És um oficial e tens soldados a teu cargo, é natural que te interrogues sobre as tuas responsabilidades. Não queres expor de forma inútil a vida dos teus soldados. Mas deixa que seja eu a preocupar-me com esse aspecto. Assumo toda e qualquer responsabilidade. Não estou em condições de te dar grandes explicações, mas, acredita, este assunto já chegou às mais altas esferas do exército. No que diz respeito à travessia do rio, não existe nenhum impedimento técnico, na medida em que conheço passagens secretas por onde é possível atravessá-lo com relativa facilidade. O exército mongol construiu vários pontos desses e tem-nos vigiados. Mas isso também tu o sabes, não é verdade? Já atravessei o rio por mais de uma vez nestas mesmas condições. O ano passado, por esta altura, entrei na Mongólia a partir daqui. Não tens motivo para estar preocupado.”

«Numa coisa ele tinha razão. Era um facto que o exército mongol, que conhecia a região palmo a palmo, por mais de uma vez tinha enviado unidades de combate em viagem de reconhecimento à margem direita do Khalkha, durante o período de degelo. E que existiam decerto um ou outro vau por onde unidades inteiras poderiam atravessar o rio sem problemas. E se *eles* podiam, então também aquele homem que dava pelo nome de Yamamoto podia, e nós também.

«Detivemo-nos junto a um desses pontos secretos criados pelo exército mongol. Habilmente camuflados, à primeira vista nem se dava por eles. Entre dois pontos onde a água era pouco profunda tinham estendido umas pranchas debaixo de água, bem amarradas com cordas para que não as levasse a corrente veloz. Era óbvio que, sempre que a água baixava um pouco de nível, por ali poderiam facilmente passar camiões de transporte de tropas, carros de combate e outros. Mas, uma vez dissimulados debaixo de água, nem as patrulhas aéreas seriam capazes de os localizar. Atravessámos o rio agarrados a uma corda. O primeiro a passar foi Yamamoto, para se certificar de que não existiam soldados do exército mongol, e depois foi a nossa vez. A água estava tão fria que ficámos com as pernas dormentes, mas não demorou muito até nos encontrarmos todos a pisar a margem esquerda do rio Khalkha, entre homens e cavalos. Ali, o terreno era muito mais elevado e, a partir daquele ponto, via-se um areal imenso que se perdia na distância. Esta foi uma das razões da superioridade do exército soviético, aquando da batalha de Nomonhan. Com efeito, a diferença de altitude representa uma grande vantagem no que toca à precisão do fogo de artilharia. Isto para dizer

que me lembro de ter pensado que a paisagem era muito diferente nas duas margens do rio. Encharcados da água do rio, fria como gelo, ali permanecemos durante longo tempo, petrificados. Nem falar conseguíamos. Contudo, só de pensarmos que estávamos em território inimigo, não tardámos a esquecer o frio.

«Seguimos rumo ao Sul seguindo sempre o curso do rio. À esquerda, debaixo dos nossos olhos, o rio fluía silencioso como uma serpente. Assim que atravessámos, Yamamoto aconselhou-nos a arrancarmos os galões dos uniformes, e assim fizemos. No caso de sermos descobertos pelo inimigo, não era conveniente que se soubesse os postos que ocupávamos. Pela mesma razão, tirei as botas altas de oficial e troquei-as por umas polainas.

«Naquela mesma noite, quando nos preparávamos para levantar o nosso acampamento, apareceu um homem a cavalo. Era um mongol. Os mongóis utilizam uma sela mais alta do que o normal e, como tal, são facilmente identificáveis a olho nu. Ao vê-lo, o sargento Hamano apontou-lhe a espingarda, mas logo Yamamoto se virou para ele e disse: “Não dispares!” Hamano baixou lentamente a arma, sem dizer uma palavra. Ficámos os quatro ali de pé, imóveis, à espera que o cavaleiro chegasse até junto de nós. Trazia uma espingarda de fabrico soviético ao ombro e uma pistola *Mauser* à cintura. Um gorro com orelheiras mal deixava ver o rosto coberto de barba hirsuta. Apesar das vestes sujas, típicas dos nómadas, via-se pelo seu porte que estávamos perante um militar de carreira.

«Quando desmontou, dirigiu-se a Yamamoto e entabulou conversa com ele numa língua que, creio eu, era o mongol. Eu pescava alguma coisa de russo e chinês, mas não era nenhuma dessas. Por isso, deduzi que fosse mongol. Yamamoto também se dirigiu ao homem em mongol, o que só veio confirmar as minhas suspeitas. Yamamoto era um oficial dos serviços secretos.

«“Tenente Mamiya, devo acompanhar este homem”, disse Yamamoto. “Não sei quanto tempo vou demorar, mas quero que esperem por mim aqui. Escusado será dizer que deves montar guarda permanentemente. Se eu não estiver de volta no prazo de trinta e seis horas, comunica esse facto ao quartel-general. Manda um dos teus homens atravessar o rio e envia-o ao posto de observação fronteiriço.”

«“Às suas ordens”, respondi.

«Yamamoto montou a cavalo e dirigiu-se a galope para oeste na companhia do mongol.

«Nós os três montámos acampamento e comemos qualquer coisa. Não podíamos nem acender o lume nem cozinhar arroz. Naquele vasto areal, onde as dunas baixas eram a única protecção que o olhar abarcava, qualquer sinal de fumo teria significado a nossa captura imediata. Montámos a tenda ao abrigo de uma duna e, ali agachados, roemos algumas bolachas secas e comemos carne enlatada fria. Quando o Sol transpôs a linha do horizonte, caíram as trevas. No céu eram visíveis inúmeras estrelas. Misturado com o rumor da corrente, ouvia-se de quando em quando o uivo dos lobos. Estiraçados na areia, demos descanso ao corpo, exaustos das fadigas do dia.

«“Meu tenente”, sussurrou o sargento Hamano. “Estamos metidos numa verdadeira camisa de onze varas.” E eu não tive outro remédio senão concordar com ele. Por essa altura, já o sargento Hamano, o cabo Honda e eu nos conhecíamos bastante bem. Normalmente, oficiais novatos como eu costumam ser alvo de troça por parte dos subalternos com experiência de combate, como Hamano, mas isso não aconteceu comigo. Eu era um oficial com estudos universitários e ele respeitava-me por isso. Pela minha parte, não ligava grande importância ao meu posto e reconhecia a superioridade dele no terreno de combate, bem como as suas faculdades de percepção e avaliação no terreno. Além disso,

como ele era de Yamaguchi e eu vinha da prefeituravizinha de Hiroxima, não tardámos a estabelecer entre nós um diálogo aberto e, por que não dizê-lo, uma certa cumplicidade. Ele falou-me longamente da guerra na China. Era então um simples soldado que só tinha estudos primários, mas albergava dentro de si as maiores dúvidas quanto à razão de ser daquele complexo conflito que se desenrolava no continente chinês e que parecia não ter fim à vista.

«“Sou um soldado”, disse-me ele, “e não me importo de ir à luta e de morrer pelo meu país. É o meu ofício. Mas a guerra que estamos a travar neste momento, meu tenente, por mais voltas que se lhe dê, não é uma guerra honesta. Não é uma guerra que tenha uma frente de batalha e se enfrente o inimigo num combate directo e decisivo. Nós avançamos. O inimigo foge sem opor resistência. Os soldados chineses em retirada desfazem-se dos uniformes e misturam-se com a população civil. E nós, ficamos sem saber onde está o inimigo. Com o pretexto de capturar bandidos e soldados emboscados, matamos pessoas inocentes e ficamos com as provisões deles. A linha da frente avança tão depressa que o abastecimento não chega, e não nos resta outra alternativa senão roubar para comer. E não temos campos para internar os prisioneiros nem comida para lhes dar, somos obrigados a matá-los. E isso está errado. Cometemos verdadeiras barbaridades na região de Nanking, incluindo a minha unidade. Deitámos dezenas de pessoas para dentro de um poço e depois lançámos lá para dentro granadas de mão. E ainda fizemos outras coisas que nem sou capaz de nomear. Acredite, meu alferes, esta é uma guerra sem princípios. Não fazemos mais nada senão andarmos a matar-nos uns aos outros. E, os que saem a perder são, em última análise, os pobres camponeses. Eles, que nem ideologia têm. Nem Partido Nacionalista, nem jovem marechal Chang²⁵, nem exército japonês, nem nada. A eles, o que lhes interessa é ter arroz no prato, e pouco mais, Também eu nasci numa família de pescadores pobres e sei o que sentem estes camponeses sem eira nem beira, que não têm onde cair mortos. Gente honesta e simples que se mata a trabalhar de manhã à noite, meu alferes, por um punhado de arroz. Palavra de honra, não consigo perceber como é que, matando todos os que caem nas nossas mãos, estamos a servir o Japão...”

«Em comparação, o cabo Honda só sabia falar de si próprio. Era um homem taciturno, mais dado a escutar do que a intervir. Contudo, por muito calado que fosse, isso não significava que tivesse um feitio sombrio. Simplesmente, não tinha por hábito tomar a iniciativa nas conversas. É certo que às vezes perguntava com os meus botões em que estaria ele a pensar, mas isso não me causava uma impressão desagradável. Quando muito, notava que existia no silêncio daquele homem algo que contribuía para apaziguar o espírito. Mostrava-se senhor de uma serenidade absoluta e de uma espécie de sangue-frio natural. Era oriundo de Asahikawa, onde o seu pai possuía uma pequena tipografia. Era dois anos mais novo do que eu e, assim que saíra da escola, começara logo a ajudar o pai e os irmãos na oficina. Era o mais novo de três rapazes, mas o mais velho morrera dois anos antes na guerra, em terras da China. Gostava de ler e, mal tinha um momento livre, estendia-se em qualquer sítio e lia tudo o que fossem obras relacionadas com o budismo.

«Como já referi antes, Honda não tinha experiência de combate e só recebera um ano de instrução militar. Isso, porém, não o impedia de ser um soldado excepcional. Em todos os pelotões é possível encontrar um ou dois destes homens. Homens que, paulatinamente, sem uma queixa, vão desempenhando a sua missão com competência. São ao mesmo tempo fisicamente fortes e intuitivos por natureza. Assimilam de imediato tudo o que lhes é explicado e põem-no em prática sem hesitações de espécie alguma. Ele era um desses soldados. Para mais, tendo recebido instrução em cavalaria, era de nós os três quem sabia de cavalos e cabia-lhe a ele ocupar-se das nossas seis

montadas. Tarefa que, diga-se de passagem, ele fazia de um jeito muito seu, alturas havendo em que chegámos a pensar que ele compreendia na perfeição os sentimentos daqueles animais. Até mesmo o sargento Hamano reconhecia as suas capacidades e não hesitava em confiar-lhe numerosas tarefas.

«Apesar de formarmos um grupo muito heterogéneo, reinava entre nós um excelente entendimento. E precisamente pelo facto de não constituirmos uma patrulha normal, víamo-nos livres da rigidez formal do exército. Sentíamo-nos tão à vontade juntos que parecíamos companheiros de estrada reunidos pelo destino. Por esse motivo, o sargento Hamano tratava-me de igual para igual, com absoluta franqueza, sem estar limitado ao tratamento convencional entre superior e subordinado.

«“Qual é a sua opinião sobre esse tal Yamamoto, meu tenente?”», perguntou-me ele.

«“Quase apostava que pertence aos serviços secretos”, respondi eu. “Quem fala assim mongol só pode estar por dentro. Além de conhecer esta região como a palma das suas mãos.”

«“Também é essa a minha opinião. A princípio, pensei que ele pudesse pertencer a uma dessas tribos de bandidos ou então um aventureiro, um desses espiões a soldo das altas patentes do exército. Esses, conheço eu de ginjeira. Passam a vida a gabar-se, e estão sempre com o dedo no gatilho, mas Yamamoto não é nenhum fala-barato. É demasiado sério para isso. Tem coragem e cheira-me que pode muito bem ser oficial de alta patente. Ouvi dizer que o exército está apostado em formar unidades estratégicas compostas por mongóis oriundos do exército soviético; para o efeito, foram buscar militares japoneses especialistas em estratégia. Talvez Yamamoto tenha alguma coisa que ver com isso, quem sabe?”

«O cabo Honda estava sentado à parte, de sentinela, com a espingarda carregada. Eu deixara a minha *Browning* ali perto, no chão, de forma a poder deitar-lhe a mão a qualquer momento. O sargento Hamano tinha tirado as polainas e estava a massajar os pés.

«“É só uma conjectura, claro está”, prosseguiu Hamano, “mas aquele mongol pode ser um oficial anti-soviético a soldo do exército da Mongólia Exterior que tenha contactos secretos com o nosso exército.”

«“É possível”, admiti, “mas aconselho-te a guardares essas ideias só para ti. Ainda te arriscas a ir parar ao pelotão de fuzilamento.”

«“Não sou assim tão estúpido! Só digo isto aqui entre nós”, retorquiu ele, sorrindo com desdém. “Mas”, continuou, num tom mais sério “a ser verdade, corremos grande perigo. Pode levar à guerra.”

«Assenti em sinal de concordância. A Mongólia Exterior passava por ser um país independente, mas, na realidade, não passava de um estado satélite totalmente sob controlo da União Soviética. Neste sentido, era muito diferente do império de Manchukuo, ocupado pelo exército japonês. No entanto, no caso da Mongólia era bem conhecida de toda a gente a existência de actividades secretas por parte de uma facção anti-soviética, que tinha mantido contactos secretos com o exército japonês de Manchukuo e por mais de uma vez, no passado, pegara em armas e incitara à rebelião. O núcleo dos elementos rebeldes era composto de oficiais do exército mongol que nutriam sentimentos de hostilidade perante o despotismo dos militares soviéticos, membros da classe dos donos de terras contrários à reforma agrária, imposta pela força, e monges lamaístas. Ao todo, o seu número ascendia a mais de cem mil homens. E a única força exterior com a qual os insurrectos podiam contar era o exército japonês estacionado na Manchúria. Além disso, sentiam-se mais próximos dos japoneses, asiáticos como eles, que dos russos. No ano anterior, em 1937, tinha sido descoberto na capital, Ulan Bator, um plano de revolta em grande escala, seguindo-se uma repressão sem precedentes acompanhada de grandes purgas. Milhares de soldados e sacerdotes budistas tinham sido

considerados elementos contra-revolucionários e acusados de terem contactos secretos com o exército japonês, sendo condenados à morte. Mas o sentimento anti-soviético, longe de desaparecer, continuou a crescer noutras paragens. Não era, por isso, nada do outro mundo que um oficial do exército japonês atravessasse o rio Khalkha para se encontrar secretamente com um oficial mongol anti-soviético. Precisamente a fim de impedir esse tipo de actividades, o exército da Mongólia Exterior patrulhava sem cessar a zona fronteiriça e proibia a entrada numa faixa de dez a vinte quilómetros da fronteira com Manchukuo, mas a extensão era de tal forma vasta que se tornava impossível mantê-la debaixo de controlo.

«Em caso de uma rebelião, era fácil deduzir que o exército soviético interviria de imediato a fim de esmagar o movimento contra-revolucionário. E caso a União Soviética fosse chamada a intervir, os revoltosos teriam pedido ajuda ao Japão, o que daria ao Exército de Kwantung pretexto para uma intervenção militar. Apoderar-se da Mongólia Exterior equivalia a espetar uma faca no flanco do domínio soviético na Sibéria. Por mais que o quartel-general imperial no Japão tentasse impedi-los, os oficiais do Estado-Maior do Exército de Kwantung, que eram a ambição personificada, não poderiam deixar escapar semelhante ocasião. E o resultado poderia ser, já não uma mera disputa fronteiriça, mas sim uma autêntica guerra entre o Japão e a União Soviética. E se rebentasse uma guerra a sério entre o Japão e a União Soviética, Hitler poderia responder invadindo a Polónia e a Checoslováquia. Era a isso que o sargento Hamano se estava a referir.

«Ao amanhecer, Yamamoto ainda não tinha regressado. Fui eu o último a montar guarda. Peguei na espingarda de Hamano, sentei-me no cimo de uma duna um pouco mais alta do que as outras e ali fiquei a contemplar o céu para leste. O nascer do Sol na Mongólia é qualquer coisa de extraordinário. Num abrir e fechar de olhos, o horizonte transforma-se numa débil linha que emerge das trevas e se estende devagar, como se a mão de um gigante lá no alto estivesse, lentamente, a fazer subir o manto da noite à superfície da Terra. Era uma visão sublime, de uma grandiosidade, como já disse antes, que ultrapassava em muito os limites da minha consciência enquanto ser humano. Ao contemplar aquele espectáculo, tinha a sensação de que a minha própria vida se dissolvia pouco a pouco, até desaparecer no nada. Coisas banais, como as vicissitudes dos seres humanos, não tinham cabimento naquela dimensão. Desde tempos imemoriais, quando ainda não existia nenhuma forma de vida, o mesmo fenómeno repetira-se milhões, centenas de milhões de vezes. Atónito, fiquei ali, absorvido na contemplação do alvorecer, esquecido do dever militar.

«Quando o Sol se levantou por completo no horizonte, acendi um cigarro, bebi água do cantil e urinei. E pensei no Japão. Veio-me à memória a paisagem da minha província natal aos primeiros dias de Maio. Recordei o perfume das flores, o murmúrio do rio, as nuvens no céu. Pensei nos meus velhos amigos, na minha família. Pensei nos bolinhos de arroz, grandes, redondos e cremosos. Nunca gostara especialmente de doces, mas ainda me lembro de que naquele dia morria de vontade de comer um daqueles bolinhos de arroz. De boa vontade teria dado o soldo de um ano em troca de um *mochi*. E, ao pensar no Japão, senti-me abandonado naquele fim de mundo. Por que teria de arriscar a minha vida, lutando por aquele vasto território desértico onde só havia insectos e vegetação hirsuta e polvorenta, por aquele pedaço de terra estéril, sem nenhum valor a não ser no plano militar e económico? Não havia maneira de compreender. Para proteger a minha pátria, estava prestes a sacrificar a vida. Mas perder assim a vida, a minha única vida, por aquela terra árida e desolada onde não crescia nem um grão de cereal, era uma perfeita estupidez!

«Yamamoto regressou no dia seguinte, ao amanhecer. Também naquela manhã era eu que estava de sentinela. Lembro-me de estar a olhar distraidamente para o rio quando ouvi um cavalo a relinchar nas minhas costas. Levantei-me de um salto e virei-me. Não vi nada nem ninguém. Permaneci imóvel, com a espingarda apontada na direcção de onde ouvira relinchar. Engoli em seco e tive a impressão de que a minha saliva, ao escorregar pela garganta, produzira tamanho ruído que, confesso, me sobressaltei. O dedo apoiado no gatilho tremia violentamente. Nunca antes disparara sobre um homem.

«Mas, após alguns segundos de espera, foi a figura de Yamamoto a cavalo que vi aparecer por detrás da duna. Sem nunca tirar o dedo do gatilho, lancei o olhar em redor, mas não se via viva alma. Nem o mongol que viera receber-nos, nem soldados inimigos. A leste, a grande Lua branca flutuava no céu como um megálito sinistro. Yamamoto parecia ferido no braço esquerdo. O lenço branco que o envolvia estava vermelho de sangue. Acordei o cabo Honda e confiei-lhe o cavalo de Yamamoto. O pobre animal devia ter percorrido uma grande distância a galope porque arfava pesadamente e estava empapado em suor. Hamano trocou de lugar comigo e ficou de sentinela. E eu fui buscar o estojo de primeiros socorros e tratei da ferida de Yamamoto.

«“A bala saiu, e a hemorragia parou de sangrar”, disse-me ele. Por sorte, a bala limitara-se a atravessar o braço, arrancando apenas um pedaço de carne. Tirei-lhe o pano a fazer as vezes de atadura, desinfectei a ferida com álcool e pus-lhe uma ligadura limpa.

«“Alguma vez dispararam sobre si?”, perguntou-me Yamamoto ao fim de um grande bocado.

«“Nunca”, respondi eu.

«“E alguma vez disparou sobre alguém?”»

«Voltei a responder que não.

«Não sabia que impressão lhe teriam causado as minhas respostas, da mesma forma que não sabia o que o teria levado a fazer-me aquelas perguntas.

«“Tenho aqui um documento que devo levar ao quartel-general”, disse ele, pousando a mão sobre a sacola presa à sela. “Em caso de isso não ser possível, estes documentos têm de ser destruídos. Queimados, enterrados, tanto faz, desde que não caiam nas mãos do inimigo. Em circunstância alguma. Quero que compreenda isto: é de importância capital.”

«“Compreendo”, retorqui eu.

«Yamamoto olhou-me fixamente nos olhos.

«“Se as coisas derem para o torto, a primeira coisa a fazer é disparar primeiro sobre mim. Não penses duas vezes e dispara. Se eu mesmo o puder fazer, fá-lo-ei, mas com o braço neste estado, posso não conseguir. Nesse caso, dispara. E, acima de tudo, dispara a matar.”

«Assenti em silêncio.

«Chegámos ao vau do rio antes do anoitecer e ali ficámos a saber que a preocupação que nos consumira durante o caminho não era infundada. Um pequeno pelotão de soldados do Exército da Mongólia Exterior chegara antes de nós e ocupara as suas posições junto à ponte. Yamamoto e eu subimos a uma das dunas mais altas e, lá de cima, vigiámos por turnos com a ajuda dos binóculos. Ao todo, eram oito os soldados – não se podia dizer que fossem muitos, mas, para uma patrulha fronteira, encontravam-se fortemente armados. Um dos homens carregava uma metralhadora ligeira.

Num posto elevado estava instalada uma metralhadora pesada; em redor amontoavam-se sacos de areia. Era evidente que a tinham montado apontando para o rio. E que haviam acampado ali para impedir que atravessássemos, vindos da outra margem. As tendas estavam montadas à beira do rio e viam-se uns dez cavalos atados a estacas cravadas no solo. Era óbvio que não tinham intenção de sair dali enquanto não nos conseguissem capturar.

«“E não há outro ponto por onde atravessar o rio?”, perguntei eu.

«Yamamoto desviou os olhos dos binóculos, fitou-me e abanou a cabeça.

«“Mesmo que haja, fica demasiado longe, a dois dias de cavalo. E tempo é coisa que não temos. Custe o que custar, temos de atravessar aqui.”

«“Quer dizer que temos de esperar para atravessarmos a coberto da noite?”

«“Exacto. Não temos outro remédio senão deixarmos ficar os cavalos para trás. Se conseguirmos dar cabo dos soldados que montam guarda, o mais provável é os outros continuarem a dormir como se nada fosse. A corrente do rio ajudará a abafar todos os barulhos. Não há grandes motivos para preocupação. Das sentinelas, encarrego-me eu. Até chegar a altura, pouco ou nada poderemos fazer. O melhor é tentarmos dormir para ver se recuperamos forças.”

«Fixámos o arranque da operação para as três da manhã. O cabo Honda descarregou tudo o que os cavalos traziam, levou-os para longe e pô-los em liberdade. No que dizia respeito às munições e aos víveres que sobraram, cavámos um buraco e enterrámos tudo o mais fundo possível. A única coisa que levaríamos connosco seria um cantil, uma dose dupla de ração de combate, as espingardas e uma pequena quantidade de balas. Em caso de sermos capturados pelo exército mongol, infinitamente mais bem armado, contra eles nada poderíamos fazer, por mais munições que tivéssemos. A seguir, decidimos descansar um bocado até chegar a hora. Se conseguíssemos atravessar o rio, durante algum tempo não teríamos ocasião de dormir. De momento, era aquela a nossa única oportunidade. Primeiro ficaria o cabo Honda de guarda; depois seria a vez do sargento Hamano.

«Quando se deitou dentro da tenda, Yamamoto adormeceu de imediato e dormiu como uma pedra. Debaixo da cabeça, à laia de almofada, tinha colocado a pasta de pele contendo os preciosos documentos. Também Hamano não demorou a cair no sono. Estávamos todos exaustos, mas eu não havia maneira de adormecer por causa da tensão. Estava a morrer de sono, mas não conseguia dormir. Deixei-me ficar ali deitado, sentindo-me cada vez mais excitado, só de imaginar que matávamos os soldados mongóis que estavam de sentinela e que eles abriam fogo sobre nós com as suas metralhadoras assim que nos vissem atravessar o rio. Tinha as palmas das mãos a suar e sentia uma dor surda nas têmporas. Não tinha a certeza de me conseguir portar dignamente, como um oficial que era, uma vez chegado o momento da verdade. Rastejei para fora da tenda, aproximei-me do sítio onde o cabo Honda estava de guarda e sentei-me a seu lado.

«“Sabes uma coisa, Honda?”, disse eu. “Se calhar vamos morrer aqui.”

«“Pode ser que sim.”

«Durante alguns momentos permanecemos os dois em silêncio. Houve qualquer coisa naquela resposta dele que não me convenceu – uma nota de hesitação, talvez. A intuição nunca tinha sido o meu forte, mas percebi logo que aquela resposta ambígua escondia qualquer coisa. Decidi interrogá-lo para ver se ele se abria comigo e se desembuchava a história toda. Fiz-lhe ver que aquela seria a última oportunidade de dizermos um ao outro o que nos ia na alma.

«Mordendo o lábio inferior, Honda tocou com as pontas dos dedos na areia a seus pés. Dava para ver que lutava com sentimentos contraditórios.

«“Meu tenente”, disse passado um bocado, não tirando os olhos de mim. “De nós os quatro, o senhor é quem viverá mais tempo, muito mais tempo do que imagina. E morrerá no Japão.”

«Agora chegara a minha vez de olhar fixamente para ele.

«“Deve estar a perguntar-se como é que eu sei isso, mas não é uma coisa que eu consiga explicar. Como antes lhe disse, sei, simplesmente sei.”

«“Tens algum poder extra-sensorial ou quê?”

«“Pode ser que sim, muito embora a expressão não seja do meu agrado. Digamos que peca por exagero. Como acabei de lhe dizer, simplesmente sei, mais nada.”

«“E essa faculdade, tem-na há muito?”

«“Sim”, respondeu com clareza. “Acontece, no entanto, que sempre a escondi de toda a gente desde que me lembro. Desta vez só falei nisso por estarmos perante uma situação de vida ou de morte, meu tenente, e também porque se trata do senhor.”

«“E aos outros? Sabes o que vai acontecer com eles?”

«Ele abanou a cabeça. “Algumas coisas sei, outras não, mas acho preferível o meu tenente não ter conhecimento disso. Talvez seja uma impertinência da minha parte estar a dirigir-me a si nestes termos, atendendo a que o meu tenente andou a estudar na universidade e tudo, mas a verdade é que o destino não é propriamente uma coisa que se possa olhar antes de se ter cumprido. Pela minha parte, e até certo ponto, estou habituado a ele. Mas o senhor não, meu tenente.”

«“Em todo o caso, não vou morrer aqui, é isso?”

«Ele deixou escorrer a areia entre os dedos.

«“É tudo o que lhe posso dizer meu tenente. O senhor não morrerá em território chinês.”

«Gostaria de ter aprofundado o sentido daqueles palavras, mas o cabo Honda remeteu-se obstinadamente ao silêncio. Parecia absorto nos seus próprios pensamentos, ou, quem sabe?, em meditação. Com a espingarda entre as mãos, olhava fixamente para o vasto areal. Nada do que eu dissesse chegaria aos seus ouvidos.

«Regressei à tenda que havíamos erguido ao abrigo das dunas, estendi-me ao lado de Hamano e fechei os olhos. Desta vez, logrei conciliar o sono – um sono tão profundo como se me tivesse agarrado pelas pernas e arrastado para o fundo do mar.

²⁴ Na batalha de Nomonhan, em plena guerra não-declarada no deserto da Mongólia (de Maio a Setembro de 1939), as tropas japonesas foram aniquiladas pelas forças soviéticas. Em resposta a esta falha, o Japão foi obrigado a repensar a sua estratégia militar, que passou, entre outras coisas, por aumentar o poder de fogo dos seus carros de combate. (*N. da T.*)

²⁵ Chang Kai-Chek na encruzilhada, atacado em todas as frentes por japoneses, russos e chineses. (*N. da T.*)

A longa história do tenente Mamiya

Parte II

«Fui acordado pelo ruído metálico da patilha de segurança de uma espingarda a ser destravada. Por mais profundamente adormecido que esteja, nenhum soldado em combate deixa passar um som tão característico. Trata-se – como hei-de dizer? – de um som especial, frio e pesado como a morte. Acto contínuo, deitei a mão à *Browning* que tinha junto da cabeceira, mas nesse preciso momento alguém me deu um pontapé na testa, e por instantes o impacto deixou-me cego. Quando recuperei o fôlego, entreabri os olhos e vi o homem que me devia ter pontapeado. Estava ajoelhado e a deitar mão à minha *Browning*. Levantei a cabeça devagarinho. Apontados a mim estavam os canos de duas espingardas. Por detrás das espingardas viam-se dois soldados mongóis.

«Lembrava-me de ter adormecido no interior de uma tenda, mas agora a tenda havia desaparecido e sobre a minha cabeça cintilavam as estrelas do céu da Manchúria. Ao meu lado, outro soldado mongol apontava uma metralhadora ligeira à cabeça de Yamamoto. Este permanecia tranquilamente deitado por terra, como se tivesse consciência de que toda a resistência era inútil e procurasse economizar energia. Todos os soldados mongóis usavam enormes casacões e capacetes de combate. Dois deles mantinham grandes lanternas apontadas a Yamamoto e a mim. Ao princípio não compreendi bem que diabo teria acontecido. Vendo bem, tinha acabado de sair de um sono demasiado profundo e de receber uma pancada violenta, mas depois, ao vislumbrar a figura dos soldados mongóis e a cara de Yamamoto, fez-se luz no meu espírito. Tinham descoberto a nossa tenda antes de termos conseguido atravessar o rio.

«A seguir interroguei-me sobre o que poderia ter acontecido a Honda e a Hamano. Virei a cabeça lentamente e olhei em redor, mas nem um nem outro se encontravam à vista. Teriam morrido às mãos dos soldados mongóis? Teriam logrado escapar com vida? Não fazia a mínima ideia.

«Aqueles soldados deviam integrar a patrulha que avistámos anteriormente. Eram em número reduzido e o seu único armamento consistia em pistolas e numa metralhadora ligeira. A comandá-los estava um oficial corpulento, o único a usar um par decente de botas de cano alto. Era ele que me tinha dado o pontapé. Agachou-se e agarrou na pasta de pele que Yamamoto guardara ao lado da cabeça, abriu-a e olhou lá para dentro. A seguir virou-a de pernas para o ar e sacudi-a com violência. Para minha grande surpresa, a única coisa que caiu foi um maço de tabaco. Tinha visto com os meus próprios olhos Yamamoto enfiar os documentos dentro da pasta, depois de os ter tirado da sacola presa à sela e enfiado na pasta, que tratara de pôr junto da cabeceira, à laia de almofada. Yamamoto, esse bem fazia os possíveis por se manter impassível, mas não me escapara a expressão alterada que vi, de fugida, reflectida no seu rosto. Pelos vistos, também ele não fazia a menor ideia de quando e como se tinham evaporado os documentos. De qualquer modo, para ele o desaparecimento devia constituir um grande alívio. Tal como me confidenciara, a nossa máxima

prioridade era evitar a todo o custo que aqueles documentos caíssem nas mãos dos inimigos.

«Os soldados espalharam a nossa bagagem pelo chão e inspeccionaram tudo a pente fino, mas não encontraram nada de importante. A seguir mandaram-nos despir e revistaram os nossos bolsos. Com a ponta das baionetas, rasgaram a roupa e os pacotes que trazíamos, mas os documentos continuaram sem aparecer. Deitaram mão a tudo o que era tabaco, canetas, porta-moedas, cadernos de notas e relógios e meterem-nos ao bolso. Um por um, experimentaram as nossas botas e ficaram com aquelas que lhes serviam. Alguns soldados envolveram-se numa violenta discussão sobre quem devia ficar com não sei quê, mas o oficial subalterno não lhes passou cartão. Calculei que, entre os mongóis, talvez fosse costume apropriarem-se dos haveres dos prisioneiros e dos inimigos mortos em combate. O resto das coisas, que é como quem diz, as nossas pistolas, as munições, os mapas, a bússola e os binóculos, guardaram tudo dentro de um grande um saco de pano, sem dúvida para ser mais tarde enviado para o quartel-general de Ulan Bator.

«Depois ataram-nos, despídos, com uma corda resistente, apesar de fina. Ao perto, os soldados mongóis cheiravam como uma estrebaria que não era limpa há um ror de anos. Os uniformes eram extremamente miseráveis e estavam no fio, cobertos de pedaços de lama, pó e restos de comida, a tal ponto que tornava impossível adivinhar qual poderia ter sido a cor de origem. As botas, terrivelmente gastas, cheias de buracos, pareciam prestes a cair-lhes dos pés, aos bocados. A maior parte daqueles homens tinham feições de uma rudeza extrema, os dentes sujos e a barba crescida e hirsuta. Mais do que soldados, assim à primeira vista dir-se-iam bandidos ou salteadores, mas as armas de fabrico soviético e as insígnias com uma estrela indicavam tratar-se de tropas regulares do Exército da República Popular da Mongólia. Fiquei com a impressão de que tanto a sua coesão, enquanto grupo de combate, como o seu espírito militar não eram lá muito elevados. Os mongóis são soldados fortes e combativos, mas não me parece que tenham sido feitos para as operações de combate próprias da guerra moderna.

«À noite, fazia um frio glacial e, ao observar a respiração dos soldados flutuar no ar por breves instantes antes de se desvanecer, dei por mim a pensar se às tantas, por engano, não teria ido parar dentro de um pesadelo alheio. Incapaz de apreender a realidade que me cercava, pensava que talvez não passasse tudo de um sonho, mas, como compreendi mais tarde, aquele não era senão o princípio de um pesadelo de enormes proporções.

«Pouco depois, um dos soldados apareceu vindo do escuro, arrastando atrás de si qualquer coisa pesada que deixou cair por terra com um sorriso vitorioso: era o cadáver de Hamano. Estava descalço, alguém lhe devia ter ficado com as botas. Em seguida despiram o cadáver e vasculharam tudo o que encontraram nos bolsos. Apropriaram-se do relógio de pulso, da carteira e dos cigarros. Dividiram o tabaco e, enquanto fumavam, passaram revista ao conteúdo da carteira, que tinha lá dentro algumas notas do Banco de Manchukuo e a fotografia de uma mulher, provavelmente a mãe de Hamano. O oficial subalterno que estava a comandar a operação disse algumas palavras e ficou com o dinheiro. A fotografia, atiraram-na para o meio do chão.

«Durante a guarda, os soldados deviam ter-se aproximado de Hamano sem fazer barulho e cortaram-lhe a garganta. Tinham-se adiantando e feito precisamente o mesmo que nós planeámos fazer-lhes a eles. Da ferida aberta no pescoço escorria um sangue muito vermelho, mas já devia ter corrido todo, porque a quantidade de sangue era mínima, atendendo ao tamanho do golpe. Um dos soldados sacou de um punhal curvo, dos seus quinze centímetros, que trazia preso ao cinto e mostrou-mo. Era a primeira vez na minha vida que via uma faca com uma forma tão estranha. Parecia

destinada a algum uso especial. O soldado fez o gesto de cortar a garganta a alguém ao mesmo tempo que emitia uma espécie de assobio por entre os dentes. Alguns dos seus camaradas de armas riram-se. Aquele facalhão, mais do que uma arma regulamentar do exército, dir-se-ia propriedade pessoal do soldado. Enquanto todos os outros traziam à cintura uma baioneta, era ele o único que tinha consigo uma faca recurva. Deve ter utilizado aquela faca para degolar Hamano. Depois de a fazer habilmente dar várias voltas entre os dedos, tornou a guardá-la na bainha.

«Sem dizer palavra, apenas com um movimento de olhos, Yamamoto lançou um olhar breve na minha direcção. O suficiente para dar a entender o que ele me queria dizer: “Pode ser que o Honda tenha conseguido escapar.” No meio da confusão e do terror, também eu já tinha pensado o mesmo. “Onde diabo se terá metido o cabo Honda? A ser verdade que ele lograra escapar àquele ataque surpresa dos mongóis, era caso para pensar que ainda havia esperança, por mais ténue que fosse. Pensar que, só por ele, Honda pouco ou nada poderia fazer era um tanto desencorajador, mas uma esperança é sempre uma esperança. Que é como quem diz, melhor do que nada.

«Sempre atados, obrigaram-nos a ficar deitados por terra, toda a noite. O soldado com a metralhadora ligeira e outro, de espingarda, ficaram de guarda a vigiar-nos, mas os outros, sem dúvida sentindo-se mais tranquilos, agora que nos tinham capturado, reuniram-se à parte, num local afastado, e ali ficaram à conversa, a fumar e a rir. Yamamoto e eu não trocámos uma palavra. Ainda que estivéssemos no mês de Maio, ao amanhecer as temperaturas desciam abaixo de zero. Cheguei a pensar que, nus como estávamos, corríamos o risco de morrer de frio. Diga-se, porém, em abono da verdade que um frio como aquele não era nada comparado com o terror que sentia. Não fazia a menor ideia do destino que nos esperava. Afinal, aqueles homens não passavam de simples soldados de patrulha e não deviam ter autoridade para decidir a nossa sorte. O mais certo era terem de aguardar ordens superiores. Por isso, não era provável que nos matassem de imediato. Quanto ao que poderia acontecer depois disso, era impossível fazer conjecturas. Yamamoto devia ser um espião e, uma vez que tinha sido capturado na companhia dele, era lógico que me haviam considerado seu cúmplice. Em todo o caso, a coisa não se resolveria assim tão facilmente.

«Pouco depois do nascer do Sol, ouviu-se no céu o zumbido de um motor de avião, e uma fuselagem de cor prateada não tardou a aparecer no nosso campo de visão. Tratava-se de um avião de reconhecimento de fabrico soviético com as insígnias do Exército da Mongólia Exterior, que deu meia dúzia de voltas por cima das nossas cabeças. Os soldados agitaram as mãos e o avião subiu e baixou as asas, em sinal de resposta, após o que aterrou num terreno ali perto, levantando uma nuvem de pó. Apesar de não haver ali qualquer pista, o terreno duro e uniforme era de molde a facilitar as manobras de aterrar e levantar voo. Possivelmente, à falta de aeródromo, estavam habituados a utilizar aquele local como pista. Um dos soldados montou a cavalo e galopou na direcção do avião, levando dois cavalos já selados atrás dele.

«Quando regressou, trazia com ele dois homens que tinham todo o aspecto de ser oficiais de alta patente. Um era russo e o outro, mongol. Deduzi que os elementos que integravam a patrulha teriam informado o quartel-general por rádio da nossa captura e que os dois oficiais se tivessem deslocado expressamente de Ulan Bator a fim de nos interrogar. Deviam ser oficiais do Serviço de Informações. Já tinha ouvido dizer que o GPU²⁶ estava por detrás das prisões em massa de membros da facção antigovernamental e das grandes purgas levadas a efeito no ano anterior.

«Os dois oficiais envergavam uniformes imaculados e estavam impecavelmente barbeados. O russo usava uma espécie de impermeável com cinto. Por baixo, viam-se as botas de cano alto,

brilhantes, sem uma mancha. Era um homem magro e não muito alto, para um russo. Devia ter entre os seus vinte e cinco e trinta anos. Tinha a testa alta, o nariz pequeno, a pele rosada e tinha óculos com armação de metal. No conjunto, podia dizer-se que tinha uma cara bastante vulgar. Ao lado dele, o oficial mongol, de pele escura, baixo e entroncado, parecia um urso em ponto pequeno.

«O oficial mongol chamou o subtenente e os três começaram a falar entre si. Calculei que o oficial subalterno estivesse a fazer o ponto da situação. Pegou no saco contendo as armas e os pertences que nos haviam tirado e mostrou o conteúdo. O russo inspeccionou as coisas, uma a uma, com muita atenção, e no fim voltou a guardar tudo dentro do saco. Depois disse qualquer coisa ao mongol, que, por seu turno, disse qualquer coisa ao oficial subalterno. Foi então que o russo tirou do bolso uma cigarreira e ofereceu aos outros dois um cigarro. A fumar, começaram todos três a conferenciar novamente. Por mais de uma vez, ao usar da palavra, o russo golpeou a palma da mão direita com o punho esquerdo. Parecia um tanto ou quanto irritado. O oficial mongol permanecia com os braços cruzados e o semblante fechado, enquanto o subtenente negava de vez em quando com a cabeça.

«Finalmente, o oficial russo aproximou-se devagar do lugar onde nos encontrávamos. “Um cigarro?”, perguntou ele em russo. Tal como disse antes, tinha estudado russo na faculdade e conseguia seguir uma conversa com alguma facilidade, mas, como não me queria meter em complicações, achei melhor fingir que não percebia uma palavra. “Obrigado, mas não”, retorquiu Yamamoto. O seu russo era bastante bom.

«“Excelente”, disse o oficial. “As coisas andam melhor e mais depressa quando se fala a mesma língua.”

«Tirando as luvas, guardou-as dentro do bolso. No dedo anular da mão esquerda usava um pequeno anel de ouro.

«“Como deve saber perfeitamente, andamos à procura de *uma coisa*. Estamos desesperadamente à procura dessa coisa. E sabemos que a têm em vosso poder. Não me perguntem como é que sabemos. Sabemos, ponto final. Acontece que não a têm convosco, o que, seguindo um fio de raciocínio lógico, significa que a devem ter escondido em qualquer parte antes de terem sido capturados. Logo, não a levaram até ali...” – e naquele ponto assinalou a outra margem do rio Khalkha – “uma vez que ainda ninguém atravessou para o lado de lá. Portanto, a carta tem de estar escondida deste lado. Compreenderam o que eu disse?”

«Yamamoto fez sinal de concordância com a cabeça.

«“Compreendo”, disse ele, “mas nós não sabemos nada acerca dessa tal carta.”

«“Muito bem”, disse o russo num tom inexpressivo. “Nesse caso, tenho uma pergunta muito simples para vos fazer. Como sabem, encontramos-nos em território da República Popular da Mongólia. A que propósito é que penetraram em território estrangeiro? Gostaria que me explicassem.”

«Yamamoto explicou que estávamos a traçar um mapa. Que não passava de um civil ao serviço de uma empresa de cartografia e que eu e o soldado que haviam matado éramos a sua escola. Sabia que nos encontrávamos em solo mongol e que não tínhamos desculpa por havermos atravessado a fronteira, mas que não tínhamos a mínima intenção de cometer uma violação territorial. Tudo o que queríamos era observar de um ponto mais elevado a configuração do terreno.

«Com uma expressão que pouco ou nada tinha de divertido, o oficial russo torceu os lábios numa espécie de sorriso.

«“Com que então, não têm desculpa”, disse ele, repetindo devagar as palavras de Yamamoto.

“Estou a ver. Com efeito, a vista é bem melhor quando se está num ponto alto. Faz todo o sentido.”

«Durante largos momentos, permaneceu em silêncio, a contemplar as nuvens no céu. Depois voltou a pousar os olhos em Yamamoto e abanou a cabeça, ao mesmo tempo que suspirava.

«“Como gostava de poder acreditar em ti. Dar-te uma palmada nas costas e dizer: *De acordo, está tudo esclarecido. Podes atravessar para o lado de lá do rio e seguir o teu caminho. A partir de agora, vê se tens mais cuidado.* Quem me dera, mas infelizmente não posso. Porque sei perfeitamente quem tu és. E também sei perfeitamente o que estão aqui a fazer. Temos os nossos amigos em Hailar, tal como vocês têm os vossos amigos em Ulan Bator.” O russo tirou as luvas do bolso e, depois de as voltar a dobrar, tornou a guardá-las no bolso. “Para ser franco, não tenho nenhum interesse pessoal em vê-los sofrer ou em matá-los. Se me entregarem a carta, darei o assunto por terminado e podem partir. A uma ordem minha, serão soltos e poderão atravessar o rio e passar para o outro lado. Dou-vos a minha palavra de honra. O que depois possa vir a acontecer é convosco, deixa de ser problema nosso.”

«A luz do Sol que se levantava a oriente começava a sentir-se na pele. Não corria vento e no céu fluíam algumas nuvens brancas e compactas.

«Seguiu-se um longo, longuíssimo silêncio. Ninguém disse uma palavra. Nem o oficial russo, nem o oficial mongol, nem os soldados da patrulha nem Yamamoto. Estávamos todos calados, cada um mergulhado no seu próprio silêncio. Yamamoto, que desde que havíamos sido capturados parecia resignado com a ideia de morrer, mantinha no rosto uma expressão impassível.

«“Caso contrário... vocês os dois... não saem daqui vivos”, disse finalmente o russo, separando lentamente as sílabas como se estivesse a falar com uma criança. “E conhecerão uma morte atroz. Eles...” E neste ponto o russo apontou na direcção dos soldados mongóis, e o soldado corpulento que tinha a metralhadora nas mãos olhou para mim de frente e fez um sorriso escarninho mostrando os dentes todos sujos, “os mongóis têm prazer em matar e conhecem mil e uma maneiras de matar, qual delas a mais lenta e requintada. São aquilo a que podemos chamar peritos na matéria. Desde os tempos de Gengis Khan que os mongóis se divertem a matar pessoas da maneira mais cruel que é possível imaginar. Que o digamos nós, os russos, para mal dos nossos pecados. Foi uma coisa que aprendemos na escola, nas aulas de História, aquilo que os mongóis antigamente fizeram ao nosso país. Quando os mongóis invadiram a Rússia, mataram milhões de pessoas. Matavam por matar. Em Kiev, por exemplo, acabaram com centenas de aristocratas russos que tinham sido feitos prisioneiros. Construíram enormes estrados de madeiras, ataram os nobres por baixo, todos amarrados juntinhos uns aos outros, e celebraram um banquete por cima, enquanto eles morriam esmagados debaixo daquele peso. Este tipo de coisas não passa pela cabeça das pessoas normais, não te parece? É caso para dizer que envolve tempo e exige preparativos. Afinal, quem mais se daria a esse trabalho? Para eles, é uma diversão como outra qualquer. Ainda hoje, nos tempos que correm, continuam a ter prazer nisso. Uma vez, vi-os em acção, com os meus próprios olhos. Até então, ao longo da minha vida, pensava ter visto toda a espécie de brutalidades, mas só de me lembrar daquela noite perco por completo o apetite. Compreendes o que te digo? Estou a ir demasiado depressa?”

«Yamamoto negou com a cabeça.

«“Muito bem”, disse o oficial russo, pigarreando e fazendo uma pausa. “Esta será a segunda vez e, com um pouco de sorte, à hora do jantar já terei recuperado o apetite. Ainda que, por mim, preferisse evitar mortes inúteis.”

«Com as mãos cruzadas atrás das costas, o russo contemplou o céu por momentos. Depois, tirou as

luvas e olhou na direcção do avião. “Que belo dia de Primavera”, afirmou ele. “Ainda faz um pouco de frio, mas está-se bem. Quando começar a apertar o calor, desatam a aparecer os mosquitos. Uma verdadeira praga. A Primavera é muito melhor do que o Verão.” Sacou de novo da cigarreira, tirou um cigarro e acendeu-o com um fósforo. “Vou perguntar isto só mais uma vez: insistem em dizer que não sabem onde se encontra o famigerado documento?”

«“Niet”²⁷, respondeu simplesmente Yamamoto.

«“Muito bem”, retorquiu o russo. “Perfeito.” A seguir virou-se para o oficial mongol e disse-lhe qualquer coisa na língua dele. O oficial assentiu e transmitiu a ordem aos soldados. Estes trouxeram não sei de onde vários troncos de madeira, começaram a afiá-los com as baionetas, fizeram quatro estacas e cravaram-nas no chão com a ajuda de uma pedra, formando um quadrado. Aqueles preparativos demoraram talvez uns vinte minutos, não sei ao certo. Agora, agora, a que se destinavam e o que se seguiria, não fazia a menor ideia.

«“Para eles”, prosseguiu o russo, “uma boa carnificina é como uma refeição requintada. Quanto mais demoram a prepará-la, maior prazer retiram do acto. Se a questão se reduzisse a matar, um simples disparo seria suficiente. Tudo acabaria em segundos. Mas isso...”, e ao dizer isso o russo acariciou o queixo com a ponta do dedo, “isso não seria divertido.”

«Os soldados libertaram Yamamoto e levaram-no para a zona delimitada pelas estacas. Completamente nu, ataram-no a elas de pés e mãos. O seu corpo estendido, com a cara virada para cima, braços e pernas em cruz, mostrava uma quantidade de feridas. Todas elas impressionantes e igualmente recentes.

«“Como sabeis”, disse o oficial russo, “os mongóis são nómadas. E os nómadas criam ovelhas, comem a sua carne, tosquam a sua lã e esfolam a pele. Em resumo, as ovelhas são tudo para eles. Passam os seus dias entre as ovelhas – passam a vida com as ovelhas. E são muito hábeis no que toca à arte de esfolar as ovelhas. Com a pele fazem tendas e fabricam vestuário. Alguma vez viram uma ovelha a ser esfolada?”

«“Se me queres matar, acaba comigo de uma vez”, atirou Yamamoto.

«O russo uniu as palmas das mãos e, esfregando uma na outra, assentiu.

«“Não te preocupes”, afirmou, “pode demorar o seu tempo, mas acabarás por morrer, isso te garanto eu. Não tenhas medo, não há pressa. Aqui, neste deserto a perder de vista, tempo é coisa que não nos falta. Temos todo o tempo do mundo. Além disso, tenho ainda muito para te contar. No que diz respeito a esfolar animais, e segundo parece, existe em cada tribo um especialista – um profissional, alguém que sabe realmente bem do seu mister, dono e senhor de uma habilidade prodigiosa, quase milagrosa, poderíamos dizer. Um verdadeiro artista, que executa obras de arte. Esfola enquanto o diabo esfrega um olho. Tão depressa que uma criatura nem se apercebe do que lhe está a acontecer. E, contudo...”, prosseguiu ele, tirando a cigarreira do bolso e segurando nela com a mão esquerda, enquanto tamborilava com os dedos da mão direita, “o certo é que uma pessoa não deixa de se dar conta do que lhe está a acontecer. O sofrimento é atroz, inimaginável. E demora-se muito tempo a morrer. Morre-se de hemorragia, mas a coisa demora o seu tempo.”

«Ele fez estalar os dedos e o oficial mongol deu um passo em frente. Do bolso do casaco tirou uma faca guardada numa bainha, parecida com aquela do soldado que fizera o gesto de me querer degolar, e empunhou-a. O metal frio da lâmina cintilou à pálida luz matinal. “Este homem é um desses tais especialistas de que falei”, disse o oficial russo. “Olha bem para a faca dele. Como podes ver, uma faca especial para esfolar. Extremamente bem concebida, tem a lâmina fina e afiada como uma

navalha. E, depois, aqueles que a usam possuem uma técnica apuradíssima. Afinal, não fazem outra coisa há milhares de anos. Conseguem esfolar um animal com a mesma facilidade com que tiram a pele de um pêssago. É limpinho, fazem-no na perfeição, a pele sai inteira, sem uma marca. Percebes ou estou a falar demasiado depressa?”

«Yamamoto não disse nada.

«“Vão levantando a pele, a pouco e pouco. Para esfolar como deve ser, deixando a pele intacta, é preciso trabalhar lentamente. Se, entretanto, achares que tens qualquer coisa a dizer, não hesites. Fala, e não seremos obrigados a matar-te. O nosso homem já fez isto vezes sem conta, e olha que nem uma única pessoa manteve a boca calada até ao fim. Lembra-te bem do que te vou dizer: quanto mais cedo falares, melhor para toda a gente.”

«Com a faca na mão, o oficial mongol que parecia um urso, olhou para Yamamoto e fez um sorriso zombeteiro. Por mais anos que viva, nunca esquecerei aquele esgar de sarcasmo. Em seguida, deitou mãos à obra. Os soldados agarraram Yamamoto pelas mãos e pelos joelhos, enquanto o outro o esfolava minuciosamente com a faca. A bem dizer, como se estivesse a tirar a pele de um pêssago. Incapaz de suportar aquele espectáculo, baixei as pálpebras, mas um dos soldados bateu-me com a coronha das espingardas. Não parou de me bater até eu abrir os olhos, mas era indiferente. De olhos abertos ou fechados, ouvia ainda e sempre os gritos de Yamamoto. A princípio, ele aguentou o suplício estoicamente, em silêncio, mas, ao fim de um certo tempo, começou a gritar de dor. Uns gritos que não eram deste mundo. O homem, primeiro que tudo, começou por fazer um corte rápido no ombro direito, e depois tratou de esfolar o braço direito, de cima a baixo – devagar, com cuidado, dir-se-ia quase com amor. Tal como havia dito o oficial russo, tinha o seu quê de obra de arte. Se não fossem os gritos, ninguém imaginaria que se tratava de uma operação dolorosa. Os gritos, porém, diziam bem do sofrimento monstruoso que acompanhava o trabalho do torcionário.

«A pele do braço direito não tardou a ficar totalmente levantada, convertendo-se numa espécie de película fina. O esfolador entregou-a ao soldado que estava a seu lado. Este prendeu-a com a ponta dos dedos, esticou-a e foi dando a volta, mostrando-a aos demais. Da pele continuava a pingar sangue. O oficial mongol passou então ao braço esquerdo. Repetiu a mesma operação. Depois de ter esfolado ambas as pernas, cortou o pénis e os testículos, e arrancou as orelhas, após o que arrancou a pele do crânio e da cara e do resto do corpo. Yamamoto perdeu o conhecimento, voltou a si, e tornou a perder a consciência. Uma vez inconsciente, cessava o alarido; assim que recuperava os sentidos, desatava a gritar. Contudo, aos poucos, a sua voz começou a enfraquecer, até que por fim se apagou de vez. Durante todo aquele tempo, o oficial russo entreteve-se a fazer desenhos sem significado na areia com o tacão da bota. Os soldados mongóis mantiveram-se imóveis, em silêncio, a seguir com os olhos a operação. Nos seus rostos inexpressivos não deixavam transparecer nem repugnância, nem emoção, nem espanto. Contemplavam as camadas de pele de Yamamoto exactamente como se, no decorrer de um passeio, tivessem parado para visitar uma fábrica.

«Eu, pela minha parte, fartei-me de vomitar. Mesmo quando já não tinha nada no estômago, continuava sempre a vomitar. O oficial mongol que parecia um urso esticou a pele do tronco de Yamamoto, arrancada com uma perfeição técnica diabólica. Até os mamilos saíram intactos. Coisa tão sinistra como aquela nunca tinha visto e jamais voltei a ver. Alguém pegou na pele e pô-la a secar, como se fosse um lençol. Por terra, ficara apenas o cadáver de Yamamoto, uma massa de carne vermelha e sanguinolenta a que tinha sido arrancada toda a pele. O mais lastimoso era o seu rosto. No meio da carne viva, dois grandes globos oculares olhavam como se vissem. A boca, sem dentes,

estava toda aberta como que para lançar um derradeiro grito. Ao desprender-se o nariz, apenas dois pequenos buracos tinham ficado. A terra era um mar de sangue.

«O oficial russo cuspiu para o chão e olhou para mim. Tirou um lenço do bolso e limpou os cantos da boca.

«“Parece que este homem realmente não sabia nada de nada”, disse ele, voltando a guardar o lenço. A sua voz conseguia soar de forma ainda mais inexpressiva do que antes. “Se tivesse sabido alguma coisa, de certeza que teria falado. Pena. De qualquer maneira, tratava-se de um espião profissional e, mais cedo ou mais tarde, esperava-o uma morte violenta. Agora é tarde, já não há nada a fazer! E se *ele* não sabia nada, nesse caso não serás tu que vai saber.”

«O oficial russo levou um cigarro à boca. “O que significa que a partir de agora não tens qualquer utilidade aos nossos olhos. Nem sequer vale a pena torturar-te para ver se falas. Tão-pouco vale a pena deixar-te com vida e fazer-te prisioneiro. Para dizer a verdade, este é um assunto interno que queremos manter em segredo. Se te levarmos connosco para Ulan Bator, arriscamo-nos a arranjar problemas. Assim sendo, o melhor seria meter-te uma bala na cabeça ou então enterrar-te em qualquer parte ou queimar-te e deitar as cinzas ao rio Khalkha. É a solução mais simples, que te parece?”

«Ao dirigir-me a palavra, ele olhava fixamente para mim, mas eu continuava a fingir que não entendia uma palavra do que me dizia.

«Quer-me parecer que não compreendes uma palavra de russo, só estou a perder o meu tempo, aqui a explicar-te tudo isto muito explicadinho. Paciência, digamos que é como se estivesse a fazer um monólogo. A propósito, tenho uma boa notícia para ti. Decidi poupar-te e deixar-te com vida. É a minha maneira de expressar as minhas mais humildes desculpas por ter matado o teu amigo para nada, e contra a minha vontade. Pode dizer-se que, com uma morte destas, já temos a nossa conta. Por isso, dou-te a hipóteses de sobreviveres. Se tudo correr bem, até pode ser que saias daqui vivo. As probabilidades de isso acontecer, porém, não são muitas. Praticamente nenhuma, por assim dizer, mas é sempre uma possibilidade. Sempre é melhor do que ser esfolado vivo. Não te parece?”

«Levantando a mão, chamou o oficial mongol. Este acabava de lavar cuidadosamente com água do cantil a faca e de a afiar com uma pedra. Os soldados mongóis tinham estendido a pele de Yamamoto e estavam a discutir qualquer coisa, reunidos diante dela. Pareciam estar a trocar opiniões sobre os pormenores da técnica utilizada pelo esfolador. O oficial mongol embainhou a faca e, depois de a guardar no bolso do casaco, aproximou-se de mim. Olhou-me nos olhos por instantes, antes de dirigir o olhar na direcção do oficial russo. O russo pronunciou três ou quatro palavras em mongol e este assentiu com uma cara inexpressiva. Um soldado trouxe-lhes dois cavalos.

«“Vamos regressar a Ulan Bator”, disse o russo para mim. “É uma pena ter de voltar de mãos a abanar, mas paciência, não há nada a fazer. Umas vezes ganha-se, outras vezes perde-se. Espero recuperar o apetite a tempo do jantar, mas não tenho grandes esperanças.”

«Montaram a cavalo e afastaram-se. O avião descolou e, quando se converteu num pequeno ponto prateado e desapareceu a oeste no céu, fiquei sozinho, entregue aos soldados mongóis e aos cavalos.

«Os soldados mongóis ataram-me à sela de um cavalo e partiram em fila indiana rumo ao Norte. O soldado que ia mesmo à minha frente trauteava em voz baixa uma melodia monótona. Tirando isso, a única coisa que se ouvia era o som seco dos cascos dos cavalos golpeando ritmicamente a areia. Não tinha ideia para onde me levavam nem da sorte que me esperava. Tudo o que sabia era que a minha pessoa e a minha vida não tinham para eles qualquer valor. Na minha cabeça repeti uma vez e outra

as palavras proferidas pelo oficial russo. Dissera ele que matar-me, não me matariam, mas que praticamente não tinha qualquer hipótese de sobreviver. Que diabo queria ele dizer com aquilo? Era demasiado vago. Talvez significasse que os homens iriam servir-se de mim num qualquer jogo tenebroso. Em vez de acabarem comigo rapidamente, se calhar estavam a planear tirar partido da minha lenta agonia.

«Apesar de tudo, sentia-me aliviado pelo facto de não me terem matado. Acima de tudo, escapara de ser esfolado vivo, como acontecera com Yamamoto. Pelo menos estava vivo e sentia-me feliz por ainda respirar. E, a fazer fê nas palavras do oficial russo, não me matariam ali, de imediato. Se ainda tinha tempo antes de morrer, isso significava que poderia muito bem salvar-me. Por mais remotas que fossem as hipóteses, não podia deixar de me agarrar a elas.

«E foi então que, de repente, me vieram à memória as palavras do cabo Honda. A estranha profecia segundo a qual eu não morreria no continente. Atado à sela do cavalo, com o sol do deserto a queimar-me as costas nuas, rememorei e saboreei, uma a uma, as sílabas que ele pronunciara. E dei comigo a acreditar com toda a minha alma naquela profecia. Não! Não estava destinado a conhecer uma morte atroz num lugar onde deveria ter morrido, numa altura em que deveria ter morrido. Sairia com vida dali e voltaria de novo a pisar o solo da minha terra natal!

«Avançámos em direcção ao Norte durante duas ou três horas. Depois parámos num lugar onde se erguia, construída em pedra, uma torre sagrada lamaísta. Essas torres, que na Mongólia dão pelo nome de *obo*, funcionam a um tempo como uma espécie de deuses (divindades) destinados a proteger os viandantes e como valiosos pontos de referência no deserto. Foi precisamente em frente de um *obo* desses que os homens desmontaram e me desamarraram. A seguir, dois deles arrastaram-me pelos joelhos para um local mais afastado. Julguei que me iam executar ali (era chegado o momento de morrer), diante de um poço cavado no solo e cercado por um muro de pedra com cerca de um metro de altura. Obrigaram-me a ficar de joelhos à boca do poço, agarraram-me pelo cachaço e fizeram-me olhar lá para dentro. Era tão profundo que não se via nada a não ser as trevas. O oficial subalterno das botas deitou a mão a um pedregulho e atirou-o lá para dentro. Pouco depois ouviu-se um ruído seco. Pelos vistos, o poço não tinha água. Podia ser que em tempos que já lá iam tivesse funcionado como um ponto de fornecimento de água no meio do deserto, mas as correntes subterrâneas deviam ter mudado de rumo e o poço tinha secado. A julgar pelo tempo que a pedra demorou a atingir o fundo, o poço era bastante profundo.

«O oficial olhou para mim de frente, com um sorriso escarninho. Depois sacou de uma pistola automática e, com um som metálico, colocou uma bala na câmara. A seguir, encostou o cano da pistola à minha testa.

«Manteve-se nesta posição muito tempo, sem apertar o gatilho. Acabou por baixar lentamente a pistola, ao mesmo tempo que levantava a mão esquerda e apontava na direcção do poço. Imóvel, passei a língua pelos lábios secos, sem tirar os olhos da arma. O que ele me estava a querer dizer era isto: tinha de ser eu a decidir a minha sorte. Havia duas hipóteses. A primeira – ele disparava e acabava comigo logo ali. Uma morte rápida. A segunda, eu saltava para dentro do poço. Como era muito profundo, ao cair lá em baixo podia muito bem morrer; ou então, caso sobrevivesse, morreria lenta e inexoravelmente dentro daquele buraco escuro. Fez-se por fim luz e compreendi. Era aquela a oportunidade de que falava o oficial russo. O oficial subalterno apontou para o relógio de pulso de

Yamamoto, que passara a fazer parte dos seus pertences, e abriu os cinco dedos da mão. Dava-me cinco segundos para decidir. Deixei-o contar até três, atirei as pernas por cima da abertura e saltei lá para dentro sem pensar duas vezes. Não tinha escolha. Pensava que poderia agarrar-me às paredes do poço e ir descendo até ao fundo, mas, na hora da verdade, não consegui. As minhas mãos escorregaram e caí desamparado por ali abaixo.

«Era um poço profundo. Deu-me a impressão de ter demorado uma eternidade até embater no solo. Na realidade, não demorou mais de poucos segundos (e a isso não se pode chamar “muito tempo”), mas lembro-me perfeitamente de uma série de coisas me terem passado pelo espírito enquanto me sentia cair nas trevas. Pensei na minha província natal, tão distante. Pensei na rapariga que tinha abraçado uma única vez antes de partir para a frente de batalha. Pensei no meu pai e na minha mãe. Senti-me agradecido por ter uma irmã mais nova e não um irmão: mesmo que eu morresse, ao menos ela não seria chamada a ingressar nas fileiras do exército e poderia ficar junto dos meus velhos pais. Pensei nos bolos de arroz. Foi então que o meu corpo embateu de encontro à terra seca e, com o choque, perdi o conhecimento por momentos. A sensação que tive foi a de que todo o ar contido dentro do meu corpo explodia. O meu corpo chocou pesadamente contra o fundo do poço como um saco de areia.

«Voltei a mim passados poucos segundos, creio eu. Quando recuperei os sentidos, senti escorrer por mim abaixo um líquido qualquer. A princípio julguei que chovia, mas não. O líquido era urina. Os soldados mongóis estavam a urinar para cima de mim, que jazia no fundo do poço. Ao olhar lá para cima, apercebi-me das suas silhuetas minúsculas, como sombras chinesas, ali de pé, na boca do poço, revezando-se para urinar em cima de mim. Aquela imagem tinha qualquer coisa de estranhamente irreal, mais parecendo a alucinação produzida por alguma droga, mas não, era bem real. Eu encontrava-me de facto no fundo do poço e eles aspergiam-me com urina verdadeira. Quando acabaram todos, alguém apontou o feixe de uma lanterna para mim. Ouviram-se risadas. E depois aquelas figuras desapareceram da abertura do poço. Quanto se foram embora, ficou tudo mergulhado num profundo silêncio.

«Durante alguns momentos permaneci imóvel, de barriga para baixo, à espera de ver se voltariam. Passaram vinte, trinta minutos (foi o tempo que me pareceu, uma vez que não tinha relógio), e ninguém apareceu. Deviam ter-se ido embora. Haviam-me abandonado ali, no fundo de um poço, no meio do deserto. Quando percebi que não voltariam, tratei de verificar o estado em que se encontrava o meu corpo. Era uma tarefa assaz difícil, ali, a coberto da escuridão. Não conseguia ver-me. Com os olhos não podia comprovar o estado em que me encontrava. Apenas podia apalpar-me e basear-me no que sentia. Na escuridão total perde-se a faculdade de distinguir se a percepção que se tem das coisas é real ou não. Dava-me até a impressão de que os meus próprios sentidos faziam troça de mim e me enganavam. Uma sensação deveras estranha.

«Aos poucos, contudo, com infinito cuidado, lá comecei a distinguir os contornos da situação. A primeira coisa que percebi foi que, para grande sorte minha, o fundo do poço estava coberto de uma areia muito macia. Se assim não fosse, e considerando a profundidade do poço, os meus ossos ter-se-iam quebrado com o impacto da queda. Respirei fundo uma vez e tentei mexer-me. Primeiro que tudo, os dedos da mão. Um pouco entorpecidos, mas moviam-se. Depois tentei levantar-me, mas sem o conseguir. Tinha perdido toda e qualquer sensibilidade. Estava consciente, mas era como se a minha consciência estivesse desligada do meu corpo. Não conseguia transmitir a minha vontade aos meus músculos. Desisti e deixei-me ficar ali estendido nas trevas, em silêncio.

«Não sei dizer quanto tempo permaneci ali imóvel. Pouco depois, o meu corpo começou a recuperar a sua mobilidade, mas com a sensibilidade, voltaram, como não podia deixar de ser, as dores. Uma dor intensa. Devia ter partido a perna. Era muito possível que tivesse o ombro deslocado, senão mesmo partido.

«Mantive-me imóvel, naquela posição, suportando a dor. Pela cara escorriam-me lágrimas de dor e de desespero. Não creio que o senhor possa alguma vez compreender a situação em que me encontrava – a solidão profunda e o desespero mais absoluto – por me saber ali sozinho, abandonado no fundo de um poço no meio do deserto, nos confins do mundo, abandonado à minha sorte. Cheguei a lamentar que o oficial subalterno não me tivesse metido uma bala na cabeça. Se alguém me tivesse matado com um tiro de pistola, ao menos a minha morte teria sido testemunhada por alguém. Assim, caso viesse a morrer ali, a minha seria uma morte verdadeiramente solitária. Sem relação com nada, nem com ninguém. Uma morte silenciosa.

«Por vezes ouvia o som do vento. Quando varria a superfície da terra, produzia um estranho barulho na boca do poço. Dir-se-ia o lamento de uma mulher lá longe, num mundo distante. Aquele mundo longínquo e o meu mundo estavam ligados por um buraco minúsculo através do qual me chegava a voz dela, mas até aquele som chegava até mim apenas de tempos a tempos. No resto do tempo, encontrava-me abandonado na escuridão mais profunda, no mais profundo dos silêncios.

«Reprimindo a dor, apalpei cuidadosamente o terreno à minha volta. O fundo do poço era plano, e não muito largo: talvez um metro e sessenta ou setenta centímetros. Enquanto ia tacteando, a minha mão roçou de repente num objecto duro e afilado. Apanhado de surpresa, retirei a mão num gesto reflexo. Não tardei, porém, a estendê-la de novo, devagarinho e com todo o cuidado. Primeiro julguei estar em presença de um ramo de árvore, mas logo percebi tratar-se de ossos. Não eram ossos humanos, mas sim de um animal mais pequeno. Talvez por já ali estarem há muito tempo, ou por eu os ter esmagado ao cair, o certo é que estavam espalhados, feitos em pedaços. No fundo do poço não havia nada a não ser areia fina e seca.

«A seguir, explorei as paredes do poço com a ajuda das mãos. Eram feitas de pedras chatas e finas, sobrepostas. Durante o dia, estava muito quente à superfície da terra, mas esse calor não chegava até àquele mundo subterrâneo, frio como o gelo. As minhas mãos percorreram as paredes e assim fui ficando a conhecer, aos poucos, todos os interstícios. Quem sabe?, talvez com um pouco de sorte conseguisse encontrar alguma fenda onde fincar o pé a fim de trepar por ali acima. Infelizmente, os apoios eram demasiado estreitos e emaranhar pela parede era impossível, tanto mais que me encontrava ferido.

«Arrastando-me com um esforço terrível, lá consegui erguer-me e encostar-me à parede. A cada movimento, sentia uma dor lancinante no ombro e nas pernas, como se me estivessem a espetar centenas de agulhas grossas. Durante muito tempo, cada vez que respirava parecia que o meu corpo ia partir-se em mil bocados. Levei a mão ao ombro e comprovei que estava quente e inchado.

«Quanto tempo passou entretanto, não sei dizer. A dado momento, porém, aconteceu algo de inesperado. Um raio de sol penetrou de repente até ao fundo do poço como se fosse uma revelação divina. Nesse preciso instante pude ver tudo o que me rodeava. O poço inundou-se de luz brilhante. Dir-se-ia uma torrente de luz. Aquela claridade sufocante deixou-me quase sem respiração. A escuridão e o frio foram desterrados, e os quentes raios de sol abraçaram docemente o meu corpo nu. Até mesmo a dor parecia ter sido abençoada pela luminosidade. A meu lado jazia o esqueleto do pequeno animal. A luz do Sol incidiu também sobre aqueles ossinhos brancos. À luz de todo aquele

fulgor, até aqueles ossos funestos se transformaram num companheiro afável. Pude então ver a parede de pedra que me cercava. Envolto naquela luz, tinha afastado de mim o medo, o sofrimento e o desespero. Sentei-me por terra, num aturdimento dos sentidos, mas a magia foi sol de pouca dura. A luz apagou-se de repente, tal como tinha aparecido, e as trevas caíram de novo. Aquilo tinha durado apenas dez ou quinze segundos. Por uma questão de ângulo, os raios de sol não logravam penetrar em linha recta até ao fundo do poço mais do que uns escassos segundos por dia. E aquela inundação de luz apagou-se antes mesmo de eu ter conseguido apreender o seu significado.

«Assim que a luz se apagou, encontrei-me mergulhado numa escuridão ainda mais profunda. Nem sequer podia mexer-me. Não tinha água nem comida. Nem tão-pouco um pedaço de tecido para me cobrir. Depois de uma longa tarde, veio a noite, e a temperatura caiu a pique. Quase não consegui dormir. O meu corpo pedia repouso, mas o frio apunhalava-me como milhares de espinhos. Sentia-me morrer aos poucos, sentia o coração da minha vida a endurecer. Por cima de mim, viam-se as estrelas gélidas a brilhar no firmamento. Eram tantas que até fazia impressão. Imóvel, deixei-me estar ali a vê-las deslizar, em silêncio. O seu movimento ajudou-me a perceber que o tempo continuava a correr. Dormi um pouco, o frio e as dores acordaram-me, voltei a adormecer, tornei a despertar.

«Finalmente chegou a manhã. As estrelas que haviam brilhado, nítidas, através da abertura do poço, começaram pouco a pouco a empalidecer. Porém, não se desvaneceram completamente, continuavam ali a pairar, desbotadas. Aplaquei a minha sede lambendo o orvalho matinal que escorria pelas paredes do poço. Aquela ínfima quantidade de água era, aos meus olhos, uma bênção do céu. Lembrei-me de que há mais de um dia que não comia nem bebia. Contudo, não sentia fome.

«Permaneci imóvel no fundo do poço. Que outra coisa podia fazer? Nem sequer pensar, tão profundos eram os meus sentimentos de solidão e desespero. Deixei-me ficar simplesmente ali sentado, sem fazer nada, sem pensar em nada. De maneira inconsciente, porém, esperava aquela luz. Aquele raio de sol ardente que, por um brevíssimo período de tempo, penetrava uma vez por dia até ao fundo do poço. Segundo os princípios da Física, os raios caíam num ângulo perpendicular ao solo quando o Sol estava no seu ponto mais alto, logo, o fenómeno devia reproduzir-se perto do meio-dia. Esperava com impaciência esse momento, a chegada da luz. Era a única coisa que podia esperar.

«Passou muito tempo, pareceu-me. Adormeci sem dar por isso. Quando, alertado por um sexto sentido, acordei em sobressalto, a luz já ali estava. E então conheci de novo o calor daquele abraço. Quase de maneira inconsciente, abri as palmas de ambas as mãos para receber o sol. Era um fulgor muito mais intenso do que da primeira vez. Pelo menos foi a sensação com que fiquei. Banhado por aquele fulgor, comecei a chorar. Tive a sensação de que todos os meus fluidos se transformavam em lágrimas e que o meu corpo iria liquefazer-se até desaparecer por completo. Podia morrer no estado de graça proporcionado por aquela claridade extraordinária. Mais: *desejava* morrer. Senti que tudo o que existia no fundo do poço, ali e naquele preciso momento, se convertia numa única coisa. Uma sensação maravilhosa de comunhão. Sim, era isso mesmo: o verdadeiro significado da vida encontrava-se naquela luz que não durava mais do que poucos segundos, e eu *devia* morrer ali e naquele momento.

«A luz, porém, não tardou a apagar-se. Quando me dei conta disso, encontrei-me como antes, sozinho e abandonado, no fundo daquele miserável poço. A escuridão e o frio fizeram de mim seu prisioneiro, como se a luz jamais tivesse existido. Permaneci acorado ali durante muito tempo, imóvel. Tinha o rosto banhado de lágrimas. Nem sequer conseguia pensar, como se uma força imensa me tivesse derrubado. O meu corpo não passava de uma carcaça seca, um invólucro vazio de um

insecto. E foi então que a profecia de Honda voltou a ressoar na minha cabeça, entretanto transformada numa câmara vazia. A profecia segundo a qual eu não morreria em terra chinesa. Agora que a luz tinha aparecido e desaparecido, agora sim, podia acreditar piamente nela. Porque a verdade era que eu não tinha conseguido morrer no lugar onde devia morrer, no momento em que devia morrer. Não era propriamente que eu *não tivesse podido morrer* ali, mas sim que a morte *não quisera nada comigo*. Compreende o que eu digo, senhor Okada? Tinha-me sido negada a graça divina.

«Neste ponto do seu relato, o tenente Mamiya consultou o seu relógio de pulso. “E, como pode ver, agora estou aqui”, acrescentou em voz baixa, abanando ligeiramente a cabeça como para sacudir o fio invisível das suas recordações. “Tal como disse o senhor Honda, não morri no continente chinês. E sou, dos quatro companheiros, o que viveu mais tempo.”

Assenti com a cabeça à laia de resposta.

– Perdoe-me por ter falado durante tanto tempo. Deve ter-se aborrecido de morte com estas minhas histórias de velho a quem já não resta muito tempo de vida – continuou o tenente Mamiya, mudando de posição no sofá. – Agora devo ir, senão ainda perco o meu comboio.

– Espere aí – apressei-me a dizer. – Não me diga que vai interromper aqui o seu relato. E depois, que aconteceu a seguir? Quero saber como termina a sua história.

O tenente Mamiya olhou para mim por um momento.

– Oiça – disse ele –, na realidade não posso dispor de mais tempo. Faço-lhe uma proposta: por que é que não vem comigo até à paragem de autocarro? No caminho aproveito para contar o que falta.

Saí de casa na companhia dele e, juntos, encaminhámo-nos para a paragem de autocarro.

– Na manhã do terceiro dia, fui resgatado pelo cabo Honda. Na noite em que tínhamos sido feitos prisioneiros, ele, pressentindo a chegada dos mongóis, abandonou sorrateiramente a tenda e escondeu-se. Ao sair, levou com ele os preciosos documentos que Yamamoto tinha dentro da pasta. Vendo bem, a nossa máxima prioridade era evitar, a qualquer preço, que os documentos caíssem nas mãos do inimigo. Sem dúvida que o senhor perguntará a si próprio por que razão, sabendo que vinham aí os soldados mongóis, não tratou ele de nos acordar a todos, a fim de fugirmos todos juntos. A verdade é que, se o tivesse feito, estaria tudo perdido. Eles sabiam que nos encontrávamos ali. Estavam no seu território, eram superiores em número e em armamento. Ter-nos-iam decerto encontrado facilmente, e o mais certo era que nos tivessem matado a todos e interceptado os documentos. Quer dizer, numa situação daquelas, o cabo Honda não podia fazer outra coisa senão escapar sozinho. No campo de batalha, o comportamento do cabo Honda teria sido considerado, como é óbvio, deserção perante o inimigo, mas numa missão especial como aquela, saber adaptar-se às circunstâncias era uma exigência prioritária.

«Do seu esconderijo, foi testemunha de tudo. Viu chegar o russo e o seu acompanhante, assistiu ao suplício de Yamamoto. Viu quando os soldados pegaram em mim e me levaram. Mas ele tinha ficado sem cavalo e não tinha maneira de nos seguir imediatamente. Não teve outro remédio senão fazer o percurso todo a pé. Desenterrou as munições e enterrou os documentos no mesmíssimo sítio. A seguir lançou-se em nossa perseguição, sendo-lhe terrivelmente difícil encontrar o rasto e chegar até junto do poço, sem sequer saber em que direcção nos dirigíamos.

– E como foi que ele *conseguiu* dar com o poço? – quis eu saber.

– Isso já não lhe posso dizer – respondeu o tenente Mamiya. – Nunca falou comigo acerca disso,

mas creio que *pura e simplesmente sabia*, mais nada. Quando me encontrou, rasgou a sua roupa, fabricou uma longa corda e, com enorme esforço, lá conseguiu içar-me, semi-inconsciente, para fora daquele buraco. Depois conseguiu encontrar as montadas, atirou-me para cima do cavalo, atravessámos o deserto, depois o rio, e levou-me até ao posto de observação do Exército de Manchukuo. Aí, trataram dos meus ferimentos, meteram-me num camião do exército, enviado do quartel-general, e transferiram-me para o hospital de Hailar.

– Que aconteceu aos documentos ou à carta ou lá o que era?

– Julgo que continuam no mesmo sítio, enterrados nas proximidades do rio Khalkha. O cabo Honda e eu não tivemos tempo de os desenterrar, assim como também não encontrámos nenhuma razão para o fazer, uma vez que era a nossa vida que estava em perigo. Isto para dizer que chegámos ambos à conclusão de que mais valia fazer de conta que o documento nunca tinha existido. Assim sendo, antes do interrogatório combinámos dizer que nunca tínhamos ouvido falar de documento nenhum. Caso contrário, ter-nos-iam acusado de sermos responsáveis pelo facto de não os termos trazido de volta connosco. A pretexto de precisarmos de cuidados médicos, puseram-nos em quartos separados, muito bem guardados, e fomos sujeitos a interrogatórios diários. Passaram por ali vários oficiais superiores que nos obrigaram a contar as nossas histórias, vezes sem conta. Todos eles se mostravam apostados em fazer as mesmas perguntas, por sinal perguntas muito concretas e ardilosas. Aparentemente, acreditaram em nós. Pela parte que me tocava, relatei ao pormenor a minha experiência, sem nada omitir. A única coisa que não disse foi a tal história dos documentos. Eles tomavam nota de todas as palavras que saíam da minha boca, mas advertiram-me para o facto de aquele ser um assunto da máxima reserva, que nem sequer ficaria registado nos autos militares. Avisaram-nos para não contarmos nada a ninguém, sob pena de sermos severamente punidos. Duas semanas mais tarde, fui reintegrado no meu posto. É possível que também o cabo Honda tenha voltado para o seu regimento.

– O que não entendo é por que se deram ao trabalho de destacar o cabo Honda para essa missão – confessei eu.

– Acerca disso, pouco ou nada sei. Provavelmente foi por eles proibido de o revelar e deve ter pensado que era melhor eu ficar sem saber de nada. Porém, confesso que fiquei com a impressão de que entre ele e esse tal Yamamoto haveria alguma relação pessoal. Algo porventura relacionado com os seus poderes extraordinários. Tinha ouvido dizer que o exército pusera a funcionar um departamento em que se investigava cientificamente todo o tipo de poderes ocultos, e que ali se reuniam pessoas vindas de todo o país, todas elas possuidoras de faculdades adivinhatórias e telecinéticas, que realizariam experiências várias nesse âmbito. Suspeito por isso que Honda e Yamamoto já se conhecessem. De qualquer forma, o certo é que sem esses poderes eles jamais teria dado comigo, assim como não teria sido capaz de me levar até ao posto do exército de Manchukuo. Vendo bem, mesmo sem possuir mapa nem bússola, conseguiu lá ir ter direitinho. Ora, diz-me o senso comum que tal seria impossível. Fala quem é especialista no traçado de mapas. Conhecendo bem a geografia daquele território, eu não teria sido capaz do que ele fez. Talvez fosse esse talento especial o que Yamamoto procurava em Honda.

Chegados à paragem de autocarro, ficámos ali à espera.

– É óbvio que ele há coisas que continuam a ser um enigma – acrescentou o tenente Mamiya. – Eu próprio, ainda hoje continuo sem entender algumas delas. Quem diabo era o mongol que estava à nossa espera? Que diabo teria acontecido caso tivéssemos levado os documentos até ao quartel-

general? Por que não nos deixou Yamamoto sozinhos a fim de atravessar o rio? Sozinho, teria usufruído de maior liberdade de movimentos. Se calhar, era intenção dele usar-nos como chamariz e fugir sozinho. É bem possível. Talvez o cabo Honda soubesse desse facto desde o início. Se calhar, foi por isso que o mataram.

«Seja como for, o cabo Honda e eu estivemos sem nos ver durante muito tempo. À nossa chegada a Hailar, fomos separados e proibidos de todo e qualquer contacto. Pela minha parte, queria agradecer-lhe uma vez mais, mas não me foi possível. A seguir, ele ficou ferido na batalha de Nomonhan e regressou à pátria. Eu permaneci na Manchúria até ao final da guerra e, depois, fui enviado para a Sibéria. Só vários anos mais tarde, depois de ter sido libertado do campo de concentração e repatriado, consegui localizá-lo. Depois disso, encontrámo-nos várias vezes e fomos trocando cartas com uma certa frequência. Mas o senhor Honda parecia que evitava falar do que se passou nas margens do rio Khalkha, e também eu não tinha vontade de tocar no assunto. Aquela havia sido para os dois uma recordação demasiado dolorosa. Digamos que compartilhámos essa experiência escolhendo *não falar dela*. Isto faz algum sentido para si?

«Receio bem que o meu relato se tenha alongado demasiado, mas o que lhe queria dizer é que a minha verdadeira vida acabou dentro daquele poço profundo, em pleno deserto da Mongólia. Tenho a impressão de que a essência da minha vida se consumiu de uma vez por todas, envolta por aquela luz violenta que brilhava apenas durante dez ou quinze segundos por dia. Não consigo explicar bem, mas, para ser franco, depois daquilo nada do que vi, nada do que me aconteceu logrou tocar fundo no meu coração. Nem quando me encontrei diante das poderosas unidades de carros de combate soviéticos, nem quando fiquei sem a mão esquerda naquele infernal campo de concentração na Sibéria, experimentei emoção alguma. Era como se estivesse possuído por um espesso manto de insensibilidade. Poderá achar estranho, mas nada daquilo parecia importar-me. Dentro de mim havia algo que estava morto. Provavelmente, tal como na altura senti, deveria ter morrido ali, mergulhado naquela luz, apagando-me com ela. Era aquela a hora da minha morte. Porém, tal como tinha predito o senhor Honda, não morri ali. Ou talvez seja melhor dizer que *não pude* morrer ali.

«Regressei ao Japão apenas com um braço e doze preciosos anos da minha vida perdidos. Quando cheguei a Hiroxima, os meus pais e a minha irmã já haviam morrido. A minha irmã tinha sido recrutada e estava a trabalhar numa fábrica de Hiroxima, quando caiu a bomba e ela morreu. O meu pai, que estava de visita à minha irmã, também perdeu a vida. Em consequência do choque e do desgosto, a minha mãe não mais se levantou da cama e morreu em 1947. Como antes lhe disse, a mulher com quem eu estivera para casar desposara outro homem e tinha dois filhos. Julgando-me morto, no cemitério estava a minha campa. Não me restava nada. Senti-me completamente vazio. Senti que não devia ter voltado. Desde então continuei a viver sem saber muito bem como. Tornei-me professor de Ciências Sociais e ensinei Geografia e História num colégio. No verdadeiro sentido da palavra, contudo, não se pode dizer que tenha vivido. Limitei-me simplesmente a desempenhar, umas atrás das outras, as funções que me eram atribuídas. Não tive ninguém a quem pudesse chamar amigo, um único aluno com quem tivesse estabelecido uma relação de cumplicidade. Nunca amei ninguém. Não sei o que significa gostar de alguém. Quando fechava os olhos, via a figura de Yamamoto a ser esfolado vivo. Nos meus sonhos, Yamamoto era esfolado uma vez e outra, até se converter numa massa de carne sanguinolenta. Conseguia ouvir nitidamente os seus gritos lancinantes de dor. E sonhei vezes sem conta que, comigo ainda vivo, o meu corpo entrava em decomposição no fundo do poço. Muitas vezes perguntei a mim mesmo se a verdadeira realidade não seria aquele sonho, e a

minha vida não passasse de um sonho.

«Quando o senhor Honda, nas margens do rio Khalkha, me dissera que eu não morreria em território chinês, confesso que rejubilei. Acreditando ou não nas suas palavras, naquele momento precisava desesperadamente de qualquer coisa a que me agarrar. É possível que o senhor Honda, sabendo disso, me tenha dito aquilo para me tranquilizar, mas, na verdade, aquilo não me trouxe nenhuma felicidade. Desde que regressei ao Japão, senti-me sempre como o invólucro vazio de um animal que mudou de pele. E quando uma pessoa vive como se não passasse de um invólucro vazio, não se pode dizer que tenha vivido de verdade. Aquilo que nasce do coração e do corpo da casca vazia de um insecto não merece o nome de vida. Isto é o que gostaria que percebesse, senhor Okada.

– Então nunca foi casado desde que voltou ao Japão? – perguntei.

– Claro que não – respondeu o tenente Mamiya. – Não tenho nem mulher nem pais nem irmãos. Estou completamente sozinho no mundo.

Depois de uma breve hesitação, aventurei-me:

– Acredita que teria sido melhor não conhecer a profecia do senhor Honda?

O tenente Mamiya permaneceu em silêncio por momentos. Depois olhou fixamente para mim.

– Se calhar. Talvez o senhor Honda nunca me devesse ter dito o que disse. Ou talvez eu não lhe devesse ter dado ouvidos. Como ele mesmo então afirmou, o destino é algo que se deve ver olhando para trás, e não uma coisa para se saber de antemão. Na minha opinião, porém, isso é de somenos importância. A única coisa que importa agora é cumprir a minha obrigação e ir vivendo.

Quando o autocarro chegou, o tenente Mamiya fez-me uma profunda vénia. Depois pediu desculpa por ter abusado do meu tempo.

– Despeço-me de si e agradeço-lhe por tudo – disse ele. – Fico muito contente por ter feito chegar às suas mãos a tal recordação deixada pelo senhor Honda. Com esta missão, dou o capítulo por encerrado. Agora, já posso voltar para casa descansado. – Utilizando a mão artificial e a mão direita, tirou com destreza alguma moedas e introduziu a quantia exacta na máquina automática de venda de bilhetes.

Fiquei ali parado a ver o autocarro virar a esquina e desaparecer. Quando deixei de o ver, experimentei uma estranha sensação de vazio. O desamparo de um menino abandonado numa cidade desconhecida.

A seguir regressei a minha casa, sentei-me no sofá da sala de estar e abri o pacote que o senhor Honda me havia deixado como recordação. Não sem esforço, dei-me ao trabalho de desembrulhar, uma após a outra, as diversas camadas de papel, até descobrir uma pequena e resistente caixa de cartão. Uma embalagem de oferta de *Cutty Sark*. Pelo peso, percebi logo que lá dentro não havia nenhuma garrafa. Abri a caixa e verifiquei que estava vazia. Completamente vazia. Em jeito de legado, o senhor Honda tinha-me deixado ficar uma caixa vazia.

²⁶ Serviço Secreto estalinista, com funções de espionagem e de polícia política. Representou um corte com a tradição da Tcheka, dirigida por Félix Djerjinski, que proibia terminantemente e punia com severidade a tortura dos prisioneiros. A NKVD e a GPU, ao contrário, foram instrumentos privilegiados das grandes purgas dos anos 30. (*N. da T.*)

²⁷ *Não*, em russo no original. (*N. da T.*)

Livro II

O Pássaro Profeta

De Julho a Outubro de 1984

Factos concretos

O apetite literário

Na noite em que acompanhei o tenente Mamiya à paragem de autocarro, Kumiko não apareceu em casa. Fiquei à espera dela, a ler e a ouvir música, mas às tantas desisti e fui-me deitar. Adormeci com a luz acesa. Pouco antes das seis da manhã, acordei. Do lado de fora da janela já brilhava o Sol. Através das cortinas finas chegava até mim o canto dos pássaros. Da minha mulher, nem sinal. A almofada branca continuava alta e inchada, prova de que ninguém tinha deitado a cabeça nela durante a noite. Sobre a mesa-de-cabeceira, lavado e dobrado com todo o cuidado, continuava o seu pijama de Verão. *Tinha sido* lavado e dobrado por mim. Apaguei o candeeiro do meu lado e respirei profundamente uma vez, como se quisesse marcar o compasso do tempo.

Ainda em pijama, passei em revista o resto da casa. Primeiro fui à cozinha, depois percorri com o olhar a sala de estar, dei uma espreitadela ao escritório. Examinei a casa de banho e a retrete e, por descargo de consciência, abri a porta do armário de parede. Kumiko não se encontrava em parte alguma. A casa estava mais silenciosa do que era costume. Ao percorrê-la sozinho senti-me, de alguma forma, a perturbar o espírito do lugar.

Não havia nada que eu pudesse fazer. Fui até à cozinha, enchi de água a cafeteira e acendi o lume. Assim que a água começou a ferver, fiz café, sentei-me à mesa e bebi uma chávena. Pus o pão na torradeira, tirei do frigorífico a salada de batata. Há muito, muito tempo que não tomava o pequeno-almoço sozinho. Pensando bem, desde que estávamos casados nem uma única vez tínhamos deixado de tomar o pequeno-almoço juntos. Isso acontecia muitas vezes com o almoço, outras, menos, com o jantar. Mas nunca com o pequeno-almoço. Tínhamos uma espécie de acordo tácito relativamente ao pequeno-almoço, que para nós funcionava quase como um ritual. Mesmo que nos deitássemos tardíssimo, levantávamo-nos sempre a tempo de preparar a primeira refeição do dia juntos e ficávamos ali a saboreá-lo tranquilamente na companhia um do outro.

Naquela manhã, porém, não contava com a companhia de Kumiko. Bebi o meu café e comi as minhas torradas sozinho, em silêncio. À minha frente havia apenas uma cadeira vazia. Olhando para ela, lembrei-me da água-de-colónia que Kumiko tinha posto na manhã anterior. Pensei no homem que lha devia ter oferecido. Na minha imaginação, vi-os aos dois na mesma cama, abraçados. Imaginei as mãos desse homem acariciando o corpo nu de Kumiko. Veio-me à memória a imagem das suas costas brancas e lisas como porcelana, que vira de relance na véspera ao ajudá-la a correr o fecho do vestido.

Estranhamente, o café deixou-me na boca um gosto a sabão. Bastou o primeiro gole para ficar com aquele sabor desagradável. Ao princípio ainda pensei que era imaginação minha, mas o segundo gole sabia ao mesmo. Despejei a chávena no lava-loiça e servi-me de nova chávena. Provei o café. Ainda e sempre o mesmo gosto a sabão. Não conseguia explicar porquê. Lavei bem a cafeteira. A água não tinha nada de especial. Mas o certo é o cheiro a sabão estava presente, ou era isso, ou leite

desmaquilhante. Deitei fora o que estava dentro da cafeteira e pus outra vez água ao lume, mas às tantas fartei-me e desisti. Enchi a chávena com água da torneira e bebi. Afinal de contas, já não tinha assim tanta vontade de beber um café.

Esperei pelas nove e meia e telefonei para o escritório de Kumiko. Atendeu-me uma voz de mulher. Pedi-lhe para falar com Kumiko Okada. «A senhora Okada ainda não chegou», respondeu-me ela. Agradei e desliguei. Em seguida, como é meu costume sempre que me sinto inquieto, pus-me a engomar camisas. Quando se acabaram as camisas, ataquei a limpeza da casa. Atei os jornais diários e as revistas velhas com uma corda, esfreguei bem o lava-loiça e tirei tudo das prateleiras da cozinha para as limpar melhor, lavei a casa de banho e a retrete. Deixei os espelhos e as janelas a brilhar com o limpa-vidros. Desmontei os globos de vidro fosco das lâmpadas para os passar por água. Mudei os lençóis e pus a roupa a lavar na máquina, antes de fazer a cama de lavado.

Às onze horas voltei a ligar para o escritório. Respondeu-me a mesma telefonista, que me deu a mesma resposta: a senhora Okada ainda não tinha chegado.

«Hoje não vai trabalhar?», perguntei eu.

«Não me deram qualquer informação a esse respeito», retorquiu ela numa voz desprovida de todo e qualquer sentimento. Estava apenas a comunicar os factos, mais nada.

Não era normal que, às onze da manhã, Kumiko ainda não tivesse chegado ao escritório. As redacções de muitas revistas têm horários irregulares, mas não era o caso da empresa de Kumiko, que publicava revistas de saúde e alimentação natural. Todos os jornalistas, colaboradores, escritores, produtores, agricultores e médicos com quem estavam em contacto tinham por hábito começar cedo a laborar e dar o dia de trabalho por terminado à tardinha. Tanto Kumiko como as suas colegas adoptavam este horário, apresentando-se às nove em ponto da matina nas instalações da empresa, e, tirando as épocas de muito trabalho, às seis da tarde já estavam em casa.

Desliguei, fui até ao quarto e dei uma olhadela aos vestidos, blusas e saias de Kumiko que estavam pendurados no guarda-fatos. Caso tivesse saído de casa, o mais natural era ter levado a roupa com ela. Obviamente que não me lembrava de todo o seu guarda-roupa. Nem sequer era capaz de descrever toda a roupa que era *minha*, quanto mais a dela. Mas acontecia que tinha por hábito levar e trazer a roupa de Kumiko da lavandaria, de modo que tinha uma ideia da roupa que ela costumava vestir mais, e da que preferia. E, se bem me lembrava, não faltava ali nada.

Além disso, ela não devia ter tido tempo para levar as roupas com ela. Tentei trazer de novo à memória o momento em que Kumiko saíra de casa, no dia anterior. O que levava vestido. A mala que tinha na mão. Só me lembro de lhe ter visto a bolsa a tiracolo que costumava levar sempre para o emprego. Era aí que guardava a agenda, alguns artigos de maquilhagem, o porta-moedas, a esferográfica, um lenço e um pacote de lencinhos de papel. Lá dentro nunca caberia uma muda de roupa.

Abri a cómoda. Acessórios, bijutaria, óculos de sol, roupa interior, camisolas de algodão: estava tudo perfeitamente arrumado dentro das gavetas. Não tinha maneira de saber se faltava alguma coisa. Roupa interior ou meias, ela ainda poderia ter metido dentro da mala. Mas, pensando bem, eram tudo coisas que ela não se daria ao trabalho de levar. Afinal de contas, em qualquer parte se compram.

A seguir entrei na casa de banho e voltei a examinar a caixa onde ela guardava os artigos de higiene. Também ali não havia nenhum indício de mudança. Só lá estavam meia dúzia de produtos de

cosmética e respectivos acessórios. Destapei o frasco de *Christian Dior* e aspirei o perfume uma vez mais. Cheirava ao mesmo. Uma fragrância de flores brancas, a condizer com uma manhã de Verão. Voltei a pensar nas suas orelhas e nas suas costas brancas.

Regressei à sala de estar e deitei-me no sofá. Fechei os olhos e fiquei ali à escuta. Tirando o tiquetaque do relógio que marcava o tempo, não se ouvia mais nenhum ruído. Nem o motor de um carro, nem o canto de uma ave. Não sabia que mais fazer. Decidi ligar uma vez mais para a redacção, desliguei, marquei o número; só de pensar que o mais certo era apanhar pela frente a mesma voz feminina com a mesma resposta, desisti e pousei o aparelho. Era demasiado deprimente. Nessas circunstâncias, não havia nada a fazer. Era armar-me de paciência e esperar. Podia ser que Kumiko me tivesse abandonado. Por que razão, não sabia, mas *podia ter acontecido*. Ainda que ela não fosse pessoa de sair assim de casa sem uma palavra. Não, decididamente aquilo não era nada o seu género. Imaginando que fosse verdade, que Kumiko me quisesse deixar, trataria de me dar a conhecer todas as razões, tudo muito explicadinho. Disso tenho a certeza absoluta.

Ou então, havia a considerar a hipótese de um acidente. Podia dar-se o caso de ter sido atropelada por um carro. Quem sabe se não teria ido parar ao hospital, inconsciente, estando naquele preciso momento a receber uma transfusão? Ao pensar nisso o meu coração começou a bater com mais força, mas, ao mesmo tempo, sabia que dentro da mala tinha a carta de condução, o cartão de crédito e o certificado de residência. A esta hora decerto já me teriam ligado do hospital ou da Polícia.

Fui sentar-me na varanda e pus-me a olhar distraidamente para o jardim. Na realidade não via nada à frente. Tentei pensar em algo, mas era incapaz de centrar a minha atenção numa só coisa. Uma vez e outra vinha-me à memória a imagem das costas de Kumiko, no momento em que eu lhe corria o fecho do vestido. Sentia o perfume da água-de-colónia por detrás das orelhas invadir os meus pensamentos.

Passava da uma quando tocou o telefone. Levantei-me a correr do sofá e atendi.

– É da casa do senhor Okada? – perguntou uma voz de mulher. Era Malta Kano.

– Sou o próprio.

– Daqui fala Malta Kano. Estou a ligar por causa do gato.

– Do gato? – perguntei, num tom ausente. Tinha-me esquecido por completo daquela história. Mas lembrei-me logo, claro está, ainda que estivesse a anos-luz.

– Refiro-me ao gato de que a sua mulher andava à procura – acrescentou Malta Kano.

– Sim, claro – murmurei.

Malta Kano ficou alguns instantes em silêncio do outro lado da linha, como se estivesse a avaliar a situação. Podia ser que o meu tom de voz a tivesse alertado. Limpei a garganta e passei o auscultador para a outra mão.

Após uma curta pausa, Malta Kano disse:

– Devo dizer-lhe, senhor Okada, que, a menos que aconteça alguma coisa de extraordinário, não creio que o vosso gato alguma vez venha a ser encontrado. É uma pena, mas penso que é melhor que comecem a abandonar a ideia de lhe voltar a pôr a vista em cima. O gato desapareceu para sempre.

– A menos que aconteça alguma coisa de extraordinário? – repeti. Mas não obtive resposta.

Malta Kano ficou em silêncio durante um grande bocado. Fiquei à espera de a ouvir dizer qualquer coisa, mas, por mais que me esforçasse, nem a sua respiração conseguia ouvir através do auscultador. Quando começava a pensar que a chamada tinha caído, ela recomeçou a falar.

– Senhor Okada – disse –, talvez seja um atrevimento da minha parte, mas, tirando esta história do gato, posso fazer alguma coisa para o ajudar?

Não fui capaz de responder logo. Com o auscultador na mão, encostei-me à parede. As palavras custaram a sair.

– Há muitas coisas nesta história que eu próprio não entendo – disse. – Ainda estou a tentar perceber o que me aconteceu. Mas quer-me parecer que a minha mulher se foi embora. – Passei então a explicar-lhe que Kumiko não regressara a casa na noite anterior e que de manhã não tinha aparecido no escritório.

Do outro lado do fio, Malta Kano parecia reflectir.

– Deve estar muito preocupado, imagino – referiu ela. – Por enquanto ainda não lhe sei dizer nada. Mas tenho a certeza de que as coisas se hão-de compor. Agora, só podemos esperar. Deve ser muito duro para si, mas há um tempo para tudo. É como o ritmo das marés. Ninguém o pode mudar. Quando há que esperar, há que esperar.

– Oiça uma coisa, senhora Kano. Estou-lhe muito agradecido pelo trabalho que teve com o gato e tudo isso, e peço-lhe desculpa pelo que lhe vou dizer a seguir, mas não estou com disposição para ouvir banalidades. Sinto-me perdido. *Verdadeiramente* perdido. E tenho um mau pressentimento. Mas não faço a mínima ideia do que devo fazer. Compreende o que eu quero dizer? Não sei que fazer a partir do momento em que desligar o telefone. Aquilo que me está a fazer falta, por pequeno e insignificante que possa ser, é um facto concreto. Qualquer coisa que eu possa ver com os meus próprios olhos, tocar com as minhas próprias mãos.

Do outro lado da linha ouviu-se qualquer coisa a cair no chão. O ruído de um objecto não muito pesado – talvez uma pérola – a rolar pelo pavimento de madeira. A isto seguiu-se um barulho roçagante, como se alguém segurasse uma folha de papel químico na ponta dos dedos e lhe tivesse dado um violento puxão. Estes sons pareciam ter-se produzido nem muito perto nem muito longe do bocal. Mas, aparentemente, Malta Kano não lhes prestava especial atenção.

– Estou a ver – disse ela numa voz monocórdica, inexpressiva. – Qualquer coisa de concreto.

– Isso mesmo. *O mais concreto possível.*

– Nesse caso, espere que alguém lhe ligue.

– Não tenho feito outra coisa.

– Deve estar a receber uma chamada de uma pessoa cujo nome começa por um «O».

– E essa pessoa sabe alguma coisa de Kumiko?

– Mais do que isso não sei. Disse que queria factos concretos, fossem eles quais fossem, e é precisamente isso que lhe estou a dar. Outra coisa, senhor Okada. Falta pouco para termos alguns dias de meia-lua.

– Meia-lua? – espantei-me eu. – Refere-se à Lua que está no céu?

– Sim, senhor Okada, a Lua que se vê no céu. Mas, em todo o caso, aconselho-o a esperar. Saber esperar é uma grande virtude. Sendo assim, despeço-me. Até qualquer dia. – E desligou.

Peguei na agenda que estava em cima da mesa e abri-a na letra «O». Anotados na letrinha miúda e certinha de Kumiko apareciam ao todo quatro nomes. O primeiro era o meu pai, Tadao Okada. A seguir tínhamos um velho colega meu dos tempos da faculdade, chamado Onoda, um dentista chamado Otsuka, e, por fim, o dono da casa de vinhos do bairro, o senhor Omura.

Decidi excluir primeiro o dono da loja de vinhos. A loja ficava apenas a dez minutos a pé e, tirando as ocasiões em que lhes telefonava a pedir que nos trouxessem a casa uma caixa de cervejas,

não se podia dizer que tivéssemos alguma relação especial com aquela gente. O dentista também não podia ser. Andara a fazer tratamento a um molar há coisa de dois anos, mas Kumiko nunca lá tinha ido. Que eu soubesse, desde que estávamos casados, ela nem uma única vez tinha posto o pé no dentista. Quanto ao meu amigo Onoda, há anos que o não via. Depois de se licenciar, fora trabalhar para um banco. Ao fim de dois anos havia sido transferido para uma sucursal em Sapporo, e desde essa altura vivia em Hokkaido. Nos últimos tempos limitávamo-nos a trocar um cartão com votos de feliz ano novo. Não me conseguia lembrar se alguma vez o apresentara a Kumiko.

Sobrava o meu pai. Mas era pouco provável que Kumiko e ele tivessem mantido qualquer espécie de contacto. Ele tinha voltado a casar-se depois de a minha mãe morrer, e nunca mais tínhamos voltado a ver-nos, nem a escrever-nos, nem tão-pouco a falar ao telefone. Kumiko nunca se encontrara sequer com ele.

Enquanto folheava a agenda, pensei uma vez mais em como era reduzido o círculo das nossas amizades. Desde que casáramos, seis anos antes, e tirando um ou outro contacto obrigatório com meia dúzia de colegas de trabalho, tínhamos vivido sempre, Kumiko e eu, metidos no nosso buraco, sem uma relação com o exterior que se visse.

Decidi fazer outra vez esparguete para o almoço. Não que tivesse especialmente fome, mas não podia continuar para sempre ali sentado, imóvel, à espera que tocasse o telefone. Precisava de me mexer com algum objectivo preciso em vista. Enchi uma panela de água, acendi o gás e, enquanto fiquei à espera que a água fervesse, preparei o molho de tomate, com o rádio sintonizado numa estação FM. Transmitiam uma sonata de Bach para violino solo. A interpretação em si era excepcionalmente boa, mas havia nela qualquer coisa que me irritava. Não sei a que se devia, se aos executantes se ao meu estado de alma, mas o certo é que desliguei o rádio e continuei a cozinhar em silêncio. Aqueci azeite, juntei alho, cebola picada, e, quando a cebola começou a alourar, acrescentei o tomate lavado à torneira, cortado aos bocadinhos. Mexi tudo muito bem. Não me custava pegar na faca e cozinhar qualquer coisa ao lume, antes pelo contrário. Fazer esses gestos dava-me uma sensação concreta, tátil, a que se juntavam outras que me davam prazer, como os sons e os cheiros.

Quando a água começou a ferver, deitei lá para dentro uma mão-cheia de sal e um punhado de esparguete. Regulei o temporizador para dez minutos e lavei o que estava sujo no lava-loiça, mas nem com o prato de esparguete acabado de fazer diante de mim o meu apetite despertou. A muito custo lá comi metade e deitei fora o resto. Meti o molho que sobrara num recipiente e guardei-o no frigorífico. Paciência. À partida já estava sem fome.

Veio-me à memória uma história que tinha lido não sei onde, há uns tempos. Falava de um homem que comia e bebia sem parar enquanto esperava não sei o quê. Tive de fazer um esforço de memória para me lembrar que se tratava de um livro de Hemingway, *O Adeus às Armas*. O herói (não me lembro do nome) consegue atravessar a fronteira de Itália num barco para se refugiar na Suíça. Aí, numa pequena cidade, enquanto a sua mulher está em trabalho de parto, passa a vida a entrar no café em frente da clínica para comer e beber qualquer coisa. Pouco ou nada mais me lembrava da trama daquele romance. Lembrava-me, isso sim, de uma cena, quase no fim do livro, em que o protagonista não parava de comer e de beber num país que não era o seu enquanto esperava que a mulher desse à luz. Se recordava aquela cena, era porque transmitia uma forte sensação de realismo. O facto de alguém estar possuído por um apetite extraordinário era, aos meus olhos, mais verosímil, no plano literário, do que o contrário, que é como quem diz, a tentativa de ilustrar a falta de apetite causada pela ansiedade.

Na realidade, e ao contrário do que acontecia em *O Adeus às Armas*, enquanto esperava pacientemente que acontecesse alguma coisa, fechado naquela casa silenciosa de olhos postos nos ponteiros do relógio, não sentia a mínima vontade de comer. E então, de repente, perguntei a mim próprio se aquela falta de apetite não seria fruto de uma carência de realismo literário. E tive a impressão de me ter transformado numa personagem de um romance de segunda. Como se alguém me acusasse de não ser suficientemente realista. E se calhar era verdade.

O telefone tocou ainda não eram duas da tarde.

– É da casa do senhor Okada? – perguntou uma voz de homem desconhecida. Era a voz de uma pessoa jovem, grave e bem timbrada.

– Sim, é o próprio – respondi eu, com a voz um pouco tensa.

– O senhor Okada que mora no número 26 do *chome* 2?

– Sim.

– Estou a ligar da mercearia. Aproveito para agradecer uma vez mais a sua preferência. Se estiver bem para si, passo por aí nas minhas voltas a fim de receber a continha. Dá-lhe jeito?

– A continha?

– Sim. A factura das duas caixas de cerveja e de uma de sumo.

– Pode ser – retorqui eu. – Vou estar por aqui durante mais algum tempo.

Depois de desligar o telefone, esforcei-me por perceber se o telefonema não teria avançado uma informação qualquer acerca de Kumiko. Mas, por mais voltas que lhe desse, não passava de uma conversa breve e realista com um comerciante de bairro sobre uma factura que era preciso pagar. O certo é que tinha mandado vir cervejas e sumo, e que a loja tinha mandado entregar a encomenda. Uma meia hora mais tarde apareceu o rapaz das entregas e eu paguei o que devia.

O rapaz era simpático. Passou-me o recibo sempre com um sorriso nos lábios.

– A propósito, senhor Okada, já soube do acidente desta manhã? – perguntou ele. – Em frente da estação, deviam ser para aí nove e meia?

– Um acidente? – perguntei alarmado. – Quem é que teve um acidente?

– Uma menina. Foi atropelada por uma camioneta que fazia marcha atrás. Parece que está muito mal, segundo ouvi dizer. Passei por lá quase a seguir, e garanto-lhe que não era um espectáculo nada bonito de se ver, logo de manhãzinha. Se quer que lhe diga, a mim, as crianças pequenas metem-me medo. Quando se vai de marcha atrás, ficam no chamado ângulo morto e não se dá por elas através do espelho retrovisor. Conhece a lavandaria ao pé da estação? Foi mesmo ali em frente. As pessoas deixam ali ficar as bicicletas, e depois há uma montanha de caixas de cartão... Não se vê a ponta de um corno.

Depois de o rapaz da mercearia se ter ido embora, decidi que não suportava ficar fechado em casa nem mais um minuto. De repente, pareceu-me que o ambiente dentro de casa se tornava insuportavelmente abafado, sombrio e opressivo. Calcei os sapatos e saí. Nem sequer dei duas voltas à chave. Não me dei ao trabalho de fechar as janelas nem apaguei a luz da cozinha. Vagueei pelo bairro sem rumo, a chupar um rebuçado de limão. Mas enquanto rememorava a conversa com o rapazinho das entregas, lembrei-me de que tinha roupa para levantar na lavandaria em frente da estação. Uma blusa e uma saia de Kumiko. Deixara o talão em casa, é certo, mas pensei com os meus botões que se calhar não faria diferença. O homem era capaz de me deixar trazer a roupa.

Aos meus olhos, a vizinhança parecia diferente dos outros dias. Como se as pessoas com quem me cruzava tivessem qualquer coisa de antinatural, para não dizer artificial. À medida que avançava, ia examinando os seus rostos, um a um. Perguntei a mim mesmo que género de pessoas poderiam ser. Em que tipo de casa viviam. Que tipo de família constituíam. Que tipo de vida levavam. Se tinham por hábito ir para a cama com outras mulheres, para além das deles, e elas com outros homens. Quem sabe se seriam felizes? Teriam consciência do aspecto antinatural, quase artificial, que em mim provocavam?

Defronte da lavandaria, eram ainda visíveis as marcas do acidente. No pavimento notava-se a linha branca, possivelmente traçada a giz pela Polícia, e várias pessoas comentavam o sinistro com uma expressão grave estampada na cara. No interior da loja, o cenário do costume. O aparelho estereofónico negro tocava a mesmíssima música ambiental, acompanhado do zumbido do aparelho de ar condicionado de um modelo antigo, e o vapor do ferro de engomar elevava-se até ao tecto formando uma densa nuvem. Estava a passar «Ebb Tide», com Robert Maxwell na harpa. Pensei como seria maravilhoso poder ir à praia. Imaginei o cheiro a maresia e o rumor das ondas a enrolar na areia. O voo das gaivotas. Uma lata de cerveja bem gelada.

Contei ao dono da loja que deixara o talão esquecido em casa.

– Mas tenho a certeza de ter cá deixado ficar na sexta ou no sábado uma blusa e uma saia para limpar.

– Senhor Okada, não é verdade? Okada... Okada... – repetiu o homem, passando as folhas de um caderno escolar. – Ah, sim. Aqui está! Uma blusa e uma saia. Mas a senhora Okada já as veio buscar.

– Ah, veio? – disse eu, apanhado de surpresa.

– Sim, passou por cá ontem de manhã. Lembro-me perfeitamente porque fui eu mesmo que lhe entreguei as duas peças. Calculei que estivesse a caminho do emprego. E também me entregou o talão. – À falta de palavras, fiquei ali a olhar para ele, calado. – Pode perguntar à sua esposa e vai ver como ela levou tudo. Tenho a certeza absoluta – insistiu o dono da lavandaria. Pegou numa caixinha que estava em cima da caixa registadora, tirou um cigarro, pô-lo na boca e acendeu-o.

– Ontem de manhã, diz o senhor? – perguntei. – Não terá sido à noite?

– De manhã, já lhe disse. Deviam ser umas oito horas. A sua esposa foi a primeira cliente do dia. Por isso é que me lembro bem dela. Quando o primeiro cliente é uma mulher nova, é caso para dizer que o dia começa bem, não sei se está ver?...

Não fui capaz de fazer um sorriso, e a voz que me saiu não parecia a minha.

– Ah, nesse caso fica tudo em ordem. Desculpe. Não fazia ideia de que a minha mulher já tivesse passado por cá para levantar a roupa.

Ele acenou com a cabeça e, depois de lançar uma olhadela rápida à minha pessoa, apagou o cigarro do qual não tinha tirado mais do que duas ou três passas e voltou às suas engomadelas. Algo em mim parecia ter despertado a sua atenção, fiquei com a sensação de que queria dizer-me alguma coisa. Mas no fim deixou-se ficar calado. Também eu tinha uma série de coisas para lhe perguntar. Que aspecto tinha Kumiko quando apareceu para ir buscar a roupa? Levava alguma coisa na mão? Sentia-me confuso, tinha a boca terrivelmente seca. De momento, só queria sentar-me e beber qualquer coisa fresca. Tinha a impressão de que seria a única maneira de alguma vez conseguir ordenar as minhas ideias.

Saí da lavandaria direitinho ao café do bairro, que ficava algumas portas mais à frente. Entrei e pedi um chá gelado. Lá dentro estava fresco e eu era o único cliente. Através de umas pequenas

colunas no cimo da parede chegava até mim o som de uma versão orquestrada de uma canção dos Beatles, «Eight Days a Week». Tornei a pensar na praia. Imaginei-me descalço, a caminhar à beira-mar. A areia queimava e a brisa trazia no ar o forte odor da maresia. Respirava profundamente e levantava os olhos para o céu. Com as mãos abertas e as palmas para cima, podia sentir o ardor do sol do Verão. Então, uma onda fria vinha lambêr-me os pés.

Por mais que pensasse nisso, não deixava de ser muito estranha aquela história de Kumiko ter passado pela lavandaria a fim de levantar a roupa antes de ir trabalhar. Para começar, teria de se meter num comboio apinhado de gente transportando na mão a roupa acabada de passar a ferro pendurada num cabide. Depois, teria de repetir a mesma operação na viagem de regresso. Além da seca, de que serviria ter recorrido aos serviços de uma lavandaria para depois acabar com a roupa feita num trapo? Era impensável que Kumiko, maníaca da limpeza e inimiga das rugas, fizesse uma coisa tão estúpida, quando podia perfeitamente passar pela lavandaria no regresso do escritório. E, caso pensasse regressar mais tarde, bastava que me tivesse ligado, que eu me encarregaria de ir buscar a roupa. Só havia uma explicação plausível. Nessa altura já ela não tinha a mínima intenção de regressar a casa. E tinha partido para outra, levando na mão a saia e a blusa. Assim sempre tinha uma muda; o resto, em qualquer parte podia comprar. Tinha consigo o cartão de crédito, o cartão bancário. Tinha conta pessoal no banco. Podia ir para onde lhe desse na gana.

E podia muito bem dar-se o caso de estar acompanhada por alguém – um homem. Vendo bem, que outra razão teria para sair assim de casa?

A coisa devia ser séria. Kumiko tinha desaparecido deixando para trás toda a sua roupa, os seus sapatos. Ela, que tinha tanto gosto em comprar roupa e acessórios, que cuidava com verdadeiro primor. Para ela abandonar tudo isso e partir apenas com a roupa que trazia no corpo, era preciso ter tudo muito bem pensado. Ou, pelo menos, era assim que eu via a coisa, uma vez que tinha saído de casa só com uma saia e uma blusa na mão. Não, pensando melhor, naquela altura a roupa devia ter sido a última das suas preocupações.

Recostei-me na cadeira e, ouvindo distraidamente aquela música ambiental, insuportável de tão asséptica, imaginei Kumiko a caminho do emprego, metida dentro de um comboio a rebentar pelas costuras, empunhando uma saia e uma blusa acabadas de sair da lavandaria, penduradas num cabide de arame e ainda dentro dos sacos de plástico. Recordei a cor do seu vestido, recordei o perfume da sua água-de-colónia atrás dos lóbulos das orelhas, recordei as suas costas suaves e perfeitas. Estava exausto. Tinha a sensação de que, se fechasse os olhos, daria por mim a flutuar num outro lugar qualquer, completamente diferente daquele onde me encontrava.

Nem uma única boa notícia neste capítulo

Saí do café e deambulei sem rumo pelas ruas do bairro. Talvez por causa do calor intenso que a essa hora da tarde se fazia sentir, sentia-me cada vez pior a cada passo que dava. Tinha febre e até mesmo calafrios, mas se havia lugar para onde não queria voltar era para casa. Só a ideia de ficar ali à espera, naquela casa silenciosa, de uma chamada que podia nunca mais chegar, produzia em mim uma insuportável sensação de asfixia.

A única coisa que me veio à cabeça foi ir visitar May Kasahara. De regresso a casa, saltei o muro do jardim e percorri a ruela até chegar às traseiras da vivenda dela. Encostado ao muro da casa abandonada, do outro lado da ruela, pus-me a olhar para o jardim onde estava o pássaro de pedra. Se me deixasse estar ali especado, sem dúvida que May Kasahara daria por mim. Quando não ia trabalhar para o fabricante de cabeleiras postiças, costumava ficar por casa e entretinha-se a vigiar a viela da janela do seu quarto ou então do jardim, enquanto apanhava sol.

Mas May Kasahara nunca chegou a aparecer. No céu não se via uma única nuvem. O sol de Verão queimava-me a nuca. Da terra, debaixo dos meus pés, subia até mim um intenso odor a erva. De olhos postos no pássaro de pedra, recordei a história que o meu tio me contara acerca do destino daqueles que em tempos ali tinham vivido. Mas a única imagem que me vinha à cabeça era o mar. Um mar frio e azul. Respirei fundo uma vez e outra. Olhei para o relógio. E, quando estava quase, quase a desistir, pensando que nunca mais teria sorte, May Kasahara deu finalmente um ar da sua graça. Atravessou o jardim e aproximou-se de mim devagarinho. Trazia uns calções de ganga vestidos, uma camisa azul com motivos havaianos e calçava sandálias vermelhas de plástico. Plantou-se à minha frente e sorriu através dos óculos escuros.

– Ora viva, senhor Pássaro de Corda! Já encontraste o teu gato, *Noboru Wataya*?

– Não, ainda não – respondi. – Estava a ver que nunca mais aparecias.

Ela meteu as mãos nos bolsos de trás dos calções e olhou em redor com um ar divertido.

– Lá por eu ter muito tempo livre, senhor Pássaro de Corda, isso não significa forçosamente que passe os meus dias, de manhã à noite, a vigiar a ruela. Até parece que não tenho *outras coisas* para fazer. Mas, tudo bem, peço desculpa. Fiz-te esperar muito tempo?

– Não foi assim tanto quanto isso. O que acontece é que está demasiado calor para ficar aqui de pé.

May Kasahara lançou-me um longo olhar atento. Depois franziu ao de leve as sobrancelhas.

– O que é que se passa, senhor Pássaro de Corda? Estás com um aspecto horrível. Parece que acabaram de te desenterrar. Chega aqui. Vem mas é para a sombra e descansa um bocadinho.

Pegou-me na mão e levou-me para o jardim da casa dela. Em seguida arrastou uma das espreguiçadeiras para debaixo de um carvalho e obrigou-me a sentar. Os espessos ramos verdes da folhagem projectavam uma sombra fresca que cheirava a vida.

– Não te preocupes. Não está ninguém em casa, como sempre. Podes ficar descansado. Descansa um bocado e não penses em nada.

– Ouve lá, poderias fazer-me um favor? – perguntei.

– Diz.

– Preciso que faças uma chamada por mim.

Tirando a esferográfica e o bloco de notas do bolso, aponte o número de telefone da redacção onde a minha mulher trabalhava. Arranquei a folha e dei-lha. A capa do caderninho estava quente e manchada de suor.

– Ligas para este número e pedes para falar com Kumiko Okada. Se ela não estiver, perguntas se ela ontem foi trabalhar. Só isso.

May Kasahara pegou na folha e ficou a olhar fixamente para ela, com os lábios cerrados. Depois olhou para mim.

– De acordo – disse ela. – Vou tratar disso agora mesmo. Tu, deixa-te ficar aí estendido e não penses em nada. Volto já.

Assim que ela se foi embora, segui o seu conselho. Deitei-me e fechei os olhos. Estava encharcado em suor da cabeça aos pés. Quando tentava concentrar-me em qualquer pensamento, ficava logo com a cabeça a latejar, e sentia como que um emaranhado de fios no fundo do estômago. Volta e meia tinha uma vaga sensação de náusea. À minha volta estava tudo em silêncio. E essa calma fez-me lembrar que estava há muito tempo sem ouvir o pássaro de corda. Quando tinha sido a última vez? Quatro ou cinco dias antes, talvez. Mas não tinha a certeza. Quando me dera conta disso, a voz do pássaro tinha deixado de se ouvir. Se calhar, tratava-se de uma ave migratória. Pensando bem, começara a ouvi-lo há coisa de um mês. E, durante todo esse tempo, dia após dia, aquele pássaro invisível tinha dado corda ao pequeno mundo em que vivíamos. Tinha sido por excelência a estação do pássaro de corda.

Ao fim de dez minutos May Kasahara regressou, trazendo na mão um grande copo cheio de cubos de gelo que me estendeu. O gelo tilintou com um ruído seco, que parecia vir de um mundo longínquo. Várias portas separavam aquele mundo do mundo onde me encontrava. Naquele momento, por mero acaso, estavam abertas e o som chegava até aos meus ouvidos. Mas era apenas uma questão de tempo. Mal uma dessas portas se fechasse, logo eu deixaria de ouvir o som.

– É água com limão, bebe – disse May Kasahara. – Ajuda a refrescar as ideias.

Bebi metade antes de lhe devolver o copo. A água fresca escorregou-me pela garganta e foi descendo devagar pelo interior do meu corpo. Fui assaltado por uma violenta náusea. Dentro do meu estômago, desatou-se um novelo de fios em decomposição e subiu-me à garganta. Fechei os olhos com força e esperei que aquilo passasse. Com os olhos fechados, via Kumiko a apanhar o comboio com a blusa e a saia penduradas na mão. Às tantas, achei que o melhor era vomitar, mas não vomitei. Respirei fundo várias vezes até que, por fim, a sensação de náusea diminuiu e passou.

– Tudo bem? – perguntou May Kasahara.

– Tudo bem.

– Já telefonei. Disse que era uma pessoa da família. Fiz bem?

– Hmm hmm.

– Essa pessoa, Kumiko, é a tua mulher, não é, senhor Pássaro de Corda?

– Hmm hmm.

– Responderam-me que ontem também não foi trabalhar. Sem avisar nem nada. Pura e simplesmente, faltou ao emprego. Percebe-se que estão atrapalhados e não sabem o que hão-de fazer. Até disseram que não é o género de pessoa de fazer isso.

– É um facto. Ela não é do tipo de faltar sem dizer nada.

– Desapareceu desde ontem?

Assenti.

– Coitado do senhor Pássaro de Corda – exclamou May Kasahara. Parecia realmente com pena de mim. Pôs a sua mão sobre a minha testa. – Posso fazer alguma coisa por ti?

– Por agora, não – respondi. – Mas agradeço-te na mesma.

– E fazer-te uma pergunta, posso? Ou preferes que não pergunte nada?

– Pergunta à vontade. Mas não sei se te posso responder.

– A tua mulher fugiu com outro homem?

– Não tenho a certeza – disse eu. – Se calhar. Existe essa possibilidade.

– Essa agora! Mas viviam juntos, não era? Como é que é possível, vivendo os dois na mesma casa há tanto tempo, que não tenhas dado conta de nada?

Ela tinha toda a razão. Como é que eu não me tinha dado conta?

– Coitadinho do senhor Pássaro de Corda! – repetiu. – Quem me dera dizer alguma coisa que te pudesse ajudar a levantar o moral, mas, infelizmente, da vida conjugal pouco ou nada pesco.

Levantei-me da cadeira. A mudança de posição exigiu-me um esforço maior do que o previsto.

– Agradeço-te imenso. Deste-me uma grande ajuda. Mas agora está na hora de me ir embora – disse eu. – Pode ser que haja alguma notícia. Que telefone alguém para casa.

– Quando chegares a casa, vai logo tomar duche. Primeiro está o duche. OK? Depois muda de roupa. E faz também a barba.

– A barba? – perguntei. Passei a mão pelo queixo. Era verdade, tinha-me esquecido de fazer a barba. Confesso que naquela manhã a ideia de me barbear nem sequer me tinha passado pela cabeça.

– Há pequenas coisas que têm a sua importância, sabia, senhor Pássaro de Corda? – lançou-me May Kasahara, olhando-me fixamente nos olhos. – Agora, vai para casa e vê-te com calma ao espelho.

– É para já.

– Posso ir ter contigo, mais tarde?

– Claro – disse eu. E acrescentei: – Até é um favor que me fazes.

May Kasahara anuiu em silêncio.

De regresso a casa, observei o meu rosto ao espelho. Era verdade: estava com um aspecto de meter medo ao susto. Despi-me, tomei duche, lavei bem a cabeça, fiz a barba, escovei os dentes, pus loção de barbear na cara, e depois voltei ao espelho para um exame minucioso. Parecia estar um bocado mais apresentável. As náuseas também tinham desaparecido. Só tinha a cabeça um tanto ou quanto turva.

Troquei de *boxers* e vesti uma camisola interior lavada. Sentei-me na varanda, encostado a uma coluna, à espera que o cabelo secasse ao ar e a contemplar o jardim. Esforcei-me por organizar os acontecimentos dos últimos dias. Primeiro que tudo, o telefonema do tenente Mamiya. Teria sido na véspera?... Sim, sem dúvida, isso tinha acontecido na manhã do dia anterior. Depois a minha mulher tinha saído de casa. Eu tinha subido o fecho de correr das costas do vestido. E tinha encontrado a caixa da água-de-colónia. A seguir entrara em cena o tenente Mamiya, que me tinha feito o estranho relato de um episódio passado na guerra. Uma história em que ele tinha sido capturado por soldados mongóis e atirado para dentro de um poço. Ele tinha-me deixado ficar uma recordação do senhor

Honda, por sinal uma caixa vazia. À noite Kumiko ainda não regressara a casa. Nessa mesma manhã, tinha ido levantar a roupa na lavandaria a seco ao pé da estação. E tinha desaparecido. Sem deixar rasto nem prevenir no escritório. Era tudo o que acontecera no dia anterior.

Custava-me a crer que pudesse ter acontecido tudo isso. Demasiadas coisas para um só dia.

Enquanto dava voltas à cabeça para ver se percebia os acontecimentos, fui assaltado por uma terrível vontade de dormir. Um torpor estranho, a tocar as raias da violência. Um sono que tentava arrancar a minha consciência como alguém arranca a roupa de um ser indefeso. Sem pensar em nada, dirigi-me ao quarto, despi-me e enfiei-me na cama. Quis ver as horas no relógio que estava em cima da mesa-de-cabeceira, mas nem sequer fui capaz de virar a cabeça. Fechei os olhos e mergulhei de imediato nas profundezas de um sono sem fim.

No sonho, subia o fecho do vestido de Kumiko. Via as suas costas brancas e acetinadas. Mas quando acabava de puxar o fecho até cima, dava-me conta de que não era Kumiko mas sim Creta Kano. Estávamos os dois sozinhos no quarto.

Era o mesmo quarto do sonho anterior. A suíte de um hotel. Sobre a mesa havia uma garrafa de *Cutty Sark* e dois copos. Havia também um balde em aço inoxidável cheio de cubos de gelo. Alguém passava no corredor a falar muito alto. Não captava as palavras, mas parecia uma língua estrangeira. Do tecto pendia, apagado, um lustre. A única fonte de luz no quarto provinha de uns apliques de parede que forneciam uma luz ténue. Os espessos cortinados também estavam cuidadosamente corridos.

Creta Kano trazia um dos vestidos de Verão de Kumiko. O azul-claro, com um motivo bordado em forma de pássaros. A saia dava-lhe ligeiramente acima do joelho. Como de costume, a maquilhagem de Creta Kano fazia lembrar a de Jacqueline Kennedy. No braço esquerdo usava duas pulseiras iguais.

«Escuta uma coisa, onde é que arranjaste esse vestido? É teu?», perguntava-lhe eu.

Creta Kano olhava para mim. Depois fazia que não com a cabeça. Ao fazer esse movimento, as pontas do seu cabelo, enroladas para dentro, oscilavam com elegância.

«Não, não é meu. Pedi-o emprestado, mais nada. Mas não se preocupe, senhor Okada. Ninguém vai ter problemas por causa disso.»

«Onde diabo estamos nós?», continuava eu a perguntar.

Creta não respondia. Eu estava sentado na cama, como antes. Usava um fato e a gravata às pintas.

«Não tem que pensar em nada, senhor Okada», dizia Creta Kano. «Não tem de se preocupar com nada. Vai correr tudo bem.»

E, tal como da primeira vez, abria-me a braguilha das calças, tirava o pénis para fora e metia-o na boca. A única coisa diferente era que não se despia, ficava o tempo todo com a roupa de Kumiko vestida. Pela parte que me tocava, tentava mexer-me, mas era como se tivesse o meu corpo amarrado por fios invisíveis. Na sua boca, sentia o meu pénis ficar automaticamente maior e mais duro.

Via como as suas pestanas postiças se mexiam e as pontas onduladas do seu cabelo vibravam. As duas pulseiras entrechocavam-se fazendo um ruído seco. A língua dela, comprida e macia, parecia enrolar-se à volta do meu pénis, percorrendo-o todo. Quando eu me estava quase a vir, Creta afastava-se de mim. E começava a despir-me devagarinho. Tirava-me o casaco, a gravata, as calças, a camisa, a roupa interior e obrigava-me a ficar deitado de costas, nu. Ela, porém, não se despia.

Sentada na cama, pegava numa das minhas mãos e enfiava-a debaixo do vestido. Não trazia cuecas. Os meus dedos sentiam o calor do seu sexo. Profundo, quente, muito húmido. E penetravam lá dentro sem encontrar resistência, como que absorvidos.

«Oiça, Noboru Wataya deve estar quase a chegar, não é verdade?», perguntava. «Não estava à espera dele?»

Sem dizer palavra, Creta pousava docemente a mão na minha testa.

«Não quero que pense em nada, senhor Okada. Deixe isso connosco, nós ocupamo-nos de tudo.»

«Nós?», interrogava-me eu. Mas não obtinha resposta.

Então Creta Kano punha-se em cima de mim, montada como num cavalo, agarrava com uma mão o meu sexo em riste e introduzia-o dentro de si, até ao fundo. Depois iniciava um lento menear de ancas. À medida que se movia, a bainha do seu vestido azul-claro acariciava os músculos das minhas coxas e o meu ventre nu. A cavalo em mim, com a orla do vestido assim levantada, Creta Kano parecia um enorme cogumelo mole que, a coberto da noite, assomara em silêncio por entre a folhagem e mostrara a sua face sob as asas protectoras da noite. A sua vagina era a um tempo quente e fria. Envolvia-me, atraía-me para o seu interior, ao mesmo tempo que me empurrava para fora. A minha erecção era cada vez maior e mais forte. O meu pénis parecia que ia explodir. Era uma sensação muito estranha, algo que ia para além do desejo e do prazer. Sentia que uma parte dela, um elemento específico, ia penetrando pouco a pouco em mim, passando através do meu sexo.

Com os olhos fechados e o queixo ligeiramente erguido, Creta Kano balançava de forma cadenciada o corpo para a frente e para trás, como se estivesse a sonhar. Debaixo do vestido, o seu peito subia e descia ao ritmo da respiração. Tinha algumas madeixas de franja caídas sobre a testa. Eu imaginava-me perdido, a flutuar no meio de um mar imenso. Fechava os olhos e ficava à escuta, à espera de ouvir o rumor das ondas que me batiam na cara. O meu corpo estava mergulhado num oceano de água doce e morna. A maré subia lentamente. Arrastado por ela, sentia-me à deriva. Tal como Creta Kano me tinha dito, tentava não pensar em nada. Fechava os olhos, abandonava o corpo e deixava-me ir ao sabor da corrente.

De repente, dava conta de que o quarto tinha mergulhado nas trevas. Queria olhar para o que estava à minha volta, mas não via praticamente nada. Os apliques de parede estavam apagados. A única coisa que vislumbrava era o vestido azul de Creta Kano a ondular por cima de mim.

«Esquece», dizia ela. Mas não era a voz de Creta Kano. «Esquece tudo o mais... Como se estivesse a dormir, a sonhar. Como se estivesse mergulhado em lama quente. Todos nós vimos do barro quente e ao barro quente tornaremos.»

Era a voz da mulher ao telefone. A que estava montada em cima de mim a fazer amor comigo era a mulher das chamadas misteriosas. E, como seria de esperar, envergava o vestido de Kumiko. Sem me dar conta, a certa altura aquela mulher havia ocupado o lugar de Creta Kano. Queria dizer alguma coisa, mas não sabia o quê. Mas sabia, isso sim, que queria dizer qualquer coisa. Contudo, estava terrivelmente perturbado e a voz não me saía. À falta de palavras, tudo o que saía da minha boca era uma golfada de ar quente. Abria bem os olhos e esforçava-me por ver a cara da mulher que tinha sobre mim. Mas o quarto estava demasiado escuro.

Sem acrescentar mais nada, a mulher começava a mover as ancas de maneira ainda mais provocante do que antes. A sua carne suave envolvia o meu membro e apertava-o suavemente. Era como um animal dotado de vida própria. Nas suas costas ouvia girar uma maçaneta a rodar. Ou, pelo menos, assim me parecia. Algo lançava um clarão branco na escuridão. Talvez fosse o balde de gelo,

em cima da mesa-de-cabeceira, a reflectir a luz do corredor. Ou então, o reflexo de uma faca afiada. Mas não conseguia ir mais longe no meu raciocínio. E vim-me.

Tomei um duche, limpei-me bem e lavei à mão os calções manchados de esperma. «Bonito! Só a mim!», pensei. Era o que me faltava, andar a ter sonhos eróticos, logo numa altura em que é tudo tão complicado na minha vida.

Voltei a mudar de roupa, e voltei a sentar-me na varanda a olhar para o jardim. Infiltrando-se através da espessa vegetação, os fulgurantes raios de sol pareciam estar a dançar. Graças à chuva que caíra sem parar nos últimos dias, a erva de um verde-vivo despontava, orgulhosamente, aqui e ali, emprestando ao jardim um ligeiro ar de decadência e estagnação.

De novo Creta Kano. Era a segunda vez, num curto espaço de tempo, que ejaculava durante o sono, e das duas vezes a sonhar com Creta Kano. Nunca desejara ir para a cama com ela. Nem por um momento me tinha passado isso pela cabeça. Mas a verdade é que acabava sempre naquele quarto a ter relações sexuais com Creta Kano. Não compreendia a razão. E quem diabo seria aquela mulher do telefone que às tantas tomara o lugar de Creta Kano? Pelos vistos, ela sabia quem eu era. E afirmava que também eu a conhecia. Passei em revista, uma a uma, todas as mulheres com quem tinha ido para a cama. A mulher ao telefone não era nenhuma delas. Contudo, havia *qualquer coisa* nela que havia despertado um eco na minha cabeça. E isso estava a irritar-me.

Era como se alguma recordação estivesse a tentar sair de dentro de uma caixinha. Sabia-a ali, sentia-a a mexer-se insidiosamente lá dentro. Só precisava de uma pequena pista. Se eu conseguisse puxar a ponta do novelo, tudo se desenrolaria com facilidade. De resto, o mistério estava à espera que eu o desvendasse. Mas eu não conseguia encontrar o fio à meada.

Por fim desisti. «Não penses em nada... Como se estivesses a dormir, a sonhar. Como se estivesses mergulhado em lama quente. Todos nós vimos do barro quente, e ao barro quente tornaremos.»

Às seis horas ainda ninguém tinha telefonado. Só May Kasahara é que aparecera para me ver. Disse que tinha muita sede e que lhe estava mesmo a apetecer uma cerveja. Fui ao frigorífico buscar uma lata fresca e bebemos a cerveja a meias. Como tinha fome, peguei em fiambre e em folhas de alface, meti entre duas fatias de pão e fiz uma sanduíche. Ao ver-me comer, May Kasahara disse que também queria a mesma coisa. Arranjei-lhe uma igual. Comemos a sanduíche em silêncio, bebendo a nossa cerveja. Volta e meia, eu lançava uma olhadela ao relógio de parede.

– Não há televisão nesta casa? – perguntou ela.

– Não, nada de televisão – respondi eu.

May Kasahara mordiscou os lábios.

– Sim, já desconfiava. Porquê? Não gostas de ver televisão?

– Não se pode dizer que *não goste*. O que acontece é que a televisão não me faz falta nenhuma.

May Kasahara deixou cair o assunto, antes de voltar à carga.

– Há quantos anos é que estás casado, Pássaro de Corda?

– Seis.

– E durante todo este tempo conseguiram passar sem televisão?

– Sim. Ao princípio não tínhamos dinheiro para comprar uma. E depois habituámo-nos à vida sem

televisão. É agradável viver assim, mais calmo.

– De certeza que devem ter sido felizes os dois.

– O que te leva a dizer isso?

Ela fez uma careta.

– Eu, sem televisão, não aguentava nem um dia.

– Isso quer dizer que és infeliz?

May Kasahara não respondeu.

– A verdade é que Kumiko ainda não voltou para casa. E agora o senhor Pássaro de Corda já não tem razão para estar feliz da vida.

Assenti e emborquei um gole de cerveja.

– É mais ou menos isso.

E era mais ou menos aquilo.

May pôs um cigarro na boca e, com um movimento estudado, acendeu-o com um fósforo.

– Escuta uma coisa, senhor Pássaro de Corda – disse ela. – Quero que sejas sincero comigo e que me respondas a uma pergunta. Achas que sou feia?

Pousei o copo de cerveja e pus-me a olhar outra vez para May Kasahara. Tinha estado vagamente a pensar noutra coisa enquanto falávamos. Vestia um *top* preto que lhe ficava demasiado grande e deixava entrever o volume dos seus seios de rapariguinha cada vez que se inclinava para a frente.

– Não és nada feia, isso garanto-te eu. Por que me fazes essa pergunta?

– Porque um rapaz com quem andava passava a vida a dizer que eu era um aborto e tinha as mamas pequenas.

– O rapaz que teve o acidente de moto?

– Sim. Esse mesmo.

Fiquei a ver May Kasahara soprar lentamente o fumo do cigarro pela boca.

– Nessa idade os rapazes dizem muitas vezes esse género de coisas. Não sabem expressar bem os seus sentimentos e, então, dizem e fazem coisas que não têm nada que ver com o que pensam. Para além de magoarem os outros inutilmente, acabam também por se magoar a si mesmos. Seja como for, de feia não tens nada. Acho-te até muito bonita, sinceramente. E olha que não estou a fazer-te nenhum favor.

May Kasahara ficou por momentos a pensar sobre o que eu lhe tinha dito. Deitou a cinza para dentro da lata de cerveja.

– Acha a sua mulher bonita, senhor Pássaro de Corda?

– É possível, não sei... Há quem pense que sim, e quem pense que não. É uma questão de gosto.

– Hmm, estou a ver – fez May Kasahara. E pôs-se a tamborilar com as unhas no copo, com todo o ar de quem está chateado.

– Como é que correram as coisas com o teu namorado da moto? – perguntei. – Já não andas com ele?

– Já não – respondeu May Kasahara, apalpando ligeiramente a cicatriz no canto do olho esquerdo. – Nem penso voltar a pôr-lhe a vista em cima, disso podes estar certo. Duzentos por cento certo. Aposto o dedo mínimo do pé direito. Olha, agora não me está a apetecer falar disso. Sabes, algumas coisas, quando nos pomos a falar delas deixam de ser verdadeiras, tornam-se falsas. Entendes o que digo, senhor Pássaro de Corda?

Olhei de relance para o telefone na sala de estar. Repousava em cima da mesa, mergulhado num

manto de silêncio. Parecia uma criatura do fundo dos mares, fingindo-se inanimada à espera da sua presa.

– Um dia, senhor Pássaro de Corda, falar-te-ei dele. Mas só quando me der na gana. Agora, não. Por enquanto não me apetece.

Foi a vez de ela olhar para o seu relógio de pulso.

– Bom, está na hora. Tenho de me ir embora. Obrigada pela cerveja.

Acompanhei May Kasahara até ao muro do jardim. A Lua, quase cheia, derramava os seus grãos de luz sobre a Terra. Ao ver a lua cheia, pensei que estava na altura do período de Kumiko. Mas isso, provavelmente, já nada tinha que ver comigo. E ao pensar nisso fui assaltado por uma sensação estranha, como se o meu corpo se enchesse de um fluido desconhecido. Dir-se-ia que era aquilo a tristeza.

– Confessa, senhor Pássaro de Corda, ainda estás apaixonado por Kumiko, não estás?

– Julgo que sim.

– Mesmo que a tua mulher tivesse um amante e tivesse saído de casa para ir ter com ele, continuarias a amá-la? E se ela quisesse voltar para ti, aceitarias?

Suspirei.

– Essa é das difíceis. Teria de pensar no assunto quando me encontrasse nessa situação.

– Não te zangues, bem sei que estou a meter o nariz onde não sou chamada – disse May Kasahara, dando um pequeno estalido com a língua no céu da boca. – Não te chateies comigo. Perguntei por perguntar. Só queria saber o que sente um homem quando a mulher sai de casa sem dizer água vai. Sabes, ainda tenho muito que aprender nesta vida.

– Não estou zangado – retorqui.

Levantei de novo os olhos para a lua cheia.

– Bom, senhor Pássaro de Corda. Tem cuidado contigo. Espero que a tua mulher regresse e as coisas se componham – disse ela e, depois, com uma agilidade espantosa, saltou o muro e desapareceu na noite de Verão.

Quando ela se foi embora, voltei a ficar completamente sozinho. Fui sentar-me na varanda e dei por mim a pensar nas questões que May Kasahara colocara. Partindo do princípio de que Kumiko arranjava um amante e fora ter com ele, estaria disposto a aceitá-la caso ela quisesse voltar para casa? Não sabia. Para dizer a verdade, não sabia. Também eu tinha ainda muito que aprender nesta vida.

De repente tocou o telefone. Acto contínuo, estendi a mão e levantei o auscultador.

Do outro lado da linha ouviu-se uma voz de mulher.

– Está lá? – Era a voz de Malta. – É Malta Kano que fala. Desculpe passar a vida a telefonar, senhor Okada. Só queria perguntar-lhe se por acaso tem algum compromisso para amanhã.

Respondi-lhe que não tinha nada combinado. Compromissos era coisa que pura e simplesmente não fazia parte do meu mundo.

– Nesse caso, se fosse possível gostaria de me encontrar consigo amanhã ao meio-dia.

– Tem alguma coisa que ver com Kumiko?

– Eu diria que existe essa possibilidade – retorqui Malta Kano, escolhendo as palavras a dedo. – Creio que o senhor Noboru Wataya estará igualmente presente.

Ao ouvir aquilo, quase deixei cair o aparelho.

– Está a dizer-me que vai ser uma conversa a três?

– Sim, pode dizer-se que tudo aponta nesse sentido – disse Malta Kano. – A situação actual assim o exige. Tenho muita pena, mas pelo telefone não posso entrar em mais explicações.

– Percebo. Nesse caso, de acordo.

– Dá-lhe jeito à uma da tarde, no mesmo sítio do outro dia? A cafetaria do Hotel Pacific, em Shinagawa?

– À uma na cafetaria do Hotel Pacific – repeti. E desliguei.

Às dez recebi uma chamada de May Kasahara. Não tinha nada de especial para me dizer. Só queria conversar com alguém. Ficámos um bom bocado a falar de tudo e de nada.

– Diz-me uma coisa, senhor Pássaro de Corda – perguntou ela, no fim. – Recebeste alguma boa notícia?

– Nem uma – respondi. – Nicles.

Tem a palavra Noboru Wataya

A história dos macacos da ilha de merda

Cheguei à cafetaria dez minutos antes da uma, mas Noboru Wataya e Malta Kano já estavam sentados a uma mesa, à minha espera. Era hora de refeição e o estabelecimento estava cheio, mas dei imediatamente pela presença de Malta Kano. Não deve haver neste mundo muitas pessoas que andem com um chapéu de plástico vermelho numa tarde soalheira de Verão. A não ser que tivesse uma colecção de chapéus todos da mesma forma e da mesma cor, devia ser o que trazia no nosso primeiro encontro. E, tal como da última vez, ia vestida com elegância e bom gosto: um casaco branco de linho de manga curta e, por baixo, um camiseiro de algodão com o decote rente ao pescoço. O conjunto era de uma brancura imaculada, sem uma ruga. Não tinha jóias nem maquilhagem. Apenas o chapéu vermelho de plástico destoava visivelmente, tanto pelo estilo como pela qualidade do material. Assim que me instalei, ela tirou o chapéu, como se tivesse estado à minha espera para fazer esse gesto, e pousou-o sobre a mesa, ao lado de uma malinha de pele amarela. Tinha mandado vir uma água tônica mas, pelos vistos, ainda não lhe tocara. O líquido, como que incomodado de se encontrar ali, inutilmente contido dentro daquele grande copo, entretivera-se a produzir pequenas bolhas.

Noboru Wataya usava óculos de sol com lentes verdes. Quando me sentei, tirou-os e ficou a olhar fixamente para eles na mão por momentos, mas acabou por voltar a pô-los. Trazia um casaco desportivo de algodão azul-marinho e, por baixo, um pólo branco acabadinho de estrear.

Pedi um café e bebi um gole de água gelada.

Até aqui ainda ninguém tinha pronunciado uma única palavra. Noboru Wataya, esse parecia nem sequer ter dado pela minha chegada. Para ter a certeza de que não era transparente, pousei uma das mãos sobre a mesa e virei-a e revirei-a várias vezes. O empregado apareceu, depositou uma chávena e serviu-me café da cafeteira. Depois de ele se ter ido embora, Malta Kano aclarou ligeiramente a garganta, como se estivesse a experimentar um microfone, mas continuou sem dizer nada.

Noboru foi o primeiro a usar da palavra.

– Tenho pouco tempo, por isso acho melhor falarmos com toda a franqueza e o mais directamente possível.

Dir-se-ia que estivera a falar para o açucareiro de aço inoxidável que estava no centro da mesa, mas era óbvio que se dirigia a mim. Se bem que o açucareiro, estrategicamente entre nós os dois, fosse um interlocutor mais cómodo.

– E de que assunto temos de falar com toda a franqueza e o mais directamente possível? – perguntei eu, sem papas na língua.

Noboru Wataya resolveu-se finalmente a tirar os óculos, dobrou as hastes e colocou-os em cima da mesa. Depois olhou para mim. Deviam ter passado três anos desde a última vez que lhe tinha posto a

vista em cima, e trocado duas palavras com o homem, mas custava-me a crer que tivesse passado tanto tempo. Talvez porque a sua cara passava a vida a aparecer no pequeno ecrã e nas revistas, pensei. Quer gostemos quer não, quer queiramos quer não, certo tipo de informação penetra como fumo nos olhos e na mente das pessoas.

Ao tê-lo ali diante de mim e ao olhar bem para ele, dei-me conta do muito que havia mudado a expressão do seu rosto ao longo daqueles três anos. O ar turvo e quase estagnado que lhe conhecera desde a primeira vez tinha sido empurrado para o fundo, e mostrava-se agora coberto por qualquer coisa, uma pátina brilhante e artificial. Em poucas palavras, Noboru Wataya descobrira uma máscara nova, nitidamente mais sofisticada. Uma máscara muito bem conseguida, sem sombra de dúvida. E, porque não dizê-lo, uma nova pele? Máscara ou pele, o certo é que até eu era obrigado a reconhecer que essa *qualquer coisa* exercia uma espécie de fascínio. E foi então que percebi: olhar para ele era o mesmo que olhar para o ecrã de um televisor, pensei. Ele expressava-se como as pessoas que aparecem na televisão, comportava-se como elas. Dava a impressão de que entre nós os dois existia uma barreira de vidro. Ele estava de um lado, e eu do outro.

– Como deves imaginar, estamos aqui hoje para falar de Kumiko – disse Noboru Wataya. – E do vosso respectivo futuro, do teu e do dela.

– Do nosso respectivo futuro? – perguntei eu, erguendo a chávena e bebendo um gole de café. – Não podias ser um pouco mais concreto?

Noboru Wataya fitou-me com um olhar estranhamente inexpressivo.

– Mais concreto, dizes tu? Não estás por certo a contar ficar eternamente nesta situação, pois não? Kumiko tem um amante. Saiu de casa e deixou-te sozinho, aí é que está o busílis. Essa situação não é boa para ninguém.

– Tem um amante?

– Esperem um momento, por favor – interveio Malta Kano. – A história tem uma sequência lógica, vamos por partes. Senhor Wataya, senhor Okada, peço-lhes que respeitem uma certa ordem cronológica.

– Não estou a ver porquê – afirmou Noboru Wataya, com uma voz maquinal, desprovida de vida. – Que diabo é isso de uma ordem cronológica em toda esta história? Não estou a ver...

– Deixe-o falar primeiro – pedi a Malta Kano. – Depois, entre nós, logo trataremos de ordenar os acontecimentos como deve ser. Se é que a história o permite, claro está.

Malta Kano olhou para mim durante alguns segundos mordendo ligeiramente os lábios, mas depois fez um pequeno sinal afirmativo com a cabeça.

– Muito bem. Tem então a palavra, senhor Wataya.

– Kumiko encontrou outro homem. E agora foi viver com ele. Isso é mais que certo. Numa situação destas, não faz qualquer sentido que continuem casados. Por sorte não há filhos pelo meio e, tendo em vista as circunstâncias, não há necessidade de se proceder a compensações financeiras de espécie alguma, pelo que tudo será mais rápido. Bastará, para isso, que o nome de Kumiko seja apagado do teu registo de família. Pedes ao teu advogado que prepare um documento, depois é só meter o vosso selo, e acabou! É bom que saibas uma coisa de antemão, para evitar futuros mal-entendidos: tudo o que acabo de dizer é uma decisão irrevogável da família Wataya.

Cruzei os braços e fiquei ali a matutar nas suas palavras.

– Tenho várias perguntas. Em primeiro lugar, como é que sabes que Kumiko tem um amante?

– Disse-mo ela pessoalmente – respondeu Noboru Wataya.

Não sabendo bem como reagir, permaneci calado, com as mãos pousadas sobre a mesa. Não conseguia imaginar Kumiko a entrar em confidências tão íntimas com Noboru Wataya, era uma coisa que não me entrava na cabeça.

– Kumiko telefonou-me há coisa de oito dias e comunicou-me que precisava de falar comigo – continuou ele. – Encontrámo-nos e discutimos a situação. Foi então que ela me disse taxativamente que andava com outro homem.

Pela primeira vez em meses, senti vontade de fumar. Como era óbvio, não tinha cigarros comigo. Em vez disso, bebi mais um gole de café e voltei a pousar a chávena em cima do pires num gesto seco que fez barulho.

– Foi por isso que saiu de casa – acrescentou ele.

– Estou a ver – disse eu –, se tu o dizes... Kumiko tem um amante. E foi ter contigo a fim de pedir conselho. Confesso que tenho as minhas dúvidas, mas não posso crer que fosses capaz de mentir sobre uma coisa assim tão grave.

– É evidente que não estou a mentir – disse Noboru, com um arremedo de sorriso irónico ao canto da boca.

– E isso é tudo o que tens para me dizer? Que Kumiko se foi embora com outro homem e que, como tal, devo conceder-lhe o divórcio?

Noboru Wataya assentiu com um gesto vago, como se estivesse a poupar energia.

– Parto do princípio de que não é novidade para ti o facto de eu não ter concordado com o vosso casamento. Como o assunto não me dizia respeito, achei por bem não manifestar pessoalmente a minha oposição, mas agora, do modo como evoluiu a situação, penso que deveria tê-lo feito. – Dito isto, bebeu um gole de água e voltou a pousar o copo sem fazer barulho. Em seguida prosseguiu: – Desde a primeira vez que nos encontramos, soube logo que não podia esperar grande coisa de ti. Nunca consegui lóbrigar em ti um único elemento positivo que te permitisse fazer alguma coisa de interessante na vida ou converteres-te num ser humano respeitável. Desde o princípio que nunca possuíste nada na tua personalidade que te permitisse brilhar ou lançar luz sobre qualquer coisa. Pressenti sempre que tudo aquilo a que te abalançasses ficaria a meio, que nunca conseguirias levar nada até ao fim. E os factos dão-me razão. Passaram seis anos desde que casaste com a minha irmã. E durante todo este tempo, pode dizer-se que fizeste o quê? Nada. É verdade ou não? Ao fim de seis anos, a única coisa que conseguiste foi deixar a empresa onde trabalhavas e passares a constituir um fardo para Kumiko. E agora, não tens trabalho, nem um projecto de futuro. Para ser franco, dentro dessa tua cabeça não existe mais nada a não ser pedras, calhaus e lixo.

«Quanto ao que Kumiko poderá ter visto em ti, confesso que continuo sem perceber. Talvez ela tenha encontrado alguma coisa de interessante no meio dos calhaus e do lixo, mas, em última análise, pedras são pedras e lixo é lixo. Resumindo, o que começa mal, dificilmente se recompõe. Claro que Kumiko também teve a sua quota-parte de culpa. Desde pequena que aquela rapariga sempre teve os seus pequenos defeitos, por uma razão ou outra. De resto, deve ter sido por isso que se sentiu momentaneamente atraída por ti, mas agora isso acabou. Seja como for, visto que as coisas tomaram este rumo, o melhor é pôr um ponto final no assunto, e quanto mais depressa melhor. Os meus pais e eu encarregamo-nos de Kumiko. Tu, não penses mais nela. E não tentes encontrá-la. Ela já não tem nada que ver contigo. Se continuares a insistir e a meter-te onde não és chamado, acabarás por arranjar problemas. O que tens a fazer é desaparecer de cena e recomeçares a tua vida em qualquer parte – uma vidamais em harmonia contigo próprio. É o melhor para ti e para todos nós.

Noboru Wataya deixou claro que havia terminado o seu discurso, acabando com a água que ficara no copo. Chamou o empregado e mandou vir mais.

– Era tudo o que tinhas para me dizer? – arrisquei-me a perguntar. – Não há mais nada?

Desta vez Noboru Wataya limitou-se a responder que não com um ligeiro movimento de cabeça.

– Nesse caso – continuei, dirigindo-me a Malta Kano –, o que é que se segue na ordem de trabalhos desta discussão?

Malta Kano tirou um lenço branco do bolso e secou os cantos da boca. Depois tirou o chapéu vermelho de cima da mesa e colocou-o em cima da bolsa.

– Esta história deve ter sido um grande choque para si, senhor Okada – disse Malta Kano. – Mas quero desde já que saiba que também para mim é extremamente penoso estar aqui sentada diante de si a discutir esta questão.

Noboru Wataya deitou uma olhadela ao relógio como se quisesse confirmar que a Terra continuava a girar sobre o seu eixo e ele ali a perder o seu rico tempo.

– Estou a ver – referiu Malta Kano – que chegou a hora de abordarmos a questão da maneira mais directa e franca possível. Primeiro que tudo, senhor Okada, a sua mulher veio ter comigo para me pedir conselho.

– Aconselhada por mim – interveio Noboru Wataya. – Kumiko telefonou-me por causa do gato e fui eu que pus as duas em contacto.

– Isso foi antes ou depois do nosso encontro aqui? – perguntei eu a Malta Kano.

– Antes.

– Nesse caso – alvitrei eu –, se estabelecermos uma ordem cronológica, as coisas devem ter acontecido assim: Kumiko teve conhecimento da sua existência através de Noboru Wataya. Foi consultá-la por causa do gato desaparecido. Em seguida, desconheço por que razão, escondeu de mim o facto de ter falado consigo e mandou-me ir vê-la – o que eu fiz, neste mesmo local. Deve ser mais ou menos isto, em resumo, não?

– Sim, pode dizer-se que aconteceu tudo aproximadamente dessa maneira – retorquiu Malta Kano, com uma certa relutância. – Na minha primeira conversa com a sua mulher, só falámos do gato. Mas eu senti que havia ali algo mais profundo, de mais pessoal, por trás daquela história. Foi por isso que fiz questão de me encontrar consigo, senhor Okada. Por isso quis vê-lo e falar directamente com o senhor. Depois voltei a estar com a sua mulher, para aprofundar aquilo a que poderemos chamar as questões pessoais.

– E foi nessa altura que Kumiko lhe disse que tinha um amante?

– Resumindo, é isso. Atendendo à minha posição, não me é possível fornecer-lhe informações mais concretas.

Deixei escapar um suspiro. Suspirar não resolvia nada, mas não o pude evitar.

– O que significa que Kumiko andava com esse homem há já algum tempo?

– Há dois meses e meio, pouco mais ou menos.

– Dois meses e meio! – exclamei eu. – Como é que em dois meses e meio não dei por nada?

– Porque, senhor Okada, não tinha qualquer razão para desconfiar da sua mulher – replicou Malta Kano.

Assenti.

– É um facto. Confesso que semelhante coisa nunca me tinha passado pela cabeça. Nunca imaginei que Kumiko me pudesse mentir assim, e mesmo agora ainda me custa a crer.

– Independentemente dos resultados, a capacidade de uma pessoa acreditar piamente numa outra é das qualidades mais belas do ser humano.

– Uma coisa praticamente impossível – asseverou Noboru Wa-taya.

O empregado aproximou-se e serviu mais café. Na mesa ao lado, uma rapariga ria à gargalhada.

– De uma vez por todas, qual é o motivo deste encontro? – perguntei eu a Noboru Wataya. – Por que é que nos encontramos os três aqui reunidos? Para me convencer a dar o divórcio a Kumiko? Ou existe alguma cartada na manga? Assim à primeira vista, o que tu disseste tem uma certa lógica, mas, analisando bem, há partes que não fazem sentido, para não dizer que são ambíguas. Afirmas que Kumiko tem um amante e que foi por isso que saiu de casa. Para onde foi ela, nesse caso? O que anda a fazer? Está sozinha ou na companhia desse homem? Por que razão não entrou em contacto comigo? Se é verdade que arranjou outra pessoa, não há nada a fazer, é o fim. Mas enquanto não ouvir a verdade da sua boca, não acredito em nada. Expliquei-me bem? Eu e ela somos as únicas pessoas interessadas. Só nós dois é que podemos discutir a questão e tomar uma decisão. Tu não tens o direito de te imiscuir no assunto.

Noboru Wataya pôs de lado o copo com chá gelado em que ainda não havia tocado.

– Se estamos aqui, é para te dar a conhecer a situação – disse ele. – Fui eu que pedi à senhora Kano para vir comigo, pensando que seria melhor que estivesse presente uma terceira pessoa. Quem é o amante de Kumiko e onde é que ela poderá estar, isso não sei. Ela é maior e vacinada e, como tal, livre de agir como bem entender. E mesmo que soubesse onde está, não to diria. Agora, se Kumiko não entrou em contacto contigo, é porque não quer falar contigo.

– O que não entendo é por que diabo quis ela falar contigo. Segundo julgo saber, a vossa relação não era lá muito estreita, por assim dizer.

– E tu, se é verdade que tens uma relação assim tão estreita com Kumiko, não me dirás por que é que ela anda a dormir com outro?

Malta Kano tossicou discretamente.

– Kumiko veio ter comigo para me contar que tinha uma relação com outro homem e que pretendia ver o assunto resolvido de uma vez por todas – explicou Noboru Wataya. – Pela minha parte, aconselhei-a a divorciar-se. Ela disse que ia pensar no assunto.

– É tudo?

– Que diabo pode haver mais?

– Não a estou a ver a ir ter contigo – respondi. – Para dizer a verdade, és a última pessoa que Kumiko iria consultar sobre um assunto tão importante como este. Teria procurado encontrar uma solução sozinha. Ou então teria procurado falar directamente comigo. Não será que ela foi ter contigo por outra razão? Uma coisa que ela queria discutir contigo, cara a cara, e que dizia respeito aos dois?

Noboru Wataya permitiu-se esboçar um vago sorriso. Desta vez, tratava-se de um sorriso pálido e glacial, como a Lua em quarto crescente flutuando no céu da manhã.

– Lá dizem as más-línguas, pela boca morre o peixe – disse ele, numa voz baixa mas perfeitamente audível.

– Pela boca morre o peixe? – repeti eu para comigo mesmo.

– Estou enganado? A tua mulher anda metida com outro, sai de casa e tu não descansas enquanto não deitas as culpas para cima de mim. Nunca ouvi nada tão estúpido! Olha, se queres mesmo saber, não vim até aqui de minha livre vontade. Estou aqui porque não tive outro remédio. Para mim, tudo

isto é uma pura perda de tempo. É o mesmo que estar a perder o meu rico tempo.

Quando ele acabou de fazer o seu discurso, abateu-se um profundo silêncio sobre a mesa.

– Conheces a história dos macacos na ilha de merda? – perguntei eu a Noboru Wataya.

Ele abanou a cabeça, sem evidenciar o mínimo interesse.

– Não, não conheço.

– Algures, numa terra distante, havia uma ilha de merda. Sem nome nem nada. Uma ilha de merda com a forma de um monte de merda. Ali cresciam palmeiras com uma forma de merda. E as palmeiras davam cocos que sabiam a merda. Mas ali também havia macacos que adoravam os cocos que sabiam a merda. E cagavam excremento de merda. A merda caía na terra, aumentava a camada de merda e as palmeiras de merda que ali cresciam eram cada vez mais de merda. Um círculo vicioso.

Bebi o resto do café.

– Aqui sentado a olhar para ti, lembrei-me da história da ilha de merda – disse eu a Noboru Wataya. – O que estou a querer dizer é que há um tipo de merda, um tipo de podridão, uma certa obscuridade que se alimenta de si própria, formando um círculo vicioso que cresce rapidamente por força desse mesmo ciclo vital. Para além de um certo ponto, nada nem ninguém o pode deter. Nem sequer *o próprio interessado*.

A face de Noboru Wataya continuava impassível. O sorriso desvanecera-se, mas também não se via sombra de perturbação. Tudo o que eu conseguia vislumbrar era uma pequenina ruga entre as sobrancelhas. Não me lembrava de a ter visto antes.

– Estás a ver onde quero chegar? – prossegui. – Sei *muito bem* que tipo de homem és tu. Acusas-me de ser um monte de pedras, calhaus e lixo. E estás convencido de que podes acabar comigo enquanto o diabo esfrega um olho. Olha que as coisas não são assim tão simples. Para ti, segundo a tua ordem de valores, não passo de lixo e calhaus, mas a verdade é que não sou tão estúpido como pensas. Sei perfeitamente o que existe por baixo dessa capa de verniz, destinada ao público televisivo, dirigida à opinião pública. Conheço o segredo que se esconde por baixo, e Kumiko também o conhece. E posso muito bem revelá-lo ao mundo, se me der na real gana. Expô-lo à luz do dia, a qualquer momento. Possivelmente, a coisa iria demorar o seu tempo, mas estou certo de que seria capaz. Posso ser um zero à esquerda, mas de saco de areia não tenho nada. Sou uma pessoa viva e, se me batem, devolvo o golpe. Vê se metes isto na cabeça de uma vez por todas.

Noboru Wataya fixava-me em silêncio, sem expressão. O seu rosto fazia lembrar um bloco de pedra flutuando no espaço. Quase tudo o que me tinha saído da boca para fora não passava de pura bazófia. A verdade é que desconhecia por completo qual o segredo de Noboru Wataya. Que no seu íntimo ele devia ter qualquer coisa de profundamente pervertido, isso não era difícil de adivinhar. Agora, no que consistiria essa «coisa», não tinha maneira de o saber. As minhas palavras, contudo, haviam tocado em algo dentro dele. Consegui ler isso no seu rosto. Não fez troça das minhas palavras, não tentou apanhar-me em contradição nem apontar o dedo aos meus pontos fracos, como tinha por hábito fazer aos seus opositores nos debates televisivos. Deixou-se ficar ali calado, impassível, sem mexer um músculo.

E então começou a produzir-se na sua cara um fenómeno insólito. Pouco a pouco, foi começando a ficar vermelho. Mas de uma maneira esquisita. Algumas zonas tornaram-se lívidas, outras adquiriram um tom rosáceo, e o resto de um branco estranhamente cadavérico. Aquilo fez-me pensar num bosque outonal onde crescessem, caprichosamente misturadas, todo o tipo de árvores, tanto de folha caduca como perene, dando forma a uma paleta caótica de cores.

Por fim, sem dizer palavra, Noboru Wataya levantou-se, tirou do bolso os óculos escuros e pô-los. A sua cara continuava todas às manchas, que pareciam agora indelevelmente estampadas. Malta Kano permanecia sentada, petrificada e muda. Pela minha parte, fingia que não era nada comigo. Noboru Wataya olhou para mim e fez menção de dizer qualquer coisa. Mas depois arrependeu-se e optou por ficar calado. Em vez disso, afastou-se da mesa sem dizer nada e desapareceu.

Depois de Noboru Wataya se ter ido embora, Malta Kano e eu continuámos em silêncio durante algum tempo. Eu sentia-me sem forças. O empregado aproximou-se e perguntou-me se eu queria outro café. Respondi-lhe que não. Malta Kano pegou no chapéu vermelho e examinou-o durante alguns minutos, acabando por pousá-lo na cadeira ao lado.

Notei um travo amargo na boca. Bebi um copo de água, mas o gosto não havia maneira de desaparecer.

Pouco depois Malta Kano falou.

– De vez em quando devemos abrir o coração e soltar o que nos vai na alma. Caso contrário, a corrente com tudo o que temos cá dentro pode estagnar. Agora que já disse o que queria, sente-se melhor, não é verdade?

– Em parte – respondi. – Mas isso não resolve as coisas. Nada terminou ainda.

– Não gosta do senhor Wataya, pois não?

– Cada vez que falo com ele, sinto um vazio terrível cá dentro. Tudo, mas rigorosamente tudo o que me rodeia, perde consistência aos meus olhos. Tudo o que vejo me parece vazio. Mas não consigo explicar exactamente porquê. E, por causa disso, às vezes acabo por dizer e fazer coisas que não parecem minhas. E depois sinto-me péssimo. Nada me daria mais alegria do que nunca mais voltar a ver este homem.

Malta Kano abanou insistentemente a cabeça.

– Infelizmente, ver-se-á obrigado a vê-lo muitas vezes no futuro. É inevitável.

Pensei que ela devia ter razão. Não me livraria assim tão facilmente dele.

Peguei no meu copo e bebi outro trago de água. De onde é que viria aquele sabor tão desagradável?

– Só há uma coisa que gostava de saber – disse eu a Malta Kano. – A senhora, em toda esta história, de que lado está? Do lado de Noboru Wataya ou do meu?

Malta Kano apoiou os cotovelos sobre a mesa e uniu as palmas das mãos.

– Não estou do lado de ninguém. Aqui não há «lados». Em toda esta história não existe nada disso. Não se trata aqui de encontrar o «cimo» e o «fundo», a «direita» e a «esquerda», a «parte da frente» e a «parte de trás», senhor Okada.

– Assim dito, mais parece uma parábola *zen*. Como sistema de pensamento é interessante, mas em si mesmo não explica o que quer que seja.

Ela concordou com a cabeça. Depois separou cinco centímetros as palmas das mãos, que mantinha juntas à frente da cara, e virou-as ligeiramente para mim, até formar um determinado ângulo. Tinha as palmas das mãos pequenas e bem-feitas.

– Sei que as minhas palavras pecam por ser demasiado ambíguas, e compreendo perfeitamente a sua irritação. Mas, numa altura destas, qualquer coisa que eu diga na prática de pouco ou nada lhe vai servir. Pelo contrário, só iria piorar as coisas. Deve conseguir vencer usando a sua própria força,

as suas mãos.

– Como no *Reino Selvagem*²⁸– disse eu, com um sorriso. – Quem vai à guerra, dá e leva.

– Exactamente – disse Malta Kano. – É isso mesmo.

Em seguida, como se estivesse a recolher os pertences de uma pessoa acabada de morrer, pegou delicadamente na bolsa e pôs na cabeça o chapéu de plástico vermelho. E eu fiquei com a estranha sensação de que, com esse gesto, uma unidade de tempo havia chegado ao fim.

Depois de Malta Kano se ter ido embora, deixei-me ficar sentado durante muito tempo sem pensar em nada de especial. A verdade é que não sabia para onde ir nem o que fazer quando me levantasse. Mas como não podia ficar ali sentado eternamente, passados vinte minutos paguei a despesa na totalidade e saí da cafetaria. Afinal de contas, nenhum dos outros dois tinha sequer pensado em pagar a sua despesa.

²⁸ Muito popular no Japão, série documental que retratava os animais selvagens no seu *habitat* natural exibida em tempos pela RTP, *Wild Kingdom* de seu título original. Estreada na década de 1960 na NBC, esta produção de culto manteve-se muitos anos no ar e conquistou vários prémios Emmy. (*N. da T.*)

A perda da graça divina

A prostituta da mente

De regresso a casa, encontrei à minha espera na caixa do correio um volumoso sobrescrito. Vinha da parte do tenente Mamiya. Como de costume, os caracteres que indicavam o meu nome e a morada estavam inscritos a pincel e tinta-da-china numa bela caligrafia. Primeiro mudei de roupa, passei a cara por água e fui à cozinha beber dois copos de água fresca. Depois de respirar fundo, abri o sobrescrito.

O tenente Mamiya tinha redigido a carta de papel fino a esferográfica, enchendo por completo as cerca de dez páginas com uma letra miudinha. Fui virando as páginas, uma atrás da outra, e voltei a metê-las dentro do sobrescrito. Estava demasiado cansado para ler uma carta tão longa e não me achava com poder de concentração necessário. Ao seguir com o olhar aquelas colunas escritas à mão, pareceram-me um estranho enxame de pequenos insectos azuis. E na minha cabeça ressoava ainda vagamente o som da voz de Noboru Wataya.

Estendi-me no sofá e ali me deixei ficar durante muito tempo, sem pensar em nada de especial. Em momentos assim, e da maneira como me sentia, não se podia dizer que aquele fosse para mim um exercício particularmente difícil. Para não pensar em nada, é preciso pensar em muitas coisas ao mesmo tempo: basta uma pessoa concentrar-se um bocadinho em cada uma, para a seguir deixar que esse pensamento se perca no ar.

Eram quase cinco da tarde quando finalmente me decidi a ler a dita carta. Sentei-me na varanda, apoiado a uma coluna, e tirei as folhas do sobrescrito. A primeira página estava ocupada por frases convencionais: fórmulas de saudação adequadas à estação do ano, agradecimentos pelo facto de o ter convidado para minha casa no outro dia, desculpas por ter ficado tanto tempo e por me ter contado uma história que nunca mais acabava. O tenente Mamiya era um homem extremamente bem-educado. Era também um sobrevivente de uma época em que a cortesia desempenhava um papel muito importante na vida quotidiana. Essa primeira página, li-a por alto e passei à seguinte.

«Apresento-lhe as minhas desculpas, escrevia o tenente Mamiya, por me ter alongado tanto nos preliminares. O único motivo desta carta, mesmo correndo o risco de parecer pouco cortês e sabendo que pode representar uma maçada adicional para o senhor, é dar-lhe a conhecer que a história que lhe contei não é nem uma invenção minha nem tão-pouco resultado da memória confusa de um velho, mas sim, até nos mais ínfimos pormenores, a estrita e rigorosa verdade dos factos. Como por certo saberá, senhor Okada, há muito que a guerra acabou e, com o passar dos anos, é natural que as lembranças se vão, também elas, diluindo. Tal como as pessoas, também as recordações e os pensamentos envelhecem. Mas há pensamentos que nunca se apagam.

Até à data, nunca contei esta história a mais ninguém, senhor Okada. Provavelmente, aos ouvidos da maioria soaria extravagante este relato. A maior parte das pessoas ignora e evita as

coisas que transcendem os limites do seu entendimento, apelidando-as de absurdas e indignas de serem levadas em consideração. Como eu desejaria que a história que lhe contei não passasse, de facto, de uma invenção disparatada! Sobrevivi todos estes anos alimentando a indelével esperança de que se tratasse de um erro pregado pela memória, ou então fruto de uma visão, de um simples sonho. Esforcei-me desesperadamente por me convencer a mim próprio de que tudo não passava de uma ilusão, de um erro. Mas, cada vez que tentava em vão empurrar estes pensamentos para a noite escura da memória, eles vinham à superfície ainda com mais força, mais vívidos do que nunca. E como células cancerígenas, ganharam raízes na minha consciência e penetraram na minha carne.

Ainda hoje consigo recordar cada um dos pormenores de maneira extremamente viva e precisa, como se tivessem acontecido ontem. Posso tocar na areia e na erva e sentir o seu odor. Posso ver a forma das nuvens no céu. Até o vento seco carregado de areia açoitando-me as faces, eu sinto. Em contrapartida, são os acontecimentos posteriores da minha vida que se avultam aos meus olhos, como uma ilusão a meio caminho entre o sonho e a realidade.

O princípio da minha vida, dessa vida que só a mim pertence, morreu naquelas estepes da Mongólia Exterior, onde o olhar se perde sem encontrar obstáculos. Em seguida perdi a mão na terrível contra-ofensiva frente às unidades de carros de combate soviéticos que atravessaram a fronteira e invadiram o país. Conheci na pele sofrimentos inimagináveis, num gélido campo de concentração na Sibéria e, depois de regressar ao meu país, trabalhei durante trinta anos como professor de Ciência Sociais numa escola de província, e agora vivo sozinho, cultivando a terra. Mas todos estes anos me pareceram fruto de ilusão. O tempo passou por mim sem que eu desse por isso. A minha memória atravessa num instante estes longos anos de vazio e transporta-me num abrir e fechar de olhos até à planície selvagem de Hulunbuir.

O que destruiu a minha vida, o que a converteu numa concha vazia, foi aquela luz que vislumbrei no fundo do poço. Aquele brilhante raio de sol que penetrava directamente até ao fundo do poço apenas durante dez ou vinte segundos. Aquele raio que, uma única vez por dia, chegava de repente e se desvanecia tão bruscamente como tinha aparecido. Mas eu, durante os breves instantes de luz fugaz, vi mais coisas do que em toda a minha vida. E tendo visto a luz, deixei de ser quem era e transformei-me num homem novo.

Passaram mais de quarenta anos, mas ainda hoje não consigo apreender o significado exacto do que aconteceu no fundo daquele poço. O que agora lhe vou contar não passa, como tal, de uma mera hipótese, sem qualquer fundamento lógico. Ainda assim, de momento creio que esta teoria é a que mais se aproxima da experiência que vivi.

Atirado por soldados mongóis para o fundo de um poço seco, em pleno deserto da Mongólia, magoado nas pernas e no ombro, sem água nem comida, esperava apenas a morte. Pouco antes tinha visto um homem ser esfolado vivo. Nessas circunstâncias específicas, creio que a minha mente alcançara um estado de concentração tão exacerbado que, ao ser atingido pelo fulgor intenso daquela luz, fui capaz de descer até àquilo a que poderemos chamar o núcleo da minha própria consciência. Em todo o caso, logrei distinguir os contornos de uma forma. Tudo à minha volta estava banhado por aquela luz brilhante. E eu encontrava-me mesmo no centro desse jorro de luz. Os meus olhos não conseguiam ver nada. Estava inteiramente mergulhado na luz, mas dava para distinguir algo. No decorrer daquela momentânea cegueira, alguma coisa tentava ganhar forma. Uma presença animada de vida. Negra como a sombra de um eclipse solar, esforçava-se

por emergir. Não fui, porém, capaz de distinguir a sua forma com clareza. Procurava avançar na minha direcção. Procurava oferecer-me uma espécie de graça divina E eu esperava por ela, a tremer. Contudo, porque tivesse mudado de ideias ou porque não teve tempo suficiente, aquela «coisa» não logrou chegar até mim. No momento em que se preparava para ganhar corpo, diluiu-se na luz e desapareceu de novo. Depois a luz foi-se apagando. E o tempo de vida do raio luminoso no poço chegara ao fim.

Esta cena repetiu-se dois dias a fio. Exactamente o mesmo fenómeno. Alguma coisa começava a perfilar-se debaixo daquela luz brilhante e desaparecia sem conseguir ganhar forma. No fundo do poço sentia fome e sede – uma agonia terrível. Mas isso pouca ou nenhuma importância tinha. O que mais me fazia sofrer era não poder distinguir claramente essa presença que habitava a luz. Tinha fome de ver algo que precisava de ver, tinha sede de saber o que precisava de saber. Se tivesse sido capaz de divisar claramente os seus contornos, não me teria importado de morrer de fome e de sede. Acreditava piamente nisso. Teria renunciado a tudo e mais alguma coisa para conseguir ver a sua forma.

Mas aquela forma afastou-se de mim para sempre. Acabou tudo sem que me fosse concedida a graça divina. E, como já lhe disse, depois de sair daquele poço a minha vida converteu-se numa concha oca e vazia. Por isso, pouco antes de a guerra acabar, durante a ofensiva do exército soviético, ofereci-me como voluntário para a linha da frente. Do mesmo modo, também no campo de concentração da Sibéria procurei colocar-me deliberadamente em situações de perigo. Mas não consegui morrer. Tal como naquela noite tinha profetizado o cabo Honda, o meu destino era regressar ao Japão e viver uma vida extraordinariamente longa. Ao ouvir pela primeira vez aquelas palavras, lembro-me de ter ficado contente. Mas a profecia revelou-se, afinal de contas, uma maldição. Não é que eu não viesse a morrer, mas sim que a morte nada queria comigo. Tal como dissera o cabo Honda, mais valia que nunca o tivesse sabido.

Porque no momento em que a relevação e a graça se extinguíram, extinguiu-se também a minha vida. Tudo o que estava vivo dentro de mim, e que até então tinha sido a razão da minha existência, morreu ali. Não ficou nada de pé. Ardeu tudo envolto por aquela luz violenta e ficou reduzido a cinzas. Provavelmente, o calor emitido por aquela revelação, aquela graça, destruiu a essência da minha vida, o que fazia de mim o homem que era. Talvez não tivesse a energia necessária para resistir àquele calor. Por isso não tenho medo de morrer. Posso mesmo afirmar que a morte física do meu corpo representará para mim um alívio. Libertar-me-á para sempre do sofrimento de ser eu próprio, desta prisão sem esperança.

Reparo agora que voltei a alongar-me demasiado, para o que peço de antemão a sua compreensão. Mas o que eu queria verdadeiramente que ficasse a saber, senhor Okada, é isto: sou um homem que, num determinado momento, perdeu a razão de ser da sua própria vida, e que viveu mais de quarenta anos paredes-meias com essa existência perdida. Enquanto ser humano nessa condição, creio que a vida é muito mais limitada do que pensam as pessoas que se encontram presas no turbilhão da vida. A luz durante um limitado e brevíssimo espaço de tempo. Umas dezenas de segundos, se tanto, passados os quais, uma vez fracassado o propósito de alcançar a revelação que nos é oferecida, uma pessoa não tem segunda oportunidade. E fica assim condenada a viver o resto da sua vida mergulhada numa profunda solidão sem esperança e sem remorso. Neste mundo crepuscular, sem luz, uma pessoa nunca mais poderá esperar nada do futuro. A única coisa que lhe resta são os despojos efêmeros do que poderia ter sido.

Em todo o caso, senhor Okada, fico satisfeito por ter podido partilhar consigo esta história. Ignoro até que se revestirá de alguma utilidade para si. Mas fico com a sensação de que falar consigo constituiu, de alguma forma, uma espécie de consolo. Uma consolação modesta, é certo, mas, por mais insignificante que possa ser, um bem que tem para mim tanto valor como um tesouro. Não posso deixar de sentir os ténues fios do destino no facto de ter sido o senhor Honda a guiar-me até essa revelação. Faço votos para que o senhor possa ter uma existência feliz nos anos que lhe restam.

Reli atentamente carta desde o princípio e voltei a guardá-la dentro do sobrescrito.

A carta do tenente Mamiya comoveu-me de uma maneira estranha, mas não despertou em mim mais do que imagens vagas e longínquas. Tinha confiança nele e acreditava como reais os factos que ele afirmava serem a realidade. Mas o próprio conceito de «real» ou «verdade» tinha para mim escasso poder de persuasão. O que mais me comoveu na carta era o sentimento de frustração que transparecia em cada uma das suas frases: a frustração de querer descrever algo, de querer explicar uma coisa e não ser capaz.

Fui à cozinha, bebi um copo de água, depois pus-me a andar às voltas pela casa. No quarto, sentei-me na cama e deixei-me ficar ali a olhar para a roupa de Kumiko pendurada no armário. Objectivamente, o que é que tinha sido a minha vida até ali? Entendia perfeitamente o que Noboru Wataya tinha querido dizer. A minha primeira reacção tinha sido de fúria, mas era obrigado a reconhecer que ele tinha razão. «Passaram seis anos desde que casaste com a minha irmã. E durante todo este tempo, que fizeste? Nada. É verdade ou não? A única coisa que fizeste foi deixar a empresa onde trabalhavas e passares a constituir um fardo para Kumiko. E agora, não tens trabalho, nem um projecto de futuro. Para ser franco, na tua cabeça não existe mais nada a não ser pedras e lixo.» Tinham sido estas as suas palavras. E eu não tinha outro remédio senão reconhecer que a razão estava do lado dele. Objectivamente falando, durante aqueles seis anos quase nada fizera de interesse e na cabeça pouco mais tinha do que pedras e lixo. Era um zero à esquerda. Tal como ele dizia.

Agora, seria verdade que eu tinha sido realmente um fardo para Kumiko?

Fiquei ali durante um grande bocado a olhar para os vestidos, as blusas e as saias no armário. Eram as sombras que Kumiko deixara atrás de si. Sombras sem vida, que haviam perdido a sua dona, ali penduradas, inertes. Fui à casa de banho, tirei de dentro do estojo o frasco de água-de-colónia *Christian Dior* que alguém tinha oferecido a Kumiko, destapei-o e cheirei. Era a mesma fragrância que tinha sentido por detrás das suas orelhas na manhã em que ela saíra de casa. Despejei lentamente o conteúdo do frasco no lavatório. À medida que o líquido deslizava pelo interior do cano, um forte odor a flores (não me consegui lembrar do nome delas) espalhou-se por toda a casa de banho, atijando violentamente os meus sentidos. Envolto por aquele intenso aroma, lavei a cara e os dentes. Depois tomei a decisão de ir visitar May Kasahara.

Como de costume, plantei-me nas traseiras da casa dos Miyawaki à espera que May Kasahara aparecesse, mas ela não deu um ar da sua graça. Apoiado na cancela, a chupar um rebuçado de limão, contemplava a estátua do pássaro e pensava na carta do tenente Mamiya. Entretanto, começou a escurecer. Desisti passado meia hora. May Kasahara devia ter saído.

Regressei pela viela até à minha casa e saltei o muro. O interior estava envolto numa penumbra azulada e silenciosa própria dos crepúsculos de Verão. E foi então que vi Creta Kano. Ao princípio, tive a percepção de que se tratava de um sonho. Mas não, era o prolongamento da realidade. Ainda flutuava vagamente pela casa o cheiro da colónia que eu tinha derramado no lavatório. Creta Kano estava sentada no sofá com as mãos em cima dos joelhos. Quando me abeirei dela não fez o mínimo movimento, como se o tempo tivesse parado. Acendi a luz e fui sentar-me à frente dela.

– Não estava fechada à chave – disse por fim Creta Kano. – Por isso tomei a liberdade de entrar.

– Fez bem. Não tenho por hábito fechar a porta à chave quando saio.

Ela envergava uma blusa branca arrendada, uma vaporosa saia de cor lilás e grandes brincos nas orelhas. No braço esquerdo trazia duas pulseiras enormes. Ao vê-las, caiu-me o coração aos pés. Eram virtualmente iguais às que tinha visto no sonho. O penteado e a maquilhagem eram os do costume. O cabelo, como sempre, estava cuidadosamente fixado com laca, como se acabasse de sair direitinha do cabeleireiro.

– Não disponho de muito tempo – disse Creta Kano. – Daqui a pouco tenho de voltar para casa. Mas antes queria dar-lhe uma palavrinha, senhor Okada. Esteve com o senhor Noboru Wataya e com a minha irmã, não é verdade?

– Sim, ainda que não se possa dizer que a conversa tenha sido lá muito agradável.

– E não tem qualquer coisa para me perguntar?

Uma atrás de outra, continuavam a aparecer-me pela frente uma série de pessoas com todo o tipo de perguntas.

– Gostaria de saber mais coisas sobre Noboru Wataya. Dá-me a impressão de que preciso mesmo de saber mais acerca dele.

Ela assentiu.

– Também eu quero saber mais coisas acerca do senhor Wataya. Creio que a minha irmã já lhe contou que, em tempos, fui desonrada por esse homem. Por agora não lhe posso dizer mais nada, mas um dia conto-lhe a história. No entanto, sempre lhe adianto que foi um acto contra a minha vontade. Tinha-me encontrado com ele para ter relações sexuais. Por isso, não se trata de uma violação no sentido usual da palavra. Mas a verdade é que ele *me desonrou*, e isso fez-me mudar muito, como pessoa, em mais do que um sentido. Bem ou mal, consegui recuperar. Mais do que isso, e graças à ajuda da minha irmã, essa experiência permitiu-me aceder a um estágio superior. Independentemente dos resultados, porém, o facto é que fui ultrajada e desonrada contra minha vontade pelo senhor Noboru Wataya. O que ele fez comigo estava errado – e foi perigoso. Podia ter-me perdido para sempre. Está a ver onde quero chegar?

Era óbvio que não estava.

– Claro que também tive relações consigo, senhor Okada. Mas as circunstâncias, a maneira, a finalidade, tudo foi correcto. Nessas condições, não me sinto de modo algum desonrada.

Por momentos fiquei a olhar para ela fixamente, como se tivesse à minha frente um muro coberto de manchas de cor.

– Diz que teve relações comigo?

– Sim – respondeu Creta Kano. – A primeira vez só me servi da boca, mas da segunda fomos até ao fim. As duas vezes no mesmo quarto. Não se recorda? A primeira vez, eu tinha pouco tempo, razão pela qual foi tudo a correr. Da segunda vez já pudemos fazer as coisas com calma.

É caso para dizer que eu estava literalmente sem palavras.

– Na segunda vez estava a usar um vestido da sua mulher. O azul. E no pulso esquerdo tinha duas pulseiras como estas. Não as reconhece?

Ao perguntar aquilo, agitou diante de mim o braço esquerdo com duas pulseiras.

Fiz sinal que sim com a cabeça.

Creta Kano prosseguiu:

– Claro está que não tivemos relações a sério. Quando o senhor ejaculou, não o fez dentro de mim, mas no seu imaginário. Uma consciência que foi criada. O que não nos impede de partilharmos o sentimento de termos tido relações sexuais um com o outro.

– Posso perguntar com que finalidade é que faz uma coisa dessas?

– Para ficar a conhecer. Saber mais e melhor.

Suspirei. Que história mais extravagante, aquela! Mas o certo é que descrevera na perfeição todos os pormenores do meu sonho. Passando o dedo pelos lábios, observei com atenção as pulseiras que ela trazia no braço esquerdo.

– Se calhar é o meu cérebro que não está a trabalhar bem – afirmei num tom de voz seco –, mas confesso que não compreendo inteiramente o que me tem estado a contar.

– Da segunda vez que apareci no seu sonho, enquanto estava a fazer amor consigo, a certa altura apareceu uma outra mulher que tomou o meu lugar. E disso, lembra-se? Não faço ideia de quem possa ser. Mas talvez este facto lhe sugira alguma coisa, senhor Okada. Era isto que eu tinha para lhe dizer.

Calei-me e optei por ficar em silêncio.

– Não tem nada que se sentir culpado por ter tido relações sexuais comigo – disse Creta Kano. – Faço-me entender? Bem vê, senhor Okada, sou uma prostituta. Costumava ser uma prostituta da carne, mas agora sou uma prostituta da mente. As coisas passam através de mim.

Neste ponto, Creta Kano levantou-se e veio-se ajoelhar ao pé de mim. Depois agarrou na minha mão e colocou-a no meio das suas. Tinha umas mãos pequenas, macias e quentes.

– Abrace-me, senhor Okada, por favor. Agora, neste momento.

Pus os meus braços à volta dela. Para dizer a verdade, não sabia como me havia de comportar. Mas pareceu-me que abraçar Creta Kano, naquele momento, não constituía um gesto errado. Não consigo explicar bem, mas fiquei com essa impressão. Como se me preparasse para a minha primeira lição de dança, coloquei os braços à volta da sua elegante cintura. Ela era muito mais pequena do que eu e a sua cabeça chegava pouco mais acima do queixo. Os seus seios estavam comprimidos contra o meu estômago. Encostou a face no meu peito. Chorava de mansinho, sem fazer barulho. Sentia a *T-shirt* quente e húmida por causa das suas lágrimas. Via o seu cabelo penteado na perfeição a baloiçar. Tinha a impressão de fazer parte de um sonho muito bem engendrado. Mas não era um sonho.

Depois de ter ficado naquela posição, sem se mexer, durante muito tempo, ela afastou-se como se de repente se tivesse lembrado de alguma coisa. Mantendo uma certa distância, olhou para mim.

– Muito obrigada, senhor Okada. Agora vou andando – disse ela. Apesar de ter chorado muito, quase não tinha estragado a maquilhagem. Estranhamente, a sensação de real desaparecera.

– Vou tornar a vê-la nos meus sonhos? – perguntei.

– Não sei – respondeu, sacudindo ao de leve a cabeça. – Isso nem eu lhe posso dizer. Mas deve confiar em mim. Aconteça o que acontecer, não tenha medo nem fique de pé atrás comigo. De acordo, senhor Okada?

Fiz sinal que sim com a cabeça.

E então Creta Kano foi-se embora.

A noite estava mais escura do que nunca. Tinha a parte da frente da camisola empapada de lágrimas. Deixei-me ficar assim até o dia nascer, sem pregar olho. Não queria dormir e, ao mesmo tempo, estava com medo de adormecer. Tinha a sensação de que, a partir do momento em que adormecesse, seria engolido por um mar de areias movediças e transportado para outro mundo, do qual nunca mais poderia voltar. Fiquei ali deitado no sofá até de manhã, a beber *brandy* e a pensar na história que Creta Kano me tinha contado. Quando começou a amanhecer, a presença de Creta Kano e o aroma da água-de-colónia *Christian Dior* pairavam ainda pela casa, como sombras cativas.

Paisagens de cidades distantes

A eterna meia-lua

Uma escada bem segura

O telefone tocou no preciso momento em que eu estava a começar a dormir. A minha primeira reacção foi ignorá-lo e continuar a dormir, mas o telefone, como que adivinhando a minha intenção, continuou a tocar persistentemente, dez, vinte vezes – nunca mais parava. Por fim, abri um olho e deitei uma olhadela ao relógio que estava em cima da mesinha-de-cabeceira. Pouco passava das seis da manhã. Lá fora, do outro lado da janela, já era de dia. Podia ser Kumiko. Saltei da cama, fui até à sala de estar e atendi.

– Está lá? – disse eu. – Não obtive resposta. Era óbvio que do outro lado havia alguém, mas essa pessoa não parecia disposta a abrir a boca. Fiquei em silêncio, também eu. Com o ouvido colado ao auscultador, conseguia ouvir a respiração ligeira do meu interlocutor.

– Quem é?

Silêncio.

– Se é a pessoa que passa a vida a telefonar, não se importa de ligar mais tarde, por favor? Não estou com a mínima vontade de sexo por telefone antes do pequeno-almoço.

– E pode-se saber quem é essa pessoa que passa a vida a telefonar? – perguntou uma voz de repente. Era May Kasahara. – Quer dizer, com quem falas de sexo?

– Ninguém.

– Era a mulher a quem estavas abraçado a noite passada, na varanda? É com ela que falas de sexo ao telefone?

– Não, não é ela.

– Confesse lá, senhor Pássaro de Corda, quantas mulheres tem à volta, tirando a sua?

– É uma história muito comprida, demorava muito a explicar – disse eu. – São seis da matina e esta noite mal preguei olho. Com que então eras tu, ontem à noite?

– Sim, e vi-te com essa mulher, os dois abraçados.

– Isso não quer dizer nada – retorqui. – Como é que hei-de explicar? Foi uma espécie de pequena cerimónia.

– Comigo estás à vontade – afirmou May Kasahara. – Não sou a tua mulher. Mas deixa-me que te diga que estás com um problema.

– Admito que sim.

– Agora estás a passar por um mau momento, bem sei, mas, ao mesmo tempo, dá-me a impressão de que a culpa é tua e só tua. Não há dúvida de que tens aqui um problema de base, que actua como um íman e atrai uma série de chatices. Não é de admirar que toda e qualquer mulher com um

bocadinho de bom senso se vá a correr embora e te deixe a ver navios.

– Talvez tenhas razão.

Do outro lado do fio foi a vez de May Kasahara ficar em silêncio por alguns instantes. Depois aclarou a garganta.

– Ontem à tarde estiveste na ruela, não foi? Passaste uma quantidade de tempo ali plantado, nas traseiras da minha casa. Como um ladrãozeco de terceira categoria. Vi-te, não sei se sabes.

– Nesse caso, por que é que não saíste?

– Porque uma rapariga nem sempre tem vontade de sair. Sabes uma coisa, senhor Pássaro de Corda? Há alturas em que lhe apetece armar-se em má da fita. Do tipo, já que ele está disposto a esperar, então que espere!

– Hmm.

– Mas depois fiquei com remorsos e dei-me ao trabalho de ir até à tua casa. Armada em parva.

– E vieste dar comigo abraçado a uma mulher?

– Escuta, aquela mulher por acaso não estará passada dos cornos? – perguntou May Kasahara. – Nos dias que correm não se vê por aí muita gente com aquela pinta, assim vestida daquela maneira. Para já não falar da maquilhagem... Parece que saiu de outra dimensão, deu um salto no tempo e aterrou aqui, entre nós. Devia mas era ir ao médico e fazer um exame à cabeça.

– Não te preocupes – repliquei eu –, que a mulher não está louca. Cada um tem os seus gostos.

– OK. Gostos não se discutem, mas, na minha opinião, as pessoas normais não levam as coisas ao exagero. Essa mulher parece, como é que hei-de dizer?, saída direitinha das páginas de uma revista de moda de outros tempos. Da cabeça aos pés.

Não lhe dei troco.

– Confessa lá, Pássaro de Corda. Foste para a cama com ela?

– Não, não fui para a cama com ela – respondi, depois de uma ligeira hesitação.

– A sério?

– A sério. Não tivemos relações *carnais*.

– Nesse caso, por que é que estavam abraçados?

– As mulheres às vezes precisam de quem lhes dê um abraço.

– Talvez, mas não deixa de ser uma ideia um bocado perigosa, acho eu – afirmou May Kasahara.

– Tens toda a razão – reconheci.

– Como é que ela se chama?

– Creta Kano.

Do outro lado do fio May Kasahara voltou a ficar calada.

– Estás a gozar, não?

– Não, não estou a gozar. E a irmã chama-se Malta Kano.

– Malta? Não pode ser esse o verdadeiro nome.

– Não, não é o nome verdadeiro. É um pseudónimo.

– E essas duas são o quê? Alguma parelha cómica de *manzai*? Ou será que têm alguma coisa que ver com o Mediterrâneo?

– Já que falas nisso, a resposta é que sim, a história tem *relação* com o Mediterrâneo.

– E a tal irmã que dizes, veste-se normalmente?

– Anda lá perto. Pelo menos tem um aspecto mais sério do que a mais nova. Quer dizer, tirando o facto de usar um chapéu vermelho de plástico, por sinal sempre o mesmo.

– Quer-me parecer que também essa não é lá muito normal. Por que carga de água é que estás sempre rodeado de pessoas dessas, que não batem lá muito bem?

– *Essa* então é que é uma história que nunca mais acaba – respondi. – Pode ser que um dia destes te conte tudo, quando as coisas estiverem mais calmas. Agora não é boa altura. Tenho a cabeça demasiado cheia. E as coisas também estão demasiado confusas.

– Mmm – fez May Kasahara, num tom de suspeita. – Isso quer dizer que a tua mulher ainda não apareceu?

– Não, ainda não.

– Ouve, senhor Pássaro de Corda, uma vez que já és crescidinho, por que é que não experimentas usar a cabeça para variar? O que achas que teria acontecido se a tua mulher tivesse mudado de opinião e voltado para casa ontem à noite, para ir dar contigo nos braços de outra mulher? Não me dirás?

– É verdade, não tinha pensado nisso.

– E se tivesse sido *ela* ao telefone, há bocado, e não eu, quando desataste a falar em sexo ao telefone? Sim, o que teria ela pensado?

– Tens toda a razão.

– Tens um problema, e não é pequeno, digo-te eu – rematou ela, com um suspiro.

– Sim, reconheço. Tenho um problema.

– Pára de me dar razão! Não basta reconheceres que meteste o pé na argola para resolver as coisas.

– É verdade.

E *era* verdade.

– Outra vez! – exclamou May Kasahara. – Mas, afinal, o que é que querias a noite passada? Foste a minha casa por alguma razão, ou não?

– Agora já não interessa.

– Isso quer dizer o quê, que já não tem importância?

– Isso mesmo. Que já não tem importância.

– Por outras palavras, agora que andaste abraçado àquela mulher, eu já não te sirvo para nada.

– Não, não é bem isso. O que acontece é que pensava que...

May Kasahara desligou sem dizer uma palavra. Só a mim! May Kasahara, Malta Kano, Creta Kano, a mulher do telefone e Kumiko. Quem tinha razão era May Kasahara: parecia que nos últimos tempos havia demasiadas mulheres à minha volta. E cada uma cheia de problemas, qual deles o mais inverosímil.

Mas a verdade é que estava demasiado cansado para pensar. Precisava de dormir, antes de mais nada. Depois, quando acordasse, logo trataria do que tinha a fazer.

Quando acordei, tirei a mochila de dentro do armário. Era a que tinha guardado para emergências, em caso de terramotos e outros desastres. Lá dentro tinha um cantil de água, bolachas, uma lanterna e um isqueiro. Tinha sido Kumiko a comprá-la quando nos mudámos

para esta casa, com medo do tão anunciado *Big One*²⁹. Contudo, a garrafa de água estava vazia, as bolachas estavam moles e bafientas e as pilhas gastas. Enchi a garrafa com água, deitei fora as bolachas e pus pilhas novas na lanterna. Em seguida fui até à loja de ferramentas do bairro e comprei

uma escada de corda, daquelas usadas em situação de emergência nos incêndios. Perguntei a mim próprio de que mais poderia vir a ter necessidade, mas não me lembrei de nada, a não ser rebuçados de limão. Passei revista à casa, fechei as janelas todas e apaguei a luz. Dei a volta à chave da porta de entrada, mas depois voltei atrás e tornei a abri-la. Podia ser que aparecesse alguém. Kumiko podia regressar. Além disso, a casa não tinha nada que valesse a pena roubar. Deixei um bilhete em cima da mesa da cozinha. Dizia: *«Vou sair por momentos para tratar de um assunto importante. Volto assim que estiver despachado. Espera por mim. T.»*

Enfie uns calções de algodão e uma camisola de manga curta, pus a mochila ao ombro, saí pela varanda e fui ter ao jardim. Olhando à minha volta, sentia-me na presença inconfundível do Verão. Falo do artigo genuíno, do Verão a sério, sem reservas nem condições. O fulgor do Sol, o odor da brisa, a cor do céu, a forma das nuvens, o canto das cigarras, não faltava nada. Todos os sinais anunciavam a chegada do Verão em toda a sua plenitude. Com a mochila às costas, saltei o muro das traseiras do jardim e aterrei na azinhaga.

Uma vez, quando era miúdo, numa manhã de Verão soalheira como esta, fugi de casa. Já não me lembrava bem das circunstâncias que rodearam a minha escapadela. O mais provável era ter-me zangado com os meus pais. Em todo o caso, lembro-me de ter saído de casa com um saco de alpinista carregadinho de coisas, tal como agora, e levando no bolso todo o dinheiro que tinha. À minha mãe menti com quantos dentes tinha dizendo-lhe que ia numa excursão com uns amigos e pedindo-lhe que me arranjasse um farnel para levar. Perto de nossa casa havia várias montanhas onde se podia ir em passeio e não era de estranhar que miúdos da nossa idade quisessem aventurar-se sozinhos naquelas paragens. Saí porta fora, apanhei o autocarro da carreira que já tinha escolhido de antemão e fui até ao fim da linha. Para mim, aquela era uma cidade estranha e distante. A seguir apanhei outro autocarro, para outra cidade ainda mais estranha e longínqua. Sem saber sequer como se chamava, saí do autocarro e comecei a vaguear sem destino pelas ruas. Não se podia dizer que a cidade tivesse alguma coisa de especial. Um bocado mais animada do que aquela onde eu morava, e um bocadinho mais suja, também. Tinha uma rua cheia de lojas, uma estação de comboio e meia dúzia de fábricas. A cidade era atravessada por um rio e, diante do rio, havia um cinema. Os cartazes anunciavam um filme do Oeste americano. Ao meio-dia sentei-me num banco do parque e almocei. Permaneci na cidade até ao anoitecer e, depois, à medida que a noite se ia aproximando, comecei a sentir-me cada vez mais angustiado. Aquela era a última oportunidade de voltar atrás, pensava eu. Quando a noite caísse, já não poderia regressar. Apanhei os mesmos autocarros de volta a casa, mas no sentido contrário. Cheguei antes das sete e ninguém se deu conta da minha fuga. Os meus pais pensavam que tinha ido até às colinas na companhia dos meus amigos.

Tinha-me esquecido por completo daquele episódio, mas, na altura de saltar o muro com o saco de campismo às costas, aquela lembrança viera-me de repente à memória. Acompanhada da indescritível sensação de solidão que nos envolve quando damos por nós de pé, no meio de uma rua desconhecida, no meio de pessoas desconhecidas e casas desconhecidas, vendo o sol da tarde a perder aos poucos o seu fulgor. E então pensei em Kumiko. Kumiko, que saíra de casa levando consigo apenas uma mala a tiracolo, e a saia e a blusa que acabara de levantar na lavandaria. Também ela tinha perdido a última oportunidade de voltar atrás. E naquele momento encontrava-se provavelmente sozinha numa cidade estranha e distante. Aquele pensamento era-me insuportável.

E depois disse a mim próprio que não, que ela não tinha forçosamente de estar sozinha. Se calhar estava com um homem. Era uma explicação que fazia muito mais sentido.

Acto contínuo, deixei de pensar em Kumiko.

Aventurei-me pela viela fora.

Debaixo dos meus pés, a vegetação tinha perdido a frescura e a fragrância da estação das chuvas e apresentava agora um aspecto seco e poeirento, típico das ervas de Verão. À medida que avançava por entre as folhas, um ou outro gafanhoto verde atravessava-se à frente e atrapalhava-me a marcha, e volta e meia até as rãs me saltaram ao caminho. A azinhaga pertencia agora àquelas pequenas criaturas, e eu era o invasor que perturbava o equilíbrio reinante naquele mundo.

Ao chegar à casa abandonada dos Miyawaki, abri a cancela e entrei no jardim sem pensar duas vezes. Desbravando caminho por entre a vegetação, dirigi-me até ao fundo do jardim. Passei junto à estátua um tanto ou quanto suja do pássaro que, como de costume, continuava, imperturbável, a fitar o céu, e dei a volta à casa na esperança de que May Kasahara não me tivesse visto entrar.

Junto do poço, afastei as pedras e as duas tábuas de madeira em forma de meia-lua que formavam a cobertura. Atirei lá para dentro uma pequena pedra para ter a certeza de que continuava sem água. E, tal como da outra vez, a pedra bateu no fundo com um ruído seco. Não, não tinha água. Pousei a mochila que levava às costas, tirei lá de dentro a escada de corda e ateí uma extremidade ao tronco da árvore mais próxima. Dei-lhe um ou dois puxões, o mais forte que fui capaz, para me assegurar de que não cederia. Todas as precauções eram poucas. Se por algum motivo a escada se soltasse ou desatasse, possivelmente não teria maneira de voltar a alcançar a superfície.

Com a escada enrolada debaixo do braço, comecei a descê-la lentamente para dentro do poço. Apesar de ser muito comprida, o certo é que não dava sinal de haver atingido o solo. Era impensável que uma escada daquele comprimento não fosse suficiente. Apontei a lanterna eléctrica para o fundo mas sem conseguir ver até onde chegava a escada. A partir de certo ponto, o raio de luz desaparecia, engolido pelas trevas.

Sentei-me no parapeito e prestei atenção. As cigarras cantavam entre as árvores com tanta força como se estivessem num concurso para apurar quem tinha mais capacidade pulmonar ou potência vocal. Não se ouviam os pássaros. Pensei com saudade no pássaro mecânico. Talvez não quisesse sujeitar-se a uma desgarrada com as cigarras e tivesse voado para outras paragens.

Virei as palmas das mãos para o céu a fim de captar os raios de sol. Senti de imediato um calor intenso a espalhar-se pelos meus dedos, como se a luz penetrasse através da pele, em cada linha da mão. Aquele era o reino da luz, sem sombra de dúvida. Tudo quanto via em meu redor estava impregnado de luz e cintilava com as cores do Verão. Até mesmo as coisas intangíveis, como o tempo e a memória, recebiam a bênção da luz estival. Meti um rebuçado de limão na boca e deixei-me ficar ali sentado até ele se derreter por completo na boca. Depois voltei a dar um forte sacão na corda com todas as minhas forças. Sim, estava bem presa.

Descer até ao fundo do poço revelou-se uma tarefa bem mais árdua do que imaginara. Feita de algodão reforçado com náilon, era de uma resistência a toda a prova, mas os meus pés encontravam-se numa posição terrivelmente instável e, de cada vez que tentava descer mais um degrau, a sola de borracha dos ténis escorregava. Tinha de fazer tanta força para me agarrar que começaram a doer-me as palmas das mãos. Fui descendo, degrau a degrau, com extrema cautela. Por mais que descesse, não havia maneira de avistar o fundo. Tinha a impressão de que a descida ia durar uma eternidade. Recordei o som da pedra ao chocar contra o fundo. Não havia razão para medos. Ter fundo, o poço

tinha! O problema é que com aquela maldita escada não havia maneira de lá chegar.

Quanto já tinha contado vinte degraus, fui assaltado pelo pânico. O terror invadiu-me de repente, como uma descarga eléctrica, e deixou-me petrificado ali mesmo, os músculos rígidos transformados em pedra. Dei por mim encharcado em suor e as pernas começaram a tremer-me. Seria possível que existisse um poço tão profundo? É preciso ver que estávamos no centro de Tóquio. A dois passos da casa onde eu vivia. Sustive a respiração e apurei o ouvido. Não se ouvia nada. Nem sequer o canto das cigarras. Só os violentos batimentos do meu coração ressoando nos meus tímpanos. Respirei fundo. Sempre agarrado à escada, ali parado no vigésimo degrau, sentia-me tão incapaz de descer como de voltar a subir. No interior do poço, o ar era frio e cheirava a terra. Aquele era um mundo distante da superfície, onde o sol de Verão brilhava generosamente. Pertencia a outra dimensão. Levantei os olhos e vi-a lá em cima, minúscula, a boca do poço. A metade da tábua que deixara ficar cortava exactamente a circunferência da entrada ao meio. Vista de baixo, parecia uma meia-lua a flutuar no céu. «Dentro de dias vamos ter meia-lua», tinha-me dito Malta Kano. Tinha *profetizado* aquilo ao telefone.

Só visto. Ao pensar nisso, senti parte da tensão abandonar o meu corpo. Os músculos relaxaram e soltei a respiração bloqueada dentro de mim.

Reunindo todas as minhas forças, recomecei a descer. Dizia a mim próprio em voz alta que era só mais um bocadinho, só mais um esforço. «Não te preocupes, o fundo deve estar a aparecer.» E ao vigésimo terceiro degrau, os meus pés tocaram finalmente no chão.

A primeira coisa que fiz na escuridão, sempre agarrado à escada de modo a poder fugir ao mínimo sinal de alarme, foi tactear o fundo com a ponta do sapato. Só depois de ter a certeza de que não havia água nem outra coisa qualquer de natureza suspeita é que me atrevi a pisá-lo. Tirei a mochila das costas, procurei o fecho às apalpadelas e saquei a lanterna. O feixe luminoso permitiu-me examinar o interior do poço. A terra do fundo não era nem muito dura nem muito mole. E, por sorte, estava seca. Viam-se algumas pedras que deviam ter sido atiradas pelas pessoas. Fora as pedras, só vislumbrei um pacote velho de batatas fritas. Assim à luz da lanterna, o fundo do poço parecia a superfície da Lua tal como me lembrava de a ter visto há muito tempo na televisão.

As paredes eram de cimento, lisas, sem nada de especial, e as únicas irregularidades eram formadas pelo musgo que crescia, agarrando-se aqui e ali. Erguiam-se a direito, como uma chaminé, e, no ponto mais alto, via-se o pequeno buraco de luz em forma de meia-lua. Ao olhar directamente lá para cima tive consciência, uma vez mais, da profundidade do poço. Dei novo puxão à escada de corda, e as minhas mãos encontraram forte resistência. Parecia estar bem segura. Desde que tivesse a escada, poderia subir até à superfície quando quisesse. Respirei fundo. O ar cheirava a mofo, mas isso não queria dizer que fosse uma coisa má. Era precisamente o ar o que mais me preocupava. Nos poços secos é costume haver emanações de gás tóxico. Tempos atrás lera um artigo de jornal que falava de um construtor que tinha morrido dentro de um poço por causa de uma fuga de gás metano.

Respirei, sentei-me no fundo do poço e encostei as costas contra a parede. A seguir fechei os olhos e deixei que o meu corpo se familiarizasse com o lugar. «Bom», «pensei, «aqui estou eu no fundo do poço.»

Transmissão de património

Reflexão sobre as medusas

Uma certa sensação de distanciamento

Estava sentado no escuro. Sobre a minha cabeça, a luminosidade recortada pela tampa em forma de meia-lua perfeita flutuava como sinal de qualquer coisa. A luz da superfície, porém, não chegava ao fundo do poço.

Com o passar do tempo, os meus olhos foram-se acostumando à escuridão. Não tardou muito, à força de as aproximar da minha cara, fui capaz de distinguir, ainda que vagamente, os contornos das mãos. À minha volta, outras coisas começaram lenta e gradualmente a ganhar forma. Como animaizinhos assustadiços que aos poucos vão começando a confiar numa presença estranha. No entanto, por mais que se acostumassem a ela, a escuridão não deixava de ser o que era, escuridão. Sempre que tentava fixar o olhar em algo de concreto, o objecto em questão ocultava de súbito a sua forma e mergulhava silenciosamente nas trevas. Ou talvez não se pudesse falar de trevas, mas de uma «ténue obscuridade». Mesmo que assim fosse, o certo é que esta possuía um determinado grau de intensidade. E, em certos momentos, chegava a parecer mais profunda do que o negrume total. Via qualquer coisa. Ao mesmo tempo, porém, não via nada.

Naquela penumbra cheia de estranhos sentidos e subentendidos, as minhas recordações adquiriram uma força desconhecida. As imagens fragmentadas que evocavam em mim eram prodigiosamente vívidas em cada pormenor, tão nítidas que me parecia possível tocá-las com a mão. Fechei os olhos e tentei recordar-me do tempo em que tinha travado conhecimento com Kumiko, quase oito anos antes.

Encontrei-a no hospital universitário de Kanda, na sala de espera reservada aos familiares dos doentes. Naquela época, por causa da redacção de um testamento, ia todos os dias visitar um cliente ali internado. Tratava-se de um homem de, sei lá, os seus sessenta e oito anos, proprietário rico e dono de terrenos e bosques no centro da prefeitura de Chiba.

A sala de espera do hospital, como qualquer pessoa imagina, não era propriamente aquilo a que se chama um lugar acolhedor. O plástico dos sofás era de uma rigidez quase *post-mortem*. O ar viciado que ali se respirava era a garantia de apanhar uma doença. A televisão transmitia o tempo todo programas estúpidos e o café da máquina automática sabia a papel de jornal. Toda a gente apresentava uma expressão sombria e preocupada. Decididamente, aquele lugar fazia lembrar uma de muitas ilustrações que Munch poderia ter feito para os romances de Kafka. Em todo o caso, foi ali que travei conhecimento com Kumiko.

No tempo livre, entre as aulas da faculdade, Kumiko ia todos os dias ao hospital para tomar conta da mãe, hospitalizada na sequência da operação a uma úlcera do duodeno. Costumava vestir calças de ganga ou então uma saia curta e uma camisola, e usava o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo. Estávamos no princípio de Novembro e umas vezes punha casaco, outras não. Andava sempre com uma mala a tiracolo e, debaixo do braço, livros e cadernos, sem dúvida manuais universitários, mais aquilo que parecia um caderno de desenho.

A primeira tarde que fui ao hospital, Kumiko já se encontrava lá. Estava sentada no sofá com as pernas cruzadas, mocassins pretos, mergulhada na leitura de um livro. Sentado em frente dela, esperava a hora da entrevista com o meu cliente olhando para o relógio de cinco em cinco minutos. Kumiko quase não levantou os olhos do livro. Lembro-me de ter pensado que tinha umas bonitas pernas. Só de olhar para ela, a minha disposição melhorou logo. Dei por mim a imaginar como devia sentir-se, tão jovem, com uma cara tão simpática (ou, no mínimo, tão inteligente) e com aquele fantástico par de pernas.

À força de nos encontrarmos, começámos a trocar meia dúzia de frases banais. A trocarmos revistas que já tínhamos lido, a comermos a meias a fruta que as visitas haviam oferecido à mãe dela. Estávamos terrivelmente aborrecidos, fartos de ali estar, necessitávamos de ter alguém da mesma idade com quem falar.

Kumiko e eu simpatizámos um com o outro desde o início. Não foi uma daquelas paixões intensas e irresistíveis, como uma descarga eléctrica que alguns experimentam na pele ao primeiro encontro, mas sim um sentimento muito mais terno e doce. Como duas luzinhas que, avançando lado a lado num imenso espaço escuro, se aproximam imperceptivelmente uma da outra. À medida que aumentava o número dos nossos encontros, experimentei uma sensação estranha: mais do que ter conhecido uma pessoa nova, tinha o sentimento de haver reencontrado um velho e querido amigo.

Às tantas, insatisfeito com a troca de meia dúzia de frases de circunstância e com os dois dedos de conversa naquele ambiente hospitalar, dei por mim a pensar que o melhor seria tentar chegar à fala com ela nas calmas, noutro lugar qualquer. Um dia, enchi-me de coragem e perguntei-lhe se não queria sair comigo num primeiro encontro.

– Não te parece que só nos fazia bem mudar de ares? Por que é que não vamos até um sítio qualquer, longe dos doentes e dos clientes?

Depois de pensar um bocadinho, Kumiko respondeu:

– Que tal o aquário?

Aquela foi a primeira vez que saímos juntos. No domingo de manhã, ela levou uma muda de roupa para o hospital e encontrámo-nos na sala de espera. Estava um dia quente e soalheiro. Kumiko levava um simples vestido branco e um casaquinho azul-claro pelos ombros. Já naquela altura ficava espantado com o jeito que tinha para se vestir. Com um pormenor qualquer ou um toque pessoal, que podia ser uma maneira original de arregaçar as mangas ou virar a gola, conseguia num abrir e fechar de olhos conferir à roupa escolhida, por mais simples que fosse, um aspecto fantástico. Digamos que era uma espécie de talento especial que ela tinha. Acrescente-se que tratava a roupa com muito cuidado, quase com amor. Cada vez que me encontrava com Kumiko, caminhando a seu lado, contemplava com admiração a roupa que levava no corpo. Blusas sem uma ruga, as pregas da saia vincadas na perfeição, a roupa branca imaculada, mais parecendo acabada de estrear, e os sapatos nem sujos nem cambados. Só de olhar para a roupa dela, dava para imaginar as suas blusas e camisolas perfeitamente dobradas e alinhadas dentro da gaveta da cómoda, os seus vestidos e saias

pendurados no armário, enfiados dentro de capas de plástico (e foi precisamente com esse quadro que me deparei, ao casar-me com ela).

A nossa primeira tarde juntos foi passada no aquário do jardim zoológico de Ueno. Estava um dia lindíssimo e, pela minha parte, teria preferido ir dar um belo passeio pelo parque. Aliás, foi essa a sugestão que fiz na viagem de comboio para Ueno, mas era óbvio que ela estava mais do que decidida a visitar o aquário. Se era isso o que ela queria, quem era eu para levantar objecções? No aquário estava precisamente a decorrer uma exposição especial de medusas, que nós percorremos do princípio ao fim, descobrindo, um após outro, os espécimes mais raros chegados de todas as partes do mundo. Dentro dos aquários flutuavam, ondeando, nos seus tanques, todo o tipo de medusas: desde criaturas do tamanho da ponta do dedo que pareciam uma bolinha de algodão a monstros com mais de um metro de diâmetro. Apesar de ser domingo, o aquário não tinha muita gente, isto para não dizer que estava quase às moscas. Num dia tão bonito como aquele, as pessoas antes queriam ir ver os elefantes e as girafas no jardim zoológico do que as medusas no aquário.

Não disse nada a Kumiko, mas a verdade é que detestava medusas. Em criança, tinha sido picado por mais de uma vez quando andava a nadar perto de casa. Uma vez, inclusivamente, quando me aventurei no mar, cruzei-me com um banco de medusas e vi-me cercado por aquelas criaturas por todos os lados. Ainda hoje recordo a sensação fria e viscosa que o seu contacto me provocou. No centro daquele turbilhão de medusas fui invadido por um sentimento de pânico horrível, como se tivesse sido engolido por uma escuridão profunda. Por mais estranho que pareça, daquela vez não me chegaram a picar, mas com o pânico fartei-me de engolir água. Se estivesse na minha mão, teria dado o salto da exposição de alforrecas e mergulhado de cabeça num sítio onde pudesse ver peixes mais vulgares, como o atum ou o linguado.

Kumiko, porém, essa parecia nitidamente fascinada pelas medusas. Parava diante de cada tanque, inclinava-se para a frente e ali ficava, nariz colado ao vidro, como se tivesse perdido a noção do tempo. «Olha para esta», dizia ela. «Nunca imaginei que houvesse à face da Terra medusas de um rosa tão vivo. E vê só como nada de uma forma tão graciosa. Pensar que elas passam a vida a errar pelos mares de todo o mundo! Não achas isso uma coisa extraordinária?»

«Sim, tens razão», respondi eu. A verdade é que, à força de acompanhar Kumiko e de fazer os possíveis por observar cada uma das medusas ao pormenor, comecei a sentir uma forte pressão no peito. Sem dar por isso, emudeci de vez e, cheio de nervoso miudinho, comecei a contar as moedas que trazia no bolso e a limpar os cantos da boca com o lenço. Não via a hora de chegar ao fim da visita, mas os aquários de medusas nunca mais acabavam. As medusas eram mais que muitas, tantas quantas as inúmeras variedades que povoam os mares. Lá consegui aguentar-me à tona durante meia hora, mas às tantas toda aquela tensão começou a deixar-me a cabeça zozna. Por fim, quando já nem sequer estava capaz de me aguentar de pé encostado ao varandim de protecção, afastei-me de Kumiko e fui sentar-me num banco ali perto. Kumiko aproximou-se e, com ar preocupado, quis saber se eu estava mal. Respondi com sinceridade, que sim, que à força de ver tanta medusa junta tinha acabado por ficar enjoado.

Kumiko olhou para mim fixamente com uma expressão grave. «É verdade», confirmou ela, espantada. «Vejo-o nos teus olhos. Tens as pupilas dilatadas. É incrível como alguém pode ficar assim só de olhar para as medusas!» E agarrando no meu braço, levou-me para o sol, longe daquele ambiente sombrio e húmido do aquário.

Depois de ficar sentado para aí uns dez minutos e de ter respirado fundo várias vezes, recuperei

aos poucos a boa disposição. O sol de Outono brilhava, acolhedor, e as folhas secas das nogueiras-do-japão³⁰ dançavam ao sabor da brisa, produzindo um barulhinho roçagante.

– Estás bem? – perguntou Kumiko passado pouco tempo. – Saíste-me um tipo mais bizarro! Se detestavas assim tanto as medusas, por que é que não me disseste logo, em vez de aguentar até ficares maldisposto?

O céu estava limpo, a brisa era agradável e as pessoas que passeavam por ali tinham todas uma expressão de contentamento estampada na cara. Uma jovem bonita e elegante passeava um canzarrão de pêlo comprido, um avô com um chapéu de feltro enfiado na cabeça tomava conta da neta que andava no baloiço. Viam-se alguns parzinhos sentados nos bancos, tal como nós. Ao longe, ouvia-se alguém a praticar escalas musicais e a fazer desenhos com o seu saxofone.

– E tu, por que é que gostas tanto de medusas? – perguntei-lhe eu.

– Se queres que te diga, não sei. Acho-as bonitas. Há bocado, quando estava a olhar para elas, lembrei-me de uma coisa. O que nós vemos diante de nós não é senão uma pequena parte do mundo. Pensamos que isto é que é o mundo, mas não é verdade, nem pouco mais ou menos. O verdadeiro mundo está num lugar mais escuro, mais profundo, e, em grande parte, ocupado por criaturas como as medusas. É disso que quase nunca nos lembramos. Não achas? Dois terços do planeta são oceanos, mas nós, com os nossos olhos, só conseguimos abarcar a superfície. Ver o que está à tona. Do que fica por baixo não sabemos praticamente nada.

A seguir fomos dar um grande passeio. Por volta das cinco, Kumiko disse que estava na hora de regressar ao hospital e eu fiz-lhe companhia.

– Obrigada por este dia maravilhoso – disse-me ela à despedida. No seu breve sorriso descobri uma espécie de luminosidade serena que antes não existia. Dei-me então conta de que no decorrer daquele dia me tinha conseguido aproximar um pouco dela. E pensar que era às medusas que devia estar agradecido!

Kumiko e eu continuámos a sair juntos. A mãe dela teve alta sem complicações de maior e o assunto do testamento foi dado por concluído, pelo que deixou de haver razão para passarmos os dois a vida a caminho do hospital, mas continuámos a encontrar-nos pelo menos uma vez por semana para irmos ao cinema, ouvir música ou, pura e simplesmente, dar uma volta. A cada encontro sentíamo-nos mais próximos um do outro. Gostava de estar com ela e, quando os nossos corpos se tocavam por acaso, o meu coração batia mais forte. À medida que se aproximava o fim-de-semana, sentia dificuldade em concentrar-me no trabalho. Tinha a certeza de que ela gostava de mim. Se assim não fosse, não queria estar comigo com tanta regularidade.

No entanto, confesso que não tinha necessidade de aprofundar a minha relação com Kumiko. Sentia da parte dela uma certa hesitação. Não sabia explicar bem o quê, mas, tanto nas suas palavras como nos seus gestos, transparecia por vezes uma espécie de hesitação. Volta e meia, quando lhe fazia alguma pergunta, demorava a responder. Fazia uma brevíssima pausa. E eu, durante esse intervalo de uma fracção de segundos, apercebia-me da existência de uma «sombra».

Chegou o Inverno e, com ele, o dia de Ano Novo³¹. Durante esse tempo tínhamo-nos encontrado todas as semanas. Eu não fazia perguntas acerca da tal «sombra», e ela não tocava no assunto. Marcávamos encontro, íamos a qualquer lado, comíamos juntos e falávamos de coisas impessoais.

– Diz-me uma coisa, por acaso não terás namorado alguém na tua vida? – atrevi-me a perguntar um

belo dia.

Kumiko olhou para mim.

– O que te leva a pensar isso?

– Não sei, é um palpite que tenho.

Estávamos os dois nos jardins imperiais de Shinjuku, normalmente desertos no Inverno.

– Um palpite como?

– Fico com a impressão de que tens qualquer coisa para me dizer. Era bom que desabafasses, se puderes.

Vi a expressão do seu rosto mudar de repente, de uma forma quase imperceptível. Pode ser que tenha havido um momento de hesitação, mas a sua decisão estava tomada desde o princípio.

– Obrigada. Mas não tenho nada de especial para dizer – retorquiu ela.

– Não respondeste à minha pergunta.

– Se tenho namorado ou isso?

– Sim.

Kumiko deteve-se, tirou as luvas e enfiou-as no bolso do casaco. Depois pegou nas minhas mãos, sem luvas, e pô-las entre as suas, quentes e macias. Apertei-as ligeiramente, em jeito de resposta. Tive a impressão de que a sua respiração se tornava mais breve, o sopro mais branco.

– Podemos ir para o teu apartamento, agora? – perguntou ela.

– Claro que sim – disse eu, completamente apanhado de surpresa. – Não há problema. Mas aviso já que não é grande coisa...

Na altura vivia em Asagaya, num estúdio com cozinha, casa de banho e um duche do tamanho de uma cabina telefónica. Ficava num primeiro andar, orientado a sul, e a janela dava para o armazém de uma empresa de construção. A luz era a única coisa boa que o apartamento tinha. Kumiko e eu ficámos durante muito tempo sentados um ao lado do outro, a aproveitar a nesga de sol, encostados à parede.

Naquele dia fiz amor com Kumiko pela primeira vez. Ainda hoje continuo a pensar que foi ela quem quis. De certa forma, foi ela que me seduziu. Não que alguma vez mo tenha sugerido abertamente, com palavras ou acções concretas. Mas quando a abracei, soube que ela desejara desde o princípio que aquilo acontecesse. Tinha um corpo macio e entregou-se sem opor resistência.

Foi a sua primeira experiência sexual. Depois de fazer amor, ficou durante muito tempo em silêncio. Por mais de uma vez tentei meter conversa, mas ela não me respondeu. Tomou um duche, vestiu-se e voltou a sentar-se no mesmo sítio a apanhar sol. Não sabendo o que dizer, sentei-me ao lado dela, calado. À medida que a luz se deslocava, também nós mudávamos de sítio, seguindo o movimento do sol. Quando se fez noite, Kumiko anunciou que ia regressar a casa e eu acompanhei-a.

– Não tens nada para me dizer, de certeza? – voltei a perguntar-lhe já no comboio.

– Não é nada, a sério – murmurou ela, abanando a cabeça.

Não tornei a falar no assunto. No fim de contas, ela tinha decidido ir para a cama comigo de sua livre vontade, e se havia qualquer coisa que não me queria dizer, podia ser que com o tempo as

coisas se compusessem.

Tal como antes, continuávamos a ver-nos uma vez por semana. Ela costumava passar por minha casa e fazíamos amor. Depois ficávamos abraçados, a trocar carícias, e ela começou, pouco a pouco, a fazer-me confidências. A falar de si mesma, das suas experiências e, também, dos sentimentos e reflexões a propósito das coisas do amor. E eu, pouco a pouco, comecei a compreender a sua maneira de ver o mundo. E, pouco a pouco, fui-lhe transmitindo a minha própria visão do mundo. Apaixonei-me profundamente por Kumiko, e também ela jurava a pés juntos que nunca mais queria separar-se de mim. Esperámos até ela acabar a faculdade e casámo-nos.

Depois de casados vivemos felizes, sem preocupações de maior. Apesar disso, não conseguia deixar por vezes de pensar que no seu interior existia um território desconhecido ao qual eu não tinha acesso. Por exemplo, quando estávamos a conversar normalmente, ou até mesmo apaixonadamente, e sem que nada o fizesse prever, Kumiko caía de súbito num profundo mutismo. Calava-se a meio da conversa, sem nenhuma razão especial (ou, pelo menos, uma razão com que eu conseguisse atinar). Era como se ela estivesse a andar por um caminho e de repente caísse dentro de um buraco. Os seus silêncios nunca duravam muito tempo, mas depois, durante um bom bocado, parecia não estar realmente ali. E mesmo passado um certo tempo via-se que ainda não voltara a ser ela. Ouvia o que tinha para lhe dizer e respondia-me com evasivas: «Ah, claro», «Tens razão», «Talvez».

Lembro-me de ter sentido uma estranha hesitação parecida com isso, da primeira vez que entrei dentro de Kumiko. Para ela, era a primeira vez e só podia sentir dor. De facto, manteve durante todo o tempo o corpo rígido. Mas não foi só isso que me perturbou. Havia ali qualquer coisa de estranhamente lúcido. Era difícil de explicar, uma espécie de distanciamento. Tinha a curiosa sensação de que o corpo que tinha nos meus braços era diferente do corpo da mulher que minutos antes estivera deitada ao meu lado, envolvida numa conversa íntima. Como se, a dada altura, sem que eu desse por isso, o seu corpo tivesse sido substituído por outro. Enquanto a abraçava, as minhas mãos continuavam a acariciar-lhe as costas. Fascinava-me o contacto com as suas costas pequenas e lisas. Ao mesmo tempo, porém, sentia-a extremamente distante. Kumiko parecia encontrar-se muito longe de mim, a quilómetros dali, pensando o tempo todo noutra coisa. Voltei a ficar com a sensação de que o corpo que tinha nos braços era um substituto temporário. É possível que tenha sido por essa razão que, apesar de sexualmente muito excitado, demorei uma eternidade a vir-me.

Isso só aconteceu da primeira vez. A partir daí senti-a cada vez mais próxima de mim, e as suas reacções físicas tornaram-se mais vivas. Convenci-me de que, se havia sentido aquela espécie de afastamento, era porque se tratava da sua primeira experiência sexual.

Enquanto vasculhava a memória, esticava volta e meia o braço, alcançava a escada e dava-lhe um puxão forte, para me certificar de que continuava lá. Não me conseguia libertar do medo irracional de que ela por alguma razão se soltasse. Cada vez que imaginava semelhante possibilidade, apoderava-se de mim, ali nas trevas, uma terrível inquietação. Tanto assim era que podia ouvir o meu coração a bater, a bater. Contudo, depois de ter testado a sua resistência – para aí umas vinte ou trinta vezes –, lá me acalmei. No fim de contas prendera a escada firmemente à árvore. Era pouco provável que se soltasse sozinha.

Olhei para o relógio. Os ponteiros fosforescentes indicavam que faltavam poucos minutos para as três. Três da tarde. Por cima da minha cabeça, a luz em forma de meia-lua ainda continuava a pairar.

A superfície da Terra devia estar inundada pelo ofuscante sol de Verão. Pus-me a imaginar um riacho cintilante, as folhas verdes ondulando ao vento. E pensar que alguns metros abaixo daquela claridade esmagadora podia existir uma escuridão daquelas. Bastava pegar numa escada de corda e descer alguns metros abaixo da superfície do solo, para ir encontrar uma escuridão tão profunda.

Dei mais um puxão para testar de novo a fixação da corda. Estava bem presa. Em seguida apoiei a cabeça contra a parede e fechei os olhos. O sono não tardou a apoderar-se de mim, como a maré que sobe lentamente.

30 Também conhecida como um fóssil vivo, a *Gingko biloba* é uma espécie vegetal muito utilizada na medicina alternativa pelas suas propriedades regenerativas. Descrita pela primeira vez no século XVII, a planta despertou o interesse dos investigadores após a Segunda Guerra Mundial, pelo facto de ter sobrevivido às radiações em Hiroxima. (*N. da T.*)

31 Celebra-se a 1 de Janeiro a festa religiosa mais importante do Japão. (*N. da T.*)

A propósito da gravidez:
entre reminiscências e conversas

Reflexão empírica sobre a dor

Quando acordei, a meia-luz do poço tinha adquirido o tom azul-escuro do crepúsculo. Os ponteiros do relógio indicavam sete e meia. Sete e meia da tarde. O que significava que eu tinha dormido quatro horas e meia.

O ar no fundo do poço era frio. Ao descer devia ter estado demasiado nervoso para me dar conta da temperatura. Agora, porém, sentia o frio na pele. Esfreguei os braços nus com as palmas das mãos para ver se aquecia, pensando que deveria ter trazido na mochila qualquer coisa para usar por cima da *T-shirt*. Nem sequer me passara pela cabeça que a temperatura no fundo do poço pudesse ser diferente da temperatura à superfície.

Envolvia-me uma escuridão total. Por mais que me esforçasse, não via rigorosamente nada. Nem sequer onde estava a minha própria mão. Tacteei as paredes do poço, descobri às apalpadelas a escada e dei um puxão. Continuava solidamente fixa à superfície. Ao mexer a mão, era como se a escuridão vacilasse, mas devia tratar-se de uma mera ilusão de óptica.

Era uma sensação estranha, saber que o meu corpo estava ali e, ao mesmo tempo, não ser capaz de o ver. Imóvel no escuro, cada vez me parecia menos real o facto de me encontrar ali. Por isso, de vez em quando aclarava a garganta ou passava a mão pela cara. Assim, os meus ouvidos confirmavam a existência da voz, a minha mão da existência do rosto, e o meu rosto podia verificar a existência da minha mão.

No entanto, apesar dos meus esforços o meu corpo ia perdendo aos poucos peso e densidade, como a areia que é levada pela corrente. Era como se dentro de mim se travasse uma espécie de combate mudo e encarniçado à base da tracção de cordas e que a consciência estivesse lentamente a arrastar o meu corpo físico para dentro do seu território. As trevas perturbavam o equilíbrio normal entre os dois. Ocorreu-me a ideia de que o meu próprio corpo, vendo bem, mais não era do que uma concha provisória destinada a albergar a mente. Bastava mudar a ordem dos sinais a que chamamos cromossomas, que formavam o meu corpo actual, e encontrar-me-ia dentro de um corpo completamente distinto do anterior. «Prostituta da mente», era como Creta Kano tinha chamado a si própria. Agora sim, já não me custava aceitar a expressão. Era possível que tivéssemos tido relações sexuais em espírito e que eu tivesse ejaculado na realidade. À luz de uma escuridão tão profunda como aquela, qualquer coisa, por mais estranha que fosse, se afigurava possível.

Sacudi a cabeça e, com esforço, esforcei-me por devolver a minha consciência ao meu corpo.

Nas trevas, pressionei as pontas dos cinco dedos de uma mão contra os cinco da outra. Polegar contra polegar, indicador contra indicador. Os dedos da minha mão direita confirmaram a existência dos dedos da minha mão esquerda, e os dedos da mão esquerda a existência dos dedos da minha mão

direita. Depois respirei lenta e profundamente. OK, agora basta de pensar na mente. Pensa antes em coisas mais reais. No mundo físico, concreto. É por isso que aqui estou. Para pensar na realidade. Porque me pareceu que a melhor maneira de reflectir sobre a realidade era afastar-me dela o mais possível. Refugiando-me no fundo de um poço, por exemplo. «Quando tiveres de descer, procura o poço mais profundo e desce até ao fim», já lá dizia o senhor Honda. Encostado à parede, aspirei lentamente para dentro dos pulmões o ar que cheirava a mofo.

Kumiko e eu casámo-nos sem nenhuma espécie de cerimónia nupcial. Para começar, não tínhamos dinheiro para isso e, depois, não queríamos recorrer aos nossos pais. Fazendo tábua rasa de rituais e convenções, estávamos empenhados em fazer assentar a vida em comum no nosso esforço conjunto. Um domingo de manhã fomos à única dependência da prefeitura municipal que estava aberta no fim-de-semana, tocámos à campainha para acordar o funcionário que dormitava e registámos o nosso casamento. Mais tarde fomos a um bom restaurante francês, normalmente inacessível ao nosso bolso, mandámos vir uma garrafa de vinho e oferecemos a nós próprios uma bela refeição. Para nós era quanto bastava.

Quando nos casámos, poucas ou nenhuma economia tínhamos (pela minha parte, contava com algum dinheiro que me tinha deixado a minha mãe, ao morrer, mas decidámos não tocar nele a não ser em caso de força maior), assim como não tínhamos mobília que se visse. Também não se podia dizer que as nossas perspectivas de futuro fossem particularmente brilhantes. A uma pessoa que trabalha numa firma jurídica sem diploma de advogado, não a espera um futuro lá muito prometedor. Quanto a Kumiko, trabalhava para uma pequena editora praticamente desconhecida. Se quisesse, e uma vez licenciada, poderia ter encontrado uma colocação muito melhor graças aos conhecimentos do pai, mas ela preferiu encontrar trabalho pelos seus próprios meios. E, verdade seja dita, não estávamos descontentes com a nossa sorte. A partir do momento em que nos safávamos os dois sozinhos, já era razão para ficarmos satisfeitos.

Construir qualquer coisa juntos a partir do zero não foi tarefa fácil. Como todos os filhos únicos, eu tinha tendência para me isolar. As coisas sérias, preferia ser eu a fazê-las sozinho. Explicar as coisas ao pormenor, uma a uma, e dá-las a entender às outras pessoas parecia-me uma pura perda de tempo e energia, preferindo mil vezes ser eu a fazê-las sem dizer nada a ninguém. No caso de Kumiko, depois da morte da irmã fechara o seu coração à família e também ela tinha vivido praticamente isolada. Acontecesse o que acontecesse, ela nunca ia ter com os seus para lhes pedir conselho. Nesse aspecto éramos muito parecidos.

Apesar disso, aos poucos, Kumiko e eu adaptámos os nossos corpos e as nossas mentes àquela nova entidade a que chamávamos «lar». Habitúmo-nos a pensar nas coisas em conjunto e a sentir as coisas em conjunto. Esforçámo-nos por encarar o que acontecia a cada um de nós como «experiências comuns» e a partilhá-las. Escusado será dizer que por vezes a coisa funcionava, outras vezes não. Mas quer-me parecer que tínhamos prazer em ir apalpando terreno e desvendando coisas que eram para nós uma novidade. E se era certo que entre nós se verificavam por vezes confrontos violentos, também acontecia que éramos perfeitamente capazes de os esquecer nos braços um do outro.

No nosso terceiro ano de casados, Kumiko ficou grávida. Tomávamos sempre grandes precauções e para nós – ou, pelo menos, para mim – aquela notícia constituiu um choque. Devíamos ter tido um momento de desatenção. Não éramos capazes de determinar exactamente quando, mas era a única explicação. Em todo o caso, não tínhamos possibilidades económicas para ter e criar um filho. Kumiko começava a ambientar-se às suas funções na editora e, na medida do possível, fazia tentativas de conservar o seu posto de trabalho. Uma empresa pequena como a dela não podia dar-se ao luxo de conceder licenças de maternidade. Se alguém queria ter um filho, não tinha outro remédio senão pedir a demissão e ir bater a outra porta à procura de trabalho. Se Kumiko fizesse isso, seríamos obrigados a viver única e exclusivamente do meu ordenado, o que era de todo impensável.

«Bom, desta vez temos de deixar passar», disse Kumiko numa voz inexpressiva, ao regressar do hospital com o resultado das análises.

O mais provável era ela ter razão. Analisando a questão fosse de que ângulo fosse, a verdade é que éramos demasiado jovens e não estávamos preparados para trazer uma criança a este mundo. Tanto Kumiko como eu precisávamos de tempo para assentar. Primeiro que tudo, tínhamos de construir a nossa própria vida. E depois logo apareceriam mil e uma oportunidades para ter filhos.

Para ser franco, eu não queria que Kumiko fizesse um aborto. Uma vez, no meu segundo ano da faculdade, tinha engravidado uma rapariga. Ela tinha menos um ano do que eu e conhecera-a no sítio onde trabalhava em tempo parcial. Era boa rapariga e dávamo-nos bem. Isto para dizer que simpatizávamos um com o outro, e tudo isso, mas nunca estivemos apaixonadíssimos nem nada que se parecesse, e o mais provável era que a nossa relação amorosa não tivesse qualquer futuro. Acontecia apenas que nos sentíamos os dois sozinhos e precisávamos ambos de ter alguém nos nossos braços, mais nada.

Sabia perfeitamente em que circunstâncias a rapariga engravidara. Quando estava com ela usava sempre preservativo, mas houve um dia em que me esqueci de levar um. Tinham-se-me acabado. Quando lhe dei conta do meu esquecimento, ela hesitara durante dois ou três segundos e depois dissera: «Tudo bem, acho que hoje não há problema.» O certo é que ficou grávida.

Não conseguia habituar-me à ideia de que a «tinha engravidado». Por mais voltas que déssemos, a única solução parecia ser o aborto. Arranjei o dinheiro para a operação e acompanhei-a à clínica. Apanhámos juntos o comboio e dirigimo-nos a uma clínica recomendada por uma amiga dela que ficava numa pequena cidade da prefeitura de Chiba. Descemos numa estação que nem sequer sabia que vinha no mapa. Espalhadas a perder de vista pelas vertentes ondulantes de uma colina baixa, alinhavam-se mil e uma vivendas minúsculas muito juntinhas, todas para venda. Estávamos em presença de um desses novíssimos e gigantescos bairros residenciais mandados construir nos últimos anos para albergar os empregados relativamente jovens que não tinham como pagar uma renda no centro de Tóquio. A própria estação era de construção recente e, à sua frente, viam-se ainda campos de arroz.

A sala de espera da clínica estava literalmente cheia de mulheres grávidas com uma enorme barriga. Na sua maioria casadas há uns quatro ou cinco anos, tendo finalmente conseguido poupar o suficiente para comprar a prestações uma casita nos subúrbios, preparavam-se agora para dar à luz o tão esperado filho. O único homem presente era eu. As grávidas deitavam-me olhares cheios de curiosidade – e, diga-se de passagem, sem ponta de simpatia. Saltava aos olhos que não passava de

um estudante que tinha engravidado acidentalmente a namorada e que estava ali com ela para fazer um aborto.

Depois da intervenção, voltámos a apanhar o comboio e regressámos a Tóquio. Era praticamente de noite e o comboio naquela direcção seguia quase sem ninguém. Durante a viagem pedi-lhe desculpa. E confessei-lhe que lamentava profundamente tê-la metido naquela situação, tudo por causa de um descuido da minha parte. «Não penses mais nisso», respondeu-me ela. «Pelo menos vieste comigo à clínica, e pagaste tudo.»

Passado pouco tempo ela e eu deixámos de nos encontrar, sem que a iniciativa partisse de nenhum dos dois em especial. Não sei o que foi feito dela, onde pára agora, o que faz. Muito tempo depois da intervenção, porém – e até mesmo depois da nossa ruptura –, continuei a debater-me com sentimentos contraditórios. Cada vez que me lembrava dela, vinha-me ao pensamento a sala de espera daquela clínica, a rebentar pelas costuras de jovens mulheres grávidas repletas de certezas. E não havia uma única vez que não me arrependesse de a ter engravidado.

No comboio, durante a viagem de regresso, para me consolar – digo bem, para *me* consolar a mim –, ela explicou-me, muito bem explicadinho, o que contribuíra para tornar a operação tão fácil.

«Não é uma intervenção tão séria como possas pensar», afiançou. «Quase não demorou tempo nenhum e não senti nada. Só tive de me despir e deixar-me ficar ali quieta. Bom, vendo bem, é um bocado embaraçoso, mas o médico parecia boa pessoa e as enfermeiras também eram muito simpáticas. Claro que aproveitaram para me fazer um sermão, dizendo-me para ser mais cuidadosa daqui em diante. Não leves isto muito a peito. A culpa também é minha. Não fui eu quem disse que não aconteceria nada? Vá lá, anima-te!»

Num certo sentido, e durante o longo trajecto que separava a cidadezinha de Chiba e de Tóquio, tanto para lá como para cá, o certo é que me transformei numa pessoa diferente. Depois de a acompanhar a casa dela, quando regressei ao meu apartamento e me meti no quarto, deitado no chão, a olhar para o tecto, dei-me perfeitamente conta dessa mudança. O eu que estava ali era um novo eu, e nunca mais poderia voltar atrás. Perdera a inocência e tinha sido graças ao meu novo eu que ganhara consciência disso. Não era uma questão de ter remorsos ou sentimentos de culpa moralista. Sabia que cometera um erro terrível, mas não fazia tenções de me castigar por isso. A realidade era aquela, e não tinha outro remédio senão encarar os factos de uma forma lúcida e objectiva.

Quando soube que Kumiko estava grávida, a primeira coisa que me veio à cabeça foi a imagem daquelas jovens grávidas que enchiam a sala de espera da clínica ginecológica. Bem como o peculiar odor que ali dentro se respirava. Não fazia a mínima ideia de que cheiro era – se calhar era apenas impressão minha e tratava-se apenas de qualquer coisa *parecida* com um cheiro. Quando a enfermeira chamou a minha amiga, ela levantou-se apressadamente da dura cadeira de plástico e encaminhou-se direitinha para a porta. Antes de se levantar, deitou-me um olhar rápido e nos seus lábios pareceu-me ver um vago sorriso, ou o que terá ficado de um sorriso depois de ter mudado bruscamente de opinião.

Sabia que era pouco realista pensar em ter filhos, mas, ao mesmo tempo, também não queria que Kumiko fizesse um aborto. E disse-o a Kumiko, perguntando-lhe se não havia maneira de evitar a intervenção.

– Estamos fartos de falar no assunto – respondeu ela. – Mas se tivermos uma criança agora, eu

teria de me vir embora da editora e tu não terias outro remédio senão ir à procura de outro emprego onde ganhasses mais, a fim de me manteres a mim e ao bebé. Passaríamos a contar os tostões e não poderíamos fazer nada do que queremos. E, mais, sem dinheiro para as coisas supérfluas. A partir daí, as possibilidades práticas de fazer algo ficariam drasticamente reduzidas. Estás disposto a isso?

– Não me importaria de experimentar.

– Estás a falar a sério?

– Se quisesse, podia arranjar outro emprego. O meu tio anda à procura de alguém para o ajudar. Quer abrir outro estabelecimento, mas como está com dificuldade em encontrar um gerente de confiança, não pode. De certeza que passaria a ganhar muito mais do que agora. Está bem, não tem nada que ver com o Direito, mas a verdade é que não se pode dizer que esteja por aí além entusiasmado com o meu trabalho na firma de advogados.

– E estavas na disposição de passar a ser gerente de um restaurante?

– Pelo menos podia tentar. Porque não? E em caso de emergência, ainda temos aquele dinheiro que a minha mãe nos deixou. De certeza que de fome não morreríamos.

Kumiko ficou calada um grande bocado, a pensar nas minhas palavras. Era muito dela, aquela expressão pensativa, e eu gostava das pequenas rugas que se formavam nos cantos, à volta dos olhos.

– Quer isso dizer que gostarias de ter um filho? – quis ela saber.

– Não tenho a certeza. Sei, isso sim, que tu estás grávida, mas ainda não me compenetrei do que significa realmente ser pai. Por um lado, penso que seria melhor continuarmos a ter a vida que temos, os dois juntos. Por outro lado, também penso que um filho tornará o nosso mundo maior e mais vasto. Não sei o que é correcto. Só sei que não quero que faças um aborto, mais nada. De resto, não estou em posição de te dar nenhuma garantia. Não te posso dar cem por cento de certezas, e também não tenho em meu poder nenhuma solução milagrosa. Tudo o que tenho para partilhar contigo é este sentimento.

Kumiko ficou a pensar naquilo durante um bocado. De vez em quando passava a mão pela barriga.

– Diz-me uma coisa. Por que é que pensas que engravidei? Não tens ideia?

Abanei a cabeça.

– Tivemos sempre cuidado. Precisamente para evitar passarmos por aquilo que nos está agora a acontecer. Por isso não faço ideia como é que aconteceu.

– Não te passa sequer pela cabeça que eu possa ter ido para a cama com outro homem? Nunca pensaste nessa possibilidade?

– Não.

– Porquê, não me dizes?

– Posso não ter um sexto sentido ou não ser uma pessoa lá muito intuitiva, mas disto tenho a certeza.

Estávamos os dois sentados à mesa da cozinha, a beber vinho. Era de noite, já tarde, e à nossa volta não se ouvia barulho nenhum. De olhos semicerrados, Kumiko olhava para o resto de vinho que ainda tinha no copo. Era raro beber. Só um copo de vez em quando, quando não conseguia dormir. Era remédio santo. Caía à cama e dormia que nem uma pedra. Pela minha parte, estava a beber para lhe fazer companhia. Não utilizávamos copos finos próprios para vinho, nem nada que se parecesse, mas sim uns copos de cerveja que nos tinham sido oferecidos pela loja de vinhos lá do bairro.

– E *foste* para a cama com outro homem? – perguntei eu, subitamente preocupado com a ideia.

Kumiko negou com a cabeça e sorriu.

– Não sejas parvo. Sabes bem que nunca faria uma coisa dessas. Falei nisso apenas a título de mera hipótese teórica.

A seguir ficou séria e pôs os cotovelos em cima da mesa.

– Mas, sabes, às vezes não entendo as coisas. Quero dizer, o que é real e o que não é. O que aconteceu, na verdade, e o que não aconteceu... *Às vezes*, digo bem.

– E agora estamos numa dessas *vezes*?

– É mais ou menos isso. A ti nunca te acontece?

Pensei na pergunta durante coisa de um minuto.

– Não, que me lembre – respondi.

– Como é que te hei-de explicar? Há uma espécie de desfasamento entre o que eu penso que é real e a verdadeira realidade. Tenho a impressão de que algures, dentro de mim, existe qualquer coisa escondida. Como um ladrão que tenha entrado numa casa e se tenha escondido no armário, saindo apenas volta e meia, para vir perturbar qualquer noção de ordem e lógica que eu possa ter. Como um íman que altera o funcionamento de uma máquina.

Fiquei a olhar para Kumiko por momentos.

– E tu acreditas mesmo que existe alguma relação entre o facto de estares grávida e essa pequena coisa?

Kumiko abanou a cabeça.

– Não é uma questão de haver ou não uma relação. O que sei é que às vezes perco a noção da ordem das coisas. Mais nada.

Começava a notar-se uma certa irritação nas suas palavras. Passava da uma da manhã. Estendi a mão por cima da mesa e peguei-lhe na mão.

– Escuta – disse ela –, gostava que me deixasses ser eu a tomar uma decisão, nesta matéria. Tenho a perfeita noção de que este problema nos afecta a ambos. Palavra que tenho. Mas agora deixa-me decidir a mim. Tenho muita pena, mas não sou capaz de explicar melhor o que penso e o que sinto.

– Fundamentalmente, penso que o direito de tomar uma decisão és tu que o tens – retorqui eu –, e esse direito, eu respeito-o.

– Ainda temos um mês ou isso para tomar uma decisão. Temos falado muito acerca de tudo isto e sei perfeitamente o que sentes. Por isso, deixa-me pensar bem no assunto. E vamos fazer os possíveis por não falar nisso durante uns tempos.

No dia em que Kumiko abortou estava eu em Hokkaido. A firma não tinha por hábito enviar empregados do escalão mais baixo, como eu, em viagem de negócio para fora da cidade, mas naquela altura não havia mais ninguém disponível e tocou-me a mim. Tinha de levar comigo uma mala cheia de documentos, apresentar sumariamente à outra parte o conteúdo dos mesmos, acusar a recepção dos documentos que me fossem entregues e regressar. Esses documentos eram demasiado importantes para serem enviados por correio ou confiados a terceiros. Como todos os voos de regresso estavam cheios, fui obrigado a passar a noite num *business hotel*³² de Sapporo. Entretanto, Kumiko foi sózinha ao hospital e abortou. Mais tarde, já passava das dez da noite, telefonou-me para o hotel.

– Fiz o aborto esta tarde – disse. – Custa-me estar a falar-te de um facto consumado, mas de um momento para o outro apareceu uma aberta, e eu pensei que era melhor assim, quero dizer, ir com

isso para a frente estando tu ausente.

– Não te preocupes. Se achas que foi melhor assim, fizeste bem.

– Tenho mais coisas para te dizer, mas por enquanto ainda não me sinto capaz. De qualquer forma, mais cedo ou mais tarde terá de ser.

– Falamos com calma quando eu regressar.

Depois de ter desligado, enfiei o casaco, saí do quarto e comecei a caminhar sem rumo pelas ruas de Sapporo. Estávamos no início de Março e a neve acumulava-se de ambos os lados da calçada. O vento era tão frio que quase doía a respirar e a respiração dos transeuntes formava pequenas nuvens brancas suspensas no ar para desaparecer logo a seguir. As pessoas usavam casacos pesados, luvas, cachecóis que quase lhes tapavam a boca e caminhavam com muito cuidado pelos passeios gelados para não caírem. Os táxis iam e vinham acompanhados do arranhar que as correntes nas rodas faziam em contacto com o pavimento. Quando não consegui resistir mais ao frio, entrei no primeiro bar que encontrei e bebi vários uísques puros. Em seguida continuei a minha caminhada.

Deambulei pelas ruas durante muito tempo. De vez em quando caíam alguns flocos, mas era uma neve fraca e fina como uma lembrança que se dilui na distância. O segundo bar onde entrei ficava numa cave. Era muito maior do que a entrada dava a entender. Tinha um pequeno palco e um homem magro de óculos cantava acompanhando-se à guitarra. Estava sentado numa cadeira de metal com as pernas cruzadas, o estojo do instrumento a seus pés.

Sentei-me no bar, a beber e a ouvir a música sem prestar grande atenção. Aproveitando uma pausa, o homem explicou que tinha escrito todas as letras e composto a música de todas as canções. Devia andar entre os vinte e cinco e os trinta anos, tinha um rosto vulgar e usava óculos com armação de plástico castanho. Vestia calças de ganga, botins e as fraldas da camisa de flanela aos quadrados de fora. Se me tivessem perguntado qual era o género de música que ele interpretava, dificilmente teria conseguido explicar – uma coisa parecida com aquilo a que se convencionou chamar música *folk*, mas em versão japonesa. À base de acordes simples, melodias monocórdicas, letras banais. Não se podia dizer que fosse propriamente o tipo de música que ia ao encontro das minhas preferências musicais.

Em circunstâncias normais, aquela música ter-me-ia entrado por um ouvido e saído por outro. O mais certo era ter-me limitado a beber o meu uísque, a pagar a conta e a abandonar o local à pressa. Mas naquela noite estava gelado até à medula e não fazia tenções de sair dali por nada deste mundo, pelo menos enquanto não aquecesse os ossos. Bebi o uísque de um trago e a seguir pedi outro. Continuei de casaco vestido e cachecol enrolado ao pescoço. O *barman* perguntou se queria comer qualquer coisa e mandei vir queijo, mas acabei por comer apenas um pedaço. Queria pensar, mas o meu cérebro não estava a funcionar como deve ser. Nem sequer conseguia pensar direito. Tinha a sensação de me ter convertido num quarto vazio, onde a música ressoava distorcida, produzindo um eco surdo, sem consistência.

Quando o homem acabou de cantar meia dúzia de canções, ouviram-se alguns aplausos. Nada de muito entusiástico nem de demasiado formal. Não deviam estar ali mais de dez ou quinze pessoas. O homem levantou-se e agradeceu. Disse qualquer coisa, uma piada, que fez rir alguns clientes. Eu chamei o empregado e pedi o meu terceiro uísque. E só nessa altura é que tirei o casaco e o cachecol.

– E assim termina a minha actuação de hoje – disse o cantor. Depois fez uma pausa e percorreu a sala com o olhar. – É possível que alguns esta noite não tenham gostado das minhas canções. A esses, vou dedicar-lhes esta pequena actuação. É um número que faço muito raramente, por isso podem

considerar que hoje é o vosso dia de sorte.

O cantor pousou com cuidado a guitarra aos pés e tirou de dentro do estojo uma vela. Uma vela branca e grossa. Acendeu-a com um fósforo e fê-la agarrar a um pratinho no qual tinha deixado cair um pingo de cera. Em seguida ergueu o prato bem alto com ar sério, armado em filósofo grego.

– Podem baixar as luzes na sala, por favor? – pediu o homem. Um empregado diminuiu a intensidade da luz. – Mais um bocadinho, pode ser?

Quando a sala ficou quase às escuras, começámos a distinguir nitidamente a chama da vela. Com o copo de uísque na mão, para o aquecer, eu não tirava os olhos dele.

– Como devem estar fartos de saber, o homem experimenta vários tipos de dor ao longo da sua existência – disse ele numa voz baixa mas audível. – Até hoje, e pela parte que me toca, já senti na pele a dor nas suas mais diversas formas e imagino que o mesmo terá acontecido convosco. Mas estou certo de que, na maior parte dos casos, terá sido muito difícil traduzir por palavras essa mesma dor aos outros. Por isso é que as pessoas dizem que só quem passa por isso é que sabe. Mas será realmente assim? Eu sou dos que não acreditam nisso. Por exemplo, se vemos alguém em sofrimento à frente dos nossos olhos, também nós conseguimos sentir a sua dor e partilhar do seu sofrimento como se fosse nosso. É a chamada força da empatia. Faço-me entender? – Fez uma pausa e voltou a varrer a sala com o olhar. – Se as pessoas cantam, é porque querem ter a possibilidade de despertar os sentimentos dos outros, porque querem sair da sua pequena casca e partilhar com os outros as dores e as alegrias. Mas isso, como seria de esperar, não é tarefa fácil. Por isso esta noite, gostaria de fazer uma pequena experiência que vos permitirá criar, por assim dizer, uma certa empatia física. Luzes, por favor.

Estava toda a gente imóvel, de olhos postos no palco, contendo a respiração. No meio do silêncio, o homem olhava no vazio com o objectivo de fazer uma pausa, ou então de se concentrar mentalmente. Em seguida, sem dizer palavra, pôs a palma da mão esquerda sobre a vela e começou a aproximá-la da chama pouco a pouco. Entre o público alguém soltou um som que tanto podia ser um suspiro como um gemido. Podia ver-se a ponta de chama a queimar a palma da mão. O crepitar da carne queimada era quase perceptível. Uma mulher deixou escapar um grito sufocado. Os outros espectadores observavam a cena, horrorizados. O homem, com a cara brutalmente contraída, suportava a dor. Mas que diabo quer isto dizer, lembro-me de ter pensado, que pretende ele provar com semelhante estupidez? Notei que a minha boca começava a ficar seca. Após ficar assim, naquela posição, durante cinco ou seis segundos, o homem afastou devagarinho a palma da chama e pousou o prato com a vela no chão. Depois cruzou as duas mãos, apertando a palma direita contra a esquerda.

– Como acabaram de ver, minhas senhoras e meus senhores, a dor pode consumir literalmente o corpo de um homem – disse. A sua voz mantinha o mesmo tom de antes: baixa, audível e serena. Todos os sinais de sofrimentos tinham desaparecido do seu rosto, que afivelava mesmo um ligeiro sorriso. – E a dor que eu devia estar a experimentar, todos puderam senti-la como se fosse vossa. É esse o poder da empatia.

O homem separou então ligeiramente as mãos que ainda mantinha unidas. E deixou ver um pequeno lenço vermelho, que desdobrou à vista de toda a gente. Em seguida estendeu os braços e mostrou as palmas abertas aos presentes na sala. Não apresentavam o menor sinal de queimadura. Após um breve silêncio, o público, aliviado, aplaudiu com entusiasmo. Acenderam-se as luzes e as pessoas, libertas da tensão, começaram a falar animadamente. O homem, como se não fosse nada com ele, guardou a guitarra dentro do estojo, desceu do palco e desapareceu.

Na altura de pagar, perguntei a uma empregada se aquele homem costumava cantar ali e se tinha por hábito entreter a audiência com números de magia daquele género.

– Não lhe sei dizer – respondeu ela. – Julgo que é a primeira vez que actua aqui, e nunca tinha ouvido falar dele. Nem sequer sabia que se dedicava à magia. Mas foi impressionante, não foi? Como é que terá feito aquilo? Com um truque daqueles, podia perfeitamente aparecer na televisão!

– Lá isso é, parecia mesmo que se estava a queimar a sério – acrescentei.

Voltei a pé para o hotel e deitei-me em cima da cama. Acto contínuo, o sono apoderou-se de mim como se tivesse estado à minha espera. Na altura em que ia começar a dormir, pensei em Kumiko. Mas senti-a terrivelmente distante e, além do mais, já não conseguia pensar em nada. De repente veio-me à cabeça o rosto daquele homem enquanto queimava a palma da mão na chama da vela. Parecia que se estava mesmo a queimar, pensei para comigo. E caí ferrado a dormir.

³² No Japão os hotéis de negócios servem as necessidades dos viajantes que não querem gastar muito. Ficam geralmente no centro da cidade, têm quartos ao estilo ocidental e o hóspede pode optar por um pequeno-almoço japonês ou ocidental. (*N. da T.*)

A origem do desejo

No quarto número 208

Atravessando a parede

Antes de amanhecer, no fundo do poço, tive um sonho. Mas não foi um sonho. Era *qualquer coisa* que por acaso tinha a forma de um sonho.

Caminhava sozinho. No ecrã de um televisor enorme, situado no meio de um amplo vestíbulo, aparecia o rosto de Noboru Wataya. O seu discurso tinha acabado de começar. Vestia um fato de *tweed*, camisa às riscas e gravata azul-marinho. Tinha as mãos cruzadas na mesa à sua frente e falava directamente para a câmara. Pendurado atrás de si via-se um grande mapa do mundo. Deviam estar centenas de pessoas no salão, mas todas elas, sem excepção, permaneciam imóveis e escutavam com uma expressão grave estampada na cara o discurso dele. Como se Noboru Wataya estivesse prestes a anunciar algo de importância capital que fosse decidir o destino da população.

Também eu estava parado e de olhos postos no ecrã. Noboru Wataya dirigia-se num tom profissional, ainda que com arroubos de sinceridade, a milhões de pessoas que não podia ver. Aquela *coisa* repelente que eu sentia quando estávamos frente a frente permanecia dissimulada, algures numa parte remota e inacessível do seu ser. A sua oratória possuía um grande poder de persuasão. As pequenas pausas cuidadosamente calculadas, a ressonância da voz, as mudanças de expressão: tudo contribuía para criar uma ilusão de realismo estranhamente eficaz. A cada dia que passava, saltava aos olhos que Noboru Wataya se tornava melhor e mais articulado enquanto orador. Por mais que me custasse, era obrigado a reconhecer esse facto.

«Como podem ver, meus amigos», estava ele a dizer, «as coisas apresentam-se ao mesmo tempo muito complicadas e muito simples. É esta a regra fundamental que domina o mundo. Nunca a podemos perder de vista. Até mesmo as coisas que parecem complicadas – e que na realidade o *são* – têm um móbil muito simples. Tudo depende *daquilo de que andamos à procura*, mais nada. É aquilo que designamos por móbil é, por assim dizer, a origem do desejo. O que importa é encontrar a raiz do desejo. É preciso cavar e ir para além da superfície complexa que é a realidade. Cavar, cavar sempre. E depois cavar ainda mais fundo, até atingirmos a extremidade da raiz. Então», e nesse ponto ele apontava com o dedo para o mapa nas suas costas, «tudo acabará por se esclarecer. É assim que funciona o mundo. Os ignorantes não logram escapar nunca a esta aparente complexidade. E, sem entender uma única coisa que seja acerca do funcionamento do mundo, passam a vida na escuridão, caminhando às cegas à procura de uma saída, e morrem sem ter compreendido o modo como o mundo funciona. Ficam desorientados como se se encontrassem no meio de um bosque cerrado ou no fundo de um poço profundo. E estão perdidos porque não compreendem o princípio fundamental das coisas. Na sua cabeça só existe calhaus e lixo. Não percebem nada. Nem sequer sabem distinguir entre o que

vem primeiro e o que vem depois, o que está em cima e o que está em baixo, onde fica o Norte e onde fica o Sul. Por isso jamais poderão escapar do mundo das trevas.»

Neste ponto Noboru Wataya fez uma pausa para dar às suas palavras tempo de penetrar na mente do seu auditório, antes de prosseguir:

«Vamos esquecer essa gente. Se eles perderam o norte, pois que continuem desorientados. A nós, esperam-nos tarefas mais importantes.»

À medida que o ouvia falar, a cólera apoderava-se de mim. Uma cólera que me cortava a respiração. Noboru fingia estar a dirigir-se ao mundo inteiro, mas na realidade estava a falar só para mim. E devia ter algum motivo pérfido e tortuoso para o fazer. Contudo, mais ninguém, além de mim, se dava conta disso. O que permitia a Noboru Wataya servir-se desse gigantesco meio de comunicação que é a televisão para me enviar mensagens cifradas. Apertei os punhos com força dentro dos bolsos, mas não tinha como livrar-me daquela raiva. Não podia partilhá-la com nenhum dos presentes, e essa impossibilidade provocava em mim um profundo sentimento de solidão.

Atravessava então a sala cheia até mais não de pessoas que aguçavam o ouvido para não deixar escapar uma palavra que fosse do discurso de Noboru Wataya e dirigia-me sempre a direito para o corredor que levava aos quartos dos convidados. Ali, encontrava-se um homem sem rosto. Ao ver-me aproximar, olhava para mim com o seu rosto sem rosto. Depois, sem um som, barrava-me a passagem.

«Agora não é o momento indicado», dizia ele. «O senhor não pode estar aqui.»

A dor profunda e lancinante causada por Noboru Wataya impelia-me, contudo, a seguir em frente. Levantando o braço, afastei o homem sem rosto para o lado. Ele vacilava como uma sombra e afastava-se para me deixar passar.

«Digo isto por si», advertiu-me o homem sem rosto atrás de mim. Uma a uma, as suas palavras cravavam-se nas minhas costas, como estilhaços de vidro. «Se continuar em frente, nunca mais poderá voltar atrás. Isso não o incomoda?»

Ignorando-o, eu continuava a avançar em passo rápido. Tinha de saber. Não podia continuar eternamente perdido.

Caminhava por um corredor que me era familiar. Parti do princípio de que o homem sem rosto viria em minha perseguição, mas quando me virava para olhar para trás não via ninguém. No longo e sinuoso corredor as portas sucediam-se, uma atrás da outra, todas idênticas. Cada uma apresentava um número diferente, mas não me conseguia lembrar qual era o número do quarto onde me tinham conduzido na vez anterior. Lembrava-me perfeitamente de o ter memorizado e, no entanto, não havia maneira de me lembrar! E não ia pôr-me a abrir as portas todas, uma a uma!

Ia andando pelo corredor fora, sem rumo, até encontrar um empregado do serviço de quartos com uma bandeja na mão. Transportava uma garrafa de *Cutty Sark* por abrir, um balde de gelo e dois copos. Deixava-o passar e seguia-o discretamente, sem ele dar por isso. A bandeja de metal brilhante e polido reflectia a luz das lâmpadas do tecto, emitindo lampejos. O empregado não se virou para trás uma única vez. Com o queixo atirado para a frente, caminhava com passos regulares, seguindo direito ao seu destino. De vez em quando punha-se a assobiar. Reconheci a abertura de *La Gazza Ladra*, a passagem em que se ouvem os tambores. Assobiava bastante bem.

O corredor era comprido que se fartava, mas não encontrámos vivalma. Por fim, o empregado deteve-se em frente de um quarto e deu três pancadinhas na porta. Segundos mais tarde, alguém abriu a porta por dentro e o empregado entrou no quarto com a bandeja. Fiz os possíveis por me esconder

atrás de um grande jarrão chinês e encostei-me à parede, esperando que ele tornasse a sair. Era o quarto número 208. Só podia ser! Como é que podia ter-me esquecido?

O empregado nunca mais saía. Eu não fazia outra coisa senão olhar para o relógio de pulso. Tinha parado, sem que desse por isso. Examinava, uma a uma, as flores dentro do jarrão. Pareciam acabadas de cortar e transportadas para ali de algum jardim, sem terem perdido nem a cor nem o perfume. Se calhar não haviam dado conta de terem sido arrancadas às suas raízes. Um minúsculo insecto alado voara direito ao coração de uma rosa vermelha de pétalas carnudas.

Cinco minutos mais tarde, o empregado abandonou finalmente o quarto. Vinha de mãos a abanar e regressou por onde tinha vindo, o queixo espetado como antes. Mal ele desapareceu no ângulo do corredor, aproximei-me da porta e plantei-me ali. Contendo a respiração, apurei o ouvido na esperança de captar algum ruído dentro do quarto. Não se ouvia nada, nem o mínimo sinal de vida. Enchi-me de coragem e bati. Três vezes. Devagarinho. Como tinha visto o empregado fazer. Nenhuma resposta. Deixei passar alguns segundos antes de voltar a dar três pancadas na porta, desta vez com mais força. Sempre sem resposta.

Experimentei girar suavemente a maçaneta. A porta abriu-se sem fazer barulho. O quarto estava às escuras, mas os espessos reposteiros deixavam entrar alguma luz. Forçando a vista, consegui distinguir vagamente uma janela, uma mesa e um sofá. Era o mesmo quarto onde tinha tido relações com Creta Kano. Uma suíte composta de uma salinha e, ao fundo, um quarto. Em cima da mesa da salinha distinguia os contornos de uma garrafa de *Cutty Sark*, dois copos e um balde de gelo. Ao abrir a porta, a luz do corredor incidiu no balde prateado de aço inoxidável e fez disparar reflexos argênteos, como uma faca afiada. Fechei a porta atrás de mim e mergulhei na escuridão. Dentro do quarto fazia calor e no ar pairava o perfume intenso das flores. Contive a respiração e pus-me à escuta, sem tirar a mão esquerda da maçaneta da porta, pronto a abri-la a todo o momento. Devia haver alguém dentro daquele quarto, em qualquer sítio. Alguém que tinha pedido o uísque, o gelo e os copos ao serviço de quartos, tinha aberto a porta e mandado entrar o empregado.

«Não acendas a luz», disse uma voz de mulher. Provinha do fundo do quarto, do sítio onde ficava a cama. Soube imediatamente de quem se tratava. Era a mulher misteriosa que me tinha feito aquelas chamadas bizarras. Tirei a mão da maçaneta da porta e dirigi-me devagar, às apalpadelas, na direcção da voz. No quarto, a escuridão era ainda mais profunda do que na sala. Fiquei parado no ponto que separava as duas divisões e esforcei-me por distinguir alguma coisa no escuro.

Ouvi o barulho roçagante dos lençóis, e entrevi uma sombra negra em movimento.

«Deixa o quarto às escuras», disse a mulher.

«Não te preocupes», respondi eu, «que não vou acender a luz.»

Continuei ali, com a mão no tabique de separação.

«Vieste sozinho?», perguntou-me a mulher a traduzir cansaço.

«Claro», disse eu. «Pensava encontrar-te aqui. Ou então, Creta Kano. Tenho de saber onde está Kumiko. Começou tudo com as tuas chamadas. Começaste com aquelas chamadas esquisitas e foi como se a caixa da Pandora se tivesse aberto. Começaram a acontecer uma série de coisas estranhas, até que por fim Kumiko desapareceu. Por isso tomei a decisão de vir até aqui, sozinho. Não sei quem és, mas sei que tens em teu poder uma chave qualquer. Estou certo?»

«Creta Kano?» disse ela, num tom desconfiado. «Nunca ouvi semelhante nome. Também se encontra aqui, essa pessoa?»

«Onde está, não sei. Mas já a vi por aqui, mais do que uma vez.»

Ao respirar, um forte odor a flores enchia-me os pulmões. O ar estava pesado, impregnado daquela intensa fragrância. Devia existir uma jarra cheia de flores. Algures dentro daquele mesmo quarto, naquela mesma escuridão, flores havia que respiravam e se retorciam. Nas trevas, saturado daquele odor inebriante, comecei a perder consciência do meu próprio corpo. Tinha a impressão de me ter convertido num insecto minúsculo. Eu era um insecto que se esforçava por penetrar entre as pétalas de uma flor gigante, onde me esperavam néctar viscoso, pólen e pêlos macios. Que requeriam a minha intrusão e a minha presença.

«Ouve uma coisa», disse à mulher, «primeiro que tudo quero saber quem és. Diz-me que te conheço. Mas, por mais voltas que dê à cabeça, não me consigo lembrar. Quem és tu?»

«Quem *sou* eu?», repetiu a mulher. Mecanicamente e sem a mínima ironia. «Preciso de beber qualquer coisa. Prepara-me aí dois uísques com gelo. Imagino que me faças companhia, não?»

Regressei à salinha, tirei o selo da garrafa nova, pus gelo nos copos e preparei dois uísques. Por estar tão escuro, demorei uma eternidade a fazer uma operação tão simples. Voltei ao quarto com os dois copos na mão. A mulher disse-me para deixar ficar um em cima da mesa-de-cabeceira. E a mim, mandou-me sentar na cadeira aos pés da cama.

Fiz como ela dizia; deposei um dos copos em cima da mesinha-de-cabeceira e sentei-me numa cadeira de braços um pouco afastada com o copo na mão. Era possível que os meus olhos se tivessem acostumado ao escuro, porque descortinei uma sombra que se movia em silêncio. Quis-me parecer-me que a mulher se tinha sentado na cama. Ao ouvir o gelo tilintar, percebi que estava a beber. Bebi, também eu, um gole do meu uísque.

A mulher deixou-se ficar calada durante algum tempo. Quanto mais se prolongava o silêncio, mais intenso me parecia o cheiro das flores.

«Queres mesmo saber quem sou?», perguntou ela.

«Foi isso que aqui me trouxe», respondi eu. O certo é que no escuro o som da minha voz traduzia um certo desconforto.

«Com que então vieste expressamente até aqui para saber o meu nome?»

Em vez de responder, pigarreei, mas até mesmo aquele rumor soava de maneira estranha.

A mulher agitou várias vezes o gelo dentro do copo.

«Tu queres ficar a saber o meu nome. Infelizmente, não te posso dizer. Sei muito bem quem és. E tu também sabes muito bem quem eu sou. Em contrapartida, *eu* não me conheço a mim própria.»

Abanei a cabeça no escuro.

«Não entendo uma palavra do que dizes. Estou farto de enigmas. Do que preciso é de factos concretos. De pistas concretas. De qualquer coisa a que possa deitar a mão e usar como alavanca para forçar a porta. Era isso que eu queria.»

A mulher soltou um profundo suspiro que pareceu vir do mais profundo do seu corpo.

«Toru Okada! Vê se descobres o meu nome. Pensando bem, é melhor não. Não quero que te esforesces por sabê-lo. *Estás farto de saber qual é*. Preocupa-te apenas em lembrar-te. Só poderás sair daqui na condição de descobrires o meu nome. E nesse caso poderei ajudar-te a encontrar a tua mulher. Se queres encontrar Kumiko Okada, tens de descobrir o meu nome. Aqui tens a tua *alavanca*. Não podes é ficar assim desorientado durante muito mais tempo. A cada dia que passa, Kumiko afasta-se um pouco mais de ti.

Pousei o copo no chão.

«Escuta uma coisa, onde estamos», perguntei. «Estás aqui desde quando? E, acima de tudo, a fazer o quê?»

«Está na altura de te ires embora», disse a mulher de repente, como que voltando a si. «Se *ele* te encontra aqui, vamos ter problemas. É muito mais perigoso do que possas imaginar. Poderia matar-te. É um homem capaz de tudo.»

«E quem diabo é esse *ele*?»

A mulher não me deu resposta. Pela minha parte, não sabia que mais dizer. Sentia-me perdido. No quarto não se ouvia nada. O silêncio era profundo e total, a atmosfera sufocante. Tinha a cabeça a estalar, sentia-me febril. Devia ser do pólen. Se calhar, microscópicas partículas de pólen haviam penetrado no meu cérebro e interferido com o meu sistema nervoso.

«Ouve uma coisa, Toru Okada», disse a mulher, subitamente num tom muito diferente. O timbre da sua voz podia mudar de um momento para o outro, por uma razão ou por outra. Agora, condizia às mil maravilhas com o ambiente pesado e inebriante do quarto. «Alguma vez pensaste que gostarias de voltar a abraçar-me um dia? Que gostarias de entrar dentro de mim e beijar-me todo o corpo? Deixo-te fazer o que quiseres, sabes? E farei tudo o que quiseres... Coisas que a tua mulher, Kumiko Okada, nunca te faria... Dar-te-ei tanto prazer que nunca mais te esquecerás de mim. Se tu...»

Bruscamente, sem aviso prévio, ouviu-se bater à porta. Um som nítido, a fazer lembrar um prego a ser espetado contra uma superfície dura – um som que tinha uma ressonância sinistra ali no meio daquela escuridão.

A mulher estendeu a mão e agarrou-me pelo braço no escuro.

«Enfia-te aqui, depressa!», disse baixinho. Pela voz, que perdera o seu tom de devaneio, a mulher parecia ter recuperado a razão. Voltaram a bater. Dois toques, com a mesma intensidade. Lembro-me de ter pensado que a porta não estava fechada à chave.

«Anda, despacha-te. Tens de sair daqui, e só há uma maneira.»

Arrastado por ela, avancei através da escuridão. Ouviu-se a maçaneta a girar devagarinho. Não sei explicar porquê, mas o som provocou-me arrepios na espinha. Quase no mesmo instante em que a luz do corredor penetrou de rompante pelo quarto dentro, nós deslizámos ao longo da parede. Era fria e viscosa como uma gigantesca massa gelatinosa. Mantive a boca fechada para não deixar entrar nada. *Estava a atravessar a parede.* Estava a atravessar a parede para me deslocar de um lugar para outro. E o espantoso é que isso me parecia a coisa mais natural do mundo.

Senti a língua da mulher a insinuar-se na minha boca. Quente e macia, explorou todos os orifícios e enrolou-se à volta de minha própria língua. O odor embriagante das pétalas de flor atingiu em cheio as paredes dos meus pulmões. Do fundo do meu baixo-ventre senti o desejo surdo de me vir, mas fechei os olhos com força e consegui conter-me. Pouco depois, senti um calor intenso na face direita. Era uma sensação estranha. Não era propriamente dor. Só a sensação de calor *ali*. Não sabia dizer se o calor vinha de fora ou se tinha sido gerado dentro de mim. Mas não tardou a desaparecer tudo. A língua da mulher, o perfume das flores, o desejo de ejacular, o calor na face. E atravessei a parede. Quando abri os olhos, estava do outro lado da parede – no fundo de um poço profundo.

O poço e as estrelas

Como desapareceu a escada

Passava das cinco da manhã e o céu começara já a clarear, mas, mesmo assim, viam-se algumas estrelas por cima da minha cabeça. O tenente Mamiya tinha razão: do fundo de um poço, vêem-se as estrelas ainda de dia. Dentro do pedaço de céu recortado em forma de perfeita meia-lua, as estrelas agrupavam-se todas muito certinhas, como um mostruário de minerais raros.

Uma vez, tinha eu dez ou onze anos, fui com os meus amigos acampar na montanha, e à noite lembro-me de ter visto um número infindável de estrelas. Tantas, que parecia que o céu parecia prestes a vergar-se sob o seu peso e a cair aos bocados. Nunca na minha vida tinha posto os olhos num prodígio assim, nem nunca mais voltei a ver. Os meus colegas estavam todos a dormir, mas eu, incapaz de conciliar o sono, deslizei para fora da tenda e deixei-me ficar ali estendido ao relento, de barriga para cima, a contemplar aquele espantoso manto estrelado. De vez em quando, uma estrela cadente cruzava os céus e traçava uma linha brilhante. Às tantas comecei a ficar com medo. Havia demasiadas estrelas, e o céu da noite era demasiado vasto e demasiado profundo. Aquele corpo estranho rodeava-me, envolvia-me ao ponto de quase me provocar um sentimento de vertigem. Até aí sempre pensara que a Terra que pisava continuaria a ser eternamente sólida. Não, melhor dizendo, nem sequer me dera ao trabalho de pensar muito nisso. Partia do princípio de que assim era, mais nada, quando, de facto, a Terra não passava de um megálito de pedra a flutuar num cantinho do universo. Vista da imensidade do universo, nada mais era do que um ponto de apoio efêmero, perdido na imensidão. À mínima variação de energia, ao mínimo clarão de luz, esse enorme bloco de rocha podia ser varrido de um momento para o outro, quem sabe se no dia seguinte, e nós com ele. Debaixo daquele belo céu tão cheio de estrelas, de cortar a respiração, a incerteza da minha própria existência atingiu-me em cheio e cheguei a pensar que ia desmaiar ali mesmo, a todo o momento. Era uma descoberta assombrosa para um rapazinho daquela idade.

Contemplar o céu estrelado do fundo de um poço e olhar as estrelas no céu no cimo de uma montanha eram duas experiências muito diferentes. Através daquela janela estreita sentia como se o meu espírito, eu próprio – o meu ser – e a minha existência estivessem firmemente unidas por laços sólidos a cada uma daquelas estrelas. Sentia-me intimamente ligado a elas. É provável que só as conseguisse ver do fundo do poço. Aos meus olhos, tinham um significado especial, e em troca elas ofereciam-me energia e calor.

À medida que o tempo passava e que a luz brilhante da manhã de Verão inundava o céu, as estrelas começaram a desaparecer, uma a uma, paulatinamente, do meu campo de visão. De olhos bem abertos, eu observava atentamente o processo do seu desaparecimento. O sol da manhã, contudo, não conseguiu apagá-las todas do céu. Algumas, mais intensas, ainda lá ficaram. Por muito alto que o Sol estivesse, recusavam-se teimosamente a desaparecer. Isso encheu-me de alegria: tirando uma ou

outra nuvem, as estrelas eram a única coisa que eu podia ver cá de baixo, do sítio onde me encontrava.

Tinha transpirado enquanto dormia e a pouco e pouco o suor arrefecera, causando-me frequentes arrepios. O suor fez-me pensar naquele quarto de hotel sombrio e na mulher dos telefonemas. Nos meus ouvidos ressoava ainda cada uma das suas palavras, o som dos golpes na porta. Nas minhas narinas permanecia o odor sufocante das flores. E Noboru Wataya continuava a falar do outro lado do pequeno ecrã. A minha recordação destas diferentes sensações teimava em esbater-se, indiferente à passagem do tempo. E isto acontecia porque *não era um sonho*, dizia-me a minha memória.

Mesmo bem acordado, continuava a sentir um intenso calor na face direita. Ao qual se juntava agora uma ligeira dor, como se a minha cara tivesse sido esfregada com papel de lixa. Com a palma da mão pressionei aquela zona através da barba crescida, mas nem o calor nem a dor diminuíram. No fundo do poço negro, sem um espelho, não tinha maneira de examinar o meu rosto.

Estendi o braço e apalpei as paredes do poço. Percorri a superfície com as pontas dos dedos e depois apoiei a palma da mão e deixei-a ali estar. Uma vulgar parede de cimento. Experimentei dar vários murros com o punho fechado. Uma parede dura, inexpressiva, ligeiramente húmida. Ainda tinha presente a sensação de viscosidade que sentira ao atravessá-la, idêntica à de passar através de uma massa gelatinosa.

Às apalpadelas, deitei a mão ao cantil e bebi um trago de água. Estava há um dia sem comer praticamente nada. Só de pensar nisso fiquei de repente com fortes dores de estômago, mas aos poucos a sensação de fome desapareceu e voltou a ficar adormecida no limbo da insensibilidade. Tornei a levar a mão à cara para tentar avaliar até que ponto a barba tinha crescido. Tinha barba de um dia. O que queria dizer que tinha passado um dia inteiro. O mais certo era a minha ausência não ter tido qualquer consequência, e ninguém ter dado por nada. Se eu desaparecesse, o mundo continuaria a funcionar sem sobressaltos. A situação era, sem sombra de dúvida, terrivelmente complicada. No entanto, tinha pelo menos uma certeza: ninguém precisava de mim.

Levantei os olhos para as estrelas por cima da minha cabeça. Ao contemplá-las, senti o meu coração a desacelerar aos poucos. E, levado por um pensamento repentino, estendi o braço na escuridão a fim de procurar a escada de corda encostada à parede do poço. A minha mão não encontrou nada. Com todo o cuidado, explorei uma grande superfície. A escada não estava no sítio onde devia estar. Respirei profundamente, fiz uma pequena pausa, saquei a lanterna da mochila e acendi-a. Da escada de corda, nem sinal. De pé, com a lanterna na mão, alumiei o solo e fiz incidir o feixe sobre as paredes por cima de mim, até onde a luz chegava. Nada, a escada desaparecera. Um suor frio formou-se ao longo das axilas e correu lentamente pelas costas abaixo, como uma criatura viva. A lanterna soltou-se das mãos, caiu ao chão e, com o choque, apagou-se. Aquilo era um sinal. De um momento para o outro, a minha consciência fragmentou-se e ficou reduzida ao tamanho de um grão de areia diluído na treva e absorvido por ela. O meu corpo deixou de funcionar, como se alguém tivesse cortado a corrente. Mergulhei no nada absoluto.

Deve ter sido coisa de segundos. Depois voltei a mim. O funcionamento do corpo normalizou-se pouco a pouco. Inclinei-me e apanhei a lanterna caída aos meus pés e, depois de lhe dar umas pancadinhas, consegui acendê-la de novo. Precisava de recuperar a calma e ordenar as ideias. O medo e o pânico não me levariam a parte alguma. Quando seria que eu confirmara a existência da escada? Já depois da meia-noite, pouco antes de adormecer. Estava cem por cento seguro. O que queria dizer que a escada tinha desaparecido enquanto eu dormia. Alguém a tinha puxado e levado

dali.

Apaguei a lanterna e encostei-me à parede. Fechei os olhos. A primeira sensação foi de fome. Vinha de longe e aproximava-se de mim como uma onda, banhava-me em silêncio e recuava de mansinho. Após a sua passagem, o meu corpo tornava-se oco e vazio como o de um animal dissecado. Depois de o pânico inicial ter passado, acabaram-se o medo e o desespero. Por mais estranho que pareça, sentia apenas uma espécie de resignação.

Quando regressei de Sapporo, abracei Kumiko na esperança de a consolar. Ela sentia-se perdida e desconcertada. Nem sequer tinha ido trabalhar. Confessou-me que na noite anterior não tinha pregado olho.

– Na clínica tinham uma hora livre que me convinha, de modo que aproveitei e fui sozinha – contou-me ela. Depois chorou um bocadinho.

– Agora já acabou tudo – disse eu. – Já discutimos tudo o que havia a discutir a esse respeito e agora acabou. Não faz sentido pormo-nos para aqui às voltas com recriminações. Se me queres dizer alguma coisa, aproveita. E depois passa um pano por cima de tudo. Tinhas qualquer coisa para me dizer, não foi o que disseste ao telefone?

Kumiko negou com um movimento de cabeça.

– Já não interessa. Tens razão. O melhor é esquecermos esta história.

Durante algum tempo evitámos toda e qualquer referência ao aborto de Kumiko. Não era fácil. Às vezes acontecia estarmos a falar de qualquer coisa e ficarmos os dois calados de repente, no meio da conversa. Nos feriados e dias festivos costumávamos ir ao cinema. No escuro da sala de cinema, embrenhávamo-nos no enredo do filme, pensávamos em coisas que não tivessem nada que ver com o que se desenrolava no ecrã ou dávamos descanso ao cérebro não pensando pura e simplesmente em nada. Por vezes, palpitava-me que Kumiko, sentada a meu lado, estava com a cabeça noutro lado. E eu percebia isso.

A seguir ao filme íamos sempre beber uma cerveja ou comer qualquer coisa, mas acontecia que não sabíamos do que havíamos de falar. Esta situação prolongou-se durante seis semanas. Seis longas semanas. À sexta, Kumiko disse-me:

– E se amanhã tirássemos o dia e fôssemos fazer uma viagensinha de férias, só os dois? Hoje é quinta, podíamos estar fora até domingo. Volta e meia é preciso as pessoas fazerem uma coisa deste género.

– Sei disso perfeitamente, apesar de ter sérias dúvidas de que alguém lá no escritório de advogados conheça sequer o significado da palavra férias – disse eu, a sorrir.

– Nesse caso, mete um dia de baixa. Diz que estás com gripe ou uma coisa do género. É o que eu vou fazer.

Metemo-nos no comboio e fomos até Karuizawa. Kumiko preferia um lugar tranquilo, nas montanhas, onde pudéssemos passear à vontade. Era Abril, tempo de estação baixa, e os hotéis estavam praticamente às moscas e as lojas quase todas fechadas, mas era exactamente aquilo que pretendíamos. Durante aqueles dias não fizemos mais nada senão passear, de manhã à noite.

Foi preciso deixar passar um dia e meio para Kumiko deitar cá para fora tudo o que lhe ia na alma, após o que rompeu em lágrimas e chorou durante mais de duas horas, sentada no quarto de hotel. Durante aquele tempo eu pouco ou nada disse. Limitei-me a abraçá-la e a deixá-la chorar.

Depois, aos poucos, começou a falar, conforme se ia lembrando das coisas. Falou do aborto. Do que sentiu naquele momento. Da terrível sensação de perda. Da solidão que tomara conta dela

enquanto eu estava em Hokkaido – e de como só aquela imensa solidão a levava a fazer aquilo que tinha feito.

– Não é que esteja arrependida – disse ela no fim de tudo. – Não havia outra solução. Estou perfeitamente convencida disso. O que mais me custa é não ser capaz de te explicar a fundo os meus sentimentos.

Kumiko afastou o cabelo para trás, deixando entrever a sua pequena orelha, e depois abanou ligeiramente a cabeça.

– Não, não é que queira fazer segredo disso. Um dia conto-te tudo, vais ver. És a única pessoa a quem *posso* contar. Mas por enquanto não. Ainda não sou capaz de traduzir isto em palavras.

– Diz respeito ao teu passado?

– Não, não é isso.

– Se é uma questão de tempo, demora o tempo que for preciso – disse eu. – Até te sentires preparada. Estarei sempre a teu lado, não há pressa. Só quero que não te esqueças de uma coisa: considero tudo o que te diz respeito – seja o que for, a partir do momento em que te pertença – como se fosse meu. Nunca terás de te preocupar com isso.

– Obrigada – disse ela. – Tive sorte ao casar-me contigo.

Contudo, não tivemos tanto tempo como eu pensava. Que segredo seria aquele que Kumiko não era capaz de traduzir por palavras? Teria alguma relação com o seu recente desaparecimento? Se daquela vez a tivesse obrigado a contar-me tudo, quem sabe se não a teria perdido? Mas depois de ter dado voltas à cabeça, a pensar naquilo, decidi que era inútil. Kumiko tinha dito que ainda não era capaz de falar naquilo. Fosse o que fosse, era superior às suas forças.

– Estás a ouvir, senhor Pássaro de Corda? – gritou May Kasahara. A dormir na altura, pensei que a voz fazia parte do sonho. Mas não estava a sonhar. Quando olhei para cima, distingui, muito pequenino, o rosto de May Kasahara.

– Estás aí em baixo, não estás, senhor Pássaro de Corda? Sei que estás aí. Então, não me respondes?

– Sim, estou aqui.

– Que diabo fazes por estas bandas?

– Penso.

– Não estou a perceber. Desde quando é que é necessário descer ao fundo de um poço para pensar? Imagino o desconforto que isso deve representar, já para não falar nas chatices!

– Em contrapartida, ajuda uma pessoa a concentrar-se. Está escuro, fresco, em silêncio.

– Costuma dar-te muitas vezes para aí?

– Nada disso. É a primeira vez na vida. Quero dizer, a primeira vez que desço ao fundo de um poço.

– E está tudo a correr bem? Estás a conseguir pensar, aí enfiado?

– Ainda não sei. Ainda estou a ver como é que a coisa funciona.

Ela aclarou a garganta. O barulho fez eco e chegou muito ampliado ao fundo do poço.

– Diz-me uma coisa, senhor Pássaro de Corda, por acaso não reparaste que a escada foi à vida?

– Sim, dei por isso há coisa de minutos.

– E sabias que tinha sido eu a tirá-la?

– Não. Isso já não sabia.

– Nesse caso, quem é que pensavas que tivesse sido?

– Não faço ideia – respondi com sinceridade. – Não sei como explicar, mas a verdade é que nunca me passou pela cabeça, quero dizer, que alguém pudesse fazer isso. Para ser franco, limitei-me a pensar que ela simplesmente tinha desaparecido, mais nada.

May Kasahara ficou calada durante um bocado.

– *Tinha desaparecido, mais nada* – repetiu ela, com uma pontinha de desconfiança na voz. Como se suspeitasse que as minhas palavras escondessem uma armadilha. – Queres dizer o quê, com isso? Com esse «tinha desaparecido, mais nada»? Que desapareceu sozinha?

– Podia acontecer.

– Digo-te uma coisa, senhor Pássaro de Corda, e não me obrigues a repetir isto, mas tu és mesmo um caso raro da Natureza. Não deve haver muitos como tu, isso é limpinho. Sabias?

– Não me parece que seja assim tão estranho como isso.

– Então, como é que explicas que as escadas desapareçam sozinhas? Na tua opinião, a escada pura e simplesmente volatilizou-se, é isso?

Esfreguei a minha bochecha com ambas as mãos e tentei concentrar toda a minha atenção na conversa com May Kasahara.

– Foste *tu* que a tiraste, não foi?

– Claro que fui eu – replicou May Kasahara. – Não é preciso ficares com os miolos a deitar fumo para perceber isso. Sim, fui *eu*. Vim até cá de noite, às escondidas, e tirei-a.

– E porquê, não me dizes?

– E por que não? Ontem fui não sei quantas vezes a tua casa para te propor que voltássemos a trabalhar juntos. E tu, como é óbvio, não estavas lá. Foi então que encontrei o bilhete que deixaste na cozinha. Ainda fiquei ali à espera uma data de tempo, mas tu, nada. Depois, como não havia meio de apareceres, lembrei-me de ir à tua procura e pensei que tivesses regressado à casa abandonada. Vim dar com a tampa do poço meio aberta e a escada de corda pendurada. Mas nem então, confesso, me passou pela cabeça que pudesses estar aí em baixo. Pensei que estavam a fazer obras e que algum operário se tinha esquecido da escada. Quero dizer, quantas pessoas neste mundo é que se dão ao trabalho de descer ao fundo de um poço e ficarem lá a pensar?

– Nesse ponto, dou-te razão – admiti.

– Mas depois, por volta da meia-noite, esgueirei-me e regresssei a tua casa. Foi nessa altura que me passou pela cabeça que pudesses estar dentro do poço. Não fazia ideia do que pudesses estar aqui a fazer, mas, estás a ver, como tu és assim a modos que uma criatura bizarra, nunca se sabe... Voltei outra vez até aqui e retirei a escada. Deves ter apanhado um susto de morte, imagino...

– Podes crer.

– Tens alguma coisa que se coma e que se beba aí em baixo?

– Um pouco de água. Não trouxe comida. Ainda me sobram três rebuçados de limão, acho eu.

– Estás aí desde quando?

– Desde ontem de manhã.

– Deves ter fome, não?

– Pois tenho.

– Como é que te desenrascas para fazer chichi e o resto?

Agora que ela falava naquilo, dava-me conta de que ainda não tinha feito nem uma coisa nem outra.

– Cá me arranjo. Uma vez que ainda não comi nada e pouco ou nada bebi, não é problema.

– Olha lá uma coisa, senhor Pássaro de Corda, já viste que se não fosse eu, podias esticar o pernil aí em baixo? Sou a única pessoa a saber que estás aqui. E fui eu que escondi a escada. Tens consciência disso? Se me fosse embora e te deixasse aí, acabarias por morrer. Podias gritar à vontade que ninguém te ouviria. Ninguém iria imaginar que estás metido no fundo de um poço. Além do mais, aposto que ninguém daria pela tua ausência. Não trabalhas em lado nenhum, e a tua mulher pôs-se a andar. Quando alguém desse pela tua falta e avisasse a Polícia, já estarias morto e enterrado, e nunca dariam com o teu cadáver.

– É como dizes. Se for essa a tua vontade, posso muito bem morrer aqui dentro.

– E o que é que isso te faz sentir?

– Medo.

– Pelo tom de voz, não pareces lá muito assustado.

Voltei a apalpar a cara com as duas mãos. Esta é a minha mão, esta é a minha cara, pensei. Mergulhado na escuridão não via grande coisa, mas constatei que o meu corpo continuava ali.

– Isso é porque ainda não me habituei verdadeiramente à ideia – retorqui.

– Pois eu sim, tenho perfeita noção do que está a acontecer – contrapôs May Kasahara. – Matar uma pessoa talvez seja bem mais fácil do que parece.

– Depende do método escolhido.

– Ora, nada mais fácil! Bastaria deixar-te ficar aí dentro. Tão simples quanto isso. Esforça-te um bocadinho e vê lá se consegues imaginar a cena, senhor Pássaro de Corda. O que sofrerias no meio do escuro, o suplício de morrer aos poucos, de fome e de sede. Não se pode dizer que seja propriamente uma morte santa.

– Isso não – repliquei eu.

– Não me levas a sério, pois não, senhor Pássaro de Corda? Não acreditas que pudesse fazer uma coisa tão cruel, pois não?

– Não sei. Não acredito nem deixo de acreditar. Sabes o que te digo? Que essa possibilidade existe. Tudo pode acontecer. Aí tens o que eu penso.

– Não estamos a falar de possibilidades – disse ela no tom mais frio que se possa imaginar. – Olha, acabei de me lembrar de uma coisa. Tenho uma ideia. Uma vez que te enfiaste dentro do poço para pensar, vou ajudar-te e fazer com que te concentres melhor.

– Como? – perguntei eu.

– Como? Assim – respondeu ela.

E fechou a metade aberta da tampa do poço. Então ficou escuro como breu.

Reflexões de May Kasahara sobre a morte
e evolução do homem

Uma coisa fabricada numa outra parte

Acocorado na mais profunda escuridão, só conseguia ver o *nada*. Eu próprio fazia agora parte do nada. Fechei os olhos e escutei os batimentos do meu coração, o rumor do sangue a circular no meu corpo, o barulho das contracções dos meus pulmões, funcionando como um fole, as convulsões que as entranhas húmidas e viscosas, reclamando alimento, provocavam no meu estômago. Na escuridão total, cada movimento, cada vibração soava naturalmente amplificada ao máximo. Aquele era o meu corpo. Envoltos pelas trevas, afigurava-se-me, contudo, demasiado cru, demasiado carnal.

Não tardou que a minha consciência começasse aos poucos a deslizar para fora do meu corpo físico.

Imaginei-me transformado no pássaro de corda, sulcando o céu de Verão, pousando no ramo de uma árvore enorme, dando corda ao mundo. Se era certo que o pássaro de corda tinha desaparecido, alguém tinha de desempenhar as suas funções. Alguém tinha de dar corda ao mundo por ele. Caso contrário, a corda iria diminuindo e o delicado mecanismo acabaria por parar. E o que acontece é que seria eu o único ser humano a ter dado pelo seu desaparecimento.

Do fundo da minha garganta fiz os possíveis para imitar o seu canto. Não resultou. Tudo o que me saiu foi um som feio e insignificante como o de dois objectos sem alma esfregados um contra o outro. Apenas o verdadeiro pássaro mecânico poderia emitir o grito do pássaro que dá corda ao mundo. E só o pássaro mecânico poderia dar corda ao mundo como deve ser.

Mesmo assim, pássaro de corda sem voz e incapaz de dar corda à máquina do mundo, decidi lançar-me em voo pelo céu de Verão. Voar não é assim tão difícil. Uma vez levantado voo, basta mover as asas no ângulo correcto e controlar a direcção e a altura. O meu corpo adquirira num abrir e fechar de olhos a técnica de voo e permitia-me flutuar no ar, livre e sem esforço. Contemplava o mundo com os olhos do pássaro de corda. Volta e meia, quando ficava cansado de voar, pousava num ramo e observava através das folhas verdes os telhados das casas e as ruas. Via as pessoas à superfície do chão, fazendo a sua vida. Com grande pena minha, não podia ver-me, com os meus olhos. Uma vez que nunca tinha posto a vista em cima do pássaro de corda, não fazia ideia de como ele era.

Durante muito tempo – quanto tempo terá passado? – fiz as vezes do pássaro de corda. Mas isso não me levou a parte alguma. Ser o pássaro mecânico e voar pelos céus dava-me gozo, como não podia deixar de ser, mas não podia continuar a divertir-me assim eternamente. Tinha outras coisas que fazer no fundo daquele poço sombrio. Deixei de ser o pássaro de corda, e voltei a ser eu.

Passava das três quando May Kasahara me fez uma segunda visita. Das três da tarde, quer dizer. Quando ela abriu a tampa do poço, a luz jorrou de repente sobre a minha cabeça – os raios de sol ofuscantes de uma tarde de Verão. Para não ferir os olhos, acostumados à escuridão, fechei-os por instantes, mantendo-me de cabeça baixa. Só de pensar na luz acima de mim, sentia os olhos encherem-se de uma fina camada de lágrimas.

– Ora viva, senhor Pássaro de Corda – saudou May Kasahara. – Ainda estás vivo? Responde-me se for caso disso.

– Ainda estou vivo.

– Deves estar com fome, não?

– Palpita-me que sim.

– Ainda estás na fase dos palpites? Estou a ver que ainda falta muito para morreres de fome. Desde que tenham água, as pessoas não morrem de fome assim tão facilmente.

– Provavelmente tens razão – disse eu. A voz que o poço me devolvia ressoava terrivelmente distorcida, a mínima entoação amplificada pelo eco.

– Sei que tenho razão – retorquiu May Kasahara. – Esta manhã fui à biblioteca e li tudo o que havia para ler sobre a fome e a sede. Por acaso sabias, senhor Pássaro de Corda, que houve uma pessoa que resistiu durante vinte dias apenas a água, sem nada que comer? Aconteceu durante a Revolução Russa.

– A sério?

– Deve ter sofrido horrores.

– De certeza absoluta.

– Sobreviver, o homem sobreviveu, mas perdeu o cabelo todo e ficou sem dentes. Caíram-lhe todos. É certo que se salvou, mas deve ter sido um suplício para ele.

– De certeza.

– Se bem que, mesmo sem dentes e sem cabelo, uma pessoa pode levar uma vida mais ou menos normal, desde que tenha uma peruca decente e dentadura postiça.

– Sim, e depois a técnica de fabrico de perucas e de dentaduras postiças deve ter conhecido grandes progressos desde o tempo da Revolução Russa. Nesse sentido, pode dizer-se que as coisas agora são mais fáceis.

– Escuta, senhor Pássaro de Corda – disse May Kasahara aclarando a garganta.

– O que é?

– Se os homens vivessem eternamente, sem nunca desaparecerem deste mundo, sem nunca envelhecerem nem perderem a saúde, acreditas que se davam ao trabalho de queimar os neurónios a pensar nisto e naquilo, como nós fazemos? Quero dizer, nós reflectimos sobre tudo e mais alguma coisa: filosofia, psicologia, lógica. Religião. Literatura. Acreditas realmente que se a morte não existisse, essas ideias e esses conceitos tão complicados não estariam condenados a desaparecer da face da Terra? Isto é...

Neste ponto, May Kasahara interrompeu o que ia a dizer e deixou-se ficar calada por um momento, durante o qual o seu «isto é» permaneceu suspenso na escuridão do poço com todo o seu peso, como o fragmento de um pensamento arrancado à força. Se calhar perdera a vontade de continuar a falar. Ou então precisava de tempo para pensar como retomar o fio do seu discurso. Pela minha parte, fiquei em silêncio, de cabeça baixa, à espera que recomeçasse a falar. De repente, ocorreu-me que se May Kasahara me quisesse matar naquele instante, seria a coisa mais fácil do mundo. Bastava-lhe

deixar cair uma grande pedra dentro do poço. Se repetisse o gesto várias vezes, alguma haveria de me acertar na cabeça.

– Quero dizer... o que penso é que as pessoas são obrigadas a reflectir sobre o significado da vida precisamente porque sabem que acabam por morrer um dia. Certo? Quem é que se daria ao trabalho de pensar a sério sobre o facto de estar vivo, se soubesse que continuaria a viver tranquilamente para sempre? Qual seria a necessidade? Ou então, mesmo que a necessidade de reflectir *fosse real*, o mais certo era as pessoas acabarem por dizer: «Tudo bem, ainda tenho muito tempo pela frente. Deixo isso para mais tarde.» Mas as coisas, na realidade, não são assim. Temos obrigação de pensar neste instante, aqui e agora. Quem é que me diz que amanhã à tarde não vou morrer atropelada por um camião? E tu, senhor Pássaro de Corda, sabes lá se dentro de três dias não acabas morto no fundo de um poço? Estás a ver onde quero chegar? Ninguém sabe o que se vai passar. Por isso é que, dê lá por onde der, precisamos da morte. É o que nos faz seguir em frente. É assim que eu penso. Quanto mais viva e mais forte for a presença dessa realidade forte e viva a que chamamos morte, mais seremos obrigados a queimar os miolos a pensar nela.

May Kasahara fez uma pequena pausa.

– Diz-me uma coisa, senhor Pássaro de Corda...

– O quê?

– Tu, enfiado no escuro, tens pensado na tua morte? Na maneira como poderás morrer aí em baixo, a pouco e pouco?

A pergunta deu-me que pensar.

– Não – respondi. – Não tenho pensado especialmente nisso.

– Porquê? – questionou May Kasahara, num tom desconcertado, como se estivesse a falar com um animal deformado. – Por que é que *não tens* pensado nisso? A verdade é que te encontras literalmente diante da morte, aqui e agora. Não estou a brincar. De resto, já falámos disso. Aqui quem decide sou eu. A tua morte ou a tua vida não dependem senão de *mim*.

– Poderias atirar-me uma pedra.

– Uma pedra? Mas que conversa é essa?

– Bastava apanhares um pedregulho e atirar-mo à cabeça.

– Bem, sim, essa poderia ser uma maneira – retorquiu ela, mas percebia-se pelo tom de voz que não era ideia que lhe agradasse por aí além. – Esquecendo isso, deves estar a morrer de fome. E a tendência é para piorar. Sem esquecer que a água também vai acabar. Como é que podes *não* pensar na morte, não me explicarás? É estranho, para não dizer bizarro.

– Admito que seja estranho – reconheci. – O certo é que tenho passado o tempo todo a pensar em outras coisas. Pode ser que quando me der a fome a sério, então pense na minha própria morte. Ainda tenho três semanas antes de esticar o pernil, certo?

– Isso é se tiveres água que chegue! – atirou May Kasahara. – Foi o que aconteceu ao tal russo. Ele era um grande latifundiário ou coisa que o valha e foi por isso que as tropas revolucionárias o atiraram para dentro de uma velha mina abandonada, mas acontece que a água escorria pelas paredes e ele lambeu-a e lá conseguiu sobreviver. Estava mergulhado na escuridão total, tal como acontece contigo. No teu caso, porém, já não tens muita água, pois não?

– Só tenho um restinho – respondi com sinceridade.

– Nesse caso, o melhor é começares a racioná-la – alvitrou May Kasahara. – Bebe devagar, gota a gota. E aproveita o tempo para pensar. Na morte. No facto de estares a morrer. Ainda tens muito

tempo pela frente.

– Por que é que queres a todo o custo que eu pense na morte? Não entendo de que maneira é que isso te pode interessar.

– O que estás para aí a dizer! Não me interessa rigorosamente nada – disparou May Kasahara, sinceramente admirada. Por que carga de água é que eu teria alguma coisa a ganhar com o facto de *tu* pensares na tua morte? A vida é *tua*. Não tenho nada a ver com isso. Digamos que tenho simplesmente... curiosidade.

– Curiosidade?

– Sim, isso mesmo. Curiosidade. Em saber como as pessoas morrem. O que sentem quando a morte se aproxima. Curiosidade.

May Kasahara calou-se. Quando a conversa se interrompeu, à minha volta instalou-se um profundo silêncio, como se tivesse estado impacientemente à espera daquela oportunidade. Forcei-me a levantar a cabeça para olhar lá para cima e saber se May Kasahara era visível. Mas a luz era demasiado forte. De certeza que acabaria por queimar os olhos.

– Tenho uma coisa para te dizer.

– Diz lá.

– A minha mulher tinha um amante – confessei. – Quase de certeza. Nunca me dei conta disso, mas parece que durante meses, enquanto vivia comigo, andava a dormir com outro homem. A princípio custou-me a acreditar, mas quanto mais penso nisso, mais convencido fico. Agora, olhando para trás, começo a compreender uma data de pequenas coisas. Por exemplo, ela chegava a casa a horas cada vez mais impróprias, sobressaltava-se cada vez que eu lhe tocava. Mas na altura não fui capaz de interpretar os sinais. Tinha confiança nela. Nunca me passou pela cabeça que me pudesse ser infiel. Isso nem sequer me passou pela cabeça.

– Mmm – fez May Kasahara.

– Até um belo dia em que a minha mulher saiu de casa e não regressou. Nessa manhã tomámos o pequeno-almoço juntos. Estava vestida para ir trabalhar e saiu porta fora, levando consigo apenas a mala do costume e a saia e a blusa que tinha ido buscar à lavandaria. Foi-se embora sem se despedir de mim, sem deixar uma mensagem. Deixou tudo para trás – as suas roupas, as suas coisas... E o mais provável é nunca mais voltar para mim. Pelo menos por sua própria iniciativa. Tenho perfeita consciência disso.

– Achas que Kumiko está com o outro, agora neste preciso momento?

– Não sei – respondi, abanando lentamente a cabeça. Ao fazer aquele movimento, o ar em torno de mim teve o efeito de água pesada, tão espessa que quase deixara de ser líquida. – Mas é provável que sim.

– Foi por isso que te enfiaste neste poço? Por estares deprimido?

– Deprimido fiquei, claro que sim. Mas não é essa a razão por que estou aqui. Não estou a esconder-me por desejar fugir da realidade. Tal como já te disse, precisava de um lugar onde pudesse estar sozinho e concentrar-me nos meus pensamentos. A partir de quando e porquê começou a minha relação com Kumiko a deteriorar-se, é isso que não compreendo. Escusado será dizer que nem tudo corria às mil maravilhas até isso acontecer. Um homem e uma mulher, ambos na casa dos vinte, cada um com a sua personalidade, conhecem-se por acaso e começam a viver juntos. Não há casamento que não tenha os seus problemas. Mas sempre pensei que o nosso, basicamente, funcionava. Pensava que, mesmo tendo as nossas divergências, com o tempo os problemas se

resolveriam por si. Estava enganado. Deve-me ter escapado alguma coisa importante, pelo menos é isso que eu penso. Foi para reflectir sobre isso que vim para aqui.

May Kasahara não disse nada. Eu engoli a saliva em seco.

– Não sei até que ponto perceberás isto. Quando nos casámos, há seis anos, estávamos apostados em construir entre os dois um mundo novo. Como quem constrói uma casa num terreno virgem. Tínhamos uma imagem perfeitamente clara do que queríamos. Não precisava de ser uma casa luxuosa. Bastava-nos estar juntos, com um tecto por cima, ao abrigo da chuva e do vento. Não precisávamos de coisas supérfluas. Aos nossos olhos era tudo muito simples, muito fácil. A ti, nunca te aconteceu, queres ir para qualquer lado e tornares-te uma pessoa totalmente diferente?

– Claro que sim – disse May Kasahara. – Passo a vida a pensar nisso.

– Pois nós, quando nos casámos, era isso que queríamos da vida. Pela minha parte, queria fugir de mim mesmo. E Kumiko a mesma coisa. Naquele mundo novo, procurávamos transformarmo-nos em pessoas mais fiéis à nossa verdadeira natureza. Acreditávamos que podíamos viver em harmonia com as pessoas que no fundo éramos.

Recortada na luz, May Kasahara parecia ter mudado ligeiramente o seu centro de gravidade. Percebi isso pelo seu movimento. Parecia estar à espera de que eu continuasse. Mas, de momento, não tinha mais nada a acrescentar. Não me lembrava de mais nada. Estava cansado de escutar a minha própria voz a ressoar nas paredes de cimento do poço.

– Isto faz algum sentido para ti?

– Claro que sim.

– E qual é a tua opinião?

– Não te esqueças de que sou uma miúda e não entendo nada da vida de casada. Não posso saber o que terá levado a tua mulher a andar com outro, e a sair de casa e a deixar-te. A julgar pelo que me contaste, à partida dá-me a impressão de que baseaste o teu casamento numa concepção falsa. Ouve uma coisa, senhor Pássaro de Corda, como é que queres que alguém seja capaz de fazer as coisas de que acabaste de falar, como por exemplo «Vamos embora! Está na altura de construir um mundo novo» ou «A partir de agora vou passar a ser um novo homem»? A minha opinião é a seguinte. Tu podes muito bem *pensar* que conseguiste criar um mundo novo, ou um novo eu, mas a verdade é que o antigo eu continua lá, debaixo da fachada, e, à mínima coisa, vai saltar de lá e dizer: «Cucu!» Qual é a dificuldade que tens em perceber isto? Tu foste criado numa outra parte. E até mesmo a tua intenção de te transformares, também *ela* foi criada em alguma outra parte. Se até *eu* compreendo isso, como é que se explica que tu, um adulto, não o compreendas? Tens aí *um grande problema*, se queres a minha opinião. E é por isso que agora estás a ser castigado – por todas essas coisas juntas. Como, por exemplo, o mundo a que quiseste renunciar, ou o eu que quiseste mudar. Estás a ver onde quero chegar?

Permaneci em silêncio, a olhar a escuridão em torno dos meus pés. Não sabia que dizer.

– Agora, senhor Pássaro de Corda... – disse ela em voz baixa. – Pensa. Pensa. Pensa.

E voltou a fechar a tampa do poço.

Tirei o cantil da mochila e agitei-o. No escuro ouviu-se um ligeiro chocalhar. Devia ter ainda uma quarta parte da água. Encostei a cabeça à parede e fechei os olhos. Pensei que se calhar May Kasahara tinha razão. Vendo bem, a pessoa que eu era, tinha sido fabricada algures, numa outra parte.

E tudo vinha de outra parte e regressava a outra parte. Eu não sou mais do que um simples caminho por onde passa o homem que eu sou.

«Se até *eu* compreendo isso, senhor Pássaro de Corda, como é que se explica que tu não o compreendas?»

A dolorosa sensação de fome

A longa carta de Kumiko

O pássaro profeta

Por várias vezes adormeci para acordar logo a seguir. Momentos de sono breves e inquietos, como quando se vai sentado no avião. Cada vez que parecia que ia cair num sono profundo, despertava de repente; sempre que dava acordo de mim, voltava a adormecer. Isto vezes sem conta. Sem a alternância da luz e da noite, o tempo tornara-se tão instável como um carro com os cavalos do motor desgovernados, e a minha posição incômoda, pouco natural, privava aos poucos o meu corpo de repouso. Sempre que acordava, verificava as horas no relógio. O tempo avançava a um ritmo lento e irregular.

Sem nada melhor para fazer, peguei na lanterna e comecei a apontar o feixe de luz para onde calhava – para o terreno, para as paredes, para a tampa do poço. Mas o que via era sempre o mesmo: o mesmo terreno, as mesmas paredes, a mesma tampa. Com as oscilações da luz, as sombras aumentavam e diminuíam, inchavam e contraíam-se, como um corpo que se retorce. Quando me fartei, dediquei-me a apalpar a minha cara nos seus ínfimos traços, centímetro a centímetro, ruga a ruga. Nunca até então me preocupara com a forma das minhas orelhas. Se alguém me tivesse pedido que as desenhasse – nem que fosse um esboço rudimentar –, ter-me-ia visto em palpos de aranha. Naquele momento, porém, era capaz de reproduzir exactamente todas as linhas, cada buraco, cada curva. Ao compará-las com atenção, descobri para minha surpresa que a minha orelha direita e a minha orelha esquerda eram diferentes. Não sabia a que ficava a dever-se nem que consequências poderia acarretar semelhante assimetria (devia ter mais do que uma).

Os ponteiros do relógio marcavam sete e vinte e oito. Devia ter visto as horas para aí umas duas mil vezes desde que descera até ao fundo do poço. De qualquer modo, eram sete e vinte e oito da noite, sem tirar nem pôr. Num jogo nocturno de basebol, deviam estar na segunda metade da terceira entrada³³ ou na primeira da quarta, no fim do terceiro jogo. No Verão, quando era miúdo, gostava de me sentar no cimo das escadas e ficar ali a ver o dia chegar ao fim. O Sol já desaparecera atrás da linha do horizonte, mas ainda perduravam os tons belos e brilhantes do crepúsculo. A sombra das luzes do estádio alongava-se pela relva como um dedo apontado para mostrar qualquer coisa. Pouco depois do início da partida, as luzes iam acendendo uma após a outra, quase com cautela, dir-se-ia, mas o céu oferecia ainda claridade suficiente para ler o jornal. A recordação de um longo dia de calor permanecia à entrada da porta do estádio para impedir a chegada da noite de Verão.

Aos poucos, sorrateiramente, com persistência e tenacidade, a luz artificial ia ganhando a sua batalha, substituindo-se à luz do Sol e revelando um cenário de cores festivas. O verde brilhante da relva, o terreno prodigiosamente negro, as linhas brancas e direitas traçadas de fresco, o reflexo de

verniz brilhante dos tacos dos jogadores

que esperam a sua vez de jogar, o fumo dos cigarros flutuando nos raios de luz (em dias sem vento, dir-se-ia uma procissão de almas errantes à espera que alguém as leve) – tudo começava a ganhar contornos espantosamente definidos. A essa luz, os jovens vendedores de cerveja utilizavam como viseira as notas que levavam entre os dedos, e a multidão punha-se toda de pé para seguir a trajectória de uma bola alta, levantando a voz num grito crescente ou soltando um suspiro. Viam-se passar os pássaros que regressavam ao ninho, voando em pequenos bandos na direcção do mar. Era este o cenário de um estádio às sete e meia da tarde.

Vieram-me à memória vários jogos de futebol a que tinha assistido. Quando ainda era muito novo, a equipa dos Saint Louis Cardinals viera ao Japão para disputar um jogo amigável. Fui vê-los jogar na companhia do meu pai, os dois sentados num bom lugar junto aos postes. Antes ainda do próprio jogo, os Cardinals deram uma série de voltas ao campo com um cesto cheio de bolas de ténis autografadas por eles, que lançavam a toda a velocidade para os degraus da bancada. As pessoas, completamente ao rubro, precipitavam-se para as apanhar. Eu limitei-me a ficar sentado, sem me mexer, e, num dado momento, dei por mim com uma bola no colo. Foi um acontecimento tão repentino e tão estranho que mais parecia obra de magia.

Vi as horas. Sete e trinta e seis. Tinham passado oito minutos desde que consultara o relógio pela última vez. Oito minutos apenas. Tirei o relógio do pulso e encostei-o ao ouvido. Estava a funcionar. No escuro, encolhi os ombros. Começava a perder a noção do tempo, estranhamente. Tomei a decisão de não voltar a olhar para o relógio. Ainda que não tivesse mais nada para fazer, passar o tempo todo a olhar para o relógio não era uma coisa sã. Mas o certo é que não o fazer exigia um grande esforço. Parecido com o sofrimento que fora deixar de fumar. A partir do momento em que decidi não me preocupar mais com o tempo, não consegui pensar em mais nada. Era um comportamento contraditório, a roçar a esquizofrenia. Quanto mais desejava esquecer o tempo, mais vontade tinha de pensar nele. Mal dava por mim, inconscientemente, os meus olhos estavam à procura do relógio no pulso esquerdo. Cada vez que isso acontecia, desviava os olhos e esforçava-me por não olhar. Acabei por tirar o relógio e guardá-lo no fundo da mochila. Apesar disso, a minha mente procurava desesperadamente o relógio que continuava a marcar as horas dentro da mochila.

E, assim, privado do andamento dos ponteiros do relógio, o tempo foi passando nas trevas. Era um tempo não dividido, não medido. Ao perder os seus pontos de referência, o tempo deixava de ser uma linha contínua e convertia-se num fluido sem forma que ora se dilatava ora se encolhia a seu bel-prazer. Durante esse tempo, dormi, acordei, voltei a dormir e voltei a acordar. Aos poucos, habituei-me a não olhar para o relógio. Apreendi à custa do meu próprio corpo a libertar-me daquela dependência. Apoderou-se de mim uma angústia insuportável. Era certo que me tinha libertado do tique nervoso de ver as horas de cinco em cinco minutos, mas, em contrapartida, e à falta desse ponto de referência, sentia-me como um homem caído de um barco em movimento ao mar, em plena noite. Gritava a plenos pulmões mas ninguém me ouvia, e o barco prosseguia a sua rota e afastava-se rapidamente, até desaparecer de vista.

Desisti, tirei o relógio da mochila e voltei a pô-lo no pulso esquerdo. Os ponteiros indicavam seis e um quarto. Provavelmente seis e um quarto da manhã. A última vez que olhara para o relógio, passava das sete da tarde. Mais concretamente, sete e meia da noite. O lógico era pensar que tinham decorrido onze horas. Não podiam ter passado vinte e três. Mas não tinha a certeza. Qual é a diferença fundamental entre onze horas e vinte e três horas? Em todo o caso, a sensação de fome

aumentara consideravelmente. E era muito diferente do que eu tinha vagamente imaginado. Sempre pensara que a fome era uma espécie de vazio. Na realidade, porém, aproximava-se mais do sofrimento físico. Era uma dor intensamente física e directa, parecida com ser apunhalado ou ser estrangulado. Além disso, a dor era desigual e descontínua. Tal como a maré, às vezes subia a ponto de me fazer perder os sentidos e, atingido esse ponto, começava lentamente a recuar.

A fim de esquecer a fome, tentei orientar os meus pensamentos para outra coisa. Mas sentia-me incapaz de reflectir seriamente no que quer que fosse. Volta e meia passavam-me pela cabeça pensamentos fragmentários, que logo se desvaneciam. Quando tentava captá-los, escapavam-se-me por entre os dedos como animais viscosos.

Pus-me de pé, espreguicei-me e respirei fundo. Doía-me o corpo todo. Tinham mantido durante muito tempo uma posição forçada e agora os meus músculos e as minhas articulações queixavam-se amargamente. Estiquei o corpo devagarinho para cima, depois fiz alguns exercícios de alongamento. Depois de os repetir umas dez vezes, de repente fiquei enjoado. Sentei-me no fundo do poço e fechei os olhos. Tinha os ouvidos a zumbir, estava a suar em bica. Quis agarrar-me a qualquer coisa, mas não tinha nada a que me agarrar. Sentia vontade de vomitar, mas não tinha nada no estômago que pudesse vomitar. Respirei fundo várias vezes, para ver se renovava o ar dos meus pulmões, se reactivava a circulação do sangue. O certo é que continuava com a mente enevoada. Lembro-me de ter pensado que estava muito fraco. E, sem dar por isso, tentei dizer isto mesmo alto: «Parece-me que estou muito fraco.» Mas a minha boca tinha dificuldade em articular as palavras. Se ao menos pudesse ver as estrelas, pensei. Mas não eram visíveis. May Kasahara tinha fechado hermeticamente a tampa do poço.

Pensava que May Kasahara estaria de regresso antes do meio-dia, mas ela continuava sem aparecer. Encostei-me à parede do poço e deixei-me ficar pacientemente à espera dela. A má disposição que tivera de manhã continuava e tinha perdido a capacidade de me concentrar em qualquer coisa, por pouco tempo que fosse. As dores de estômago continuavam a aparecer e a desaparecer. Da mesma forma, também a escuridão que me rodeava aumentava e diminuía. Tudo junto, isso contribuía para diminuir aos poucos a minha capacidade de concentração, como ladrões que penetram numa casa vazia e começam a roubar os móveis um a um.

Passou o meio-dia, e May Kasahara continuou sem aparecer. Fechei os olhos e tentei dormir, na esperança de sonhar com Creta Kano, mas o meu sono era demasiado leve para que isso pudesse acontecer. Quando renunciei a toda e qualquer tentativa de me concentrar, comecei a ser visitado por toda a espécie de memórias fragmentárias. Apareceram de mansinho, como a água que vai alagando em silêncio um buraco aberto na terra. Lugares por onde tinha passado, pessoas que tinha encontrado, feridas que sentira na carne, conversas que tinha mantido, objectos que tinha comprado, coisas que tinha perdido: desfilaram todos pelo meu espírito como se eu estivesse lá. Distintamente, e de maneira tão vívida, que até eu fiquei surpreendido. Recordei as casas e os apartamentos onde havia vivido. Recordei as janelas, os armários, os móveis, os candeeiros. Professoras que tivera, dos primeiros dias de escola à universidade. Na maior parte dos casos, as recordações não tinham ligação entre si. Regra geral eram ridículas e insignificantes, sem qualquer ordem cronológica. De vez em quando as minhas fantasias eram interrompidas por uma violenta sensação de fome. O que não impedia que cada lembrança não fosse incrivelmente viva, ao ponto de sacudir o meu corpo com a violência de um tornado.

Enquanto continuava ali a puxar o fio à meada das minhas recordações, veio-me à memória um

incidente passado no escritório, três ou quatro anos antes. Uma coisa absurda e sem importância, diga-se de passagem. Contudo, ao revivê-lo de fio a pavio para matar o tempo, fui sendo progressivamente invadido por uma sensação desagradável. Que se transformou muito rapidamente em raiva. Uma fúria de tal forma desmedida que eclipsou o cansaço, a fome e a angústia – deixando-me a tremer e a arfar. O meu coração batia desalmadamente e a cólera inundou o meu corpo de adrenalina. Tratava-se de uma disputa causada por um pequeno mal-entendido. O outro tipo tinha-me ofendido com as suas palavras, e eu não me fiquei e atirei-lhe à cara tudo o que pensava. Visto tratar-se de uma ninharia nascida de um equívoco, no dia seguinte acabámos por pedir desculpas um ao outro e a coisa ficou por ali. Quando se tem muito trabalho e se está cansado, às vezes acontece uma pessoa deixar sair cá para fora palavras menos próprias. O certo é que já me tinha esquecido por completo daquela história. Mas no fundo daquele poço escuro como breu, afastado da realidade, aquele episódio ressurgiu com tamanha intensidade que me abrasava o espírito. Senti o seu calor na minha pele, ouvia como me queimava a carne. Mordendo os lábios, perguntei a mim próprio por que razão tinha deixado que me falassem assim e por que não tinha eu respondido de maneira mais contundente. Formulei mentalmente, uma vez e outra, as palavras que então lhe deveria ter dito, mas dando-me ao trabalho de as polir, tornando-as mais afiadas. Quanto mais acutilantes ficavam, mais intensa era a raiva que sentia.

Depois, como se tivesse sido exorcizado, tudo aquilo deixou de me importar. O que é que me dera para remoer e reviver uma história tão disparatada? De certeza que o meu colega nunca mais pensara no assunto. Também *eu* não, pelo menos até ali. Respirei fundo, relaxei os ombros e deixei que o meu corpo se afundasse de novo na escuridão. A seguir esforcei-me por evocar outras recordações, mas, assim que aquela raiva desmedida passou, voltei a perder o fio à meada. Tinha agora a cabeça tão vazia como o estômago.

Sem dar por isso, comecei a falar sozinho. Num sussurro, saíam-me da boca fragmentos de reflexões de que nem eu próprio tinha consciência. Era superior às minhas forças. Desligada da minha mente, a minha boca movia-se sozinha, de maneira automática, independentemente da minha vontade, lançando nas trevas palavras que aos meus olhos não faziam sentido. As palavras provinham de uma zona de sombra para logo a seguir serem absorvidas por outra. O meu corpo parecia ter-se transformado num túnel vazio, uma conduta a ligar dois pontos por onde transitavam as sílabas. Tratava-se de fragmentos de reflexões, sem sombra de dúvida, mas era como se aqueles pensamentos fossem gerados fora da minha consciência.

Que diabo iria acontecer a seguir? Começariam os meus nervos a ceder? Consultei o relógio. Os ponteiros marcavam três e quarenta e dois minutos. Provavelmente, três e quarenta e dois da tarde. Imaginei a luz de uma tarde de Verão àquela hora. Imaginei-me a mim naquela luz. Apurei o ouvido. Não se ouvia nada. Nem o coro das cigarras, nem o canto dos pássaros, nem os gritos das crianças. Quem sabe, talvez enquanto eu permanecia dentro do poço o pássaro de corda se tivesse esquecido de dar corda ao mundo e este tivesse deixado de trabalhar. Pouco a pouco, a corda tinha começado a afrouxar e, ao atingir um certo ponto no tempo, todo o movimento – as correntes dos rios, o sussurro das folhas, o voo das aves no céu –, tudo havia parado.

Que estaria May Kasahara a fazer? Por que carga de água nunca mais aparecia? Já se tinha ido embora há muito tempo. E se lhe acontecera alguma coisa? Um acidente de viação, por exemplo. Nesse caso, mais ninguém no mundo saberia onde eu me encontrava. Então conheceria uma morte lenta no fundo daquele poço.

Decidi encarar as coisas de outro ângulo. Decididamente, May Kasahara não era assim tão despassarada. Não era pessoa para se deixar atropelar assim por dá cá aquela palha. Àquela hora, o mais certo era estar no seu quarto a observar o jardim através dos binóculos, imaginando-me dentro do poço. Fazia de propósito: para me deixar inquieto, para me fazer sentir abandonado. Palpitava-me que sim. E se era essa a sua intenção, o seu plano estava a resultar em cheio. Com efeito, apoderava-se de mim uma terrível sensação de angústia e abandono. Só de pensar que poderia apodrecer no meio daquele imenso negrume, o medo quase me cortava a respiração. À medida que o tempo passasse, as minhas forças começariam a faltar e as dores de estômago provocadas pela fome acabariam por se tornarem insuportáveis. E, fatalmente, deixaria de ser capaz de me mexer. E mesmo que aparecesse alguém que me atirasse uma escada de corda, o mais provável era não ser capaz de fazer uso dela. Acabaria por perder o cabelo todo e ficar sem dentes.

Foi então que me lembrei do ar. Estava há tantos dias dentro daquele buraco de cimento estreito e fundo, ainda por cima com a abertura fechada. O ar mal circulava. Ao pensar nisso, a atmosfera à minha volta pareceu-me viciada e asfixiante. Seria imaginação minha ou o ar começava a ficar rarefeito por falta de oxigénio? Para o comprovar, inspirei e expirei profundamente várias vezes. Mas quanto mais respirava, mais aumentava a sensação de claustrofobia. Comecei a suar de ansiedade e de pânico. Agora que pensava na história do ar, a ideia da morte invadia o meu imaginário, como uma ameaça real e iminente, aproximando-se em silêncio como as águas negras e inundando a minha mente. Até aí, a possibilidade de morrer de inanição parecera-me remota. Mas se o oxigénio comesse a faltar, as coisas precipitar-se-iam.

O que se sentia, ao morrer de asfixia? Quanto tempo levaria a morrer? Morre-se após uma longa e lenta agonia ou vai-se perdendo a consciência até se adormecer de vez? Imaginei May Kasahara a chegar ao poço e a dar comigo morto. Punha-se a chamar-me, uma vez e outra, e, à falta de resposta, começaria a atirar pedrinhas para dentro do poço. Pensando ela que eu estava a dormir. Mas eu não dava acordo de mim. E então ela perceberia que eu estava morto.

Queria chamar alguém de viva voz. Gritar que estava fechado ali dentro. Que tinha fome, que o ar estava viciado. Tive a sensação de que voltara a ser criança, a ser um menino desamparado e indefeso. Armara-me em valente e saíra de casa, e agora não sabia o caminho. Era um sonho que tivera vezes sem conta – o pesadelo recorrente da minha infância. Que me perdia e não encontrava o caminho de volta a casa. Há muito tempo que não me lembrava daquele sonho. Agora, ali no fundo do poço, o pesadelo regressava em força. No escuro, o tempo andava para trás e era absorvido por uma outra dimensão.

Saquei o cantil da mochila, destapei-o, bebi um golinho com todo o cuidado, a fim de não entornar nem uma gota, conservei a água por um tempo infindo na boca, depois engoli-a lentamente. Ao engolir, senti um forte ruído no fundo da garganta. Como se um objecto duro e pesado tivesse caído ao chão. Mas não passava de um trago de água.

– Senhor Okada! – Estava alguém a chamar por mim. Ouvi a voz em sonhos. – Senhor Okada! Senhor Okada! Acorde!

Era a voz de Creta Kano. Lá consegui abrir os olhos, mas continuava tudo na mesma. Em volta, a escuridão profunda não me deixava ver nada. A fronteira entre sonho e vigília não era bem clara. Tentei pôr-me de pé, mas faltaram-me as forças na ponta dos dedos. Tinha o corpo frio ressequido e

hinto como um pepino guardado há demasiado tempo no fundo do frigorífico. A minha mente estava entorpecida pelo cansaço e pela impotência. Não importa. Faz como quiseres. Voltarei a ter uma erecção no meu imaginário e a ejacular na realidade. Se é isso que queres, força! Na minha mente embotada, esperei que as mãos dela me desapertassem o cinto das calças. Mas a voz de Creta Kano vinha lá de cima, do alto. «Senhor Okada! Senhor Okada!», chamava ela. Levantei a cabeça. A tampa do poço estava metade aberta e via-se um belo céu estrelado. Recortado em forma de meia-lua.

– Estou aqui! – Bem ou mal, lá me consegui levantar, olhei para cima e voltei a gritar: – Estou aqui!

– Senhor Okada! – disse a *verdadeira* Creta Kano. – Está aí?

– Sim, estou aqui!

– Como é que foi *parar* aí abaixo?

– É uma longa história.

– Desculpe, não o oiço bem. Importa-se de falar mais alto?

– É uma história muito longa – gritei eu. – Conto-lhe tudo mal saia daqui. Neste momento não consigo falar lá muito alto.

– É sua, esta escada de corda que aqui está?

– Sim, é.

– Como é que fez para a conseguir pôr cá em cima? Atirou-a aí de baixo?

– Claro que não. – Por que carga de água é que faria semelhante coisa? *Como* é que era possível pensar que alguém seria capaz de tal coisa? – Claro que não. Eu não fui. Alguém puxou a escada sem eu dar por isso.

– Mas, assim, não podia sair do poço!

– É isso mesmo – redargui, enchendo-me de paciência. – Disse muito bem. Não posso sair. Nesse caso, quer fazer o favor de baixar a escada? Dessa forma, *poderei* sair daqui.

– Claro que sim. É para já.

– Espere um minuto! Antes de fazer isso, importa-se de verificar se está bem presa ao tronco de árvore? Senão...

Não houve resposta. Parecia que não já não estava ali ninguém. Semicerrei os olhos e esforcei-me por ver melhor, mas não consegui vislumbrar ninguém na boca do poço. Tirei a lanterna da mochila e apontei-a para cima, mas o foco de luz não incidiu sobre nenhuma figura humana. Em contrapartida, a escada estava pendurada. Dir-se-ia que sempre ali estivera. Soltei um profundo suspiro. Ao suspirar, desfez-se o apertado nó que habitava dentro de mim.

– Ei, Creta Kano! – gritei.

Não obtive resposta. Os ponteiros do relógio marcavam uma e sete. Uma e sete da noite, obviamente. Sabia disso graças às estrelas que brilhavam por cima de mim. Pus a mochila a tiracolo e, depois de respirar fundo, empreendi a escalada. Subir por aquela escada instável não se revelou tarefa fácil. Ao fazer força, todos os músculos, ossos e articulações do meu corpo gemiam e gritavam de dor. No entanto, à medida que ia subindo com cautela, um degrau atrás do outro, o ar aqueceu e trouxe até mim o cheiro a erva. Aos meus ouvidos começou a chegar o canto dos insectos. Apoiei as mãos na abertura do poço, reuni as minhas últimas forças, passei as pernas por cima e caí rebolando em cima da terra macia. *A superfície da terra*. Por momentos, deixei-me ficar assim, deitado de costas, sem pensar em nada. Levantei os olhos para o céu e respirei fundo várias vezes até encher os pulmões de ar – um ar pesado e húmido de uma noite de Verão, mas cheio do odor fresco da vida.

Conseguia cheirar a terra, cheirar a erva. Só pelo cheiro, pude imaginar na palma das minhas mãos o toque suave da terra e da erva. Tinha vontade de deitar mão à terra e à erva e devorá-las.

Já não se via uma única estrela no céu. Só eram visíveis do fundo do poço. No céu flutuava apenas uma Lua *redonda*, quase cheia.

Não sei dizer quanto tempo fiquei ali estendido. Durante um bom bocado, contentei-me em escutar os batimentos do meu coração. Dava-me a sensação de poder viver assim eternamente, sem fazer mais nada a não ser ouvir o meu coração bater. Acabei no entanto por me levantar e olhei à minha volta. Ninguém. Só o jardim envolto na noite, com a estátua do pássaro, a olhar como sempre fixamente para o céu. As luzes na casa de May Kasahara estavam apagadas, à excepção de uma lâmpada de mercúrio acesa no jardim. Projectava uma luz pálida e inexpressiva sobre a ruela deserta. Onde diabo se teria May Kasahara enfiado?

Em todo o caso, a primeira coisa a fazer era regressar a casa. Regressar, beber, comer alguma coisa, e tomar um longo duche. Devia tresandar. Antes de mais, precisava de me libertar daquele cheiro. Em seguida tinha de meter qualquer coisa no estômago. Tudo o resto viria por acréscimo.

Regressei a casa pelo mesmo caminho de sempre. A azinhaga, não sei porquê, parecia-me diferente. Provavelmente por causa da claridade estranhamente crua da Lua, os indícios de putrefacção e estagnação tornavam-se muito mais palpáveis. Pairava no ar um odor a algo parecido com animais mortos em decomposição, bem como um inconfundível fedor a urina e excrementos. Apesar de passar da meia-noite, em muitas casas as pessoas ainda estavam levantadas, a comer ou a conversar enquanto viam televisão. De uma janela escapava-se um cheiro a fritos que me agrediu violentamente como um murro no estômago e na cabeça. Quando passei ao lado de um aparelho de ar condicionado exterior que roncava, fui atingido por uma golfada de ar quente. Ouvi a água do duche a correr numa casa de banho e vi a sombra esbatida de um corpo reflectida na janela.

Bem ou mal, lá consegui escalar o muro e entrar no jardim. Vista dali, de tão negra e silenciosa a casa parecia reter a respiração. Dela não se desprendia a mínima sensação de calor ou de intimidade. Nos últimos meses tinha vivido ali todos os dias mas, agora, aos meus olhos, a casa não passava de um edifício vazio e deserto. Mas não tinha mais nenhum sítio onde voltar.

Subi pela varanda e abri a porta de vidro. A casa estava fechada há algum tempo, daí o ar pesado e viciado. Cheirava a uma mistura de fruta madura e insecticida. O bilhete escrito por mim continuava em cima da mesa da cozinha. A loiça que lavara lá estava onde eu a tinha deixado, empilhada em cima de escorredouro. Tirei um copo e bebi, um atrás do outro, vários copos de água da torneira. Dentro do frigorífico não havia nada de jeito que se aproveitasse – uma amálgama de restos de comida e de ingredientes encetados: ovos, fiambre, salada de batata, beringelas, alface, tomate, *tofu*, ovos, creme de queijo. Deitei o conteúdo de uma lata de sopa de conserva numa caçarola e levei-a a aquecer. Comi um prato de cereais com leite. Deveria ter uma fome de lobo, mas ao abrir o frigorífico e ver tudo o que estava lá dentro, quase me passara a vontade de comer. Para não dizer que fiquei, isso sim, ligeiramente enjoado. Apesar disso, e a fim de acalmar as dores de estômago provocadas pela fome, comi meia dúzia de bolachas de água e sal para empurrar os cereais.

Fui para a casa de banho, despi-me e meti a roupa suja na máquina de lavar. Depois meti-me debaixo de água quente, esfreguei escrupulosamente o corpo todo com sabonete e lavei a cabeça. Junto à banheira ainda estava pendurada a touca de banho de Kumiko. Também ainda ali estavam o champô que ela usava, o seu bálsamo amaciador, as escovas de cabelo, a de dentes, o seu fio dental. Estava tudo tal qual como era antes de ela se ter ido embora. O único sinal da sua ausência resumia-

se a um simples facto concreto: Kumiko já não morava ali.

Pespeguei-me à frente do espelho e examinei o meu rosto. Estava coberto de uma barba negra. Após um breve momento de hesitação, decidi não me barbear. O mais certo era cortar-me. Na manhã seguinte logo se via. Também não estava a fazer conta de ver ninguém. Lavei os dentes, bochechei com água várias vezes e abandonei a casa de banho. A seguir abri uma lata de cerveja e preparei uma salada simples com o tomate e a alface que encontrei no frigorífico. O facto de ter comido despertou-me o apetite, vai daí tratei de ir buscar a salada de batata, que espalhei entre duas fatias de pão de forma, e regalei-me. Olhei para o relógio uma única vez. E perguntei-me quantas horas, ao todo, havia estado no fundo do poço. O simples facto de pensar no tempo provocou-me de imediato uma forte dor de cabeça. Não queria pensar mais no tempo. Era a última coisa em que me apetecia pensar naquele momento.

Fui à casa de banho, fechei os olhos e urinei durante muito tempo. Nunca mais acabava. Pensei que ia desmaiar, ali de pé naquela posição. Estirei-me no sofá da sala de estar e ali me deixei ficar, a olhar para o tecto. Era uma sensação estranha. O meu corpo estava cansado, mas a minha mente estava desperta. Não tinha sono nenhum.

De repente lembrei-me. A caixa do correio! Levantei-me a correr do sofá para ir verificar a correspondência. Podia ser que alguém me tivesse escrito durante a minha ausência. Havia uma única carta. Não tinha remetente, mas bastou-me passar os olhos pelo sobrescrito para reconhecer a letra miudinha de Kumiko. Os caracteres estavam traçados, um a um, com tamanha precisão, que mais pareciam desenhados. Era uma escrita que levava o seu tempo, mas ela não sabia escrever de outro modo. Acto contínuo, deitei uma olhadela ao selo. Estava esborratado, quase ilegível, mas dava para decifrar um ideograma, «*taka*». E, possivelmente, «*matsu*». Seria Takamatsu, na prefeitura de Kagawa? Que eu soubesse, Kumiko não conhecia ali ninguém. Desde o nosso casamento nunca lá tínhamos ido, e nunca a tinha ouvido falar em Takamatsu nas nossas conversas. Se calhar não se tratava de Takamatsu.

De qualquer forma, levei a carta para a cozinha, sentei-me à mesa e abri o sobrescrito com a ajuda de uma tesoura. Abri-o devagarinho, com muito cuidado, para não cortar por engano o papel de carta. Para me acalmar, bebi um restinho de cerveja.

«Deves ter ficado surpreendido e preocupado quando desapareci sem dizer nada», escrevia Kumiko. Era a tinta azul da *Mont Blanc* que ela costumava utilizar. O papel era um papel de carta fino, branco, do que se vende em todo o lado.

Queria ter-te escrito mais cedo para te explicar tudo como deve ser, mas enquanto procurava as palavras certas para te descrever exactamente os meus sentimentos, para te explicar e fazer-te compreender bem a situação, o tempo passou a voar. Sinto-me mal e tenho muita pena por ti.

Como já deves ter percebido, tenho-me encontrado com outro homem. Nos últimos tempos, durante quase três meses, tive relações sexuais com ele. Travámos conhecimento por questões de trabalho e tu não o conheces. Além disso, quem ele é pouco ou nada importa. Não faço tensões de voltar a vê-lo. Pela minha parte, pelo menos, está tudo acabado, mas não sei até que ponto isso te servirá de algum consolo.

Se me perguntares se o amava, não saberia responder-te. A questão, de resto, parece-me irrelevante. Agora, se me perguntares se te amava, aí poderia responder-te sem a mínima hesitação: sim, amava-te. Sempre pensei ter feito muito bem em casar-me contigo. E continuo a pensar. Agora vais querer saber por que razão te fui infiel e, em última análise, por que saí de casa e te deixei. Também eu tenho feito a mim mesma esta pergunta vezes sem conta. O que me terá levado a agir assim?

Não consigo encontrar uma explicação. Nunca foi minha intenção arranjar um amante, nem ser-te infiel. De resto, quando comecei a minha relação com este homem, não me passava pela cabeça enganar-te. Encontrámo-nos meia dúzia de vezes por razões profissionais e, às tantas, começámos a falar ao telefone de coisas que não tinham que ver com o trabalho. Ele é muito mais velho do que eu, tem mulher e filhos, e, como homem, nem sequer se pode dizer que seja especialmente atraente, daí que, por tudo isto junto, nunca me tivesse passado pela cabeça que um dia poderia vir a ter com ele uma relação mais profunda.

O que não significa que, no fundo, eu não sentisse o secreto desejo de me vingar de ti. No fundo, no fundo, ainda me sentia magoada pelo facto de teres passado uma vez a noite em casa daquela rapariga. Bem sei que me disseste que não aconteceu nada e eu acreditei em ti, mas isso não significava que a coisa ficasse resolvida. No fim de contas, são os sentimentos que estão em causa. Isto para dizer que não foi por vingança que te fui infiel. Lembro-me de te ter ameaçado, uma vez, mas isso foi da boca para fora. Se fui para a cama com ele, foi porque me apeteceu, mais nada. Uma vontade mais forte do que eu, à qual me foi impossível resistir.

Há já muito tempo que não nos víamos quando quis o destino que nos encontrássemos por causa de um assunto de trabalho. A seguir, fomos comer qualquer coisa e depois entrámos num bar para tomar um copo. Já sabes que não bebo, por isso fiquei-me por um sumo de laranja e não ingeri uma gota de álcool. Portanto, não foi por causa do álcool que aconteceu o que aconteceu. Tratou-se de um encontro normalíssimo, uma conversa o mais natural possível, mas a certa altura tocámos um no outro casualmente, e naquele preciso momento senti um desejo intenso de fazer amor com ele. No instante em que os nossos corpos se tocaram, percebi instintivamente que também ele me desejava. E que sabia que eu o desejava. Foi uma coisa perfeitamente irracional, uma espécie de descarga eléctrica paralisante que passou entre nós. Tive a sensação de que o céu desabava sobre mim. Senti as faces a arder, o coração a bater desalmadamente, uma forte pressão no baixo-ventre. Mal me conseguia manter sentada no tamborete. A princípio não sabia bem o que me estava a acontecer, mas não demorei muito a perceber que estava na presença do desejo sexual. Sentia por aquele homem um desejo físico tão violento que me senti à beira de sufocar. Sem que nenhum de nós tomasse a iniciativa, entrámos num hotel ali perto e fizemos amor como dois loucos.

Bem sei que me arrisco a ferir os teus sentimentos ao descrever-te a situação de uma forma tão crua, mas acredito que, a longo prazo, será melhor que saibas como tudo se passou, ao pormenor e com sinceridade. Por isso, ainda que seja doloroso para ti, peço-te que tenhas paciência e continues a ler.

Não posso dizer que estivesse apaixonada. Com efeito, o que fiz não tinha nada que ver com o «amor». Só sei que queria ter relações sexuais com ele, senti-lo dentro de mim. Pela primeira vez na minha vida desejava um homem ao ponto de me faltar a respiração. Tinha lido acerca de um «desejo irreprimível» nos livros, mas até àquele dia nunca soubera do que se tratava

concretamente.

Por que é que aquele desejo tinha surgido em mim, assim tão de repente? E porquê com alguém que não eras tu? Não o sei dizer. O que sei é que, naquele momento, não consegui controlar-me. Nem sequer fiz por isso. Por favor, procura entender: nunca me passou pela cabeça que te pudesse estar a enganar. Na cama daquele hotel, fiz amor com aquele homem como uma possessa. Para ser sincera, nunca na minha vida me tinha sentido tão bem. Minto, não foi assim tão simples: «tão bem» é dizer pouco. Tinha a sensação de estar a rebolar em lama quente. A minha mente absorvia de tal maneira o prazer em estado puro, que inchava ao ponto de estalar. E a seguir explodiu. Qualquer coisa de prodigioso. Uma das coisas mais maravilhosas que alguma vez me aconteceu.

E a seguir, como tu bem sabes, escondi de ti essa ligação. Tu nunca te deste conta de que eu te era infiel e nunca suspeitaste de nada, nem mesmo quando eu chegava tarde e a más horas a casa. De tal maneira confiavas cegamente em mim, que nunca pensaste que um dia poderia atraiçoar-te. E, no entanto, nunca soube o que era o sentimento de culpa. Às vezes ligava-te do quarto de hotel para te dizer que ia chegar mais tarde por causa de uma reunião de trabalho. Dizia uma mentira a seguir à outra sem experimentar o mínimo remorso. Fazia aquilo como se fosse a coisa mais natural do mundo. No meu coração, ansiava pela vida a teu lado. O nosso lar era o lugar onde devia regressar. O mundo ao qual eu pertencia. Apesar disso, o meu corpo sentia um violento desejo de sexo com aquele homem. Uma metade de mim estava em casa, contigo, a levar uma vida tranquila ao teu lado, a outra metade, ali, a fazer amor desenfreadamente com aquele homem.

Quero que entendas ao menos uma coisa: não se dava o caso de tu seres sexualmente inferior a ele, ou de eu estar cansada de fazer amor contigo. O que aconteceu foi que, naquele momento, o meu corpo sentia um apetite voraz, irrefreável. E não pude controlar-me. Não sei dizer-te porque aconteceu. Só te posso dizer que as coisas aconteceram assim. Durante o período em que mantive relações com ele, pensei várias vezes em fazer também amor contigo. Parecia-me injusto ir para a cama com ele e contigo não, mas a verdade é que nos teus braços não sentia rigorosamente nada. Deves ter dado por isso. Foi por essa razão que, nos últimos meses, inventei toda a espécie de desculpas para não ter relações sexuais contigo.

Chegou um dia e ele pediu-me que te deixasse e que fosse viver com ele. Dizia que nós tínhamos sido feitos um para o outro, que não havia razão para não estarmos juntos. Que também ele abandonaria a sua família. Pedi-lhe que me desse tempo para pensar. Depois de nos despedirmos, no comboio de regresso a casa, de repente percebi que já não sentia nada por ele. Não sei explicar por que razão, mas no instante em que surgiu a ideia de vivermos juntos, aquela atracção misteriosa alojada dentro de mim desapareceu, como que varrida por um violento tornado. Não sentia por ele o mínimo desejo.

Foi a partir daí que comecei a sentir-me culpada. Tal como te disse antes, enquanto senti por ele um intenso desejo sexual nunca conheci o mínimo sentimento de culpabilidade. Só estava interessada em certificar-me de que não desses conta de nada. Pensava eu que podia fazer o que me desse na gana, na condição de que tu não te apercebeasses disso. A minha relação com ele e a minha relação contigo pertenciam a dois mundos diferentes. Quando o meu desejo por ele se desvaneceu, senti-me completamente perdida.

Sempre me tivera na conta de uma pessoa honesta. Escusado será dizer que tenho muitos defeitos, mas, no que toca às questões importantes, nunca tinha mentido a ninguém nem me enganara a mim própria. Nunca te tinha escondido nada, e isso representava aos meus olhos um

motivo de orgulho. E, no entanto, durante meses a fio andei a mentir-te descaradamente sem sentir uma ponta de remorso.

A bem dizer, foi essa verdade que começou a atormentar-me. Comecei a sentir-me uma pessoa vazia, sem valores nem interesse. Vendo bem, se calhar é isso mesmo que sou. Além disso, há outra coisa que me preocupa, e muito: por que senti de repente um desejo anormal e irreprimível por um homem que não amava? Não consigo compreender porquê. Se não fosse aquele desejo, hoje ainda estaria a teu lado, a viver feliz e contente. E aquele homem não passaria de um amigo com quem poderia trocar dois dedos de conversa, de vez em quando. A verdade, porém, é que aquele desejo louco deitou por terra e reduziu a nada tudo o que nós os dois tínhamos construído juntos, pouco a pouco, durante anos. E deixou-me ficar sem nada: levou-te a ti, ao lar que tinha constituído contigo, ao meu trabalho. Por que carga de água é que me foi acontecer uma coisa assim?

Há três anos, logo a seguir ao meu aborto, anunciei que tinha uma coisa para te dizer. Lembraste? Talvez devesse ter sido sincera contigo. Se o tivesse feito, quem sabe se tudo isto nunca tivesse acontecido, mas o certo é que nem agora, na situação em que me encontro, tenho forças para tal. Isto porque tenho a impressão de que, uma vez pronunciadas certas palavras, as coisas entre nós ficarão irremediavelmente estragadas, sem conserto possível. Por isso, tomei a decisão de guardar tudo para mim e desaparecer do mapa.

Custa-me muito dizer isto, mas contigo nunca soube o que era o verdadeiro prazer sexual, nem antes nem depois do casamento. Fazer amor contigo era maravilhoso, mas tudo o que sentia, naqueles momentos, eram sensações vagas, tão vagas que dir-se-iam pertencer a outra pessoa. Nada disso é culpa tua. A responsabilidade de não ser capaz de sentir nada era cem por cento minha. Dentro de mim havia como que uma espécie de obstáculo que me impedia de aceder ao prazer sexual. Quando, por razões que não sou capaz de explicar, fui para a cama com aquele homem, o bloqueio desapareceu de repente, deixando-me completamente desatinada.

Entre nós os dois houve sempre, desde o princípio, algo de muito íntimo e delicado. Agora, porém, também essa alquimia se desvaneceu. Aquele mecanismo perfeito, quase mítico, ficou destruído. E quem o destruiu fui eu. Falando mais precisamente, houve algo que me fez destruí-lo. Que isso tenha acontecido, ninguém lamenta mais do que eu. Nem toda a gente tem a sorte de dispor de uma oportunidade como a que eu tive contigo. Odeio com todas as minhas forças a existência dessa coisa que provocou tudo isto. Nem fazes ideia o ódio que lhe tenho. Quero saber ao certo do que se trata. Tenho de saber concretamente o que é. Devo encontrar as suas raízes, erradicá-la, julgá-la, castigá-la. Terei forças para o fazer? Não estou bem certa disso. De qualquer modo, é uma coisa que só a mim diz respeito, nada tem que ver contigo.

Só te peço que daqui em diante não te preocupes mais comigo. Esquece-me e procura refazer a tua vida. Quanto à minha família, vou escrever-lhes a dizer que a culpa do que aconteceu foi minha, e só minha, e que tu não és tido nem achado no que diz respeito a esta questão. Não creio que te venham a causar problemas. Penso que devemos dar de imediato início aos trâmites do divórcio. Creio que será a melhor solução para os dois. Peço-te por tudo que não te oponhas e dêes o teu consentimento. No que toca à minha roupa e ao resto das minhas coisas, deita tudo fora, dá a quem precisa ou faz o que achares melhor. Fazem parte do passado. Perdi o direito a todas as coisas que usei durante a nossa vida em comum, sinto isso.

Adeus.

Reli a carta uma vez mais, com calma, antes de a voltar a guardar dentro do sobrescrito. Fui ao frigorífico buscar outra cerveja e bebi-a.

Que Kumiko quisesse dar início ao processo de divórcio, isso queria dizer que pelo menos não tinha a intenção de se suicidar nos tempos mais próximos nem nada que se parecesse. Depois pus-me a pensar que nos últimos dois meses não tinha ido para a cama com ninguém. Tal como dizia na carta, Kumiko recusara-se a fazer amor comigo durante todo esse tempo. Disse-me ela que tinha uma ligeira infecção urinária e que o médico lhe havia recomendado que se abstinésse de ter relações sexuais durante uns tempos. E, como é óbvio, eu acreditei nela. Não tinha motivos para duvidar da sua palavra.

Ao longo daqueles dois meses, no mundo dos sonhos – que é como quem diz, numa dimensão que, dentro do meu vocabulário limitado, não podia chamar de outro modo que não onírica –, tivera relações com outras mulheres. Com Creta Kano e com a mulher do telefone. Na realidade, porém, e agora que pensava nisso, há quase dois meses que não tinha relações com uma mulher real, no mundo real. Deitei-me em cima do sofá e, enquanto me entretinha a olhar para as mãos, que repousavam sobre o peito, pus-me a pensar na última vez que tinha visto o corpo de Kumiko. Recordei a curva suave do seu pescoço no momento em que lhe corria o fecho do vestido e a fragrância da água-de-colónia por detrás das suas orelhas. Se o que ela dizia na carta era verdade, então isso queria dizer que nunca mais voltaria a fazer amor com ela. Se estava escrito com todas as letras, em termos tão claros, era porque se tratava de uma decisão irrevogável.

Quanto mais pensava na possibilidade de a minha relação com Kumiko ser algo que pertencia definitivamente ao passado, mais saudades sentia do doce calor do seu corpo a que em tempos chamara meu. Gostava de fazer amor com ela. Já gostava antes de nos casarmos, como não podia deixar de ser, mas, com o passar dos anos, quando a paixão inicial se dissipara, continuei sempre a ter desejo de ir para a cama com ela. Recordava com espantosa nitidez o toque das suas costas elegantes, da sua nuca, das suas pernas, dos seus seios – recordava cada uma das coisas que durante o acto sexual havia feito com ela e que ela me havia feito a mim.

Agora, porém, sem que eu suspeitasse de nada, Kumiko fizera sexo com outra pessoa, e de uma maneira tão desenfreada que me custava a imaginar. Mais, com alguém que eu não sabia quem era. Com ele, descobrira um prazer que fora incapaz de sentir comigo. Se calhar, enquanto fazia amor com ele lançava uns gemidos tão intensos que podiam ouvir-se no quarto ao lado e retorcia-se de tal forma que fazia estremecer a cama. Provavelmente tomara a iniciativa de fazer com ele coisas que eu não sabia o que era fazer com ela. Levantei-me, abri a porta do frigorífico, tirei uma cerveja e bebi-a até ao fim. Depois comi a salada de batata. Deu-me vontade de ouvir música e sintonizei a rádio num programa em FM de música clássica, com o volume no mínimo. «Hoje estou tão cansada», costumava ela dizer, «não tenho vontade.» «Desculpa, está bem?» «Não penses mais isso», respondia eu. Quando chegou ao fim a Serenata para Cordas de Tchaikovsky, começou a tocar uma pequena peça que me pareceu ser Schumann. Sabia que já a tinha ouvido em qualquer lado, mas não me conseguia lembrar do nome. Ao terminar a interpretação, a locutora anunciou que se tratava de «O Pássaro Profeta», a sétima peça das *Cenas da Floresta* de Schumann. Imaginei Kumiko a contorcer-se toda debaixo daquele homem, cravando-lhe as unhas nas costas, babando-se sobre os lençóis. A apresentadora do programa explicava que Schumann nos descrevia uma cena fantástica em que um misterioso pássaro que habitava na floresta adivinhava o futuro.

Na realidade, que sabia eu acerca de Kumiko? Esmaguei silenciosamente a lata de cerveja vazia que tinha na mão e deitei-a no lixo. Seria possível que a Kumiko que eu acreditava conhecer, a Kumiko, a mulher com quem eu estava casado e com quem tinha feito amor durante tantos anos, afinal de contas não fosse mais do que a parte mais superficial da autêntica Kumiko? Era o mesmo que a maior parte deste mundo pertencer ao reino das medusas. E se assim era, aqueles seis anos que Kumiko e eu tínhamos vivido juntos, que diabo representavam? Que significado tinham?

Estava a reler a carta uma vez mais, quando de repente tocou o telefone. O som fez-me saltar literalmente no sofá. Quem poderia estar a ligar para mim às duas da manhã? Kumiko? Não, não podia ser ela. O mais provável era ser May Kasahara. Devia ter-me visto sair da casa abandonada e agora punha-se a telefonar. Ou, então, Creta Kano. Para me explicar por que razão havia desaparecido do mapa. Também podia dar-se o caso de ser a mulher responsável pelas chamadas telefônicas, com uma mensagem qualquer. Verdade seja dita, May Kasahara tinha razão. Havia demasiadas mulheres à minha volta. Limpei o suor da cara com uma toalha que tinha à mão e atendi nas calmas.

– Está? – disse eu.

– Está? – repetiram do outro lado do fio. Não era a voz de May Kasahara. Não era a voz de Creta Kano, nem a voz da mulher misteriosa. Era Malta Kano.

– Estou a falar com o senhor Okada? Daqui fala Malta Kano. Lembra-se de mim?

– Claro que me lembro – respondi, procurando acalmar os batimentos do meu coração. Só a mim! Como é que alguma vez me poderia esquecer?

– Peço muita desculpa por estar a telefonar tão tarde, senhor Okada, mas trata-se de uma emergência. Tenho perfeita consciência da maçada que lhe estou a dar e imagino que deva estar aborrecido comigo, mas, acredite, não tive outro remédio. Lamento imenso.

Disse-lhe que não fazia mal, para não se preocupar. Que ainda estava a pé e que não me incomodava rigorosamente nada.

³³ Adaptado do jogo nacional americano, o basebol é vivido no Japão com febril intensidade. De Abril a Outubro, a estação de televisão NHK transmite os jogos todos e os diários desportivos dão amplo destaque tanto aos jogos da Central League como da Pacific League. (N. da T.)

O que descobri ao fazer a barba

O que descobri ao acordar

– A razão pela qual estou a ligar tão tarde, senhor Okada, é porque me pareceu oportuno chegar à fala consigo quanto antes – disse Malta Kano. Como de costume, ao ouvi-la falar, fiquei com a impressão de que ela escolhia criteriosamente todas as palavras para depois as ordenar segundo uma lógica rigorosa de maneira a formar uma frase. – Se fosse possível, gostaria de lhe fazer umas perguntinhas. Pode ser?

Com o auscultador na mão, sentei-me no sofá.

– Claro que sim. Pergunte à vontade – respondi eu.

– Por acaso não terá andado por fora, nestes últimos dias? Tentei ligar-lhe várias vezes, mas nunca o encontrei em casa.

– Bom, de facto estive fora um tempo. Queria ficar sozinho para ordenar as minhas ideias e reflectir numa série de coisas.

– Bem sei, senhor Okada, tenho perfeita consciência disso. Compreendo muito bem o seu estado de espírito. Quando se quer pensar em paz, não há nada como uma mudança de ares. Neste caso concreto, senhor Okada – e sabendo à partida que o assunto não me diz respeito –, por acaso não se afastou para *muito* longe?

– Bom, não se pode dizer que tenha ido para muito longe... – retorqui com propositada ambiguidade. Passei o auscultador da mão esquerda para a direita. – Como é que hei-de explicar? Estive num lugar um tanto ou quanto isolado. Mas por enquanto não posso entrar em grandes explicações. Tenho as minhas razões. Além disso, acabo de chegar e estou demasiado cansado para ficar para aqui a falar durante muito tempo.

– Compreendo perfeitamente, senhor Okada. Todos temos as nossas razões. Pela minha parte, pode ficar descansado, não é obrigado a explicar-me tudo agora. Basta-me ouvir a sua voz para perceber que deve estar muito cansado. Não se preocupe. Lamento imenso tê-lo incomodado com as minhas perguntas numa altura destas. Mais tarde podemos voltar a falar, se estiver de acordo. O que aconteceu foi que, nestes últimos dias, tenho andado deveras preocupada, com medo que lhe tivesse acontecido alguma coisa de mal. Daí que tenha arranjado coragem para ser indiscreta, correndo o risco de passar por mal-educada.

Pela minha parte, ia dizendo que sim, que compreendia, em voz baixa, mas os meus monossílabos pouco ou nada tinham que ver com uma resposta afirmativa, mais pareciam o som arquejante saído da goela de um animal aquático com dificuldade em respirar. *Alguma coisa de mal*. No meio de todas as coisas que me estavam a acontecer, quais eram as más e quais eram as boas? Como distinguir entre as que eram justas e as que o não eram?

– Agradeço a sua preocupação comigo, mas estou bem – afirmei, obrigando-me a colocar bem a

voz. – Não se pode dizer que me tenha acontecido alguma coisa de bom, mas também não me aconteceu nada de especialmente mau.

– Folgo muito em ouvi-lo dizer isso.

– Sinto-me apenas cansado, mais nada – acrescentei.

Malta Kano aclarou ligeiramente a voz.

– A propósito, senhor Okada, por acaso não notou alguma mudança física, por estes dias?

– Uma mudança física? Em mim?

– Sim, senhor Okada. No seu próprio corpo.

Levantei a cara e olhei para o meu reflexo na porta envidraçada que dá para o jardim. Não distinguia nada que me parecesse digno desse nome. No duche, tinha lavado cada centímetro do meu corpo, e também aí não dera por nada de anormal.

– Uma transformação de que tipo?

– Não sei dizer ao certo, mas em todo o caso deveria ser uma coisa evidente, que saltasse aos olhos de qualquer um.

Depositei a minha mão esquerda aberta sobre a mesa e fiquei por momentos a olhar para a palma. Era a mesma palma de sempre. À primeira vista, nada a assinalar. Não estava coberta de folha de ouro nem me tinham nascido membranas por entre os dedos. Não era bonita nem feia.

– Quando fala numa mudança evidente, capaz de saltar aos olhos de qualquer um, refere-se a quê, concretamente? Asas a crescerem nas minhas costas, ou uma coisa assim?

– Sim, uma coisa desse género – retorquiu Malta Kano, no seu tom calmo do costume. – Claro que essa é apenas *uma possibilidade* entre muitas outras.

– Claro.

– E então, por acaso *notou* alguma coisa de especial?

– Por enquanto não. Pelo menos até à data. Se me tivessem nascido asas, e por muito que me custasse, teria dado conta, não lhe parece?

– Tem toda a razão – replicou Malta Kano. – Mas tenha cuidado, senhor Okada. Nem sempre é fácil a uma pessoa saber o estado em que se encontra. Ninguém pode ver o rosto com os seus próprios olhos, por exemplo. Só podemos olhar a imagem que o espelho nos devolve. E a nossa experiência leva-nos a crer, de maneira empírica, que a imagem reflectida no espelho é real, mais nada.

– Terei isso em mente.

– Há ainda mais uma coisa que gostaria de lhe perguntar, senhor Okada. Para dizer a verdade, há algum tempo que não consigo entrar em contacto com Creta. Exactamente como aconteceu consigo. Talvez não passe de uma coincidência, mas não deixa de ser estranho. Pensei que o senhor talvez estivesse ao corrente e me pudesse avançar alguma coisa, por mais vaga que seja.

– Creta Kano? – perguntei surpreendido.

– Sim, por acaso tem alguma ideia a esse respeito?

Respondi que não tinha ideia nenhuma a esse respeito. Não tinha nenhum motivo concreto para tal, mas achei preferível esconder de Malta Kano o facto de ter visto Creta e chegado à fala com ela pouco antes. E que logo a seguir ela desaparecera. Era uma simples impressão que eu tinha.

– Creta estava preocupada por não conseguir entrar em contacto consigo e ontem à noite saiu de casa dizendo que ia até sua casa para ver o que se passava. E, apesar do adiantado da hora, ainda não regressou. E, por qualquer razão que desconheço, não consigo sentir bem *a sua presença*.

– Compreendo. Bom, prometo que, caso ela apareça aqui, lhe direi para entrar em contacto consigo sem falta.

Malta Kano ficou em silêncio do outro lado do fio.

– Para ser franca, senhor Okada, estou preocupada com ela. Como sabe, a actividade desenvolvida por nós as duas não é um trabalho como os outros. E acresce que a minha irmã não conhece as coisas do mundo como eu. Não quero com isto dizer que ela não seja dotada. De facto, é extremamente engenhosa, só não está ainda habituada a fazer uso desse talento.

– Compreendo.

Malta Kano voltou a ficar calada. Desta vez, o seu silêncio prolongou-se por mais tempo. Quis-me parecer que hesitava em falar.

– Está lá?

– Ainda aqui estou, senhor Okada – respondeu Malta Kano.

– Se vir a sua irmã Creta, não me esqueço de lhe dizer para entrar em contacto consigo – voltei a repetir.

– Obrigada – disse Malta Kano.

E, depois de pedir desculpa uma vez mais por ter telefonado àquelas horas da noite, desligou. Pela minha parte, pousei o auscultador no descanso e tornei a contemplar a minha imagem reflectida no vidro. E naquele preciso momento ocorreu-me que poderia muito bem ter sido aquela a última vez que falara com Malta Kano. Poderia muito bem acontecer que ela desaparecesse da minha vida para sempre. Não tinha nenhuma razão especial para pensar assim. Era apenas um pressentimento súbito.

De repente, veio-me à ideia a escada de corda que havia deixado pendurada no poço. O que tinha a fazer era ir lá buscá-la, quanto mais cedo a tirasse de lá, melhor. Se alguém desse por ela poderia meter-me numa alhada. E, depois, havia a tal história do desaparecimento repentino de Creta Kano. A última vez que lhe tinha posto a vista em cima fora no poço.

Enfiei a lanterna no bolso, calcei-me, desci até ao jardim e saltei o muro. Atravessei a ruela até chegar junto da casa abandonada. A casa de May Kasahara estava completamente às escuras. Eram quase três horas, pelos ponteiros do meu relógio. Entrei no jardim da casa vazia e fui direito ao poço. A escada de corda continuava atada ao tronco da árvore e pendurada dentro do poço. A tampa estava meio aberta.

Algo me impeliu a olhar lá para baixo e a chamar o nome de Creta Kano baixinho, quase num murmúrio. Nenhuma resposta. Tirei a lanterna para fora e apontei-a para baixo. O feixe de luz não atingiu o fundo de tudo, mas ainda assim ouvi uma voz tão fraca que parecia um gemido. Experimentei chamar de novo.

– Está tudo bem, estou aqui – disse Creta Kano.

– Que diabo está a fazer aí em baixo? – perguntei em voz baixa.

– O que estou eu a fazer? Exactamente o mesmo que o senhor fazia... – respondeu ela com estranheza. – Penso, reflecto. Este é o lugar ideal para isso, não lhe parece?

– Sim, lá isso é verdade. Acontece, porém, que a sua irmã entrou há pouco em contacto comigo. Está muito preocupada com o seu desaparecimento. São estas horas da noite e a Creta ainda não regressou a casa; e, além disso, diz ela que não sente a sua presença. No caso de eu a ver, pediu-me para lhe telefonar imediatamente.

– Estou a ver. Agradeço-lhe por se ter dado a este trabalho todo.

– Antes de mais, não se importa de sair daí? – perguntei eu a Creta Kano. – Preciso de falar consigo.

Ela não respondeu. Apaguei a luz da lanterna e voltei a guardá-la no bolso.

– Por que é que não é o senhor a descer? Podemos ficar aqui sentados os dois, a conversar.

Talvez não fosse má ideia, voltar a meter-me dentro do poço e falar com Creta Kano. Mas só de pensar naquela escuridão bafienta que me esperava no fundo de tudo, comecei a sentir um peso no estômago.

– Não, tenho muita pena, mas não tenho a mínima vontade de voltar a descer. E acho melhor que a Creta também desista dessa ideia, não vá alguém puxar a escada. Além disso, o ar aí em baixo não circula lá muito bem.

– Bem sei. Mas gostaria de ficar aqui um pouco mais. Não se preocupe comigo.

Uma vez que ela não tinha intenção de subir, pouco mais eu podia fazer.

– Quando falei ao telefone com a sua irmã, não lhe contei que nos tínhamos encontrado pouco antes. Será que fiz bem? Não sei porquê, mas pareceu-me que talvez fosse melhor ficar calado.

– Sim, fez bem. Não diga à minha irmã que estou aqui, por favor. – Fez uma pequena pausa, antes de acrescentar: – Não quero que ela fique preocupada, mas a verdade é que, por vezes, sinto necessidade de pensar. Assim que acabar, saio. Agora, gostaria de ficar sozinha. Não se preocupe, que não lhe causarei problemas.

Voltei para casa deixando para trás Creta Kano. Podia sempre regressar na manhã seguinte para ver como paravam as modas. Mesmo que May Kasahara voltasse a aparecer a puxar a escada, poderia sempre arranjar maneira de ajudar Creta Kano a sair do poço. Voltei para casa, despi-me e estendi-me na cama. Peguei no livro que tinha na mesa-de-cabeceira e abri-o na página que estava a ler. Sentia-me demasiado enervado e palpitava-me que não ia ser capaz de adormecer. Mas ao fim de duas páginas comecei a cabecear de sono. Fechei o livro e apaguei a luz. Um minuto depois estava a dormir.

Quando acordei eram nove e meia da manhã. Preocupado com Creta Kano, vesti-me a correr sem sequer pensar em lavar a cara e atravessei a ruela até à casa abandonada. Naquela manhã, as nuvens estavam baixas e o ar carregado de humidade, parecia que ia começar a chover a todo o momento. A escada de corda deixara de estar pendurada no poço. Alguém a devia ter desatado da base da árvore e levado dali. As duas metades da tampa do poço selavam o poço, com uma pedra em cima de cada uma. Abri uma delas, espreitei lá para dentro e chamei por Creta Kano. Não obtive resposta. Continuei a gritar o nome dela, repetidamente, fazendo uma pausa entre uma vez e outra. Lancei lá para dentro algumas pedrinhas, pensando que ela pudesse ter adormecido. Mas, pelos vistos, no fundo do poço parecia não haver ninguém. Creta Kano devia ter saído de lá ao romper da manhã, levando com ela a escada, depois de a ter desatado. Tornei a colocar a tampa no sítio e vim-me embora.

Abandonei a casa vazia, encostei-me à cancela e fiquei ali um bom bocado a olhar para a casa de May Kasahara. Podia ser que ela desse pela minha presença e, como era seu costume, viesse ter comigo, mas não apareceu. Reinava um silêncio profundo ao meu redor – não se via nada, não se ouvia nada, nem sequer o canto das cigarras. Com a ponta do sapato, entretive-me a remexer a terra

aos meus pés. Sentia a presença de qualquer coisa de estranho, como se a realidade que conhecera até então, durante os dias passados no interior do poço, tivesse sido suplantada por uma outra. Era uma sensação que tomara conta de mim desde que saíra de dentro do poço e voltara para casa.

Regressei a casa pela viela, fui direito ao quarto de banho, lavei os dentes e pensei em barbear-me. Uma barba negra de vários dias cobria o meu rosto. Parecia um naufrago acabado de resgatar. Era a primeira vez na vida que deixava crescer assim tanto a barba. Senti-me tentado a deixá-la crescer ainda mais, mas, depois de pensar melhor, decidi rapá-la. Não sei explicar porquê, mas tinha a impressão de que era melhor conservar o aspecto que tinha quando Kumiko se fora embora.

Amoleci a barba com a ajuda de uma toalha quente e enchi a cara de uma espessa camada de espuma de barbear. Em seguida comecei a fazer a barba com cuidado para não me cortar: primeiro o queixo, depois a face esquerda e, depois, a direita. Mas aquilo que vi no espelho cortou-me a respiração. Na face esquerda tinha uma espécie de mancha escura, azulada. Primeiro pensei que tivesse qualquer coisa agarrada por acaso. Limpei os restos de creme de barbear, lavei bem a cara com sabonete e água e esfreguei a parte suja com uma toalha. Mas a mancha não havia maneira de sair. Parecia ter penetrado fundo na pele. Apalpei-a com a ponta dos dedos. A pele daquela zona estava ligeiramente mais quente do que o resto da cara, mas isso era a única coisa que o tacto deixava perceber. Era *uma mancha*. Tinha-me aparecido uma mancha de nascimento exactamente no ponto onde, no fundo do poço, sentira aquela sensação de calor.

Aproximei a cara do espelho e estudei a mancha com atenção. Ficava ligeiramente abaixo da maçã direita do rosto e tinha o tamanho da palma da mão de um bebé. A mancha era de um negro-azulado, de uma cor parecida com a tinta da *Mont Blanc* que Kumiko costumava usar.

A primeira explicação possível era que se tratava de uma alergia. Podia ser que no fundo do poço a minha pele tivesse estado em contacto com algo susceptível de provocar uma irritação. Como acontecia com a laca. Mas que diabo existiria no fundo daquele poço que pudesse causar tamanha erupção cutânea? À luz da lanterna examinara minuciosamente, centímetro a centímetro, todos os cantos daquele espaço exíguo. Só havia terra e uma parede de cimento. Além do mais, poderia uma alergia, ou então a urticária, deixar uma mancha de contornos assim tão nítidos?

Durante alguns instantes, fui dominado por um ligeiro sentimento de pânico. Senti-me confuso, desorientado, como se tivesse sido varrido por uma onda gigantesca. A toalha caiu-me das mãos. Deitei ao chão o cesto do lixo, bati com o pé em qualquer coisa e desatei a soltar palavras sem sentido. Depois recuperei o equilíbrio, apoiei-me no lavatório e comecei a pensar calmamente qual seria a melhor forma de lidar com a situação.

Decidi esperar para ver o que acontecia. Tinha tempo de ir ao médico. Talvez fosse uma coisa passageira, que desaparecesse espontaneamente, como acontecia com a reacção à laca. Uma vez que se formara em poucos dias, talvez desaparecesse com a mesma facilidade. Fui até à cozinha e fiz café. Tinha fome, mas, quando experimentei comer qualquer coisa, o apetite esfumou-se como água numa miragem.

Estendi-me no sofá e deixei-me ficar ali imóvel, a contemplar a chuva que entretanto começara a cair. De vez em quando ia à casa de banho ver-me ao espelho. Não descortinei nenhuma mudança. A mancha continuava ali, estampada na minha face. Uma marca de um azul-escuro profundo, quase belo, diria mesmo.

Que eu soubesse, a única causa possível capaz de explicar a mancha era ter atravessado a parede do poço, arrastado pela mulher do telefone, ao amanhecer, durante aquela fantasia parecida com um

sonho. Quando, para fugir de *alguém* perigoso que tinha aberto a porta e entrado no quarto, ela pegara na minha mão e me conduzira através da parede. Ao trespassá-la, experimentara na pele uma nítida sensação de calor, precisamente na face, no sítio onde estava a mancha. Na verdade, porém, continuava por explicar a relação de causa e efeito entre o facto de atravessar a parede e a aparição da mancha.

O homem sem rosto no hotel tinha-me dito que aquele não era o momento indicado, que eu não devia estar ali. Tinha-me avisado. Mas eu ignorara a sua advertência e seguira em frente. Estava irritado com Noboru Wataya, e danado comigo por me sentir perdido. Se calhar, em resultado disso tinha ficado com aquela mancha.

Ou então talvez fosse um estigma deixado por aquele estranho sonho, ilusão ou o que fosse. *Não se tratou de um simples sonho*, era o que me estavam a querer dizer. *Foi algo que aconteceu na realidade. E sempre que te vires ao espelho, serás obrigado a lembrar-te.*

Sacudi a cabeça. Havia coisas a mais por explicar. Só sabia que nada sabia. Comecei de novo a sentir uma dor surda na cabeça. Não conseguia pensar em nada. Não me apetecia fazer nada. Bebi um pouco de café frio e continuei ali a ver a chuva cair.

Depois do meio-dia, telefonei ao meu tio. Conversámos durante um bocado. Tinha a impressão de que se não falasse com alguém, fosse com quem fosse, iria ficando cada vez mais afastado da realidade.

O meu tio perguntou-me por Kumiko e eu respondi que ela estava boa. Acrescentei que estava fora, por motivos de trabalho. Podia ter sido sincero com ele, mas, a bem dizer, era superior às minhas forças contar de forma racional todo aquele encadeado de acontecimentos recentes a terceiros. Se nem eu próprio compreendia o que estava a acontecer, como explicar a história toda a outra pessoa? Decidi esconder a verdade do meu tio, até mais ver.

– Costumavas viver nesta casa, não era? – perguntei.

– Sim, ao todo devo ter passado aí uns seis ou sete anos da minha vida – respondeu o meu tio. – Deixa cá ver. Comprei-a quando tinha trinta e cinco anos e fiquei aí até aos quarenta e dois. Sete anos, ao todo. A seguir casei-me e vim morar para este apartamento. Até então vivi sempre sozinho nessa casa.

– Tenho uma pergunta para te fazer. Aconteceu alguma coisa de mau enquanto aqui vivias?

– Alguma coisa de mau? – perguntou o meu tio num tom surpreendido.

– Sim. Não sei. Alguma vez ficaste doente, ou te separaste de uma mulher ou assim?

O meu tio soltou uma gargalhada do outro lado do fio.

– É certo que me separei de uma mulher enquanto aí vivia, mas não foi só aí que isso aconteceu. E, depois, não creio que tivesse sido nada de especialmente nefasto. Para ser sincero, nenhuma dessas separações alguma vez me custou muito. Quanto às doenças... hmm. Não, não posso dizer que me lembre de ter estado doente. Apareceu-me em tempos um sinal no pescoço, que mandei tirar. Mais nada. Foi o barbeiro o primeiro a dar por isso e passava a vida a dizer que era melhor ver-me livre dele, não fosse o diabo tecê-las. Por isso fui ao médico, mas não era nada de preocupante. Enquanto aí vivi, foi a primeira e última vez que recorri aos serviços de um médico. Devia mas era tratar de pedir o reembolso do seguro de saúde!

– Nesse caso, não tens más recordações deste lugar?

– Não – respondeu o meu tio depois de pensar um bocadinho. – Por que carga de água é que me estás a fazer estas perguntas todas?

– Por nada de especial. A verdade é que no outro dia Kumiko consultou um adivinho e meteu na cabeça que a casa tinha mau-olhado e não sei que mais – menti eu. – A *mim* histórias destas não me interessam, mas prometi a Kumiko que te perguntava.

– Hmm. De mau agoiro e coisas desse género³⁴ que se prendem com a orientação da casa, também não entendo nada. Mas vivi nessa casa durante alguns anos e a minha impressão é que nunca houve problemas. Já o mesmo não se podia dizer da casa dos Miyawaki, essa sim um verdadeiro bico-de-obra, mas ainda fica longe daí.

– Quem é que veio viver para aqui, quando te foste embora?

– Se bem me lembro, depois de eu me ter vindo embora, creio que esteve aí a viver um professor do ensino secundário com a família, e, mais tarde, durante cinco anos ou isso, um casal jovem. Parece-me que tinham um negócio qualquer, mas não me lembro exactamente o quê. Agora, é óbvio que não te posso garantir que toda essa gente por aí tenha passado feliz e contente da vida: quem trata da administração é uma agência imobiliária. Nunca me encontrei com os inquilinos, nem tão-pouco sei por que razão se vieram embora. Mas nunca me chegou aos ouvidos que lhes tivesse acontecido alguma coisa de mau. Calculei que às tantas a casa tivesse passado a ser pequena e que tivessem comprado casa própria ou algo do género.

– Em tempos disseram-me que neste lugar a corrente está obstruída. Diz-te alguma coisa?

– Corrente obstruída?

– Também não sei ao certo o que significa. Foi o que me disseram. Só isso.

O meu tio ficou um bocado a matutar naquilo.

– Não, não me lembro de ter alguma vez ouvido falar nisso. Mas talvez não tenha sido boa ideia tapar ambos os lados da viela. Pensando bem, um caminho sem entrada nem saída não faz sentido. O princípio fundamental das ruas ou dos rios é de fluir em liberdade. Se os bloqueiam, estagnam.

– Tens razão – disse eu. – Só mais uma pergunta. Enquanto aqui vivias, lembras-te de ouvir o canto do pássaro de corda?

– O pássaro de corda? O que é isso?

Expliquei-lhe em meia dúzia de palavra. Que se tratava de um pássaro que costumava pousar numa árvore do jardim e que, uma vez por dia, lançava um grito como se estivesse a dar corda a qualquer coisa.

– Essa é nova para mim. Nunca vi nem ouvi nada do género. Gosto de aves e sempre prestei muita atenção ao canto dos pássaros, mas confesso que é a primeira vez que oiço falar em semelhante coisa. Dizes tu que está de alguma maneira relacionado com a casa?

– Não, não é bem isso. Só perguntei por julgar que talvez pudesses ter dado por ele.

– Olha, se queres saber mais acerca do tal poço – das pessoas que foram viver para a casa depois de mim e assim –, vai à Agência Imobiliária Setagaya Dai-chi, que fica diante da estação. Diz que vais da minha parte e pede para falar com um velhote chamado Ichigawa, que é dono da agência. Durante anos foi ele o responsável pela administração da casa. Já lá trabalha há um ror de anos e decerto poderá contar-te muitas coisas relacionadas com o bairro. Foi por ele que eu soube das histórias em torno da casa dos Miyawaki. É um daqueles velhotes que gostam de tagarelar. Talvez fosse útil chegares à fala com ele.

– Obrigado. Vou fazer isso – disse eu.

– A propósito, como é que vai a procura de emprego?

– Nada, por enquanto. Para dizer a verdade, não me tenho propriamente matado a procurar.

Actualmente Kumiko está a trabalhar e eu ocupo-me das tarefas domésticas, de modo que lá nos vamos safando.

O meu tio pareceu reflectir em qualquer coisa durante alguns instantes.

– Bem, se vires que as coisas começam a correr para o torto, entra em contacto comigo. Talvez eu vos possa dar uma mãozinha.

– Obrigado – retorqui. – Se tiver algum problema, aviso. – E a nossa conversa ficou por ali.

Ainda pensei em ligar ao tal velho agente imobiliário conhecido do meu tio para tirar nabos da púcara em relação à casa e às pessoas que aqui tinham vivido antes de mim, mas acabei por achar que era uma estupidez e desisti.

Durante toda a tarde a chuva continuou a cair com a mesma mansidão, molhando os telhados das casas, as árvores do jardim, a terra. Almocei uma tosta e sopa de lata e passei o resto da tarde deitado no sofá. Precisava de ir às compras, mas só de pensar na mancha que tinha na cara perdi a vontade. Arrependi-me de não ter deixado crescer a barba. No frigorífico ainda havia um resto de legumes, e no armário tinha conservas a dar com um pau. Tinha arroz e tinha ovos. Não era muito, mas sempre dava para me aguentar durante dois ou três dias.

Estiraçado no sofá, em pouco ou nada pensei. Li, escutei alguns trechos de música clássica, ou deixei-me estar ali a ver distraidamente a chuva a cair no jardim. As minhas capacidades de reflexão tinham tocado no fundo, talvez por ter estado ensimesmado nos meus pensamentos durante tanto tempo no interior do poço. Se acontecia fixar a minha atenção em algo, começava logo a sentir a cabeça a latejar, como se alguém estivesse a metê-la num torno mecânico. Quando me tentava lembrar de alguma coisa, todos os músculos e nervos do meu corpo pareciam ranger com o esforço. Tinha a impressão de me ter transformado no Homem de Lata de *O Feiticeiro de Oz*, em versão oxidada e mal oleada.

Volta e meia ia à casa de banho, plantava-me diante do espelho e examinava o estado da mancha. Continuava igual. Não aumentava nem diminuía. A intensidade da cor era sempre a mesma. A dada altura reparei que me tinha esquecido de rapar os pêlos do bigode. Voltei a lavar a cara, espalhei creme de barbear e acabei de me barbear.

Numa dessas vezes a caminho do espelho, recordei as palavras de Malta Kano ao telefone: que eu devia ter cuidado; que somos levados a acreditar que a imagem devolvida pelo espelho é fiel só porque a experiência o diz. Por mera precaução, fui ao quarto ver a minha face no espelho de corpo inteiro que Kumiko usava quando se estava a vestir. Mas a marca continuava lá. Não era culpa do espelho.

Tirando a mancha, o meu corpo não apresentava mais nenhuma alteração. Tirei a temperatura, era normalíssima. À parte o facto de ter pouco ou nenhum apetite, apesar de ter estado três dias sem ingerir alimentos, e de sentir uma ligeira náusea de quando em quando (possivelmente na sequência do enjoo que sentira no fundo do poço), a minha condição física era normal.

A tarde passou-se paulatinamente. O telefone não tocou uma única vez. Não chegou nenhuma carta. Ninguém passou pela viela. Não se ouviram os vizinhos. Nenhum gato atravessou o jardim, nenhum pássaro apareceu a cantar. De vez em quando ouvia-se o ciciar das cigarras, ainda que menos intenso do que costumava acontecer.

Comecei a sentir fome pouco antes das sete da tarde e preparei um jantar simples à base de conservas e verduras. Pela primeira vez em muito tempo ouvi o noticiário da noite pela rádio, mas no mundo não tinha acontecido nada de especial. Uns adolescentes (todos rapazes) tinham perdido a

vida na auto-estrada quando o carro conduzido por um deles tinha ido embater num muro na sequência de uma ultrapassagem perigosa. O gerente e alguns empregados da sucursal de um banco importante estavam a ser investigados pela Polícia acusados de financiamento ilegal. Na cidade de Machida, uma dona de casa de trinta e seis anos tinha sido morta a golpes de martelo por um jovem que passava na rua. Mas era como se tudo isto acontecesse num outro mundo, distante. No meu mundo, só a chuva continuava a cair no jardim. Em silêncio, docemente.

Quando o relógio marcou as nove, troquei o sofá pela cama e, depois de ter acabado um capítulo do livro, apaguei a luz e adormeci.

Acordei sobressaltado a meio de um sonho. Não conseguia lembrar-me, mas devia ser um sonho cheio de tensões, uma vez que tinha o coração a bater desalmadamente. O quarto estava mergulhado na escuridão. Depois de despertar, e por momentos, não fui capaz de me lembrar onde estava. Passou bastante tempo até me conseguir lembrar de que estava na minha casa, na minha cama. Os ponteiros do relógio indicavam que passava pouco das duas da manhã. No poço tinha dormido a intervalos irregulares, o que talvez ajudasse a explicar a alteração do meu ciclo de sono e de vigília. Assim que me acalmei, senti vontade de urinar. Devia ser da cerveja que bebera antes de me deitar. Preferia ter voltado a adormecer, mas era mais forte do que eu. Quando me resignei a esta ideia e me levantei, a minha mão tocou na pele de alguém ao pé de mim. Não foi surpresa nenhuma. Aquele era o lugar onde Kumiko dormia sempre. Além disso, eu estava habituado a dormir acompanhado. De repente, caí em mim. Kumiko já não morava ali. Tinha-se ido embora. *Havia outra pessoa a dormir ao meu lado.*

Enchi-me de coragem e acendi o candeeiro da mesinha-de-cabeceira. Era Creta Kano.

³⁴ Alusão ao *feng shui* (termo de origem chinesa, que designa à letra «vento e água»), filosofia de vida que, estabelecendo uma relação harmónica entre o *yin* e o *yang*, utiliza elementos da astrologia chinesa para conservar as influências positivas dentro de um espaço e redireccionar as negativas de modo a criar um ambiente equilibrado e harmonioso. (*N. da T.*)

Continuação da história de Creta Kano

Dormia voltada para mim, completamente nua, sem nada por cima, nem sequer uma coberta. Mostrava dois seios perfeitos com mamilos rosados e, por baixo de um ventre plano, os pêlos púbicos negros lembravam um sombreado feito a lápis. A sua pele era muito branca, reluzente, como nova. Sem compreender verdadeiramente o que se passava, fiquei a olhar para aquele corpo. Creta Kano dormia com os joelhos apertados e as pernas ligeiramente dobradas. O cabelo caía-lhe para a frente, cobrindo-lhe metade do rosto, e não conseguia ver-lhe os olhos. Parecia estar profundamente adormecida, visto que, quando acendi a luz da mesa-de-cabeceira, não fez o menor movimento e continuou sempre a respirar no mesmo ritmo, calmo e regular. A mim, pelo contrário, aquele gesto despertou-me de vez. Fui ao armário buscar uma colcha fina de Verão e tapei-a com ela. Em seguida apaguei a luz e, de pijama vestido, dirigi-me à cozinha e deixei-me ficar ali sentado à mesa.

Lembrei-me da mancha. Ao tocar na face, verifiquei que estava um bocado quente. Nem sequer era preciso ver-me ao espelho. A marca continuava lá. Não era uma coisa de nada que desaparecesse da noite para o dia. Assim que amanhecesse, talvez fosse conveniente consultar a lista telefónica para encontrar um dermatologista ali perto. E se ele me perguntasse se eu tinha alguma ideia sobre a origem daquela mancha, que diabo de resposta lhe poderia eu dar? Que estive quase três dias dentro de um poço? Não, não teve nada que ver com o meu trabalho, nada disso, queria apenas reflectir um pouco. E imaginei que o fundo do poço fosse o melhor sítio para tal. Não, não levei nada para comer. E não, o poço não era propriedade minha; ficava numa outra casa. Uma casa desabitada no mesmo quarteirão. Entrei por ali dentro sem pedir licença a ninguém.

Suspirei. Estava na cara que não podia pôr-me a dizer-lhe aquilo.

Apoiei os cotovelos na mesa e, enquanto estava distraído sem pensar em nada de especial, veio-me à ideia a imagem do corpo de Creta Kano, em todo o fulgor da sua nudez. Estava profundamente adormecida na minha cama. Lembro-me de ter feito amor em sonhos, trazia ela o vestido de Kumiko. Ainda recordava com toda a clareza o toque da sua pele, o peso do seu corpo. Tinha de verificar as coisas por ordem e como deve ser, de outra forma ser-me-ia impossível distinguir onde acabava a realidade e onde começava a fantasia. O muro que separava ambas as zonas ameaçava fundir-se. Na minha memória, pelo menos, o real e o irreal coexistiam com uma consistência e uma nitidez quase idênticas. Tinha tido relações sexuais com Creta Kano e, ao mesmo tempo, não as tinha tido.

A fim de libertar o meu espírito dessas confusas imagens de sexo, não tive outro remédio senão ir à casa de banho e passar a cara por água fria. Pouco depois fui dar uma espreitadela a Creta Kano. Destapara-se pela cintura e continuava mergulhada num sono pesado. Do sítio onde me encontrava, só lhe via as costas. Lembrei-me da última vez que pousara os olhos no dorso de Kumiko. Agora que pensava nisso, o corpo de Creta Kano era extraordinariamente parecido com o corpo de Kumiko. A semelhança escapara-me porque o penteado, o estilo e a maquilhagem eram radicalmente diferentes. Mas, de resto, tinham ambas a mesma altura e pareciam ter o mesmo peso. Era muito possível que

vestissem o mesmo número de roupa.

Peguei na minha colcha e levei-a comigo para a sala, estendi-me no sofá e abri um livro. Estava a ler um livro de História trazido da biblioteca que se debruçava sobre a administração da Manchúria durante a ocupação japonesa antes da guerra e sobre a luta contra os soviéticos em Nomonhan. A estória do tenente Mamiya tinha suscitado o meu interesse pela situação da China naquela época, e trouxera vários volumes sobre o assunto da biblioteca local. Contudo, dez minutos de pormenorizada leitura dos factos históricos ali descritos foi quanto bastou para me dar sono. Pus o livro no chão e cerrei os olhos com a intenção de descansar a vista, mas caí ferrado, sem ter sequer tempo de apagar as luzes.

Fui acordado por um barulho na cozinha. Quando fui ver do que se tratava, dei de caras com Creta Kano, que estava a tratar do pequeno-almoço. Vestia uma *T-shirt* branca e uns calções azuis que eram de Kumiko.

– Onde é que estão as suas roupas? – perguntei eu, parado à porta da cozinha.

– Ah, desculpe. Como vi que estava a dormir, tomei a liberdade de vestir a roupa da sua mulher. Bem sei que não são maneiras, mas a verdade é que não tinha com que me vestir – afirmou Creta Kano, voltando apenas a cabeça na minha direcção. Tinha voltado a usar a maquilhagem e o penteado ao estilo dos anos sessenta. Só lhe faltavam as pestanas postiças.

– Não tem importância, só tenho curiosidade em saber onde pára a sua roupa.

– Perdi-a – disse ela simplesmente.

– Perdeu-a?

– Sim. Deixei-a ficar algures.

Entrei na cozinha, apoiei-me na mesa e fiquei ali a vê-la fazer uma omeleta. Com mão certa partiu os ovos, temperou-os e bateu a mistura.

– O que significa que chegou aqui toda nua?

– Sim – disse ela, como se fosse a coisa mais natural do mundo. – Completamente nua. Sabe isso melhor do que ninguém, senhor Okada, visto que me tapou com uma colcha.

– Pois foi – balbuciei. – Digamos que aquilo que gostaria de saber é como e onde perdeu a roupa. E também como foi possível chegar até aqui toda nua.

– Só sei o que lhe disse – retorquiu Creta Kano, sacudindo a frigideira para fazer enrolar a omeleta.

– Só sabe o que me disse – repeti eu.

Creta Kano deitou a omeleta para dentro de um prato e guarneceu-a de brócolos cozidos a vapor. A seguir pôs o pão a torrar, que depositou em cima da mesa, juntamente com o café. Eu tirei para fora a manteiga, o sal e a pimenta. Depois tomámos o pequeno-almoço sentados um em frente do outro, como dois recém-casados.

De repente lembrei-me da mancha na cara. Creta Kano não mostrara a mínima surpresa ao olhar para mim, nem me tinha feito perguntas.

– Dói-lhe, senhor Okada?

– Não, absolutamente nada.

Creta Kano observou-me com atenção durante alguns instantes.

– Parece ser uma mancha de nascimento.

– Pois parece – repliquei. – Pergunto-me se não será melhor mostrá-la a um médico.

– Tenho a vaga impressão de que um médico não poderia fazer grande coisa.

– Talvez não. Mas também não me parece conveniente deixar isto assim.

Creta Kano reflectiu por momentos com o garfo na mão.

– Se tiver alguma compra ou algum recado para fazer, deixe que eu me encarrego disso. Se não tem vontade de sair, pode perfeitamente ficar em casa.

– Agradeço a sua oferta, mas também deve ter coisas que fazer. Além de que eu não posso ficar eternamente encerrado dentro destas quatro paredes.

Creta Kano voltou a reflectir no assunto por breves momentos.

– Pode ser que a minha irmã Malta Kano saiba o que fazer.

– Nesse caso, seria muito pedir-lhe que entrasse em contacto com ela?

– Isso não é possível. É sempre Malta a entrar em contacto com os outros – explicou Creta Kano dando uma dentadinha nos seus brócolos.

– Mas de certeza que a Creta consegue pôr-se em contacto com ela, não?

– Claro. Somos irmãs.

– Nesse caso, quando a vir pode perguntar-lhe acerca desta minha mancha? Ou então pedir-lhe para me ligar?

– Tenho muita pena, mas isso está fora das minhas possibilidades. Não estou autorizada a falar com a minha irmã em nome de outra pessoa. É uma questão de princípio.

Soltei um suspiro, enquanto espalhava a manteiga por cima da torrada.

– Quer dizer, se eu precisar de entrar em contacto com Malta Kano, na prática vejo-me obrigado a esperar pacientemente que ela se ponha em contacto comigo.

– Exacto – respondeu Creta Kano, com um movimento de cabeça. – Agora, voltando a essa mancha. A menos que lhe cause dor ou picadas, se não o incomoda o melhor que tem a fazer, de momento, é não pensar mais nisso. Vá por mim, senhor Okada. Nunca deixo que esse tipo de coisas me afecte. E aconselho-o a fazer o mesmo. São tudo coisas que às vezes acontecem às pessoas.

– Talvez tenha razão.

Depois disso, continuámos a comer em silêncio. Há muito tempo que não tomava o pequeno-almoço acompanhado e estava tudo muito bom. Quando lho disse, Creta Kano pareceu ficar contente.

– Voltando à história da roupa... – disse eu.

– Incomoda-o o facto de ter vestido a roupa da sua mulher sem autorização, não é? – perguntou ela com ar preocupado.

– Não, nada disso. Não me importo que vista as coisas de Kumiko. Afinal, quem deixou ficar tudo foi ela. A única coisa que me intriga é a maneira como perdeu a sua roupa.

– Não foi só a roupa, os sapatos também.

– E como é que isso aconteceu?

– Não lhe sei dizer. Só me lembro de ter acordado na sua cama, despida. Em relação ao que possa ter acontecido antes, não me lembro rigorosamente de nada.

– *Desceu* ao poço, não foi? Depois de eu de lá ter saído.

– Disso, sim, lembro-me. E lembro-me de ter adormecido lá dentro. Depois, mais nada, é o vazio total.

– Isso significa que não se lembra de nada, nem sequer de como saiu do poço?

– Nadinha. Até certo ponto a minha memória é um abismo – explicou Creta Kano, mostrando-me uma diferença de uns vinte centímetros com os indicadores de ambas as mãos. Quanto tempo representava aquilo, eu não fazia a mínima ideia.

– Nesse caso também não sabe o que aconteceu à escada de corda pendurada dentro do poço? Pergunto isto porque desapareceu...

– Não sei nada de escada nenhuma. Nem tão-pouco me lembro de ter subido por ela para sair de lá.

Durante um bocado fiquei a olhar para a chávena de café que tinha na mão.

– Importa-se de me mostrar a planta dos pés? – perguntei.

– Claro que mostro – respondeu Creta Kano. Veio sentar-se ao meu lado, estendeu as pernas e mostrou-me as plantas dos seus pés. Peguei-lhe nos tornozelos e examinei-as atentamente. Estavam impecáveis. Extremamente bem feitas, não apresentavam nenhuma marca – nem golpes nem vestígios de lama.

– Não vejo sinais de lama nem feridas – referi eu.

– Não – confirmou ela.

– Ontem estive todo o dia a chover, por isso, se tivesse vindo até cá a caminhar, descalça, teria forçosamente de ter as plantas dos pés sujas de lama. Além disso, tendo entrado pelo jardim, devia ter deixado marcas de lama na varanda. Parece-me evidente, não? Mas o certo é que tem os pés limpos, e não há lama em lado nenhum.

– Estou a ver.

– O que significa que não podia ter vindo até aqui descalça.

Creta Kano inclinou ligeiramente a cabeça, parecendo admirada.

– O raciocínio tem a sua lógica.

– Talvez tenha lógica, mas a verdade é que ainda não chegámos a parte alguma – referi. – Onde é que poderá ter deixado o vestido e os sapatos, e como é que conseguiu chegar até aqui?

Creta Kano abanou a cabeça.

– Não faço a mínima ideia.

Enquanto ela esfregava com fervor os pratos, virada para o lava-loiça, eu, sentado à mesa, tratava de deitar contas à vida. Escusado dizer que também não tinha a mais pálida ideia.

– Isto costuma acontecer-lhe muitas vezes – perguntei –, quer dizer, não se lembrar por onde andou nem o que fez?

– Não é a primeira vez que me acontece uma destas. Não se pode propriamente dizer que passe a vida nisto, sem saber de onde vim e o que fiz, mas já me aconteceu. Uma vez também fiquei sem roupa. Mas nunca a roupa e os sapatos, tudo junto.

Creta Kano fechou a torneira e passou um pano pela mesa.

– Sabe uma coisa, Creta Kano – adiantei eu –, ainda não ouvi a história toda que me começou a contar da outra vez. Desapareceu de repente, deixando-a a meio. Lembra-se? Gostaria de ficar a saber o resto, se estiver de acordo. Estava a chegar ao ponto em que foi apanhada nas malhas de um bando de mafiosos e obrigada a trabalhar para eles, como prostituta, mas nunca me chegou a dizer o que aconteceu depois de ter conhecido Noboru Wataya e de ter ido para a cama com ele.

Creta Kano encostou-se à bancada da cozinha e olhou para mim. Tinha água a escorrer das mãos, caindo gota a gota no chão. Debaixo da camisola branca desenhava-se, perfeitamente nítida, a forma dos mamilos. Ao olhar para eles, a vívida imagem do corpo nu que vira na noite anterior voltou a surgir-me diante dos olhos.

– De acordo. Passo então a contar-lhe o que me aconteceu a seguir. – E, dito isto, tornou a sentar-se à minha frente. – A razão pela qual naquele dia saí à pressa sem acabar a história prende-se com o facto de não estar preparada para lhe falar daquele capítulo da minha vida. Começara o meu relato pensando que o melhor seria contar-lhe, o mais honestamente possível, o que me tinha acontecido. A páginas tantas, porém, não consegui chegar ao fim. Imagino a sua surpresa, ao dar-se conta do meu desaparecimento.

Creta Kano pousou as mãos sobre a mesa e olhou-me nos olhos enquanto falava comigo.

– Bom, tenho de confessar que fiquei surpreendido, embora não se possa dizer que tenha sido isso o que mais surpresa me causou nestes últimos tempos.

– Como na altura lhe disse, o último cliente que tive, enquanto prostituta, *prostituta da carne*, foi Noboru Wataya. Quando me encontrei com ele pela segunda vez, por questões relacionadas com o trabalho da minha irmã Malta, reconheci-o de imediato. Mesmo que quisesse, não teria conseguido esquecê-lo. Em contrapartida, não posso dizer ao certo se ele me reconheceu. Noboru Wataya não é pessoa de mostrar os seus sentimentos.

«Mas talvez o melhor seja ir por partes. Vou contar, então, tudo desde o princípio. Desde o tempo em que Noboru Wataya requisitou os meus serviços como prostituta, faz agora seis anos.

«Como já lhe contei, naquela época eu não sabia o que era a dor física. Nem a dor nem sensação nenhuma. Vivía num estado de profunda insensibilidade. Não digo que fosse insensível ao frio, ao calor ou à dor. Mas essas sensações pareciam chegar até mim de longe, vindas de um mundo estranho, sem relação com o meu. Daí que não sentisse qualquer relutância em ter relações sexuais com homens a troco de dinheiro. Podiam fazer comigo o que quisessem, que o que sentia não tinha nada que ver comigo. Era como se o meu corpo, privado de sensações, não me pertencesse.

«Se bem me lembro, contei-lhe que tinha sido recrutada por uma organização mafiosa que controlava a prostituição. E quando eles me davam ordem para dormir com um homem, era o que eu fazia, e quando me pagavam, eu recebia esse dinheiro. Foi neste ponto da história que fiquei, se não estou em erro.

Assenti com a cabeça.

«Naquele dia, o lugar de encontro era no décimo sexto piso de um hotel no centro da cidade. O quarto estava em nome de Noboru Wataya. Um nome pouco vulgar. Quando abri a porta depois de ter batido, ele estava sentado no sofá a ler um livro e a beber café que tinha mandado vir através do serviço de quartos. Vestia um pólo verde e calças de algodão castanhas. Tinha o cabelo curto e uns óculos com lentes também acastanhadas. Numa mesinha baixa à frente dele havia uma cafeteira, uma chávena e um livro. Ele parecia profundamente absorvido na leitura: dir-se-ia mesmo que os seus olhos traduziam uma certa excitação. As suas feições eram anóquinas e apenas os seus olhos possuíam uma energia vagamente inquietante. Ao vê-los, cheguei por momentos a pensar que me enganara no quarto, mas não, de facto não me enganara. O homem mandou-me entrar e fechar a porta.

«Depois, continuando sentado no sofá e sem dizer palavra, olhou-me dos pés à cabeça. Regra geral, sempre que entrava num quarto, era isso que a maioria dos homens fazia. Quer dizer, olhavam para mim de alto a baixo e despiam-me com o olhar. Desculpe a indiscrição, senhor Okada, mas alguma vez esteve com uma prostituta?

Respondi-lhe que não.

– Olhe, é como se estivessem a inspecionar a mercadoria. Uma pessoa não tarda a habituar-se a ser olhada daquele modo. Estão ali a pagar o seu dinheiro em troca de um corpo, aos olhos deles é normal que verifiquem o produto. Mas o olhar daquele homem era diferente. Parecia que atravessava o meu corpo e se fixava em qualquer coisa que estava do outro lado. Debaixo daquele olhar senti-me pouco à vontade, com a sensação de ter passado a ser meio transparente.

«Devo ter ficado perturbada, visto que deixei cair a mala no chão. Ao cair fez barulho, mas eu estava de tal maneira aturdida que, durante alguns momentos, nem sequer dei por isso. Só depois me baixei para agarrar nela. O fecho abriu-se e os meus cosméticos tinham-se espalhado pelo chão. Peguei no lápis castanho das sobrancelhas, no creme para lábios e num frasco pequeno de água-de-colónia, voltando a guardá-los, um atrás do outro, dentro da mala. Durante todo aquele tempo ele nunca despregou os olhos de mim.

«Quando acabei de guardar as minhas coisas, mandou-me despir. Perguntei-lhe se podia tomar primeiro um duche, uma vez que estava toda suada. Naquele dia fazia imenso calor e, durante o trajecto de metro para o hotel, tinha transpirado bastante. Respondeu que o suor não tinha importância, que estava com pouco tempo. Quis que me despisse logo ali.

«Mal fiquei despida, mandou-me deitar em cima da cama de barriga para baixo, o que eu fiz. Ordenou-me que permanecesse imóvel, com os olhos fechados, e que não dissesse nada enquanto ele não perguntasse. Sentou-se a meu lado, sem tirar a roupa, e assim ficou, sem me pôr um único dedo em cima. Sentado, a olhar fixamente para o meu corpo nu. Esteve nisto bem uns dez minutos, comigo sempre ali deitada, sem me mexer, de cara para baixo. Sentia os olhos dele percorrerem a minha nuca, as minhas costas, as nádegas, as pernas, com uma intensidade quase dolorosa. Passou-me pela cabeça que ele pudesse ser impotente. De vez em quando apareciam clientes assim. Compram os serviços de uma prostituta, fazem-na despir e contentam-se em ficar ali a olhar para ela. Também os há que, uma vez despida, se masturbam à frente dela. Existem tantos tipos diferentes de homens que vão com prostitutas por razões tão diferentes! Daí que eu tenha pensado que talvez ele fosse um desses casos.

«Ao fim de um certo tempo, porém, ele estendeu o braço e começou a tocar-me. Como se estivesse à procura de alguma coisa, os seus dez dedos percorreram lentamente o meu corpo, dos ombros às costas, do pescoço à cintura. Uma coisa era certa: não se tratava de preliminares, nem de massagem. Os seus dedos deslocavam-se ao longo do meu corpo com uma atenção infinita, como se estivessem a seguir um itinerário traçado no mapa. E durante todo aquele tempo que ele acariciou o meu corpo, estive sempre a pensar – não parecia absorto nos seus pensamentos, mostrava-se *diabolicamente concentrado* em qualquer coisa.

«Num minuto os seus dedos vagueavam por aqui e por ali, ao acaso, e no outro imobilizavam-se e permaneciam no mesmo ponto durante muito tempo. Era como se as suas próprias mãos se mostrassem hesitantes ou decididas. Compreende o que eu quero dizer? Cada um dos seus dedos parecia ter vida própria, vontade e capacidade de reflexão. Era uma sensação muito estranha, para não dizer sinistra.

«E, contudo, aquele contacto deixou-me sexualmente excitada. Pela primeira vez na vida. Antes de me dedicar à prostituição, o acto sexual fora para mim apenas uma fonte de sofrimento. Bastava-me pensar em sexo para ficar de imediato paralisada de medo, medo da dor que teria de suportar. Uma vez prostituta, tudo mudou de forma radical e tornei-me insensível. Não sentia dor, mas, em contrapartida, também não experimentava mais nenhuma sensação. Para dar prazer aos meus clientes

suspirava e fingia estar excitada, mas era tudo mentira. Um simples desempenho profissional. Mas com ele, sob a pressão dos seus dedos, os meus suspiros eram reais. Nasciam espontaneamente das profundezas do meu corpo. Tinha plena consciência de que no mais fundo de mim alguma coisa tinha começado a mover-se. Como se o meu centro de gravidade se deslocasse de um lugar para outro.

«Por fim, o homem ficou quieto com os dedos. Com as mãos pousadas na minha cintura, parecia estar a pensar em alguma coisa. Através das pontas dos seus dedos, percebi que estava aos poucos a regularizar o ritmo da respiração. Depois começou lentamente a despir-se. De olhos fechados, a cara enterrada na almofada, esperava o que viria a seguir. Mal ficou despido, fez-me abrir as pernas e os braços.

«O quarto estava mergulhado num silêncio inquietante. O único som que se fazia ouvir era o leve zumbido do ar condicionado. O próprio homem quase não fazia barulho. Nem sequer a sua respiração se ouvia. Assentou as palmas das mãos sobre as minhas costas. Senti-me sem forças. O seu pénis tocou nas minhas nádegas, mas ainda estava mole.

«Nesse preciso momento o telefone na mesa-de-cabeceira começou a tocar. Abri os olhos e virei a cabeça para olhar o homem de frente. Ele não parecia sequer ter consciência do toque, que se fez ouvir oito ou nove vezes antes de parar. O quarto voltou a ficar em silêncio.

Naquele ponto Creta Kano soltou um profundo suspiro. Permaneceu calada alguns instantes, a olhar para as suas mãos.

– Desculpe, mas gostaria de descansar um bocadinho. Importa-se de fazer uma pausa?

– Claro que não.

Tornei a servir-me de café e bebi uma chávena. Ela bebeu água fresca. Ficámos ali os dois sentados uns bons dez minutos sem trocar uma palavra.

– Os dedos dele continuaram a deslizar por cada centímetro do meu corpo – prosseguiu Creta Kano. – Não deixaram uma única parte por tocar. Perdi a capacidade de pensar. Os batimentos do meu coração ressoavam violentamente nos meus ouvidos com uma lentidão estranha. Tinha perdido todo o autodomínio. Enquanto as suas mãos me acariciavam, gritei uma vez e outra e outra. Não queria fazê-lo, mas outra pessoa, usurpando a minha voz, gemia e gritava a seu bel-prazer. Sentia-me como se todos os parafusos do meu corpo se tivessem soltado. Depois, passado um grande bocado, ainda estando eu de bruços, ele enfiou-me *algo* dentro de mim por trás. O quê, não sei. Era extraordinariamente grande e duro, mas não era o seu pénis. Disso tenho a certeza. Naquele momento, lembro-me de ter pensado que sempre tinha razão: aquele homem era, de facto, impotente.

«Fosse o que fosse, o que é um facto é que senti, pela primeira vez desde a minha tentativa de suicídio, uma dor verdadeira e lancinante. Como explicar? Era um sofrimento desmedido, como se a minha pessoa estivesse a ser rachada ao meio. E, contudo, sob aquela tortura, contorcia-me de prazer. A dor e o prazer confundiam-se. Está a ver onde quero chegar? Falo de um prazer que nascia da dor e de uma dor que nascia do prazer. Era obrigada a engolir as duas coisas como uma só. E, no meio do sofrimento e do prazer, senti a minha carne a rasgar-se, num processo a que me era impossível pôr fim. Foi então que algo de estranho aconteceu. Do meu corpo, dividido em duas metades, começou a sair algo que antes nunca tinha visto nem tocado. Não sei dizer que tamanho tinha, mas que era escorregadio e viscoso como um recém-nascido, era. Não fazia ideia do que poderia ser. Tinha estado sempre dentro de mim, mas, ao mesmo tempo, desconhecia a sua existência. Tinha sido aquele homem a extirpá-lo de dentro de mim.

«Tinha vontade de saber o que era. Queria vê-lo com os meus próprios olhos. Vendo bem, era parte

de mim, tinha direito a isso. Mas não foi possível. Fora apanhada no meio daquela torrente de dor e prazer. E eu, que era apenas carne, apenas podia gritar, babar-me, agitar violentamente as ancas. Nem sequer conseguia abrir os olhos.

«Atingi então o clímax sexual. Mais do que alcançar o ponto culminante do prazer, tive a sensação de ser atirada do alto de um rochedo. Gritei e senti que tudo o que era feito de vidro no quarto se quebrava. Não foi apenas uma impressão: vi realmente todas as janelas e todos os copos ficarem reduzidos a estilhaços, ao mesmo tempo que os pedaços se abatiam sobre mim. A seguir fui acometida por uma violenta náusea. Senti a minha consciência começar a abandonar-me e o meu corpo esfriou. Bem sei que isto pode parecer estranho, mas senti-me como se me tivesse transformado numa tigela de papas de aveia frias – espessas e cheias de grumos. E cada um desses grumos produzia em mim uma dor surda, enquanto se dilatava devagarinho ao sabor dos batimentos do meu coração. Recordava-me daquela dor: já passara por tudo aquilo. Pouco ou nada demorei a identificar aquela dor surda e funesta, incessante, que costumava ter e me deixava a arquejar antes da minha tentativa frustrada de suicídio. Como se fosse uma poderosa *alavanca* de ferro, essa dor fez saltar violentamente a tampa da minha consciência. E, uma vez destapada, independentemente da minha vontade, foi arrastando para fora recordações de consistência gelatinosa. Por mais estranho que possa parecer, sentia-me como uma pessoa morta a assistir à sua própria autópsia. Está a ver? A sensação de estar de fora a observar o próprio cadáver a ser aberto e, um a um, todos os órgãos internos a serem removidos das suas entranhas.

«Continuei ali deitada, a babar-me para cima da almofada, o corpo percorrido por convulsões, à beira da incontinência. Sabia perfeitamente que tinha de me controlar, mas não era capaz de dominar as minhas reacções. Todos os parafusos do meu corpo se tinham soltado e caído. Na minha mente confusa, apercebi-me com profunda intensidade da minha solidão e da minha impotência. Do interior do meu corpo jorravam coisas. Coisas com forma definida e coisas amorfas, que se liquefaziam e fluíam languidamente para fora de mim, como a saliva e a urina. Bem sei que não podia permitir que todas aquelas coisas continuassem a escapar-me sem reagir. Era o meu ser e não podia consentir que se derramasse em vão e se perdesse para sempre. Mas não fui capaz de parar a torrente. A única coisa que podia fazer era observar passivamente aquele derrame, feita espectadora. Não sei ao certo quanto tempo aquilo durou. Tinha a sensação de que toda a minha memória e toda a minha consciência me tinham abandonado. Parecia que dentro de mim não restava mais nada. Depois, como um pesado cortinado que cai brutalmente, a escuridão envolveu-me de repente.

«Quando recuperei a consciência, já era outra pessoa.

Creta Kano interrompeu ali a sua história e olhou-me nos olhos.

– Foi isto o que me aconteceu – acrescentou em voz baixa.

Aguardei em silêncio que ela prosseguisse o seu relato.

Novo desaparecimento de Creta Kano

– Durante uns quantos dias – recomeçou Creta Kano a contar –, vivi com a impressão de que o meu corpo tinha sido desmembrado. Caminhava, mas não sentia os meus pés a tocarem no solo. Comia, mas não tinha a impressão de mastigar realmente o que metia na boca. Quando estava sentada, quieta, invadia-me muitas vezes a horrível sensação de que o meu corpo não parava de cair num abismo sem fundo, ou então que subia ou flutuava num espaço sem fim, como que arrastado por um balão. Deixara de poder coordenar os movimentos e as sensações do meu corpo. Funcionavam a seu bel-prazer, independentemente da minha vontade, sem ordem nem direcção. E, contudo, não sabia como deter aquele terrível caos. A única coisa que podia fazer era esperar com paciência que as coisas a seu tempo acalmassem. A pretexto de não me sentir bem, disse à minha família que não me sentia bem e vivia enclausurada no meu quarto, de manhã à noite, quase sem comer nem beber.

«Passaram os dias, e eu sempre mergulhada no caos. Três ou quatro dias, se não estou em erro. E então, como acontece após a passagem de um violento tornado que tudo arrasta à sua volta e depois se afasta, as coisas acalmaram e instalou-se a paz. Olhei à minha volta e descobri-me a mim mesma. E compreendi que passara a ser outra pessoa, uma pessoa nova, bastante diferente daquela que até então tinha sido. Quero dizer, aquele era o meu terceiro eu. O meu primeiro eu tinha convivido com a interminável tortura da dor. O meu segundo eu tinha sido aquele que vivera num estado de insensibilidade sem sofrimento. O primeiro havia sido o meu eu primitivo, incapaz de se libertar do pesado jugo da dor. E, quando tentei, em desespero de causa, atirá-lo para trás das costas e livrar-me dele – que é como quem diz, quando tentei matar-me e falhei –, converti-me no meu segundo eu. Um eu provisório, por assim dizer. A dor que me atormentara até aí tinha desaparecido, mas, ao mesmo tempo, com ela evaporaram-se todas as outras sensações. A vontade de viver, a vitalidade física, a capacidade de concentração, tudo isso desaparecera juntamente com o sofrimento. Depois de atravessar esse estranho período de transição, transformara-me numa outra pessoa. Ainda não sabia ao certo se aquela era a pessoa que devia ter sido, desde o primeiro dia, mas ao menos tinha a sensação, por mais vaga e indefinida que fosse, de estar a caminhar na direcção certa.

Creta Kano levantou a cabeça e olhou-me nos olhos. Como se quisesse saber que impressão me tinha causado o seu relato. Continuava com as mãos pousadas em cima da mesa.

– Resumindo, se bem compreendi, graças a esse homem converteu-se numa outra pessoa? – perguntei.

– Creio que se pode dizer isso, sim – respondeu Creta Kano, assentindo várias vezes, o seu rosto tão inexpressivo como o fundo de um tanque seco. – Graças ao intensíssimo prazer sexual que pela primeira vez na minha vida senti, enquanto aquele homem me abraçava e acariciava, o meu corpo conheceu uma transformação avassaladora. Por que aconteceu, e por que teve logo de acontecer com *aquele homem*, não sei dizer. Sei, no entanto, que independentemente do processo, quando dei por mim já estava dentro de um novo recipiente. E uma vez superada essa enorme confusão que

menção antes, aceitei o meu novo eu como «algo mais autêntico» – se mais não fosse, a verdade é que lograra escapar do meu estado de profunda insensibilidade que para mim era uma prisão sufocante.

«Contudo, a experiência com aquele homem perseguiu-me durante largo tempo, como uma sombra negra projectada sobre mim. Cada vez que recordava aqueles dez dedos, cada vez que recordava aquilo que ele introduzira dentro de mim, cada vez que recordava aqueles grumos viscosos que saíram (ou pelo menos me pareceram sair) de dentro de mim, sentia-me terrivelmente angustiada. Não sabia como lidar com a raiva que sentia, a par de um desespero incontável. Queria apagar esse dia da minha memória, mas não podia. Porque aquele homem *forçara* algo dentro de mim. E a sensação de *ter sido violada* havia ficado para sempre ligada à recordação daquele homem, juntamente com uma mácula inconfundível, difícil de apagar. Era um sentimento contraditório. Está a perceber o que eu quero dizer? A metamorfose que se operara em mim era correcta. Mas, por outro lado, o que havia desencadeado essa transformação era qualquer coisa de sujo e perverso. Esta contradição – esta cisão – atormentou-me durante muito tempo.

Creta Kano voltou a ficar durante algum tempo a olhar para as suas mãos sobre a mesa.

– Foi então que deixei de vender o meu corpo. Já não tinha sentido fazê-lo – confessou, com a expressão impassível de sempre.

– E não teve problemas com isso? – perguntei.

Ela abanou a cabeça.

– Deixei de o fazer, pura e simplesmente. Não tive nenhum problema. Foi quase demasiado fácil, para não dizer decepcionante. Estava convencida de que pelo menos iriam telefonar-me, e estava preparada para isso, mas nunca me disseram rigorosamente nada. E sabiam a minha morada e o meu número de telefone. Podiam ter-me ameaçado. Mas não aconteceu nada.

«Foi então que, pelo menos aparentemente, voltei a ser uma rapariga normal. Naquela altura já tinha restituído o montante do empréstimo ao meu pai, e conseguira até pôr de lado uma bela maquia. Com o dinheiro que lhe dei, o meu irmão voltou a comprar outro estúpido carro para andar às voltinhas. Escusado dizer que nem lhe passava pela cabeça o que eu tivera de fazer para o arranjar.

«Precisava de tempo para me acostumar ao meu novo eu. Que tipo de pessoa era? Como funcionava? O que é que sentia e de que maneira? Tive de aprender tudo de novo através da experiência, memorizar os novos conhecimentos adquiridos, acumulá-los. Está a perceber? Tudo que existira até então dentro de mim derramara-se, perdera-se para sempre. Eu era um novo ser, mas, ao mesmo tempo, esse novo eu estava vazio. Tinha de ser eu a preencher, pouco a pouco, esse vazio. Com as minhas próprias mãos, tive de reconstruir, passo a passo, aquilo a que chamava “eu” – ou, melhor dizendo, *os elementos que me davam corpo*.

«Oficialmente, andava ainda a estudar, mas não fazia tentativas de voltar à universidade. De manhã saía de casa, ia até ao parque, sentava-me num banco qualquer e deixava-me ficar ali sozinha, sem fazer nada. Ou então punha-me a passear pelos jardins. Quando chovia, metia-me na biblioteca, com um livro aberto à minha frente, a fingir que estava a ler. Às vezes enfiava-me o dia inteiro no cinema ou apanhava a linha de comboio Yamanote e corria a cidade inteira. Dava-me a sensação de andar a flutuar, sozinha, na escuridão do cosmo. Não tinha ninguém com quem falar, a quem pedir conselho. Se a minha irmã Malta ali estivesse, ter-lhe-ia contado a história toda, mas foi na época em que ela levava uma existência de asceta na ilha de Malta. Não sabia a sua morada e não tinha maneira de me pôr em contacto com ela. Só podia contar comigo para resolver os meus próprios problemas. Não

havia nenhum livro que falasse da experiência por que eu passara. Mesmo assim, apesar de estar só, não me sentia infeliz. Podia agarrar-me à minha pessoa. Pelo menos, naquele momento *tinha-me a mim*.

«O meu novo eu podia sentir dor, ainda que não com a virulência de antes. Ao mesmo tempo, aprendera a esquivar-me dela. Ou seja, era capaz de me separar do meu eu físico em sofrimento. Estou a fazer-me entender? Podia dividir-me a mim mesma numa parte física e numa outra, que o não era. Dito deste modo, pode parecer complicado, mas uma vez apreendido o método, garanto que não tem dificuldade nenhuma. Quando pressinto a dor, abandono o meu eu físico. É a mesma coisa que ir dormir para o quarto ao lado quando nos aparece em casa alguém que não queremos encontrar pela frente. Para mim, é a coisa mais natural do mundo. Reconheço que a dor criou raízes no meu corpo. Sinto que a dor existe, mas eu não estou lá. Estou na divisão ao lado. Por isso a dor não faz de mim sua escrava.

– E consegue distanciar-se de si mesma quando quer?

– Não – respondeu Creta Kano, após um momento de reflexão. – Ao princípio, só era capaz de o fazer quando o meu corpo experimentava dor física. Ou seja, a dor funcionava como a chave que levava à dissociação da minha consciência. Depois, com a ajuda de Malta, aprendi até certo ponto a controlar mentalmente essa divisão. Mas isso só muito mais tarde.

«Entretanto, recebi uma carta de Malta Kano. Dizia que tinha finalmente dado por concluído o seu retiro ascético de três anos na ilha de Malta e que regressava ao Japão dentro de uma semana. E que pensava ficar por cá definitivamente. Fiquei feliz da vida com a perspectiva de a reencontrar. Há coisa de sete ou oito anos que não nos víamos. E Malta, como já tive oportunidade de lhe dizer, era a única pessoa no mundo a quem podia dizer tudo o que me ia na alma.

«No próprio dia em que ela chegou ao Japão, contei-lhe rigorosamente tudo o que me havia sucedido. Ela escutou o meu longo e estranho relato em silêncio até ao fim. Sem fazer uma única pergunta. Depois, quando terminei, soltou um profundo suspiro. “O certo é que deveria ter ficado sempre ao teu lado para te proteger. Não sei por que razão, mas nunca me tinha dado conta de que tinhas problemas assim tão graves. Talvez por estarmos demasiado próximas uma da outra. De qualquer modo, havia coisa que eu tinha absolutamente que fazer. Havia sítios onde devia ir, sozinha. Não tinha escolha possível.”

«Disse-lhe que não se preocupasse com isso. Que era *problema meu* e que, no fim de contas, a situação não era assim tão desesperada. Malta Kano reflectiu em silêncio e depois disse: “Todas as provações que tiveste de enfrentar desde que eu me fui embora do Japão foram dolorosas e amargas. Mas, como tu própria disseste, a pouco e pouco foste-te aproximando da pessoa que devias ser. O pior já passou, e não voltará mais. Coisas dessas não se repetem. Sei que não é fácil, mas, com o passar do tempo, acabarás por esquecer. A verdade é que um ser humano não consegue viver sem o seu verdadeiro eu. É como a terra que pisamos. Sem um terreno firme, não podemos construir nada em cima. Há uma coisa, no entanto, que deves ter sempre em mente, que o teu corpo foi ultrajado por aquele homem. Tal nunca devia ter acontecido. Podias ter-te perdido para sempre e ficar condenada a vaguear eternamente pelo nada mais absoluto. Por um feliz acaso, acontece que naquele momento aquele não era o teu verdadeiro ser, o que provocou o efeito contrário. Em vez de te perder, libertou-te do teu *eu transitório*. Tiveste uma sorte espantosa. O que não impede que a mancha permaneça dentro de ti e que mais tarde ou mais cedo, dê lá por onde der, tenhas de te ver livre dela. Isso é uma coisa que eu não posso fazer por ti. Deves ser tu a descobrir a maneira concreta de o fazer, e pô-la

em prática.”

«Foi então que a minha irmã me atribuiu o meu novo nome: Creta Kano. Eu tinha renascido, era uma nova pessoa, e precisava de um nome a condizer. Caiu-me logo no goto. Malta Kano começou a usar-me como médium. Sob a sua orientação, fui aprendendo a controlar o meu novo eu e a dissociar o corpo da mente. Até que, pela primeira vez na minha vida, soube o que era viver em paz. Claro que ainda não tinha podido aceder ao meu verdadeiro eu. Ainda faltavam muitos elementos para que tal fosse possível. Mas agora, ao meu lado, tinha em Malta Kano uma companheira em quem podia confiar. Alguém que me compreendia e me aceitava. Alguém capaz de me guiar e de me proteger.

– Mas tornou a ver Noboru Wataya, não foi?

Creta Kano fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Assim foi. Este ano, no princípio de Março. Mais de cinco anos depois de ter estado com ele e de experimentar aquela metamorfose, e de ter começado a trabalhar com Malta Kano. Cruzámo-nos quando ele foi visitar Malta. Não nos falámos. Eu apenas o vi de relance na sala de entrada, mas bastou um olhar para ficar petrificada, como se tivesse acabado de ser fulminada por um raio. Era *aquele homem*, o meu último cliente.

«Chamei Malta Kano e disse-lhe que era aquele o homem que me tinha desonrado. “Estou a ver”, disse a minha irmã. “Não te preocupes, deixa que eu me encarrego de tudo. Mantém-te escondida e não deixes que ele te veja.” Fiz como ela me dizia. Por isso não sei de que falaram.

– O que diabo queria Noboru Wataya de Malta Kano?

Creta Kano abanou a cabeça.

– Isso não lhe sei dizer, senhor Okada.

– Mas as pessoas que vão ter convosco, em geral querem sempre alguma coisa, não é?

– Com efeito, assim é.

– Que tipo de coisas?

– Toda a espécie de coisas.

– Mas *que* coisas, concretamente? Pode dar-me algum exemplo?

Creta Kano mordeu o lábio antes de responder:

– Objectos perdidos. O destino. O futuro... tudo e mais alguma coisa.

– E estão ambas em condições de responder?

– Sim – confirmou Creta Kano. – Não tudo, claro, mas a maior parte das respostas estão todas aqui – indicou ela, apontando com o dedo para a sua própria testa. – Basta entrar lá dentro.

– Como descer ao fundo de um poço?

– Sim, por exemplo.

Apoiei os cotovelos na mesa e deixei escapar um longo e profundo suspiro.

– Agora, se não se importa, gostaria que me explicasse uma coisa. A Creta apareceu por mais de uma vez nos meus sonhos. Fê-lo de uma forma consciente. Aconteceu porque assim o quis, não foi?

– Sim, tem razão – respondeu Creta Kano. – Tratou-se de um acto de vontade. Entrei dentro da sua mente e tive relações consigo.

– Consegue fazer esse género de coisas?

– Sim. Essa é uma das minhas funções.

– Tivemos relações sexuais no meu imaginário – repeti. Ao pronunciar estas palavras, tive a sensação de haver pendurado um quadro assumidamente surrealista numa parede toda branca. A seguir, pronunciei a frase pela segunda vez, como quem faz questão de verificar que o quadro está

direito: – Tivemos relações sexuais no meu imaginário. Mas a verdade é que eu nunca lhe pedi nada. Nunca quis saber de nada. Certo? Nesse caso, por que é que se deu ao trabalho de fazer aquilo comigo?

– Porque Malta Kano assim mo ordenou.

– Quer então dizer que Malta Kano a usou na qualidade de vidente a fim de entrar na minha mente e encontrar algumas respostas. De que andava ela à procura? Deviam ser respostas às questões levantadas por Noboru Wataya. Ou, então, algo relacionado com Kumiko.

Creta Kano permaneceu em silêncio durante alguns instantes. Dir-se-ia que estava confusa.

– Não lho sei dizer. Nunca estou na plena posse de todas as informações – confessou ela. – É preferível, uma vez que isso me permite funcionar de um modo mais espontâneo enquanto médium. Eu sou apenas um instrumento. Malta Kano é quem dá sentido a tudo o que eu encontro ali dentro. Veja se entende uma coisa, senhor Okada: Malta Kano, fundamentalmente, está do seu lado. Bem vê, eu odeio Noboru Wataya, e Malta Kano defende, acima de tudo, os meus interesses. Ela fez o que fez para *o seu bem*, senhor Okada. Aí está uma coisa em que eu acredito piamente.

Creta Kano saiu de casa dizendo que ia ao supermercado da esquina fazer compras. Dei-lhe dinheiro e sugeri, já que ia sair, que vestisse qualquer coisa decente. Ela concordou, foi ao quarto e vestiu uma blusa branca de algodão e uma saia verde às florzinhas.

– Não o incomoda que eu ponha a roupa da sua mulher?

Neguei com um movimento de cabeça.

– Na carta dizia para eu me livrar de tudo. Pode vestir o que lhe apetecer, que ninguém se importa.

Tal como eu esperava, a roupa de Kumiko assentava-lhe que nem uma luva. Espantosamente bem. Até o número de sapatos era o mesmo. Creta Kano calçou umas sandálias de Kumiko e saiu de casa. Ao vê-la enfiada nas roupas de Kumiko, tive a impressão de que a realidade estava uma vez mais a conhecer novo rumo, como um navio de passageiros que muda lentamente de rota.

Depois de ela sair, deitei-me no sofá e ali fiquei a olhar distraidamente para o jardim, perdido nos meus pensamentos. Ao fim de meia hora, vi-a sair de um táxi transportando três grandes sacos cheios de mercearias. Em seguida preparou ovos com presunto e uma salada com sardinhas.

– Diga-me uma coisa, senhor Okada, Creta diz-lhe alguma coisa? – perguntou Creta Kano

– Creta? – perguntei. – Refere-se à ilha de Creta no Mediterrâneo?

– Sim.

Abanei a cabeça.

– Não lhe sei dizer. Não me interessa nem deixa de me interessar. Nunca pensei muito nisso.

– Gostaria de ir a Creta comigo?

– Ir a Creta consigo? – repeti.

– Para ser franca, gostaria de passar algum tempo fora do Japão. Ocorreu-me a ideia dentro do poço, depois de me despedir de si. Não fiz mais nada senão pensar nisso. Desde que a minha irmã me baptizou com o nome de Creta, sempre foi meu desejo conhecer Creta. Já li mais livros sobre a ilha do que sei lá o quê. Até cheguei a aprender grego, para ser capaz de lá viver um dia. Tenho algumas economias de lado que davam perfeitamente para vivermos os dois sem problemas durante algum tempo. Se é por causa de dinheiro, não precisa de se preocupar.

– Malta Kano está a par dos seus planos de viajar até Creta?

– Não, ainda não lhe disse nada. Mas se eu quiser ir, de certeza que a minha irmã não se oporá. Possivelmente até achará bem. Serviu-se de mim na qualidade de médium durante os últimos cinco

anos, mas isso não quer dizer que se tenha servido de mim como um mero utensílio. Se o fez, foi também com a intenção de me ajudar na minha recuperação. Ela acredita que, passando pelos egos e pelas mentes de diversas pessoas, poderei consolidar a minha própria personalidade. Está a compreender? Era como experimentar através de outros, por interposta pessoa, o que significa ter um ego.

«Pensando bem, até agora, nem uma única vez disse a alguém: “Quero fazer isto, dê lá por onde der.” Na realidade, nem sequer me passou isso pela cabeça. Desde que nasci, a minha vida girou sempre em torno do sofrimento. Era como se conviver com um sofrimento atroz fosse o único objectivo da minha existência. Depois, quando cheguei aos vinte anos e a dor desapareceu da minha vida na sequência da tentativa de suicídio, apoderou-se de mim uma profunda insensibilidade. Tornei-me, por assim dizer, uma espécie de cadáver ambulante. Coberta de cima a baixo por um espesso manto de apatia. Não subsistia em mim a mínima parcela de vontade. E quando Noboru Wataya violou o meu corpo e forçou as portas da minha mente, encontrei o meu terceiro eu. Mesmo assim, não se tratava ainda da minha verdadeira identidade. Acontece que encontrara um mero veículo, mais nada. Isso permitiu-me deixar passar através de mim diversos egos, sob a orientação de Malta Kano.

«Aí tem o que tem sido a minha vida ao longo destes vinte e seis anos. Dá para imaginar? *Durante vinte e seis anos, não fui nada.* Cheguei a essa conclusão brutal quando me encontrava dentro do poço, mergulhada nos meus pensamentos. Durante todo este tempo, não existi como pessoa, não fui mais do que uma prostituta. Uma prostituta da carne. Uma prostituta da mente.

«Mas agora estou à procura de um novo eu. Não sou nem uma via de passagem nem um instrumento. Quero criar raízes, afirmar-me à face da Terra.

– Compreendo o que me está a dizer, mas por que razão quer ir para Creta comigo?

– Porque estou em crer que seria uma coisa boa para nós os dois, senhor Okada – retorquiu Creta Kano. – Nos tempos mais próximos, palpita-me que nenhum de nós precisa de aqui ficar. Tenho mesmo a impressão de que seria até melhor se cá não estivéssemos. Diga-me, senhor Okada, tem algum projecto para o futuro – algum plano de acção que me queira contar?

Neguei com a cabeça.

– A única coisa é ir à procura de Kumiko e chegar à fala com ela. Até ela me dizer, cara a cara, que a nossa vida a dois acabou, não posso fazer mais nada. Isto apesar de eu não fazer ideia onde é que ela se encontra.

– Nesse caso, imaginando que a encontra e que o vosso casamento está, como disse, «acabado», consideraria a hipótese de ir para Creta comigo? Vendo bem, neste ponto das nossas vidas estamos ambos a precisar de começar de novo – afirmou Creta Kano, olhando-me nos olhos. – Quer-me parecer que a ilha de Creta não seria um mau ponto de partida. Que me diz?

– Nada mau – reconheci. – A proposta apanha-me um bocado de surpresa, mas reconheço que realmente seria um bom sítio para começar.

Creta Kano sorriu-me. Vendo bem, era a primeira vez que sorria para mim. Aquele sorriso fez-me sentir que a história começava, aos poucos, a avançar na direcção certa.

– Ainda temos tempo – disse ela. – Mesmo que me despache, preciso de pelo menos duas semanas para tratar dos preparativos. Entretanto, aproveite para pensar com calma, senhor Okada. Não sei bem se tenho alguma coisa para lhe oferecer. Pelo menos, por agora. Estou literalmente vazia. A partir de agora, porém, conto ir enchendo, a pouco e pouco, este recipiente vazio. E essa identidade

será o que lhe poderei dar, se é que aos seus olhos é quanto basta. Creio que nos poderíamos ajudar um ao outro.

Fiz um sinal de concordância com a cabeça.

– Vou pensar nisso – admiti. – Fico muito contente com a oferta e, à partida, acho que seria óptimo podermos viajar juntos. A sério. Antes, porém, preciso de reflectir muito a sério numa série de coisas, coisas que têm de ficar resolvidas.

– Em todo o caso, se vier a decidir que afinal não vai a Creta, saiba que não fico ofendida. Desolada, isso sim, mas prefiro desde já que seja sincero comigo.

Creta Kano voltou a passar a noite comigo. Ao anoitecer propôs-me ir dar uma volta pelo parque que havia ali perto. Decidi esquecer a história da mancha e sair de casa. Não servia de nada passar a vida preocupado com coisas daquelas. Passeámos durante uma hora no agradável entardecer de Verão, voltámos para casa e comemos qualquer coisa.

Depois do jantar, Creta Kano disse que queria ir para a cama comigo. Fazer amor comigo, disse ela. Apanhado de surpresa, fiquei sem saber o que fazer, e foi precisamente isso que lhe disse:

– Assim de repente, confesso que não sei o que fazer.

Creta Kano fixou os olhos nos meus.

– Quer o senhor vá ou não comigo para a ilha de Creta, essa é outra questão. Quero que faça amor comigo, uma única vez, como se eu fosse uma mulher da vida. Quero que compre o meu corpo, aqui e agora, como se compre o corpo de uma prostituta. E depois desta última vez, deixar para sempre de ser prostituta do corpo, prostituta da mente. Deixarei de responder pelo nome de Creta Kano. Para o conseguir, preciso de estabelecer uma linha de demarcação bem visível, que me indique: «Isto acaba aqui.»

– Entendo a sua necessidade de traçar uma linha de demarcação, acredite, mas por que razão sente necessidade de dormir comigo?

– Não entende, senhor Okada? Ao fazer amor *na realidade* com Toru Okada, quero passar através de si enquanto ser humano. Desse modo, ver-me-ei livre da mancha que há em mim. Será essa a linha de demarcação.

– Tenho muita pena, mas não tenho por hábito comprar o corpo das pessoas.

Creta Kano mordeu os lábios.

– Vamos fazer assim. Em vez de dinheiro, deixe-me ficar com alguns vestidos da sua mulher. E sapatos. Digamos que será esse o preço simbólico a pagar pelo meu corpo. Graças a isso, serei salva.

– Salvar-se significa libertar-se da sujidade que Noboru Wataya deixou dentro de si daquela última vez.

– Exactamente.

Olhei Creta Kano na cara durante alguns segundos. Sem pestanas postiças, tinha um ar muito mais infantil do que era costume.

– Diga-me, que tipo de pessoa é exactamente Noboru Wataya? É o irmão da minha mulher, bem sei, mas a verdade é que nada mais sei acerca dele. Não faço ideia do que diabo pensa ele, nem o que diabo pretende. Só sei que nos odiamos mutuamente.

– Noboru Wataya e o senhor pertencem a um mundo diametralmente oposto – respondeu Creta Kano. Depois calou-se, à procura das palavras apropriadas. – Num mundo onde o senhor perca,

Noboru Wataya sairá vencedor. Num mundo onde o senhor seja rejeitado, Noboru Wataya será aceite. O contrário também é verdadeiro. É por isso que ele o odeia tanto.

– É isso que não entendo. Aos olhos dele devo ser perfeitamente insignificante. Como é que se explica que se dê conta de que eu existo? Noboru Wataya é famoso, tem poder. Comparado com ele, não sou ninguém. Por que carga de água é que ele perde tempo e energia a odiar a *minha insignificante pessoa*?

Creta Kano abanou a cabeça.

– O ódio é como uma sombra negra que não pára de alastrar. Em muitos casos, nem a pessoa que o sente sabe de onde provém. É uma espada de dois gumes. Ao ferir a outra pessoa, ferimo-nos a nós mesmos. Quanto mais grave for a ferida que infligirmos, mais grave é a nossa. Pode chegar a ser fatal. Mas não é fácil livrarmo-nos dele. Peço-lhe por tudo, senhor Okada, tenha cuidado. O ódio é muito perigoso. E, uma vez arraigado no nosso coração, extirpá-lo é a coisa mais difícil do mundo.

– Diga-me, consegue sentir essa tal raiz do ódio no coração de Noboru Wataya?

– Sim, consigo – respondeu Creta Kano. – Foi isso que dividiu o meu corpo em duas metades e me conspurcou. Por isso é que não quero que seja ele o meu último cliente enquanto prostituta. Compreende as minhas razões?

Nessa noite fui para a cama com Creta Kano. Despi-lhe a roupa de Kumiko e fiz amor com ela. Docemente. Dir-se-ia um prolongamento do meu sonho. Como se estivéssemos na verdade a recriar o que tínhamos feito em sonhos. O seu corpo era *real*, estava vivo. Mas faltava algo: a sensação de estar verdadeiramente a fazer amor com ela. Por mais de uma vez, enquanto fazia amor com ela, tive a ilusão de estar a fazer amor com Kumiko. Tinha a certeza de que no momento de ejacular acordaria. Não acordei. Vim-me dentro dela. Aconteceu realmente. Mas cada vez que dizia a mim mesmo que aquilo era real, a realidade parecia sê-lo cada vez menos. Aos poucos, paulatinamente, a realidade tornava-se cada vez menos concreta, dissociava-se da realidade, afastava-se. Mas nem por isso deixava de ser a realidade.

– Senhor Okada – disse Creta Kano, pondo os braços à minha volta –, vamos juntos para a ilha de Creta. Aqui já não é lugar nem para mim nem para si. Temos de partir para Creta. Se ficar, mais cedo ou mais tarde irá acontecer-lhe alguma coisa de mau. Tenho a certeza.

– Alguma coisa de mau?

– Algo de *muito* mau – vaticinou Creta Kano. Em voz baixa e penetrante, como o pássaro profeta que vivia na floresta.

A única coisa má que aconteceu
em casa de May Kasahara

Reflexões de May Kasahara sobre a fonte de calor

– Olá, senhor Pássaro de Corda – disse uma voz de mulher. Encostando o auscultador contra a orelha, dei uma olhadela ao relógio. Eram quatro da tarde. Quando o telefone tocou, estava eu a fazer a sesta estiraçado no sofá, encharcado em suor. Um sonho curto e desagradável, por sinal, que me deixara ficar no corpo a sensação de ter alguém em cima de mim durante todo o tempo em que eu dormia a sesta. Fosse quem fosse, esse alguém tinha esperado até eu cair no sono para se vir sentar em cima de mim, e fora-se embora pouco antes de eu acordar.

– Está? – deixou escapar a mulher baixinho, quase num murmúrio. A voz parecia chegar até mim depois de ter sido filtrada por uma fina camada de ar rarefeito. – Fala May Kasahara.

– Olá – saudei eu. Os músculos da boca estavam perros, não funcionavam como devia ser, por isso não sei até que ponto aos ouvidos da minha interlocutora não terá chegado uma espécie de grunhido, mas foi «olá» que quis dizer.

– Estás a fazer o quê? – perguntou ela, como quem não quer a coisa. Pelo tom de voz, dir-se-ia que estava a apalpar terreno.

– Nada – respondi, afastando o auscultador para tossir. – Nada de especial. Estava a fazer a sesta.

– Acordei-te?

– É evidente. Mas não é grave. Estamos a falar da sesta, mais nada.

May Kasahara fez uma pequena pausa, antes de prosseguir. Parecia vagamente hesitante.

– Ouve uma coisa, Pássaro de Corda, por acaso não queres aparecer por cá?

Fechei os olhos. Luzes de diferentes cores e formas dançavam na penumbra.

– Pode ser – disse eu.

– Estou a apanhar banhos de sol no jardim, por isso podes entrar pelas traseiras.

– OK.

– Está zangado comigo, senhor Pássaro de Corda?

– Não sei bem – repliquei. – Em todo o caso, vou tomar duche e mudar de roupa, e depois vou para aí. Tenho uma coisa para falar contigo.

Meti-me debaixo da água fria para ver se acordava, e depois passei para a água quente. Acabei com água fria. Com isto lá consegui acordar de vez, mas a sensação de ter o corpo pesado e os movimentos lentos continuava. Às tantas as pernas começaram a tremer e por mais de uma vez fui obrigado a agarrar-me ao toalheiro ou a sentar-me na borda da banheira. Devia estar mais cansado do que pensava.

Depois de ter saído do duche e de me enxugado, lavei os dentes e olhei para mim no espelho. Na bochecha direita continuava a ver-se a mancha azul-arroxeadada, nem mais clara nem mais escura.

Tinha os círculos escuros debaixo dos olhos e o branco dos olhos sulcados de veiazinhas vermelhas. As faces pareciam chupadas, e o cabelo estava precisado de uma aparadela. O meu aspecto era o de um cadáver acabado de desenterrar.

Vesti uma *T-shirt* e umas calças de ganga, agarrei no chapéu e nos óculos escuros e saí para a ruela. Continuava um dia quentíssimo. Tudo o que respirava vida na Terra – pelo menos à vista desarmada – arquejava, suspirando por um aguaceiro inesperado, mas não se via uma única nuvem no céu. Um manto de ar quente e estagnado abrasava a viela. Como de costume, o local estava deserto. Com uma temperatura daquelas e uma cara tão horrível, a última coisa que queria era cruzar-me com alguém.

No jardim da casa abandonada, o pássaro de pedra continuava na mesmíssima posição, de bico para o ar, a esquadrinhar os céus. Parecia mais sujo e derreado do que da última vez. Mais velho, se calhar. Além disso, havia no seu olhar um-não-sei-quê de crispado. O pássaro parecia ter os olhos cravados numa cena extraordinariamente lúgubre que se desenrolava no céu. Pudessem ele baixar o olhar, por certo teria desviado a vista. Na sua qualidade de pássaro de pedra, não tinha outra hipótese senão olhar. As altas ervas selvagens à volta da escultura permaneciam imóveis, como o coro de uma tragédia grega que esperasse, sustendo a respiração, a revelação de uma profecia. A antena de televisão no telhado estendia com indiferença os seus tentáculos prateados debaixo do calor opressivo. Sob os ardentes raios do sol de Verão estava tudo ressequido e mirrado.

Depois de observar durante alguns instantes o jardim da casa abandonada, entrei no relvado de May Kasahara. O carvalho projectava sobre o solo uma sombra fresca, mas ela tinha preferido ficar à torreira do sol. Estava deitada numa cadeira de repouso, de barriga para cima, com um biquíni cor de chocolate incrivelmente reduzido. Os minúsculos pedaços de tecidos estavam unidos, de forma rudimentar, por simples cordões. Perguntei a mim próprio se alguém seria capaz de ir nadar naquele preparo. Tinha os mesmos óculos de sol que trazia da primeira vez que nos encontráramos, e grossas bagas de suor escorriam-lhe pelo rosto. Debaixo da cadeira havia uma toalha branca, um frasco de bronzeador, meia dúzia de revistas. Sem esquecer duas latas de *Sprite* caídas por terra, uma delas utilizada como cinzeiro. Sobre a relva via-se uma mangueira de plástico que ninguém se dera ao trabalho de enrolar depois de ter sido usada.

Vendo-me aproximar, May Kasahara soergueu-se, esticou o braço e desligou o aparelho de rádio. A sua pele estava muito mais bronzada do que da última vez. Não se tratava de um tom moreno normal, com que uma pessoa fica depois de passar o fim-de-semana na praia. Cada centímetro do seu corpo, dos lóbulos das orelhas até à ponta dos dedos dos pés, exibia um belo bronze uniforme. Não devia fazer mais nada senão passar o dia ali esparramada, a apanhar banhos de sol. Provavelmente era o que tinha feito enquanto eu permanecia no fundo do poço. Olhei em redor. O jardim estava praticamente igual ao que me lembrava desde a minha última passagem. Uma vasta superfície relvada muito bem cuidada e um tanque sem água, tão seco que só de olhar fazia sede.

Sentei-me na espreguiçadeira ao lado dela e tirei um rebuçado de limão do bolso. Com o calor, ficara agarrado ao papel.

May Kasahara olhou-me longamente sem dizer nada.

– O que é que te aconteceu, senhor Pássaro de Corda? Que mancha é essa que tens na cara? Porque isso é uma mancha de nascimento, não é?

– Parece-me bem que sim. Agora, não faço a mínima ideia de como é que me apareceu. Quando dei por ela, já a tinha.

May Kasahara apoiou-se no cotovelo para ver melhor. Depois enxugou com o dedo o suor do nariz e empurrou os óculos de sol para cima. Por trás das lentes escuras mal se viam os olhos.

– Não tens ideia nenhuma? Nenhuma pista, nada?

– Rigorosamente nada.

– Tens a certeza?

– Só sei que saí do poço e, passado pouco tempo, quando olhei para o espelho, já lá estava. A sério. É tudo.

– Dói-te?

– Não. Não dói, nem pica. Só noto um bocadinho de calor.

– Já foste ao médico?

Respondi que não com um movimento de cabeça.

– Não me parece que fosse adiantar alguma coisa.

– Podes ter a certeza – concordou May Kasahara. – Também detesto médicos.

Tirei o chapéu e os óculos de sol e limpei o suor da cara com um lenço. A minha camisola cinzenta estava negra de suor debaixo dos braços.

– Tens um biquíni muito bonito.

– Obrigada.

– Parece feito de retalhos. Bela maneira de aproveitar os escassos recursos naturais.

– Quando não está ninguém em casa, costumo tirar a parte de cima.

– Boa, boa.

– Mas a verdade é que pouco há para mostrar – disse ela à laia de justificação.

Verdade seja dita, os peitos que se adivinhavam por baixo do biquíni eram ainda pequenos e pouco desenvolvidos.

– Alguma vez nadaste com isso posto? – quis eu saber.

– Não, não sei nadar. E tu?

– Claro que sei.

– Até onde?

Fiz rolar o rebuçado debaixo da língua.

– Longe.

– Dez quilómetros?

– Talvez.

Imaginei-me a nadar ao largo da ilha de Creta. «Praias intermináveis de areia branca e um mar escuro como o vinho», diziam os guias de viagem. Não conseguia imaginar um mar dessa cor. Mas reconheço que não soava nada mal. Voltei a enxugar o suor da cara.

– Tens gente em casa, neste momento?

– Foram-se todos embora ontem para a nossa casa, em Izu. Passar o fim-de-semana, a banhos. Quando digo todos refiro-me só aos meus pais e ao meu irmão, é bom de ver.

– E tu não?

Ela encolheu ligeiramente os ombros. Em seguida tirou do meio da toalha de praia um maço de *Hope* pequeno e uma caixa de fósforos e acendeu um cigarro.

– Estás cá com um aspecto horrível, senhor Pássaro de Corda! Já te deste conta?

– É preciso ver que estive vários dias no fundo de um poço sem comer nem beber. Não admira que tenha má cara.

May Kasahara tirou os óculos e virou-se para mim. Continuava a ter aquela cicatriz profunda ao canto do olho.

– Ouve lá uma coisa, senhor Pássaro de Corda, estás chateado comigo?

– Não sei bem. Tenho muitas outras coisas em que pensar, antes de me começar a chatear contigo.

– A tua mulher já voltou?

Neguei com a cabeça.

– Chegou há pouco uma carta dela. Diz que nunca mais volta para casa.

– Pobre senhor Pássaro de Corda – exclamou May Kasahara levantando-se na cadeira para me dar uma palmadinha no joelho. – Pobre, pobrezinho do senhor Pássaro de Corda! Ouve uma coisa. Se calhar não acreditas, mas era minha intenção tirar-te do poço no último momento. Só queria assustar-te, atormentar-te um bocado. Fazer-te gritar de medo. Pôr-te à prova para ver quanto tempo demoravas a perder o tino e a tocar no fundo do abismo.

Como não sabia muito bem o que dizer, assenti em silêncio.

– Ouve, não me digas que pensavas que era a sério? Que te ia deixar morrer ali?

Fiz uma bolinha com o papel do rebuçado de limão.

– A verdade é que não tinha a certeza. O que dizias parecia ser a sério, mas, ao mesmo tempo, dava a impressão de que só me querias assustar. Quando se fala lá de cima a alguém que está no fundo de um poço, a voz ressoa de maneira muito estranha, não se consegue captar bem o tom da outra pessoa. Em última análise, não se trata aqui de saber o que está certo e o que está errado. Faço-me entender? A realidade compõe-se de diferentes camadas. Tu, naquela realidade, talvez quisesses realmente matar-me, e nesta realidade não. A questão é saber que realidade escolhes tu e que realidade escolho eu.

Meti o papel do rebuçado convertido numa bolinha dentro de uma das latas de *Sprite*.

– Tenho um favor a pedir-te, senhor Pássaro de Corda – disse May Kasahara, apontando-me a mangueira de plástico em cima da relva. – Podes regar-me com isso? Está tanto, tanto calor, que se não me refresco de vez em quando ainda acabo por ficar com os miolos derretidos.

Levantei-me da cadeira e fui buscar a mangueira de plástico azul. Estava quente e toda mole. Abri a torneira que se encontrava escondida atrás dos arbustos e a água começou a jorrar. Ao princípio a água dentro do tubo, aquecida pelo sol, saiu quase a ferver, mas depois lá começou a arrefecer, a ficar cada vez mais fresca, até sair quase gelada. May Kasahara estendeu-se nas ervas e eu apontei a mangueira e dirigi um grande e potente jorro na direcção dela.

Ela fechou os olhos com força e deixou a água molhar o seu corpo.

– Que fria! Sabe lindamente. Por que é que também não aproveitas para te molhar, senhor Pássaro de Corda?

– Não tenho fato de banho – respondi, mas May Kasahara parecia encontrar-se nas suas sete quintas ali a apanhar com a água fria e eu, pela parte que me tocava, já não conseguia aguentar mais o calor. Despi a camisola suada, inclinei-me para a frente e deixei que a água escorresse pela cabeça. Já que ali estava, aproveitei para meter alguma água na boca. Estava fria, deliciosa.

– É água da nascente? – perguntei.

– É evidente, tirada com a ajuda de uma bomba! Está gelada. Sabe bem, não sabe? Até se pode beber e tudo. Veio cá a casa há pouco tempo um homem do Departamento de Saúde que ficou espantado com a qualidade da água. Disse ele que era raro encontrar uma água assim tão pura nos limites de Tóquio. O homem ia caindo de quatro. Claro que nós, por precaução, não bebemos. Num

sítio destes, com tantas casas todas pegadas umas às outras, nunca se sabe o que pode andar misturado na água, não achas?

– Pensando bem, não deixa de ser estranho. Ali em frente, na casa dos Miyawaki, o poço secou completamente, mas aqui, em contrapartida, há água fresca a dar com um pau. Estando as duas casas tão próximo uma da outra, separadas apenas por uma viela estreita, como é que explicas a diferença?

– Sim, porque será? – interrogou-se May Kasahara, inclinando a cabeça. – Talvez alguma coisa tenha feito desviar a corrente de água subterrânea, por qualquer razão, e então aquele poço secou e este não. Não pesco nada disso, mas palpita-me que deve ter sido uma coisa assim.

– Tiveram algum problema em tua casa?

May Kasahara fez uma careta e negou com a cabeça.

– A única coisa má que aconteceu aqui em casa nestes últimos dez anos é eu ter-me aborrecido de morte.

Depois de estar um bocado debaixo de água, May Kasahara secou a cabeça e perguntou-me se eu queria uma cerveja. Respondi que sim. Foi a casa e veio de lá com duas latas de *Heineken* geladas. Ela bebeu uma e eu bebi a outra.

– Diz-me uma coisa, senhor Pássaro de Corda, que pensas fazer a partir de agora?

– Ainda não decidi ao certo – respondi –, mas há a hipótese de sair daqui do Japão.

– Para onde?

– Para Creta.

– Creta? Isso tem alguma coisa que ver com aquela mulher, a tal Creta-não-sei-quantas?

– Em parte, sim.

May Kasahara pensou um momento no que eu lhe tinha dito.

– Não foi essa tal Creta-não-sei-quantas que te tirou de dentro do poço?

– Creta Kano – confirmei eu. – Sim, foi ela.

– Estás cheio de amigos, senhor Pássaro de Corda.

– Não tantos como isso. É mais o contrário. Sou conhecido por ter poucos amigos.

– Gostava de saber como é que essa tal Creta Kano descobriu que estavas dentro do poço. Não tinhas dito a ninguém, pois não? Nesse caso, como é que ela adivinhou?

– Não faço ideia – respondi.

– E agora, com que então, direito à ilha de Creta?

– Ainda não sei. Existe essa possibilidade, mais nada. Primeiro, tenho de ver se resolvo as coisas com Kumiko.

May Kasahara pôs um cigarro na boca e acendeu-o. A seguir tocou com a ponta do mindinho na cicatriz ao canto do olho.

– Sabes uma coisa, senhor Pássaro de Corda? Enquanto tu estavas dentro do poço, eu, fiquei o tempo quase todo aqui, a apanhar banhos de sol. Aqui deitadinha, a olhar para o jardim da casa abandonada ao mesmo tempo que trabalhava para o bronze e pensava em ti, no fundo do poço. Pensava em ti, imaginava-te dentro daquele poço escuro, cheio de fome, a aproximares-te a pouco e pouco da morte. Dali não podias sair, era eu a única pessoa que sabia onde te encontravas. Dava para imaginar de uma maneira terrivelmente nítida a tua dor, a tua angústia, o terror que deves ter sentido. Entendes o que te digo? Ao fazer isso, tinha a impressão de estar espantosamente perto de ti! Nunca foi minha intenção deixar-te morrer ali. Juro. A única coisa que me interessava era ir mais longe, ao limite. Até que tu estivesses exausto e aterrado até mais não. Até não poderes aguentar

mais. A sério, acreditava que isso seria o melhor, tanto no teu caso como no meu.

– Bom, digo-te uma coisa – retorqui. – Se fosse realmente tua intenção ir até ao fim, não terias recuado no último minuto. Talvez seja muito mais fácil do que pensas. Uma vez chegada até ali, bastaria um pequeno empurrão. E depois terias possivelmente chegado à conclusão de que era aquela a melhor coisa, tanto para mim como para ti. – Dito isto, bebi um gole de cerveja.

May Kasahara ficou pensativa, a morder o lábio.

– Talvez tenhas razão – admitiu passado um bocado. – Não estou certa disso.

Bebi o último trago de cerveja e levantei-me. Pus os óculos de sol e tornei a vestir a camisola toda suada.

– Obrigado pela cerveja.

– Ouve lá, senhor Pássaro de Corda. Ontem à noite, depois de a minha família se ter posto a caminho da casa de praia, desci ao poço. Fiquei ali metida umas cinco ou seis horas.

– Ah! Então quer dizer que foste tu que tirou a escada de corda.

May Kasahara franziu ligeiramente a testa.

– Fui eu, sim.

Olhei para a relva. Da terra empapada de água desprendia-se uma nuvem de vapor que fazia tremer as imagens como um véu de calor. May Kasahara apagou a beata dentro da lata de *Sprite*.

– De início, durante as primeiras horas, não notei nada de especial. Quer dizer, estava escuro e sentia-me um bocado à rasca, mas não se podia dizer que estivesse a morrer de medo nem à beira de um ataque de nervos, longe disso. Não sou propriamente uma dessas raparigas histriónicas que passam a vida aos gritinhos por dá cá aquela palha. Sabia que estava escuro, e pronto. Afinal, tu tinhas passado vários dias ali dentro, não havia perigo nem razão para medos. Ao fim de algumas horas, comecei a perder cada vez mais a consciência de mim própria. Ali sentada, completamente às escuras, algo dentro de mim – dentro do meu corpo – começou a inchar. Como as raízes de uma planta que crescem demasiado e acabam por partir o vaso que as comprime, tinha a sensação de que essa coisa crescia por toda a parte no meu interior, ameaçando acabar comigo, quebrar-me em mil pedaços. Seria o meu fim. Era uma coisa que, debaixo da luz do Sol, não se manifestava, mas que, no meio das trevas, começou a crescer a uma velocidade vertiginosa, como se se alimentasse de algum nutriente secreto. Tentei controlar o seu crescimento, mas não consegui. E foi então que comecei a sentir um pânico terrível. Nunca na minha vida tivera assim tanto medo. Aquela coisa dentro de mim, aquele pedaço de gordura branca e gelatinosa, estava literalmente a apoderar-se da minha pessoa, a devorar-me. Ao princípio, aquela espécie de gelatina era verdadeiramente pequena, sabes, senhor Pássaro de Corda?

May Kasahara calou-se por instantes e olhou para as suas mãos, como se estivesse a rememorar os acontecimentos daquele dia.

– Tive um medo horroroso – disse. – Era precisamente aquele sentimento de pânico que eu queria que tu sentisses na pele. Queria que escutasses o barulho daquela coisa a roer-te as entranhas.

Voltei a sentar-me na cadeira. Contemplei o corpo de May Kasahara naquele exíguo biquíni. Tinha dezasseis anos, mas o corpo era o de uma adolescente de treze ou catorze. Os seios e as ancas ainda não estavam completamente formados. O seu corpo lembrava-me um daqueles esboços que em poucas linhas surpreendem pelo realismo extraordinário. Ao mesmo tempo, porém, havia qualquer coisa na sua figura que fazia pensar numa mulher de idade.

Então, de repente, não pude deixar de lhe perguntar:

– Alguma vez tiveste o sentimento de estar a ser ultrajada?

– Ultrajada? – Ela olhou para mim, franzindo os olhos. – Fisicamente? Violada por alguém, queres dizer?

– Fisicamente. Mentalmente. Uma coisa ou outra.

May Kasahara percorreu com o olhar o seu próprio corpo e depois levantou os olhos para mim.

– Fisicamente, a resposta é não. Ainda sou virgem. Deixei um rapaz apalpar-me o peito, mas só por cima da roupa.

Anuí em silêncio.

– Mentalmente... não te sei dizer. A verdade é que não sei o que significa ser ultrajada espiritualmente.

– Também não te posso explicar. É uma coisa que se sente ou que não se sente. E se tu não a sentes, quer dizer que isso nunca te aconteceu.

– Por que é que me perguntas isto?

– Porque já aconteceu com algumas pessoas que eu conheço. E deu origem a muitas complicações. Agora, gostaria de fazer outra pergunta. Por que é que passas a vida a pensar na morte?

Ela levou o cigarro à boca e, com uma só mão, acendeu um fósforo. Depois voltou a pôr os óculos.

– Estás a querer dizer-me que não pensas na morte?

– Às vezes, penso, claro que sim. Mas sempre, sempre não. De vez em quando. Como a maioria das pessoas neste mundo.

– Queres saber o que é que eu penso? Todos os seres humanos nascem com uma coisa diferente no centro da sua existência. E esta coisa, cada uma dessas diferentes coisas, transforma-se numa espécie de fonte de calor que do interior faz mover cada um de nós. Obviamente que também eu a tenho, mas volta e meia foge-me das mãos. Quem me dera poder transmitir a outra pessoa qualquer a sensação que é ter uma coisa a inchar e a contrair-se dentro de mim, ao ponto de me deixar a tremer. Mas ninguém me compreende. Pode ser que não me consiga explicar bem, mas o que acontece de facto é que as pessoas não me dão ouvidos. Fingem prestar atenção, mas não me levam a sério. Por isso, às vezes perco por completo a paciência e acabo por fazer asneiras.

– Que tipo de asneiras?

– Como fechar-te dentro do poço ou, quando andava de motorizada, tapar com as duas mãos os olhos do rapaz que ia a conduzir.

Quando ela disse aquilo, levou a mão à cicatriz no canto do olho.

– Foi assim que se deu o acidente de moto?

May Kasahara olhou-me com estranheza e fechou-se em copas. Como se não tivesse percebido bem a minha pergunta. Percebia, no entanto, que as minhas palavras, todas e cada uma delas, tinham chegado aos seus ouvidos. Não conseguia ver bem a sua expressão por detrás das lentes fumadas dos seus óculos, mas notava mesmo assim uma espécie de insensibilidade espalhada pelo seu rosto, como acontece quando se deita azeite sobre uma superfície de águas mansas.

– O que aconteceu a esse tipo? – perguntei.

Sempre com o cigarro na boca, May Kasahara não tirava os olhos de mim. Melhor dizendo, não tirava os olhos da mancha que eu tinha na cara.

– Tenho mesmo de responder a essa pergunta, senhor Pássaro de Corda?

– Não, não tens. Só respondes se quiseres. Quem puxou o assunto foste tu, de qualquer modo. Se não queres falar nisso, não fales.

May Kasahara ficou em silêncio, como se tivesse dificuldade em tomar uma decisão. Em seguida aspirou o fumo do cigarro até ao fundo dos pulmões e soltou-o devagarinho. Com um movimento indolente, tirou os óculos e virou o rosto na direcção do Sol, sempre de olhos fechados. Os seus gestos levavam-me a pensar que o tempo fluía cada vez mais lentamente. «Como se a corda do tempo tivesse começado a deixar de funcionar», pensei.

– Morreu – disse por fim May Kasahara numa voz branca, dignando-se finalmente a responder.

– Morreu?

May Kasahara atirou a cinza do cigarro para o chão. A seguir pegou na toalha e com ela limpou outra vez o suor da cara, uma vez e outra. Por fim, como se tivesse acabado de se lembrar de um assunto inacabado, explicou de forma rápida e mecânica:

– Íamos demasiado depressa. Aconteceu tudo para as bandas de Enoshima.

Eu olhava para ela sem dizer nada. May Kasahara pegara com ambas as mãos na toalha, que apertava de encontro às faces. O cigarro ardia entre os seus dedos. Não havia vento e o fumo branco subia a direito. Parecia um sinal de fogo em ponto pequeno. Ela parecia indecisa em saber se havia de chorar ou de rir. Pelo menos foi o que me pareceu. Ficou ali hesitando na fina e tênue linha que separa o riso do choro, acabando por não se decidir por nenhum. May Kasahara recompôs-se, recuperou a expressão do costume, pousou a toalha no chão e deu uma passa no cigarro. Eram quase cinco da tarde, mas o calor não dava mostras de diminuir.

– Fui eu que o matei – disse ela. – Claro que não tinha intenção de o matar. Só queria chegar ao limite. Passávamos o tempo todo nisso. Era assim uma espécie de jogo. Quando andávamos de moto, tapava-lhe os olhos ou fazia-lhe cócegas. Até aí nunca tinha acontecido nada. Até àquele dia, digo bem...

May Kasahara levantou a cabeça e olhou de frente para mim.

– Isto, senhor Pássaro de Corda, para dizer que não me sinto ultrajada, nem nada que se pareça. Só queria aproximar-me dessa coisa que se dilatava dentro de mim. Atraí-la, fazê-la sair à força e depois esmagá-la. Para fazer com que ela saia lá de dentro, há que ir até aos limites. É a única forma. Tens de arranjar um bom stratagema – explicou ela, abanando a cabeça ao de leve. – Mas não, não creio ter sido alguma vez ultrajada. Mas também não se pode dizer que tenha sido salva. Não há quem me possa salvar neste momento. O mundo é, da maneira como eu o vejo, completamente vazio. Tudo à minha volta me parece falso. A única coisa verdadeira é aquela massa gelatinosa dentro de mim.

May Kasahara deixou-se ficar ali sentada durante algum tempo, respirando devagar e regularmente. Não se ouvia mais nenhum ruído, nem o chilreio das aves nem a estridulação dos insectos. Uma calma terrível abateu-se sobre o jardim. Dir-se-ia que o mundo tinha ficado vazio.

May Kasahara mudou de posição e virou-se para mim. Parecia que tinha acabado de se lembrar de alguma coisa. A expressão desaparecera do seu rosto, como se lhe tivessem lavado a cara, deixando-a completamente lisa.

– Diga-me, senhor Pássaro de Corda, foste para a cama com essa tal Creta Kano?

Respondi que sim com a cabeça.

– Escreves-me uma carta, se fores a Creta?

– Claro que escrevo. Se chegar a ir. Ainda não está nada decidido.

– Mas tens vontade de ir, ou não?

– Acho que sim.

Depois de uma certa hesitação, ela disse:

– Sabes uma coisa, senhor Pássaro de Corda, existe a possibilidade de voltar à escola.

– Com que então mudaste de ideias?

– É diferente – respondeu ela, encolhendo os ombros. – Recuso-me a pôr os pés outra vez na escola antiga. Esta de que estou a falar fica longe daqui. Por isso, o mais certo é não nos vermos durante algum tempo.

Assenti com a cabeça. A seguir tirei um rebuçado de limão do bolso e meti-o na boca. May Kasahara olhou à sua volta e acendeu um cigarro.

– Diz-me uma coisa, senhor Pássaro de Corda, tem alguma graça, isso de ir para a cama com uma série de mulheres diferentes?

– Isso não é para aqui chamado.

– Pois sim, abelha. Já ouvi essa antes.

– É isso – retorqui eu, sem saber que mais dizer.

– Tudo bem, esquece. Não sei se sabe, mas foi por tua causa, senhor Pássaro de Corda, que tomei a decisão de voltar para a escola. A sério.

– E porquê?

– Olha, por que será? – replicou May Kasahara, franzindo o canto dos olhos e fixando-me. – Talvez me esteja a apetecer regressar a um mundo mais normal. Agora a sério, senhor Pássaro de Corda, tem sido muito divertido conviver contigo. Juro. Quer dizer, para um tipo do mais normal que existe, fazes cada coisa mais fora do normal! Além do mais, é tão – como é que hei-de dizer – imprevisível! Não se pode dizer que andar contigo tenha sido propriamente uma chatice. Nem tu imaginas, o bem que isso me tem feito. Pelo facto de não me morrer de tédio, não tenho sido obrigada a pensar numa data de coisas estúpidas. Certo? Por isso, pela parte que me toca, ainda bem que tu existes. Ainda que, verdade seja dita, também me ponhas nervosa.

– Nervosa como?

– Olha, como é que te hei-de explicar? Às vezes, quando me ponho a olhar para ti, fico com a sensação de que se calhar estás a lutar corajosamente contra qualquer coisa por minha causa. Bem sei que pode parecer esquisito, mas, quando isso acontece, sinto que estou do teu lado, a esforçar-me contigo. Estás a ver? Tens sempre esse aspecto todo calmo e porreiro, como se as coisas passassem todas ao teu lado, mas, no fundo, não é bem assim. À tua maneira, andas por aí a travar as tuas batalhas e vais à luta, mesmo que, só de olhar para ti, assim de fora, as pessoas possam não dar por nada. Se assim não fosse, nunca terias ido meter-te no fundo do poço, certo? Obviamente que não estás a lutar por mim. Andas para aí com passinhos de lã, a tentar medir forças com seja-lá-o-que-for, e só o fazes para ver se encontras o rasto de Kumiko. Por isso não me serve de nada andar para aqui toda derretida por tua causa. E, mesmo sabendo tudo isso, não deixo nem por um momento de ter a sensação de que estás a lutar por mim, senhor Pássaro de Corda. E que estás a lutar por uma quantidade de outras pessoas, ao mesmo tempo que estás a lutar por Kumiko. Se queres que te diga, deve ser por isso que às vezes fazes figura de perfeito parvo. Se queres que te diga, é esta a minha opinião, senhor Pássaro de Corda. Quando me ponho a olhar para ti, fico com os nervos à flor da pele e acabo sempre por me sentir completamente esgotada. Quero dizer, a impressão que dá é a de que não tens hipótese de ganhar. A apostar, apostava em como tu perdias sempre. Desculpa a franqueza, mas é assim mesmo. Gosto imenso de ti, mas não quero ir à falência.

– Compreendo-te perfeitamente.

– Não quero ficar por aqui a ver-te perder o pé, e também não estou na disposição de suar mais por tua causa. Por isso, decidi que estava na hora de regressar a um mundo um bocadinho mais normal. No entanto, caso não te tivesse conhecido – aqui mesmo, à frente desta casa abandonada –, não me parece que as coisas tivessem evoluído desta maneira. Nem nunca me teria passado pela cabeça voltar para a escola. O mais certo era ainda andar a vaguear por um mundo-não-tão-normal-quanto-isso. Por isso, como vês, aconteceu tudo por tua causa, senhor Pássaro de Corda. Afinal de contas, sempre serves para alguma coisa.

Assenti com a cabeça. Era a primeira vez em muito tempo que alguém dizia alguma coisa agradável a meu respeito.

– Vem aqui para ao pé de mim, senhor Pássaro de Corda – disse May Kasahara.

Levantei-me da minha cadeira e aproximei-me dela.

– Senta-te aqui, senhor Pássaro de Corda.

Fiz o que ela dizia e sentei-me ao seu lado.

– Mostra-me a tua cara, senhor Pássaro de Corda.

Olhou para mim de frente com firmeza. Depois, pondo uma mão no meu joelho, pousou a outra sobre a marca que eu tinha na cara.

– Pobre senhor Pássaro de Corda – murmurou. – Sei de fonte certa que ainda terás de passar por muitas coisas. Sem hipótese de escolher, sem saber de onde elas vêm. À imagem e semelhança do que acontece com a chuva que cai sobre um campo. E agora fecha os olhos, senhor Pássaro de Corda. Fecha-os bem, como se estivessem pegados com cola.

Cerrei os olhos com força.

May Kasahara tocou com os seus lábios na minha marca – uns lábios pequenos e finos, como uma imitação extremamente bem feita. A seguir estendeu a língua e lambeu lentamente toda a superfície da mancha. Manteve durante todo o tempo a outra mão sobre o meu joelho. O seu contacto, quente e húmido, chegava-me de um lugar distante, mais longe do que se tivesse atravessado todos os campos do mundo. Depois pegou na minha mão e colocou-a sobre a cicatriz no canto do olho. Acariciei aquela cicatriz com um centímetro. Ao fazê-lo, as ondas cerebrais emitidas pelo seu cérebro chegaram até mim através das pontas dos dedos – um pequeno estremecimento que mais parecia uma súplica. Lembro-me de ter pensado que talvez tivesse chegado a hora de alguém apertar aquela rapariguinha nos braços. Outra pessoa que não eu. Alguém que estivesse em condições de lhe oferecer aquilo de que ela tinha necessidade.

– Adeus, senhor Pássaro de Corda. Se fores até Creta, não te esqueças, escreve-me. Gosto de receber cartas muito grandes, que nunca mais acabam. Mas nunca ninguém me escreve.

– Prometo que escrevo.

A coisa mais simples do mundo

Uma vingança requintada

O que havia dentro do estojo de uma guitarra

No dia seguinte telefonei ao meu tio e disse-lhe que era provável que estivesse ausente durante algumas semanas. Pedi-lhe desculpa por avisar tão em cima da hora mas, e passei então a explicar, Kumiko tinha saído de casa sem dizer água vai. Não fazia sentido continuar a esconder esse facto. Contei-lhe que ela me tinha escrito uma carta a dizer que nunca mais voltaria, e que eu estava a pensar afastar-me dali uns tempos (ainda não sabia quando). Quando acabei de o pôr sumariamente ao corrente da situação, o meu tio ficou em silêncio alguns instantes do outro lado do fio, como se estivesse a pensar. «E eu que sempre pensei que vocês os dois se davam tão bem», disse ele, após um breve suspiro. «Para ser franco, também eu», confessei honestamente. O meu tio pareceu meditar nas minhas palavras. Depois perguntou: «Posso passar aí por casa um dia destes? Gostaria de analisar a situação com os meus próprios olhos. Além disso, há muito que não vou para essas bandas.»

O meu tio apareceu lá por casa duas noites mais tarde. Olhou para a mancha que eu tinha na cara mas não fez comentários. O mais certo era não saber o que dizer. Limitou-se a franzir os olhos, ligeiramente intrigado. Tinha trazido uma garrafa de bom uísque escocês e um sortido de *kamaboko*³⁵ que comprara em Odawara. Sentámo-nos na varanda a petiscar e a beber.

– Que bem que me sabe estar aqui sentado nesta varanda – exclamou o meu tio, acenando várias vezes com a cabeça. – No condomínio onde eu moro, escusado dizer, não há nada parecido, e às vezes sinto a falta disto. Não há nada como uma varanda para uma pessoa ficar nas nuvens.

Deixámo-nos estar ali sentados durante um bom bocado a contemplar a Lua que flutuava no céu. Uma lua branca, que se recortava em toda a nitidez do quarto crescente e parecia acabada de cinzelar. Como uma lua daquelas podia estar assim, suspensa no céu, constituía aos meus olhos quase um milagre.

– A propósito, como é que te apareceu essa mancha? – perguntou o meu tio como quem não queria a coisa.

– A bem dizer, não sei – respondi, e bebi um gole de uísque. – Quando dei por isso, já a tinha. Foi o quê?, há coisa de uma semana. Gostaria muito de apresentar uma explicação melhor, mas infelizmente não te sei dizer mais nada.

– Foste ao médico?

Neguei com um movimento de cabeça.

– Apareceu-me depois de ela se ter ido embora. Foi uma coisa a seguir à outra. Agora, daí a dizer que existe uma relação de causa e efeito... Não faço ideia.

– Nunca ouvi falar de ninguém a quem lhe tivesse aparecido na cara uma mancha de nascimento da noite para o dia.

– Eu também não – referi.

O meu tio cruzou os braços e levantou os olhos para o céu. Não se viam tantas estrelas como de costume. Apenas a lua de três dias, nitidamente recortada.

– Há muito tempo que não conversávamos os dois assim, com calma. Pensava que te desenvencilhavas bem sem mim, que entre ti e Kumiko corria tudo às mil maravilhas. Além disso, nunca gostei de me intrometer nos assuntos das outras pessoas.

Disse-lhe que não tinha dúvidas em relação a isso.

O meu tio fez tilintar o gelo no copo, bebeu um trago de uísque e pousou o copo no chão.

– Que diabo está a acontecer ultimamente contigo? Não entendo. Desculpa meter o nariz onde não sou chamado, mas há uma coisa que tenho de te dizer: devias reflectir muito, mas mesmo muito a sério no que é o mais importante para ti.

Concordei com a cabeça.

– Isso tenho eu feito. Mas a verdade é que as coisas estão demasiado confusas, demasiado emaranhadas umas nas outras, e eu não sou capaz de as desenrolar e de as separar uma a uma. Não sei por onde começar.

O meu tio sorriu.

– Há uma maneira para isso. A maioria das pessoas toma as decisões erradas precisamente porque não conhece o truque. E depois, quando mete o pé na argola, anda por aí a chorar pelos cantos, a queixar-se e a atirar as culpas para cima dos outros. Vi isso acontecer muitas vezes, demasiadas vezes, e olha que não é propriamente um espectáculo bonito. Talvez me arrisque a passar por convencido, mas o truque consiste em começar pelas coisas pouco importantes. Ou seja, numa escala de A a Z, não começar nunca pelo A, mas sempre pelo X, Y ou Z. Dizes tu que o assunto está demasiado emaranhado e que se te escapa das mãos. Não será porque estás a querer resolvê-lo a partir de cima? Quando tens de tomar uma decisão importante, o melhor que tens a fazer é dar prioridade aos pormenores insignificantes. Começar pelas coisas verdadeiramente estúpidas, que saltam aos olhos e qualquer um pode entender. E investir nelas muito tempo. Os meus negócios não são nada do outro mundo, como tu bem sabes. Quatro ou cinco locais de pouca monta, espalhados pela zona de Ginza. Agora, falando em termos de êxito ou fracasso, o certo é que não fui à falência uma única vez. E se assim aconteceu, foi porque permaneci sempre fiel a esse estratagema.

«Vou explicar-te aquilo que eu costumo fazer, no meu caso. Por exemplo, se um lugar me parece bom, ponho-me ali durante três ou quatro horas por dia, sem tirar os olhos do rosto das pessoas que passam na rua. Não é preciso pensar em nada, nem fazer cálculos de espécie alguma. Basta observar as pessoas que por ali andam, ver bem a expressão delas. Isto durante uma semana, no mínimo. Ao fim desse tempo, devo ter visto para aí a cara de três ou quatro mil pessoas. Também pode levar mais tempo, mas, um belo dia, comesas a ver claro. Como se a névoa se tivesse dissipado de um momento para o outro. Fico a saber que tipo de lugar é aquele. Que tipo de abordagem requer. E, caso as exigências do lugar sejam diferentes das minhas, deixo andar. Procuro outro sítio e repito o processo todo. E quando finalmente uma pessoa se dá conta de que as exigências do lugar estão em consonância com as suas, isso significa que foi bafejada pela sorte. E a sorte, há que amarrá-la bem para não a deixar escapar.

– Então não era só o toque mágico?

– Ah, isso também – reafirmou o meu tio, sorrindo. – Mas não basta. Na minha opinião, o que deverias fazer era começar a reflectir sobre tudo isso, partindo da coisa mais simples. Como, só para te dar um exemplo, escolheres um ângulo de uma esquina, assentares arraiais e ires observando, dia após dia, as pessoas que por lá passam. Sem tomar decisões precipitadas. Por mais que te custe, deves permanecer imóvel, dar tempo ao tempo. Investir muito tempo numa coisa pode ser a mais requintada forma de vingança.

– Vingança? – exclamei surpreendido. – Vingança contra quem?

– Também tu lá chegarás – replicou o meu tio, com um sorriso.

Ao todo, estivemos sentados na varanda mais de uma hora, a beber. Depois o meu tio levantou-se, disse que já ali estava há uma eternidade e foi-se embora. Uma vez sozinho, encostei-me à coluna e deixei-me ficar ali a contemplar distraidamente a Lua. Durante algum tempo, respirei a plenos pulmões a atmosfera de realismo ou lá o que era que o meu tio deixara atrás de si. Graças a ela, e pela primeira vez em muitas semanas, senti-me reconfortado. À medida que as horas passavam, contudo, esse clima foi-se dissipando, e vi-me de novo envolto por um véu de tristeza. No fim de contas, o meu tio e eu estávamos cada um no seu mundo, ele no dele e eu no meu.

O meu tio tinha-me dito que devia começar por pensar nos pormenores mais simples. Mas como distinguir o simples do complexo? Impossível. Então, na manhã seguinte, deixei passar a hora de ponta e apanhei o comboio para Shinjuku. Decidi postar-me ali, a observar literalmente a cara das pessoas. Não sabia se isso serviria para alguma coisa, mas sempre era melhor do que não fazer a ponta de um corno, disse com os meus botões. Se o facto de olhar para a cara das pessoas era um exemplo de uma coisa simples, não custava nada fazer a experiência. Se tudo corresse bem, talvez ficasse com uma ideia do que poderiam ser, no meu caso, as ditas «coisas simples».

No primeiro dia, passei duas horas sentado na beira de um pequeno muro de tijolo com um pequeno canteiro, à saída da estação de Shinjuku, e durante aquelas duas horas inteirinhas entretive-me a observar o semblante das pessoas que passavam por mim. Mas os transeuntes eram mais que muitos, e o seu passo demasiado apressado. Era difícil ver-lhes a cara. Para piorar a situação, apareceu-me à frente um sem-abrigo que, vendo-me ali sentado, aproveitou para se pôr a arengar não sei a propósito de quê. Um polícia passou repetidas vezes diante de mim, lançando-me olhares suspeitos. Desisti daquele posto e decidi ir em busca de outro mais adequado.

Atravessei a passagem subterrânea e fui ter à saída oeste da estação. Depois de andar por ali às voltas, descobri uma pequena praça frente a um arranha-céus de vidro. Havia uma pequena escultura e um banco decente onde podia sentar-me a contemplar quem passava. Infelizmente, por ali não passava tanta gente como à frente da estação, nem se via nenhum vagabundo com uma garrafinha de uísque a espreitar do bolso do casaco. À hora do almoço abasteci-me de café e *donuts* no Dunkin' Donuts e passei o resto do dia inteiro ali sentado. Regressei a casa ao fim da tarde, antes da hora de ponta.

No primeiro dia, o meu olhar foi automaticamente atraído pelos homens com pouco cabelo, sem dúvida uma reminiscência do inquérito feito com May Kasahara para o fabricante de perucas. Sem dar por isso, os meus olhos eram atraídos pelos calvos, e dava por mim a classificá-los como A, B ou C. Cheguei mesmo a pensar que o melhor seria telefonar a May Kasahara e propor-lhe que voltássemos a trabalhar juntos.

No entanto, com o andar da carruagem, fui-me acostumando a olhar para as pessoas sem pensar em

nada. Na sua maioria, tratava-se de empregados de escritórios que passavam a vida a entrar e a sair do arranha-céus. Os homens usavam camisas brancas e gravata e transportavam pastas, as mulheres calçavam quase todas sapatos de salto alto. Também se viam donos e clientes de restaurantes e lojas, famílias inteiras em peregrinação ao último andar com vista panorâmica. Outros havia que se limitavam a deslocar-se de um ponto para outro, em todas as direcções. Mas, regra geral, a maioria não andava demasiado depressa. Deixei-me ficar ali a observá-los a todos, sem nenhum propósito definido. Volta e meia deparava-me com alguém que, por uma razão ou outra, chamava a minha atenção, e tratava então de me concentrar nessa pessoa, seguindo-a com o olhar até desaparecer do meu ângulo de visão.

Continuei nisto durante uma semana. Apanhava o comboio para Shinjuku às dez, quando toda a gente já tinha saído para os seus empregos, sentava-me no banco e ali permanecia imóvel até que fossem quatro da tarde, sempre a fixar os rostos. Às tantas, com a prática, percebi que seguindo com os olhos o rosto das pessoas que passavam à minha frente, uma atrás de outra, a minha cabeça ia-se esvaziando, como se tivesse sacado a rolha de uma garrafa. Não dizia nada a ninguém e ninguém me dizia nada a mim. Não sentia nada e não pensava em nada. À vezes tinha a impressão de fazer parte do banco de pedra.

Apenas uma única pessoa me dirigiu a palavra – uma mulher magra, de meia-idade, muito bem vestida. Trazia um vestido justo ao corpo de um rosa-vivo, óculos de sol com armação escura de tartaruga, chapéu branco e mala de mão a condizer. Tinha umas pernas bonitas e calçava umas imaculadas sandálias brancas de pele, que deviam ter custado os olhos da cara. Estava bastante maquilhada, mas sem exageros. Veio ter comigo e perguntou-me se eu tinha algum problema. Respondi-lhe que não tinha nenhum em especial. Disse-me que costumava ver-me ali todos os dias e quis saber o que estava eu a fazer. A olhar para as pessoas, respondi. Perguntou-me se o fazia com algum propósito específico. Respondi que não.

Tirou de dentro da mala um maço de *Virginia Slims* e acendeu um cigarro com um pequeno isqueiro de ouro. Ofereceu-me um. Recusei com um aceno de cabeça. A seguir tirou os óculos escuros e, sem dizer palavra, ficou ali a olhar fixamente para mim. Melhor dizendo, a olhar fixamente para a mancha. Eu, pela minha parte, olhei-a nos olhos, mas não consegui detectar o menor indício de emoção. Eram duas pupilas negras que desempenhavam correctamente a sua função. Tinha um nariz pequeno e afilado. Os lábios eram finos e via-se que o batom de cor tinha sido aplicado com todo o cuidado. Tornava-se difícil adivinhar a idade, mas devia ter os seus quarenta e cinco, quarenta e seis anos. À primeira vista, parecia mais jovem, mas as linhas em torno da sua boca davam uma certa impressão de cansaço.

– Tem dinheiro? – perguntou-me.

– Dinheiro? – repeti, apanhado de surpresa. – O que é que quer dizer com isso?

– Só lhe estou a perguntar se tem dinheiro, mais nada. Se tem problemas de dinheiro?

– Não. De momento não tenho problemas de dinheiro.

Sempre a olhar para mim com grande atenção, ela curvou ligeiramente o ângulo da boca, com ar de quem estava a medir as minhas palavras. Em seguida voltou a pôr os óculos escuros, atirou o cigarro para o chão, levantou-se com elegância e desapareceu. Estupefacto, vi-a perder-se no meio da multidão. Apesar do seu aspecto distinto, passou-me pela cabeça que tivesse qualquer coisa de louca. Pisei com a sola do sapato o cigarro que ela havia atirado ao chão e percorri lentamente com o olhar o espaço em redor. Estava rodeado pelo mesmo mundo real de sempre. Pessoas que se

deslocavam de um lado para o outro, cada uma com o seu próprio objectivo. Nem eu as conhecia a elas nem elas me conheciam a mim. Respirei fundo e entreguei-me de novo à tarefa que consistia em contemplar o rosto das pessoas sem pensar em rigorosamente nada.

Permaneci ali sentado onze dias a fio. Bebia café, alimentava-me de *donuts* e assistia ao desfile de milhares de pessoas. Mais nada. Tirando a curta e absurda conversa com aquela mulher elegante de meia-idade, durante aqueles onze dias nunca mais ninguém me dirigiu a palavra. Não fiz nada de especial e não aconteceu nada de especial. Passados onze dias, que constituíam por assim dizer um vazio na minha vida, continuava sem chegar a parte alguma. Continuava perdido naquele intrincado labirinto, incapaz de desatar o nó mais simples.

Foi então que, na tarde do décimo primeiro dia, aconteceu uma coisa muito estranha. Era domingo e tinha-me deixado ficar até mais tarde do que era habitual. Aos domingos, o tipo de pessoas que andam por Shinjuku é diferente e, além disso, a hora de ponta é coisa que não existe. De repente, reparei num jovem que levava um estojo de guitarra preto. Não era nem alto nem baixo. Usava óculos com armação de plástico de cor preta, o cabelo dava-lhe pelos ombros, vestia calças e camisa de ganga e calçava uns ténis brancos nas últimas. Passou por mim com uma expressão absorta e seguiu sempre a direito. Ao vê-lo, fez-se luz na minha mente. Senti o coração desatar a bater desalmadamente. *Conhecia aquele homem*. Já o tinha visto em qualquer parte. Demorei alguns segundos a lembrar-me – era aquele tipo que encontrara uma noite, em Sapporo, a cantar num bar. Era ele, sem sombra de dúvida.

Levantei-me imediatamente do banco e fui atrás dele. Andava devagar, por isso não me foi difícil segui-lo. Ajustei a minha passada à sua, ficando sempre a uma dezena de metros dele. Considerei a hipótese de entabular conversa com ele. «Há três anos costumava cantar em Sapporo, não era? Lembro-me de o ter ouvido actuar», diria eu. «Ah, sim? Muito obrigado», diria ele. Que mais poderia acrescentar? «A verdade é que, naquela noite, a minha mulher acabava de fazer um aborto. Pouco depois saiu de casa. Andava metida com outro homem.» Será que poderia dizer aquilo? Resolvi deixar que as coisas seguissem o seu curso e continuei sempre no seu encalço. Podia ser que tivesse uma boa ideia enquanto caminhava.

O homem ia na direcção oposta da estação. Calcorreou a zona dos arranha-céus, atravessou a avenida Ome e dirigiu-se para o Parque Yoyogi. Parecia profundamente mergulhado nos seus pensamentos. Devia estar acostumado a fazer aquele caminho, visto que nunca olhava à sua volta nem dava mostras de hesitação. Caminhava sempre a olhar em frente, no seu passo regular. Enquanto seguia no seu encalço, veio-me à memória o dia em que Kumiko havia abortado. Sapporo, princípios de Março. O solo duro e gelado, os flocos de neve que de quando em quando caíam. Fui transportado àquelas ruas e os meus pulmões encheram-se de ar glacial. Vi aparecer diante dos meus olhos a respiração branca que saía da boca dos transeuntes.

Talvez tenha sido a partir daí que tudo começou a mudar. Sim, era isso mesmo. A partir daquele momento a corrente à minha volta tinha definitivamente começado a seguir numa direcção diferente. Agora que penso nisso, o aborto tinha tido consequências muito graves para os dois. O que acontece é que antes eu não tinha sabido dar o devido valor a isso. Ficara siderado pelo *acto* do aborto em si mesmo, ao passo que a coisa verdadeiramente importante se calhar era outra.

«*Não é que esteja arrependida* – dissera ela. – *Não havia outra solução, era o melhor a fazer, tanto no meu caso como no teu. Mas há mais qualquer coisa que desconheces, qualquer coisa que ainda não sou capaz de traduzir em palavras. Não é que queira fazer segredo disso. Só não sei*

ainda se é uma coisa real ou não. Por isso ainda não sou capaz de falar sobre o assunto.»

Na altura, ela não tinha a certeza de que *aquilo* fosse real. E, sem dúvida, aquilo estava mais relacionado com a gravidez do que com o aborto. Talvez tivesse que ver com o feto que trazia na barriga. Que diabo poderia ser, para confundir Kumiko de tal maneira? Tivera relações com outro homem e negava-se a ter a criança? Não, impossível. Ela mesmo tinha negado essa hipótese, jurando que a criança era minha. Mesmo assim, ficara *qualquer coisa* por dizer, *qualquer coisa* intimamente ligada à sua decisão de me deixar. Tinha sido por aí que tudo começara.

Fosse qual fosse o segredo que ali se escondia, não conseguia imaginar. Fora abandonado e deixado sozinho, no meio das trevas. A única coisa que sabia era que, enquanto não descobrisse aquele segredo, Kumiko não voltaria para mim. Comecei a sentir uma raiva surda. Uma raiva contra aquela *coisa* aos meus olhos invisível. Endireitei as costas, respirei fundo e procurei acalmar o bater do meu coração. Mas aquela raiva infiltrou-se, silenciosa como água, por todas as partes do meu corpo. Uma ira impregnada de tristeza. Que não podia descarregar em nada. Que não tinha maneira de afogar.

O homem continuava sempre no mesmo andamento. Atravessou as vias da linha Odakyu, passou sucessivamente por uma zona comercial, por um santuário xintoísta, atravessando um emaranhado de ruas. Eu seguia-o, regulando a distância consoante os lugares de maneira a manter-me na sombra. E era óbvio que ele não tinha dado pela minha presença. Nem uma única vez se virou para trás. Pensei para comigo que aquele homem tinha qualquer coisa que o tornava diferente das outras pessoas. Só podia. Não só não se virou uma única vez para trás como nunca olhou para lado nenhum. Em que iria a pensar, tão concentrado? Ou seria que não estava a pensar em nada?

Pouco depois o homem afastou-se da zona com mais trânsito e meteu por uma série de ruelas solitárias com casas de madeira de dois andares de um lado e do outro. As ruas eram estreitas, sinuosas e, de ambos os lados, casas a cair de velhas encostavam-se umas às outras. Estranhamente, não se via ninguém na rua. Talvez pelo facto de mais de metade das casas estarem abandonadas. Nas ruas desertas não havia uma placa para amostra mas, em contrapartida, meia dúzia de cartazes espalhados davam conta de um programa de reconstrução. Aqui e ali, como buracos deixados por dentes arrancados, viam-se espaços vazios invadidos pelas ervas de Verão e cercados por vedações metálicas. Provavelmente, num futuro próximo, havia planos para deitar abaixo todas as casas da zona e construir edifícios novos. Defronte de uma casa ainda habitada amontoavam-se ao deus-dará vasos com campainhas e outras plantas da família. Estava um triciclo caído de lado e, na janela do primeiro andar, havia uma toalha e roupa de criança a secar lá fora, ao sol. Uns quantos gatos, esparramados junto à porta, olhavam para mim com indolência. Apesar de ainda haver luz suficiente àquela hora da tarde, não se via viva alma. A geografia daquele lugar intrigava-me. Não sabia dizer onde ficava o Norte e onde ficava o Sul. Palpitava-me que me encontrava num triângulo em cujos vértices ficariam as estações de Yoyogi, Sendagaya e Harajuku. Mas não tinha bem a certeza.

Em todo o caso, tratava-se de um reduto abandonado em plena cidade. Talvez por ter umas ruas tão estreitinhas que mal deixavam passar os carros, aquele bairro havia escapado às garras dos promotores imobiliários. Ao percorrê-lo, senti-me como se tivesse voltado atrás no tempo para aí uns vinte ou trinta anos. De súbito dei-me conta de que o ruído incessante dos carros, ensurdecador até há pouco, desaparecera, como que absorvido por qualquer coisa, e deixara de se fazer ouvir. Sempre com o estojo da guitarra na mão, o homem percorria aquele labirinto de ruas e ruelas. Deteve-se diante de um edifício de madeira. Abriu a porta, entrou, fechou-a atrás de si. Não me

pareceu que tivesse fechado a porta à chave.

Também eu me deixei ficar ali por alguns momentos. Os ponteiros do relógio marcavam as seis e vinte. Encostado à vedação metálica que delimitava o descampado em frente, estudei o aspecto da casa. Era um edifício de dois andares de madeira, igual a tantos outros. Via-se por causa da entrada e pela disposição dos quartos. Em estudante tinha vivido durante uns tempos num sítio parecido. Um apartamento destinado a estudantes e pessoas que trabalhavam e viviam sozinhas, com um espaço reservado aos sapatos na entrada³⁶, uma casa de banho comum e uma pequena cozinha. Este, porém, dava a impressão de não estar habitado. Não se ouvia nenhum ruído, não se notava movimento algum. A placa por cima da porta de fórmica já tinha ido à vida. Parecia ter sido arrancada pouco antes, na medida em que ainda se via uma marca comprida e estreita no sítio onde deveria ter estado. Todas as janelas da divisão estavam completamente fechadas, e as cortinas lá dentro todas corridas.

O mais provável era haver planos para demolir aquela casa, juntamente com as outras do quarteirão, e já não viver ali ninguém. Mas, a ser verdade, o que andaria ali a fazer o homem com o estojo da guitarra? Esperei para ver se abria alguma janela depois de ter entrado, mas não se registou qualquer movimento.

Não podia ficar eternamente a matar tempo numa ruela deserta. Dirigi-me à entrada e abri a porta. Tal como imaginava, não estava fechada à chave e cedeu com facilidade. Permaneci na ombreira da porta e espreitei lá para dentro, mas, como estava escuro, à primeira vista pouco ou nada consegui distinguir. As janelas estavam fechadas

e o ar era quente, sufocante. Cheirava a mofo, como no fundo do poço. Fazia tanto calor que, por baixo das axilas, a minha camisola estava alagada em suor. Um fio de transpiração escorria-me por trás da orelha. Aventurei-me a entrar e fechei a porta sem fazer barulho. A minha ideia era verificar as placas com os nomes (se é que as havia) nas caixas do correio ou no espaço à entrada destinado a deixar os sapatos, a fim de tirar a limpo se vivia alguém naquela casa. Porém, antes que o pudesse fazer, apercebi-me de uma presença. Estava alguém a observar-me em silêncio.

À direita da porta, por detrás de uma sapateira alta, estava alguém ou alguma coisa, e esse *alguém* procurava esconder-se. Sustive a respiração e procurei habituar o olhar àquela penumbra abafada. Era o jovem com o estojo da guitarra que eu tinha seguido. Era óbvio que tratara de se esconder atrás do armário dos sapatos mal entrara. Tinha o coração a martelar com força na garganta. Que estaria ele ali a fazer? À minha espera?

– Bom dia – atrevi-me a dizer –, será que me pode...

De repente, bateu-me qualquer coisa no ombro. Com uma violência indescritível. Não percebi logo que diabo estava a acontecer. A única coisa que sentia era uma dor tão grande que me deixou quase cego. Fiquei ali pregado ao chão, sem saber de que terra era. No minuto seguinte, compreendi tudo. Um taco de basebol. O homem tinha saltado por detrás da sapateira com a agilidade de um macaco e golpeara-me com todas as suas forças no ombro com um taco de basebol. Apanhado de surpresa, vi-o erguer de novo o braço preparando-se para descarregar de novo o taco sobre a minha pessoa. Ainda tentei esquivar-me mas era demasiado tarde. Desta vez, apanhou-me em cheio no braço esquerdo. Durante alguns segundos perdi a sensibilidade. Não sentia dor, não sentia nada. Era como se o braço se tivesse desintegrado no espaço.

No minuto seguinte, reagi e, mais por reflexo do que por qualquer outra coisa, dei-lhe um chuto. Nos tempos em que andava no colégio, um amigo meu perito em artes marciais tinha-me iniciado, ainda que sumariamente, na técnica do caraté. Não havia dia que não me obrigasse a praticar os

pontapés. Nada de especial – simples exercícios que consistiam em dar pontapés cada vez mais fortes, mais altos e o mais directos possível. «Em caso de força maior», dizia esse meu amigo, «vais ver que isto é o que te vai safar.» E tinha toda a razão. Preocupado apenas em brandir o seu taco, ao homem nem sequer passara pela cabeça a hipótese de apanhar com um pontapé em cima. Pela minha parte, frenético como estava, nem sequer sabia onde o atingira, e o pontapé também não fora assim tão violento, mas o que é certo é que, com o choque, o homem perdeu o equilíbrio. Deixou de agitar o taco e ficou ali a olhar para mim, abananado, como se o tempo tivesse parado. Aproveitando a sua surpresa, desferi-lhe um segundo pontapé, certo e brutal, no baixo-ventre. O homem dobrou-se de dor e foi então que eu lhe arrebatei o taco da mão. A seguir, dei-lhe novo pontapé, desta vez nas costas. Como ele tentou agarrar-me a perna, levou com outro pontapé em cheio nos rins. Depois, dei-lhe com o taco na coxa. O homem soltou um grito lancinante de dor e caiu por terra.

A princípio, bati-lhe e pontapeei-o por reflexo, impelido pelo puro medo, como reflexo de defesa. Atirei-me a ele e desanquei-o na tentativa de impedir que fosse ele a dar-me forte e feio. Mas assim que ele ficou deitado no chão, o medo converteu-se em pura raiva. Aquela ira surda que, pouco antes, ao pensar em Kumiko durante o passeio, tomara conta de mim, permanecia intacta. E agora, liberta, ardia incontavelmente como uma chama, enchendo-me de intenso ódio. Tornei a desferir-lhe um golpe na coxa. O homem deixava escorrer a baba pelo canto da boca. Comecei a sentir uma dor aguda no ombro e no braço esquerdos, onde ele me atingira com o taco. A dor serviu apenas para avivar ainda mais a minha fúria. O homem tinha a cara desfigurada pela dor, mas nem assim deixou de tentar erguer-se. Como não tinha força no meu braço esquerdo, liberei-me do taco e, atirando-me para cima dele, com a direita comecei a dar-lhe murros na cara com toda a minha força. Bati-lhe uma vez e outra e outra, até a mão direita começar a ficar dormente e a doer. Só sabia que queria continuar a bater-lhe até ele perder o conhecimento. Agarrei-o pela gola da camisa e bati-lhe com a cabeça contra o soalho de madeira. Era a primeira vez na vida que me pegava à pancada. Nunca tinha batido assim em ninguém. Não sei porquê, mas não conseguia parar, era superior às minhas forças. «Tens que parar», dizia-me a minha consciência. «Já chega. Estás a passar das marcas. Olha que o tipo daí já não se consegue levantar.» Mas não conseguia. Percebi que a minha pessoa estava dividida em duas. *Uma parte* de mim era incapaz de parar a *outra parte*. Fui percorrido por um violento calafrio.

Foi então que me dei conta de que o homem estava a sorrir. Apesar de eu continuar a bater-lhe, olhava para mim e sorria. E quanto mais porrada lhe dava, mais rasgado era o seu sorriso. Por fim, a escorrer sangue do nariz e do lábio, a sufocar no seu próprio cuspo, soltou uma risada estridente. «Deve estar louco», lembro-me de ter pensado. Deixei de lhe bater e pus-me de pé.

Olhei à minha volta e vi o estojo negro da guitarra encostado ao armário dos sapatos. Deixei o homem a rir, aproximei-me do estojo, pu-lo no chão, abri os fechos e levantei a tampa. Não havia nada lá dentro. Estava vazio – nem guitarra, nem velas. O homem não tirava os olhos de mim, sempre a rir ao mesmo tempo que tossia. Fiquei sem ar. De repente, a atmosfera sufocantemente quente no interior do edifício tornou-se insuportável. O cheiro a mofo, o contacto com o meu próprio suor, o odor a sangue e a saliva, a raiva, o ódio, tudo me pareceu insuportável.

Abri a porta e saí. Fechei a porta. Tal como antes, nem uma alma à vista. Só um enorme gato castanho, que atravessou vagorosamente o descampado sem se dignar sequer a olhar para mim.

Queria abandonar aquele lugar antes que alguém me visse. Não sabia bem que direcção tomar, mas enquanto vagueava sem rumo certo, dei com a paragem de um autocarro com destino à estação de

Shinjuku. Esforcei-me por regularizar a respiração e ordenar as ideias antes da chegada do autocarro, mas nem uma coisa nem outra. Continuei ofegante e confuso. «Só queria observar a cara das pessoas», repetia uma vez e outra. «Só queria observar a cara das pessoas que passavam na rua, tal como o meu tio fizera, mais nada.» Quando subi para o autocarro, os outros passageiros viraram-se e puseram-se a olhar para mim. Lançaram-me olhares que tinham tanto de espanto como de choque, e depois desviaram a vista, nitidamente incomodados. Calculei que fosse por causa da marca na minha cara. Demorei um bocado a perceber que era por causa das manchas de sangue do homem na minha camisa branca (quase todo proveniente do nariz) e do taco de baseball que levava na mão. Inconscientemente, ainda não o havia largado.

Acabei por levá-lo comigo para casa, e atirei com ele para dentro de um armário.

Nessa noite não consegui pregar olho até de manhãzinha. Com o passar das horas, as zonas do ombro e do braço onde o homem me atingira incharam e começaram a doer-me. No pulso da mão direita continuava a sentir a sensação de estar a socar repetidamente o homem. Dei por mim com o punho cerrado com força, pronto a recomeçar a luta em posição de combate. Por mais que tentasse abri-lo, a mão não me obedecia. Dormir estava fora de questão. Sabia que, caso adormecesse naquele estado, teria pesadelos horríveis. Para me acalmar, fui sentar-me à mesa da cozinha e bebi, sozinho, o resto do uísque que o meu tio deixara, enquanto ouvia uma musiquinha suave. Apetecia-me falar com alguém. Apetecia-me que alguém me dirigisse a palavra. Coloquei o telefone em cima da mesa e fiquei ali a olhar para ele horas a fio. Oxalá alguém me telefone, por favor! Seja quem for, não importa quem – até mesmo a misteriosa mulher do telefone. Tanto fazia. Só queria que alguém falasse comigo.

O telefone não tocou. Acabei com a meia garrafa de uísque e, assim que lá fora começou a clarear, enfiei-me na cama e adormeci. Por favor, não me faças sonhar, suplicava eu interiormente. Nem que seja por uma noite, deixa que o meu sono seja apenas um vazio.

Escusado será dizer que tive um sonho. Como não podia deixar de ser, um pesadelo horrível, em que entrava o homem do estojo da guitarra. No sonho executava os mesmos gestos que tinha feito na realidade. Eu seguia-o, abria a porta de frente da casa, ele batia-me com o taco de baseball, depois era a minha vez de lhe bater. E continuava sempre a bater-lhe. Depois, a partir daí, o sonho prosseguia de maneira diferente. Quando eu acabava de lhe bater e me levantava, ele, que continuava a babar-se e a rir-se sinistramente como acontecera na realidade, sacava de uma faca de bolso – uma navalha pequena e afiada. À luz do crepúsculo, a lâmina emitia reflexos de uma brancura rósea que fazia lembrar um osso liso. O homem, porém, não se serviu da faca para me atacar. Despojava-se das suas roupas e, uma vez completamente nu, começava a esfolar a sua própria pele como se se tratasse de uma maçã. Trabalhava rapidamente, sempre a rir-se às gargalhadas. O sangue jorrava de todo o seu corpo, formando no chão uma poça negra, de aspecto tenebroso. Com a mão direita, ele arrancava a pele do seu braço esquerdo e, em seguida, com a mão esquerda, toda ensanguentada e sem pele, repetia a operação no braço direito. Por fim, mais não era do que uma massa em carne viva, mas nem assim deixava de rir, deixando ver a cavidade negra que era a sua boca toda escancarada. No meio daquela massa de carne, só se distinguia os globos oculares: brancos e fora das órbitas, rolavam sem parar. Pouco depois, como que em resposta àquele gargalhar desusado e gritante, a pele esfolada começava a rastejar pelo chão, em direcção a mim. Eu tentava escapar, mas as pernas não me obedeciam. A pele sanguinolenta e viscosa do homem chegava até junto dos meus pés e começava a trepar pelo meu corpo, colando-se a pouco e pouco à minha pele, ao ponto de a

cobrir. O odor a sangue empestava o ar. A pele, como uma fina membrana, tapava-me as pernas, o corpo, a cara. Depois ficava tudo negro diante das minhas pálpebras, e nas trevas apenas a gargalhada oca do homem continuava a reverberar na cavernosa escuridão. E foi então que acordei.

Ao abrir os olhos, dei por mim terrivelmente confuso e assustado. Por momentos, nem sequer tive a certeza da minha própria existência. Tremiam-me os dedos das mãos. Mas, ao mesmo tempo, havia chegado a uma conclusão.

Não podia fugir. Não devia fugir. Nem para Creta, nem para o fim do mundo. Foi essa a conclusão a que cheguei. Tinha de recuperar Kumiko. Com as minhas próprias mãos, tinha de a trazer de volta a este mundo. Se o não fizesse, seria o meu fim.

35 Uma espécie de rolo de pasta de peixe cozido ao vapor com um rebordo avermelhado ou branco (cores associadas à sorte) e a consistência de uma salsicha; serve-se frio. (*N. da T.*)

36 Os japoneses têm por hábito tirar os sapatos no *genkan*, um espaço imediatamente posterior à porta de entrada, tanto em casas particulares como em edifícios públicos, considerado uma espécie de extensão do mundo exterior. (*N. da T.*)

Livro III

O Caçador de Pássaros

De Outubro de 1984 a Dezembro de 1985

O Inverno do pássaro de corda

De finais daquele estranho Verão até à chegada do Inverno, não ocorreu na minha vida nenhuma mudança significativa digna desse nome. Os dias começavam e acabavam sem história. Em Setembro fartou-se de chover. Em Novembro, houve dias de tanto calor que andava toda a gente a suar em bica. Fora o tempo, os dias eram todos iguais. Pela minha parte, ia quase sempre à piscina, nadava várias distâncias, dava os meus passeios, preparava três refeições diárias. Que é como quem diz, procurava empregar as minhas energias apenas em tarefas concretas e práticas.

Apesar disso, volta e meia assaltava-me um profundo sentimento de solidão. A água que bebia, o próprio ar que respirava, faziam-me sentir na pele longas agulhas de ponta afiada. As páginas dos livros que folheava ameaçavam-me com o seu brilho metálico, como o fio de uma navalha de barbear. Às quatro da madrugada, quando estava tudo em silêncio, podia ouvir crescer as raízes da minha solidão.

E, contudo, havia quem não me deixasse em paz. Refiro-me às pessoas da família de Kumiko. Passavam a vida a escrever-me cartas dizendo que Kumiko não podia continuar a viver comigo, manifestando o desejo de que eu lhe concedesse quanto antes o divórcio. Aos olhos delas, o problema ficaria então automaticamente resolvido. Nas primeiras cartas, destinadas a impressionar-me, mantiveram um tom formal. Quando viram que eu não lhes dava troco, passaram às ameaças e, finalmente, adoptaram um tom de súplica. Escusado dizer que vinham todas ao mesmo.

Mais tarde, entrou em cena o pai de Kumiko.

– Não estou a dizer que me oponha categoricamente ao divórcio – tratei de lhe explicar –, mas primeiro quero encontrar-me com Kumiko e conversar com ela a sós. Se ela me convencer, de acordo, dou-lhe o divórcio. Agora, se não puder falar com ela, nada feito.

Ao dizer aquilo, o meu olhar recaiu sobre a janela da cozinha. Observei o céu escuro e carregado de nuvens que se perdia na distância. Há quatro dias que não fazia senão chover. O mundo estava húmido e sombrio.

– Kumiko e eu só nos casámos depois de conversarmos muito acerca do assunto. Se chegou a hora de pormos fim ao nosso casamento, quero fazer as coisas da mesma maneira.

O pai de Kumiko e eu prosseguimos um diálogo de surdos que não levou a parte alguma. Não, para ser exacto, não se pode dizer que não chegasse a parte nenhuma. Chegou, isso sim, a um lugar onde nada dá fruto.

Ficaram algumas perguntas por responder. Queria realmente Kumiko divorciar-se de mim? Tinha pedido aos pais para serem eles a convencer-me? «Kumiko diz que não te quer ver mais à frente», afirmara o pai. Já antes o irmão, Noboru Wataya, me havia dito a mesmíssima coisa. No meio daquilo tudo, alguma ponta de verdade devia haver. Os pais de Kumiko tinham tendência para

interpretar tudo à maneira deles, mas, tanto quanto eu sabia, jamais inventariam uma coisa daquelas. Eram, a bem dizer, pessoas realistas, nem boas nem más. A ser verdade aquilo que o pai dela dizia, nesse caso Kumiko encontrava-se debaixo da sua «alçada».

Não dava para acreditar. Desde pequena, Kumiko pouco ou nenhum afecto sentira, quer pelos pais quer pelo irmão mais velho, e sempre fizera por nunca depender deles para nada. Era possível que Kumiko tivesse um amante e que, por essa razão, me tivesse deixado. Mesmo que me custasse a acreditar na explicação que avançara na carta, reconhecia que *existia* essa possibilidade. Agora, o que não me convencia de maneira alguma era que Kumiko se tivesse ido embora de nossa casa para ir a correr ter com eles – ou para um lugar arranjado por eles – e que se pusesse em contacto comigo por intermédio deles.

Quanto mais pensava naquilo, menos entendia. Uma das possibilidades que me passaram pela cabeça era que Kumiko tivesse caído numa depressão tal que já não soubesse de que terra era. Outra hipótese era que, por alguma razão, a tivessem internado à força num sítio qualquer. Durante uma série de dias não fiz mais nada senão ordenar e voltar a ordenar factos, palavras e recordações, até que desisti. Era fácil de ver que não ia longe, com as minhas deduções.

O Outono estava a chegar ao fim e o Inverno começava a aproximar-se com passinhos de lã. Como tinha por hábito fazer sempre naquela altura do ano, varri as folhas mortas no jardim, meti-as dentro de sacos de plástico e fui despejá-las no lixo. Encostei a escada ao telhado e recolhi as folhas alojadas na goteira. O minúsculo jardim da casa não tinha nenhuma árvore, mas as árvores vizinhas estendiam os seus ramos enormes e deixavam cair montes de folhas que o vento se encarregava de dispersar ao deus-dará. O trabalho não me desagradava, pelo contrário. Ficar ali a contemplar as folhas mortas que rodopiavam à luz do entardecer sempre era uma maneira de passar o tempo. No jardim da casa à direita havia uma grande árvore que dava uns frutos vermelhos, e de vez em quando apareciam por ali umas aves que chilreavam ao desafio. Eram tudo pássaros de cores berrantes que cortavam o ar com os seus gorjeios curtos e agudos.

Não sabia o que havia de fazer com a roupa de Verão da minha mulher. Considerei a hipótese de a tirar do armário e guardá-la, como ela dissera na carta. Mas depois lembrei-me do cuidado que Kumiko dedicara a cada um dos seus vestidos, todos eles escolhidos a dedo. E, vendo bem, nem sequer se podia dizer que tivesse falta de espaço. Deixá-los ficar por enquanto no guarda-fato, onde era o lugar deles, foi o que decidi.

No entanto, a verdade é que, cada vez que abria a porta do roupeiro, era confrontada com a ausência de Kumiko. Os vestidos ali pendurados não passavam de um conjunto de invólucros fatalmente vazios, testemunhos mudos deixados para trás por algo que em tempos existira. Recordava-me perfeitamente de Kumiko metida dentro daquela roupa e algumas daquelas peças estavam embebidas em recordações bem concretas. Volta e meia ia dar por mim sentado na beirinha da cama, mergulhado na contemplação daquela fileira de blusas, vestidos e saias. Não saberia dizer há quanto estava ali sentado. Tanto podiam ser dez minutos como uma hora.

Por vezes, só de olhar, punha-me a imaginar um homem que eu não conhecia a despir Kumiko. Na minha cabeça, via como as mãos dele lhe desabotoavam a blusa, a libertavam da roupa interior. Via como essas mãos lhe acariciavam o peito e afastavam as pernas. Podia ver os seus seios macios, as coxas brancas, e, sobre eles, umas mãos de homem. Não queria pensar naquelas coisas, mas era superior às minhas forças. O mais provável era terem acontecido *de facto*. Tinha de me habituar a conviver com imagens dessas. Não podia rejeitar a realidade só porque não me dava jeito.

De vez em quando, vinha-me à memória a noite em que tinha ido para a cama com Creta Kano, mas não passava de uma vaga lembrança. Tive-a nos meus braços e unimos os nossos corpos várias vezes: isso era um facto indiscutível. Contudo, à medida que as semanas passavam, o sentimento de certeza começou a desvanecer-se. Não conseguia evocar com nitidez a imagem do seu corpo ou as posições em que tínhamos feito amor. Vendo bem, a recordação do que fizera com ela antes disso, na minha cabeça – no plano imaginário –, eram nitidamente mais vívidas dos que a reminiscência do que acontecera de facto naquela noite. A imagem dela por cima de mim, a usar o vestido de Kumiko, naquele estranho quarto de hotel, passava o tempo a vir-me à cabeça com uma nitidez espantosa.

O tio de Noboru Wataya, deputado à Câmara dos Representantes pela circunscrição de Niigata, faleceu em princípios de Outubro. Passava pouco da meia-noite quando teve um ataque cardíaco no hospital de Niigata onde estava internado. Apesar do esforço dos médicos, que fizeram todos os possíveis por reanimá-lo, de manhã estava morto. Uma vez que a sua morte era esperada e corria a notícia de que haveria eleições num futuro próximo, o grupo de apoiantes do deputado Wataya reagiu com surpreendente celeridade. E assim, conforme tinha sido acordado há já algum tempo, Noboru Wataya assumiu o lugar do seu tio na lista de deputados. A máquina partidária organizada em torno da campanha eleitoral do defunto deputado Wataya era sólida. Aquela zona era, além do mais, feudo do partido conservador. Salvo circunstâncias imprevistas, a eleição de Noboru Wataya eram favas contadas. Tinha lido um artigo de opinião a esse respeito na biblioteca. A primeira coisa que pensei foi que a família Wataya devia estar mais do que ocupada com as eleições para se preocupar com o divórcio de Kumiko.

A mancha azul da minha cara não havia meio de crescer mas também não diminuía. Não me provocava febre nem me doía. Aos poucos, fui-me esquecendo dela. Deixei de pôr os óculos escuros e um chapéu enterrado até às orelhas para a esconder. De vez em quando era recordado da sua presença porque, ao ir às compras durante o dia, as pessoas com quem me cruzava na rua olhavam para a minha cara ou desviavam o olhar. Uma vez acostumado, deixei de me ralar com isso. Uma coisa era certa: a minha mancha não fazia mal a ninguém. Todas as manhãs, enquanto lavava a cara e fazia a barba, tratava de a examinar atentamente. Não notava qualquer alteração. Em matéria de tamanho, forma e cor, continuava na mesma.

Apenas um reduzido número de seres humanos à minha volta se mostrou preocupado com a marca que aparecera de repente na minha cara. Quatro, ao todo. O dono da lavandaria ao pé da estação, o meu barbeiro, o empregado da loja de vinhos Omura e a jovem bibliotecária que passava o tempo atrás do balcão. Mais ninguém. Sempre que cada um deles manifestava a sua preocupação, eu punha uma expressão preocupada e dizia, sucintamente: «Tive um pequeno acidente.» Regra geral, murmuravam um «mas que azar» ou qualquer coisa do género, como se tivessem culpas no cartório, e a coisa ficava por ali.

A cada dia que passava, tinha a impressão de me estar a afastar cada vez mais de mim mesmo. Se ficava a olhar para as mãos durante muito tempo, às vezes tinha a sensação de que se tornavam transparentes, de que se conseguia ver do outro lado. Não falava praticamente com ninguém. Ninguém me escrevia nem telefonava. Na caixa do correio a única coisa que encontrava eram cartas do banco e publicidade, e a maior parte dos folhetos publicitários, dirigidos a Kumiko, eram catálogos coloridos de estilistas famosos, cheios de fotografias de vestidos, blusas e saias para a Primavera. O Inverno estava ser rigoroso, mas nem me lembrava de ligar o aquecimento. Isto porque

não distinguia o frio verdadeiro do meu frio interior. Só ligava o aquecimento quando o termómetro me convencia de que fazia realmente frio. E, contudo, vezes havia em que, por mais que aquecesse a divisão em que me encontrava, o frio não me abandonava.

Escrevi ao tenente Mamiya para lhe dar a conhecer de maneira sucinta e objectiva o que me acontecera. Era bem possível que a carta só servisse para lhe causar mais embaraço do que contentamento, mas a verdade é que não me lembrava de mais ninguém a quem pudesse escrever. Comecei por aí, invocando essa mesma desculpa. A seguir, contei-lhe que Kumiko me deixara no mesmíssimo dia em que ele tinha aparecido de visita lá em casa, que ela andava há meses a dormir com outro homem, que eu passara quase três dias no fundo de um poço, a pensar, que agora vivia sozinho e, por fim, que a recordação legada pelo senhor Honda mais não era do que uma caixa de uísque vazia.

O tenente Mamiya escreveu-me a responder uma semana mais tarde.

Para ser sincero, o senhor tem estado presente de uma forma preocupante, para não dizer desusada, nos meus pensamentos, desde a última vez que nos encontrámos. Saí de sua casa com a sensação de que deveríamos prolongar a nossa conversa, abrir a alma um ao outro, por assim dizer. O facto de isso não ter acontecido constituiu para mim um desgosto, acredite, e não foi pequeno. Infelizmente, porém, tinha à minha espera alguns assuntos urgentes, que exigiam a minha presença em Hiroxima naquela mesma noite. Daí que tenha sido com especial alegria que recebi a sua carta. Interrogo-me até se não teria sido essa a intenção primordial do senhor Honda, ao pôr-nos em contacto. É possível que, aos olhos dele, fosse bom para mim travar conhecimento com o senhor e bom para si travar conhecimento comigo. Estou em crer que a divisão de bens outra coisa não terá sido senão uma desculpa para eu poder conhecê-lo. Assim sendo, a minha visita a sua casa teria sido a recordação que ele me quis deixar de herança.

Não imagina o meu espanto ao saber que o senhor tinha passado largo tempo no fundo de um poço. Também eu continuo a sentir uma estranha atracção por tudo o que sejam poços. Tendo em linha de conta a minha experiência sobre o assunto, poder-se-ia pensar que eu nunca mais quereria pôr a vista em cima de um, mas o certo é que, muito pelo contrário, não há vez que veja um poço que não me sinta tentado a olhar lá para dentro. E, então, tratando-se de um poço seco, posso mesmo dizer que só tenho vontade de descer. No fundo, é bem possível que continue à espera de me deparar com alguma coisa. Quem sabe se, ao descer pelo poço até lá abaixo e me deixar ficar à espera, não encontro algo? Dizer isto não significa, no entanto, que esteja à espera que essa tal coisa me restitua a minha vida. Nada disso. Estou demasiado velho para ainda acreditar nisso. Espero, isso sim, encontrar o significado da vida que perdi. Afinal, o que foi que me tiraram, e porquê? Quero ficar a saber a resposta a estas perguntas, sem margem para dúvidas. E atrevo-me mesmo a dizer que, uma vez na posse dessas respostas, não me importaria de me afundar ainda mais. Perdido por cem, perdido por mil. A verdade é que de bom grado aceitaria esse fardo para o resto da vida, por mais anos que ainda tivesse pela frente.

Fiquei profundamente desolado ao saber que a sua esposa abandonou o lar, ainda que, a esse propósito, não me considere a pessoa indicada para lhe dar conselhos. Desde há muito que vivo sem conhecer as benesses do amor ou da família, o que, como decerto reconhecerá, impede que me pronuncie com conhecimento de causa nessas matérias. Estou em crer, porém, que se existir da sua parte a mínima intenção de esperar um pouco mais por ela, nesse caso deverá manter-se fiel aos

seus propósitos e continuar a fazê-lo como até agora tem acontecido. É isto que se me oferece dizer sobre o assunto, por muito pouco que valha a minha opinião. Para mal dos meus pecados, sei por experiência própria o que significa continuar a viver sozinho num mesmo lugar depois de se ter sido abandonado, mas, acredite em mim, não há nada tão cruel neste mundo como a tristeza de não ter nada por que esperar.

Se me for possível, terei muito gosto em regressar a Tóquio num futuro próximo e em voltar a vê-lo, mas infelizmente ando com um problema numa perna e estou em crer que o tratamento demore o seu tempo a fazer efeito. Espero que tenha cuidado. Fique bem.

De tempos a tempos saltava o muro e percorria aquela viela tortuosa que ia dar ao sítio onde costumava ficar a casa dos Miyawaki. Vestia um casaco curto, enrolava um cachecol ao pescoço e lá ia eu, caminhando sobre as ervas secas. O vento gelado soprava por entre os cabos eléctricos, produzindo uma espécie de silvos. A casa abandonada estava agora completamente demolida, o terreno cercado por uma alta vedação de madeira. Podia espreitar pelo meio das fendas, mas não havia nada para ver – nem casa, nem empedrado, nem poço, nem árvores, nem antena de televisão, nem estátua do pássaro. Apenas um pedaço de terra fria e negra, completamente arrasada pelas máquinas de terraplanagem e, aqui e ali, tufos espalhados de ervas daninhas. Não dava para acreditar que pouco antes ali tivesse havido um poço profundo e que eu tivesse descido até ao fundo.

Apoiado à cerca, contemplei a casa de May Kasahara. Olhei para cima, onde devia ficar o seu quarto. Mas ela já não morava ali. Agora já não tinha quem viesse ao meu encontro dizendo: «Olá, Senhor Pássaro de Corda!»

Numa tarde muito fria de meados de Fevereiro, passei pelos escritórios da tal agência imobiliária Setagaya Dai-ichi de que o meu tio me falara. Abri a porta e, uma vez lá dentro, dei de caras com uma recepcionista de meia-idade. Perto da entrada havia meia dúzia de mesas dispostas em fila, mas ninguém sentado nelas. Dir-se-ia que todo o pessoal tinha saído para tratar de algum assunto. No meio da divisão via-se um enorme aquecimento a gás que ardia com uma viva chama vermelha. Ao fundo, numa espécie de salinha, estava sentado um senhor de idade baixinho, mergulhado na leitura do jornal. Perguntei à recepcionista se havia alguém chamado Ichikawa.

– Ichikawa? Sou eu! – retorquiu o ancião. – Em que posso ajudá-lo?

Apresentei-me, falei-lhe do meu tio e contei-lhe que vivia na casa que era propriedade dele.

– Ah, estou a ver, com que então é o sobrinho do senhor Tsuruta? – referiu ele, largando o jornal. Tirou os óculos e guardou-os no bolso, após o que passou a inspeccionar-me da cabeça aos pés. Difícil dizer que impressão lhe terei causado.

– Venha para ao pé de mim. Deseja uma chávena de chá?

Respondi-lhe que não, que por mim não valia a pena incomodar-se, mas ele ou não me ouviu ou ignorou as minhas palavras. O certo é que, por uma razão ou por outra, tratou de pedir à recepcionista para nos preparar um chá. Pouco depois, estávamos os dois sentados a beber o nosso chá, um em frente do outro. O fogão a gás estava apagado e a salinha cada vez mais gelada. Na parede via-se um mapa das vivendas do bairro, com marcas feitas, aqui e ali, a lápis ou a caneta de feltro. Ao lado estava pendurado um calendário que reproduzia a famosa ponte pintada por Van Gogh. Publicidade a um banco.

– Há muito tempo que não vejo o senhor seu tio. Como é que ele tem passado? – perguntou o velhote depois de ter dado um golinho no seu chá.

– Acho que está bem – respondi eu –, ocupado como sempre. Eu próprio também não lhe tenho

posto a vista em cima.

– Bom sinal, bom sinal. Há quantos anos desde a última vez que estive com ele? A mim, pelo menos, *parece-me que foi há séculos* – confessou o sexagenário. Tirou um pacote de cigarros do bolso do casaco e, depois de calcular bem o ângulo, acendeu um fósforo com um vigoroso movimento de mão. – Fui eu que vendi a casa ao seu tio, em tempos que já lá vão, e, depois disso, encarreguei-me sempre da administração. Fico contente por saber que os negócios dele vão de vento em popa.

Em contrapartida, o mesmo não se podia dizer do velho senhor Ichikawa que, pelos vistos, não estava assim tão ocupado. Imaginei que se tivesse reformado entretanto e que só continuasse a aparecer por ali a fim de atender os seus clientes mais antigos.

– E, diga-me, como é que acha a casa? É agradável, não acha? Dá-lhe algum problema?

– Não, nenhum.

O ancião acenou com a cabeça.

– Fico contente. É uma boa casa. Pequena, é certo, mas muito simpática para se viver. Todos os que por lá já passaram se deram bem. E a si, como é que lhe correm as coisas?

– Assim-assim – respondi. Pelo menos estou vivo, disse para comigo mesmo. – Vim ter consigo porque tenho uma questão a colocar-lhe. O meu tio diz que o senhor é a pessoa que conhece os terrenos da zona melhor do que ninguém.

O velhote soltou uma risada de satisfação mal disfarçada.

– Se há coisa que *conheço bem* é esta zona. Há quarenta anos que a minha vida é fazer negócios aqui.

– Queria perguntar-lhe acerca da casa do Senhor Miyawaki, aquela que fica por trás da minha. Foi deitada abaixo e o terreno vendido, não sei se sabe.

– Hmm – fez o ancião, e apertou os lábios ao mesmo tempo que punha uma expressão séria, de quem estava a consultar o seu arquivo mental. – Diria que foi vendida em Agosto último, depois de ultrapassados todos os problemas relativos ao empréstimo, aos direitos e outros que tais. A empresa imobiliária que acabou por ficar com a casa mandou-a demolir. Uma casa, quando fica tanto tempo sem ser habitada, perde valor comercial e depois já não se consegue vender. Quem a comprou não é aqui da zona, por estas paragens ninguém quis a casa. Não admira, com todas as histórias que para aí se contam. Sabe do que estou a falar?

– Sim, o meu tio contou-me.

– Nesse caso sabe do que estou a falar. É compreensível que uma pessoa ao corrente não quisesse ter nada que ver com ela. Eu, no meu caso, também não queria. É certo que podíamos ter encontrado alguém que não soubesse de nada e tê-la vendido com uma boa margem de lucro, mas o simples facto de estar a enganar um cliente deixar-me-ia um travo amargo na boca. Não é assim que fazemos as coisas por aqui.

Fiz um sinal de concordância com a cabeça.

– Então quem é que ficou com ela?

O ancião franziu a testa e sacudiu a cabeça. Deu-me o nome de uma conhecida firma do ramo imobiliário.

– Devem tê-la comprado sem se informarem como deve ser. Limitaram-se a ter em conta o lugar e o preço e pensaram logo que conseguiriam obter um lucro fácil. Mas as coisas não estão a ser tão fáceis como eles pensavam.

– Ainda não a conseguiram vender?

– Sempre que estão quase a vendê-la, o negócio vai por água abaixo – disse o velhote, cruzando os braços. – Comprar um terreno para construir não é uma decisão que se tome de ânimo leve. É um investimento para o resto da vida, que requer muita ponderação. As pessoas têm de ter cuidado com uma decisão dessas, sobretudo quando a ideia é ir viver para lá. Correm à boca pequena milhentas histórias sobre a casa, qual delas a mais sinistra. Uma pessoa dá ouvidos ao que se diz por aí e desiste logo de comprar! No bairro quase toda a gente está ao corrente dessas histórias.

– Quanto é que pedem pela casa?

– O preço?

– Sim, o preço do terreno onde ficava a casa dos Miyawaki.

O velho senhor Ichikawa olhou para mim com súbito interesse.

– Ora bem, o lote tem para cima de trinta e cinco metros quadrados. Não chega a cem *tsubo*³⁷. Segundo os preços actuais, um milhão e meio de ienes o *tsubo*. É preciso ver que fica situada numa zona valorizada, ainda para mais num bairro residencial, excelente para viver, virada a sul. Sim, diria que um milhão e meio. Estamos numa época de pouco movimento no que diz respeito à compra e venda de terrenos, o mercado imobiliário está um tanto ou quanto parado. Bastaria esperar algum tempo para depois se poder vender e conseguir um bom preço. *Normalmente*. Mas o facto é que aquele terreno não é um terreno igual aos outros. Podem esperar sentados que nunca conseguirão vendê-lo. Por isso o preço só pode descer. O preço actual de venda deve descer para um milhão por *tsubo*. O terreno tem pouco menos de cem *tsubo*, logo, passaria a custar uns cem milhões de ienes.

– Acha que o preço continuará a baixar daqui para a frente?

O ancião assentiu com enérgicos movimentos de cabeça.

– Claro que sim. Baixará nas calmas até aos novecentos por *tsubo*. Quer dizer, foi esse o preço pelo qual compraram o terreno, logo deverão baixar até aí. Sabem que meteram a pata na poça e que podem dar-se por satisfeitos se conseguirem recuperar o dinheiro investido. Agora, se pode baixar mais, isso já não lhe sei dizer. Depende do estado em que estiverem as finanças deles. Se estiverem com falta de dinheiro, é possível que o vendam mais barato e até que fiquem a perder. Se não tiverem problemas de dinheiro, pode ser que aguentem. Não conheço a situação interna da empresa, confesso. Mas uma coisa lhe digo: de certeza que estão arrependidos de terem adquirido o terreno. Toda a gente que, de uma forma ou outra, está relacionada com aquele lugar acaba sempre por ter azar. – Dito isto, deixou cair a cinza no cinzeiro com um piparote.

– Existe um poço no jardim, não existe? – perguntei. – Por acaso o senhor Ichikawa sabe alguma coisa acerca disso?

– Sim, havia um, com efeito. Um poço muito fundo. Creio que o encheram de terra. De qualquer modo, estava seco. Não servia para nada.

– Tem alguma ideia de há quanto tempo estava seco?

O velho ficou por momentos a olhar fixamente para o tecto com os braços cruzados.

– Foi há *tanto* tempo que já não me recordo bem. Mas lembro-me de ter ouvido dizer que antes da guerra ainda tinha água. Deve ter secado depois da guerra, agora saber a data exacta... Mas sei que já estava seco quando a actriz foi para lá morar, até porque se chegou a falar se não seria melhor tapá-lo e tudo. Mas depois ninguém fez nada. Vendo bem, tapar um poço ainda é uma coisa complicada, que dá trabalho.

– Ouvi dizer que a casa dos Kasahara, que fica ali mesmo ao pé, ainda tem o poço, e que a água é

muito boa.

– Ah, sim? Pode ser. Naquela zona a água sempre foi muito boa, por natureza. Deve-se à qualidade do solo, ao que parece. Tem que ver com as correntes freáticas, não sei se está a ver, que são qualquer coisa de muito imprevisível. Daí que não seja de estranhar que haja água num sítio e, alguns metros mais à frente, nem uma gota. Tem algum interesse especial nesse poço?

– Para lhe dizer a verdade, gostaria de comprar o terreno!

O ancião levantou o rosto e olhou para mim de frente. Levou a chávena de chá à boca e bebeu um gole com toda a calma.

– Quer comprar aquele terreno?

Limitei-me a assentir com um movimento de cabeça.

Ele tirou outro cigarro do maço e bateu várias vezes com a ponta no tampo da mesa. Depois, manteve-o entre os dedos, sem chegar a acendê-lo. Humedeceu os lábios com a ponta da língua.

– Tal como lhe disse antes, aquele é um lugar problemático. Entre as pessoas que ali viveram não há uma – repito, *nem uma* – a quem as coisas tenham corrido bem. Tem consciência disso? Falando mal e depressa, por mais baixo que seja o preço, aquele terreno jamais será uma boa compra. Isso não o preocupa?

– Tenho consciência de tudo isso. Além disso, mesmo que seja a um preço de mercado inferior, o certo é que não tenho dinheiro para o comprar. Contudo, proponho-me encontrar uma maneira de arranjar dinheiro, dê lá por onde der. Por isso, gostaria que me mantivesse informado. Posso contar consigo para me dizer caso haja eventuais oscilações no preço, ofertas de compras e assim?

Durante algum tempo o ancião permaneceu mergulhado nos seus pensamentos, de olhos postos no cigarro apagado. Depois aclarou ligeiramente a garganta.

– Não se preocupe, tem tempo, tão cedo o terreno não é vendido, garanto-lhe. As coisas só devem aquecer quando estiverem dispostos a vendê-lo por tuta-e-meia, mas eu diria que ainda falta muito para lá chegarmos. Por isso, não se preocupe que tem todo o tempo do mundo para arranjar o seu dinheiro. Isto caso esteja realmente interessado na casa.

Dei-lhe o meu número de telefone de casa. O velhote apontou-o numa pequena agenda preta manchada de suor. Depois de ter guardado a agenda no bolso do casaco, cravou os olhos em mim e ficou a olhar fixamente para a mancha que eu tinha na cara.

Fevereiro chegou ao fim mas só em finais de Março é que o frio glacial deu mostras de abrandar e um vento tépido do Sul se pôs a soprar. Nas árvores começaram a aparecer as primeiras flores em botão, e outras espécies de pássaros vieram pousar no jardim. Finalmente podia sentar-me na varanda e passar o meu tempo a olhar lá para fora. Uma noite recebi uma chamada do senhor Ichikawa. O terreno dos Miyawaki continuava à venda no mercado, disse ele, e o preço voltara a baixar um pouco mais.

«*Bem* lhe disse que tão depressa não se vendia», anunciou com uma nota de orgulho na voz. «Não se preocupe que vai continuar a baixar. E o senhor? Já conseguiu pôr algum dinheiro de lado?»

Naquela noite, perto das oito, enquanto lavava a cara, dei-me conta de que a mancha estava um bocadinho mais quente. Ao tocá-la com o dedo, senti que a temperatura tinha subido. Também a cor era mais intensa, quase púrpura. Mal conseguindo respirar, fiquei ali a examinar o meu rosto ao espelho. Estava de tal maneira concentrado no meu reflexo que acabei por quase nem reconhecer a minha cara. Tinha a sensação de que a mancha estava a tentar dizer-me algo: *exigia* alguma coisa de

mim. Continuei sempre a olhar fixamente para mim do outro lado do espelho, e o meu eu do outro lado do espelho continuou, também ele, a fitar-me em silêncio.

Aconteça o que acontecer, aquele poço tem de ser meu.

Foi esta a conclusão a que cheguei.

37 Um *tsubo* equivale a 3,3 metros quadrados. (*N. da T.*)

2

O acordar da hibernação

Mais um cartão-de-visita

O anonimato do dinheiro

Como é natural, não bastava desejar o terreno com todas as minhas forças para conseguir tornar-me dono dele. Na realidade, a minha conta no banco estava quase a zero. Ainda me sobrava algum do dinheiro deixado pela minha mãe, mas estava condenado a volatilizar-se, num futuro não muito longínquo, pois o certo é que precisava dele para subsistir. Não tinha trabalho nem nada que hipotecar para oferecer como garantia. No mundo não existia um único Banco capaz de fazer um empréstimo a alguém nas minhas condições, que é como quem diz, por pura filantropia. Isto é, teria de fazer aparecer o dinheiro do ar, por artes de magia. E isto quanto antes.

Uma manhã fui até ao quiosque da estação e comprei dez bilhetes de lotaria com números seguidos. Cinquenta milhões de ienes para o primeiro prémio. Um ao lado do outro, preguei os dez bilhetes na parede da cozinha com tachas, e todos os dias olhava para eles. Havia alturas em que me deixava ficar sentado numa cadeira a olhar fixamente para eles durante quase uma hora. Como se estivesse à espera que dali saísse a chave secreta que só eu podia decifrar. Passado alguns dias, porém, tive uma espécie de pressentimento: *Nunca me tocará a lotaria.*

Pouco depois, o pressentimento transformou-me em certeza. Não era pondo-me a caminho da estação para comprar bilhetes de lotaria e a esperar sentado o dia do sorteio que alguma vez iria resolver os meus problemas. Tinha de usar as minhas faculdades, se queria conseguir o dinheiro pelos meus próprios meios. Rasguei os dez bilhetes e deitei-os fora. Depois fui pôr-me diante do espelho da casa de banho e examinei a fundo o meu rosto. «Tem de haver uma maneira, não?», perguntei a mim mesmo. Como seria de esperar, não obtive resposta.

Farto de passar o tempo todo fechado em casa a dar voltas ao miolo, saí para um passeio pelas redondezas. Caminhei sem rumo, e a cena repetiu-se três ou quatro dias a fio. Quando me cansei de deambular pelo bairro, apanhei o comboio e fui até Shinjuku. Ao passar em frente da estação, deu-me vontade de ir até ao centro. Às vezes, pensei, ajuda reflectir sobre as coisas num cenário diferente do habitual. E, pensando bem, quando é que tinha sido a última vez que eu andara de comboio? Enquanto introduzia as moedas na ranhura da máquina automática de bilhetes, quase deu para experimentar a típica sensação de constrangimento quando uma pessoa faz um gesto a que não está habituada. Já tinham passado seis meses ou mais desde a última vez que me aventurara pelas ruas da Baixa. Desde aquele dia em que dei de caras com o homem do estojo e decidi segui-lo.

Depois de tanto tempo, o barulho e a aglomeração de pessoas na grande cidade deixaram-me desorientado, quase a um nível físico, diria. Sentia-me asfíxiado e o coração desatava a bater com força só de ver aquela gente toda que ia e vinha. A hora de ponta já tinha passado e aquela agitação

não fazia sentido, mas o certo é que ao princípio senti dificuldade em romper por aquele mar de gente. Mais do que uma aglomeração de pessoas, lembrava-me uma torrente gigantesca – capaz de derrubar casas e afugentar as pessoas, montanha abaixo. Depois de ter caminhado durante um bocado, procurei um pouco de calma num café que dava para a rua principal e sentei-me junto a uma grande janela panorâmica. Ainda faltava muito para o meio-dia e o café estava longe de estar cheio. Mandeí vir um chocolate quente e pus-me a ver distraidamente as pessoas que passavam lá fora.

Perdi por completo a noção do tempo. Quinze ou vinte minutos, talvez. De repente, dei por mim a seguir com o olhar todos os *Mercedes-Benz*, *Jaguar* e *Porsche* reluzentes que passavam por aquela avenida engarrafada. Dir-se-ia que cintilavam de uma maneira quase excessiva, como se fossem o símbolo de alguma coisa, debaixo dos raios de sol matinal que brilhavam após uma noite de chuva. Não tinham nem um arranhão, nem um grão de poeira, nem uma mancha. «*Estes tipos têm dinheiro que se farta*», pensei. Era a primeira vez que pensava uma coisa do género. Olhei para o meu reflexo no vidro da janela e abanei a cabeça. Era a primeira vez na vida que sabia verdadeiramente o que era ter necessidade de dinheiro.

Ao aproximar-se a hora de almoço a multidão começou a encher a cafetaria e eu resolvi pôr-me a andar dali. Não tinha nenhum destino concreto em mente. Ao fim de todo aquele tempo, apetecia-me simplesmente vaguear pela cidade, mais nada. Fui de uma rua a outra, apenas preocupado em não esbarrar com as pessoas que vinham de frente. Virava à esquerda ou à direita ou seguia sempre a direito, conforme a cor dos semáforos ou o impulso do momento. De mãos nos bolsos, concentrava-me no acto físico de caminhar – fui das ruas principais, com os seus grandes armazéns e as suas montras enormes, às ruelas onde as lojas de pornografia se sucediam umas atrás das outras, passando pelas ruazinhas muito animadas, cheias de cinemas, e voltei à avenida principal atravessando o recinto silencioso de um santuário xintoísta. Estava uma tarde amena e mais de metade daquela gente andava na rua sem casaco. De vez em quando soprava um ventinho agradável. Às tantas, dei por mim num cenário familiar. Olhei para o chão de mosaico a meus pés. Reparei na estatueta e levantei os olhos para a parede de vidro que se erguia diante de mim. Encontrava-me no centro de uma praça, diante de um arranha-céus. O mesmo lugar onde tinha ido parar no Verão passado, a fim de olhar para a cara das pessoas, a conselho do meu tio. Tinha-o feito durante dez dias a fio. Até dar com aquele homem estranho que levava na mão o estojo de guitarra, tendo seguido depois atrás dele até à entrada de um prédio desconhecido, daí resultando ter sido golpeado por ele no braço esquerdo com um taco de basebol. Pelos vistos, ao errar sem destino pelo bairro de Shinjuku, os meus passos tinham-me levado exactamente até ao mesmo sítio.

Tal como da outra vez, comprei um *donut* e um café no Dunkin' Donuts e sentei-me a comer e a beber num banco em plena praça. Observei o rosto das pessoas que passavam por mim. Aos poucos, senti-me invadido por um sentimento crescente de paz e tranquilidade. Não sabia explicar porquê, mas sentia-me ali extremamente bem, como se tivesse encontrado um nicho confortável numa parede, onde o meu corpo encaixasse na perfeição. Onde pudesse ver sem ser visto. Há muito tempo que não olhava com olhos de ver, e não é só da cara das pessoas que estou a falar. Apercebi-me de que nos últimos seis meses apenas tinha visto coisas. Pus-me direito no banco, voltei a observar as pessoas, os edifícios imponentes quase a tocar no céu azul de Primavera, sem nuvens, todos aqueles painéis com anúncios coloridos e o jornal que alguém tinha deixado ali esquecido. Deu-me a sensação de que, à medida que a tarde caía, as coisas em redor começavam a recuperar as suas cores.

Na manhã seguinte, tornei a apanhar o comboio para Shinjuku. Sentado no mesmo banco, voltei a

perscrutar o rosto dos transeuntes. Por volta do meio-dia bebi um café e comi um *donut*. Antes da hora de ponta apanhei o comboio e regressei a casa. Arranjei qualquer coisa para jantar, bebi uma cerveja e fiquei a ouvir música na rádio. No dia seguinte repeti a mesma operação. Tal como imaginava, não aconteceu rigorosamente nada. Não fiz nenhuma descoberta. Como sempre, o enigma continuava a ser um enigma, as perguntas continuavam por responder. E, contudo, tinha a vaga sensação de me estar a aproximar de qualquer coisa. Quase dava para constatar essa proximidade com os meus próprios olhos, quando olhava para o meu reflexo no espelho. A cor da mancha estava mais vívida, libertava mais calor. Em certos momentos cheguei a pensar que *a mancha estava viva*. Tinha vida própria, como eu.

Tal como no Verão passado, continuei durante uma semana a fazer a mesmíssima coisa. Apanhava o comboio das dez e pouco e dirigia-me para o centro da cidade, sentava-me num dos bancos da praça de frente para o arranha-céus e ficava ali todo o dia a olhar quem passava, sem pensar em nada. Havia alturas em que, por algum motivo, os ruídos à minha volta pareciam afastar-se até que desapareciam. Nessas alturas, a única coisa que me chegava aos ouvidos era o murmúrio profundo e tranquilo da água a correr. Lembrei-me de Malta Kano. Tinha-me dito para escutar o rumor da água. Com ela, todas as conversas iam dar ao elemento água. Não me conseguia lembrar exactamente das suas palavras. Nem sequer me lembrava do seu rosto. A única coisa que recordava era a cor vermelha do seu chapéu de plástico. Por que raio andaria uma mulher daquelas sempre com um chapéu de plástico vermelho na cabeça?

Pouco a pouco, os ruídos à minha volta foram voltando, e eu voltei a concentrar a minha atenção no rosto das pessoas.

*

Ao fim do oitavo dia aproximou-se de mim uma mulher. Naquele preciso momento, com um copo de papel vazio na mão, estava a olhar na direcção oposta.

– Está a ouvir? – insistiu ela.

Virei-me e fixei o olhar no rosto da mulher que estava de pé diante de mim. Era a mesma mulher de meia-idade que tinha conhecido no Verão passado, ali mesmo – a única pessoa que se dignara falar comigo ao longo daqueles dez dias. Nunca me passara pela cabeça que nos pudéssemos voltar a encontrar, mas o facto de ela voltar a meter conversa comigo pareceu-me uma consequência lógica do curso natural das coisas.

Como da outra vez, estava impecavelmente vestida, tanto no que dizia respeito a cada peça individual de roupa como em matéria de combinação de gosto. Usava óculos escuros com armação de tartaruga, um casaco azul com chumaços nos ombros e uma saia de flanela encarnada. A blusa era de seda, e na lapela do casaco brilhava um alfinete de ouro magnificamente trabalhado. Os sapatos vermelhos, de salto alto, não tinham nada de especial, mas deviam ter custado o equivalente ao que eu precisava para viver durante vários meses. Comparado com ela, eu parecia um zé-ninguém, com a minha camisola de basebol com a gola toda deformada, comprada no ano em que entrara para a faculdade, umas calças de ganga mal-enjorcadas e uns ténis brancos tão sujos que já nem dava para adivinhar a cor.

Apesar do contraste, ela sentou-se a meu lado, traçou a perna e, sem dizer palavra, tirou um maço de *Virginia Slims* da carteira. Ofereceu-me um, tal como da outra vez. Recusei, uma vez mais. Ela levou um cigarro à boca e acendeu-o, usando um isqueiro de ouro, largo e achatado, do tamanho de

uma borracha de apagar. Em seguida tirou os óculos de sol, guardou-os no bolso do casaco e pôs-se a olhar para os meus olhos, como quem procura uma moeda que tivesse deixado cair num tanque pouco profundo. Devolvi-lhe o olhar. Eram uns olhos estranhos, os dela, profundos mas inexpressivos.

Semicerrou ligeiramente os olhos e disse:

– Com que então, outra vez por aqui?

Assenti com um movimento de cabeça.

Observei o fumo que se desprendia da ponta do fino cigarro e desaparecia levado pela brisa. Ela voltou-se para deitar uma olhadela à paisagem que nos rodeava. Como se quisesse comprovar com os seus próprios olhos aquilo para onde eu tinha estado a olhar durante todo o tempo que permanecera ali sentado no banco. O resultado não lhe deve ter parecido grande coisa, visto que se fixou novamente em mim. Ficou um grande bocado a olhar para a mancha, depois examinou os meus olhos, o nariz, a boca, e outra vez a mancha. Mais um bocadinho e abria-me a boca à força para inspeccionar a dentadura e, quem sabe até, as minhas orelhas, como se faz num concurso canino.

– Agora sim, preciso de dinheiro – disse eu.

– Quanto? – perguntou ela, depois de uma breve pausa.

– Oitenta milhões de ienes já dava.

Ela desviou os olhos e levantou o olhar para o céu, como se estivesse a calcular aquela soma de dinheiro: ora bem, se eu tirar tanto daqui e, em contrapartida, puser tanto ali... Aproveitei para estudar a sua maquilhagem, a sombra suave dos seus olhos, como uma sombra dos seus pensamentos, a curva delicada das pestanas, que parecia o símbolo de qualquer coisa.

– Não se pode dizer que seja propriamente uma quantia pequena – disse ela, franzindo ligeiramente os lábios.

– Eu diria mesmo que é uma quantia *enorme*.

Ela deitou fora o cigarro, do qual apenas havia fumado um terço, e pisou-o cuidadosamente com a sola de um dos sapatos de salto. A seguir, tirou de dentro da mala um estojo de cartões-de-visita e meteu-me um na mão, ao mesmo tempo que me dizia:

– Esteja nesta morada às quatro em ponto, amanhã à tarde.

A morada – um escritório em Minatoku, no distrito de Akasaka, número tal, nome do edifício, número da porta – era a única coisa inscrita a caracteres negros no cartão. Não tinha nome. Virei-o mas o verso estava em branco. Aproximei-o do nariz, mas não cheirava a nada. Era apenas um cartão-de-visita, igual a tantos outros.

– Não tem nome? – perguntei.

Pela primeira vez, ela sorriu e abanou ao de leve a cabeça.

– Creio que é de dinheiro que precisa, não é verdade? Desde quando é que o dinheiro tem nome?

Vi-me forçado a concordar com ela. Claro que o dinheiro não tinha um nome. Se o dinheiro tivesse nome, deixaria de ser dinheiro. O que dava realmente significado ao dinheiro era o seu anonimato, obscuro como a noite, e a sua asfixiante capacidade de ser trocado.

A mulher levantou-se do banco.

– Posso contar consigo às quatro?

– Se assim for, arranja-se o dinheiro?

– Logo se vê... – retorquiu ela, com um sorriso a espreitar ao canto dos olhos, a fazer lembrar um desenho feito pelo vento na areia. Tornou a olhar para a paisagem em redor e fez menção de compor

a orla da saia com a mão.

Com passos rápidos, perdeu-se no meio da multidão. Fiquei a olhar para o cigarro apagado com o pé, para a mancha de batom vermelho que ela deixara no filtro. Aquele vermelho-vivo fez-me lembrar o chapéu de plástico de Malta Kano.

Se alguma vantagem podia esperar dali, era que não tinha nada a perder. Provavelmente.

O que aconteceu na calada da noite

Na calada da noite o menino ouviu um ruído perfeitamente nítido. Acordou de vez, acendeu às apalpadelas o candeeiro da mesinha-de-cabeceira e olhou à sua volta. O relógio de parede indicava que faltava pouco para as duas. O rapazinho não fazia a mínima ideia do que podia estar a acontecer no mundo a uma hora daquelas.

Foi então que o som voltou a fazer-se ouvir – vindo de fora da janela, disso não tinha ele dúvida. *Parecia* que estava alguém a fazer girar uma chave enorme, dando corda a qualquer coisa. Mas quem é que se lembraria de dar corda a um mecanismo a altas horas da noite? Não, espera, não era nada disso. Era *como* se estivesse alguém a dar corda a alguma coisa, mas não. Afinal, era antes o canto de um pássaro. O rapaz aproximou uma cadeira da janela e subiu para cima dela, afastou a cortina e abriu a janela um bocadinho de nada. Uma lua cheia de finais de Outono brilhava, grande e branca, no meio do céu, iluminando o jardim como se fosse de dia. De noite as árvores tinham um aspecto muito diferente. Dir-se-ia que lhes faltava a familiaridade do costume. De vez em quando, os frondosos ramos do carvalho agitavam-se de forma quase lúgubre ao sabor do vento, produzindo um ranger desagradável. As pedras do jardim, mais brancas e lisas do que à luz do dia, estavam viradas para o céu, como o rosto dos mortos.

O canto do pássaro parecia vir do alto do pinheiro³⁸. O rapazinho debruçou-se na janela e olhou para cima, mas daquele ângulo, tapado pelos ramos grandes e pesados, não conseguia vê-lo. O menino tinha vontade de saber qual era o aspecto dele. Gostaria de memorizar as suas cores, a sua forma, para, no dia seguinte, procurar o

nome do pássaro na sua enciclopédia ilustrada. A sua viva curiosidade levava-o a acordar, e agora o sono tinha passado. A coisa de que mais gostava no mundo era de procurar o nome dos pássaros e dos peixes na enciclopédia que os pais lhe tinham oferecido, com os seus grossos volumes alinhados, enchendo por completo uma prateleira da estante. Ainda não andava na escola primária, mas já sabia decifrar as frases com a ajuda de meia dúzia de ideogramas.

O pássaro, depois de dar a volta à chave umas quantas vezes seguidas, perdeu o pio. O rapazinho perguntou a si próprio se mais alguém teria ouvido o barulho. Os seus pais, quem sabe? A avó? Caso ninguém tivesse dado por nada, haveria de ser ele a contar-lhe tudo, de manhãzinha, tintim por tintim: às duas da manhã, no alto de uma árvore do jardim havia um pássaro a chilrear que parecia *mesmo* que estava a dar corda a qualquer coisa. Se ao menos pudesse vê-lo, nem que fosse de fugida! Nessa altura poderia dizer a toda a gente como é que o pássaro se chamava.

No entanto, o pássaro não voltou a fazer-se ouvir. Guardava um silêncio de pedra, lá no alto do seu pinheiro banhado pela luz da lua. Pouco depois, uma lufada de vento gelado penetrou no quarto, trazendo no ar uma advertência. A tremer de frio, o rapaz fechou a janela, desistindo de ver o pássaro. Não se mostrava com tanta facilidade, ao contrário dos pardais e dos pombos, isso já ele ficara a saber. Tinha lido na enciclopédia ilustrada que os pássaros nocturnos eram quase todos

inteligentes e cautelosos. Talvez o pássaro soubesse que ele estava ali, a vigiá-lo, pensou. Bem podia esperar, que o pássaro nunca se mostraria. A criança tinha vontade de ir à casa de banho, mas hesitava em atravessar sozinho o longo e sombrio corredor. Não, decidiu ele, o melhor era voltar a meter-se na cama. Podia perfeitamente aguentar até de manhãzinha.

O que o menino viu no lugar do pássaro, contudo, foi o vulto de dois homens. Apanhado de surpresa, quase se esqueceu de respirar. Havia dois homens agachados, como sombras, debaixo do pinheiro. Estavam vestidos de escuro, um não tinha chapéu, ao passo que o outro tinha um boné de feltro com pala enfiado na cabeça. O que estariam aqueles dois desconhecidos a fazer no jardim da sua casa a meio da noite? O rapazinho estranhou. Por que seria que o cão não ladrava? Se calhar era melhor ir a correr avisar os pais, mas o certo é que não conseguia arredar pé da janela. A curiosidade era mais forte do que ele. Queria ficar a saber quais as intenções dos homens.

Foi então que, do alto da sua árvore, o pássaro de corda se lembrou de voltar a cantar. Deu umas quantas voltas à chave, fazendo *cric, cric, cric*. Os dois homens, esses não prestaram atenção. Não levantaram sequer a cabeça, nem se mexeram. Continuaram ajoelhados, com os rostos perto um do outro. Pareciam falar em voz baixa, mas os ramos tapavam a luz da lua e não dava para se distinguir as feições. Não tardou muito, levantaram-se ao mesmo tempo. Entre eles havia uma diferença de uns bons vinte centímetros de diferença de altura. O mais alto (o do boné) vestia um casaco comprido; o mais baixo, roupa cingida ao corpo.

O homem baixo aproximou-se da árvore e permaneceu durante alguns instantes com os olhos fixos na copa. Pôs ambas as mãos sobre o tronco, fê-las deslizar por cima da casca, como se estivesse a inspeccioná-la. Depois abraçou o tronco e começou a trepar sem a menor dificuldade (ou pelo menos assim pareceu aos olhos do rapaz). «Parece um acrobata de circo», pensou ele, cheio de admiração. O menino conhecia aquele pinheiro do seu jardim como se fosse um amigo. Escalar o pinheiro não era tarefa fácil. A superfície do tronco era lisa e escorregadia e não havia um único ponto de apoio até chegar lá acima. Mas por que motivo alguém se daria ao trabalho de subir à árvore, àquelas horas da noite? Estariam a tentar capturar o pássaro de corda?

O homem alto continuou de pé junto da árvore, com os olhos cravados na copa. Pouco depois, o mais baixo deixou de se ver. Volta e meia ouvia-se o roçar dos ramos uns nos outros, sinal de que o homem continuava sempre a subir. De certeza que o pássaro de corda deveria ter voado ao pressentir que o homem se aproximava. Por muito hábil a trepar às árvores, isso não significava que fosse capaz de capturar o pássaro. Com um bocadinho de sorte, quem sabe?, talvez a criança conseguisse dar uma espreitadela ao pássaro no momento de este levantar voo. Com a respiração suspensa, o rapaz deixou-se ali ficar à espera de ouvir o som do bater de asas. Esperou, esperou, mas não ouviu nada. O pássaro não voltou a cantar.

Durante muito tempo não se verificou um único movimento, nem um ruído. Estava tudo banhado pela luz branca e irreal da lua, e o jardim tinha o aspecto húmido de um fundo marinho do qual o mar tivesse acabado de se retirar. Imóvel, fascinado, o rapaz não tirava os olhos do pinheiro e do homem alto que ficara sozinho. Mesmo que quisesse, não conseguiria desviar a vista daquele espectáculo. A sua respiração embaciava o vidro da janela. Lá fora, devia estar um frio de morte. O homem alto, ali especado com as mãos na cintura, continuava sempre a olhar para cima. Nunca mudava de posição, como se estivesse congelado. A criança imaginava que ele estivesse preocupado com o seu companheiro mais baixo, esperando ansiosamente que ele executasse a sua misteriosa missão e descesse do alto do pinheiro. Tinha razões para isso; a árvore era mais difícil de descer do que de

subir, isso estava o rapazinho farto de saber. De repente, o homem alto afastou-se em direcção a um sítio qualquer num passo rápido e decidido, como se tivesse largado tudo para trás.

O rapazinho sentiu-se abandonado. O homem baixo deixara de se ver por entre os ramos do pinheiro. O homem alto tinha-se ido embora. O pássaro de corda continuava sem se fazer ouvir. O rapazinho ainda pensou em ir acordar o pai, mas de certeza que ele não ia acreditar. Diria que tudo não passara de mais um sonho. Era verdade, sim, o menino era muito dado a sonhos, e às vezes acontecia-lhe confundir a realidade com o sonho. Só que daquela vez era tudo *verdade*, dissessem eles o que dissessem. O pássaro de corda e os dois homens de negro. Acontecia que tinham desaparecido todos, é certo. Se ele explicasse bem as coisas, o pai haveria de acreditar.

Foi então que o rapaz se deu conta de um dado perturbador: o mais baixo dos homens era muito parecido com o seu pai. Claro que era demasiado baixo para ser o seu pai, mas, tirando isso, eram iguaizinhos: a figura, o modo de se movimentar, os gestos. Não, não podia ser. O pai dele nunca seria capaz de trepar assim por uma árvore. Não era tão ágil nem tinha assim tanta força. Quanto mais pensava nisso, menos a criança entendia.

Pouco depois, o homem mais alto regressou para junto da árvore. Desta vez trazia uma coisa em cada mão – uma pá e um grande saco de pano. O homem deixou cair o saco por terra e começou a cavar junto às raízes da árvore. A pá fazia um ruído seco e persistente. A criança pensou que daquela vez é que o barulho ia acordar toda a gente. Pois se era tão forte e estridente!

A verdade é que ninguém acordou. O homem continuou sempre a cavar, concentrado na sua tarefa e sem se preocupar que alguém o ouvisse. Era magro, mas vigor era coisa que não lhe faltava. O rapazinho percebia isso só pela maneira como ele manejava a pá. Trabalhava com precisão e sem desperdiçar forças. Mal acabou de cavar o buraco do tamanho que pretendia, encostou a pá à árvore e ficou ali a olhar para baixo. Nem uma única vez se dignou olhar para cima, completamente esquecido do homem que havia trepado à árvore. Dir-se-ia que na sua cabeça apenas o buraco existia. O rapaz não gostou do que viu. «Se estivesse no lugar dele, preocupava-me com o meu amigo que subira à árvore», pensou ele.

Pela quantidade de terra que o homem tinha cavado, dava para ver que a cova não era muito funda. Ao rapazinho devia chegar-lhe acima do joelho, e pouco mais. O homem parecia satisfeito com o tamanho e a forma do buraco. Foi então que, com todo o cuidado, tirou de dentro do saco um objecto envolto num pano negro. Pela maneira como o homem pegava nele, devia ser uma coisa mole e sem vida. Talvez o homem tivesse a intenção de enterrar um cadáver no buraco. De tanto bater o coração do rapazinho quase parou. A coisa que estava dentro do pedaço de pano, contudo, não era maior do que, por exemplo, um gato. Ou então um bebé, caso se tratasse do corpo de um ser humano. «Mas por que diabo teria o homem de o enterrar logo no jardim da *minha* casa?», interrogou-se o rapaz. Sem querer, o rapazinho engoliu em seco, e o eco da sua saliva no silêncio assustou-o. Era tão forte que por momentos receou que chegasse aos ouvidos do homem que estava lá fora no jardim.

E foi então, porventura estimulado pelo som do rapaz a engolir a sua própria saliva, que o pássaro mecânico se fez ouvir, lançando um grito muito forte, como se estivesse a dar corda a alguma coisa, fazendo girar uma grande chave. *Cric, cric, cric*.

Ao ouvir este grito, o rapaz pressentiu que estava para acontecer algo de muito importante. Mordeu o lábio e, inconscientemente, pôs-se a arranhar os braços. Teria feito melhor se não tivesse assistido a tudo aquilo, mas era tarde de mais. Já não podia afastar os olhos da cena. Com a boca entreaberta, apertou o nariz contra o vidro frio da janela e deixou-se ficar ali, hipnotizado, a observar o estranho

drama que se desenrolava no jardim. Deixara até mesmo de esperar que alguém dentro de casa despertasse. O rapaz pensava que *ninguém acordaria, mesmo que os homens fizessem um barulho dos diabos. Era ele a única pessoa viva a ouvir aqueles ruídos. Isso era evidente desde o princípio.*

O homem alto agachou-se e depositou com cuidado dentro do buraco aquela coisa envolta num pano preto. Depois voltou a pôr-se de pé e ficou a olhar. Escondidas por detrás da pala, não se distinguiam as suas feições, mas parecia ter um ar sério, quase solene. Sim, só podia tratar-se de um cadáver qualquer, pensou o rapaz. Pouco depois, movido por um impulso repentino, o homem pegou na pá e tapou o buraco. Quando acabou, acamou a terra com os pés. Deixou a pá encostada ao tronco da árvore e afastou-se lentamente com o saco na mão. Não se virou para trás nem uma vez. Também não olhou para o cimo da árvore. O pássaro mecânico calara-se de vez.

O rapaz voltou-se e olhou na direcção do relógio de parede. Esforçando-se por ver no meio das trevas, conseguiu perceber que eram duas e meia. Passou ainda mais dez minutos a vigiar o pinheiro, por entre a fresta das cortinas, na esperança de detectar algum movimento, mas o sono apoderou-se dele de uma vez por todas. Como se uma pesada tampa de ferro se tivesse fechado sobre a sua cabeça. Queria saber o que aconteceria ao homem baixo no alto da árvore e ao pássaro de corda, mas a verdade é que não conseguia manter os olhos abertos. Quase sem alento para despir o casaco, meteu-se na cama e caiu no sono, como se tivesse perdido o acordo de si.

³⁸ Plantado num jardim, o pinheiro é um símbolo de permanência e longevidade. (N. da T.)

A compra de um par de sapatos novos

O que regressou a casa

Atravessei uma avenida muito animada, cheia de bares e restaurantes, que parte da estação de metro de Akasaka, até encontrar, quase a chegar ao cimo de uma ligeira subida, o prédio de escritórios com seis andares. Era um edificio anónimo e funcional, nem novo nem velho, nem grande nem pequeno, nem luxuoso nem modesto. No piso térreo funcionava uma agência de viagens, vendo-se na montra um cartaz representando o porto de Mykonos e um outro dos eléctricos a descer as ruas de San Francisco. Ambos tinham perdido a cor, como acontece aos sonhos velhos de meses. Do lado de lá do vidro estavam três empregados atarefados, a falar ao telefone ou a escrever no computador.

A fachada do edificio não possuía nenhuma característica particular. De uma banalidade confrangedora, dir-se-ia copiada do desenho a lápis de um rapazinho que andasse na escola básica. Não seria de estranhar que o arquitecto o tivesse projectado assim, de forma a confundir-se com as casas à volta. Até eu, que chegara àquela morada seguindo com muita atenção os números, estive quase a passar ao largo sem dar por ele. Junto à entrada para a agência de viagens, havia uma porta solitária com a indicação dos diferentes ocupantes do edificio. À primeira vista, não parecia que pudessem ser apartamentos muito grandes, na sua maior parte ocupados por escritórios de advogados, estúdios de arquitectos, firmas de importação, dentistas. Algumas das placas eram tão novas e brilhantes que reflectiam o meu rosto quando me debruçava, mas a do apartamento 602 estava baça, prova de que já tinha os seus anos. Pelos vistos, há muito que a mulher tinha ali o seu escritório. *Akasaka – Design de Moda*, lia-se na porta. Aquela placa carcomida pelo tempo de certa maneira tranquilizava-me.

Ao fundo do vestíbulo havia uma porta de vidro fechada, e para chamar o elevador era preciso tocar à campainha do apartamento desejado e pedir que abrissem. Toquei à campainha do 602 e olhei em redor, à procura de um sistema de vigilância interno que pudesse estar naquele preciso momento a fazer chegar a minha imagem ao monitor instalado no escritório. Descobri uma pequena câmara de televisão num ângulo escondido do tecto. Pouco depois ouviu-se o zumbido que indicava que a porta estava aberta, empurrei-a e entrei.

Subi até ao sexto andar num elevador absolutamente banal e dei quase logo a seguir com a porta do 602 ao fundo de um corredor sem história. Certifiquei-me de que era ali o tal estúdio de *design* de moda e toquei uma vez à campainha.

A porta foi aberta por um jovem. Magro, de cabelo curto e feições regulares, era muito provavelmente o homem mais bem-parecido que alguma vez vira nos dias da minha vida. Confesso, no entanto, que o que realmente me chamou a atenção não foi tanto a perfeição dos seus traços, mas a forma como estava vestido. Trazia uma camisa de um branco cintilante e uma gravata verde-escura com um estampado miudinho. A gravata em si não só era elegante como estava posta exactamente

como se vê nas revistas de moda masculinas, o nó dado com todas as voltas e laçadas. Pela parte que me toca, seria incapaz de fazer um nó assim. Como é que alguém conseguiria fazer um nó tão perfeito, isso era o que eu gostava de saber. Se calhar, estava perante um talento inato. Ou, então, fruto de um treino intensivo. As calças eram de um cinzento-escuro e calçava mocassins castanhos com borlas. Tinha tudo um aspecto novo, acabadinho de estrear.

Ele era um bocado mais baixo do que eu. Sorria de uma maneira natural e simpática, como se tivesse acabado de ouvir uma piada divertida. Não uma piada vulgar, atenção, antes o género de dito sofisticado que um ministro dos Negócios Estrangeiros anterior tivesse partilhado há uns bons anos com o príncipe herdeiro numa recepção ao ar livre, suscitando o riso generalizado dos presentes. Quando ia apresentar-me, ele convidou-me a entrar, ao mesmo tempo que inclinava ao de leve a cabeça, num gesto que interpretei como querendo dizer que não era preciso dizer nada. Com a porta aberta para dentro, fez-me sinal para passar e, depois de lançar uma olhadela rápida ao corredor, fechou-a. Durante o tempo todo não disse uma palavra. Olhou para mim e piscou ligeiramente os olhos, como quem pede desculpa por não poder falar por causa da pantera negra muito nervosa profundamente adormecida a seu lado. Atenção, é óbvio que não *estava* ali pantera nenhuma. Simplesmente, era essa a impressão que dava.

Do outro lado da porta havia uma espécie de sala de visitas. Com um divã e duas poltronas de couro com um aspecto muito confortável e, ao lado, um bengaleiro de madeira antigo e uma candeeiro de pé. Na parede do fundo via-se uma porta que devia conduzir a outra divisão. Junto da porta, encostada à parede, havia uma simples escrivaninha de carvalho com um grande computador em cima. Diante do sofá, uma mesa tão pequena que só daria para uma agenda telefónica. Um tapete verde-claro, de uma tonalidade muito agradável, cobria o chão. Através das colunas invisíveis ouvia-se, com o volume no mínimo, um quarteto de Haydn. Nas paredes estavam penduradas várias gravuras encantadoras representando flores e aves. Bastou-me olhar para ver que aquele espaço estava todo ele impecavelmente limpo e arranjado. Nas estantes de parede alinhavam-se amostras de tecido e revistas de moda. Os móveis não eram nem luxuosos nem novos, mas transmitiam uma reconfortante impressão de aconchego e familiaridade.

O jovem conduziu-me ao sofá e foi sentar-se atrás da secretária. Abriu ambas as mãos e, com as palmas abertas, fez-me sinal para esperar. Esboçou um sorriso de desculpas e levantou um dedo para me dizer que não teria de esperar muito tempo, um minuto apenas. Dir-se-ia que não precisava de palavras para comunicar com o seu interlocutor. Assenti com um movimento de cabeça, como quem diz que percebeu a mensagem. Falar diante dele teria sido, aos meus olhos, vulgar e impróprio.

O jovem pegou cuidadosamente num livro que estava ao lado do computador, como se fosse um objecto frágil, e abriu-o na página que estava a ler. Era um volume grosso e preto. Como não tinha capa não dava para ver o título, mas a partir do momento em que o abriu ele concentrou-se totalmente na leitura. Parecia ter-se esquecido por completo da minha presença. Também a mim me apetecia ler qualquer coisa para matar o tempo, mas não havia ali nada à mão. Em desespero de causa, cruzei as pernas e recostei-me no assento, concentrando-me na música de Haydn (ainda que não fosse jurar a pés juntos que fosse Haydn), encostado no sofá e com as pernas cruzadas. Não se podia dizer que fosse propriamente má, como música, mas dava a sensação de se desvanecer no ar no instante em que soava aos nossos ouvidos. Em cima da secretária, tirando o computador, havia um telefone preto normal, um suporte para lápis e um calendário de mesa.

Eu levava uma indumentária parecida com a do dia anterior: blusão de basebol, calças de ganga e

ténis. Para dizer a verdade, vestira a primeira coisa que tinha encontrado antes de sair de casa, mas ali, naquela sala impecável, os meus ténis tinham o aspecto de ter saído do caixote do lixo. Não, não era só o aspecto, estavam *realmente* gastos e sujos. O calcanhar, todo cambado, fora à vida, o branco original transformara-se num cinzento indefinido, e até um buraco de lado tinham. Aqueles ténis tinham passado por muito e visto de tudo, era caso para dizer que estavam fatalmente impregnados das minhas vivências. No último ano usara aqueles sapatos praticamente todos os dias. Com os meus ténis tinha saltado o muro nas traseiras da minha casa vezes sem conta, calcorreando a azinhaga pisando excrementos de animais, até descera com eles postos ao fundo do poço. Não era de estranhar que estivessem sujos e acabados. Pensando bem, não voltara a pensar nos sapatos que havia de pôr ou não pôr desde que tinha deixado de trabalhar. Agora, ali sentado a olhar para eles e a examinar atentamente os pés, tive nítida consciência da minha solidão e da minha crescente marginalização. Pensei que era tempo de comprar um novo par de sapatos. Aqueles estavam um nojo.

A certa altura a música de Haydn chegou ao fim, de um modo tão brusco que nem parecia um final. Após um curto silêncio, começou a tocar um concerto para harpa de Bach (pelo menos parecia Bach, mas também neste caso não posso jurar). Sentado no sofá, cruzei e descruzei as pernas não sei quantas vezes. Tocou o telefone. O jovem colocou um pedacinho de papel entre as páginas do livro que estava a ler e fechou-o, depois pô-lo de lado e atendeu. Escutou com atenção, assentindo volta e meia com a cabeça. Fixou o olhar no calendário de secretária, fez uma marca qualquer com um lápis e, por fim, aproximou o auscultador do tampo da mesa e deu dois toques com os nós dos dedos, como se estivesse a bater a uma porta. Desligou. Uma chamada breve, para aí de uns vinte segundos, durante a qual não tinha pronunciado uma única palavra. Aquele homem não emitira um som desde que me tinha aberto a porta. Dar-se-ia o caso de não poder falar? Pela sua reacção ao atender o telefone logo que ele tocou e ao ouvir o que dizia a outra pessoa, mudo não devia ser.

Permaneceu uns momentos absorto a olhar para o telefone, antes de se levantar de detrás da escrivaninha; aproximou-se de mim e sentou-se sem contemplanções ao meu lado. Pousou ambas as mãos sobre os joelhos. Os seus dedos eram finos e elegantes, tal como seria de esperar atendendo à delicadeza das suas feições. Era óbvio que tinha algumas rugas nas costas das mãos e nas articulações (mas também quem é que não tem?), poucas, mas tinha. Apenas as que faziam falta para dobrar e mexer os dedos. Dei por mim a pensar que este jovem podia muito bem ser o filho da mulher. Os dedos eram parecidos com os dela, mas, segundo a mesma ordem de ideias, havia mais. Ao olhar melhor para ele, confirmei outros traços parecidos: a forma do nariz, pequeno e um nadinha afilado, a mesma transparência mineral das pupilas. Nos seus lábios voltara a pairar a sombra de um sorriso. Ia e vinha, do mesmo modo que uma gruta à beira-mar aparece e deixa de se ver, sujeita ao capricho das ondas. Pouco depois levantou-se tão repentinamente como se tinha sentado e articulou com os lábios as palavras «Por aqui, se faz favor». Sem emitir som algum. Limitava-se a mover os lábios em silêncio. Apesar da ausência de som, percebi muito bem o que me estava a querer dizer e fui atrás dele. O homem abriu a porta do fundo e deu-me passagem.

Do outro lado da porta havia uma pequena cozinha e um lavabo. E, mais adiante, outra divisão, muito parecida com a salinha da entrada onde eu tinha estado à espera, só que mais pequena. Também aqui existia um sofá de couro bastante coçado e uma janela com o mesmo aspecto. No chão via-se uma tapete da mesma cor. A meio da saleta, em cima de uma mesa grande de trabalho, viam-se tesouras, uma caixa de tintas, lápis e cadernos de desenho, tudo isto colocado por ordem. Havia dois manequins de corpo inteiro. Na janela, em vez da persiana, caíam dois espessos cortinados, um de

renda e o outro de tecido, completamente corridos, de forma a não deixarem entrar o menor resquício de luz. A luz do tecto estava apagada, e a única luz, sumida, era de um pequeno candeeiro de pé. O quarto estava mergulhado na penumbra, como ao entardecer de um dia nublado. Sobre a mesinha, diante do sofá, havia uma jarra de vidro cheia de gladiolos brancos. As flores eram frescas, pareciam acabadas de apanhar. A água era cristalina. Não se ouvia música. Não se via nem relógio nem quadros nas paredes.

O jovem fez-me sinal para me sentar. Obedecendo às suas instruções, sentei-me no sofá (tão confortável como o outro). Do bolso tirou uma espécie de óculos de natação e mostrou-mos. *Eram* uns óculos normalíssimos de borracha e plástico, como aqueles que eu costumava usar para nadar na piscina. Agora, por que carga de água é que ele os usava num lugar daqueles, isso é que eu não conseguia imaginar.

– Não tenha medo – disse ele. Dizer, propriamente não *disse*. Limitou-se a mexer os lábios, como se falasse, e também os dedos. Pela minha parte, fiz um sinal afirmativo com a cabeça. Tinha percebido a mensagem.

– Ponha estes óculos. E deixe-se ficar com eles até que eu lhes tire. Não se mexa até eu lhe dizer. Entendeu?

Fiz outra vez que sim com a cabeça.

– Ninguém lhe quer fazer mal. Não se preocupe.

Assenti.

O jovem colocou-se atrás do sofá e pôs-me os óculos, ajustando-os ao tamanho da minha cabeça. A diferença que havia entre aqueles óculos e os que eu costumava usar era que com estes *não se via rigorosamente nada*. A parte do plástico transparente tinha sido coberta com uma camada opaca de tinta. Estava mergulhado na mais perfeita escuridão artificial. Não via a ponta de um corno. Nem sequer saberia dizer onde estava o candeeiro de pé. Tinha a ilusão de que a minha pessoa havia sido coberta da cabeça aos pés por uma espessa camada de qualquer coisa. O jovem pousou delicadamente as mãos sobre os meus ombros, como que para me encorajar. Tinha os dedos esguios e delicados, mas não se podia dizer que fossem frágeis. Tinham um sentido da própria existência estranhamente definido, como quando um pianista coloca com suavidade os dedos sobre o teclado, e através desse contacto pude captar uma espécie de boa vontade que o movia em relação a mim (ou, se não era boa vontade, uma coisa parecida). Os seus dedos diziam-me: «Vai correr tudo bem, não se preocupe.» Assenti com a cabeça. Depois saiu da sala. Ouvi os seus passos à medida que se afastavam e em seguida uma porta a abrir e a fechar, deixando-me sozinho nas trevas.

Depois da saída do jovem, continuei por momentos sentado na mesma posição. Aquela escuridão produzia em mim uma sensação estranha. A bem dizer, era a mesma que eu conhecera no fundo do poço, no sentido em que também não via nada, mas, ao mesmo tempo, era uma escuridão de uma qualidade diferente. Não possuía nem direcção nem profundidade, nem peso nem substância. Mais do que escuridão, fazia lembrar o vazio. Tinham-me privado da visão de um modo artificial e estava temporariamente cego. Sentia os músculos duros e rígidos, a garganta seca. O que iria acontecer a seguir? Recordei a pressão dos dedos do jovem no meu ombro. «Não se preocupe.» Por nenhuma razão especial, senti que podia confiar nas palavras dele.

A salinha estava tão silenciosa que, ao permanecer assim imóvel, com a respiração suspensa, tinha a impressão de que o mundo pararia e, em poucos instantes, seria engolido pela profundidade eterna no fundo do mar e pelos seus insondáveis abismos. Mas não, aparentemente o mundo continuava a

seguir o seu curso, porque ao fim de algum tempo uma mulher abriu a porta e entrou sorrateiramente no quarto.

Soube que era uma mulher pela ténue fragrância do seu perfume. Não era uma água-de-colónia que um homem usasse. Além disso, cheirava-me que era bastante caro. Esforcei-me por guardar o perfume na memória, mas não tinha bem a certeza de ser capaz. Privado da vista, parece que olfacto também vai à vida. Uma coisa era certa: não se tratava do mesmo perfume que usava a mulher elegantemente vestida que me tinha conduzido até ali. A mulher atravessou a sala com um ligeiro roçar, chegou ao pé de mim e veio sentar-se no sofá à minha direita. Pela maneira delicada como se movimentava, adivinhei tratar-se de uma mulher pequena e franzina.

Ali sentada, olhava de frente para mim. Sentia os seus olhos fixos na minha face. Apercebi-me de que, mesmo sem ver, é possível sentir o olhar de outra pessoa. A mulher examinou-me o rosto durante um bom bocado sem fazer um único movimento. Nem sequer ouvia a sua respiração, devia respirar muito baixinho para não fazer barulho. Continuei sempre na mesma posição, virado para a frente. A marca na minha cara parecia estar a ficar mais quente. Provavelmente, a cor também estava mais viva. A mulher estendeu a mão e, com extremo cuidado, pousou os dedos na mancha, como se estivesse a tocar num objecto frágil e precioso. Depois, começou a acariciá-la suavemente.

Não sabia nem como reagir, nem como é que ela esperava que eu reagisse. Só sei que me sentia o mais distante da realidade que é possível imaginar. Dominava-me uma estranha sensação de distanciamento, como se estivesse a tentar saltar de um veículo para outro que se movimentasse a uma velocidade superior. E era nesse espaço entre um e outro que eu existia. Transformara-me numa casa vazia, como a casa desabitada dos Miyawaki. A mulher entrara nessa casa vazia e, por qualquer razão que me escapava, passava as mãos pelas paredes e pelas colunas. Fosse qual fosse a razão de ser do seu comportamento, ao transformar-me na casa vazia (porque não era mais do que isso), *não valia a pena* fazer nada. De certa maneira, aquela ideia tranquilizou-me.

A mulher não disse uma palavra. Tirando o roçar das suas roupas, na divisão reinava um silêncio profundo. A mulher tocava-me na pele com as pontas dos dedos, como se procurasse ler num manuscrito secreto as letras pequenas, gravadas em tempos antigos.

Pouco depois, deixou de me acariciar. Levantou-se do sofá, foi colocar-se atrás de mim e, em vez dos dedos, usou a ponta da língua. Pôs-se então a lambê-la mancha, tal como há tempos fizera May Kasahara no jardim. A forma como me lambia era mais experiente que a de May Kasahara. A língua aplicava-se delicadamente sobre a minha pele, saboreava, chupava e estimulava a minha mancha variando a pressão, mudando de ângulo e de movimentos. Senti um langor quente e viscoso no baixo-ventre. Não queria ter uma erecção. Não fazia qualquer sentido, mas nada podia fazer para o impedir.

Esforcei-me por me identificar ao máximo com uma casa vazia. Imaginei-me sob a forma de uma coluna, de uma parede, de um tecto, de um pavimento, de um telhado, de uma janela, de uma porta, de uma pedra. Naquele momento parecia-me a coisa mais razoável a fazer.

Fechei os olhos e separei-me da minha pessoa física, com os seus ténis todos sujos, os estranhos óculos de natação postos, a erecção que não vinha nada a calhar. Deixar o meu corpo em pensamento não é tão difícil assim. Ao fazê-lo, fico logo muito mais à vontade, liberto-me do sentimento de embaraço. Era um jardim invadido por ervas daninhas, a estátua de um pássaro que não podia voar, um poço sem água. Sabia que a mulher estava dentro da casa desabitada que era eu. Não podia vê-la, mas isso era o menos. Se ela procurava alguma coisa, teria todo o gosto em lha proporcionar.

Perdi gradualmente a noção do tempo. Do tempo em todas as suas diferentes dimensões. Já não sei

por que tempo me oriento. Depois, a consciência volta lentamente para dentro do meu corpo, ao mesmo tempo que a mulher parece estar de partida. Faz menção de sair da sala tão silenciosamente como entrou: o roçar da roupa, o aroma suave de perfume, o som de uma porta a abrir e a fechar. Parte da minha consciência ainda *ali* se encontra, como uma casa abandonada. Ao mesmo tempo, estou *aqui*, sentado neste sofá, como sendo eu próprio. E pergunto-me o que devo fazer a seguir. Ainda não me sinto capaz de decidir qual das duas personalidades é a real. Pouco a pouco, tenho a sensação de que a palavra «aqui» começa a dividir-se em duas no meu interior. Estou *aqui*, mas também estou *aqui*. Tanto um me parece real como o outro. Sentado no sofá, mergulho nesta estranha dissociação.

Pouco depois a porta torna a abrir-se e entra alguém na sala. Pelo andar, adivinho que se trata do jovem. Reconheço os seus passos. Coloca-se atrás de mim e liberta-me dos óculos de natação. O quarto está às escuras, a única luz é a do candeeiro de pé. Esfrego os olhos com as palmas das mãos a fim de os habituar ao mundo real. O jovem enverga agora o casaco que faz parte do fato. A cor da gravata faz sobressair às mil maravilhas o cinzento-escuro com laivos de verde do casaco. Com um sorriso, ele pega-me delicadamente no braço, ajuda-me a levantar e conduz-me até à porta do fundo. Abre a porta, que dá para uma casa de banho. Tem retrete e uma pequena cabina de duche. Baixa a tampa da retrete, para eu me sentar enquanto ele abre a torneira do duche. Espera pacientemente que a água saia quente. Quando a água atinge a temperatura adequada, faz-me sinal com a mão para tomar banho. Desembrulha um sabonete novo e entrega-mo. Sai da casa de banho e fecha a porta. Por que é que tenho de tomar banho assim? Por alguma razão há-de ser.

Assim que me dispo, tenho a resposta. Ejaculei sem dar conta, tenho a minha roupa interior manchada. De pé debaixo da água quente, lavo-me escrupulosamente com o sabonete que é novo e verde. Ensaboo o esperma que ficou agarrado aos pêlos púbicos. Saio do duche e seco-me com uma toalha grande. Junto da toalha, ainda dentro das respectivas embalagens, encontro um par de *boxers* e uma camisola interior da marca *Calvin Klein*, ambos do meu tamanho. Provavelmente a minha ejaculação estava prevista. Olho por momentos para a minha cara reflectida no espelho, mas a minha cabeça não está a funcionar como deve ser. De qualquer modo, ponho a roupa suja no cesto e visto os calções brancos e limpos e a camisola interior branca e limpa que me arranjaram. A seguir visto as calças de ganga e enfio a *sweatshirt* pela cabeça. Calço as meias e os ténis sujos. Só então saio da casa de banho.

À minha espera, lá fora, está o jovem. Acompanhou-me à sala onde havia estado antes.

O aspecto da divisão era o mesmo. O livro continuava pousado sobre a escrivaninha ao lado do computador. Das colunas saíam trechos de música clássica de compositores desconhecidos. O jovem guiou-me até ao sofá e trouxe-me um copo de água fresca. Bebi metade. «Sinto-me cansado», disse eu, mas nem parecia a minha voz. Além do mais, não tinha intenção de dizer aquilo. Era como se a minha voz tivesse falado independentemente da minha vontade, por sua própria iniciativa. Ainda assim, era a minha voz.

O jovem assentiu com a cabeça. Tirou um sobrescrito branco do bolso interior do casaco e fê-lo deslizar para dentro do bolso interior do meu blusão de basebol. Depois voltou a acenar ao de leve com a cabeça. Olhei lá para fora. O céu estava escuro e os anúncios de néon, as luzes dos prédios de escritórios, a luz dos candeeiros e os faróis dos carros iluminavam as ruas. De repente senti uma necessidade imperiosa de sair daquele lugar. Levantei-me em silêncio, atravessei a sala, abri a porta

e vim-me embora. O jovem, de pé à frente da secretária, seguiu-me com o olhar mas, como seria de esperar, não disse nada. Não esboçou um gesto para me impedir de sair dali.

A estação de Akasaka-Mitsuke estava apinhada de gente que regressava a casa depois do trabalho. Sem a mínima vontade de respirar o ar viciado do metro, decidi seguir a pé o mais longe possível. Passei diante do edifício do governo destinado aos dignitários estrangeiros e fui andando sempre até chegar à estação de Yotsuya. Depois continuei pelo bairro de Shinjuku, entrei num cafezinho e pedi uma cerveja. Mal dei um gole, apercebi-me de que tinha era fome e mandei vir um prato simples. Dei uma olhadela ao relógio de pulso e reparei que eram quase sete da tarde. Pensando bem, que importância tinha, que diferença fazia as horas que eram?

De repente, senti que tinha qualquer coisa no bolso interior do casaco. Esquecera-me por completo do sobrescrito que o jovem me entregara à saída. Um sobrescrito branco, vulgaríssimo. Ao pegar nele, apercebi-me de que era muito mais pesado do que parecia. Não só era pesado, como tinha um peso estranho. Parecia que lá dentro havia qualquer coisa viva a sustentar a respiração. Depois de uns momentos de hesitação, abri o sobrescrito – de qualquer forma teria sempre de o fazer, mais cedo ou mais tarde. Dentro estava um maço de notas de dez mil ienes, novinhas em folha, sem uma ruga nem um vinco. De tão novas nem pareciam verdadeiras, mas não tinha razão para pensar que não o fossem. Ao todo, havia vinte notas. Conte-as para ter a certeza. Não havia dúvida: eram vinte. Duzentos mil ienes.

Guardei o dinheiro dentro do sobrescrito e meti-o no bolso. A seguir peguei no garfo e pus-me a olhar estupidamente para ele por nenhuma razão especial. A primeira coisa que me veio à cabeça foi que com aquele dinheiro devia comprar uns sapatos novos para mim. Estava mais do que precisado de um par. Paguei a minha conta, voltei para trás e entrei numa grande sapataria que dava para a Avenida Shinjuku. Escolhi uns ténis azuis normalíssimos e indiquei ao empregado o número que calçava. Nem sequer perguntei o preço. Depois de os experimentar e ver que me serviam, anunciei que os levava já calçados. Depois de enfiar com destreza os atacadores brancos, o empregado de meia-idade (que podia muito bem ser o dono do estabelecimento) quis saber: «E o que fazemos com os sapatos que trazia calçados?» Respondi-lhe que podia deitá-los fora, mas depois mudei de ideias e disse que afinal sempre os levava comigo.

– Há ocasiões em que é útil ter à mão um velho par de sapatos para sujar – comentou ele com um sorriso cordial. Como quem diz que estava mais do que habituado a ver sapatos tão sujos como os meus todos os dias. Em seguida guardou os sapatos velhos na caixa dos novos e meteu a caixa dentro de um saco de papel com asas. Ali enfiados dentro da sua nova caixa, os velhos ténis pareciam o cadáver de um animalzinho pequeno. Paguei a despesa com uma das notas de dez mil ienes sem uma ruga que tirei de dentro do sobrescrito e recebi de troco umas quantas notas de mil ienes não tão novas quanto isso. Depois, peguei no saco que tinha lá dentro os sapatos velhos, fui apanhar o comboio que saía da linha de Odakyu e regressei a casa. Misturado com as pessoas que regressavam a suas casas, agarrado a uma das correias da carruagem, comecei a enumerar as coisas novas que trazia vestidas naquele momento – uns calções novos, uma camisola interior nova, uns sapatos novos.

Uma vez em casa liguei o rádio e sentei-me à mesa da cozinha, a beber uma cerveja e, como de costume, a ouvir música. Foi então que me ocorreu que tinha vontade de falar com alguém. Do tempo, do governo, de qualquer coisa. Tanto fazia, desde que pudesse trocar dois dedos de conversa com outra pessoa. Para mal dos meus pecados, não me lembrei de ninguém. Nem sequer com o gato podia contar.

Na manhã seguinte, enquanto fazia a barba diante do espelho, inspecionei a mancha da cara como fazia sempre. Não apresentava sinais de mudança. Instalei-me na varanda e passei o dia a contemplar o jardim, pela primeira vez desde há bastante tempo. Passei uma manhã deliciosa, e à tarde a mesma coisa. Uma brisa primaveril fazia estremecer as folhas das árvores.

Tirei do bolso interior do meu blusão de basebol o sobrescrito com as dezanove notas de dez mil ienes e guardei-o na minha gaveta do escritório. Continuava a achá-lo invulgarmente pesado, tal como no dia anterior. Aquele peso devia ter algum significado, mas não sabia ao certo o quê. Às tantas pensei: «Lembra-me qualquer coisa.» O que eu fizera tinha semelhanças com qualquer coisa, e não eram poucas. Tentei lembrar-me do que podia ser olhando fixamente o sobrescrito, mas em vão.

Fechei a gaveta, fui à cozinha e preparei um chá que bebi diante do lava-loiça. Até que finalmente me lembrei. O que tinha feito na véspera parecia-se estranhamente com a actividade das *call girls* que marcam encontros pelo telefone, como acontecia com Creta Kano. Ir ter ao local indicado, ir para a cama com um desconhecido e ser remunerado por isso. Pela parte que me tocava, não tinha chegado a dormir com a mulher (só me tinha vindo sem despir sequer as calças), mas, tirando isso, era quase o mesmo. A troco de uma considerável quantidade de dinheiro, entregara o meu corpo a uma pessoa qualquer. Reflecti sobre isto enquanto bebia o meu chá. Ao longe, um cão ladrava. Quase a seguir, passou um helicóptero. Não havia maneira de os meus pensamentos fazerem sentido. Voltei a sentar-me na varanda e fiquei ali a olhar para o jardim à luz do entardecer. Quando me fartei, comecei a olhar para as palmas das minhas mãos. Quem diria que *eu* me transformaria numa prostituta! Quem imaginaria que um dia eu seria capaz de vender o meu corpo por dinheiro? Ou que a primeira coisa comprada com o dinheiro fossem uns ténis?

Apetecia-me respirar o ar fora de casa, vai daí decidi ir às compras no bairro. Pus-me a caminho com os meus ténis novos. Graças a eles, tinha a sensação de ser uma pessoa nova, diferente da que até então havia sido. Aos meus olhos, a paisagem em redor, o rosto das pessoas que se cruzavam comigo, tudo era diferente. No supermercado da zona comprei legumes, ovos, leite, peixe e café em grão. Paguei com o dinheiro que recebera de troco na sapataria. Tinha vontade de confessar à senhora da caixa, uma quarentona de cara redonda, que aquele dinheiro fora ganho na noite anterior vendendo o meu corpo. Tinha arrecadado duzentos mil ienes. Nada mais nada menos que duzentos mil ienes! E pensar que no escritório de advogados onde costumava trabalhar me pagavam pouco mais de cinquenta mil ienes por mês, matando-me a fazer horas extraordinárias dia sim dia sim. Tinha uma vontade imensa de lhe dizer isso mesmo. Como é óbvio, porém, calei-me bem calado. Entreguei-lhe o dinheiro e recebi em troca um saco de papel com as compras.

Uma coisa era certa: bem ou mal, as coisas tinham começado a mexer. Isto foi o que disse a mim mesmo no caminho de regresso a casa, carregado com o saco das compras. Agora só tinha de me agarrar bem para ver se não perdia a carruagem. Se o conseguisse, talvez conseguisse chegar a qualquer parte. Pelo menos a um lugar diferente daquele onde me encontrava.

O meu palpite não estava errado. Ao chegar a casa fui recebido pelo gato. Assim que abri a porta da rua, aproximou-se um gato e pôs-se a miar desalmadamente. Tinha a cauda com a ponta dobrada e torta. Era *Noboru Wataya*, que andava desaparecido há quase um ano. Larguei o saco das compras ali mesmo e apertei-o nos meus braços.

Um lugar que é possível adivinhar
depois de pensar muito bem
(o ponto de vista de May Kasahara – 1)

Ora viva, senhor Pássaro de Corda!

Aposto que me imaginas algures numa sala de aula, debruçada sobre um manual escolar como qualquer aluna normal. Bem sei que da última vez que nos vimos te disse que ia retomar os estudos, por isso é natural que penses isso. E, de facto, voltei à escola, por sinal um colégio interno para raparigas, muito afastado, um daqueles estabelecimentos de ensino todos finos, com quartos tão grandes e limpos que mais parecem quartos de hotel, e um refeitório tipo cafetaria onde até te podes dar ao luxo de escolher o que queres comer. Isto para já não falar nos magníficos campos de ténis e na piscina, tudo novo e a estrear. Um sítio desses que custam os olhos da cara, só para meninas de boas famílias, não sei se estás a ver. Meninas de boas famílias com problemas. Estás a ver o género, não estás? Uma verdadeira escola-prisão-de-cinco-estrelas, desterrada no meio das montanhas, cercada por uma vedação alta de arame farpado e um portão de ferro de um tamanho que nem o próprio Godzilla teria conseguido derrubar, e isto com vigilância assegurada vinte e quatro horas por dia por uns guardas que mais pareciam robôs – não tanto para impedir a entrada dos que vêm de fora, mas sim para impedir a saída dos que lá estão dentro.

Agora está na altura de me fazeres a perguntinha da ordem. «Por que carga de água é que aceitaste ir para esse sítio se já sabias que era assim tão pavoroso?» Tens razão, mas a verdade é que não tive outro remédio. Por causa de todos os problemas que causei, aquela foi a única escola que fez o «favor» de me aceitar, além de que eu estava mortinha por sair de casa. Por isso, mesmo sabendo que se tratava de um sítio horrível, decidi fazer a experiência. As pessoas usam a palavra «tenebroso», mas garanto-te que aquilo era pior. Juro que até pesadelos tive naquele lugar, e que passava as noites a acordar alagada em suor e a pensar com os meus botões que o melhor era não acordar, que a realidade era infinitamente pior. Compreendes o que te digo, senhor Pássaro de Corda? Será que alguma vez desceste a um inferno semelhante?

Isto para te contar que passei apenas seis meses nesta escola-prisão-de-cinco-estrelas. Quando regresssei a casa para as férias da Primavera, anunciei aos meus pais que preferia suicidar-me a voltar para lá. Disse que estava disposta a enfiar três tampões higiénicos na garganta e a beber toneladas de água, que cortaria os pulsos com uma lâmina, que me atiraria de cabeça do telhado da escola. E olha que não estava a brincar, era a sério. Os meus pais, os dois juntos, têm menos imaginação do que uma rã, mas quando falo com eles à séria, percebem que não se trata de uma simples ameaça. Sabem disso por experiência.

Posto isto, não voltei a pôr os pés naquela maldita escola. Desde finais de Março e até princípios de Abril, fiquei metida em casa a ler, a ver televisão, ou simplesmente a não fazer nada.

Para aí umas cem vezes por dia pensava: «Estou cheia de saudades do senhor Pássaro de Corda.» Por mais vontade que tivesse de atravessar a ruela, de saltar o muro e de ir dar um passeio contigo, era mais fácil de dizer do que de fazer. Porque teria sido uma mera repetição do Verão passado. E foi assim que fiquei por casa, a olhar para a viela da janela do meu quarto e a pensar no que estaria o senhor Pássaro de Corda a fazer naquele momento... Que tipo de vida seria a do Pássaro de Corda, por aqueles belos dias de Primavera que tinham aparecido com passinhos de lã e tomado conta do mundo? Kumiko terá voltado para casa? Que seria feito daquelas duas estranhas irmãs, Malta Kano e Creta Kano? Noboru Wataya (atenção, refiro-me ao gato), já estaria de regresso? E a mancha na cara, teria desa-parecido?

Um mês depois, já não dava para aguentar mais aquele tipo de vida. Não sei explicar porquê, mas, para mim, aquele lugar passara a ser «o mundo do senhor Pássaro de Corda» e, ali, eu não passava de um «elemento do mundo do senhor Pássaro de Corda». Às tantas, sem ser tida nem achada, dei-me conta disso. Tu não tens culpa nenhuma, escusado será dizer, mas aconteceu e achei que as coisas não podiam continuar como estavam. Tinha de encontrar o meu lugar, desse por onde desse.

E de repente, de tanto pensar no assunto, fez-se luz. Encontrei um sítio à maneira.

(Aqui tens uma pista) Se pensares bem, mesmo muito bem, senhor Pássaro de Corda, pode ser que lá chegues. Basta que te esforces um bocadinho e vais ver que consegues imaginar de que lugar se trata. Não é um hospital, não é um hotel, não é uma prisão, não é uma casa. É um lugar um tanto ou quanto especial que fica muito, muito longe. É um... segredo! Por agora.

Sempre te adianto que fica nas montanhas, também rodeado de muros (não tão altos quanto isso), com um portão e um velhote simpático de guarda às instalações, mas pode-se entrar e sair livremente. Fica no meio de um terreno enorme, tem um bosque e um tanque, e de manhãzinha vêem-se montes de animais. Leões, zebras... Mentira! São tudo animais pequenos, tipo pavões e texugos. Tem uma residência, e é aí que eu vivo. Tenho direito a um quarto só para mim, não tão bonito como o da escola-prisão-de-cinco-estrelas, mas não é mau de todo.

Estou a escrever-te no meu quartinho, sentada a uma minúscula secretária, ao lado de um guarda-roupa mínimo, sem grandes decorações à vista e tudo pensado de forma a ser funcional e prático. Em cima da secretária está um candeeiro, uma chávena de chá, o papel de carta para te escrever e um dicionário. Para te ser franca, quase nunca uso o dicionário. Não gosto de dicionários, pronto. Não gosto do aspecto que têm e não gosto do que vem lá dentro. Sempre que me vejo obrigada a usar um, faço uma careta e penso: Quem é que precisa de saber isto? Sou daquelas pessoas que não se dão bem com dicionários. Agora imagina que vou à procura da palavra «transição» e lá diz qualquer coisa como: «passagem de um estado de coisas, de uma condição a outra». E depois? O que é que isso tem que ver comigo? Vai daí, a simples visão de um dicionário na minha mesa de trabalho é o mesmo que estar a olhar para um cão que não conheço de parte nenhuma e que acabou de deixar um monte retorcido de merda de cão no nosso relvado das traseiras. O que não impede que tenha comprado um dicionário, isto por pensar que ia ver-me obrigada a procurar algumas palavrinhas quando tivesse de te escrever, senhor Pássaro de Corda.

Quanto ao meu quarto, é o quarto ideal para uma adolescente como eu – ou talvez não. Não, vendo bem funciona mais como uma espécie de moderna cela para prisioneiros acusados de terem cometido a primeira ofensa. Em cima da estante tenho o leitor de cassetes que trouxe de casa (aquele grande, lembra-te, senhor Pássaro de Corda?) e neste momento estou a ouvir Bruce

Springsteen. Como estamos num domingo à tarde e já bazou toda a gente, posso ter o som a altos berros que ninguém se queixa.

Actualmente, a minha única diversão consiste em ir aos fins-de-semana à cidade e comprar meia dúzia de cassetes numa loja de discos que lá existe. (Livros, quase nunca compro; quando me apetece ler, encontro o que preciso na biblioteca.) A rapariga do quarto ao lado do meu, com quem me dou bastante bem, comprou um carrito e volta e meia dá-me boleia até à cidade. E, não vais acreditar, mas ela tem-me dado umas aulas de condução. O que por aqui não falta é espaço e há sítios de sobra para praticar quando quero e me apetece. Ainda não tenho carta nem nada que se pareça, mas já me safo razoavelmente bem.

Para dizer a verdade, e à parte comprar as cassetes na tal loja de música, a cidade não oferece grande divertimento. Por aqui, as outras raparigas passam o tempo a dizer que davam em maluquinhas se não fosse a ida à cidade uma vez por semana, mas, pela minha parte, confesso que prefiro mil vezes ficar aqui sozinha, entretida a ouvir a minha música preferida. Uma vez, a tal amiga do carro propôs-me que fôssemos sair com dois rapazes, os quatro juntos. Só para ver no que a coisa dava. Aceitei e ela, que é destas bandas e conhece uma quantidade de gente, apresentou-me a um rapaz. Ele anda a estudar na universidade e não está mal, mas, como é que te hei-de dizer, quer-me parecer que ainda não me sinto capaz de ter uma percepção clara de uma data de coisas. É como se essas coisas estivessem longe, muito longe, assim uma espécie de bonecos numa carreira de tiro, não sei se estás a ver, e entre mim e esses bonecos houvesse uma série de cortinas transparentes penduradas.

Para ser franca, quando estava ao pé de ti, por exemplo, quando estávamos os dois sentados à mesa da cozinha a conversar, a beber cerveja e assim, costumava pensar sempre: «Que faria eu se de repente o senhor Pássaro de Corda me saltasse para cima e me tentasse violar?» Não saberia o que fazer. É óbvio que o mais certo era resistir e gritar: «Não, senhor Pássaro de Corda, não quero! Não faça isso!» Enquanto estivesse a dar voltas à cabeça para te explicar por que razão é que não queria e por que razão é que tu não devias fazer aquilo, acabaria, no entanto, por ficar confusa e por não saber de que terra era e, provavelmente, aproveitar-te-ias da situação para me violar. Só de pensar nisso o meu coração começava a bater desalmadamente, e eu achava tudo aquilo de uma injustiça atroz. É evidente que tu não fazias a mínima ideia do que me ia no pensamento. Não achas isto tudo uma estupidez? Aposto que achas. Não faz sentido, já sei, mas, naquela altura, para mim aquilo era uma questão terrivelmente séria. Julgo que foi por isso que tirei a escada e fechei a tampa, deixando-te sozinho no fundo do poço. Era como se estivesse a dar o assunto por encerrado. Tu deixarias de fazer parte da minha vida e eu ficaria em paz e já não teria de dar voltas à cabeça com pensamentos daquele género.

Peço que me desculpes. Agora sei que nunca deveria ter feito semelhante coisa (nem a ti nem a ninguém, é bom de ver). O que acontece é que, por vezes, é superior às minhas forças. Tenho perfeita consciência do que estou a fazer, mas, ao mesmo tempo, não o posso evitar. É o meu calcanhar de Aquiles, se quiseses.

Tenho a certeza de que tu, senhor Pássaro de Corda, nunca me saltarias para a espinha e nunca serias capaz de me violar. Não me perguntes porquê, mas sei. Isso não quer dizer que não o pudesses fazer (porque ninguém sabe o que pode acontecer nesta vida), mas que pelo menos jamais o farias para me perturbar as ideias. Não consigo explicar melhor, mas é essa a sensação que tenho.

Bom, já chega desta história da violação. Passemos a outro capítulo.

Como te ia dizendo, quando saio com um rapaz sou incapaz de concentrar a minha atenção nele, sabes? Mesmo que esteja ali à conversa e a sorrir e tudo, a minha cabeça passa o tempo todo a vaguear por outro lugar, como um balão ao qual cortaram a guita. Uma atrás da outra, passam-me pela cabeça coisas que nada têm que ver com tudo aquilo. Não sei mas palpita-me que devo continuar sozinha por mais algum tempo. E continuar a pensar nas minhas coisas desta maneira desordenada e independente, muito minha. Neste sentido, devo estar ainda em «fase de recuperação».

Voltarei à carga. Na próxima carta procurarei dar-te explicações mais concretas acerca da minha vida actual e de muitas outras coisas.

P.S. Até receberes a minha próxima carta, tenta adivinhar o sítio onde me encontro e o que estou aqui a fazer.

Canela e noz-moscada

O gato estava coberto de terra seca, desde a ponta do nariz à extremidade da cauda. Tinha o pêlo num emaranhado de bolas. Parecia ter andado durante muito tempo a rebolar-se pelo chão no meio da imundície. Agarrei no gato, que miava de excitação, e examinei-o de alto a baixo. Apresentava sinais de estar um tanto ou quanto debilitado, mas, tirando isso, o corpo e a pelagem pouco ou nada tinham mudado desde a última vez que lhe pusera a vista em cima. Os olhos estavam límpidos, sem cicatrizes de espécie alguma. Ninguém diria que aquele gato tinha estado ausente quase um ano. Mais parecia ter regressado a casa depois de uma noite de boa-vai-ela.

Dei-lhe de comer na varanda: um prato de *sawara*³⁹ partida aos pedacinhos que tinha comprado no supermercado. Era mais do que evidente que estava esganado de fome, e devorou o peixe enquanto o diabo esfregava um olho, ao ponto de se engasgar pelo meio, cuspiendo os bocados antes de os voltar a mastigar. Encontrei no armário debaixo do lava-loiça a tigela que costumávamos usar para lhe dar de beber. Enchi-a de água e o gato bebeu quase tudo. Depois recuperou o fôlego e começou a lamber a cara toda cheia de lama. De repente, parecendo recordar-se de algo, saltou para o meu colo, enrolou-se num novelo e adormeceu.

O gato dormia com as patas da frente dobradas debaixo do corpo, tapando o focinho com a cauda. A princípio ronronava com força, mas depois o som foi-se tornando cada vez mais débil e, ao fim de um certo tempo, mergulhou num sono profundo, baixando completamente a guarda. Sentado ao sol na varanda, eu fazia-lhe festas mas tendo o cuidado de não o acordar. Tinham acontecido tantas coisas na minha vida que, para ser franco, até me esquecera que o bichano andava desaparecido. A verdade, porém, é que a simples presença nos meus joelhos daquele animal pequeno e meigo, profundamente adormecido e confiante, me tocava fundo. Pus a mão sobre o peito dele e senti o seu coração palpar. Os batimentos eram leves e distantes. O seu coração, igual ao meu, marcava incessantemente o tempo, sem tréguas.

Não imaginava por onde teria o gato andado durante aquele ano, nem o que teria feito, nem por que regressara assim de um mo-

mento para o outro. Gostaria de lhe ter feito todas estas e outras perguntas: «Onde estiveste? Que diacho fizeste durante quase um ano? E onde deixaste o rasto de todo o tempo que passou?»

Fui buscar uma almofada velha e deitei o gato em cima dela. Tinha o corpo mole como um monte de roupa acabada de lavar. Quando peguei nele ao colo, entreabriu as frestas dos olhos, abriu ligeiramente a boca como se fosse miar, mas não fez nenhum som. Enroscou-se em cima da almofada, bocejou e voltou a adormecer. Ao vê-lo a dormir descansado, fui à cozinha e tratei de arrumar o resto da comida que tinha comprado, guardei o *tofu*, os legumes e o peixe no frigorífico. Não fosse o diabo tecê-las, ia deitando uma olhadela à varanda: o gato continuava a dormir na mesma posição. Tínhamos-lhe dado o nome de *Noboru Wataya* porque o seu olhar fazia lembrar o do irmão de Kumiko, mas não era esse o seu verdadeiro nome. Acabáramos por nunca lhe dar outro, isto já lá iam seis anos.

Agora, porém, nem por brincadeira podia continuar a chamar-lhe *Noboru Wataya*. Durante aqueles seis anos, a figura do verdadeiro Noboru Wataya tinha adquirido contornos bem palpáveis, na qualidade de homem público e conhecido – sobretudo agora, que tinha sido eleito para a Câmara dos Deputados – e não fazia sentido continuar a chamar isso ao nosso gato. Enquanto o gato estivesse comigo, tinha de lhe dar um novo nome – e quanto mais depressa, melhor. Um nome simples, o mais concreto e realista possível.

Retirei o prato onde tinha deixado o peixe. Brilhava como se o tivessem lavado e secado. O gato devia ter-se regalado mesmo. Ainda bem que tinha comprado peixe, coisa rara, e logo no dia em que o gato se lembrara de voltar para casa. Pareceu-me um bom presságio, tanto para mim como para o gato. Sim, era isso: decidi chamar-lhe *Cavala*. Enquanto o acariciava atrás das orelhas, anunciei em voz alta: «Acabou-se o *Noboru Wataya*. A partir de agora, o teu nome é *Cavala*.» Tinha vontade de anunciar ao mundo, alto e bom som.

Fiquei a ler sentado na varanda, sempre com o gato ao lado, até ser noite. *Cavala* dormia profundamente, como se estivesse a recuperar de alguma coisa. A sua respiração lembrava um fole a trabalhar ao longe, e o seu corpo subia e descia lentamente, ao compasso da respiração. De vez em quando esticava o braço e tocava naquele corpinho cálido como que para ter a certeza de que ele estava realmente ali. Que maravilha, saber que bastava estender o braço para tocar qualquer coisa viva, sentir calor ao alcance da mão. Não me dera conta disso, mas a verdade é que há muito tempo que não sabia o que era essa sensação.

No dia seguinte, *Cavala* continuava lá. Quando acordei, dei com ele ao meu lado, todo estiraçado de costas em cima da cama, de patas estendidas, profundamente adormecido. Aparentemente devia ter acordado durante a noite e lambido o corpo de alto a baixo, porque a lama e as bolas de pêlo tinham desaparecido. Dir-se-ia que recuperara o seu aspecto de antigamente. Estreitei-o nos meus braços, dei-lhe o pequeno-almoço e mudei-lhe a água. Depois afastei-me um bocadinho e chamei: «*Cavala*! Anda cá!» À terceira vez, dignou-se olhar na minha direcção e soltou um pequeno miado.

Estava na hora de começar o meu dia. O gato voltara para casa, para mim, e eu só tinha era de andar para frente. Tomei duche e engomei uma camisa lavada, vesti as minhas calças de algodão e calcei os meus novos ténis. O céu estava ligeiramente nublado, mas, como não fazia frio, decidi não vestir casaco e levar antes uma camisola mais grossa. Apanhei o comboio e saí na estação de Shinjuku. Como sempre, atravessei pela passagem subterrânea para chegar à praça que ficava ao pé da saída oeste, e sentei-me no banco do costume.

A mulher apareceu já passava das três. Não pareceu surpreendida por me encontrar ali, nem eu me surpreendi ao vê-la aproximar-se. O nosso encontro era a coisa mais natural do mundo. Nem sequer nos cumprimentámos, como se tivéssemos combinado de antemão aquele encontro. Pela minha parte, levantei os olhos para ela, e ela entreabriu ligeiramente os lábios num sorriso.

Trazia vestido um *top* de algodão cor de laranja muito primaveril, uma saia justa cor de topázio, e usava umas pequenas argolas de ouro nas orelhas. Como sempre, sentou-se ao meu lado, tirou um maço de *Virginia Slims* do bolso, pôs um cigarro na boca e acendeu-o com o isqueiro achatado de ouro. Como seria de esperar, desta vez nem sequer me ofereceu nenhum. Depois de ter dado duas ou três passas, sempre calada e mergulhada nos seus pensamentos, atirou o cigarro para o chão com todo o ar de estar a testar as condições da gravidade naquele dia. «Venha comigo», disse-me então, ao mesmo tempo que me dava uma palmadinha no joelho.

Levantou-se. Eu apaguei o cigarro com o pé e fui atrás dela. Levantou o braço, mandou parar um

táxi que ia a passar e entrámos. Sentei-me ao seu lado. Ela indicou com voz clara ao motorista uma morada para os lados de Aoyama e depois não disse mais nada durante todo o trajecto, enquanto o táxi percorria as avenidas apinhadas de carros até chegar à tal rua do bairro de Aoyama. Eu contemplava a paisagem de Tóquio através da janela. Entre a saída oeste da estação de Shinjuku e Aoyama havia uma quantidade de edifícios novos que nunca tinha visto antes. A mulher tirou uma agenda de bolso e escreveu qualquer coisa com uma esferográfica dourada. De vez quando deitava uma olhadela ao relógio para confirmar as horas. Um relógio de ouro em forma de pulseira. Pelos vistos, todos os objectos que usava eram de ouro. Ou dar-se-ia o caso de todos os objectos se transformarem em ouro a partir do momento em que lhes tocava?

Conduziu-me a uma loja que só vendia roupa de marca, na Avenida Omote Sando, e escolheu-me dois fatos. Ambos feitos de tecido fino, um azul-acinzentado, o outro verde-escuro. Não se tratava obviamente do género de fatos apropriados para um escritório de advogados, mas bastava enfiar os braços nas mangas para ficar a *saber* que custavam os olhos da cara. Nem ela me deu uma explicação nem eu lha pedi. Limitei-me a obedecer-lhe e a fazer tudo o que me dizia. Fez-me lembrar uma cena de um daqueles filmes de arte e ensaio que costumava ver nos meus tempos de estudante. Eram tudo fitas em que se fugia das explicações como do diabo, para não correr o risco de transmitir realismo ao filme. Era uma forma de pensar e de ver as coisas. Aos meus olhos, porém, enquanto alguém de carne e osso, era estranho ver-me assim mergulhado naquele mundo.

Como vestia um tamanho vulgar, quase não foi preciso fazer ajustamentos nos fatos. Bastou um pequeno toque nas mangas e na bainha das calças. A mulher escolheu três camisas e três gravatas para cada fato, mais dois cintos e uma dúzia de meias. Pagou com cartão de crédito e perguntou se podiam mandar entregar tudo a minha casa. Parecia ter uma ideia muito definida do tipo de roupa que eu devia usar e da imagem que eu devia ter, e demorou muito pouco a fazer as suas escolhas. Pela minha parte, até para comprar uma borracha numa papelaria levava mais tempo. Tenho, no entanto, de reconhecer que ela tinha inegável bom gosto. Parecia ter escolhido as camisas e as gravatas por acaso, mas as cores e os estilos combinavam na perfeição, como se tivesse procedido à sua escolha depois de longa e aturada ponderação. Além disso, há que reconhecer que não se tratava propriamente de uma combinação banal.

A seguir, levou-me a uma sapataria e comprou-me dois pares de sapatos para usar com os fatos. Também ali não precisou de muito tempo. Voltou a pagar com o cartão e a pedir que me enviassem tudo a casa. Palpitava-me que não era costume entregar dois pares de sapatos em casa, mas parecia ser aquela a sua maneira de proceder habitualmente: escolher o que queria num abrir e fechar de olhos, pagar com cartão de crédito e mandar entregar tudo em casa.

Depois entrámos numa relojoaria e a cena repetiu-se. Não demorou mais de dois minutos para me comprar um elegante relógio de pulseira com uma correia de pele de crocodilo a combinar com os fatos, que custou a módica quantia de cinquenta ou sessenta mil ienes. (Escusado dizer que a operação não demorou mais de dois minutos.) Pelos vistos, o relógio barato de plástico que eu costumava usar não era do seu agrado. Neste caso, como era lógico, não pediu que me enviassem a casa. Mandou embrulhá-lo e deu-me sem dizer uma palavra.

A etapa seguinte foi um cabeleireiro unissexo. Um espaço enorme, que mais parecia um salão de baile, com soalho de madeira brilhante e um espelho de parede a parede. Os cabeleireiros, apetrechados de pentes, escovas, tesouras e sei lá mais o quê nas mãos, afadigavam-se em torno das quinze cadeiras que havia. Viam-se plantas envasadas por tudo quanto era sítio e, através de umas

colunas *Bose*, fazia-se ouvir baixinho um festival de improvisos labirínticos de Keith Jarrett em piano solo. A marcação já devia estar feita, visto que fui de imediato conduzido a uma das cadeiras. Ela deu instruções precisas a um cabeleireiro magro que parecia conhecer bem. O cabeleireiro acolhia com um movimento de cabeça afirmativo cada uma das suas indicações ao mesmo tempo que, através do espelho, observava a minha cara como se estivesse a olhar para uma refeição composta de um talo de aipo espetado numa tigela de arroz. O homem era parecido com Soljenitsine quando jovem. «Volto quando estiver despachada», comunicou ela ao cabeleireiro, antes de sair do estabelecimento em passo apressado.

O homem pouco ou nada disse enquanto me cortava o cabelo. Um lacónico «vamos para aqui, por favor», antes de me lavar a cabeça, ou um «não se importa?» quando chegou a altura de passar a escova para tirar os cabelos. De vez em quando, ao fazer o gesto de se afastar de mim, tocava-me na mancha que eu tinha na face direita. No espelho a toda a largura da parede podia ver reflectido o rosto de muitas pessoas, entre elas o meu. E na minha cara luzia a mancha de um azul vívido. A verdade é que, aos meus olhos, não era nem feia nem repugnante. Fazia parte integrante de mim e tinha de a aceitar como tal. Por vezes, sentia o olhar de outra pessoa qualquer pousado nela. Mas havia demasiadas imagens reflectidas no espelho para conseguir ver de quem se tratava. Pressentia o olhar, pura e simplesmente.

O corte demorou meia hora. Voltava assim a ter o cabelo curto, eu que andara a deixá-lo crescer desde que abandonara o emprego. Quando a mulher regressou já eu estava sentado na sala de espera, a folhear revistas e a ouvir música. Ela pareceu ficar satisfeita com o meu novo penteado. Tirou uma nota de dez mil ienes, pagou e saímos juntos. Uma vez lá fora, deteve-se e examinou-me dos pés à cabeça, tal como eu fizera com o gato. Como se perguntasse a si própria se havia esquecido alguma coisa. Pelos vistos, parecia tudo nos conformes. Deu uma olhadela ao relógio de pulso de ouro e suspirou. Eram quase sete da tarde.

– Vamos jantar – sugeriu ela. – Estás com fome?

Tinha comido, ao pequeno-almoço, uma torrada e, ao meio-dia, apenas um *donut*.

– Mais ou menos – respondi.

Levou-me a um restaurante de cozinha italiana ali perto. Também devia ser conhecida porque, sem que disséssemos uma palavra, fomos de imediato conduzidos a uma mesa tranquila ao fundo da sala. Assim que me sentei à frente dela, mandou-me tirar tudo dos bolsos das calças. Obedeci sem refilar. Parecia que o meu verdadeiro eu se tinha separado de mim e andava a vaguear por qualquer lado. Espero bem que não demore muito a encontrar-me, lembro-me de ter pensado. Nos bolsos não tinha nada de especial: umas chaves, um lenço, uma carteira. Agarrei e pus tudo em cima da mesa. Ela, que havia estado a observar o processo sem aparente interesse, pegou na carteira e inspeccionou o que tinha lá dentro. Ao todo, devia ter para aí uns mil e quinhentos ienes, mais um cartão de telefone, o cartão de Multibanco e o cartão da piscina municipal. Nada mais. Nada do outro mundo. Nada que se pudesse cheirar, medir, apalpar, molhar, examinar à contraluz. Devolveu-me sem alterar a expressão do seu rosto.

– Amanhã vais ao centro e compras uma dúzia de lenços, uma carteira nova e um porta-chaves – disse ela. – São tudo coisas que já podes ser tu a escolher, não é verdade? A propósito, quando foi a última vez que compraste roupa interior?

Pensei, pensei, mas não me consegui lembrar. Expliquei que não me lembrava.

– Creio que deve ter sido há algum tempo, mas, já agora, convém que fique a saber que, apesar de

viver sozinho, sou maníaco da limpeza e lavo a roupa...

– De qualquer maneira, compra uma dúzia de cuecas e de camisolas interiores – cortou ela num tom seco, como se não quisesse tocar mais naquele assunto.

Assenti em silêncio.

– Traz-me a factura que eu pago. E compra roupa de boa qualidade. A conta da lavandaria também fica na minha conta. E vê lá se não usas uma camisa mais do que um dia. Estamos entendidos?

Fiz novo sinal afirmativo com a cabeça. Quem ia ficar feliz da vida era o dono da lavandaria ao pé da estação. «Mas», comecei eu a pensar, esforçando-me depois por construir, a partir daquela simples conjunção que parecia colada à janela, uma frase graças ao seu alto poder de adesão.

– Mas por que carga de água a senhora se dá ao trabalho de fazer tudo isto por mim? Quer dizer, comprar um guarda-roupa novo, pagar o cabeleireiro e as contas da lavandaria?

Ela não respondeu logo. Em vez disso, tirou do bolso o maço de *Virginia Slims* e levou um cigarro à boca. O empregado, um homem alto com feições regulares, apareceu como que por magia ao lado dela e, com um gesto maquinal, acendeu o cigarro com um fósforo. A cabeça do fósforo ardeu com um barulhinho seco e agradável. Um som que pode muito bem ter tido o condão de abrir o apetite. Logo a seguir o empregado pôs as listas à nossa frente. Ela nem sequer se dignou olhar. Disse que não estava interessada em saber qual era o prato do dia.

– Traga-me uma salada mista e pão. E um prato de peixebranco. A salada quase sem tempero, apenas umas gotas de vinagre e com um toque de pimenta por cima. Água mineral com gás, sem gelo.

Pedi o mesmo. Estudar o menu dava muito trabalho. O empregado fez uma ligeira vénia e desapareceu. Pelos vistos, a minha própria realidade continuava com dificuldade em dar comigo.

– Pergunto isto apenas por curiosidade – aventurei-me eu a dizer. – Não pretendo colocar qualquer objecção pelo facto de me ter comprado todas essas coisas, mas gostaria de saber por que razão investiu tanto tempo e dinheiro nisso?

Continuei sem resposta. Ela estava muito ocupada a olhar para um quadro a óleo pendurado na parede. Uma paisagem campestre italiana, se não estou em erro, em que se destacava um pinheiro alto e esguio e, espalhadas por uma colina, umas quantas casinhas rurais pintadas de ocre e com aspecto convidativo. Pus-me a pensar que tipo de pessoas viveria ali. O mais certo era serem pessoas normais, com vidas normais. Era pouco provável que na vida de alguma dessas pessoas aparecesse uma mulher desconhecida que desatasse a comprar-lhe roupa e sapatos e relógios. Também não estava a ver nenhuma dessas pessoas a ter de deitar contas à vida para calcular uma exorbitante soma de dinheiro que lhe permitisse tornar-se proprietária de um poço seco. De repente, senti uma profunda inveja das pessoas que viviam num mundo normal. Diga-se de passagem que a inveja não é um sentimento que eu experimente muitas vezes, mas o certo é que a cena retratada no quadro despertou em mim aquele desejo imenso. Se ao menos eu pudesse fazer parte do quadro, ali, naquele momento! Entrar numa daquelas casinhas, beber um copo de vinho, depois meter-me debaixo da roupa e mergulhar num sono de chumbo sem pensar em mais nada!

Passado pouco tempo apareceu o empregado e depositou uma garrafa de água mineral com gás à nossa frente. Ela apagou o cigarro no cinzeiro.

– Por que é que não me fazes outra pergunta qualquer?

Enquanto eu pensava numa outra pergunta para lhe colocar, ela foi bebendo água.

– Aquele jovem que estava no escritório em Akasaka é seu filho? – perguntei eu.

– Claro que é – respondeu ela sem hesitação.

– Ele não consegue falar?

Ela assentiu com a cabeça.

– Nunca foi muito falador. E, depois, antes de completar seis anos deixou de falar de uma vez por todas. Deixou por completo de fazer uso da voz.

– Por alguma razão especial?

Ela ignorou a pergunta. Esforcei-me por pensar numa outra pergunta.

– Se não fala, como é que faz para se desenrascar?

Ela franziu ligeiramente as sobrancelhas. Era óbvio que tinha ouvido perfeitamente a pergunta, não fazia era a mínima tenção de responder.

– Aposto que também foi a senhora a escolher a roupa que ele tinha vestida, não é assim? Tal como fez no meu caso.

– Acontece que não suporto a falta de gosto em matéria de vestuário, é mais forte do que eu. Não posso suportar isso, *de maneira nenhuma*. Procuro que pelo menos as pessoas que me rodeiam estejam bem vestidas, preocupo-me que elas tenham uma indumentária cuidada, até mesmo no que toca àqueles pormenores a que ninguém presta atenção.

– Nesse caso imagino que o aspecto do meu apêndice a incomode? – brinquei eu.

– Tens algum problema com o apêndice? – inquiriu ela, perscrutando-me com um ar grave.

Arrependi-me automaticamente da piada.

– O meu apêndice está em perfeito estado, pelo menos de momento. Na verdade, só falei nisso para dizer alguma coisa... isto é, foi só uma força de expressão, mais nada.

Pelo sim pelo não ela não tirava os olhos de mim, sempre com um ar duvidoso. Ainda devia estar a pensar na história do apêndice.

– Resumindo, quero que as pessoas à minha volta andem sempre bem arranjadas, nem que tenha de ser eu a pagar do meu bolso. Mas não preocupes a tua cabecinha com isso. Aquilo que faço, faço-o unicamente por mim. Pode mesmo dizer-se que é uma questão pessoal, quase fisiológica: sinto uma aversão na presença de roupa suja.

– Da mesma forma que um músico com o ouvido educado não consegue ouvir música desafinada?

– Se quiseres.

– Isso quer dizer que compra a roupa de toda a gente que a rodeia, tal como aconteceu comigo?

– É um facto, mas também não se pode dizer que tenha muito gente à minha volta. Quer dizer, posso não gostar da forma como se vestem, mas não me posso dar ao luxo de comprar roupa para toda a gente.

– Tudo tem os seus limites, é isso?

– Precisamente – reconheceu ela.

Assim que as nossas saladas chegaram à mesa, principiámos a comer. Estavam muito pouco condimentadas. Tal como a mulher pedira, cada salada não tinha mais do que umas quantas gotas de vinagre – tão poucas que se podiam contar pelos dedos de uma mão.

– Tens mais alguma pergunta? – quis saber ela.

– Gostaria de ficar a saber o seu nome, para lhe poder chamar alguma coisa.

À minha frente a mulher mordia um rábano em silêncio. Na testa formou-se uma ruga profunda, como se, por engano, tivesse metido qualquer coisa de muito amargo na boca.

– O meu nome, porquê? Não te vais pôr a escrever-me cartas, que eu saiba. Um nome, vendo bem,

é uma coisa perfeitamente inútil.

– E se a senhora estiver de costas e eu quiser chamar a sua atenção, por exemplo? Preciso de saber o seu nome.

Pousando o garfo, ela limpou a boca com o guardanapo.

– Tens razão. Nunca tinha pensado nisso. Numa situação dessas precisas de facto de saber o meu nome.

Deixou-se ficar ali sentada um grande bocado, a reflectir. Enquanto ela pensava, eu comia a minha salada, sem dizer nada.

– Ou seja, precisas de saber o meu nome para quando precisares de chamar por mim e eu esteja de costas, é isso?

– Mais ou menos.

– Nesse caso, não faz diferença se não for o meu verdadeiro nome, pois não?

Assenti com a cabeça.

– Um nome, um nome... que nome poderia ser?

– Uma coisa simples, fácil de dizer. Um nome realista, palpável, visível, *qualquer coisa* que se possa tocar com a mão e ver com os olhos. Assim será mais fácil recordá-lo.

– Por exemplo?

– Por exemplo, ao meu gato dei o nome de *Cavala*. A bem dizer, foi ontem mesmo que lho pus.

– *Cavala*... – proferiu ela alto, saboreando o som da palavra. Depois fixou durante algum tempo a sua atenção no saleiro e no pimenteiro que estavam em cima da mesa, antes de levantar bruscamente a cabeça, olhar para mim e dizer: «*Nutmeg*⁴⁰ Noz-moscada?»

– *Nutmeg*?

– Lembrei-me assim de repente. Se achares bem, fica a ser esse o meu nome.

– Por mim, tudo bem. E ao seu filho, devo chamar-lhe o quê?

– Canela.

– E «*parsley, sage, rosemary and thyme*»...⁴¹ – cantarolei eu.

– Noz-moscada Akasaka e Canela Akasaka. Não soa mal de todo, pois não?

Noz-moscada Akasaka e Canela Akasaka... Se May Kasahara soubesse que eu tinha conhecido duas pessoas assim chamadas, por certo ficaria de boca aberta. Já a estava a imaginar: «Uma coisa de loucos, senhor Pássaro de Corda, mas por que carga de água é que não és capaz de te dares com pessoas normais?» Porque será, May Kasahara? Aí estava uma pergunta a que não sabia dar resposta.

– Agora que fala nisso, a verdade é que no ano passado conheci duas mulheres que se chamavam Creta e Malta Kano – acrescentei eu. – Em resultado disso, começou a acontecer-me toda a espécie de experiências. Isto apesar de agora já não me dar com elas.

Noz-Moscada contentou-se em abanar ligeiramente a cabeça, sem fazer comentários.

– Desapareceram de circulação, assim sem mais nem menos – acrescentei desanimado. – Como acontece com o orvalho numa manhã de Verão. Como uma estrela ao romper do dia.

A mulher levou o garfo à boca com aquilo que parecia ser um pedaço de chicória. Depois, como se recordasse de repente uma velha promessa, estendeu a mão para o copo e bebeu um gole de água.

– Não me perguntas nada acerca do dinheiro? Daquele dinheiro que recebeste da outra vez, se não estou em erro?

– Claro que quero saber.

- Não me importo de te contar, mas arriscas-te a ouvir uma história muito, muito longa.
 - Dá tempo para contar até chegar à altura da sobremesa?
 - Não me parece – retorquiu Noz-Moscada Akasaka.
-

39 Uma espécie de cavala, peixe muito apreciado pelo seu sabor; encontra-se sobretudo na costa japonesa e no Mar Interior. (*N. da T.*)

40 Em inglês no original. (*N. da T.*)

41 Em inglês no original. «Salsa, sálvia, alecrim e tomilho...», como na canção «Scarbo-rough Fair», da dupla de *folk-rock* Paul Simon e Art Garfunkel, verdadeiro clássico depois de ter passado pela banda sonora do filme de Mike Nichols *The Graduate/A Primeira Noite*, protagonizado por Anne Bancroft e Dustin Hoffman. (*N. da T.*)

O mistério da mansão dos enforcados

O CÉLEBRE MISTÉRIO DA FAMOSA MANSÃO DOS ENFORCADOS, EM SETAGAYA

Quem comprou o terreno, tristemente famoso na sequência do suicídio de uma família inteira?

O que está a acontecer naquela elegante zona residencial?

[Da edição de 7 de Outubro da revista semanal *****]

Localizado em Setagaya, no *chome-2*, o lugar é conhecido na vizinhança pela designação de «mansão dos enforcados». O terreno, com os seus trezentos e trinta metros quadrados, está situado num tranquilo bairro da zona alta da cidade. Orientada a sul e batida pelo sol, a casa reúne to-das as condições ideais para ser habitada, mas aqueles que a conhecem são unânimes em afirmar que não quereriam lá viver por nada deste mundo. Com efeito, todos os que se instalaram naquele terreno conheceram, sem excepção, um destino trágico. Segundo conseguimos apurar ao longo da nossa investigação, desde o início do Período Showa⁴², em 1926, entre aqueles que lá viveram, contam-se em número de sete as pessoas que se suicidaram, optando, na maioria dos casos, pelo enforcamento ou a asfixia.

(Omitimos a descrição do suicídio das pessoas falecidas até ao momento.)

Uma empresa fantasma compra o terreno maldito

No local ainda toda a gente se recorda do suicídio da família de Kojiro Miyawaki [*ver foto*], ex-proprietário da prestigiada cadeia de restaurantes Rooftop Grill, com sede em Ginza. Há cerca de dois anos, e devido a uma série de reveses económicos, o senhor Miyawaki contraiu numerosas dívidas e viu-se obrigado a vender todos os seus estabelecimentos comerciais, ao mesmo tempo que procedia à declaração de suspensão de actividade, a fim de evitar a bancarrota. Tal não impediu, no entanto, que continuasse a ser perseguido por diversos credores. Finalmente, em Janeiro deste ano, num hotel da cidade de Takamatsu, matou a sua segunda filha, Yukie (de catorze anos), estrangulando-a durante o sono com a ajuda de um cinto, após o que tirou a sua própria vida e a da mulher, ambos enforcados com uma corda levada até ao local para o efeito. Desconhece-se o paradeiro da filha mais velha, na altura estudante universitária. Miyawaki estava ao corrente dos sinistros rumores relacionados com o terreno quando o comprou, em Abril de 1972, mas ignorou o que se dizia, acreditando não passar tudo de uma pura coincidência. Depois de comprar o terreno, mandou

demolir a casa, há muito desabitada, e nivelar o terreno. Como precaução, solicitou a presença de um sacerdote xintoísta a fim de exorcizar o terreno e libertá-lo de todos os espíritos maus, só então fazendo erguer a casa de dois andares. Segundo os vizinhos, as duas filhas eram alegres e todos pareciam muito unidos. Onze anos depois, o destino da família Miyawaki conheceu, de um momento para outro, um desenvolvimento trágico.

No Outono de 1983, Miyawaki desfez-se do terreno e da vivenda, ambos hipotecados, mas, por questões de ordem legal no que diz respeito ao estabelecimento de uma ordem de prioridade entre os credores, a resolução foi congelada, até que no final do ano passado chegou-se a acordo por mediação de um juiz e foi possível a expropriação. O terreno foi então vendido, por um preço bastante inferior ao seu real valor, a uma empresa imobiliária, *Terrenos e Construções ****, com sede em Tóquio. Numa primeira fase, a empresa mandou demolir a casa da família Miya-waki e tentou vender apenas o terreno para construção. Surgiram várias ofertas, uma vez que o lote está situado na melhor zona de Setagaya, mas, antes ainda de os contratos serem assinados, as ofertas eram subitamente retiradas na sequência de sinistras histórias postas entretanto a circular. O director de vendas da empresa imobiliária, o senhor M., afirmou: «É evidente que estávamos a par da reputação do lugar, mas, vendo bem, a situação não podia ser melhor e, sabendo nós que anda toda a gente desesperada à procura de casas decentes para viver, acreditámos que, estabelecendo um valor abaixo do preço de mercado, acabaríamos por vendê-la. Estávamos a ser excessivamente optimistas. O certo é que, quando foi posta à venda, ninguém a quis comprar. Para agravar ainda mais a situação, e apenas um mês depois da aquisição da propriedade pela nossa empresa, ocorreu o lamentável suicídio da família Miyawaki. Para ser franco, o azar foi tanto que só nos deu vontade de arrancar os cabelos.»

O terreno acabaria por ser vendido em meados de Abril deste ano. «Não me perguntem», desculpou-se o senhor M., «nem o nome do comprador nem o preço por que foi vendido.» Ainda que não estejamos habilitados a revelar os pormenores relativos ao negócio, conseguimos apurar junto de fontes ligadas ao sector imobiliário que a empresa *Terrenos e Construções **** vendeu o terreno a um preço bastante inferior ao da sua aquisição. «Como é evidente, o cliente está a par das circunstâncias», afirmou ainda M. «Nunca foi nossa intenção enganar ninguém, e desde a primeira hora fizemos questão de mencionar todos os antecedentes, preto no branco.»

Foi então que tentámos descobrir quem havia comprado o terreno, mas, neste ponto, a nossa investigação revelou-se bem mais difícil do que seria desejável, para não dizer mesmo infrutífera. De acordo com o registo municipal, o comprador é a empresa Akasaka Research, com escritório no bairro de Minato, que se dedica à assessoria e à investigação económica. Segundo tudo indica, o terreno terá sido comprado com vista à construção de vivendas para os trabalhadores da empresa. E, de facto, procedeu-se à construção de um edifício, mas, no que à empresa diz respeito, revelou-se existir apenas no papel. Quando nos dirigimos à morada indicada, onde deveria funcionar a sede da dita empresa fantasma, na porta encontrámos apenas uma placa a dizer, «Akasaka Research». Tocámos à porta, mas ninguém abriu.

Vigilância apertada e confidencialidade absoluta

A «antiga residência dos Miyawaki» está cercada por um muro de cimento mais alto do que é habitual encontrar nas outras casas da zona. Uma grande porta de ferro pintada de preto, de aparência

sólida, impossibilita os olhares curiosos para o seu interior [ver foto 2]. No alto dos pilares de entrada está montada uma videocâmara de vigilância. Alguns vizinhos asseguram que várias vezes ao dia o portão é aberto mediante um sistema eléctrico a fim de permitir o acesso ou a saída a um *Mercedes-Benz 500 SEL* de cor preta com os vidros fumados. Contudo, nenhum vizinho viu ainda ninguém a entrar ou a sair, sem ouvir ruído algum proveniente do interior da casa.

As obras de construção começaram no mês de Maio e decorreram, do princípio ao fim, ao abrigo dos olhares alheios, ocultas pelos altos muros. Os vizinhos nem sequer se aperceberam do tipo de edifício que estava ali a ser construído. As obras realizaram-se com uma celeridade excepcional, terminando ao fim de apenas dois meses. O proprietário da casa de pronto-a-comer ao domicílio, que por mais de uma vez teve acesso ao local, afirmou à nossa equipa de reportagem: «A casa, em si, não é muito grande. Fiquei com a ideia de que se tratava de uma espécie de caixa de cimento, e não me parece que seja uma casa normal, feita a pensar em pessoas normais – demasiado pequena e sem janelas. No entanto, é bom que se diga que havia jardineiros a trabalhar no terreno, tratando de plantar árvores magníficas por tudo quanto era sítio. Palpita-me que devem ter investido uma pipa de massa no jardim.»

Depois de contactar telefonicamente com todas as empresas de jardinagem e arquitectura paisagística de Tóquio, uma delas admitiu ter participado nas obras da antiga residência dos Miyawaki, mas negou possuir quaisquer informações acerca do cliente. O responsável pela empresa afirma ter recebido o encargo directamente de um construtor com o qual costuma trabalhar, e que este se limitou a entregar uma lista de pedidos e o plano do jardim com a indicação para aí serem plantadas um certo número de árvores especificadas.

No dizer de um dos jardineiros, ao mesmo tempo que se realizavam os trabalhos de ajardinamento, foi contratada uma empresa especializada a fim de proceder à perfuração de um poço muito profundo existente no jardim. «Ergueram uma torre num determinado ângulo do jardim para pôr à superfície a terra que ia sendo escavada do local. Segui de perto toda a operação porque me encontrava ali perto, a plantar um diospireiro. Diziam os operários que se encarregavam dessa tarefa que o trabalho não era difícil, na medida em que estavam a perfurar o mesmo poço que anteriormente havia sido tapado. Confesso que só me causou estranheza o facto de não haver água. Quer dizer, se o poço já estava seco à partida, e se eles se limitavam a perfurar exactamente no mesmo sítio, não havia razão para esperar que desta vez a água fosse jorrar. Aquela história provocou-me uma sensação estranha. Como se ali se escondesse algum segredo.»

Infelizmente, não nos foi possível localizar a empresa que se ocupou da escavação do poço. Descobrimos, isso sim, que o *Mercedes-Benz* que entra e sai de casa pertence a uma importante empresa de aluguer de viaturas, cujo escritório central fica situado no bairro de Chiyoda, tendo sido alugado, com um contrato de três anos, a uma empresa situada em Minato. Adiantaram que era de todo impossível revelar o nome da empresa contratante a terceiros, mas, a julgar pelos dados que temos em nossa posse, podemos logicamente afirmar que se trata, sem dúvida alguma, de Akasaka Research. A tarifa do *leasing* de um *Mercedes 500 SEL* durante um ano anda à volta dos dez milhões de ienes. A empresa de aluguer de carros oferece também serviço de motorista, mas desconhece-se se este *500 SEL* está alugado com ou sem motorista.

Durante a investigação, os residentes na zona mostraram-se pouco receptivos a falar à nossa equipa de reportagem acerca da «mansão dos enforcados». Tudo indica que não têm qualquer relação com os habitantes da casa e que não se querem ver envolvidos no assunto. O senhor A., que vive

perto do local, afirmou: «As medidas de segurança são, a meu ver, excessivas, mas não temos qualquer direito de protestar. De resto, não creio que nenhum vizinho tenha razões de queixa. Pessoalmente, creio que é mil vezes melhor esta situação do que ter a casa desabitada e todos aqueles sinistros rumores a correr eternamente por aí.»

De qualquer forma, persiste o enigma: quem será o novo proprietário misterioso e para que fins estará esse tal senhor X a usar a mansão? O mistério adensa-se.

⁴² No Japão os anos não são apenas contados segundo o calendário gregoriano, mas subdivididos em períodos que correspondem aos anos do reinado de um imperador. Os últimos, e mais frequentemente citados, são: Meiji (1868-1912), Taisho (1912-1926) e Showa, que decorreu de 1926 a 1989, ano da morte do imperador Hirohito. Actualmente estamos no Período Heisei (1989-?). (*N. da T.*)

No fundo do poço

Quando desço até ao fundo negro do poço pela escada de ferro fixa na parede, procuro às apalpadelas o taco de baseball que deixo sempre ali ficar, encostado à parede – o taco que, quase inconscientemente, arrebatei das mãos do homem com o estojo de guitarra. O simples facto de poder brandir aquele velho taco todo arranhado na escuridão do poço deixa-me estranhamente tranquilo. E ajuda-me a estar concentrado.

Assim que encontro o taco, agarro-o com ambas as mãos e adopto a posição do batedor que se prepara para lançar uma bola. Como quem diz, este é o *meu* bom e velho taco. Só então confirmo que nada mudou no meio daquela escuridão impenetrável, onde não se vê rigorosamente nada. Apuro o ouvido, encho os pulmões de ar, raspo com a sola do sapato no chão, confirmo a dureza da parede dando meia dúzia de pancadas com a ponta do taco. Não passa tudo de um pequeno ritual para me tranquilizar a mim próprio. O fundo do poço é parecido com o fundo do mar. Tudo ali é submetido a uma tal pressão da água que conserva a sua forma primitiva, permanece imutável. O tempo passa mas as coisas não mudam.

Por cima de mim recorta-se um círculo de luz: o céu do crepúsculo. Ao vê-lo, penso no mundo àquela hora tardia de um dia de Outubro. Deve haver ali *gente* que leva por diante a sua vida. Sob a doce luz outonal, pessoas caminham pelas ruas, fazem as suas compras, preparam as suas refeições, apanham o metro para regressar a casa. E todos eles pensam – partindo do princípio de que pensam – que tudo aquilo é uma coisa tão natural que nem sequer merece a pena pensar nisso. Como acontecia comigo antes (ou não). Falo dessa massa anónima que dá pelo nome de «gente». Também eu era um desses seres anónimos. Àquela luz, aceitam-se e são aceites. Ali reina, sem sombra de dúvida, uma espécie de intimidade envolta na claridade que os rodeia, que tanto pode durar um momento como para sempre. Contudo, já não faço parte dessa comunidade, pois eles estão na superfície da terra e eu, no fundo de um poço profundo. Eles têm luz e eu estou a ponto de perdê-la. Às vezes penso que jamais poderei regressar a esse mundo. Talvez nunca mais volte a sentir o conforto de me saber envolvido por essa luz. Talvez nunca mais possa voltar a ter nos meus braços o corpo macio do gato. Quando penso nisso, sinto uma dor surda, como se houvesse qualquer coisa a fazer pressão no meu peito.

À medida que traço círculos na terra macia com a sola de borracha do sapato de ténis, as cenas passadas à superfície tornam-se cada vez mais distantes. Aos poucos, a sensação de realidade atenua-se e, no seu lugar, deixo-me envolver pela intimidade crescente do poço. O fundo do poço é quente e silencioso, sinto na pele a carícia terna da terra profunda. A dor que sinto no meu peito vai diminuindo, do mesmo modo que se desfazem as ondas à beira-mar. Este lugar aceita-me e eu acolho este lugar. Aperto o taco de baseball. Fecho os olhos, volto a abri-los e levanto a cabeça para olhar para cima.

Puxo a corda pendurada por cima de mim e fecho a tampa do poço. (Canela, que tem muito jeito

com as mãos, construiu este engenhoso mecanismo com um sistema de roldanas que me permite fechar a tampa aqui de baixo.) É a escuridão total. A boca do poço está selada, a luz extinguiu-se. Deixa de se ouvir o rumor intermitente do vento. O afastamento das «pessoas» é agora total. Comigo nem sequer tenho uma lanterna. Digamos que é uma espécie de profissão de fé. Como se estivesse empenhado em demonstrar-lhes, *a eles*, que procuro aceitar as trevas como elas são, na sua totalidade.

Sento-me no chão, encosto-me à parede de cimento, pouso o taco em cima dos joelhos e fecho os olhos. Esforço-me por ouvir o meu coração a bater. É evidente que estando às escuras não preciso de fechar os olhos, tanto assim que não se vê nada. Fecho-os na mesma. De certa maneira, o acto de fechar os olhos faz sentido, até no escuro. Respiro fundo algumas vezes, acostumo o meu corpo a esse espaço escuro, cilíndrico e profundo. Persiste o mesmo odor, e o ar provoca-me a mesma sensação de sempre na pele. Em tempos o poço chegou a estar cheio de água, mas estranhamente o ar manteve-se intacto. Cheira a mofo e a humidade, como quando descí pela primeira vez ao fundo do poço. Aqui, as estações foram abolidas. Aqui o tempo não existe.

Uso sempre os meus velhos sapatos de ténis e o relógio de plástico, os mesmos da primeira vez que descí ao poço. É a mesma história do taco, transmite-me uma sensação de calma. No escuro, certifico-me de que estes objectos estão perfeitamente encostados ao meu corpo. Certifico-me de que não estou separado de mim mesmo. Abro os olhos e, passado um tempo, volto a fechá-los. Faço este gesto para ver se consigo igualar a pressão entre a escuridão que há em mim e a escuridão que me rodeia, e a verdade é que ajuda. O tempo vai passando. Não tarda muito acabo por já não ser capaz de distinguir uma escuridão da outra. Deixo de saber se tenho os olhos abertos ou fechados. A marca no meu rosto começa a aumentar ligeiramente de temperatura. Sinto-a cobrir-se de uma viva cor púrpura.

Concentro-me na mancha, nos dois diferentes tipos de escuridão que acabarão por se fundir, e penso *naquele* quarto. Esforço-me por me separar de mim mesmo, como faço quando estou com as mulheres. Esforço-me por sair do meu desajeitado corpo físico, acorado no escuro. Tanto posso ser uma casa vazia como um poço abandonado. Tento sair de lá e aceder a uma realidade que se move a uma velocidade diferente, sempre com o taco de baseball firmemente apertado nas mãos.

Estando eu aqui, agora apenas uma parede me separa daquele quarto. Não deve ser difícil atravessar essa parede, contando com as minhas próprias forças e a força da profunda escuridão que aqui se faz sentir.

Retendo a respiração e concentrando-me, consigo distinguir o que está no quarto. Posso não estar no quarto, mas vejo-o. É uma suíte do hotel. Quarto 208. Os pesados cortinados estão completamente corridos. O quarto está às escuras. Há um grande ramo de flores numa jarra, cujo odor embriagante enche por completo o ambiente. Vê-se um candeeiro de pé junto à porta. A lâmpada é branca e difunde uma luz mortíça, como a lua da manhã. Mesmo assim, à medida que concentro o meu olhar e graças a uma claridade ténue que se infiltra vinda de algum lado, os objectos vão ganhando forma. Acontece o mesmo no cinema, quando os nossos olhos se acostumam à obscuridade da sala. Numa mesinha a meio do quarto vê-se uma garrafa quase cheia de *Cutty Sark*. O balde de gelo está a transbordar de gelo acabado de sair do congelador (a julgar pelas arestas afiadas) e, ao lado, está preparado um uísque *on the rocks*. Uma bandeja de aço inoxidável forma uma mancha fria e inerte sobre a mesa. Não há maneira de saber que horas são. Tanto pode ser de manhã, como de tarde, como noite avançada. Talvez ali o tempo nunca tenha existido. Há uma mulher, está deitada na cama ao

fundo do quarto ao lado. Oiço o som roçagante da sua roupa. Quando ela pega no copo, os cubos de gelo chocam entre si produzindo um barulhinho agradável. O som agita os minúsculos grãos de pólen suspensos no ar, como organismos vivos. A mínima vibração do ar confere vida ao pólen. A tênue escuridão acolhe silenciosamente o pólen, e o pólen vai transformando a escuridão numa escuridão cada vez mais densa. A mulher leva o copo de uísque à boca, deixa um pouco da bebida escorregar-lhe pela garganta e tenta dizer-me qualquer coisa. O quarto está às escuras. Não vejo nada, vislumbro vagamente uma sombra que se move. Tem algo para me dizer. Espero sem fazer o mínimo ruído. Espero as suas palavras.

Sei que estão ali.

Tal como um pássaro a fazer de conta num céu imaginário, olho para o quarto de cima. Amplio a cena que ali vejo, recuo para ter uma visão de conjunto, depois desço ligeiramente para me aproximar e aumentar os pormenores. Escusado será dizer que têm, todos eles, a sua importância. Examino-os um a um: formas, cores, textura. Entre um e outro quase não há relação. Pode mesmo dizer-se que perderam todo e qualquer vestígio de calor. Chegado a este ponto nada mais posso fazer senão um simples inventário, uma mera enumeração mecânica dos seus elementos. Mas a ideia não é má de todo, vale a pena tentar. Da mesma maneira que o acto de esfregar uma pedra na outra, ou então um pau no outro, mais cedo ou mais tarde acaba por produzir calor e chama, também neste caso começa aos poucos a desenhar-se uma realidade com nexos. Da mesma maneira que uma sobreposição casual de sons vai formando uma sequência rítmica através de uma repetição monótona à primeira vista sem sentido.

Do fundo das trevas, consigo sentir aquele tênue vínculo. Sim, é isso. Assim está bem. Tudo à minha volta está mergulhado em silêncio e «eles» ainda não deram pela minha presença. Pressinto que a parede que me separa desse lugar vai fundir-se lentamente, pouco a pouco, como um pedaço de gelatina. Sustenho a respiração. *É agora!*

No preciso momento em que dou um passo em direcção à parede, começam a bater com força na porta, como se me tivessem lido o pensamento. É o mesmo barulho da outra vez, um martelar forte e nítido, dir-se-ia que está alguém a pregar um prego na parede. Até o modo de bater é o mesmo. Duas vezes, um intervalo curto, mais duas vezes. Noto que a mulher sustém a respiração. O pólen que flutua em redor vibra, e a escuridão vacila fortemente.

Como sempre.

Sou outra vez o eu que está dentro de mim, sentado no fundo do poço, de costas encostadas à parede, as mãos enclavinadas no taco de baseball. Da mesma maneira que uma imagem vai ficando gradualmente nítida, também a sensação de estar «deste lado» do mundo volta aos poucos à palma das minhas mãos, causando uma espécie de formigueiro. Sinto a madeira do taco ligeiramente húmida. O meu coração lateja com violência na garganta. Nos meus ouvidos permanece vívido, como se tivesse atravessado o mundo, a ressonância dos potentes golpes que alguém dava na porta. Alguém (ou alguma *coisa*) que está lá fora tenta abrir a porta e entrar sem fazer barulho no quarto. E, naquele preciso momento, todas as imagens se desvanecem. A parede volta a tornar-se sólida e sinto-me projectado para este lado.

No escuro, bato com a ponta do taco na parede à minha frente – é a mesma parede de betão, dura e fria. Estou cercado por um cilindro de cimento. Vá lá, mais um bocadinho, digo para comigo mesmo.

Já falta pouco, tenho a certeza de que vou conseguir romper a barreira e entrar por «ali dentro». Conseguirei introduzir-me no quarto antes de começarem a ouvir-se as pancadas na porta e ali me deixarei ficar. Agora, quanto tempo é que isso demorará a acontecer, isso já não sei dizer. Afinal, quanto tempo me resta?

Ao mesmo tempo, tenho medo de que isso se torne real. Receio enfrentar o que ali está.

Permaneço todo enroscado no escuro. Até acalmar os batimentos do meu coração. Demoro até conseguir largar as mãos da superfície do taco. Para me pôr de pé no fundo do poço e sair à superfície depois de subir pela escada de ferro, necessito de um pouco mais de tempo, de um pouco mais de força.

O ataque ao jardim zoológico
(ou um massacre injustificável)

Noz-Moscada Akasaka contou-me a história dos tigres, das panteras, dos lobos e dos ursos que foram executados por um pelotão de soldados numa tarde de calor atroz vivida em Agosto de 1945. Relatou-me o incidente com vivacidade e respeitando a ordem dos acontecimentos com o rigor de um documentário projectado num ecrã imaculadamente branco. No seu discurso não havia margem para pontos obscuros ou ambíguos, mas, verdade seja dita, ela não assistira pessoalmente aos acontecimentos. No momento em que tudo aconteceu, encontrava-se a bordo de um navio mercante que se dirigia para o porto de Sasebo, e aquilo que ela na realidade viu foi um submarino da Marinha dos Estados Unidos.

Estava na cobertura a contemplar o mar calmo e sem ondas, a sentir no rosto uma brisa suave, encostada à amurada na companhia de outras pessoas, muitas delas crianças, como ela, que fugiam do calor e da humidade sufocante do interior do navio, quando, de repente, sem aviso prévio, o submarino emergiu à superfície como se tivesse saído de um sonho. Primeiro apareceram a antena, o radar e o periscópio, depois a torre de controlo, fendendo as águas num turbilhão de ondas e, por fim, o monstro de ferro húmido expôs-se em toda a sua nudez à luz crua do Verão. A julgar pelos contornos que lhe davam forma, e ainda que correspondesse à designação do chamado «submarino», mais parecia o símbolo de outra coisa qualquer – uma metáfora incompreensível.

Durante alguns momentos, o submarino avançou paralelamente ao navio, como se estivesse a estudar a sua presa. Pouco depois abriu-se a escotilha e começaram a aparecer, um atrás do outro, com movimentos lentos e quase lânguidos, os tripulantes. Não pareciam ter pressa. Do alto da torre de controlo, os oficiais observaram minuciosamente o navio mercante com a ajuda de poderosos binóculos, cujas lentes cintilavam, reflectindo os raios solares. O navio japonês transportava civis, na sua maioria mulheres e filhos de funcionários japoneses do governo fantoche do Manchukuo e de altos dirigentes da companhia dos caminhos-de-ferro da Manchúria, em fuga do caos que se seguiria à iminente derrota do Japão na guerra. Correr o risco de serem atacados por um submarino norte-americano no alto mar era preferível à tragédia que os esperava se permanecessem no continente chinês. Pelo menos até aquele submarino surgir diante dos seus olhos.

O comandante do submarino certificara-se de que o barco não era um navio de guerra equipado de armas e que era seguido por escolta naval. Não havia nada a temer. Naquela altura, eram eles que controlavam o espaço aéreo. Okinawa já tinha caído e em solo japonês não existia nem um caça em estado de levantar voo. Não havia motivos para pressas: tinham todo o tempo do mundo. Um suboficial dava ordens breves e precisas aos três marinheiros que manejavam o canhão. Outros marinheiros abriram a escotilha da cobertura da popa e transportaram uns projecteis pesados. Outros colocavam a caixa de munições na metralhadora situada na parte mais elevada da cobertura, perto da ponte de controlo. Os marinheiros que tinham a seu cargo o canhão traziam todos capacetes de

combate, ainda que alguns deles estivessem despidos da cintura para cima. Praticamente metade usava calções curtos. Semicerrando os olhos, Noz-Moscada conseguia distinguir com nitidez as tatuagens de cores vivas gravadas nos seus braços. Observando bem, conseguia ver muitas coisas.

O submarino só contava com o canhão de cobertura e a metralhadora, mas era mais do que suficiente para afundar um navio mercante, lento e transformado em navio de passageiros. Os torpedos, em número limitado, estavam reservados para quando topassem com a frota armada – isto partindo do princípio de que o Japão ainda *possuía* tal coisa. Eram as ordens que tinham.

Pendurada na amurada, Noz-Moscada observava a boca negra do canhão a girar, apontada na direcção dela. Em segundos, o sol de Verão secou por completo o aço que há instantes ainda estava húmido. Era a primeira vez que ela se deparava com um canhão assim tão grande. Na cidade de Hsin-ching tinha visto algumas vezes os canhões do regimento, mas o canhão na cobertura do submarino não tinha qualquer comparação em matéria de tamanho. O submarino enviou sinais luminosos ao navio, dando ordens no sentido de parar as máquinas e de proceder de imediato à evacuação dos passageiros para os barcos salva-vidas, porque iam começar a disparar, preparando-se para afundar o navio. (É óbvio que Noz-Moscada não sabia interpretar os sinais de luzes, o que não impediu a mensagem de ficar indelevelmente gravada na sua memória.) Acontece, porém, que no navio mercante, que no meio da confusão generalizada dos últimos meses de guerra tinha assumido provisoriamente as funções de navio mercante, não havia salva-vidas em número suficiente. De facto, eram apenas dois os barquinhos para mais de quinhentos passageiros, incluindo a tripulação. E praticamente nenhum colete salva-vidas.

Na amurada, Noz-Moscada olhava, fascinada, o submarino de formas estilizadas que, cintilante e sem uma mancha de ferrugem, parecia acabado de sair da fábrica. Observava o número branco pintado na torre de controlo, o radar que girava sobre ela e até conseguia ver o oficial com o cabelo cor de areia e óculos escuros. «Este submarino apareceu vindo das profundezas do mar para nos matar a todos, mas isso nada tem de estranho», pensou ela. *Não tem nada que ver com a guerra, pode acontecer a toda a gente e em qualquer lugar.* Toda a gente pensa que é por culpa da guerra, mas não é. *A guerra mais não é do que uma das muitas coisas que podem acontecer na vida de qualquer pessoa.*

Nem mesmo confrontada com aquele enorme submarino Noz-Moscada tinha medo. Ouviu a mãe gritar-lhe qualquer coisa, mas não percebeu o quê. Nessa altura sentiu alguém agarrar-lhe no pulso com força e começar a puxá-la, mas ela continuou sempre agarrada à parte de cima da amurada. Os gritos e a agitação à sua volta foram-se afastando cada vez mais, como se alguém tivesse baixado o volume da rádio. Pensou que era estranho, sentir assim tanto sono. Ao fechar os olhos, foi perdendo rapidamente o conhecimento, afastando-se da ponte do navio.

Naquele mesmo instante, Noz-Moscada começou a ver soldados japoneses que percorriam o enorme jardim zoológico, matando um a um todo e qualquer animal que pudesse atacar os homens. A uma ordem do oficial à frente do pelotão, as balas saídas de uma espingarda de calibre 38 trespassaram a pele delicada do tigre, despedaçando-lhe as entranhas. O céu de Verão era azul e o canto das cigarras, vindo das árvores em redor, soava aos seus ouvidos como um aguaceiro vespertino.

Os soldados cumpriram em silêncio a sua missão do princípio ao fim. O sangue desaparecera dos seus rostos bronzeados, conferindo-lhes o aspecto de figuras pintadas nos vasos de terracota da

Antiguidade. Poucos dias depois – uma semana quanto muito –, o grosso das tropas do exército soviético do Extremo Oriente chegaria a Hsin-ching. Nada nem ninguém podia travar o seu avanço. Desde o início da guerra, as tropas de elite do exército de Kwantung e a maior parte do seu abundante armamento tinham sido enviados para reforçar as forças que se iam deslocando para sul, mas grande parte dos seus efectivos tinha ido parar ao fundo do mar ou apodreciam nas profundezas da selva. Os carros de combate tinham ido à vida. Só restava meia dúzia de camiões de transporte das tropas, na sua maior parte avariados e sem peças sobressalentes para proceder à sua reparação. Ainda que a mobilização geral tivesse sido decretada, os antiquados modelos de espingardas não chegavam para todos os soldados recrutados. De qualquer modo, até as munições escasseavam. O invencível exército de Kwantung, que se tinha arrogado o direito a ser considerado o baluarte do Norte, transformara-se num tigre de papel. Os poderosos regimentos de atiradores motorizados soviéticos, que tinham esmagado o exército alemão, acabavam de ser transferidos de comboio para a frente extremo-oriental. Equipamento não lhes faltava, e o mesmo se podia dizer do moral, em alta. A queda do Manchukuo era uma simples questão de tempo.

Toda a gente o sabia, e ninguém melhor do que os próprios oficiais do Estado-Maior do Exército de Kwantung. Daí que tivessem evacuado o grosso das suas tropas, em retirada, abandonando na prática à sua sorte os pequenos destacamentos de defesa fronteiriça, bem como os colonos japoneses instalados junto à fronteira. A maioria daqueles camponeses desarmados seria cruelmente assassinada pelo exército soviético, que tinha pressa em avançar e, como tal, não podia permitir-se o compromisso de fazer prisioneiros. A maioria das mulheres escolheram – que é como quem diz, foram obrigadas a escolher – o suicídio colectivo para não serem violadas. As forças de defesa destacadas na fronteira opuseram uma resistência feroz, entrincheiradas nos seus *bunkers* de cimento, a que tinham dado o nome de «fortalezas eternas». Sem o apoio da retaguarda, quase todas as tropas foram totalmente dizimadas face à superioridade patenteada pelas forças soviéticas. Muitos dos oficiais do estado-maior e dos restantes oficiais de alta patente foram «transferidos» para um novo quartel-general instalado em Tong-Hua, próximo da fronteira com a Coreia, enquanto o imperador fantoche Pu-yi e a sua família fizeram rapidamente as malas e fugiram da capital num comboio especial. A maior parte dos soldados chineses do chamado «Exército do Manchukuo», encarregados da defesa da capital, desertou assim que soube do avanço do exército soviético, ou sublevou-se e matou os oficiais japoneses que os comandavam. Era evidente que não tinham a mínima intenção de lutar até à morte para defender o Japão contra um exército soviético nitidamente superior. A cidade única de Hsin-ching, a capital do Manchukuo que o Japão, empenhando a sua honra, erguera no meio daquele deserto, foi consequentemente abandonada a uma estranha condição de vazio político. A fim de evitar o caos e o derramamento inútil de sangue, os altos funcionários chineses do Manchukuo insistiram em render-se e em declarar Hsin-ching «cidade aberta», mas o exército de Kwantung rejeitou a ideia.

Também os soldados que se dirigiam para o jardim zoológico pensavam que seria inevitável, que iriam morrer ali, lutando contra o exército soviético daí a alguns dias (na realidade, seriam transferidos para uma mina de carvão na Sibéria, e foi ali que três deles encontraram a morte). Só lhes restava rezar para que a morte fosse o menos dolorosa possível. Não queriam morrer depois de uma agonia atroz, lentamente esmagados debaixo das lagartas de um carro de combate ou queimados com lança-chamas numa trincheira ou atingidos no baixo-ventre. Antes um tiro na cabeça ou no coração. Mas primeiro tinham de matar os animais do jardim zoológico.

Os animais tinham de ser «executados» com veneno para não desbaratar as poucas munições que tinham. O jovem tenente havia recebido dos seus superiores instruções nesse sentido. Tinham-lhe dito que a quantidade exacta de veneno já tinha sido entregue no jardim zoológico. O tenente dirigiu-se, então, à frente de um pelotão de oito homens completamente armados encarregado da missão, para o jardim zoológico, que ficava vinte minutos a pé do quartel. Os portões do jardim zoológico permaneciam encerrados desde o início da invasão soviética. Dois soldados armados de espingardas com baionetas, montavam guarda no exterior. O tenente mostrou-lhes a ordem escrita que tinha consigo e eles deixaram-nos passar.

O director do jardim zoológico confirmou que tinha, de facto, recebido do exército ordem para «executar» os animais em caso de emergência, e que para tal devia usar veneno, mas que o veneno era coisa que nunca tinha chegado às suas mãos. Ao ouvir aquilo, o tenente mostrou-se desconcertado. Tratava-se de um ajudante-de-campo que trabalhava na tesouraria do quartel-general, por isso escusado dizer que não tinha a menor experiência em situações do género, nem tão-pouco estava habituado a comandar homens. Tivera de vasculhar a gaveta para encontrar a pistola pois em todos aqueles anos nunca tocara numa arma e nem sequer tinha a certeza de saber como disparava.

«Quando mete burocracia é sempre a mesma história», disse ao tenente o director do jardim zoológico com ar desolado. «Quando são precisas, as coisas *nunca* aparecem.»

A fim de confirmar a situação, mandaram chamar o veterinário-chefe, que explicou ao tenente que ultimamente os aprovisionamentos escasseavam e que duvidava que a quantidade de veneno que tinham chegasse para matar um cavalo que fosse. O veterinário devia ter entre trinta e cinco e quarenta anos, era alto e bem-parecido, mas tinha uma mancha azul-arroxeadada na bochecha esquerda, do tamanho e com a forma da palma da mão de um bebé. Sem dúvida uma marca de nascimento, pensou o tenente, que telefonou do escritório do director para o quartel-general a fim de pedir instruções. No quartel-general, porém, reinava grande confusão desde que corra a notícia de que o exército soviético atravessara a fronteira, há coisa de dias, e a maioria dos oficiais de alta patente tinha dado às de vila-diogo. Os únicos oficiais que ali haviam permanecido não tinham mãos a medir, ocupados a queimar documentos importantes no pátio do quartel, ou a conduzir as tropas para os limites da cidade para aí cavarem trincheiras antitanque. Ninguém sabia onde se encontrava o comandante que havia dado a ordem de matar os animais. Por seu turno, o tenente não sabia onde encontrar o veneno necessário. Qual seria o departamento do exército que se ocupava de assuntos dessa natureza? Foi sendo transferido de um posto para outro do quartel-general, até que apanhou pela frente um coronel-médico que lhe gritou ao telefone: «Imbecil! Que me interessa a mim o que acontece na porcaria do jardim zoológico, quando é o futuro da nossa pátria que está em causa?!»

«E a mim, que me interessa?», pensou o tenente. Desligou o telefone com ar decepcionado e abandonou a ideia de conseguir o veneno. Tinha dois caminhos a seguir: abandonar o jardim zoológico sem matar os animais, ou matá-los a tiro. Em qualquer dos casos, estaria sempre a desobedecer às ordens recebidas, mas acabou por escolher a segunda opção. O mais provável era ser severamente chamado à pedra mais tarde por se ter dado ao luxo de gastar munições preciosas. Ao menos estaria a cumprir o objectivo de «executar» as perigosas feras. Por outro lado, caso tomasse a decisão de não matar os animais, arriscava-se a ser julgado em conselho de guerra. Isto ainda que fosse algo improvável que em semelhantes circunstâncias *houvesse* sequer tribunais militares a funcionar, mas enfim, ordens eram ordens. Enquanto o Exército continuasse a existir, as ordens eram para ser cumpridas.

Se me fosse dado escolher, preferia não matar animais nenhuns, disse o tenente para consigo mesmo. E era realmente isto o que pensava, com toda a honestidade. A verdade, porém, era que já não havia com que alimentar os animais, e em última análise a partir dali a situação só iria piorar. Não havia hipótese alguma de as coisas melhorarem. Até mesmo para os animais, mais valia uma morte rápida, sempre era mais piedosa. Além disso, em caso de violentos combates ou de bombardeamentos aéreos, havia o risco de os animais escaparem e andarem à solta pelas ruas da cidade, o que sem margem de dúvida poderia, isso sim, dar azo a uma verdadeira tragédia.

O director entregou ao tenente o mapa do jardim zoológico e, segundo as instruções recebidas, a lista dos animais a «suprimir em situação de emergência». O veterinário com a mancha na cara e os dois trabalhadores chineses seguiram atrás do pelotão de execução. O tenente deu uma olhadela à lista. Por sorte, os animais a «executar» eram em menor número do que esperava, apesar de lá se encontrarem dois elefantes da Índia. «Elefantes»? O tenente franziu o sobrolho involuntariamente. «Essa é boa! Como diabo é que se faz para matar um elefante?»

Atendendo à ordem pela qual as jaulas estavam dispostas no terreno, havia que executar primeiro os tigres. Deixariam os elefantes para o fim. Diante da jaula, lia-se numa placa explicativa que os tigres, em número de dois, tinham sido capturados nos montes Khingan, em plena Manchúria. O tenente, depois de atribuir quatro soldados por tigre, deu aos seus homens ordens de apontarem ao coração – mas, verdade seja dita, nem mesmo ele sabia onde ficava o coração de um tigre. Quando os oito homens puxaram em simultâneo das suas espingardas de calibre 38 e as destravaram para premir o gatilho, o ruído seco, sinistro, transfigurou a paisagem circundante. Ao ouvirem aquele som, os tigres puseram-se de pé, virando-se para os soldados e lançando rugidos ameaçadores. Por precaução, o tenente sacou da sua pistola automática e destravou-a. Pigarreou ligeiramente, para se acalmar. Não é nada, esforçou-se por se convencer a si próprio, são tudo coisas que as pessoas passam a vida a fazer.

Os soldados colocaram-se em posição, um joelho no chão, apontaram as armas e, a uma ordem do tenente, dispararam. O coice do disparo obrigou-os a recuar com violência. Por momentos, sentiram as cabeças vazias, como se tivessem sido elas a ser atingidas pelas balas. O estampido ecoou por todo o recinto do jardim zoológico deserto, ribombando de edificio a edificio, de parede a parede, atravessou o arvoredor, passou por cima da superfície da água, para se ir cravar no peito de todos aqueles que o ouviram, sinistro como um presságio. Todos os animais emudeceram. Até mesmo as cigarras deixaram de cantar. Quando o eco da deflagração se calou, caiu um silêncio de morte em redor. Os tigres deram um salto no ar por um segundo, como se um gigante invisível os tivesse atingido com um pau enorme, antes de voltarem a cair por terra com estrépito. Retorceram-se pelo chão, arrastando-se em agonia, vomitando sangue. Os soldados não conseguiram acabar com eles com aquele primeiro disparo. Os tigres mexiam-se sem parar pelo interior da jaula e eles tinham tido dificuldade em fazer pontaria. O tenente ordenou com voz maquinal, sem entoação alguma, que se preparassem para se colocarem outra vez em posição. Os soldados voltaram a si, tornando a carregar as armas, ejectando os invólucros vazios, e fizeram pontaria de novo.

A seguir, o tenente ordenou a um soldado que entrasse na jaula dos tigres para verificar se estavam todos mortos. Os tigres *pareciam* mortos, imóveis, de olhos fechados, mostrando os dentes, mas ainda assim era preciso ter a certeza. O veterinário abriu a fechadura da jaula e um jovem soldado (tinha acabado de fazer vinte anos) avançou a medo, de baioneta em punho, em posição de ataque.

Convenhamos que era uma figura algo ridícula, mas ninguém se riu. Com o tacão da bota militar, o soldado tocou nos flancos do tigre quase com suavidade. O tigre não se mexeu. Ele experimentou dar-lhe um pontapé na mesma zona, desta vez com um pouco mais de força. O tigre estava morto e bem morto. O outro tigre (a fêmea) também não reagiu. O jovem soldado nunca tinha estado num jardim zoológico, nem mesmo quando era pequeno; era a primeira vez na sua vida que via um tigre de verdade. O que talvez explicasse por que razão tinha dificuldade em acreditar que tivessem sido ele e os seus camaradas de armas a matar os tigres. Tinha um único pensamento em mente, o de que o haviam levado à força para um lugar estranho e, uma vez aí, obrigado a cometer um acto ainda mais estranho, a que era completamente alheio. De pé num lago de sangue escuro, olhava distraidamente para os tigres mortos. Era espantoso como os tigres pareciam muito maiores quando estavam vivos, pensou atónito.

O chão de cimento estava impregnado do fedor a urina próprio dos grandes felinos. Um odor que se misturava com o cheiro do sangue ainda quente. O sangue continuava a escorrer dos numerosos orifícios de bala e formava um charco negro e viscoso. O soldado sentiu de repente a arma que empunhava tornar-se pesada e fria. Só queria atirá-la para o meio do chão, agachar-se e vomitar tudo o que tinha no estômago! Só isso o faria sentir-se melhor. Mas vomitar estava fora de questão – o oficial que comandava o pelotão tê-lo-ia esbofeteado à frente até o fazer sangrar (o que ele não sabia era que morreria dezassete meses mais tarde numa mina de carvão de Irkutsk, depois de um soldado soviético lhe desferir uma pancada no crânio com uma pá). Limpou o suor da fronte com o pulso. O capacete pesava horrores. Por fim, uma a uma, as cigarras recomeçaram a cantar, como se tivessem recuperado alento. Ao fim de mais algum tempo, ouviu-se também um pássaro, que lançou no ar uma série de gritos estranhos, como se estivesse a dar corda a qualquer coisa: *cric, cric, cric*. Aos doze anos, o jovem soldado deixara para trás a sua aldeia natal de Hokkaido e tinha-se mudado com a família para uma povoação fronteiriça na zona montanhosa de Bei'an, onde ajudava o pai no cultivo da terra. Por isso, conhecia bem todas as aves da Manchúria. Daí que estranhasse não conhecer o pássaro que cantava daquele modo. Se calhar, era alguma ave exótica encerrada dentro de uma gaiola. O som parecia vir do alto de uma árvore que ficava ali perto. Virou-se, entortou a cabeça para olhar na direcção do som, mas não conseguiu ver a ponta de um corno. Apenas um olmo grande e frondoso projectava a sua sombra sobre o solo.

Voltou-se para olhar na direcção do tenente, como quem espera ordens. O tenente fez-lhe sinal com a cabeça para indicar que podia sair da jaula, antes de tornar a desdobrar o mapa do jardim zoológico. Pronto, a bem ou a mal o assunto dos tigres já estava resolvido. Agora era a vez dos leopardos. A seguir, talvez os lobos. Sem esquecer os ursos. «Os elefantes depois logo se vê, quando tiver tratado dos outros», disse ele de si para si. E só então se deu conta do calor que fazia. O tenente deu ordem aos seus homens para fazerem uma pausa e se dessedentarem. Eles beberem um pouco de água do cantil. Depois puseram a arma ao ombro e dirigiram-se em formação para a jaula dos leopardos. O pássaro desconhecido recomeçara a dar corda a qualquer coisa com o seu canto insistente. O suor tingia de negro o peito e as costas dos uniformes militares de manga curta. Enquanto os soldados seguiam em formação, apetrechados com todo o armamento regulamentar, os diferentes ruídos produzidos pelo entrechocar dos diversos tipo de metal ressoavam no jardim zoológico deserto. Agarrados às barras das suas jaulas, os macacos rasgavam o ar com os seus gritos lancinantes, como se pressentissem o perigo e quisessem avisar os outros animais, que, cada um à sua maneira, faziam coro com eles. Os lobos uivavam aos céus, as aves batiam freneticamente as

asas, algures um animal de grande porte atirava-se pesadamente contra as grades das jaulas, numa atitude ameaçadora. Uma nuvem em forma de punho apareceu de repente, vinda do nada, e escondeu o Sol por momentos. Nessa tarde quente de Agosto, todas as criaturas vivas, fossem elas pessoas ou animais, pensavam na morte. Hoje, pensavam os homens, matamos os animais. Amanhã, será a nossa vez de morrer às mãos dos soldados soviéticos.

Falávamos sempre no mesmo restaurante, sentados à mesma mesa, e era sempre ela que pagava a conta. A sala do fundo estava dividida em compartimentos privados, e da sala principal ninguém podia ouvir as nossas conversas. À noite era apenas servido um grupo de clientes, de modo que podíamos ficar ali tranquilamente à conversa até à hora de o restaurante fechar. Os empregados mostravam-se discretos e aproximavam-se da nossa mesa apenas para trazer a comida ou levantar os pratos. Ela pedia sempre uma garrafa de Borgonha de determinado ano. E deixávamos sempre ficar metade.

– Um pássaro que dá corda? – perguntei, levantando os olhos do prato.

– Um pássaro que dá corda? – repetiu Noz-Moscada palavra por palavra, exactamente com a mesma entoação. – Não entendo. Estás a falar de quê?

– Um pássaro que dá corda a qualquer coisa. Não foi disso mesmo que falou há bocadinho?

Ela negou com um movimento de cabeça.

– Quem? Eu? Não me *lembro* de ter falado em pássaro nenhum.

Desisti de perguntar, era o melhor. Gostava de contar as histórias à sua maneira. Também não fiz perguntas sobre a marca.

– Quer dizer que nasceu na Manchúria?

Ela negou outra vez com a cabeça.

– Nasci em Yokohama, mas os meus pais levaram-me para a Manchúria tinha eu três anos. O meu pai dava aulas na escola veterinária e, quando andavam à procura de alguém para ocupar as funções de veterinário-chefe no novo jardim zoológico que iam construir, ele ofereceu-se para ir. A minha mãe não queria trocar a vida que levava no Japão por um lugar que ficava nos confins do mundo, mas, segundo parece, o meu pai insistiu. Talvez quisesse dar mostras da sua capacidade num lugar mais importante, em vez de continuar a ser professor no Japão. Eu era muito pequenina, e tanto se me dava o Japão como a Manchúria. Gostava disso sim, e muito, da vida no jardim zoológico. Era espantoso. O corpo do meu pai estava sempre impregnado do odor dos animais. O cheiro de todos aqueles animais misturava-se e formava um único, uma espécie de perfume que variava de dia para dia, como se mudasse de combinação. Quando ele chegava à noite a casa, deixava-me sentar-me nos seus joelhos e aspirar todos aqueles odores.

«Mas depois o rumo da guerra mudou para pior e, quando se tornou preocupante, o meu pai decidiu enviar-nos, a mim e à minha mãe, de volta ao Japão. Apanhámos um comboio em Hsin-ching juntamente com outras pessoas e seguimos viagem até à Coreia. Ali apanhámos um barco especialmente fretado para nós. O meu pai ficou sozinho na Manchúria. A última vez que o vi foi quando nos despedimos, ele na estação a dizer-nos adeus. Debruçada na janela do comboio, é essa a última imagem que guardo dele, a figura do meu pai a ficar cada vez mais pequena até se confundir com a multidão no cais de embarque. Depois disso, ninguém sabe o que lhe aconteceu. Deve ter sido feito prisioneiro pelo exército soviético e enviado para um campo de trabalhos forçados na Sibéria. O mais provável é ter morrido ali, como foi o destino de tantos outros. Imagino que esteja lá no fundo

de alguma vala comum, enterrado num pedaço de terra gelada e desértica, sem uma lápide sequer.

«Ainda me lembro como se fosse hoje do jardim zoológico de Hsin-ching em todos os seus pormenores. Parece que tenho tudo gravado na minha cabeça – cada um dos caminhos, cada um dos animais. Vivíamos na residência oficial do veterinário cirurgião e todos os que ali trabalhavam me conheciam e deixavam-me sempre andar por ali à vontade. Isto mesmo nos dias em que o jardim zoológico estava encerrado ao público.

Com os olhos um tudo-nada semicerrados, Noz-Moscada parecia evocar a cena na sua memória. Em silêncio, esperei que ela retomasse o fio à meada.

– A verdade, porém, é que não tenho a certeza absoluta de que o jardim zoológico fosse *realmente* como me lembro dele. Como é que hei-de dizer? Às vezes tenho a sensação de que a imagem é *demasiado* nítida. E, quanto mais penso nisso, menos consigo discernir o que é real do que é invenção pura, fruto da minha imaginação. Sinto-me como se estivesse perdida num labirinto. Alguma vez te aconteceu?

Nunca me tinha acontecido.

– Será que ainda existe, esse jardim zoológico na cidade de Hsin-ching?

– Sabe-se lá – retorquiu Noz-Moscada, tocando com o dedo no brinco. – Ouvi dizer que fecharam as portas depois da guerra, mas não sei se ainda continua fechado ou não.

Durante muito tempo, Noz-Moscada foi a única pessoa do mundo com quem eu podia falar. Encontrávamo-nos sempre uma ou duas vezes por semana e conversávamos sentados à mesa do restaurante. Depois de nos encontrarmos assim duas ou três vezes, descobri que a minha interlocutora era uma excelente ouvinte. Era muito inteligente e sabia como conduzir com habilidade o rumo da conversa, colocando as questões e fornecendo as respostas que se impunham.

A fim de não lhe desagradar, quando ia ter com ela apresentava-me sempre vestido como deve ser, limpo e elegante. Usava a camisa acabada de chegar da lavandaria, gravata a condizer e sapatos acabados de engraxar. Ao ver-me, a primeira coisa que ela fazia era examinar-me da cabeça aos pés, com os olhos de um cozinheiro na hora de escolher os vegetais. Caso alguma coisa não fosse do seu agrado, pegava em mim e levava-me a uma *boutique*, escolhia a roupa adequada e comprava-ma. Se fosse caso disso, obrigava-me a mudar de roupa ali mesmo. No que tocava à roupa, não suportava que as coisas não fossem perfeitas.

Graças a ela, o meu guarda-roupa aumentou consideravelmente. Os fatos, os casacos e as camisas, tudo novo, iam invadindo, pouco a pouco, o território anteriormente ocupado pelos vestidos e saias de Kumiko. Não tardou que o guarda-fato começasse a ser pequeno, razão pela qual não tive outro remédio senão dobrar as coisas de Kumiko, guardar tudo com bolas de naftalina numa caixa e colocar a caixa no armário de parede. Caso ela algum dia voltasse, decerto ficaria espantada e perguntaria a si própria que diabo teria acontecido ali durante a sua ausência.

Aos poucos, paulatinamente, lá contei a Noz-Moscada a história de Kumiko. Expliquei que estava apostado em salvar Kumiko, custasse o que custasse, e em trazê-la de novo para casa. Cotovelos em cima da mesa, a cara apoiada nas mãos, ela ouvia-me contar.

– E de *quê* e de *quem* é que a queres salvar, concretamente? Como se chama esse lugar?

Procurei no ar as palavras certas, sem as encontrar. Nem no ar nem na terra.

– De um sítio longínquo – respondi.

Noz-Moscada sorriu.

– O que dizes não te faz lembrar *A Flauta Mágica*? Sabes, a ópera de Mozart? Armado de uma flauta mágica e de umas campainhas mágicas, o príncipe resgata a princesa cativa num castelo remoto. Adoro essa ópera. Já a vi e ouvi *tantas* vezes que sei o libreto de cor e salteado. Quando Papageno canta «sou eu, o caçador de pássaros, conhecido por novos e velhos em toda a parte»? Alguma vez assististe à *Flauta Mágica*?

Respondi que não com a cabeça. Nunca a tinha visto.

– Na ópera, o príncipe e o caçador de pássaros, Papageno, vão ao castelo guiados por três meninos que viajam numa nuvem. Trata-se, na realidade, de uma luta entre o reino do dia e o reino da noite. A rainha da noite procura resgatar a princesa mantida prisioneira no reino do dia, mas, a dada altura, os protagonistas acabam por não saber bem em qual dos dois reinos está a razão. Quem está cativo e quem não o está? No final, como é bom de ver, o príncipe encontra a princesa. Papageno fica com Papagena, e os maus vão direitinhos para o Inferno... – concluiu Noz-Moscada, passando a ponta do dedo pela borda do copo. – Mas tu, de momento, não tens nem caçador de pássaros nem flauta mágica nem campainhas mágicas.

– Tenho um poço – disse eu.

– Se o conseguires comprar – replicou Noz-Moscada, sorrindo como se desdobrasse um elegante lenço. – O teu poço. Todas as coisas têm o seu preço.

Quando me cansava de falar, ou então me faltavam as palavras para prosseguir o meu relato, Noz-Moscada deixava-me descansar e contava-me coisas da sua infância, histórias mais compridas e mais complicadas do que a minha. Ao contrário do que acontecia comigo, não as contava seguindo uma ordem, saltava daqui para ali ao sabor dos sentimentos. Sem me dar qualquer explicação, prescindia da ordem cronológica e, de repente, fazia entrar em cena personagens principais de que nunca antes me tinha falado. Para compreender a que período da vida dela pertencia o fragmento que estava a contar, via-me obrigado a redobrar a minha atenção, o que nem sempre conseguia, diga-se de passagem. Além disso, a par das cenas que tinha visto com os seus próprios olhos, ela costumava narrar-me outras que nunca presenciara.

Os soldados mataram os leopardos. Mataram os lobos. Mataram os ursos. Matar aqueles ursos enormes foi a operação mais difícil de todas. Mesmo depois de receberem no corpo o impacto causado por dezenas de projecteis, os dois ursos continuavam a arremeter violentamente contra as grades da jaula, babando-se e arreganhando os dentes. Ao contrário dos gatos, por natureza mais resignados (isso era o que os soldados pensavam), não havia maneira de os ursos se convencerem de que os estavam a matar. Talvez por essa razão, precisaram de mais tempo para se darem por vencidos e dizerem assim adeus a essa condição efémera que dá pelo nome de vida. Quando finalmente os soldados acabaram com os ursos, estavam de tal maneira extenuados que pouco faltou para desfalecerem ali mesmo. O tenente voltou a travar a patilha de segurança da pistola e usou o boné militar para limpar o suor que lhe escorria pelo rosto. Envolto num profundo silêncio, alguns soldados tentaram disfarçar a vergonha cuspidos ruidosamente para o chão. A seus pés o terreno estava pejado de cartuchos de bala que mais pareciam beatas. Nos seus ouvidos ressoava ainda o eco dos disparos. O jovem soldado que acabaria, meses mais tarde, por morrer às mãos de um oficial soviético numa mina de carvão perto de Irkutsk, continuava a respirar fundo procurando não olhar para os ursos mortos. Lutava desesperadamente por reprimir os vômitos que sentia crescerem-lhe na garganta.

No fim, o tenente tomou a decisão de não matar os elefantes. Foi só quando lhes puseram a vista em cima que se aperceberam da sua verdadeira dimensão. Frente aos elefantes, as armas dos soldados de infantaria eram como brinquedos insignificantes. Depois de reflectir um bocado, o tenente decidiu não matar os elefantes. Os soldados respiraram de alívio ao sabê-lo. Por mais estranho que possa parecer – ou, vendo bem, talvez não fosse assim tão estranho –, todos partilhavam a mesma convicção: era muito mais fácil matar os outros homens num campo de batalha do que matar animais fechados numa jaula. Isto mesmo considerando a possibilidade de poderem ser mortos por eles.

Uns quantos chineses que trabalhavam no jardim zoológico arrastaram os animais mortos para fora das jaulas e transportaram-nos até um armazém abandonado. Os animais, de formas e tamanhos diversos, ficaram aí estendidos uns ao lado dos outros. Depois de ter acompanhado o desenrolar da operação, o tenente regressou ao gabinete do director do jardim zoológico e pediu-lhe que assinasse os documentos necessários. A seguir, os soldados alinharam e marcharam em formação, no meio do mesmo fragor metálico que acompanhara a sua chegada. Com a ajuda de uma mangueira, os chineses lavaram o sangue que tingia de negro o solo e usaram vassouras para tirar os bocados de carne agarrados às paredes. Uma vez terminada a tarefa, os trabalhadores chineses perguntaram ao veterinário com a mancha no rosto o que tencionava ele fazer com os cadáveres. O veterinário não soube que responder. Regra geral, quando morria um dos animais costumava chamar alguém de uma empresa especializada para tratar do assunto. Contudo, numa altura em que a sangrenta batalha pela defesa da capital estava iminente, não estava a ver nenhum funcionário municipal a acorrer ao local na sequência de uma simples chamada telefónica para tratar dos animais mortos. Estava-se no pino do Verão e sobre a carcaça dos animais em decomposição começava já a pulular uma nuvem negra de moscas. A única solução consistia em cavar uma vala e enterrá-los, mas, contando só com o pessoal que havia, tornava-se difícil, senão mesmo impossível, cavar um buraco assim tão grande.

«Senhor doutor», disseram então os trabalhadores chineses ao director, «se nos deixar dispor dos cadáveres, ocupar-nos-emos de tudo. Transportamo-los para fora da cidade nos nossos carros e trataremos do resto. Temos quem nos ajude, não precisa de se preocupar com nada. Em troca, queremos ficar com a carne e com a pele dos animais. A carne de urso, sobretudo, é muito requisitada. Quanto aos diversos órgãos dos ursos e dos tigres, com eles fazem-se medicamentos e podem ser vendidos a bom preço. Agora é tarde, mas teria sido preferível apontar à cabeça, a fim de podermos vender também a pele. Foi nitidamente um trabalho de amor! Pela nossa parte, caso nos tivessem encarregado dessa missão, teríamos resolvido tudo de uma forma muito mais eficaz.» O veterinário aceitou a proposta. Não tinha outra saída. Afinal de contas, os chineses estavam no *seu* país.

Pouco depois apareceram as carroças puxadas por dez homens, todos chineses; pegaram nos animais mortos e arrastaram-nos pelo chão do armazém, empilharam-nos em cima das carroças, ataram-nos com cordas e cobriram-nos com esteiras de palha. Durante o trabalho quase não trocaram uma palavra. Até mesmo a expressão do rosto permaneceu impassível. Mal acabaram de carregar, foram-se embora, arrastando atrás de si as velhas carroças que rangiam como se estivessem em sofrimento. E assim chegou ao fim a matança – aquilo a que os trabalhadores chineses chamaram um massacre desastroso – dos animais do jardim zoológico numa tarde quente de Verão. Ficaram apenas as jaulas vazias e limpas. Os macacos, todos excitados, continuaram a lançar os seus gritos incompreensíveis. Os pássaros batiam desesperadamente as asas dentro das gaiolas, espalhando as

suas penas por tudo quanto era sítio. As cigarras continuaram sempre a cantar.

Terminada a operação de «executar» os animais, os soldados regressaram aos quartéis e, depois de os dois últimos funcionários chineses que ainda havia no jardim zoológico terem desaparecido levando com eles as carroças carregadas com as carcaças dos animais, o recinto ficou vazio como uma casa sem mobília, depois de uma mudança. O veterinário sentou-se na borda da fonte seca, olhou para o céu e pôs-se a olhar para umas nuvens brancas de contornos nítidos. Escutou com atenção o canto das cigarras. Já não se ouvia o canto do pássaro de corda, mas o veterinário nem se apercebeu disso. Para começar, nunca na vida tinha ouvido cantar o pássaro mecânico. A única coisa que ouvira tinha sido o pobre soldado jovem destinado a levar uma tarefa de morte tempos depois, algures numa mina de carvão da Sibéria.

O veterinário tirou um maço de tabaco húmido de suor do bolso da frente, levou um cigarro à boca e acendeu-o com um fósforo. Ao fazer esse gesto, deu-se conta de que tinha a mão a tremer – de facto, tremia tanto que precisou de três fósforos para conseguir acender o cigarro. Isso não queria dizer que estivesse emocionalmente traumatizado. Não percebia porquê, mas o espectáculo de todos aqueles animais a serem «massacrados» diante dos seus olhos enquanto o diabo esfregava um olho não suscitava nele nem surpresa, nem tristeza, nem raiva. Na realidade, ele não sentia quase nada. Sentia-se, isso sim, terrivelmente confuso.

Deixou-se ficar ali mais um bocado, a fumar o seu cigarro nas calmas, na tentativa de recuperar os sentimentos perdidos. Olhou fixamente para as mãos apoiadas sobre os joelhos, depois levantou a cabeça para as nuvens que se viam no céu. O mundo que se reflectia nos seus olhos era, aparentemente, o mesmo. Não encontrava nele sinais de mudança. E, contudo, tinha de ser um mundo radicalmente diferente do mundo que ele até aí então conhecera. Afinal de contas, o mundo em que ele vivera era um mundo onde ursos, tigres, leopardos e lobos tinham sido «executados». Ainda nessa manhã os animais existiam, mas a verdade é que, às quatro da tarde desse mesmo dia, tinham deixado de existir para sempre. Havia sido massacrados pelos soldados e até mesmo os seus corpos tinham desaparecido.

Tinha de haver, no entanto, uma linha de demarcação, *grande e definitiva*, entre esses dois mundos. *Tinha de existir*, essa linha de demarcação. E, no entanto, ele foi incapaz de a descobrir. Aos seus olhos, o mundo continuava o mesmo de sempre. O que o deixava perplexo era precisamente essa insensibilidade até aí desconhecida que sentia dentro de si.

E foi então que percebeu até que ponto estava cansado. Pensando bem, mal tinha pregado olho na noite anterior. Como seria bom estender-se à sombra fresca de uma árvore algures e poder dormir um bocado. Mergulhar nas trevas silenciosas do inconsciente e não pensar em nada, nem que fosse por pouco tempo. Olhou para o relógio de pulseira. Tinha de arranjar comida para os animais que ainda havia no jardim zoológico e, também, de examinar um mandril com febre alta. Tinha mil e uma coisas para fazer. De momento, contudo, era de dormir que precisava. Deixaria as reflexões para depois.

O veterinário penetrou no meio do arvoredor e estendeu-se de costas em cima da erva, num sítio onde ninguém pudesse dar com ele. Era agradável estar ali na relva, à sombra. Da vegetação desprendia-se o mesmo odor que lhe trazia à memória os dias da sua infância. Alguns gafanhotos enormes da Manchúria desataram a brincar por cima da sua cabeça, fazendo um agradável zumbido. Ali deitado, acendeu outro cigarro. Ficou satisfeito ao verificar que as mãos já não lhe tremiam como anteriormente. Enchendo de fumo os pulmões ao fundo, imaginando que os chineses estivessem naquela altura a esfolar, um por um, os animais mortos e a cortá-los aos pedaços. Por mais de uma

vez o veterinário os tinha visto fazer esse trabalho, e sabia que eles eram terrivelmente hábeis e eficazes. Bastavam poucos momentos para os animais ficarem prontos, reduzidos a um montão de pele, carne, vísceras e ossos. Como se aqueles elementos estivessem à partida separados e, por alguma razão insólita, calhassem ficar juntos. Quando ele acordasse da sesta, o mais provável era os bocados de carne já estarem à venda nos mercados. Aquela gente trabalhava, de facto, com uma rapidez incrível, pensou ele. Arrancou um punhado de ervas e entreteve-se a brincar com a erva tenra durante um bocado. Depois apagou o cigarro e expulsou, com um suspiro profundo, o fumo que ainda tinha dentro dos pulmões. Fechou os olhos. Na penumbra, o zumbido dos gafanhotos parecia soar com mais força do que antes. O veterinário tinha a sensação de haver gafanhotos do tamanho de sapos aos saltos à sua volta.

Se calhar o mundo era como uma porta giratória, sempre às voltas em torno do seu próprio eixo sem nunca parar de girar. Foi isto que ele pensou, quase a perder a consciência e a cair num estado de semi-sonolência. O facto de alguém estar num determinado compartimento dependia apenas do sítio onde calhava meter o pé. Num desses compartimentos existiram os tigres, num outro já não. Tão simples quanto isso. Era como se ali quase não existisse uma continuidade lógica. E, uma vez que não havia continuidade, as opções feitas eram desprovidas de todo e qualquer sentido. Não seria por isso que ele não era capaz de sentir a diferença entre um mundo e outro?, perguntou a si próprio. O certo é que o seu raciocínio não passou daí. Já não estava em condições de aprofundar mais nada: o cansaço pesava-lhe no corpo como uma manta empapada e asfixiante. Sem pensar em mais nada, aspirava o cheiro da relva, ouvia o zumbido dos gafanhotos, sentia a espessura da sombra que o cobria como uma membrana.

E foi então que caiu num profundo sono vespertino.

O navio de transporte parou os motores, obedecendo às ordens recebidas nesse sentido, e imobilizou-se em silêncio no meio do oceano. Em todo o caso, não tinha a mínima possibilidade de escapar, quando confrontado com um submarino moderno capaz de atingir a mais alta velocidade de navegação. O canhão da cobertura e as duas metralhadoras do submarino continuavam apontados ao navio, os marinheiros, imóveis, prontos a disparar a qualquer momento. E, contudo, dir-se-ia que entre as duas embarcações reinava uma estranha calma. A tripulação do submarino tinha subido até à ponte. Perfeitamente visíveis, alinhados ao lado um dos outros, os marinheiros davam-se ao luxo de olhar o navio japonês com o ar de quem tinha muito tempo para matar. A maioria nem sequer capacete de combate trazia na cabeça, nessa tarde de Verão em que não corria uma aragem. Uma vez extintos ambos os motores, ouvia-se apenas o dolente marulhar da ondas lambendo o casco dos navios. O navio enviou ao submarino uma mensagem dizendo que transportava apenas civis e que a bordo não havia nem um soldado nem material militar. Além disso, quase não tinha botes salva-vidas. A resposta do submarino, seca, não se fez esperar: «Não é problema nosso. Quer procedam ou não à evacuação, abrimos fogo dentro de dez minutos.» Após esta mensagem, a comunicação cessou por completo. O capitão do navio mercante decidiu não comunicar aos passageiros o conteúdo do último comunicado. Mesmo que o fizesse, de que serviria? Com sorte, podia haver quem lograsse sobreviver, mas a maior parte dos passageiros seria arrastada para o fundo do mar juntamente com o navio, aquela miserável e gigantesca bacia de metal enferrujado. Ao comandante só lhe apetecia beber um último trago de uísque antes que tudo acabasse, mas a garrafa – um néctar escocês que reservava para uma ocasião importante – estava guardada numa gaveta, na sua cabina, e já não havia tempo de ir buscá-la. Tirou o boné e olhou para o céu, na esperança de ver aparecer, por milagre,

uma esquadrilha de caças japoneses. Mas não era dia de milagres. O comandante já nada podia fazer. Tornou a pensar no seu uísque.

Quando o prazo de dez minutos estava prestes a esgotar-se, observaram-se algumas movimentações estranhas na ponte do submarino. Verificou-se uma troca rápida de palavras entre os oficiais ali presentes, e um deles desceu rapidamente à ponte inferior e transmitiu em voz alta uma ordem que se propagou, acto contínuo, por todos os soldados prontos a disparar. Ao ouvi-la, os que estavam em posição de fogo deram mostras de uma vaga perturbação. Um deles abanou várias vezes a cabeça, negando, e deu um violento murro no canhão. Outro tirou o capacete e pôs-se a olhar fixamente para o céu. Os gestos tanto poderiam passar por manifestações de raiva como por expressões de alegria ou de excitação. Os passageiros do barco não tinham maneira de saber o que diabo estaria a acontecer, nem tão-pouco o que daí resultaria. Observavam a cena mal contendo a respiração, procurando, tal como os espectadores de uma pantomima de que desconhecêssem o conteúdo, encontrar algum significado, por mais ínfimo que fosse, nos gestos que se desenrolavam à sua frente. Às tantas, a confusão generalizada entre os marinheiros americanos começou a acalmar, e, em resposta a uma ordem do suboficial, as balas de canhão foram rapidamente retiradas da ponte. Voltaram a dar à manivela, a fim de devolver o canhão, até então apontado ao navio de passageiros, à sua posição original, em direcção à proa, e aquela sinistra boca-de-fogo negra deixou de constituir uma ameaça para os civis. Os projecteis foram enviados para baixo, através da escotilha, e a tripulação retirou-se a grande velocidade para o interior do submarino. Em contraste com a lentidão anterior, os movimentos eram francamente enérgicos. Aconteceu tudo em silêncio, sem um gesto inútil.

Os motores do submarino fizeram um ruído surdo e preciso, e ao mesmo tempo soou umas quantas vezes a sirene aguda que significava «abandonar a ponte». O submarino começou a avançar e iniciou a submersão, levantando ondas de espuma, grandes e brancas, como se mal pudesse esperar que os seus homens abandonassem a ponte e fechassem a escotilha. A ponte, longa e estreita, foi aos poucos engolida pelas águas, o canhão deixou de se ver, a torre de comando desapareceu debaixo de água, separando a superfície azul-marinho e, finalmente, a antena e o periscópio afundaram-se, como que para dissipar todos os vestígios de que o submarino alguma vez ali tivesse estado. Durante algum tempo, os remoinhos perturbaram a superfície do mar, que em seguida logo se acalmou, e na tarde o mar reencontrou uma calma estival quase inquietante.

Mesmo depois de o submarino ter sumido de forma tão súbita como havia aparecido, os passageiros continuaram petrificados na coberta. Na mesmíssima posição, contemplavam fixamente a superfície das águas, completamente mudos. Recuperando a presença de espírito, o comandante deu instruções ao piloto, comunicou com a sala das máquinas, e logo o velho motor começou a funcionar no meio dos longos gemidos dos pistões, como um cão acordado a pontapé pelo dono.

A tripulação do navio, mal contendo a respiração, esperava um ataque com torpedos. Talvez, vá lá saber-se porquê, os americanos escolhessem antes torpedeá-los por ser mais rápido. O navio navegava aos ziguezagues, o comandante e o piloto perscrutavam o mar estival com os seus binóculos, procurando os vestígios brancos e fatais de um ataque com torpedos que nunca aconteceu. Vinte minutos depois de o submarino ter desaparecido nas ondas, as pessoas começaram finalmente a despertar do profundo encantamento da morte. Ao princípio, as dúvidas eram mais do que muitas, mas aos poucos começaram a transformar-se em certeza: tinham estado a um passo da morte e regressado com vida. Nem sequer o comandante entendia por que razão teriam os americanos

suspendido tão repentinamente o ataque. Que diabo se teria passado? (Só mais tarde vieram a saber que, momentos antes de o ataque se desencadear, o submarino havia recebido ordem do quartel-general no sentido de suspender toda e qualquer acção de combate activa a não ser que fosse atacado. A 14 de Agosto, o governo japonês aceitou os termos da aceitação da Declaração de Potsdam e apresentou aos países aliados a rendição incondicional.) Alguns dos passageiros na cobertura, libertos da tensão, desataram a chorar, mas a maior parte deles, incapaz de rir ou de chorar, permaneceu durante horas a fio, dias em certos casos, num estado de absoluto entorpecimento. Os longos e retorcidos espinhos causados pelo pesadelo vivido tinham-se-lhe espetado nos pulmões, no coração, na coluna vertebral, no cérebro, no útero, e não mais seriam arrancados.

A pequena Noz-Moscada Akasaka permaneceu profundamente adormecida nos braços de sua mãe durante todo o tempo. Dormiu sem abrir os olhos nem uma única vez durante mais de vinte horas, como se tivesse perdido o conhecimento. Por mais que a mãe se esforçasse por lhe gritar aos ouvidos ou esbofeteá-la na cara, não havia maneira de acordar. Dormia de um sono tão profundo que parecia habitar as profundezas do mar. O intervalo entre cada inspiração era cada vez mais longo, o pulso cada vez mais lento. Por mais que a mãe escutasse atentamente, mal conseguia ouvi-la respirar. Quando o navio chegou a Sasebo, porém, Noz-Moscada despertou sem prévio aviso. Como se uma força poderosa a tivesse trazido de volta para este mundo. Tudo isto fez com que Noz-Moscada não presenciasse a cena em que o submarino interrompia o ataque para desaparecer. Foi a sua mãe, muito mais tarde, que lhe contou tudo em pormenor.

Quando o navio fez a sua entrada no porto de Sasebo, na manhã de 16 de Agosto, passava pouco das dez. No porto reinava um profundo e misterioso silêncio, e não apareceu ninguém para os receber. Não havia sinais de presença humana, nem mesmo junto dos canhões antiaéreos, à entrada do porto. Só a luz intensa do Verão calcinava a terra em silêncio. Era como se o mundo inteiro estivesse profundamente paralisado. Os passageiros do navio tiveram a impressão de ter entrado por engano no reino dos mortos. Mudos, contemplaram a terra dos seus antepassados que voltavam a encontrar depois de tantos anos de ausência. Ao meio-dia do dia 15 de Agosto, o imperador anunciara através da rádio o fim da guerra. Sete dias antes, a cidade de Nagasáqui havia sido completamente arrasada por uma bomba atómica. O império fantoche do Manchukuo estava em vias de desaparecer do mapa, engolido pelas areias movediças da História. O veterinário com a mancha na face, apanhado em contrapé no compartimento errado da porta giratória, foi arrastado contra a sua vontade pelo destino da colónia japonesa da Manchúria.

Passemos, então, ao problema seguinte
(O ponto de vista de May Kasahara – 2)

Olá outra vez, Senhor Pássaro de Corda!

Por acaso já te deste ao trabalho de pensar em que sítio estou e o que estou aqui a fazer, tal como te pedi mesmo no fim da minha última carta? Fazes ao menos uma pequena ideia?

Em todo o caso, vou continuar a contar a história, partindo do princípio de que não descobriste a ponta de um corno – quase que aposto que foi isso que aconteceu.

Para simplificar, começo logo por te adiantar a resposta.

Estou a trabalhar numa «fábrica», por assim dizer. Uma fábrica grande, situada no meio das montanhas, pertinho de uma cidade de província que dá para o Mar do Japão. Quando falo em fábrica, contudo, não é nada como tu, senhor Pássaro de Corda, deves estar a imaginar: uma daquelas fábricas que deitam nuvens de fumo pelas chaminés, onde a cada passo, em plena cadeia de montagem, se vêem correias transportadoras e sofisticadas máquinas de último modelo. Esta fábrica é grande, tudo bem, mas construída sobre um terreno vasto, muito tranquila e cheia de luz. E sem uma chaminé a deitar fumo. Nunca na vida imaginara que pudessem existir fábricas assim tão espaçosas, juro. A única fábrica que conheci foi uma de rebuçados, que há em Tóquio, e que visitámos com o colégio quando ainda estava na primária. Só me lembro que era ruidosa, pequena e que as pessoas que lá trabalhavam estavam todas em silêncio e com cara de infelizes. Talvez por isso, para mim as fábricas eram quase todas como aquelas ilustrações saídas dos compêndios sobre a Revolução Industrial.

Quase todas as pessoas que aqui trabalham são mulheres. Num edifício um bocadinho afastado existe um laboratório, onde homens de bata branca e com expressões sérias conduzem pesquisas que visam desenvolver novos produtos, mas, em proporção, não se pode dizer que sejam muitos. O resto são tudo raparigas que têm entre dezassete ou dezoito e os vinte e cinco anos. Para aí setenta por cento das raparigas vive, como acontece comigo, em dormitórios anexos construídos nos terrenos da fábrica. Ter de apanhar todos os dias o comboio ou o autocarro na povoação mais próxima para chegar até aqui é uma seca e, além disso, os dormitórios são confortáveis. O edifício é novo, os quartos são individuais, a alimentação é boa e variada (podemos escolher os pratos que queremos) e o alojamento não sai muito caro por mês. Temos uma piscina de água aquecida e uma biblioteca, e quem quiser até pode fazer coisas como a cerimónia do chá ou o ikebana (o que não é o meu caso, diga-se de passagem). Até nos podemos inscrever em actividades desportivas, o que leva muitas das raparigas que de início ficavam a dormir na povoação a preferirem instalar-se aqui. Todas elas regressam a casa no fim-de-semana. Comem em casa, vão ao cinema, passeiam com os seus namorados e assim. Daí que, ao sábado, os dormitórios fiquem desertos, como uma casa em ruínas. Pelos vistos, não são muitas as raparigas que, como meu, não têm uma casa a que chamar sua, onde podem regressar quando a semana de trabalho chega ao

fim. Como já disse na carta anterior, porém, a verdade é que me agrada esta sensação de «vazio» que por aqui se vive aos fins-de-semana. Posso passar o tempo todo a ler, a ouvir música em altos berros, a passear pela montanha ou, como acontece agora, aqui sentada à secretária a escrever-te esta carta, senhor Pássaro de Corda.

As raparigas que trabalham comigo são todas da zona, que é como quem diz, filhas de famílias de agricultores aqui da região. Não digo todas, claro, mas na sua maioria trata-se de moçoilas saudáveis, de constituição forte, optimistas e trabalhadoras. Até há pouco tempo, quando as raparigas acabavam os seus estudos iam para a grande cidade em busca de emprego, visto que por estas bandas não havia grandes empresas. Em resultado de ficarem cada vez menos raparigas na povoação, os homens não tinham com quem casar e a zona ia ficando cada vez mais despovoada. A fim de combater esse estado de coisas, as autoridades da região ofereceram às empresas uma vasta extensão de terreno para uso industrial, facilitaram a instalação de fábricas para que as jovens pudessem permanecer aqui e não fossem obrigadas a partir. Cá por mim, a ideia é boa. A prova é que isso atrai também as raparigas que vêm de fora, como é o meu caso, não é verdade? Agora, as jovens que acabam os seus estudos (ou então que os deixaram a meio, como eu), arranjam emprego na fábrica, põem-se a amearhar uns tustos e, uma vez chegada a idade de se casarem, abandonam o emprego, dão à luz duas ou três crianças e engordam todas como baleias, sem excepção. É evidente que no meio deste quadro há sempre aquelas que continuam a trabalhar depois do casamento, mas o certo é que a maior parte desiste do emprego.

E agora, já fazes ideia do lugar onde me encontro?

Nesse caso, passo à pergunta seguinte: que diabo é que se produz nesta fábrica?

Dou-te uma pista, senhor Pássaro de Corda: em tempos que já lá vão, realizámos ambos um trabalho relacionado com «isso». Lembras-te dos inquéritos de rua feito em Ginza?

Bom, agora já não tens desculpa para não saber. Sim ou não?

É isso mesmo, trabalho numa fábrica de perucas. Então, surpreendido?

Como te contei da outra vez, vim-me embora da tal estúpida escola-prisão-de-alto-gabarito, isto para aí seis meses depois de lá ter posto os pés. A partir daí, passava os dias em casa dos papás sem fazer a ponta de um corno, como um cão que tem a pata ferida. Isto até que me lembrei, mais por brincadeira do que por outra coisa qualquer, daquele dia em que o tipo que supervisionava o meu trabalho me ter dito: «Olha lá, temos falta de mulheres na nossa fábrica, se por acaso quiseses trabalhar para nós, estás à vontade.» Chegara mesmo a mostrar-me uma magnífica brochura sobre a fábrica, e foi assim que me pus a pensar até que ponto não seria uma boa ideia trabalhar num lugar destes. O encarregado explicara-me que as mulheres tinham a seu cargo a tarefa de implantar à mão os cabelos nas perucas. Trata-se de um trabalho de grande precisão, visto que as perucas são produtos muito delicados, não têm nada que ver com painéis de alumínio, por exemplo, fabricadas em cadeia numa grande máquina industrial. Caso os fios de cabelo não sejam implantados com uma agulha, um a um, e sempre com grande cuidado, não se pode obter um artigo de qualidade. Uma pessoa até fica parva, só de pensar nisso! Quero dizer, naquele trabalho todo que não acaba nunca. E tu, que me dizes a isso? Quantos cabelos pensas que uma só pessoa tem na cabeça? Centenas de milhares, mais pêlo menos pêlo! E nós aqui temos de os ir implantando à mão, como se estivéssemos num campo de arroz. Contudo, para estas raparigas, quase todas oriundas de famílias rurais e mais do que habituadas a ganhar algum dinheiro graças aos seus trabalhos de labores durante os longos meses de Inverno, a verdade é

que isto não custa nada! Até já ouvi dizer que foi precisamente por esse motivo que o fabricante de perucas escolheu esta região para instalar a sua fábrica.

Agora a sério, o trabalho manual nunca me fez impressão. Ainda que possa não parecer, a verdade é que sou uma excelente costureira. Pelo menos na escola era o que a professora dizia sempre. Aposto que nunca te passaria isso pela cabeça, pois não? Pois bem, é pura verdade. Daí que tenha pensado com os meus botões que não ficaria com os parentes na lama se experimentasse viver durante uns tempos na montanha, sem pensar em nada, entretida com um trabalho manual de manhã à noite nesta fábrica. Estava farta da escola até à ponta dos cabelos, além de que também não me estava a apetecer nada continuar a viver à custa dos meus pais (e eles de certeza a mesma coisa, escusado será dizer). Isto sem esquecer que não havia nada que me apetecesse realmente fazer... Depois de dar voltas à cabeça, cheguei à conclusão de que não tinha outro remédio senão vir trabalhar para aqui.

Pedi aos meus pais que se responsabilizassem por mim, e, juntamente com a declaração do encarregado (pelos vistos, bem impressionado com o trabalho dos inquéritos), passei na entrevista realizada nos escritórios centrais da empresa e fui aceite. Uma semana mais tarde fazia as malas (só roupa e o meu leitor de cassetes) e metia-me no comboio-bala, depois mudava de linha e apanhava o comboio para esta povoação tão insignificante que nem sequer vem no mapa. Uma vez aqui chegada, tive a sensação de estar no fim do mundo. A sério, quase caí literalmente de cu no momento em que pus os pés fora do comboio! De tão abananada cheguei a pensar se não me teria enganado. Mas, afinal, as coisas correram pelo melhor: já cá estou há seis meses, e isto sem razões de queixa nem problemas de maior.

Não sei explicar bem, mas o certo é que sempre me interessaram as perucas. Ou talvez seja preferível dizer que as perucas sempre exerceram um certo «fascínio» sobre mim, da mesma maneira que os rapazes se sentem atraídos pelas motos. Vi muitos homens carecas (ou «pessoas com pouco cabelo», como lhes chamam aqui na empresa) quando andava a fazer aqueles inquéritos de rua, e pude constatar a quantidade de pessoas nessas condições que há por esse mundo fora. Pessoalmente, nada tenho contra os carecas (ou pessoas com pouco cabelo, atenção). Isto para dizer que, a mim, os carecas não me aquecem nem me arrefecem. No teu caso, senhor Pássaro de Corda, por exemplo, mesmo que fiques com menos cabelo (e podes crer que vais ficar com menos cabelo), os meus sentimentos por ti nunca mudarão. Não, a única coisa que acontece comigo quando olho com mais atenção para as pessoas de cabelo ralo, e julgo já te ter dito isto, é ficar com a sensação de que se «estão a desgastar». Pode mesmo dizer-se que tenho um interesse extraordinário nesse aspecto.

Ouvi dizer que o homem alcança o apogeu do seu crescimento ao chegar a certa idade (não sei se os dezanove se os vinte, por aí), e que depois disso o corpo começa fisicamente a decair. Logo, não é de estranhar que as pessoas comecem a perder cabelo, uma vez que faz parte do processo degenerativo. Pode mesmo dizer-se que é natural, normal e tudo isso. Em todo o caso, a haver problema, ele existe no facto de haver pessoas novas que ficaram calvas, e pessoas velhas que nunca chegam a ficar carecas. Pela parte que me toca, se estivesse na pele de uma pessoa careca, pensaria que se tratava de uma injustiça. O problema de ser calvo é que dá nas vistas, compreendes? Até eu, que por agora não sei o que isso é, entendo perfeitamente o sentimento.

Além disso, em muitos casos, que a uma pessoa lhe caia mais ou menos o cabelo do que a outra não é problema dela. Quando estava a trabalhar em tempo parcial, uma vez o encarregado

explicou-me que, cientificamente, em noventa por cento dos casos, a calvície é uma questão genética. Um homem que tenha herdado isso nos seus genes, mais cedo ou mais tarde, e por mais que se esforce por evitá-lo, acabará sempre por ficar calvo. O provérbio que diz que «tudo o que tem de ser, tem muita força», no caso da calvície não tem cabimento. E isso é profundamente injusto, não te parece? A mim quer-me bem parecer que sim.

Bom, por esta altura espero que já tenhas percebido que passo os meus dias a trabalhar no duro nesta fábrica de perucas, situada no cu de Judas. Espero que estejas convencido do meu verdadeiro interesse nos produtos que aqui se fabricam, e que são as perucas. Na carta seguinte entrarei em mais pormenores no que toca à minha vida e ao meu trabalho por estas bandas.

E daí, talvez não.

Por agora já chega. Adeus.

Estamos a falar de uma verdadeira pá?
(O que aconteceu na calada da noite, parte 2)

Depois de profundamente adormecido, o rapaz teve um sonho muito real. Ele sabia que era um sonho, o que em parte o tranquilizou. *Se eu sei que isto é um sonho, quer dizer que o outro não era um sonho. Aquilo aconteceu mesmo, de verdade. Posso entender perfeitamente a diferença.*

No sonho, o menino aparecia no jardim a meio da noite, quando lá não estava ninguém, agarrava na pá encostada ao tronco da árvore e punha-se a cavar. Não era difícil, uma vez que o homem alto acabara de tapar o buraco; só o gesto de pegar na pesada pá, contudo, era quanto bastava para deixar o rapazinho sem conseguir respirar. Além disso, é preciso ver que estava descalço. Ficou com as plantas dos pés geladas. Mesmo assim, fez questão de continuar a cavar a terra até pôr a descoberto o volume envolto em pano que o homem lá enterrou.

O pássaro mecânico não voltou a cantar. O homem que trepara à árvore não voltara a aparecer. Em redor estava tudo de tal forma silencioso que ao rapaz quase lhe doíam os ouvidos. *Afinal de contas, é um sonho*, pensou o menino. O pássaro de corda e o homem parecido com o meu pai que subiu à árvore não eram um sonho, existiam na realidade. Era caso para dizer que de certeza que não havia relação entre uma coisa e outra. Estranho. Aqui estou, a cavar no meu sonho o buraco que ainda há pouco alguém antes de mim cavou. Como é que vou distinguir, então, entre o que é um sonho e o que não é um sonho? Por exemplo: esta pá é uma verdadeira pá ou estarei a sonhar que é uma pá?

Quanto mais pensa, menos compreende. Por isso o menino deixa de pensar e continua a cavar com todas as suas forças. Por fim, tocou com a ponta da pá no pano que estava a envolver o embrulho.

O menino libertou cuidadosamente a terra à volta e depois, de joelhos, tirou o volume do meio do buraco. Não se via uma nuvem no céu e a Lua projectava uma luz húmida sobre a Terra sem que nada lhe fizesse sombra. No sonho, estranhamente, o menino não sentiu medo. A curiosidade que o dominava era mais forte que tudo o mais. Abriu o volume. Lá dentro havia um coração humano. O coração tinha a mesma forma e a mesma cor do que o coração que tinha visto na enciclopédia ilustrada. E o coração ainda estava vivo e batia, como um bebé recém-abandonado. Ainda que da artéria seccionada não saísse sangue, continuava a pulsar com força. O menino ouvia distintamente os batimentos fortes nos seus ouvidos, mas isso era o som do seu coração a pulsar. O coração que havia sido enterrado e o seu próprio coração batiam forte em uníssono, como se estivessem a comunicar um com o outro.

O menino recuperou o fôlego e disse a si mesmo, com firmeza: «A mim estas coisas não me metem medo. É um coração humano, mais nada. Como o que aparece na enciclopédia. Toda a gente tem um. *Eu também tenho.*» Com calma, o menino voltou a envolver o coração no pedaço de pano, depositou-o no fundo do buraco e deitou-lhe terra por cima. A seguir calçou a terra com os pés descalços para que ninguém visse que existia ali uma vala e deixou a pá encostada ao tronco da árvore, tal como a tinha encontrado. A superfície da terra estava fria como gelo. Entrando pela janela, regressou à

intimidade cálida do seu quarto. Sacudiu a terra pegada às plantas dos seus pés no cesto dos papéis para não sujar os lençóis, só pensava em meter-se na cama e dormir. Foi então que se deu conta de que haviam ocupado o seu lugar. Estava alguém a dormir ali, tapado com a coberta.

Danado, o menino puxou a roupa para trás e quis gritar: «Olha lá, tu, põe-te a andar. Esta é a minha cama!» Mas a voz não lhe saiu da garganta. Aquele que tinha diante de si, deitado na cama, era ele próprio. Estava deitado na sua cama e dormia, respirando regularmente. Se já estava a dormir ali, onde iria dormir o seu *outro* eu? E, pela primeira vez, a criança teve medo, percorrida por um sentimento de pânico que parecia congelá-la até à medula. A criança queria gritar. Queria gritar o mais alto possível, a fim de despertar o seu eu adormecido e todas as pessoas que estavam em casa, mas da sua boca continuava a não sair nem um som. Então agarrou no seu outro eu pelos ombros e sacudiu-o com força. Mas nem assim conseguiu. A criança que dormia não havia maneira de acordar.

Não teve outro remédio. Em desespero de causa, o menino despiu o casaco, deitou-o ao chão, deu um violento empurrão ao seu outro eu para o outro lado e estendeu-se quase à força na borda daquela cama demasiado estreita. Tinha de marcar terreno. Se não o fizesse, acabaria por ser expulso do seu próprio mundo. Apesar da posição incómoda e de não ter almofada, assim que entrou na cama apoderou-se dele um profundo torpor e o menino não conseguiu pensar em mais nada. No instante seguinte estava a dormir.

Na manhã seguinte, ao acordar, o menino está sozinho a meio da cama e tem, como de costume, a almofada debaixo da cabeça. Ao seu lado não há ninguém. Senta-se devagarinho na cama e passeia o olhar à volta do quarto. À primeira vista, nenhuma mudança. A mesma mesa, a mesma cómoda, o mesmo roupeiro, o mesmo candeeiro de mesa. O relógio de parede marca seis e vinte. O menino nota que há qualquer coisa estranha. Parece que tudo está igual, mas a verdade é que aquele lugar é diferente do lugar onde adormeceu a noite passada. O ar, a luz, os ruídos, os cheiros, todas aquelas coisas estão diferentes, cada uma da sua maneira. Podia ser que as outras pessoas não dessem por isso, mas ele, sim, repara nisso. O menino afastou a coberta e observou o seu corpo. Move os dedos de ambas as mãos, um a um. Os dedos das mãos mexem-se sem nenhum problema. Os dos pés também. Não sente dores nem comichão. Levanta-se da cama e vai à casa de banho. Urina, planta-se diante do espelho e examina o seu rosto. Tira o casaco do pijama, sobe a uma cadeira e olha o seu corpo franzino reflectido no espelho. Não encontra nada de anormal.

E, contudo, há algo de diferente. Tem a sensação de estar dentro de outro invólucro. Sente que não está familiarizado com aquele seu novo corpo. Há nele certos elementos que não pertencem ao seu «eu» original. De repente a criança sente-se desamparada e experimenta chamar pela mãe. Nenhuma palavra brota da sua garganta. As suas cordas vocais não conseguem fazer vibrar o ar, como se a própria palavra «mamã» houvesse desaparecido da face da terra. Não demora muito, o menino, a dar-se conta de que não era a palavra o que havia desaparecido.

O misterioso tratamento de M.

UMA HISTÓRIA DE OCULTISMO ASSOMBRA O MUNDO SECRETO DO ESPECTÁCULO

(Da edição do mês de Dezembro da revista mensal *****)

[...] Ao que tudo indica, as terapias ocultistas, tão em voga no mundo do espectáculo, andam nas bocas do mundo, mas, por vezes, os grupos que se dedicam ao ocultismo chegam a actuar quase como uma organização clandestina. Referimo-nos, concretamente, ao caso de M., conhecida actriz de trinta e três anos. Depois de se ter estreado, há cerca de dez anos, num papel secundário de uma série televisiva que lhe permitiu granjear um êxito notável, nunca mais deixou de aparecer regularmente, quer no pequeno quer no grande ecrã. Casada desde há seis anos com um jovem «tubarão» do sector imobiliário, sabe-se que, durante os dois primeiros anos, o casal viveu num mar de rosas. Os negócios do marido iam de vento em popa e, pela sua parte, a actriz somava êxito atrás de êxito. Mais tarde, porém, o restaurante e a *boutique* que o marido abriu em nome dela começaram a dar para o torto, começaram a aparecer os primeiros cheques sem cobertura assinados pela actriz. Diz-se à boca fechada que M. nunca esteve interessada em abrir as lojas, e que só a insistência do marido a levou a aceder à vontade expressa por ele no sentido de alargar o âmbito dos seus negócios. Há, por isso, quem a considere vítima de fraude. Além do mais, a relação de M. com os sogros há já muito tempo que dava sinais de estar a piorar.

O rumor da crise matrimonial que M. vivia com o marido não tardou a espalhar-se e o casal acabou por se separar. Finalmente, há dois anos, e depois de um acordo alcançado sobre a dívida, foi decretado o divórcio de comum acordo. Mais ou menos na mesma altura, M. começou a mostrar sinais de depressão, circunstância que a obrigou a abandonar temporariamente as suas actividades no mundo do espectáculo, a fim de ser internada num hospital e a submeter-se a tratamento. Segundo conseguimos saber junto da produtora, na sequência do divórcio a actriz era frequentemente assaltada por ataques de ansiedade e os antidepressivos ameaçavam arruinar a sua saúde, senão mesmo pôr em causa a continuidade da sua carreira. «Perdeu a capacidade de concentração necessária e até mesmo a sua aparência exterior se modificou de forma alarmante», afirmou à nossa revista uma fonte bem informada. «Sendo por natureza uma pessoa responsável, todos aqueles pensamentos e preocupações lhe causaram profundos danos psicológicos. Felizmente, no aspecto económico, o divórcio revelou-se bastante satisfatório para ela e, de momento, não tem necessidade de trabalhar para garantir a sua subsistência económica.»

Acontece que M. era parente afastada da mulher de um conhecido político (e antigo ministro). Terá sido ela, afeiçoada a M. como se fosse uma filha, quem a apresentou há dois anos a uma das suas

amigas, que dizem praticar uma espécie de terapia espiritual para uma clientela escolhida a dedo entre os membros da alta sociedade? O certo é que, mediante a recomendação da esposa do político, M. foi recebida no seu consultório e seguiu, durante aproximadamente um ano, uma terapia contra a depressão, ainda que se desconheça qual o tratamento prescrito. A esse respeito, M. guarda silêncio. O certo é que a doença de M. conheceu uma assinalável melhoria, tudo isso graças ao contacto regular com a dita mulher e, independentemente de qual poderá ter sido o tratamento aplicado, a verdade é que, pouco depois, a actriz conseguiu prescindir dos antidepressivos. Em consequência disso, o edema facial provocado pelos medicamentos desapareceu, voltou a crescer-lhe o cabelo, e a actriz tornou a mostrar a beleza de outros tempos. O estado psíquico foi melhorando até normalizar, permitindo-lhe retomar o seu trabalho de actriz, altura em que deu por terminado o tratamento.

Em Outubro deste ano, porém, numa altura em que aquele pesadelo parecia ser coisa do passado, M. voltou a ser surpreendida pelos mesmos sintomas. A situação era grave, na medida em que a actriz se preparava para aceitar um novo papel num filme, algo impensável no seu estado. Foi então que M. decidiu retomar o contacto com aquela terapia, mas, ao que parece, a mulher abandonara entretanto as suas práticas. «Tenho muita pena, mas não a posso ajudar. Já não possuo nem os poderes nem a capacidade necessários. Se prometer que não diz *uma única palavra* a ninguém, posso apresentá-la a uma pessoa. Isto na condição de guardar segredo, ou então arrepender-se-á amargamente. Fui clara?»

E assim M. foi apresentada a um jovem dos seus trinta anos, que tinha uma mancha de nascimento no rosto. De todas as vezes que se encontraram, o homem nunca abriu a boca, mas o tratamento, esse revelou-se incrivelmente eficaz. Apesar de M. nunca ter revelado a soma de dinheiro que pagou por este serviço, somos levados a crer que terá desembolsado uma respeitável quantia.

Foi isto que apurámos junto de uma pessoa «muito próxima» de M. a propósito do misterioso tratamento. Da primeira vez, o encontro decorreu no hotel X, onde foi conduzida por um homem ainda novo para um grande carro preto até ao local onde o tratamento lhe foi ministrado. No que à misteriosa terapia diz respeito, não nos foi possível apurar nada de concreto. M. recusou-se a adiantar alguma coisa. «Estamos na presença de pessoas com um poder extraordinário», afirmou ela, «e, se voltasse atrás com a minha palavra decerto teria problemas.» M. visitou aquele lugar apenas uma vez e, desde então, nunca mais voltou a saber o que era ter um ataque de ansiedade. Tentámos chegar à fala com a conhecida actriz, a fim de obtermos em primeira mão informações sobre o tratamento recebido e, também, sobre a tal mulher misteriosa, mas, como seria de esperar, M. recusou-se a conceder uma entrevista. Pelo que conseguimos saber junto dos especialistas na matéria, aquela «organização» tem por norma evitar personalidades do mundo do espectáculo, e conta entre a sua clientela figuras bem conhecidas da área da política e das finanças, habitualmente mais discretas. E mais não nos souberam dizer os nossos contactos junto dos meios artísticos [...].

O homem que esperava

O que tem de ser, tem muita força

Um homem não é uma ilha

Deixei passar as oito da noite e, já com tudo escuro, abro a cancela ao fundo do jardim e saio para a azinhaga. A porta é tão estreita que me vejo obrigado a fazer uma ginástica enorme para conseguir passar. Tem apenas um metro de altura e está habilmente camuflada ao canto do muro para que aqueles que passam do lado de fora não consigam perceber que existe ali uma entrada. Como sempre, a ruela emerge na escuridão da noite à luz branca e fria do candeeiro de mercúrio que há no jardim de May Kasahara.

Fecho rapidamente a porta e avanço pela ruela num passo rápido. Ao esgueirar-me pelas traseiras das casas entrevejo de relance, por cima da vedação, as pessoas nas suas salas de estar e de jantar. Estão a jantar ou a ver televisão. O odor da comida flutua através das janelas ou dos exaustores das cozinhas que dão para a viela. Um adolescente pratica uns acordes rápidos com a guitarra eléctrica que tem o som no mínimo. Através da janela do andar de cima de uma casa, vê-se o rosto grave de uma rapariguinha à secretária a estudar. Chegam até mim as vozes alteradas de um casal a discutir algures. Um bebé chora. Numa das casas está a tocar o telefone. A realidade derrama-se pela ruela como a água que transborda de um recipiente a deitar por fora, sob a forma de ruídos, cheiros, imagens, perguntas, respostas.

Levo calçados os meus ténis do costume para não fazer barulho ao andar. A velocidade a que caminho não pode ser nem rápida nem lenta. O importante é não chamar demasiado a atenção das pessoas, não me deixar surpreender pela «realidade» à minha volta. Conheço de cor todos os recantos, todos os obstáculos. Mesmo na escuridão total consigo atravessar a ruela sem tropeçar em nada. Ao chegar à parte de trás da minha casa, imobilizo-me e olho à volta antes de saltar por cima de um muro baixinho.

A casa surge rasteira diante de mim, escura e silenciosa, como a carapaça de um enorme animal rastejante. Abro com a chave a porta que dá acesso à cozinha, acendo a luz e mudo a água do gato. Vou ao armário buscar uma lata de comida para gato e abro-a. *Cavala* aparece como sempre ao ouvir esse ruído. Depois de esfregar a cabeça contra a minha perna, começa a comer. Entretanto, tiro uma cerveja gelada do frigorífico. Costumo jantar sempre na «residência» – qualquer coisa que Noz-Moscada prepara –, daí que em casa mais não faço do que arranjar uma salada ou cortar uma fatia de queijo. Baixo-me e ponho o gato nos joelhos enquanto bebo a minha cerveja, e com as mãos constato a macieza e o calor do seu corpinho. Cada um de nós passou o dia num lugar diferente e cada um regressou a casa, são e salvo.

Nessa noite, porém, no momento em que acabo de chegar a casa e de tirar os sapatos e estender a mão para acender a luz da cozinha, sinto uma presença estranha. Às escuras, interrompo o gesto, apuro o ouvido e respiro pelo nariz sem fazer barulho. Não se ouve nada, mas detecto no ar um ligeiro cheiro a tabaco. Pelos vistos, há mais alguém dentro de casa. Alguém que está à minha espera e que, pouco antes, incapaz de aguentar, acendeu um cigarro e deu meia dúzia de passas para enganar a espera. Depois, deve ter aberto a janela para deixar sair o fumo, mas o odor ficou. Não deve ser ninguém que eu conheça. As portas estavam fechadas à chave e, tirando Noz-Moscada, não conheço ninguém que fume. Caso quisesse ver-me, ela não iria estar ali no escuro à minha espera.

Instintivamente, estendo a mão e procuro às apalpadelas o taco de baseball. Não o encontro, claro, uma vez que está no fundo do poço. Tenho o coração a pulsar violentamente, como se me tivesse escapado do peito e estivesse a bater de encontro à minha orelha. Esforço-me por respirar normalmente. Pode ser que o taco não seja preciso. Se houvesse ali alguém com intenções de me fazer mal, de certeza que não ficaria tranquilamente sentado à minha espera no escuro. Ainda assim, sinto picadas na palma das mãos, só de pensar no contacto com o taco. O gato aproximou-se e, como de costume, pôs-se a miar e a esfregar a cabeça nas minhas pernas. Pela forma como mia, reparo que não está tão esfomeado como sempre. Estendi o braço e acendo a luz da cozinha.

– Desculpe, mas já dei de comer ao gato – refere com excesso de familiaridade o homem que ali está, sentado no sofá da sala de estar. – Tomei a liberdade de ficar aqui à sua espera, senhor Okada, mas o gato miava tanto que fazia dó. Por isso, espero não ter feito mal: encontrei uma lata no armário da cozinha, abri-a e dei-lhe comida. Para ser franco, não gosto lá muito de gatos.

O homem nem sequer fizera menção de se levantar. Observei-o em silêncio.

– Deve estar admirado pelo facto de eu ter entrado em sua casa sem licença e ficado à sua espera no escuro. Peço-lhe que me desculpe, mas a verdade é que se tivesse esperado por si com a luz acesa, talvez o senhor não tivesse entrado, por precaução. Acredite, não venho aqui para lhe fazer mal, longe disso. Não há necessidade de olhar para mim dessa maneira, senhor Okada. Só preciso de ter uma pequena conversa consigo.

Era um homem baixinho, de fato. Como estava sentado, era difícil avaliar a sua altura, mas de certeza que não chegava ao metro e meio. Devia ter entre quarenta e cinco a cinquenta anos, gordo como uma rã e careca – definitivamente, cabia direitinho na categoria «A» do sistema de classificação usado por May Kasahara. Estranhamente, os poucos tufo de cabelo que tinha, de um negro retinto, sobre as orelhas, faziam ressaltar ainda mais a sua calva. O nariz era grande mas não devia funcionar bem, porque, sempre que respirava, inchava e desinchava produzindo o barulho de um fole. Usava uns óculos com lentes muito grossas e armação metálica. Ao pronunciar certas palavras, levantava o lábio superior e deixava entrever uma dentadura irregular com manchas de nicotina. Era, sem dúvida, uma das pessoas mais feias que encontrara pela frente. Não era só o aspecto que era repugnante: desprendia-se dele qualquer coisa de doentio, de lúgubre e viscoso, que não consigo traduzir por palavras – algo parecido com a repulsa que uma pessoa sente ao tocar com a mão num insecto grande e estranho no meio da escuridão. Mais do que uma pessoa de carne e osso, parecia alguém saído de um pesadelo antigo já caído no esquecimento.

– Importa-se que eu fume? – perguntou o homem. – Até aqui tenho estado a aguentar-me, mas esperar aqui sentado sem um cigarrinho tem sido uma tortura. Péssimo vício, o tabaco.

Sem saber o que dizer, limitei-me a assentir com a cabeça. O estranho sujeito puxou do bolso do

casaco de um maço de *Peace* sem filtro, levou um cigarro à boca e acendeu-o com um fósforo que produziu um ruído de fricção, seco e desagradável. Pegou na lata vazia de comida para gato que estava a seus pés e deitou o fósforo lá para dentro. Pelos vistos, usava a lata como cinzeiro. O homem aspirou profundamente o fumo, juntando as sobancelhas espessas e soltando involuntariamente pequenos grunhidos de satisfação. Ao chupar o cigarro, a ponta incandescente do cigarro ardia, vermelha e brilhante como carvão mineral. Abri a porta de vidro que dava para o terraço, a fim de deixar entrar o ar. Caía uma chuva miudinha. Não se via nem tão-pouco se ouvia, mas eu sabia que estava a chover só pelo cheiro.

O homem envergava um fato castanho, uma camisa branca, uma gravata de um vermelho desmaiado, tudo peças de roupa de aspecto barato e igualmente usado. O castanho do fato fez-me lembrar o de um carro velho tornado a pintar mal e porcamemente por um amador. Não havia volta a dar ao tecido do casaco e das calças, cheio de rugas vincadas que mais pareciam vales numa fotografia aérea da Terra. A camisa era de um branco a caminho do amarelo e um dos botões, à altura do peito, estava suspenso por um fio. Saltava à vista que era um ou dois tamanhos mais pequena, a julgar pelo botão de cima, desapertado, e pelo colarinho aberto e descomposto. A gravata, com um bizarro desenho estampado a fazer lembrar um ectoplasma deformado, devia andar a usá-la desde os tempos dos Osmond Brothers. Aos olhos de qualquer pessoa, era óbvio que aquele homem não prestava a mínima atenção à sua indumentária. Que se vestia porque não tinha outro remédio, uma vez que tinha de o fazer para aparecer diante das outras pessoas. Podia mesmo detectar-se uma nítida hostilidade no seu comportamento, como se ele planeasse usar sempre a mesma roupa até ficar no fio e reduzida a farrapos – como os camponeses das montanhas, que fazem trabalhar os burros de manhã à noite até eles morrerem de exaustão.

Mal acabou de sugar toda a nicotina de que tinha necessidade, o homem suspirou de alívio e fez uma carantonha estranha, a meio caminho entre o sorriso e uma careta irónica.

– Com isto tudo, só agora reparo que nem sequer me apresentei. Peço-lhe que me desculpe, não costumo ser assim tão mal-educado. O meu nome é Ushikawa, escreve-se com o carácter «ushi», de vaca, e «kawa», de rio. Um apelido fácil de recordar, não lhe parece? Mas todos me chamam *Ushi*. «Viva, *Ushi!*», dizem eles. E o mais engraçado é que, à força de o ouvir, chego a pensar que me transformei num animal bovino. Ao ponto de sentir uma certa familiaridade com uma vaca sempre que vejo uma. Passam-se coisas estranhas com os nomes, não acha, senhor Okada? Claro que Okada é um apelido muito limpo⁴³: colina e campo. Às vezes, preferia que o meu apelido fosse mais normal, assim como o seu, mas infelizmente não somos nós a escolher. Quando se nasce Ushikawa, não há nada a fazer: fica toda a vida a ser Ushikawa. Por essas e por outras é que desde os primeiros anos de escola sempre me chamaram *Ushi*. O que há-de uma pessoa fazer? Por isso, não sei se sabe, dizem que o nome representa o corpo, mas, a mim, parece-me que é mais o contrário – que é o corpo, de forma espontânea, que se vai aproximando do nome. Que tal? Pelo menos é essa a impressão que me dá. Enfim, seja como for, o importante é que pense em mim como sendo Ushikawa. Isto apesar de não ver qualquer inconveniente caso me prefira chamar *Ushi*.

Fui à cozinha, abri o frigorífico, tirei uma lata de cerveja e voltei para onde estava. Não ofereci nenhuma ao tal Ushikawa, uma vez que não o tinha convidado a estar ali. Bebi a minha cerveja directamente da lata, em silêncio, e Ushikawa também não disse uma palavra, limitando-se a encher de fumo os pulmões. Sem nunca me sentar na cadeira que estava mesmo ali à frente, deixei-me ficar de pé, encostado à coluna, sem tirar os olhos dele. Por fim, o homem apagou o cigarro na lata vazia

de comida para gato e dignou-se olhar para mim.

– Aposto que o senhor Okada deve estar a perguntar a si próprio como é que eu abri a porta e entrei em sua casa, não é verdade? O mais certo é pensar: «Que estranho, quando saí de casa lembro-me de ter fechado a porta à chave...» Estou certo ou estou errado? Pois bem, de facto a porta *estava* fechada à chave, e bem fechada. Acontece, porém, que eu tenho uma chave da sua casa. Olhe, veja, aqui está ela.

O homem meteu a mão no bolso, tirou de lá um porta-chaves com uma única chave e agitou-a diante dos meus olhos. Pareceu-me que era, efectivamente, a chave lá de casa. Mas o que chamou a minha atenção foi o porta-chaves. Era igualzinho ao de Kumiko – vulgar de Lineu, de pele verde, com um mecanismo muito original para abrir a argola metálica.

– O artigo genuíno – proclamou Ushikawa. – Como pode ver, trata-se do porta-chaves da sua esposa. E, para que entre nós não haja quaisquer mal-entendidos, deixe-me que lhe diga: foi-me dado pela senhora Wataya. É bom que saiba que não lho roubei nem lho tirei à força.

– Onde está Kumiko? – perguntei, com a voz alterada.

Ushikawa tirou os óculos, observou-os muito bem para ter a certeza de que não estavam embaciados, e voltou a pô-los.

– Sei exactamente onde ela se encontra. Para ser franco, sou eu que tomo conta dela.

– Toma conta dela?

– Acalme-se, não é aquilo em que está a pensar – retorquiu Ushikawa, rindo-se. Ao rir, toda a simetria do seu rosto se alterava e os óculos ficavam tortos, formando um ângulo retorcido. – Não me olhe com essa cara. Ajudá-la faz parte do meu trabalho – podemos dizer que sou uma espécie de secretário e que, como tal, me encarrego de certos trabalhos. Um simples pau-mandado, se quiser, nada do outro mundo. Como sabe, ela não pode sair de casa.

– Não pode sair de casa? – repeti eu como um papagaio.

O homem hesitou por momentos, passando a ponta da língua pelos lábios.

– Não lhe posso dizer se ela *não pode* sair ou se *não quer* sair. Imagino que gostasse de ficar a saber, mas, peço-lhe, não me pergunte isso. Nem eu estou por dentro de tudo. Seja como for, senhor Okada, não tem motivos para ficar preocupado. Não a mantemos fechada contra a vontade dela. Quer dizer, isto aqui não é propriamente um filme nem um romance, não é verdade? Ele há certas coisas que não se podem fazer na vida real.

Depositei com muito cuidado aos meus pés a lata de cerveja que ainda tinha na mão.

– A propósito, que diabo é que veio cá fazer?

Dando palmadinhas nos joelhos com as mãos todas esticadas, Ushikawa acenou uma vez com a cabeça, com firmeza.

– Ah, é verdade, ainda não lho disse. Já nem me lembrava. Distraí-me com as apresentações e esqueci-me de lhe dizer ao que vim! Tem sido um dos meus grandes defeitos, ao longo da vida: ponho-me a falar de coisas insignificantes que não vêm ao caso e deixo de fora o que realmente importa. Não admira que passe a vida a meter a pata na poça! Bom, mesmo atrasado, aqui fica: trabalho para o irmão mais velho da sua mulher, Kumiko. E chamo-me Ushikawa. Ah, mas isso já o senhor sabe, não é verdade? «Ushi», está lembrado? Sou uma espécie de secretário particular do seu cunhado, o senhor Noboru Wataya. Bom, vamos lá ver se nos entendemos, não estou a falar de um secretário como é costume os deputados ao parlamento terem. Isso é bom para as pessoas com estudos, mais preparadas. Quer dizer, ele há secretários e secretários e, nessa lista que vai de A a Z,

pode dizer-se que eu estou no fundo da escala. O último dos últimos. Se fosse fantasma, por certo faria parte dos espíritos inferiores, um espírito vil daqueles que vivem acorados no ângulo esconso de alguma retrete ou no fundo de um armário. Mas a verdade é que não me posso queixar. Em primeiro lugar, e imaginando que alguém como eu, isto é, alguém sem uma boa presença, aparecia e dava a cara em público, isso só contribuiria para prejudicar a imagem jovial e brilhante desse político em ascensão que é o senhor Noboru Wataya. Não, um secretário que tenha de enfrentar as câmaras deve ser alguém elegante, com ar inteligente. Se aparecesse agora um tipo baixinho e careca como eu a dizer: «ó para mim! Sou o secretário particular do doutor Wataya!», seria a gargalhada geral. Não lhe parece, senhor Okada?

Não lhe dei resposta.

– Pois é, eu trabalho na sombra, por assim dizer. Encarrego-me daqueles trabalhos que não devem ser feitos à luz do dia. Assim uma espécie de violinista, só que em vez de estar no telhado, estou nos bastidores. É esse o meu território. Atenção, senhor Okada, não interprete isto como estando eu a dizer que o facto de me ocupar dela seja um trabalho inferior, insignificante. Se as minhas palavras lhe deram a entender isso, nesse caso meti o pé na argola. Afinal, a senhora Kumiko é a única e adorada irmã do senhor professor Wataya e, muito sinceramente, é para a minha humilde pessoa uma grande honra tê-la a meu cargo!

«Fazendo agora um parênteses, e se calhar vai achar isto uma desfaçatez da minha parte, mas por acaso não me poderia oferecer uma cerveja? Toda esta conversa fez-me sede. Se não se importa, vou eu mesmo buscá-la, uma vez que já sei onde fica o frigorífico. Vai desculpar a minha indelicadeza, mas há bocado, enquanto estava à espera, tomei a liberdade e dei uma espreitadela ao frigorífico.

Assenti com a cabeça. Ushikawa levantou-se, foi à cozinha, abriu o frigorífico e tirou de lá uma lata de cerveja. Voltou a sentar-se e bebeu a cerveja saboreando cada gole. A sua grande e saliente maçã-de-adão movia-se por cima do nó da gravata como um animal vivo.

– Digo-lhe uma coisa, senhor Okada, não há nada como uma cervejinha bem fresca no fim de um dia de trabalho, é a melhor coisa do mundo. Dizem os mais esquisitos que não se deve beber a cerveja demasiado fria, mas eu cá não sou dessa opinião. A segunda cerveja pode estar um bocado menos fria, mas a primeira, ah, essa deve estar tão gelada que até faz doer as têmporas. Claro que este é o meu gosto pessoal.

Sempre encostado à coluna, de pé, dei um gole na minha cerveja. Ushikawa fechou os lábios até formar uma linha direita e passeou o olhar em volta.

– Há que reconhecer, senhor Okada, que tem a casa impecável. Isto considerando a ausência da sua mulher. Sim, senhor, estou impressionado. Eu, para minha grande vergonha, sou um caso perdido. Só queria que visse a minha casa: parece uma verdadeira pocilga, uma autêntica estrumeira. Há mais de um ano que a casa de banho não sabe o que é uma boa limpeza. Não sei se lhe cheguei a dizer, mas também eu fui abandonado pela minha mulher, há coisa de cinco anos. Por isso, compreendo muito bem os seus sentimentos, ainda que talvez seja exagero dizer que sinto por si uma certa simpatia. Claro está que a minha situação era diferente da sua. Afinal, no meu caso era natural que a minha mulher se tivesse posto a andar, porque eu, sabe, era o pior marido que se possa imaginar. Tive o que merecia. É caso para dizer que até admira como ela me aturou durante tanto tempo. Quando me subia a mostarda ao nariz, era ela que pagava as favas, e chegava a bater-lhe. Devo dizer que nunca fui capaz de bater em mais ninguém. Por aí pode ver o cobardolas que sou. Tenho o coração de uma pulga. Fora de casa, passo o tempo a lambar as botas a toda a gente; deixo que as pessoas me

chamam «Ushi» e que façam tudo e mais alguma coisa de mim. Apago-me por completo e, digam eles o que disserem, faço uma cara de quem diz «pois, pois, tens toda a razão». Depois, em chegando a casa dava um arraial de porrada na mulher. Eh, eh, eh! Do piorio, não acha? O que é que se lhe oferece dizer sobre o assunto? E, atenção, eu próprio tinha consciência do que estava a fazer, mas o certo é que não conseguia parar. Como se fosse uma doença, está a ver? Batia-lhe e dava-lhe pontapés, ao ponto de lhe deixar a cara desfigurada. Mais, atirava-lhe com chá a ferver, com tudo o que apanhava à mão, o diabo a sete. Quando os miúdos se punham à frente e tentavam intervir, apanhavam por tabela. Estou a falar de filhos pequenos, de sete e oito anos! E não lhes dava com meiguice, levavam porrada a sério. Era um demónio vivo. Por mais que quisesse parar com aquilo, era superior às minhas forças. A partir de um certo ponto, tinha consciência de ter passado dos limites, mas ao mesmo tempo não sabia como controlar os meus instintos. Consegue imaginar o dilema que era? O horror? Isto até que, há coisa de cinco anos, parti o braço à minha filha, tinha ela precisamente cinco anos. Nessa altura, a minha mulher fartou-se de vez e foi-se embora de casa, levando com ela os meus dois filhos. Nunca mais lhe pus a vista em cima, nem soube o que era feito deles. Que se há-de fazer? A culpa é toda minha. Quem semeia ventos, colhe tempestades, não é o que dizem?

Pela minha parte, continuava caladinho que nem um rato. O gato veio encostar-se às minhas pernas e pôs-se a miar, como se quisesse alguma coisa.

– Desculpe lá, não tenho feito outra coisa senão estar para aqui a maçá-lo com as minhas histórias e o senhor deve estar cansado. Perguntou-me há pouco por que razão me dei ao trabalho de vir até aqui, não foi? Pois bem, aqui vai. Tenho uma boa razão, pode crer. Não vim até cá para lhe contar a minha vidinha, senhor Okada. O professor – que é como quem diz, o doutor Wataya – mandou-me dar-lhe um recado. Escute bem, pois vou passar a transmitir a mensagem tal qual como ele me disse, sem tirar nem pôr:

«Em primeiro lugar, o professor não se opõe à ideia de reconsiderar a sua separação da senhora dona Kumiko. Por outras palavras, ele não vê nenhum inconveniente em que se reconciliem e voltem a viver juntos como antes, se for esse o desejo de ambos. Por agora nada há a fazer, uma vez que a senhora não está disposta a isso. Contudo, o professor Wataya aceita que o senhor se oponha ao divórcio e espere o tempo que considere oportuno. Quer isto dizer que não insistirá na tecla do divórcio, como tem feito até à data. Por isso, caso tenha alguma coisa que queira dizer à sua esposa, pode fazê-lo por meu intermédio. Resumindo: na tentativa de arredondar os ângulos, vamos retomar relações como deve ser, e acabar de vez com os mal-entendidos. Que lhe parece, senhor Okada?

Sentei-me no chão a fazer festas na cabeça do gato, mas continuei muito bem calado. Ushikawa deixou-se ficar ali a olhar para nós, para mim e para o gato, antes de retomar o seu discurso.

– Tem toda a razão, pois claro. Como é que pode dizer alguma coisa sem ter ouvido até ao fim tudo o que eu tenho para lhe dizer? Nunca se sabe o que pode vir aí. E eis-nos chegados ao segundo assunto que aqui me trouxe. Temo bem que agora é que as coisas comecem a complicar-se. Prende-se com um artigo de jornal sobre «a mansão dos enforcados» que apareceu numa revista qualquer. Não sei se teve oportunidade de ler, mas garanto-lhe que era um artigo interessante. Muito bem escrito. Fala de uma sinistra mansão em pleno bairro residencial de Setagaya. Um lugar onde, ao longo dos anos, muitas pessoas tiveram uma morte violenta. Ora bem, quem será o tal homem misterioso que comprou recentemente o terreno? Que diabo se estará a passar por detrás daqueles muros? Um mistério atrás do outro.

«Acontece que, depois de ter lido o artigo em questão, o professor Wataya deu-se conta de que a tal mansão fica mesmo ao lado da casa onde o senhor Okada mora. Vai daí, começou a ganhar corpo a ideia de que o senhor pudesse ter alguma relação com o assunto. Foi então que decidiu investigar um pouco, ou, melhor dizendo, coube aqui ao meia-leca do Ushikawa efectuar um pequenino inquérito, e, bingo! acertámos em cheio! Tal como desconfiávamos, veio a descobrir-se que pelos vistos você, senhor Okada, passa os dias em idas e vindas à dita casa, utilizando sempre a ruela que dá para as traseiras. Pelos vistos, mantém uma relação muito estreita com tudo o que ali acontece! Escusado será dizer que fiquei verdadeiramente espantado com a... como é que se diz?... a clarividência típica de uma pessoa tão inteligente como o doutor Wataya.

«Por enquanto só veio a lume um artigo, mas ainda é cedo para dizer. Por vezes, basta uma faísca para reacender a fogueira. Vendo bem, trata-se de uma história francamente succulenta, que tem todos os ingredientes para atrair as atenções. Daí que o professor Wataya tenha todas as razões para estar inquieto. Quer dizer, vamos imaginar que, por algum motivo absurdo, o nome do senhor Okada, que é cunhado dele, aparecia envolvido numa história de contornos dúbios como esta. O escândalo que não era! Vendo bem, o senhor professor é o homem do momento. Nem quero pensar no que os órgãos de comunicação fariam com semelhante informação. E depois, ainda temos a tal questão por resolver, entre o senhor Okada e a sua esposa, não é verdade? O mais certo era tudo isso aparecer escarrapachado à luz do dia e nós não queremos que a roupa suja do senhor professor seja lavada em público, pois não? Refiro-me a questões de ordem privada, claro está. É preciso não esquecer que o professor atravessa um momento delicado na sua carreira política, de modo que convém andar com passinhos de lã. Ao fim e ao cabo, estamos aqui a falar de uma espécie de processo de negociação. Em meia dúzia de palavras: se o senhor Okada aceitar cortar pela raiz todos os laços que o unem à tal «mansão dos enforcados», o professor Wataya considerará seriamente uma reconciliação entre si e a sua esposa, Kumiko. Que me diz? Expliquei-me suficientemente bem? Apanhou o essencial da mensagem?

– Talvez.

– E então, que lhe parece?

Reflecti durante alguns instantes, sem nunca deixar de fazer festas no gato.

– Por que é que o senhor Wataya pensa que eu tenho alguma coisa que ver com a mansão dos enforcados? Quero dizer, como é que ele chegou a essa conclusão? – lá acabei por perguntar.

Ushikawa pôs um daqueles sorrisos que lhe desfiguravam a cara, mas os olhos, esses permaneceram frios como se fossem de vidro. Sacou um cigarro todo amassado do seu maço de *Peace* e acendeu-o com um fósforo.

– Ah, caro senhor Okada, peço-lhe, não me faça perguntas assim tão difíceis. Lembre-se de que não passo de um pobre moço de recados. Um estúpido pombo-correio. Limito-me a levar uma carta e a trazer outra carta de volta, mais nada. A única coisa que lhe posso dizer é o seguinte: o doutor Wataya não é parvo nenhum. Sabe usar a cabecinha e possui uma espécie de sexto sentido, algo que não está ao alcance do comum dos mortais. E, deixei-me ainda que lhe diga, senhor Okada, que o professor Wataya exerce neste mundo um poder real bem grande, poder esse que se vê reforçado a cada dia que passa. Há que reconhecê-lo. Parece que o senhor tem os seus motivos para não gostar do professor – coisa que aceito perfeitamente, tanto mais que o assunto não me diz respeito –, mas, chegados a este ponto, já não é uma simples questão de gosto. Gostaria que compreendesse ao menos isso.

– Se Noboru Wataya tem assim tanto poder, nesse caso por que é que não intervém junto da revista a fim de impedir que outros artigos do género sejam publicados? Isso tornaria tudo mais fácil.

Ushikawa sorriu. Depois aspirou profunda e demoradamente o fumo do cigarro.

– Caríssimo senhor Okada, peço-lhe, não diga semelhantes barbaridades. Lembre-se de que vivemos no Japão, num respeitável país democrático, e não numa qualquer república das bananas. Certo? Sabe por certo a que me refiro. Falo daqueles estados ditatoriais que só têm plantações de bananas e campos de futebol. Aqui, por mais poder que tenha, nunca é fácil a um político, por mais influente que seja, silenciar um artigo numa revista. Seria demasiado perigoso. E mesmo partindo do princípio de que ele tinha no bolso as pessoas nos lugares mais elevados, apareceria sempre algum descontente. A utilização desse tipo de métodos gera sempre uma frustração que, mais tarde ou mais cedo, acaba por produzir um efeito contrário ao pretendido e chamar a atenção de toda a gente. Nunca ouviu dizer que o melhor é não acordar o gato adormecido? Acredite, não compensa fazer uma coisa desse género num caso tão escaldante como este.

«Além disso, e aqui entre nós que ninguém nos ouve, é possível que haja peixe graúdo metido ao barulho, tudo pessoas que o senhor não conhece. Se assim for, as ramificações podem ser mais profundas, e o assunto deixará de dizer respeito apenas ao professor Wataya. Pode até muito bem acontecer que a história venha a conhecer um novo rumo. É como quando uma pessoa vai ao dentista, senhor Okada. Imagine que estamos naquela fase em que o dentista trata de andar de volta do molar com anestesia. Como tal, ninguém protesta. Mais tarde ou mais cedo, porém, quando a broca tocar no nervo, há alguém que vai dar um salto na cadeira, se é que não vai ficar danado a sério. Entende o que lhe estou a dizer? Não é minha intenção assustá-lo nem se trata de uma ameaça, mas dá-me a impressão, senhor Okada, que está a pisar terrenos perigosos, ainda que sem o saber. Preste bem atenção ao que o velho Ushikawa lhe diz.

De momento, Ushikawa parecia ter desembuchado tudo o que tinha para me dizer.

– É melhor recuar antes que me queime, é isso que me está a querer dizer? – perguntei.

Ushikawa voltou a assentir.

– É como jogar à bola no meio da auto-estrada. Estamos a falar de um jogo muito perigoso, senhor Okada.

– E que, além do mais, incomoda Noboru Wataya. De modo que, se abandonar o campo de uma vez por todas, tenho autorização dele para entrar de novo em contacto com Kumiko. É isso?

Ushikawa voltou a fazer que sim com a cabeça.

Estamos a falar de um jogo muito perigoso, senhor Okada.

– Por alto, é mais ou menos isso.

Bebi um gole de cerveja. Depois disse o seguinte:

– Em primeiro lugar, se recuperar Kumiko, será pelos meus próprios meios. Que fique claro que não tenho a mínima intenção de pedir ajuda a Noboru Wataya. Mais, nem sequer quero a ajuda dele para nada. Não gosto desse cavalheiro, é um facto, mas, como o senhor acabou de sublinhar, a questão não é essa. A minha antipatia por ele data de muito antes de toda esta história. Verdade seja dita, *não consigo aceitar a sua própria existência*. De modo que recuso entrar em quaisquer negociações com ele. Queira, por favor, transmitir-lhe isso da minha parte. Em segundo lugar, não volte nunca mais a entrar aqui em casa sem minha autorização. Esta é a *minha* casa, e não o átrio de um hotel qualquer nem a sala de espera de uma estação.

Ushikawa semicerrou os olhos e fitou-me por detrás dos óculos. Um olhar fixo, sem ponta de

emoção. Não se pode dizer que fosse inexpressivo. O que acontecia era que fabricava uma expressão a cada momento, em função das circunstâncias. Naquele momento, por exemplo, virou para cima a palma da sua mão direita, desproporcionadamente grande em relação ao seu corpo, como para verificar se estava ou não a chover.

– Compreendi muito bem tudo o que me disse – redarguiu ele. – À partida já sabia que não ia ser fácil, daí que não estranhe a sua resposta. De resto, não sou pessoa de me surpreender por dá cá aquela palha. Compreendo o que sente e fico satisfeito pelo facto de pôr tudo em pratos limpos. Nada de rodeios ou de rodriguinhos. Quando uma resposta é «sim» ou «não», é mais simples para toda a gente, não há necessidade de nos pormos com subterfúgios. No meu papel de pombo-correio, a última coisa de que preciso é andar de um lado para o outro a transportar mensagens ambíguas e tortuosas, em que não se distingue o preto do branco! Situações dessas é o que há mais por aí, espalhadas por esse mundo fora! Repare que não me estou a queixar, mas a verdade é que, a cada dia que passa, dou por mim a ter de transmitir mensagens mais obscuras do que o enigma da Esfinge. Um trabalho destes não é bom para a saúde, é o que lhe digo, senhor Okada, não pode ser bom. Uma pessoa vive assim e, sem dar por isso, às tantas transforma-se numa personagem repulsiva. Está a ver onde quero chegar, senhor Okada? Uma pessoa torna-se desconfiada, sempre à procura dos verdadeiros motivos que se escondem por detrás de cada coisa, incapaz de acreditar na simplicidade e na clareza das coisas. É terrível, senhor Okada, pode crer. Terrível.

«Mas não se preocupe, senhor Okada, transmitirei ao professor a sua resposta tal qual, isso é limpinho. O que já não lhe posso garantir é que as coisas fiquem nesse pé. É *seu* desejo resolver esta história quanto antes, mas antevejo que não será fácil. O mais provável é ver-me obrigado a fazer-lhe mais uma visitinha. Lamento ter assim este aspecto tão feio e repugnante, mas vai ter de se habituar à *minha presença*. Pessoalmente, nada me move contra si. É a pura verdade. Mas, quer queira quer não, a partir de agora faço parte daqueles elementos de que o senhor Okada não se poderá libertar assim tão facilmente. Bem sei que isto pode soar estranho, dito deste modo, mas uma coisa lhe prometo. Não voltarei a entrar na sua casa sem sua licença. Tem toda a razão: isto não são maneiras. Prostro-me a seus pés e peço-lhe humildemente desculpa. Desta vez teve de ser assim, espero que compreenda. Nem sempre me comporto de maneira tão extravagante e mal-educada. Ainda que o não pareça, sou uma pessoa normal. Da próxima vez telefono primeiro, antes de aparecer, como deve ser. Que tal? Parece-lhe melhor assim? Deixo tocar duas vezes, desligo, volto a ligar outra vez. Assim, saberá que sou eu, depois dirá para consigo, «ah, é o idiota do Ushikawa outra vez!» e, se quiser, atende. Mas *atenda* o telefone sem falta, ouviu? Caso contrário não tenho outro remédio senão entrar em sua casa sem pedir licença. A mim, pessoalmente, não me agrada trabalhar desta maneira, mas o certo é que me pagam para fazer o que faço, por isso quando o meu patrão me diz para fazer uma coisa, obedeço. Faço o melhor que posso e sei, e até dou ao rabo, se for preciso. Está a compreender a minha posição?

Não lhe dei troco. Ushikawa esmagou a beata no fundo da lata de comida para gato e deu uma olhadela ao relógio como se repente se tivesse lembrado de alguma coisa.

– Céus, é impressionante como se fez tarde! Primeiro, entro por aqui dentro sem pedir licença a ninguém, depois ponho-me a falar que nunca mais me calo, e ainda por cima lhe bebo uma das suas cervejas. Peço-lhe mil desculpas. Tal como já disse, não tenho ninguém à espera em minha casa, por isso, sempre que me aparece à frente uma pessoa com quem falar, tenho tendência a meter o pé no acelerador e a ir por aí fora. Uma desgraça. Sabe uma coisa, senhor Okada? Não é bom uma pessoa

viver sozinha. Como é que diz o provérbio? «Um homem não é uma ilha.» Ou será antes: «a ociosidade é a mãe de todos os vícios»?

Depois de sacudir lentamente com a mão alguns grãos de poeira que só existiam na imaginação dele, Ushikawa levantou-se.

– Não precisa de me acompanhar – disse ele. – Entrei sozinho, também posso sair sozinho. Não se preocupe, eu próprio fecharei a porta à chave. Mais uma coisa, senhor Okada, uma palavrinha de aviso. Pode ser que considere que estou a meter o nariz no que não me diz respeito, mas saiba que há muitas coisas neste mundo que é melhor ignorar. Infelizmente, são precisamente essas coisas que as pessoas morrem por saber. Estranho, no mínimo! Bem sei que estou a falar em teoria, que tudo isto não passa de lugares-comuns... Em todo o caso, voltaremos a ver-nos, senhor Okada. Espero bem que numa situação mais propícia. Bem, e com isto despeço-me. Boas-noites.

A chuva continuou a cair durante toda a noite sem cessar, silenciosamente até que, ao amanhecer, a luz espantou as nuvens e a chuva, mas a presença viscosa do estranho homenzinho, bem como o cheiro dos cigarros sem filtros que ele havia fumado permaneceram dentro de casa, juntamente com a humidade, indeléveis durante muito tempo.

⁴³ O apelido «Okada» compõe-se de dois caracteres. O primeiro, «oka», significa colina; o segunda, «da», campo de arroz. (*N. da T.*)

A estranha linguagem gestual de Canela

Oferecência musical

«Canela deixou de falar pouco antes de fazer seis anos», contou-me Noz-Moscada. «No ano em que devia ter entrado para a escola primária. De repente, em Fevereiro daquele ano, deixou de falar. Por estranho que pareça, foi preciso chegar à noite para nos darmos conta de que, durante todo o santo dia, ele não tinha dito rigorosamente nada. É verdade que nunca tinha sido uma criança muito faladora, mas, *de qualquer forma...* Quando finalmente me apercebi de que o menino não pronunciara uma palavra desde manhã, fiz tudo o que estava ao meu alcance para o obrigar a falar. Fiz-lhes perguntas, abanei-o, mas foi tudo em vão. Ele continuava mudo como uma pedra. Nem sequer sabíamos se havia emudecido por causa de algum choque que tivera, ou se era ele próprio que tinha decidido deixar de falar. E, verdade seja dita, ainda hoje não sabemos. O certo é que, a partir daí, nunca mais disse uma palavra – nunca mais emitiu *um som que fosse*. Compreende? Isto significa que, no caso de sentir na pele alguma violência, nunca o ouvirá gritar de dor, e se lhe fizer cócegas, nunca o ouvirá rir à gargalhada.»

Noz-Moscada levou o filho a vários especialistas em otorrinolaringologia, mas, como seria de esperar, nenhum conseguiu determinar a causa de tão súbito mutismo. A única coisa que eles sabiam era que aquele problema não se ficava a dever a uma causa mecânica nem a razões de ordem física, uma vez que o aparelho fonador de Canela funcionava às mil maravilhas. Canela conseguia *ouvir* na perfeição, simplesmente não falava. Todos os médicos foram unânimes em declarar que, à partida, o problema pertencia ao foro da psiquiatria. Noz-Moscada levou Canela a um psiquiatra conhecido da família, mas também ele não foi capaz de determinar as causas de tão persistente silêncio. Após ter procedido a um exame mental, concluiu que as suas capacidades intelectuais não estavam de forma alguma afectadas do ponto de vista médico. De facto, o seu quociente de inteligência era bastante elevado, e não evidenciava qualquer sinal de problemas psíquicos.

«“Sabe se ele terá tido algum choque de repente?”, perguntou o psiquiatra a Noz-Moscada. “Pense bem. Se calhar pode ter visto alguma coisa estranha, algo de anormal, ou então ter sido sujeito a alguma violência em casa. Tem a certeza de que não aconteceu nada desse género?”»

Não, decididamente, Noz-Moscada não se lembrava de nada. O filho tinha jantado normalmente, tinha conversado com ela com toda a normalidade, tinha-se enfiado na cama no seu estado normal e, na manhã seguinte, já Canela se fechara no seu mundo de profundo silêncio. Em casa, problemas era coisa que não existia. O menino era tratado com todo o carinho pela mãe e pela avó, a mãe de Noz-Moscada, que nunca tinham sequer levantado a mão para ele, nem uma única vez.

«O médico chegou à conclusão de que a única coisa a fazer era mantê-lo em observação e ter esperança de que a situação melhorasse. A não ser que descobrissem a causa do problema, não havia terapia possível. Entretanto, a mãe que levasse a criança à consulta uma vez por semana, podia ser

que dentro em breve o estado dela se alterasse e fosse possível encontrar uma explicação. Podia dar-se o caso de o menino começar a falar outra vez, de um dia para o outro, como se tivesse acabado de acordar de um sonho. Havia que esperar, mais nada. Era verdade que a criança não falava, mas, tirando isso, não apresentava mais nenhum problema concreto...

E foi assim que esperaram durante muito tempo, mas Canela continuou sempre mergulhado nesse mundo de profundo silêncio sem nunca vir à tona.

Às nove da matina, o portão da entrada abre-se para dentro, ao mesmo tempo que se ouve o ligeiro ronronar de um motor e o *Mercedes-Benz 500 SEL* conduzido por Canela entra no caminho de acesso. A antena do telefone instalado no carro destaca-se como um tentáculo projectado a partir do pára-brisas traseiro. Observo a cena de dentro de casa, por uma fresta da persiana. O carro faz lembrar um enorme peixe migratório, sem medo de nada. As rodas novas, negríssimas, desenham sem fazer ruído um arco sobre o cimento e detêm-se no lugar previsto para esse efeito. Todas as manhãs traçam exactamente o mesmo arco e param exactamente no mesmo sítio. Provavelmente nem com cinco centímetros de diferença.

Estou a beber o café que acabei de fazer há coisa de minutos. Parou de chover, mas o céu continua coberto de nuvens cinzentas e vê-se que a terra ainda está molhada, negra e fria. Uns pássaros esvoaçam quase a rasar o solo no meio de grande agitação, lançando gritos agudos, à procura de minhocas e insectos. Pouco depois abre-se a porta do condutor e Canela sai do carro, usando óculos escuros. Olha à sua volta com atenção, tira os óculos e, após ter a certeza de que está tudo em ordem, guarda-os no bolso interior do casaco. Só então fecha a porta do carro. O ruído que fazem, ao fechar, as portas de um *Mercedes-Benz* de grande cilindrada é ligeiramente diferente do som produzido por uma viatura normal. Para mim, significa o começo de um dia na «mansão».

Desde manhã que dou voltas à cabeça, sem saber se hei-de ou não contar a visita que Ushikawa me fez na véspera, enquanto mensageiro de Noboru Wataya, e da exigência que me fez, no sentido de me desligar de tudo o que naquela casa está a acontecer. Finalmente, decido não falar no assunto – de momento, pelo menos. Vendo bem, trata-se de um assunto que tem de ser resolvido entre Noboru Wataya e eu. Não gostaria de meter uma terceira pessoa ao barulho.

Canela está vestido com a elegância habitual. Todos os seus fatos têm um corte óptimo e assentam-lhe que nem uma luva. O estilo é mais para o clássico, mas o certo é que, no corpo dele, se tornam originais, juvenis, transformando-se como que por magia no último grito da moda.

Como não podia deixar de ser, as gravatas também mudam, sempre a condizer com os fatos. E também as camisas e os sapatos variam. Talvez seja a mãe, como é seu costume, a escolher a roupa que ele veste, nos mais ínfimos pormenores. O facto é que a roupa que ele veste se apresenta tão impecável como a carroçaria do *Mercedes-Benz* que ele conduz, até os sapatos, sem uma mancha, sem um grão de poeira. Todas as manhãs, sempre que ele dá um ar da sua graça, dou por mim a admirá-lo e, porque não dizê-lo, a sentir-me *comovido* pela sua presença. Que género de pessoa pode, na realidade, existir debaixo de uma aparência exterior tão perfeita?

Canela retira do porta-bagagem dois sacos de papel com comida e outros artigos, pega neles e entra em casa. Transportados nos seus braços, até mesmo aqueles sacos de supermercado vulgares de

Lineu adquirem um aspecto elegante, para não dizer mesmo que têm o seu quê de artístico. Pode ser que o segredo resida na maneira como segura neles. Ou talvez seja algo mais do que isso, um dom de nascença. Quando me vê, faz um sorriso de alegria que lhe ilumina o rosto todo. Dir-se-ia que acaba de sair para a luz do dia depois de um longo passeio numa floresta escura.

– Bom dia – lanço-lhe eu.

– Bom dia – responde-me ele sem emitir um som, movendo apenas os lábios.

Começa então a tirar as provisões do saco e a guardar tudo diligentemente no frigorífico, como uma criança inteligente a memorizar um conhecimento recém-adquirido. Os restantes artigos, arruma-os no armário. A seguir, toma uma chávena de café na minha companhia. Canela e eu sentamo-nos em frente um do outro à mesa da cozinha, tal como Kumiko e eu antigamente costumávamos fazer todas as manhãs.

«E foi assim que Canela acabou por não ir à escola um único dia», contou Noz-Moscada. «As escolas elementares normais não admitiam como aluno um menino que não falava, e eu, pela minha parte, achei que não seria justo mandá-lo para uma escola destinada a crianças com problemas. As razões pelas quais não falava, fossem elas quais fossem, eram completamente diferentes das dos outros meninos. De resto, também ele não manifestava a mínima vontade de ir à escola. Dava-me a impressão de que ele se sentia feliz em casa, sozinho, tranquilamente entregue à leitura, ou a ouvir música clássica ou a brincar no jardim com o cão rafeiro que na altura tínhamos. Às vezes íamos dar um passeio, mas ele não gostava de estar com as crianças da sua idade e não se mostrava particularmente entusiasmado com a ideia de sair de casa.»

Noz-Moscada aprendeu linguagem gestual e começou a usá-la todos os dias para falar com Canela. Quando a linguagem com as mãos não era suficiente, comunicavam por escrito. Um belo dia, porém, Noz-Moscada apercebeu-se de que podiam perfeitamente transmitir os sentimentos um ao outro sem recorrer a métodos tão indirectos. Ela sabia perfeitamente o que ia na cabeça dele, quais os seus pensamentos e desejos, apenas com um leve movimento do seu corpo, uma mudança de expressão no seu rosto. Ao dar-se conta disso, o mutismo de Canela deixou de constituir motivo de tamanha preocupação, uma vez que não impedia a troca de emoções com o filho, e muito menos a troca de ideias entre os dois. Obviamente que a ausência de linguagem verbal constituía, em certos casos, uma certa desvantagem física, mas não passava de isso mesmo, que é como quem diz, de uma «desvantagem» e, por outro lado, graças a esse tal *handicap*, a comunicação entre mãe e filho havia alcançado, num certo sentido, um maior grau de pureza.

No tempo livre que lhe deixava o trabalho, Noz-Moscada ensinou Canela a ler e a escrever os ideogramas, e também a fazer contas. Na prática, porém, tirando isso, não havia muito mais que lhe ensinar, visto que o rapazinho adorava ler e aprendia tudo o que havia para aprender através da leitura. O papel da mãe, mais do que ensinar-lhe coisas, era o de escolher e proporcionar-lhe os livros apropriados. Canela gostava de música e manifestou vontade de aprender a tocar piano, e durante alguns meses chegou mesmo a ter aulas com um professor, mas, depois de memorizar a técnica básica dos movimentos dos dedos, atingiu um nível técnico muito elevado para a sua idade e passou a estudar apenas com a ajuda de manuais e de gravações. Gostava sobretudo de interpretar Bach e Mozart e não demonstrava o mínimo interesse em interpretar partituras posteriores à escola romântica, excepção feita a Bartók e Poulenc. Durante os primeiros seis anos, o seu interesse

concentrou-se na música e na leitura. Quando chegou à idade de ingressar na escola secundária média, virou-se para o estudo das línguas estrangeiras. Primeiro escolheu o inglês, depois atacou o francês, e no espaço de seis meses mostrou-se capaz de ler livros relativamente simples em qualquer desses idiomas. O seu objectivo não era propriamente conversar naquelas línguas, como é bom de ver, mas sim ler os livros escritos na língua original. Outra actividade da sua eleição era trabalhar com mecanismos complicados. Comprou ferramentas especializadas e começou a montar rádios, amplificadores com altifalantes, a desmontar e a reparar relógios. Habitados ao seu mutismo, todos os que o rodeavam – que é como quem diz, três pessoas ao todo, os seus pais e a avó materna – não viam naquilo nada de estranho ou anormal. Alguns anos mais tarde, Noz-Moscada deixou de levar o filho ao psiquiatra. A consulta semanal em nada havia alterado os seus «sintomas». Tirando o facto de não falar, Canela não apresentava nenhum distúrbio. A bem dizer, era uma criança perfeita. Noz-Moscada não se lembrava de alguma vez lhe ter proibido alguma coisa ou de lhe ter ralhado por ter feito o que não devia. Canela decidia por si próprio o que fazer e levava a sua avante até ao fim, à sua maneira, e na perfeição. Canela era tão diferente das outras crianças da sua idade, que nem fazia sentido compará-lo com elas. Depois de perder a avó, quando tinha doze anos (chorou a sua morte, sem palavras, dias a fio), passou a ocupar-se ele próprio durante o dia dos cozinhados, da roupa e da limpeza da casa, enquanto a mãe estava a trabalhar. Depois da morte da mãe, Noz-Moscada tinha manifestado vontade de contratar uma empregada doméstica, mas Canela opôs-se, abanando a cabeça categoricamente. Negava-se a ter alguma pessoa estranha lá em casa que de alguma maneira pudesse alterar a ordem estabelecida. Por fim, ficou decidido que Canela se ocuparia das tarefas domésticas, trabalho esse que desempenhou com grande disciplina e precisão.

Canela falava comigo através das mãos. Tem os dedos finos e bonitos, herdados da mãe. Dedos compridos, mas não demasiado longos. Os dez dedos moviam-se sem parar diante do seu rosto e, como criaturas com vida própria, transmitiam-me as mensagens necessárias.

«Esta tarde deve aparecer uma cliente, às duas. Só uma. Até essa hora, não há mais nada. Pela minha parte, terminarei o meu trabalho daqui a uma hora, e depois vou-me embora. Às duas regresso acompanhado da cliente. Segundo a previsão meteorológica, o céu estará nublado todo o dia, o que significa que podes descer ao poço durante o dia que não te fará mal à vista.»

Tal como Noz-Moscada diz, compreender as palavras que os seus dedos formam não representava problema de maior. Ainda que não estivesse familiarizado com a linguagem gestual, não tinha dificuldade alguma em seguir o movimento, a um tempo elaborado e elegante, dos seus dedos. Não sei se seria por causa da forma maravilhosa como mexia os dedos, mas a verdade é que às tantas acabava por compreender o que ele me estava a querer dizer só de olhar fixamente para as suas mãos. Da mesma maneira que nos comove uma peça de teatro representada numa língua desconhecida. Ou, então, podia dar-se o caso de nem sequer distinguir os seus gestos, apesar de os seguir com os olhos. Se calhar, os dedos em movimento não passavam da fachada em *trompe l'oeil* de um edifício e, na realidade, talvez estivesse a ver algo de diferente para além dela. Todas as manhãs, enquanto conversava com ele, sentados à mesa, procurava de certa forma distinguir parte do que existia para além dessa linha de demarcação, mas em vão. Partindo do princípio de que ela existe, essa linha flutua, está continuamente a mudar de forma.

Depois do nosso breve diálogo – ou, melhor dizendo, da nossa breve troca de informações –,

Canela despia o casaco, pendurava-o no cabide, metia a ponta da gravata para dentro da camisa, e punha-se a limpar a casa, ou preparava-me qualquer coisa simples para comer na cozinha, ao mesmo tempo que punha música a tocar numa pequena aparelhagem estéreo. Uma semana escutava apenas cassetes de música sacra de Rossini, outra, apenas concertos para instrumentos de sopro de Vivaldi.

Canela executava as suas tarefas de forma efficientíssima, não desperdiçando um único gesto. Ao princípio, ainda fiz menção de o ajudar, mas de cada vez que isso acontecia ele recusava, abanando a cabeça, sorridente, em sinal de negação. E, com efeito, observando o modo como trabalhava, cheguei à conclusão de que o melhor era deixá-lo ser ele a encarregar-se de tudo. Para não o incomodar, habituei-me então a ir sentar-me durante esse tempo na «sala de provas», com um livro nas mãos.

A casa não era grande, e estava mobilada apenas com os móveis estritamente necessários. Uma vez que ninguém morava realmente ali, pouco ou nada se sujava, o que não impedia Canela de todos os dias passar com o aspirador, limpar o pó dos móveis e prateleiras com um pano, lavar os vidros das janelas com a ajuda de um *spray*. Dar cera nas mesas todas. Limpar os globos de vidro das lâmpadas. Voltar a pôr todos os objectos da casa no sítio. Ordenar os pratos no armário, alinhar as panelas por tamanhos. Tornar a alinhar as pilhas de toalhas e lençóis no armário da roupa. Colocar as chávenas de café, de forma a que todas as asas ficassem viradas na mesma direcção. Corrigir a posição do sabonete na casa de banho, trocar a toalha suja por uma limpa, mesmo que ainda não tenha sido usada. Juntar tudo o que é lixo, fechar cuidadosamente o saco do lixo, atá-lo com um cordel e levá-lo lá para fora. Pôr a hora exacta no relógio de mesa, acertando-o pelo seu (quase aposto que o relógio dele não se adianta nem se atrasa, três segundos que seja). As coisas que estão fora do sítio, por milímetros que sejam, são devolvidas ao seu poiso original com um movimento elegante e preciso dos seus dedos. Se eu, para o pôr à prova, afastava o relógio de mesa dois centímetros para a esquerda, no dia seguinte tenho a certeza de que ele voltava a colocá-lo dois centímetros para a direita.

No caso de Canela este comportamento não dava a impressão de ser obsessivo. Tudo o que ele fazia parecia natural e «correcto». Talvez Canela tivesse gravada na sua mente, nitidamente, uma imagem de como devia ser o mundo – ou, pelo menos, o seu pequeno mundo –, e manter essa ordem fosse para ele tão natural como respirar. Talvez os seus gestos correspondessem a um desejo imanente e se destinassem, única e exclusivamente, a fazer com que as coisas regressassem ao seu lugar de origem.

Canela guardou a comida por ele cozinhada no frigorífico, e indicou-me o que eu devia comer ao almoço. Agradei-lhe. Volta a endireitar a gravata diante do espelho, inspecciona a camisa, veste o casaco do fato. Finalmente, com um sorriso, diz-me «adeus» com os lábios, lança um derradeiro olhar à sua volta e sai porta fora. Entra no *Mercedes-Benz*, põe uma cassette de música clássica a tocar, abre o portão com o controlo remoto e parte, voltando a passar por cima dos mesmos arcos que desenhou ao entrar. Mal a viatura sai, o portão torna a fechar-se. Tal como da outra vez, assisti a tudo com uma chávena de café na mão, a espreitar através das frestas da persiana. Já não se faz ouvir com tanto alvoroço a vozeria dos pássaros. Vê-se uma aberta no céu, por onde as nuvens se partiram, levadas pelo vento. Sobre estas nuvens outras nuvens se acumulam, imponentes.

Sento-me na cadeira da cozinha, pouso a chávena em cima da mesa e passeio o olhar pela sala maravilhosamente arrumada pelas mãos de Canela. Dir-se-ia uma gigantesca e tranquila natureza-

morta, apenas perturbada pelo silencioso bater das horas. Os ponteiros do relógio indicam as dez e vinte. Olhando para a cadeira anteriormente ocupada por Canela, pergunto-me se terei feito bem em não lhes contar nada acerca da visita de Ushikawa, na noite anterior. Será que assim não corro o risco de destruir a confiança que eles depositam em mim? Que existe entre Canela e eu, entre Noz-Moscada e eu?

A verdade é que prefiro esperar para ver como as coisas evoluem. Quero saber o que é que, no meu comportamento, causa tanta irritação a Noboru Wataya e porquê. Qual das suas caudas estou a pisar e que medidas pensa tomar para me enfrentar. Caso consiga encontrar resposta para isso, talvez consiga então aproximar-me, ainda que seja pouco, do segredo que ele esconde. E, ao mesmo tempo, do lugar onde Kumiko se encontra.

Antes que os ponteiros do relógio de mesa marquem as onze (o relógio que Canela deslocou dois centímetros para a direita, devolvendo-o assim à sua posição original), saio e vou até ao jardim a fim de descer ao poço.

– Conte ao pequeno Canela a história do submarino e a do jardim zoológico. O que vi na coberta do navio mercante naquele dia de Agosto de 1945. E como os soldados japoneses abateram os animais no jardim zoológico onde o meu pai trabalhava, ao mesmo tempo que um submarino americano apontava o canhão contra nós, com a intenção de afundar o navio em que viajávamos. Durante muito tempo guardara aquelas histórias para mim, sem as contar a ninguém. Vagueara em silêncio pelo labirinto sombrio que separa a realidade da ilusão. Com o nascimento de Canela, porém, descobri que finalmente tinha a quem contar as minhas histórias. E foi assim que, antes mesmo de ele conseguir entender as minhas palavras, dei por mim a contar-lhe o que acontecera, uma vez e outra e outra. Enquanto lhe fazia em voz baixa o meu relato, com todos os pormenores, comecei a reviver mentalmente as cenas com uma intensidade tal que mais parecia que se abria uma tampa para as deixar sair.

«À medida que começou a entender as palavras, o pequeno Canela fez-me repetir aquelas histórias vezes sem conta. Repeti-as centenas de vezes, duzentas, quinhentas, sei lá, mas não se tratava de uma mera repetição. De cada vez que as contava, Canela fazia questão de conhecer todas as pequenas histórias escondidas na história principal. Insaciável, queria conhecer os diferentes ramos da mesma árvore. Eu ia respondendo à sua pergunta, seguindo o ramo e contando-lhe uma outra história. E, assim, a história foi crescendo cada vez mais.

«Pode dizer-se que se tratava de qualquer coisa de mítico, construído por nós os dois. Compreende o que eu quero dizer? Todos os dias falávamos com entusiasmo de tudo aquilo. Conversávamos durante horas a fio acerca dos nomes dos animais que havia no jardim zoológico, sobre os diferentes cheiros que ali andavam no ar, sobre os nomes e rostos de cada um dos soldados, do seu nascimento e infância, do peso das armas, das balas, do medo, da sede que sentiam, da forma das nuvens que flutuavam no céu...

«Enquanto falava, conseguia distinguir nitidamente a sua cor, a forma que tinham, conseguia transmitir as imagens, tal como as via à frente dos meus olhos, traduzindo-as em palavras. Mostrava-me capaz de encontrar as palavras certas, as palavras necessárias. Não havia limites. Havia sempre pormenores a acrescentar, e logo a história se tornava mais profunda, mais complexa.

À lembrança daqueles dias, Noz-Moscada sorriu. Foi a primeira vez que vislumbrei um sorriso tão

natural no rosto de Noz-Moscada.

– Um dia, porém, aquilo terminou de repente – contou ela. – Canela deixou de poder partilhar histórias comigo, naquela manhã de Fevereiro em que deixou de falar.

Para fazer uma pausa, Noz-Moscada acendeu um cigarro.

– Hoje sei o que aconteceu. As suas palavras perderam-se, engolidas no labirinto do mundo das nossas histórias. Houve qualquer coisa que apareceu do interior dessas histórias e que lhe roubou a língua para depois voltar a desaparecer. A mesma coisa que, uns anos mais tarde, matou o meu marido.

O vento soprava com mais força que durante a manhã, empurrando continuamente as nuvens pesadas e cinzentas em direcção a oriente. Pareciam viajantes silenciosos rumo ao fim do mundo. De vez em quando, por entre os ramos das árvores completamente despidas do jardim, o vento produzia um breve sussurro, que não chegava a formar uma palavra. Deixei-me ficar ali por momentos, junto do poço. É provável que Kumiko esteja em qualquer sítio, a olhar para as mesmas nuvens. É uma coisa que me vem à cabeça, assim do pé para a mão, por nenhuma razão especial.

Desço pela escada até ao fundo do poço, puxo a corda e fecho a tampa. Respiro profundamente duas ou três vezes, agarro no taco de baseball, empunho-o com força e ocupo tranquilamente o meu lugar, ali sentado no escuro. A escuridão é total. Sim, isso é o mais importante. Nas impenetráveis trevas reside o segredo. Parece um programa televisivo de culinária. «Estão a seguir com atenção? O ingrediente mais importante *nesta receita*, insisto, é a escuridão total. Por isso, minhas amigas, tratem de preparar a escuridão mais profunda e absoluta que consigam arranjar.» E, já agora, o taco de baseball mais sólido a que conseguirem deitar a mão, acrescento, esboçando um sorrisinho no meio do escuro.

Sinto que a mancha começa a ficar cada vez mais quente. Vou-me aproximando pouco a pouco da verdade das coisas, é a mancha que mo diz. Fecho os olhos. Nos meus ouvidos continua a ressoar a música que Canela escutara nessa manhã, enquanto trabalhava. *A Oferenda Musical* de Bach. A música permanece na minha cabeça como o murmúrio do público num auditório de tecto alto. Pouco depois, o silêncio desce e começa a ganhar espaço em cada um dos interstícios do meu cérebro, como um insecto a pôr ovos. Abro os olhos, volto a fechá-los. As duas trevas misturam-se, vou abandonando o meu eu, o recipiente que era o meu corpo.

Como sempre.

Pode muito bem ser este o fim da linha
(o ponto de vista de May Kasahara – 3)

Olá outra vez, Senhor Pássaro de Corda!

Na carta anterior expliquei-te que estou a trabalhar numa fábrica de cabeleiras postiças perdida algures nas montanhas, juntamente com uma quantidade de raparigas aqui da região. Aqui tens a continuação da história.

Dei recentemente por mim a pensar que não deixa de ser um bocado estranho que as pessoas trabalhem assim, de manhã à noite, sem parar. Nunca pensaste nisso? Como é que hei-de explicar? Aqui metida, não faço outra coisa senão executar as ordens que os meus superiores hierárquicos me dão. Não tenho sequer de pensar duas vezes. Até podia deixar o cérebro no cacifo antes de pegar ao trabalho e passar por lá a recolhê-lo à saída. Passo sete horas por dia sentada à mesa de trabalho, a implantar um cabelo atrás de outro na base da peruca, depois vou jantar na cafetaria, tomo banho e, claro está, tenho de dormir como toda a gente, daí que o tempo livre de que disponho ao longo das vinte e quatro fica praticamente reduzido a zero. E no chamado «tempo livre» estou de tal forma cansada que me deixo cair esparramada de papo para o ar, sem fazer a ponta de um corno. No fundo, é como se não tivesse tempo para pensar calmamente nas coisas da vida. Bem sei que não sou obrigada a trabalhar aos fins-de-semana, mas entre a roupa para lavar, as limpezas e uma ou outra ida à vila, não me sobra tempo nem para me coçar e, quando dou por mim, está o fim-de-semana a chegar ao fim. Em tempos ainda me passou pela cabeça escrever um diário, mas como não tinha nada para lá pôr, passada uma semana pus a ideia de parte. Porque a verdade é que passo a vida a fazer o mesmo, dia após dia.

E, apesar de tudo – digo bem, apesar de tudo –, não me rala absolutamente nada desempenhar o meu papel no mundo do trabalho e fazer parte da engrenagem. Pelo contrário, chego até a ficar com a impressão de que, trabalhando assim, como uma formiguinha, estou a aproximar-me do meu «verdadeiro eu». Não sei se consigo explicar melhor, mas é como se, ao não pensar em mim mesma, conseguisse pelo contrário chegar mais perto da essência do meu ser. Quando digo «um bocado estranho», é disso que estou a falar.

Aqui, trabalha-se no duro, e eu que o diga. Não é para me gabar, mas fui nomeada «empregada do mês» e tudo. Não te tinha dito que, ainda que não pareça, tenho muito jeito para trabalhos manuais? Trabalhamos em grupos, e o grupo de que faço parte melhorou bastante o seu rendimento, isto porque eu, assim que acabo o meu trabalho, ajudo as outras raparigas mais lentas. Daí que seja bastante popular entre elas. Não achas uma coisa incrível? Quem diria, eu, uma rapariga popular! Voltando à vaca fria, senhor Pássaro de Corda, aquilo que te queria dizer é que, desde que cheguei a esta fábrica, não faço outra coisa senão trabalhar, trabalhar, trabalhar, como uma formiguinha. Como o ferreiro da aldeia. Fiz-me compreender, pelo menos até aqui?

A propósito, o lugar onde trabalho todos os dias é mesmo uma coisa do outro mundo. Enorme,

sempre vazio, parece um hangar para aviões, com um pé-direito altíssimo. Lá dentro, a trabalhar todas juntas, somos cerca de cento e cinquenta. É obra! Não estamos propriamente a construir um submarino nem nada que se pareça, como é bom de ver, daí que, na minha modesta opinião, não tivéssemos necessidade de um espaço tão monstruoso. Se queres que te diga, talvez até fosse melhor dividi-lo em cubículos mais pequenos, mas, quem sabe, pode ser que desta forma seja mais fácil adquirirmos uma consciência solidária, tipo «somos tantas e estamos aqui a trabalhar todas juntas». Ou isto ou então serve para os patrões melhor nos terem debaixo de olho. Aposto que deve ter qualquer coisa que ver com a chamada psicologia de pacotilha. Vendo bem, estamos agrupadas como numa aula prática de Ciências, em que se dissecam rãs e assim, com a rapariga mais velha à cabeceira da mesa, a dirigir os trabalhos. Estamos autorizadas a falar enquanto trabalhamos (também, era melhor que tivéssemos de ficar de bico calado todo o santo dia), mas se levantamos a voz ou damos uma gargalhada ou nos deixamos entusiasmar com a conversa, logo a encarregada se vira para nós, com cara de carrasco, e diz: «Yumiko-san, trata mas é de mexer as mãos e não a boca. Quer-me parecer que estás a atrasar o trabalho.» Por essas e por outras, passamos o tempo a bichanar, como ladrões na noite.

Na fábrica, estão sempre a transmitir música, variando esta consoante as horas do dia. Se fores um grande fã de Barry Manilow ou dos Air Supply, podia ser que gostasses de aqui estar.

Demoro vários dias a fabricar a «minha» peruca. O tempo varia conforme o tipo de produto, claro está, mas o método é sempre o mesmo. Divido a base em quadradinhos muito pequenos e vou implantando cabelos, um a um, nesses quadradinhos. Atenção, nada que se compare com o trabalho na linha de montagem, como acontece naquela fábrica que aparece no filme do Chaplin⁴⁴, em que uma pessoa tem de apertar um parafuso e aparece logo o parafuso seguinte: aqui, quando acabo de fazer a «minha» peruca, depois de investir nela alguns dias de trabalho, apetece-me pôr a data e o meu nome em cima: May Kasahara, dia tal do mês tal. Claro que não faço nada disso porque, assim que descobrissem, isso só serviria para apanhar uma descasca das antigas. Se queres que te diga, é uma sensação maravilhosa saber que, algures, por esse mundo fora, existe alguém que anda com a peruca fabricada por mim na cabeça. Não sei, dá-me a sensação de estar ligada a algo, enquanto ser humano.

A vida é uma coisa estranha, há que reconhecer. Se alguém há três anos me tivesse dito: «Vais estar a trabalhar numa fábrica situada nas montanhas, a fazer cabeleiras postiças com as raparigas muito lá da terrinha», o mais certo era ter-me desmanchado a rir. Nunca na vida me passaria isto pela cabeça! Por isso, que ninguém diga que sabe o que lhe acontecerá nos próximos três anos. Até tu, senhor Pássaro de Corda. Por acaso sabes o que te espera daqui a três anos? Tenho a certeza de que não. Aposto tudo o que quiseses em como nem sequer sabes o que te vai acontecer daqui a um mês!

As raparigas que convivem à minha volta, essas sim, são tudo pessoas que sabem onde estarão daqui a três anos. Ou, pelo menos, julgam saber. Pensam trabalhar aqui, juntar o seu dinheirinho e, ao fim de meia dúzia de anos, encontrar o homem ideal, casar e serem muito felizes.

Regra geral, os futuros maridos são filhos de agricultores ou de pequenos comerciantes que herdaram a loja dos pais ou trabalhadores de pequenas empresas locais. Tal como disse na minha carta anterior, por estas bandas há falta de mulheres jovens, por isso todas elas encontram rapidamente «comprador» e, a não ser que tenham muito azar e fiquem de mãos vazias, acabam sempre por se casar. É uma coisa impressionante. E, tal como te escrevi, mal arranjam casamento,

a maioria deixa de trabalhar. Para elas, o trabalho na fábrica de perucas é uma fase temporária entre a saída da escola e o casamento – é a mesma coisa que entrar numa sala e sair de lá passado um bocadinho de nada.

De qualquer modo, não me parece que isso afecte minimamente o fabricante de perucas, pelo contrário. A verdade é que eles até preferem raparigas que trabalhem pouco tempo e se ponham a andar do que ter pessoal que fique no seu posto durante muito tempo e acabe por se converter numa carga de trabalhos, exigindo aumento de salário, melhores condições laborais, sindicatos e por aí fora. É um facto que a empresa trata bem as trabalhadoras mais qualificadas, que são chefes de equipa, mas as outras são tratados como mercadoria. Pode mesmo dizer-se que existe uma espécie de acordo tácito entre ambas as partes, no sentido de elas deixarem de trabalhar assim que arranjam marido. Entre uma coisa e outra, não lhes é difícil imaginar o que estarão a fazer daqui a três anos. Têm duas alternativas. Uma: continuarem a trabalhar aqui, enquanto pelo rabinho do olho espreitam para ver se lhes aparece algum noivo à frente. A outra consiste em estarem casadas e, como tal, terem largado o emprego. Queres mais simples?

Não existe uma única que, à imagem e semelhança do que acontece comigo, não faça a mínima ideia de onde é que poderá estar daqui a três anos. Uma coisa é certa: são todas boas trabalhadoras. Não encontras uma única que não tenha vontade de trabalhar ou que descuide o seu trabalho. Queixar, também não se queixam. Quando muito, há quem se queixe da comida da cafetaria. É evidente que estamos aqui para trabalhar, e nem sempre podemos estar de cara alegre, e se calhar às vezes há quem tenha vontade de sair daqui e ir para a farra, em vez de passar o dia inteiro, das nove às cinco (incluindo as duas horas para almoço), aqui enfiada, mas, de uma forma geral, creio que todas gostam do que fazem. Talvez por saberem que se trata de uma fase transitória das suas vidas, da passagem de um mundo a outro. Daí que façam os possíveis por tirar partido da situação e estejam sempre de cara alegre. Aos seus olhos, isto não passa de um período de transição.

Já o mesmo não se pode dizer que aconteça comigo. No meu caso, não se pode dizer que este seja um período de transição. A verdade é que não faço a mais pequena ideia onde irei parar a seguir. Para mim, isto bem podia ser o fim da linha. Não acreditas? Para ser sincera, o trabalho não me dá gozo. Enquanto aqui estou, limito-me a tentar aceitar o trabalho que desempenho em todos os seus aspectos. Quando estou a fazer uma peruca, só penso naquilo que estou a fazer. E a prova de que me concentro de tal maneira no trabalho que tenho em mãos é que fico a suar por todos os poros.

Não sei explicar bem porquê, mas ultimamente tenho pensado muitas vezes no rapaz que morreu naquele acidente de moto. Falando a sério, nunca até agora me lembrara assim muito dele, mas apenas dos pormenores estranhos e irrelevantes. Talvez o choque tenha distorcido a minha memória, sei lá, mas o que é um facto é que, por exemplo, me lembrava de que ele tresandava a suor debaixo dos braços, ou que era um parvo todos os dias, ou que passava a vida a tentar meter as mãozinhas onde não devia, tudo coisas assim. Volta e meia, não sei por que motivo, dou por mim a lembrar-me de coisas dele que não são propriamente más. Isso acontece sobretudo quando estou a implantar cabelos na base da peruca, sem pensar em nada, altura em que esses pensamentos ressuscitam sem pedir licença e de forma incoerente. «Ah, sim, ele era assim ou assado...» O tempo por certo não flui seguindo uma determinada ordem ABCD, mas vai e vem, daqui para ali e dali para aqui, conforme lhe dá na gana.

Posso ser sincera contigo, senhor Pássaro de Corda? Quero dizer, mesmo, mesmo, mesmo, sincera? Às vezes, quando acordo sozinha a meio da noite, a centenas de quilómetros de tudo e de todos, e à minha volta só existe escuridão e breu, e não vejo futuro nenhum diante de mim, fico com tanto medo que só me dá vontade de gritar. E a ti, nunca te acontece? Quando isso acontece, faço os possíveis por pensar que estou ligada a algo – entre coisas e pessoas. E enumero mentalmente, com todas as minhas forças, os nomes das pessoas e das coisas a que me sinto ligada. Entre elas, escusado será dizer, encontras-te tu, senhor Pássaro de Corda. Bem como a ruela, o poço, o tronco de árvore e tudo isso. Da lista também fazem parte as perucas que aqui fabrico com as minhas próprias mãos. E as recordações do rapaz que morreu que vou revivendo. E, com a ajuda de todas essas pequeninas coisas (claro está que tu, senhor Pássaro de Corda, não és uma «coisa pequena», é só uma maneira de dizer...), aos poucos consigo voltar a «este lado». Nessas alturas dou por mim a lamentar não ter deixado o meu namorado ver-me nua e tocar-me. Pensar que naqueles tempos me recusava terminantemente a deixar que ele me pusesse as mãos em cima! Às vezes, senhor Pássaro de Corda, pergunto a mim mesma se não prefiro continuar virgem para o resto da vida, e olha que estou a falar a sério. O que é que se te oferece dizer sobre isto?

Adeus, senhor Pássaro de Corda, espero bem que Kumiko não demore a voltar.

⁴⁴ Em *Tempos Modernos*, filme por ele realizado em 1936, Chaplin dá, pela última vez, vida à figura do Vagabundo, aqui confrontado com a realidade desumana e monótona da linha de montagem de uma fábrica, naquela que é uma crítica feroz aos efeitos da máquina sobre o homem, vista em tom de comédia à luz da Grande Depressão. (N. da T.)

O cansaço e o peso do mundo

A lâmpada mágica

O telefone tocou quando eram nove e meia da noite. Tocou duas vezes, parou, depois recomeçou. Lembrei-me de que era aquele o sinal de Ushikawa.

«Está?» Era a voz dele. «Boas-noites, senhor Okada. Aqui fala Ushikawa. Oiça, estou perto de sua casa, importa-se que lhe faça uma visitinha? Sei que já é um bocado tarde, mas há um assunto que gostaria de tratar consigo pessoalmente. Que me diz? Calculei que poderia estar interessado, trata-se da sua esposa, Kumiko.»

Ao ouvir Ushikawa falar, dei por mim a imaginar a expressão do homem do outro lado do fio. Podia imaginar o seu rosto sorridente, satisfeito com ele próprio, como se estivesse a pensar: «Não te podes dar ao luxo de recusar.» Os lábios retorcidos deixando ver os dentes negros. E, infelizmente, tinha razão.

Demorou exactamente dez minutos a chegar a minha casa. Estava vestido da mesma maneira que três dias antes. Ou talvez me enganasse, podia ser outro fato. Em todo o caso, trazia um fato parecido, uma camisa parecida e uma gravata parecida, mas tudo no mesmo estilo, que é como quem diz, assim para o sujo e enxovalhado, mal-enjorcado. Aquela miserável indumentária dava a impressão de carregar injustamente todo o cansaço e todo o peso do mundo. Pensei que se tivesse de reencarnar, não queria reencarnar metido dentro daquelas roupas, mesmo que em troca me garantissem uma vida *seguinte* de excepcional glória.

Depois de me ter pedido licença, Ushikawa abriu a porta do frigorífico, tirou uma cerveja, deitou-a num copo que encontrou à mão, não sem antes se ter certificado de que estava bem fria, e bebeu-a, sentado diante de mim à mesa da cozinha.

– Muito bem – começou ele. – Vamos lá direitinhos ao assunto, passando por cima das formalidades e da conversa de circunstância, para ver se poupamos tempo e passamos ao que interessa. Estou em crer que gostaria de falar com a senhora Kumiko, não é verdade, senhor Okada? Quer dizer, directamente, os dois sozinhos. É isso que o senhor sempre quis, durante todo este tempo, se não estou em erro. A sua primeira prioridade, diria mesmo. Correcto?

Aquilo deu-me que pensar. Melhor dizendo, fiz uma pausa a fingir que pensava.

– Claro, se for possível falar com ela, gostaria de o fazer.

– Impossível não é – replicou Ushikawa em voz baixa, assentindo com a cabeça.

– Alguma condição?

– Não, *nenhuma* condição – confirmou Ushikawa, bebendo um trago de cerveja. – Acontece que esta noite tenho uma nova proposta para lhe fazer. Peço-lhe que escute o que tenho a dizer, e que pense bem antes de me responder. A eventual conversa com a sua esposa é uma questão à parte.

Eu olhava para ele de frente, sem dizer nada.

– Portanto, senhor Okada, temos que este terreno e esta casa são alugados a uma empresa, certo? Refiro-me ao terreno da «mansão dos enforcados». O senhor paga todos os meses uma quantia considerável por eles, ainda que não se trate de um contrato de arrendamento normal, mas sim de uma espécie de contrato especial que inclui uma opção de compra ao fim de vários anos, não é assim? Naturalmente que esse contrato não é oficial e o seu nome nunca aparece nele. Está previsto assim desde o início, mas na realidade, senhor Okada, você é o único proprietário do terreno e o certo é que o valor de renda funciona como uma compra a prazo. A quantia total a pagar é, aproximadamente, de oitenta milhões de ienes, incluindo a casa. Se o senhor continuar a desembolsar o seu dinheiro ao mesmo ritmo que agora, a propriedade, incluindo o terreno e a casa, será sua em menos... vá lá, de dois anos. O que não deixa de ser *verdadeiramente* espantoso! Sim senhor, que rapidez! Tenho de lhe dar os parabéns.

Durante todo o discurso, Ushikawa nunca deixou de olhar para mim, como se me estivesse a estudar. Pela minha parte, continuei calado.

– Por favor, não me pergunte como é que fiquei a par de todos os pormenores. Certas coisas, se uma pessoa as quer saber, há que ir à procura delas e cavar até chegar ao fundo – desde que saiba como fazê-lo, é evidente. E eu cá tenho a minha ideia sobre a pessoa que se encontra por detrás dessa empresa fictícia. E *se foi difícil* chegar lá, aquilo mais parecia um labirinto. Assim e mal comparado, foi como andar à procura de um carro roubado com a carroçaria pintada de outra cor, pneus novos, revestimento dos assentos mudado e o número de série do motor apagado. Um trabalho muito cuidadoso, para não dizer profissional. Ainda assim, ficámos a saber bastantes coisas. Provavelmente mais do que o senhor. Aposto que não sabe a quem é que está a pagar esse dinheiro, senhor Okada. Estou certo ou estou errado?

– O dinheiro não tem nome – retorqui.

Ushikawa desatou a rir.

– Tem toda a razão. Muito bem visto, senhor Okada. De facto, o dinheiro não tem nome. Bela fórmula, sim senhor. Tenho de tomar nota dessa no meu caderninho. Acontece porém, senhor Okada, que as coisas nem sempre correm como nós gostaríamos. Olhe, só para lhe dar um exemplo, os rapazes que trabalham nas repartições de impostos, não se pode dizer que sejam lá muito inteligentes. Só sabem obrigar a pagar imposto aqueles que têm nome. Em caso de anonimato, não descansam enquanto não colam um nome à força. E não só um nome – também um número. A julgar pela falta de emoções de que dão mostras, bem que podiam ser robôs. É esta a sociedade capitalista em que vivemos... O que nos leva direitinhos à tal história do dinheiro sem nome. Pois olhe, o dinheiro de que estávamos a falar tem nome, por sinal um nome muito conhecido e tudo.

Em silêncio, eu continuava a observar Ushikawa. Dependendo do ângulo, a luz projectava estranhas concavidades no seu crânio.

– Não se preocupe – acrescentou ele, sorrindo –, que o pessoal do fisco não virá atrás de si. E mesmo que apareça algum, ele há tantos labirintos que o mais certo é bater com o nariz em qualquer parte. *Bum!* Devia ficar com uma bela mozza. Além disso, os empregados das repartições de impostos não passam de meros assalariados, limitam-se a fazer o seu trabalho, como toda a gente, e não têm o mínimo desejo de arranjar acidentes de trabalho. Preferem obter o dinheiro de uma maneira fácil, em vez de se meterem ao barulho e por caminhos ínvios, não lhe parece? Qualquer pessoa normal prefere resolver as coisas de maneira simples: se o patrão disser para seguir pelo

caminho mais simples, é isso que a pessoa faz. Eu, pela parte que me toca, se consegui apurar o que apurei é porque levei por diante uma investigação minuciosa. Não é para me gabar, mas sou bom no que faço, ainda que possa não parecer. Conheço os truques todos para me orientar de noite no escuro, com uma lanterna na mão.

«Todavia, e confesso isto com toda a franqueza por se tratar de si, nem eu consegui descobrir que diabo é que o senhor faz lá em baixo. Sei, isso sim, que há quem não se importe de pagar couro e cabelo para o visitar. Por isso, o que lhes dá deve valer a pena, para todas essas pessoas estarem dispostas a gastar tanto dinheiro. Isso é limpinho, tão fácil como contar corvos num dia de neve. Agora, exactamente o que faz lá dentro, e por que razão é que escolheu aquele lugar particular, isso já não faço ideia. E, vendo bem, esses são dois pontos-chave em toda esta história, e encontram-se tão escondidos como o letreiro que anuncia a existência de um quiromante. E isso deixa-me preocupado.

– Quer o senhor dizer que isso preocupa Noboru Wataya... – alvitrei eu.

Em vez de responder, Ushikawa começou a puxar os tufo de cabelo que lhe restavam por cima das orelhas.

– Aqui entre nós, senhor Okada, tenho de confessar a minha admiração por si, e não afirmo isto para lhe dar graxa. A sério. Pode parecer bizarro, dito assim, mas o senhor é uma pessoa normal, sob todos os aspectos. Ou, já que estamos com a mão na massa, diria que é uma pessoa que não vale grande coisa. Desculpe a franqueza e não me leve a mal, mas pode crer: aos olhos da sociedade, é essa a sua imagem. Agora, ao falar consigo de viva voz e cara a cara, a verdade é que não me posso impedir de sentir por si uma enorme admiração. E penso com os meus botões: «Caramba, aqui está um homem que fez tremer o professor Wataya, que conseguiu a proeza de abanar os alicerces do mundo dele! Daí que ele me mande fazer as vezes de pombo-correio e negociar consigo. Uma pessoa normal não teria conseguido semelhante resultado.

«Pessoalmente, é isso que me agrada em si, senhor Okada. Estou a ser sincero. Como pode constatar, sou um indivíduo repugnante, um canalha, mas não tenho por hábito mentir quando falo destas coisas. O senhor não me é indiferente. Aos olhos da sociedade, valho ainda menos do que o senhor. Bem vê, não passo de um sujeito sem educação nem estudos, que veio de baixo. O meu pai, um modesto fabricante de *tatami* em Funabashi, era um alcoólico e um tipo asqueroso. Em criança, lembro-me de que só desejava que ele morresse, e o certo é que as minhas preces foram atendidas, para o bem e para o mal. Digo isto porque daí resultou uma vida de miséria digna de um romance. Basta dizer que da minha infância não tenho uma única recordação decente, nem uma para amostra. Que me lembre, nunca os meus pais tiveram uma palavra carinhosa para mim. Não é de estranhar que eu tenha acabado mal. Lá terminei o ensino secundário médio com grande dificuldade, o resto encarregou-se a vida de me ensinar. Não tive outro remédio senão desenrascar-me sozinho, contando só comigo e aprendendo a pensar pela minha cabeça, que, como é sabido, não é lá grande coisa. É por essas e por outras que não gosto nem das elites nem dos altos funcionários. OK, mais vale reconhecer: detesto-os com todas as minhas forças. Não gosto de quem entra na sociedade pela porta grande, daqueles que casam com mulheres bonitas e vivem como reis. Gosto de pessoas como o senhor, que vivem a sua vida e dependem única e exclusivamente das suas próprias capacidades.

Ushikawa acendeu um segundo cigarro com um fósforo.

– A única coisa é que isso não pode durar eternamente, senhor Okada. Toda a gente acaba por ceder, mais dia, menos dia, é a lei da vida. Em termos da história da evolução, parece que ainda foi

ontem que os seres humanos aprenderam a caminhar sobre os dois pés e que, sempre a andar, começaram logo a pensar em coisas complicadas. Por isso é normal que também o senhor ceda. Sobretudo no mundo que está metido, senhor Okada, um mundo complexo e movediço, *cheio* de rasteiras e armadilhas. Já trabalho neste mundo desde o tempo do antecessor do professor Wataya, o tio dele. O senhor Noboru Wataya herdou o círculo das influências, como outros herdaram uma casa mobilada. Antes, porém, já eu tinha arriscado o coiro para ganhar a vida. Se tivesse continuado assim, a esta hora o mais certo era ter ido parar direitinho à prisão – ou isso ou esticado o pernil. Não exagero ao dizer que o antecessor do senhor Wataya me recolheu em boa hora. Acredite em mim: já vi de tudo, com estes olhos que a terra há-de comer. Neste mundo caem todos, uns a seguir aos outros: amadores, profissionais, venha o diabo e escolha, toda a gente se queima, todos saem magoados, tanto os fortes como os fracos, os bons e os que não prestam para nada. Daí que, prevendo isso, todos invistam no seu segurozinho, até os paus-mandados como eu. Desse modo, quando se cai e se bate no fundo, uma pessoa sempre arranja maneira de sobreviver. Agora o senhor, que alinha sozinho e não pertence a nenhuma das partes, basta cair uma vez que fica logo fora de jogo. Acabado.

«Talvez não lhe devesse dizer isto, senhor Okada, mas a sua queda não tarda muito, disso não restam dúvidas. Está escrito em garrafais letras pretas no meu livrinho, duas ou três páginas mais à frente: A QUEDA DE TORU OKADA ESTÁ PRÓXIMA. E olhe que estou a falar muito a sério, não é uma ameaça. Acredite em mim, que as minhas profecias neste campo são muito mais exactas do que as previsões do tempo em televisão. Vá por mim, senhor Okada: em todas as coisas chega uma altura em que é preciso uma pessoa saber retirar-se.»

Ushikawa calou-se por momentos e olhou para mim.

«E agora, senhor Okada, já chega de estarmos para aqui a estudar-nos mutuamente. Vamos mas é ao que interessa, que o preâmbulo foi longo e chegou a hora de pôr as cartas na mesa e passar a explicar-lhe a proposta que aqui me trouxe.

Ushikawa pousou ambas as mãos sobre a mesa. A seguir humedeceu os lábios com a ponta da língua.

– O melhor que tem a fazer é cortar toda e qualquer ligação àquele terreno e esquecer o assunto. Pode, no entanto, acontecer que não esteja em condições de se retirar, ainda que seja esse o seu desejo. Vamos imaginar, a título de exemplo, que contraiu um compromisso e está atado de pés e mãos até saldar a dívida.

Nesse ponto Ushikawa interrompeu o seu raciocínio e perscrutou o meu rosto.

– Caso o dinheiro constitua um problema, saiba desde já que estamos em condições de lhe proporcionar o que for preciso. Se precisar de oitenta milhões de ienes, arranjam-lhe oitenta milhões de ienes. De um dia para o outro, apareço-lhe com as oito mil notas de dez mil ienes, tudo em maços muito bem atados. O senhor liquida as suas dívidas e mete o resto ao bolso. Depois disso, fica livre de preocupações e pode ir à sua vida e fazer o que lhe der na gana. Então, que me diz?

– E nesse caso o terreno e a casa irão parar às mãos de Noboru Wataya, não é assim?

– Sim, com efeito é assim que as coisas se passam. Imagino que depois haja ainda uma série de trâmites a que é preciso dar andamento, mas...

Por momentos, fiquei a reflectir na proposta.

– Escute, senhor Ushikawa, há aqui qualquer coisa que me escapa. Por que é que Noboru Wataya quer a todo o custo afastar-me daquela propriedade, oferecendo-me para o efeito tantas facilidades? Para que fins pensa ele usar o terreno e a casa, a partir do momento em que lhes consiga deitar a

mão?

Ushikawa esfregou lentamente a face com a palma da mão.

– Isso já não lhe sei dizer, senhor Okada. Como lhe disse desde o princípio, não passo de um mero pombo-correio. O meu amo chama-me e dá-me as suas ordens, e eu obedeco. E olhe que se trata quase sempre de tarefas bem desagradáveis. Em miúdo, lembro-me de ler *A Lâmpada de Aladino* e de sentir grande simpatia pelo pobre génio da garrafa, de cuja boa-vontade toda a gente abusava. Caramba! Quem iria imaginar que, uma vez homem feito, me encontraria numa situação parecida. Ah, que triste história a minha! Isto para dizer que foi esta a mensagem que o professor Wataya me encarregou de lhe transmitir. A ideia do professor Wataya é aquela que ficou expressa. Agora, quem escolhe é o senhor. Então, em que ficamos? Que resposta é que devo levar ao meu patrão?

Permaneci em silêncio.

– Precisa de tempo para reflectir, não é verdade? Muito bem. Se é tempo que quer, concedo-lhe tempo. Não lhe peço para tomar uma decisão assim do pé para a mão. *Gostaria* de lhe poder dizer para pensar nisso o tempo que fosse preciso, mas temo bem que não possamos ser assim tão flexíveis. Deixe, no entanto, que lhe diga uma coisa, senhor Okada. Entenda isto como a minha opinião pessoal: uma oferta vantajosa como esta não estará muito tempo em cima da mesa. Basta um segundo de distração e pode muito bem acontecer que esta oferta se esfume, enquanto o diabo esfrega um olho. Evapora-se, como o vapor sobre a vidraça de uma janela. Por isso, o melhor que tem a fazer é pensar nisso muito a sério – e depressa. Compreende o que lhe estou a dizer?

Ushikawa suspirou e consultou o relógio.

– Oh, céus! Já são estas horas! Tenho mesmo de me ir embora. Demorei-me uma eternidade, como da outra vez. Convidou-me a beber uma cerveja e, como de costume, fiz as honras da conversa e pus-me para aqui a falar sozinho durante horas. Não é para me justificar, senhor Okada, mas quando venho a sua casa, não tenho vontade de sair de cá. Tem uma casa confortável e acolhedora, senhor Okada. Só pode ser por isso.

Ushikawa levantou-se e levou o copo e a garrafa de cerveja juntamente com o cinzeiro para o lava-loiça.

– Telefonarei em breve. E tratarei de tudo para que possa chegar à fala com a senhora Kumiko, prometo-lhe. Pode contar com isso.

Depois de Ushikawa ter saído, abri a janela para deixar sair o fumo que enchia a sala. A seguir bebi um copo de água. Sentei-me no sofá, com o gato *Cavala* ao colo e pus-me a imaginar que Ushikawa tirava o seu disfarce mal saía de minha casa e era afinal Noboru Wataya. Que ideia mais estúpida!

A sala de provas

O sucessor

Noz-Moscada desconhecia a identidade das mulheres que apareciam no seu *atelier*. Nenhuma se apresentava, e ela nunca fazia perguntas. Os nomes que davam quando faziam as marcações eram, como não podia deixar de ser, falsos, mas em torno delas pressentia-se aquele aroma muito especial produzido pela combinação de poder e dinheiro. Elas procuravam não fazer alarde dessa sua condição, mas a Noz-Moscada bastava-lhe olhar para roupa e a maneira de vestir para adivinhar que pertenciam a uma classe social privilegiada.

Noz-Moscada alugara o espaço num edifício de escritórios em Akasaka – um edifício anónimo num local não menos discreto, uma vez que a maioria das suas clientes se mostrava extraordinariamente zelosa da sua privacidade. Depois de muito ponderar, decidiu converter o local num *atelier* de criação de moda. Em tempos havia trabalhado como desenhadora e, assim sendo, ninguém estranharia se fosse visitada por um grande número de mulheres. As suas clientes eram, por sorte, mulheres entre os trinta e os cinquenta anos, tudo mulheres que podiam permitir-se o capricho de roupas caras, feitas à medida. Decorou o *atelier* com amostras de tecidos, desenhos de roupas, revistas de moda, todo o tipo de utensílios destinados à confecção, mesas de trabalho e manequins. A fim de acrescentar um toque de verosimilhança a toda a operação, chegou mesmo a desenhar alguns modelos. E um dos quartos pequenos, destinou-o a funcionar como sala de provas. As clientes passavam à sala de provas e Noz-Moscada fazia-as «experimentar as roupas» no sofá.

Quem elaborou o rol de clientes foi a esposa do proprietário de uns grandes armazéns. Como conhecia muita gente, seleccionou com cuidado só mulheres em quem podia confiar, um número limitado entre o seu círculo de amizades. Estava convencida de que, para evitar escândalo, as pessoas assim escolhidas a dedo deviam formar uma espécie de clube composto de membros muito selectos. Caso contrário, o assunto poderia transpirar e espalhar-se rapidamente. As mulheres seleccionadas tinham de prometer não divulgar nunca a existência da «sala de provas» a mais ninguém. Primavam todas pela discrição, sabendo perfeitamente que, ao quebrarem a promessa, seriam para sempre expulsas do clube.

As clientes telefonavam com antecedência para marcar a dita «prova» e apareciam à hora indicada, sabendo não haver a mínima possibilidade de se cruzarem umas com as outras e que a privacidade estaria garantida. A tarifa a pagar, uma quantia decidida por sua livre vontade pela mulher do dono dos tais grandes armazéns, perfazia um número muito mais elevado do que Noz-Moscada pretendia, mas isso nunca se tornou um obstáculo. As mulheres que passavam pelo «salão de provas» regressavam todas, sem excepção, para mais uma sessão. «Não deixes nunca que o dinheiro constitua um obstáculo», explicara a mulher do dono dos armazéns a Noz-Moscada. «Quanto mais elevada for a soma a pagar, mais as tuas clientes se sentem tranquilizadas.» Noz-Moscada ia até

ao seu *atelier* três vezes por semana e fazia uma «prova» por dia. Era o seu limite.

Quando atingiu os dezasseis anos, Canela começou a ajudar a mãe. Sozinha, Noz-Moscada tinha dificuldade em dar conta das questões burocráticas, mas também não estava disposta a contratar uma pessoa de fora. Quando, depois de aturada reflexão, ela propôs a Canela que a ajudasse no seu mister, ele disse logo que sim sem perguntar sequer quais seriam ao certo as suas funções. Canela deslocava-se até ao escritório de táxi (o simples facto de estar junto a pessoas estranhas no metro ou no autocarro era-lhe insuportável), tratava da limpeza, punha tudo em ordem, colocava flores na jarra, preparava café, fazia as compras necessárias e mantinha em dia o livro de contas enquanto punha a tocar baixinho música clássica no leitor de cassetes.

Em breve, Canela tornara-se uma presença indispensável. Quer houvesse ou não clientes, estava sempre impecável no seu posto, de fato e gravata, sentado à escrivaninha da sala de espera. Nunca ninguém se queixou pelo facto de ele não abrir a boca. Ninguém parecia sentir-se incomodado com isso e, pelo contrário, dir-se-ia que até preferiam assim. Era ele que atendia as chamadas e fazia as marcações. As mulheres indicavam o dia e a hora pretendidos e ele respondia batendo na mesa de trabalho. Uma pancada, «toc», significava «não», e duas pancadinhas, «toc, toc», queria dizer «sim». As mulheres pareciam apreciar esta concisão.

De feições tão nobres e tão bem-parecido, Canela por certo não desmereceria figurar num museu de Belas-Artes, no departamento de escultura clássica. Acresce ainda que, contrariamente ao que acontecia com muitos outros jovens, quando abria a boca não perdia o seu encanto. As mulheres falavam com ele à entrada e à saída, e ele respondia-lhes com um sorriso e um aceno de cabeça. Aquela «conversa» era para elas muito relaxante. Libertavam-se da tensão que traziam com elas do mundo exterior e reduziam o sentimento de desconforto que sentiam ao concluir a «prova». Apesar de detestar por regra o contacto com outras pessoas, o contacto de Canela com as clientes da sua mãe parecia processar-se sem angústia nem sofrimento.

Ao atingir os dezoito anos, Canela tirou a carta de condução. Noz-Moscada arranjou um instrutor simpático para lhe dar aulas particulares, mas naquela altura já Canela tinha lido todos os manuais e livros de instruções que apanhara à mão e absorvido tudo o que dizia respeito ao código da estrada e aos mecanismos. Sabia conduzir um carro na perfeição. Meia dúzia de aulas práticas ao volante de uma viatura foi quanto bastou para ficar a saber alguns truques práticos, coisa que era impossível aprender nos livros teóricos. Revelou-se desde os primeiros dias um condutor exímio. Assim que se apanhou com a carta, consultou uma revista especializada de automóveis em segunda mão e comprou um *Porsche Carrera*. Deu como entrada todas as suas poupanças, mais os ordenados que a mãe lhe pagava todos os meses (é preciso dizer que Canela não gastava dinheiro nenhum na vida de todos os dias). A partir do momento em que comprou a viatura, deixou o motor como novo, encomendou novas peças por correspondência, trocou de pneus e deixou o carro em condições de participar em corridas. Apesar disso, usava-o apenas para percorrer todos os dias o trajecto curto e sempre engarrafado que separava a sua casa, no bairro de Hiroo, ao escritório que ficava em Akasaka. Ao passar para as suas mãos, o *Porsche 911* de Canela converteu-se no único *Porsche 911* do mundo a nunca ultrapassar os sessenta quilómetros por hora.

Noz-Moscada continuou a trabalhar no meio durante mais de sete anos. Ao longo de todo aquele tempo perdeu três clientes: a primeira morreu num acidente de viação; a segunda foi expulsa por ter

cometido um «pequeno delito»; e a terceira partiu para «longe» por causa da profissão do seu marido. Para ocupar o lugar delas, surgiram logo quatro novas clientes, todas do mesmo género, que é como quem diz, mulheres atraentes, de meia-idade, que usavam roupa de marca dispendiosa e nomes falsos. Durante esses sete anos a essência do trabalho continuou a ser a mesma. Noz-Moscada continuava as suas sessões de «provas» e, pela parte que lhe tocava, Canela continuava a manter o escritório limpo e arrumado, a tratar da contabilidade e a guiar o seu *Porsche*. Não se produziram nem avanços nem retrocessos, iam envelhecendo, uns e outros, lenta e paulatinamente. Noz-Moscada tinha quase cinquenta anos, e Canela, mais de vinte. Canela parecia dar-se bem com o trabalho, Noz-Moscada, pelo contrário, sentia-se progressivamente invadida por um sentimento de impotência. Ao longo dos anos, tinha continuado sempre a fazer as suas «provas» em relação a «qualquer coisa» que as suas clientes tinham dentro de si. A bem dizer, nunca compreendera exactamente a utilidade do que fazia, mas fizera sempre o que melhor sabia e podia a fim de realizar a sua missão no sentido de curar aquelas mulheres. Acontecia, porém, que nunca conseguia extirpar definitivamente aquela «qualquer coisa», eliminá-la de uma vez por todas. Limitava-se a minorar por um tempo a sua acção, graças aos seus poderes curativos. Ao fim de uns poucos de dias (entre três e dez, conforme os casos), aquela «coisa» recomeçava a manifestar-se, avançava e retrocedia, mas a longo prazo tornava-se maior e mais forte, mais poderosa – como células cancerígenas. Noz-Moscada conseguia sentir nas suas mãos aquele crescimento. «Faças o que fizeres, é inútil», anunciavam elas, «por mais que te esforesces, acabaremos sempre por ganhar.» E tinham razão. Noz-Moscada não tinha a menor possibilidade de vencer a batalha. Quando muito, ela só ajudava a travar ligeiramente o avanço do mal. Só podia oferecer às suas clientes uma tranquilidade passageira, mais nada.

«Serão estas as únicas mulheres no mundo atormentadas por esse mal interior que as habita?», perguntava-se Noz-Moscada vezes sem conta. «E por que será que todas as mulheres que vêm ter comigo são de meia-idade? E no que a mim diz respeito, dar-se-á o caso de também eu ter dentro de mim uma “coisa” daquelas?»

Contudo, Noz-Moscada não estava verdadeiramente interessada em conhecer a resposta. Tudo o que ela sabia era que, devido a uma série de circunstâncias, se vira confinada àquela sala de provas. Havia quem necessitasse dos seus serviços e, enquanto precisassem dela, Noz-Moscada não poderia sair daquela sala. Por vezes, o sentimento de impotência tornava-se mais profundo, quase violento, e ela sentia-se como uma concha vazia. Tinha a sensação de se estar a consumir muito depressa, diluindo-se nas trevas do nada. Naqueles momentos confiava abertamente os seus sentimentos ao seu filho, que silencioso e tranquilo escutava serenamente as palavras de sua mãe, limitando-se a acenar com a cabeça. Nunca dizia nada, mas, pelo simples facto de desabafar com o seu filho, Noz-Moscada sentia-se espantosamente calma. Sentia que não estava sozinha, que não era impotente. «Que estranho», pensava Noz-Moscada, «eu curo tanta gente, e Canela cura-me a mim. Mas quem é que cura Canela? Será ele uma espécie de buraco negro, capaz de absorver toda a dor e todo o sofrimento do mundo?» Uma vez, sem exemplo, tinha pousado a mão sobre a testa do filho, como costumava fazer às suas clientes na «sala de provas», mas não lograra sentir nada.

Às tantas, Noz-Moscada começou a pensar seriamente em abandonar o seu trabalho. «Já não me sobram forças. A continuar assim, dentro em pouco este sentimento de impotência acabará por me consumir por completo.» As suas clientes, porém, continuavam a reclamar os seus serviços, a precisar urgentemente das suas sessões de «provas» e o certo é que ela não podia abandoná-las assim por capricho.

Naquele mesmo ano, em pleno Verão, Noz-Moscada encontrou um sucessor. Bastou-lhe ver a mancha de nascimento na cara de um jovem sentado à frente de um edifício em Shinjuku, para saber que era ele a pessoa de que andava à procura.

Filha de três rãs estúpidas
(O ponto de vista de May Kasahara – 4)

Olá outra vez, senhor Pássaro de Corda!

São duas e meia da manhã. Todas as minhas companheiras estão a dormir, mas como não conseguia pregar olho, decidi escrever-te esta carta. Para te dizer a verdade, no meu caso é tão difícil encontrar pela frente uma noite sem dormir como a um lutador de Sumo usar uma boina com elegância. Regra geral, quando chega a hora de me deitar, caio na cama e adormeço automaticamente. Tenho um despertador, mas quase nunca o uso. Só muito de vez em quando é que isto me acontece. Quero dizer, acordar assim a meio da noite e não ser capaz de voltar a adormecer.

Faço tentações de ficar aqui sentada à minha secretária a escrever-te até que me dê o sono, por isso não te sei dizer se esta carta será longa ou curta... De toda a maneira a verdade é que nunca sei esse género de coisas à partida, pelo menos até ter acabado de escrever.

Queres saber o que me parece? Pois bem, parece-me que a maioria das pessoas vive a pensar que a vida e o mundo (e o diabo a sete) são, tirando algumas excepções, fundamentalmente lógicos e coerentes (ou deveriam sê-lo). Cheguei muitas vezes a esta conclusão falando com os que me rodeiam. Quando acontece alguma coisa, seja no terreno social ou no plano individual, há sempre alguém que diz: «Ah, isto aconteceu porque aquilo era assim e assado...», e quase sempre estão todos de acordo e respondem: «Ah, pois claro, é verdade, é verdade...» E isto é uma coisa que não me entra na cabeça. Dizer coisas do género «aconteceu isto por causa daquilo» e «por isso aconteceu o que aconteceu» não explica nada. É como meter um chawan mushi⁴⁵ instantâneo dentro do microondas, carregar no botão e, quando soa o «tin», abrir a porta, tirar a tampa e verificar que o prato que escolheste está pronto! Quer dizer, o que é que aconteceu entretanto debaixo da tampa? Pode muito bem ter acontecido que o chawan mushi instantâneo primeiro se tenha convertido em macarrão gratinado com queijo e só depois passado a ser chawan mushi sem que ninguém desconfiasse de nada. Uma vez que metemos chawan mushi instantâneo no microondas, pensamos consequentemente que é natural que de lá saia chawan mushi no momento em que soa a campainha, mas aos meus olhos isso é apenas uma conjectura. Para ser franca, sentir-me-ia mais aliviada se, volta e meia, ao abrir a porta do microondas depois de lá ter posto chawan mushi instantâneo, saísse lá de dentro macarrão com queijo. É evidente que ficaria admirada, mas, ao mesmo tempo, não deixaria de ficar aliviada. Ou, pelo menos, acho que não me sentiria assim tão confusa. Porque, num certo sentido, isso seria aos meus olhos bastante mais «real».

E porquê mais «real»? Traduzir isso, de uma maneira lógica, em palavras, parece-me extremamente difícil, mas se parares para pensar, por exemplo, na minha vida até agora, logo te darás conta de que a «lógica» tem primado pela ausência. Em primeiro lugar, é para mim um absoluto enigma como é que os meus pais, mais chatos do que um par de rãs estúpidas, puderam

ter uma filha como eu. Bem sei que parece mal ser eu a dizê-lo e tudo isso, mas o certo é que eu sou muito mais normal do que aqueles dois juntos. Não me estou a gabar, é a pura verdade. E, atenção, não estou a dizer que sou melhor do que eles, considero apenas que, enquanto ser humano, sou mais séria. Se os conhecesses, saberias do que estou a falar. Aqueles dois pensam que o mundo é uma coisa tão consistente e fácil de explicar como o desenho dos quartos numa casa nova em plena zona residencial. Vai daí, acreditam que, se adoptarem uma conduta lógica e coerente, tudo o mais lhes correrá de feição. É por essas e por outras que eles se sentem tão embaraçados e tristes e chateados quando eu não faço o mesmo.

Por que é que me foram logo calhar uns pais tão estúpidos? E por que é que, tendo eu sido criada por eles, não me transformei, à sua imagem e semelhança, numa filha igualmente estúpida, numa espécie de rãzinha desmiolada? Desde que me lembro, ando com estas e outras perguntas do género às voltas na minha cabeça, sem nunca encontrar explicação. Por um lado, dá-me a sensação de que deve existir uma razão concreta, ainda que eu não consiga atinar com ela. Isto a juntar a toneladas de outras coisas sem lógica nenhuma. Por exemplo: por que razão é que toda a gente à minha volta me detesta? Nunca fiz nada de mal. Levava até uma vida perfeitamente normal. E, apesar disso, um belo dia, de repente, dei-me conta de que ninguém ia à bola comigo. Aí está uma coisa que me ultrapassa por completo.

Acredito, isso sim, que uma coisa incoerente arrasta consigo outra, e que foi por isso que aconteceram todas estas coisas juntas. Como, por exemplo, conhecer aquele rapaz da motorizada e provocar aquele estúpido acidente. Nas minhas recordações – ou, por assim dizer, na maneira como os factos se foram ordenando na minha cabeça – não existe nada parecido com «isto é assim, portanto resulta assado». Cada vez que abro a porta do microondas, ao soar a campainha, «tin», descubro à minha frente qualquer coisa que nunca antes tinha visto.

Não faço a mínima ideia do que está a acontecer comigo. Sei, isso sim, que no momento em que deixei de ir à escola e fiquei em casa sem fazer a ponta de um corno, foi quando travei conhecimento contigo, senhor Pássaro de Corda. Não, mentira, antes disso comecei a trabalhar, a fazer aqueles inquéritos para o fabricante de perucas. E por que carga de água perucas? Esse é outro dos mistérios. Nem eu própria sei. Se calhar tive um acidente, bati com a cabeça em qualquer parte e, em consequência disso, o meu cérebro começou a funcionar mal. Quem sabe se, por causa do choque psicológico, não terei desenvolvido uma tendência para esconder as minhas lembranças, da mesma forma que os esquilos escondem as nozes num buraco escuro e depois se esquecem do lugar onde as enterraram. (Alguma vez viste isso acontecer, senhor Pássaro de Corda? Eu já, quando era pequena. Fartei-me de rir do pateta do esquilo, mal sabendo eu que um dia me ia acontecer precisamente a mesma coisa.)

De qualquer maneira, comecei a fazer os tais inquéritos para o fabricante de perucas e quis o destino que assim nascesse a minha atracção fatal por elas. Onde é que está a lógica disto, não me dirás? Porquê cabeleiras postiças, e não meias ou espátulas para servir o arroz? Se em vez de perucas tivessem sido meias ou espátulas para servir o arroz, a esta hora não estaria a trabalhar no duro como uma formiguinha numa fábrica de perucas como esta! Certo? E se eu não tivesse causado aquele estúpido acidente de moto, o mais certo era não te ter conhecido na ruela por trás da casa, naquele Verão, e se tu não me tivesses conhecido, provavelmente não terias ficado a saber do poço no terreno da casa dos Miyawaki e, por conseguinte, não te teria aparecido aquela mancha na cara, e não estarias envolvido em todas estas histórias tão estranhas... E, então, dou

por mim a perguntar: onde é que está a lógica de tudo isto, se é que existe alguma coerência neste mundo?

Não sei, se calhar neste mundo há diferentes tipos de pessoas e, enquanto para uns a vida e o mundo são coerentes, do género chawan mushi, para os outros é tudo mais imprevisível, na base do macarrão gratinado com queijo. Aposto que se aquele par de rãs dos meus pais pusesse chawan mushi instantâneo no microondas e, ao fazer «tin», lhes saísse um prato de macarrão com queijo, pensariam que se tinham enganado e que tinham posto lá dentro macarrão com queijo, ou então tirariam o prato de macarrão e tentariam convencer-se a si mesmos: «Isto parece macarrão gratinado com queijo, mas, na realidade, trata-se de chawan mushi. E por mais que eu lhes explicasse, com toda a calma, que por vezes, quando se põe chawan mushi no microondas, sai macarrão gratinado, não acreditariam em mim ou, então, o mais certo era passarem-se dos carros. Entendes o que te estou a querer dizer, senhor Pássaro de Corda?

Lembras-te de quando te beijei na cara, no sítio da marca de nascimento? Acho que cheguei a falar-te disto, na primeira carta que te enviei. A verdade é que, desde que me despedi de ti no Verão passado, nunca mais deixei de pensar naquele momento. Como um gato que nunca pára de se espantar ao ver cair a chuva, também eu gostaria de saber que diabo foi aquilo. Para te dizer a verdade, nem eu própria sou capaz de explicar. Pode ser que um dia, daqui a dez ou vinte anos, quando eu for uma mulher feita e muito mais inteligente, se alguma vez tivermos a sorte de falar no assunto, eu consiga dizer-te: «lembras-te daquela vez?...» e depois explicar-te tudo muito bem explicadinho. Agora, para mal dos meus pecados, confesso que não tenho nem a capacidade nem a filosofia necessárias para traduzir em palavras o que aconteceu.

Uma coisa te digo com toda a franqueza: gosto mais de te ver sem a mancha na cara. Não, não é isso. Vendo bem, não foste tu a escolher ficar com a mancha, por isso é injusto falar nestes termos. Posto de outro modo: gostava de ti mesmo sem a mancha. Parece-te melhor assim? Também não me parece que explique grande coisa, mas enfim...

Olha, senhor Pássaro de Corda, queres mesmo saber aquilo que penso? Pois bem, talvez essa mancha te proporcione algo de importante, mas, ao mesmo tempo, está a tirar-te alguma coisa. É uma espécie de intercâmbio, se quiseres. E, à força de as pessoas irem sugando a tua energia desse modo, vais-te gastando até não ficar nada de ti. Por isso, como é que hei-de dizer, o que quero deixar claro é que não me faria a mínima diferença se deixasses de ter essa coisa na cara.

Às vezes pergunto a mim própria se o facto de passar os dias aqui enfiada a fabricar perucas não se deve a eu ter beijado a marca na tua cara daquela vez. Pergunto-me se não foi isso que me levou a querer sair daí, a querer afastar-me o mais possível de ti. É possível que estas palavras te magoem, mas possivelmente foi isso que na verdade aconteceu. Se bem que, por outro lado, me tenha permitido encontrar o meu lugar. Por isso, num certo sentido, é a ti que tenho de agradecer, senhor Pássaro de Corda. Ainda que não me pareça que «estar agradecido a alguém num certo sentido» seja uma coisa particularmente agradável, não achas?

Com isto, creio ter-te dito tudo o que tinha para te dizer. São quase quatro horas. Tenho de me levantar às sete e meia, com sorte ainda consigo dormir umas três horitas. Espero bem adormecer logo. Seja como for, vou terminar esta carta. Adeus, senhor Pássaro de Corda. Reza para que eu consiga dormir bem.

⁴⁵ O Chawan mushi é um expesso creme salgado de ovos, parecido com um pudim e servido numa pequena caçarola com tampa.

«Chawan» vem de tigela e «mushi» significa «cozido em vapor». A receita tradicional leva nove ingredientes básicos, entre os quais frango, camarão, e legumes e semente de noqueira, *(N. da T.)*

O labirinto subterrâneo

As duas portas de Canela

– Há um computador na mansão, não é verdade, senhor Okada? Pergunto isto apesar de não saber quem é que o utiliza... – afirmou Ushikawa.

Eram nove da noite e eu estava sentado à mesa da cozinha, com o auscultador colado ao ouvido.

– Sim – respondi, o mais lacónico possível.

Ushikawa emitiu um som que mais parecia uma fungadela.

– Como de costume, andei a fazer as minhas investigaçãoezinhas e sei que existe por lá um computador – prosseguiu ele. – Claro que não estou com isto a querer dizer que possuir um computador seja alguma coisa do outro mundo. Hoje em dia, qualquer pessoa que ponha os neurónios a trabalhar precisa de um computador.

«Abreviando, senhor Okada. Ocorreu-me que talvez não fosse má ideia entrar em contacto consigo através do computador, mas quando experimentei, descobri que afinal não era uma coisa assim tão simples quanto isso. Não é como um telefone, em que basta digitar normalmente um número para obter ligação. Além disso, aquilo está configurado de tal maneira que para aceder ao servidor é preciso uma *password* secreta. Sem a tal palavra-chave de acesso, a porta não se abre e não há Sésamo para ninguém.

Continuei calado.

– Atenção, não me interprete mal, senhor Okada. Longe de mim querer introduzir-me à força no seu computador para fazer das minhas! Nada disso! De resto, com todas as medidas de segurança para uma pessoa aceder ao menu de opções de comunicação, imagine-se a dificuldade que não seria para lhe roubar um dado que fosse. Devo dizer que nem sequer me passam pela cabeça coisas complicadas desse género. Simplesmente, como prometido, estava a tentar encontrar uma maneira para o senhor poder comunicar com a sua esposa, Kumiko. Afinal, há já muito tempo que ela se foi embora de casa, não é verdade? E não é bom para nenhuma das partes deixar as coisas assim a meio. Da maneira como a situação se apresenta, o mais provável é a sua vida conhecer um rumo cada vez mais estranho, senhor Okada. Seja como for, o importante é falar das coisas cara a cara, com o coração nas mãos. Caso contrário, fica aberta a porta aos mal-entendidos. E os mal-entendidos, sabe?, são uma fonte de descontentamento e infelicidade... Foi, de resto, isso mesmo que eu tentei explicar à senhora Kumiko. E devo dizer que não foi tarefa fácil.

«Acontece que ela se opõe categoricamente a isso. Insiste que não pensa falar consigo de maneira nenhuma, nem sequer por telefone (visto que um encontro cara a cara está fora de questão). *Nem por telefone*, não sei se está a ver! Não imagina o trabalho que tive. Tentei tudo para a convencer, mas a sua decisão estava tomada. Firme como uma rocha. Há-de ficar coberta de musgo antes de mudar de opinião...

Ushikawa fez uma pausa, para ver se eu reagia, mas como de costume remeti-me ao silêncio.

– Acontece que não sou homem de me dar por vencido e de me ficar com um “não está de acordo? Então está muito bem”... Iria ouvir das boas do professor Wataya, caso isso acontecesse. Ir à procura de um compromisso, mesmo que a pessoa com quem estivermos a negociar seja dura como uma rocha ou uma parede, essa é que é a nossa obrigação. Se não me vendem um frigorífico, pois nesse caso compro um bloco de gelo. É esse o espírito, não sei se está a ver. Por isso fiquei com a cabeça em papa só de tentar arranjar uma solução. Bem sei que é isso que se espera do ser humano – puxar pela cabeça até arranjar um milhão de ideias diferentes. E às tantas, tal como uma estrela a espreitar por entre as nuvens, fez-se luz, e no meu cérebro, que não é lá muito brilhante, assomou uma boa ideia. É isso mesmo!, pensei eu para comigo mesmo. Claro que podem conversar um com o outro, usando para isso o ecrã do computador. Sabe fazer isso, não sabe, senhor Okada?

Quando trabalhava na firma de advogados costumava utilizar o computador para investigar antecedentes penais ou ir à procura de dados sobre os meus clientes. Às vezes também comunicava por correio electrónico. No emprego dela, Kumiko também usava computador. A revista de alimentação e saúde da qual ela era redactora tinha armazenados em memória ficheiros com os componentes nutritivos dos alimentos e receitas de cozinha, entre outras coisas.

– Com um computador normal não se consegue, mas com o que os senhores têm e o que nós temos, creio que seria possível estabelecer comunicação a um ritmo bastante aceitável. A sua esposa disse-me que estava de acordo em falar consigo por computador. Não consegui obter mais nada dela, e olhe que não foi nenhuma pêra doce, mas assim pelo menos sempre podem trocar mensagens quase em tempo real. Vai ser *quase* como uma conversa a sério, não lhe parece? Seja como for, é a melhor oferta que tenho para lhe fazer, a última possibilidade de acordo. Um velho macaco como eu tem as suas manhas. Que me diz? Pode não ficar entusiasmado por aí além, mas acredite que me vi obrigado a espremer este meu cérebro de mosquito para conseguir esta ideia. Ah, o que custa usar os neurónios quando cabeça é coisa que não se tem!

Mudei o auscultador de mão em silêncio.

– Ainda aí está, senhor Okada? Está a ouvir-me? – perguntou Ushikawa num tom que denotava uma certa preocupação.

– Estou a ouvi-lo – disse eu.

– Para não perder mais tempo e ir direito ao assunto, se o senhor me der a sua palavra-chave para aceder ao painel de controlo, eu podia ir tratando de tudo com a senhora Kumiko. Que me diz?

– Digo-lhe que existem alguns problemas práticos.

– Quais?

– Em primeiro lugar, quem é que me garante que a pessoa com quem estou a falar é Kumiko? Através do ecrã do computador não lhe posso ver a cara, nem ouvir a voz. Qualquer um pode estar sentado ao computador, a teclar e a fazer-se passar por ela.

– Tem toda a razão! – admitiu Ushikawa, num tom que exprimia admiração. – Nunca semelhante coisa me tinha passado pela cabeça, mas é uma possibilidade que não se pode excluir. Não é para lhe dar graxa que digo isto, mas admiro o seu cepticismo. As coisas devem ser encaradas com uma certa dose de cepticismo, é sempre bom termos as nossas dúvidas. «Suspeito, logo existo.» Agora oiça a minha proposta. Comece, antes do mais, por perguntar à sua mulher algo a que só ela possa responder. Se a resposta estiver correcta, é porque só pode ser a senhora sua esposa que está do outro lado. Afinal de contas, viveram juntos muitos anos como marido e mulher... De certeza que

deve haver um ou dois segredos que partilhem, não?

O que Ushikawa dizia tinha lógica.

– De acordo. O único problema é que eu não conheço a *password*. Nunca mexi uma única vez naquele computador.

Noz-Moscada tinha comentado comigo que Canela, na sua qualidade de barra em informática, personalizara todo o sistema do computador. Tinha potenciado a capacidade original do aparelho, criado uma completa base de dados, e protegido com um código secreto e outros engenhosos estratagemas a fim de impedir o acesso a estranhos. Com os dedos sobre o teclado, Canela era dono e senhor absoluto do seu labirinto subterrâneo em três dimensões, que controlava ao pormenor. Na sua cabeça encontravam-se gravadas sistematicamente todas as passagens e, com o simples toque numa tecla, podia aceder directamente a qualquer sítio. Para qualquer intruso (ou seja, toda a gente menos Canela) que não conhecesse a palavra-passe poder introduzir-se naquele labirinto, desmontar todos os alarmes e armadilhas, até chegar às informações importantes, teria de gastar nisso meses. Era o que Noz-Moscada me contara. O computador que havia na mansão não era muito grande, tinha mais ou menos o mesmo tamanho que o modelo que existia no escritório de Akasaka. Estavam ambos ligados ao computador central que tinham em casa. Era ali que Canela guardava sem dúvida todas as informações confidenciais, desde a lista de clientes da sua mãe ao complexo e duplo sistema de contabilidade, mas eu desconfiava que não se tratava apenas disso. De certeza que haveria mais coisas.

A razão que me levava a acreditar nisso era a profunda ligação que Canela estabelecia com aquela máquina, o modo como se fechava no seu pequeno escritório e as horas que ali passava a trabalhar sempre que estava na residência. Normalmente fechava-se a sete chaves, mas, de vez em quando, deixava a porta entreaberta e eu podia ver o que se passava lá dentro. E, de cada vez que o fazia, ficava sempre cheio de remorsos, como se tivesse acabado de invadir a privacidade de alguém e assistido a uma cena íntima. Porque, a mim, parecia-me que Canela e o seu computador estavam inseparavelmente unidos, funcionavam como que fundidos num só, e moviam-se de uma maneira que tinha o seu quê de erótico. Após martelar as teclas durante um bocado, ele ficava ali a olhar para o ecrã, a ver as letras que tinham aparecido entretanto escritas e, às vezes, comprimia os lábios com um ar de insatisfação, outras, limitava-se a sorrir. Por vezes, teclava devagarinho, mergulhado nos seus pensamentos, uma tecla, depois outra, depois outra; e vezes havia em que deixava correr energicamente os dedos sobre o teclado como um pianista a interpretar um estudo de Liszt. Enquanto trocava com o computador uma conversa sem palavras, dava-me a sensação de que Canela contemplava, através do ecrã do monitor, uma paisagem de um outro mundo, que lhe era especialmente familiar. E, então, não podia deixar de pensar que, para ele, a realidade consistia naquele seu labirinto subterrâneo, e não no mundo que o rodeava à superfície da Terra. E, quem sabe?, talvez naquela dimensão Canela tivesse uma voz clara e sonante com a qual pudesse falar com eloquência e rir à gargalhada.

– Posso aceder ao seu computador? – perguntei a Ushikawa. – Sendo assim, não precisaria da *password*.

– Não, é impossível. Quer dizer, nós receberíamos a sua mensagem, mas as nossas não chegariam até si. O problema está na *password*; sem o «abre-te Sésamo», não há nada para ninguém. Por mais que o lobo disfarce a voz e diga: «Olá! Sou o teu amigo coelhinho», a porta continuará fechada. Sem a fórmula mágica, que é como quem diz, a palavra de ordem, baterá com o nariz na porta. Estamos a falar de uma verdadeira donzela de ferro, é bom de ver.

Ushikawa acendeu um cigarro com o fósforo do outro lado do fio. Veio-me à ideia a imagem dos seus dentes irregulares, amarelados, da sua boca descaída.

– A *password* tem três dígitos. Três letras, ou três números, ou uma combinação de ambos. Quando aparece a ordem, uma pessoa tem dez segundos para a introduzir. Depois de três erros, o acesso é negado e soa o alarme. Digo alarme, mas não se trata de nenhuma sirene, nem nada que se pareça. O que acontece é que o lobo deixa para trás vestígios evidentes da sua passagem, por isso fica a saber-se que ele andou a rondar por ali. Muito bem pensado, não é? Calculando todas as possíveis combinações entre as vinte e seis letras do alfabeto e os dez números, as possibilidades são praticamente infinitas. Se não se sabe a palavrinha-chave, o melhor é ficar quieto.

Reflecti alguns instantes em silêncio.

– Alguma ideia, senhor Okada?

Na tarde do dia seguinte, depois de a «cliente» ter partido no *Mercedes-Benz* conduzido por Canela, entrei no escritório, instalei-me à secretária e liguei o computador. No monitor apareceu uma luz fria azul de cor azul e uma mensagem simples:

Para aceder a este computador é necessária a «password».

Tem dez segundos para introduzir a «password».

Introduzi as três letras que tinha previamente pensadas.

ZOO

O ecrã não se abriu, e ouviu-se um sinal acústico de alarme.

«Password» incorrecta.

Tem dez segundos para introduzir a «password» correcta.

No monitor teve início a contagem decrescente. Digitei a mesma palavra, desta vez em maiúsculas.

ZOO

Segunda resposta negativa.

«Password» incorrecta.

Tem dez segundos para introduzir a «password» correcta. Em caso de não introduzir a «password» correcta, o acesso ficará automaticamente bloqueado.

Outra vez a contagem decrescente. Dez segundos. Ponho só a primeira letra, «Z», em maiúscula, e os outros dois «o» em caixa baixa. Esta é a minha última oportunidade.

Zoo

Ouviu-se um agradável sinal acústico, e abriu-se o ecrã do menu.

«Password» correcta. Seleccione um dos seguintes programas.

Expulsei lentamente o ar dos pulmões. Uma vez recuperado o fôlego, percorri com o olhar a longa lista de programas que se oferecia diante de mim.

Selecionei o painel que dizia «*chat mode*» e cliquei com o rato. O computador pediu-me outra vez a palavra-passe. Reflecti. Devia ser uma palavra-passe importante para Canela. Segundo os

manuais, o único modo de impedir o acesso de um pirata informático aos dados era bloqueando hermeticamente qualquer via de acesso. E se o bloqueio era importante, não menos importante devia ser a palavra-passe. Teclei:

SUB

No ecrã apareceu a seguinte mensagem:

«Password» incorrecta.

Dispõe de dez segundos para introduzir a «password» correcta.

Começou a contagem decrescente: 10, 9, 8... Experimentei a mesma combinação da primeira vez: uma letra maiúscula e duas minúsculas.

Sub

Ouviru-se um alegre sinal acústico e apareceu no ecrã uma nova mensagem.

A «password» está correcta. Insira o número de telefone.

Cruzei os braços e deixei-me ficar ali a olhar para a mensagem. Nada mal. Conseguira abrir, uma atrás da outra, todas as portas que davam acesso ao labirinto de Canela. O jardim zoológico e o submarino. Cliquei em «cancelar a ligação». O ecrã volta ao menu inicial. Fim da operação. Ao fazer clique em «desligar», aparece uma mensagem.

Gravar as operações efectuadas? Y/N (Y)

Tal como Ushikawa me explicou, selecciono a opção de não gravar os dados, a fim de evitar deixar sinais da minha passagem.

O ecrã apagou-se silenciosamente. Limpei com os dedos o suor das têmporas. Devolvi com todo o cuidado o teclado e o rato às suas posições iniciais (nem sequer podiam estar dois centímetros fora do lugar) antes de me afastar do monitor agora desligado.

A história de Noz-Moscada

Foram precisos vários meses para Noz-Moscada me contar a sua história. Era uma história que nunca mais acabava, de tal maneira cheia de meandros e reviravoltas que a versão de que aqui dou conta é apenas um simples (ainda que não necessariamente breve) resumo. Espero ter conseguido transmitir a essência da história, se bem que, para ser sincero, não esteja certo disso. Em todo o caso, aqui figuram os acontecimentos importantes ocorridos em momentos cruciais da sua vida.

Noz-Moscada e a sua mãe foram repatriadas da Manchúria para o Japão, levando apenas um punhado de jóias como único património. Uma vez chegadas ao Japão, ficaram instaladas em casa dos pais da mãe, em Yokohama. A família materna, dedicada ao comércio de importação e exportação, sobretudo com Taiwan, acumulara uma grande fortuna antes da guerra, mas acabara por ficar sem grande parte dos clientes no decorrer do conflito. O avô de Noz-Moscada tinha morrido de ataque cardíaco, e o segundo filho, que ajudava a sua mãe, morreu durante um ataque aéreo pouco antes de a guerra acabar. O filho mais velho abandonou o lugar de professor e ocupou-se dos assuntos da empresa, mas não tinha queda para o comércio e mostrou-se incapaz de restaurar o negócio e a fortuna da família. Conseguiram salvar uma grande mansão e alguns terrenos, e para Noz-Moscada e sua mãe não foi agradável viver da caridade aqueles anos, durante o pós-guerra, numa época em que havia falta de tudo. Mãe e filha viviam ali procurando que a sua presença passasse o mais despercebida possível. Comiam menos do que os demais, de manhãzinha levantavam-se mais cedo e ocupavam-se, de sua livre iniciativa, de grande parte das tarefas domésticas. Toda a roupa que Noz-Moscada usou na sua infância, desde as luvas até às meias, incluindo a roupa interior, era uma «herança» das primas. Até em matéria de lápis, na escola, ela reunia e juntava os pedacinhos de lápis que os outros punham de lado. Para ela, levantar-se de manhã revelava-se um momento doloroso. Só de pensar que começava um novo dia, sentia uma dor no peito.

Sonhava abandonar aquela casa e ir viver com a mãe, as duas sozinhas, num lugar onde não se sentissem constrangidas, mesmo que isso significasse viver na miséria. A sua mãe, porém, nunca manifestou o desejo de sair dali. «A minha mãe costumava ser uma pessoa alegre e activa», confidenciou-me uma vez Noz-Moscada, «mas, desde o repatriamento, ficou como que vazia. Era como se tivesse perdido a própria vontade de viver.» Para o fim já nem forças arranjava para se levantar, passando o tempo todo a contar à filha, uma vez e outra e outra, as recordações dos tempos felizes. Foi por essa razão que Noz-Moscada se viu obrigada a enfrentar sozinha a vida.

Não se podia dizer que ela tivesse alguma coisa contra os livros, mas era incapaz de se interessar pelas matérias ensinadas na escola. Não via qual a utilidade de encher a cabeça com datas e acontecimentos históricos, regras da gramática inglesa ou fórmulas de geometria. Mais do que tudo, o que ela queria era aprender algum ofício de natureza prática, que lhe permitisse tornar-se

independente o mais cedo possível. Nesse aspecto, era em tudo diferente dos seus companheiros de classe, que desfrutavam tranquilamente da vida escolar.

Na realidade, a única coisa que, por aqueles dias, ocupava a sua cabeça era tudo o que dizia respeito à moda. Pensava dia e noite em roupa, mas como não dispunha de meios para se vestir com a elegância desejada, mais não fazia do que devorar as revistas de moda, que desencantava em tudo o que era sítio, e encher os cadernos escolares com desenhos e esboços de vestidos a imitar aqueles que via nas revistas ou nascidos da sua própria imaginação. Nem ela mesma sabia por que sentia tão profunda paixão. Se calhar, costumava ela dizer, ficara-lhe do hábito de remexer os armários da mãe, quando viviam na Manchúria, e brincar com as roupas dela. É preciso dizer que a mãe tinha uma verdadeira paixão por vestidos e possuía um guarda-roupa impressionante. Eram tantos os vestidos e os quimonos que mal cabiam no roupeiro, e a pequena Noz-Moscada, sempre que podia, entretinha-se a tirar para fora os vestidos, a olhar para eles e a tocá-los. Na hora da fuga, a maior parte dessas peças haviam ficado para trás, na Manchúria, e os vestidos que as duas conseguiram levar consigo foram depois ficando pelo caminho, um após o outro, a troco de comida. A sua mãe costumava suspirar sempre que se desfazia de mais um vestido que se via obrigada a vender.

«Desenhar roupa era para mim uma porta secreta que comunicava com outro mundo», contou-me Noz-Moscada. «Atrás dessa portinhola, abria-se para mim um mundo que era só meu. Nesse universo, podia imaginar tudo o que queria e mais alguma coisa, escapar o mais possível da realidade. E o que mais me agradava era o facto de tudo aquilo ser gratuito. Imaginar não custa nada. Era maravilhoso. Criava na minha mente belos vestidos e transformava-os em desenhos, e isso transportava-me para longe da realidade. Mais, era uma actividade tão indispensável à minha vida como respirar. Lembro-me de que, na altura, estava mais ou menos convencida de que o mesmo acontecia com toda a gente. Quando me apercebi de que a maior parte das pessoas não só não fazia aquilo de que gostava como nem sequer pensava muito nisso, disse com os meus botões: “visto que sou diferente dos outros, nesse caso terei de viver de modo diferente.”»

Noz-Moscada decidiu abandonar o ensino secundário e ingressar numa escola de costura. Para angariar dinheiro, pediu à sua mãe que vendessem uma das poucas pedras preciosas que ainda conservavam. Com o dinheiro resultante da venda, e durante dois anos, aprendeu a coser à máquina e tudo o mais em matéria de corte, desenho e técnicas necessárias à criação de moda. Ao acabar o curso de corte e costura, alugou um apartamento e foi viver sozinha. A fim de frequentar uma escola da alta-costura, começou a fazer uns trabalhinhos de costureira para uma modista e, à noite, arranjou emprego a servir às mesas. Acabado o curso, foi contratada por uma empresa que se dedicava à alta-costura feminina e, graças ao seu jeito para desenhar, conseguiu trabalho no departamento de *design*.

Era, sem sombra de dúvida, dona e senhora de um talento original. Não só desenhava lindamente, como tinha uma ideia precisa do que queria, uma imagem muito clara dos modelos que desejava criar, que nunca se inspiravam no trabalho dos outros, antes provinham naturalmente da sua imaginação. Arranjava sempre maneira de seguir as suas imagens de marca até ao fim, nos seus mais ínfimos pormenores, com a tenacidade de um salmão que sobe contra a corrente de um rio caudaloso até à nascente. Noz-Moscada trabalhava tanto que nem tempo para dormir tinha. Adorava o seu trabalho e sonhava tornar-se um dia uma criadora de moda, reconhecida e independente. Nem sequer pensava em sair depois das horas de trabalho e, verdade seja dita, mesmo que quisesse não saberia o que fazer para se divertir.

Os seus patrões não tardaram a reconhecer as suas qualidades profissionais e a mostrar interesse

pelas linhas extravagantes e fluidas que eram a marca das suas criações. Assim que o período de aprendizagem chegou ao fim, colocaram à sua responsabilidade uma pequena secção, gesto esse que constituiu uma promoção nunca vista naquela empresa.

Ano após ano, Noz-Moscada continuou sempre a acumular êxitos.

O seu talento e a sua energia atraíram o interesse de muito boa gente, não só no seio da empresa como no sector da confecção. O mundo do desenho de moda era um mundo fechado, mas, ao mesmo tempo, estava animado de um espírito de competição leal. A capacidade de um desenhador era única e exclusivamente determinada pelo número de encomendas que ele ou ela recebiam da roupa que haviam desenhado. Nunca havia dúvidas em relação aos vencedores: os números concretos falavam por si e o êxito ou o fracasso da competição saltava aos olhos de todos. Noz-Moscada não competia com ninguém em especial, mas os resultados obtidos eram inegáveis.

Até quase aos trinta anos, dedicou-se de corpo e alma ao seu trabalho. Conheceu muita gente, e alguns homens interessaram-se por ela, mas as relações que estabeleceu com eles foram sempre breves e superficiais. Dir-se-ia que ela era incapaz de sentir um interesse profundo por uma pessoa de carne e osso. A sua cabeça estava cheia de imagens de vestidos e esses desenhos eram, aos seus olhos, muito mais vivos e sensuais do que qualquer ser real.

Ao chegar aos vinte e sete anos, porém, no decorrer de uma festa de Ano Novo organizada pela indústria da criação de moda, foi apresentada a um homem de aspecto estranho. As feições dele eram proporcionadas, mas tinha o cabelo despenteado, o queixo e o nariz afilados como instrumentos de pedra. Mais parecia um pregador fanático do que um estilista de roupas para senhora. Era um ano mais novo do que Noz-Moscada, magro como um cabide, com olhos infinitamente profundos. Esses olhos fitavam as pessoas de uma forma agressiva, como se quisessem deixá-las propositadamente incomodadas. Nos olhos dele, contudo, Noz-Moscada via reflectida a sua própria imagem. Ele era então um jovem estilista ainda desconhecido, a dar os seus primeiros passos no mundo da moda. Era a primeira vez que se encontravam, mas Noz-Moscada já ouvira falar dele, conhecia-lhe, a par do talento, a fama de arrogante, egoísta e conflituoso, e sabia que era detestado por quase todos.

«As nossas infâncias tinham pontos em comum», continuou ela a contar. «Tínhamos ambos nascido e crescido no continente, no caso dele na Coreia, e também ele regressara ao Japão no final da guerra num navio de passageiros, despojado de todos os seus haveres. O pai, militar de carreira, ficara na miséria depois da guerra. A mãe morrera de tifo quando ele era pequeno, e isso talvez explicasse o motivo por que começou a sentir um profundo interesse por roupa de mulher. Tinha muito talento, ainda que fosse incrivelmente desajeitado no contacto social. Desenhava roupa feminina e, contudo, na presença de uma mulher corava e mostrava-se mal-educado e grosseiro. Por outras palavras, éramos como animais à solta, separados da manada.»

Casaram-se um ano mais tarde, em 1963, e na Primavera do ano seguinte (o ano dos Jogos Olímpicos de Tóquio) nasceu-lhe um filho. *Insistimos em chamar-lhe Canela, não foi?* Com o nascimento de Canela, Noz-Moscada mandou vir a mãe para tomar conta do bebé. Ela tinha de trabalhar de manhã à noite e não dispunha de tempo para se ocupar do filho. E foi assim que Canela acabou por ser praticamente criado pela avó.

Noz-Moscada não sabia ao certo se tinha amado, como homem, o marido ou não. Não tinha nenhum critério que lhe permitisse fazer esse juízo de valor, e o mesmo se podia dizer em relação ao marido. O que os unira tinha sido a força daquele encontro casual e uma mesma paixão pelo desenho. Apesar disso, os dez primeiros anos de casados foram para ambos extremamente frutuozos. Assim que se

casaram, abandonaram os respectivos locais de trabalho e abriram juntos um *atelier* independente. Ficava situado num apartamento pequeno, virado a ocidente, numa rua por detrás da Avenida Aoyama. Mal ventilado, sem ar condicionado, no Verão fazia tanto calor que, com a transpiração, os lápis escorregavam-lhes dos dedos. A princípio, o negócio não correu de feição. Dando mostras de uma espantosa falta de sentido prático, Noz-Moscada e o marido tornaram-se presa fácil de gente sem escrúpulos. Não possuindo qualquer experiência na área comercial, falharam encomendas por desconhecimento de causa e cometeram alguns erros básicos. As dívidas acumularam-se a um ponto que, às tantas, o desaparecimento do mapa parecia ser a única solução. Foi então que Noz-Moscada teve a sorte de encontrar, por mera casualidade, um gerente comercial fiel e competente, que soube fazer jus ao talento de ambos. A partir daquele momento, a empresa começou a dar lucro e não tardou que os problemas tidos ao início lhes parecessem um pesadelo longínquo. As vendas duplicavam de ano para ano e a empresa que tinham erguido do zero com tão pouco dinheiro obteve um êxito incrível nos anos da década de setenta. Um êxito tão grande que surpreendeu tudo e todos, até mesmo o próprio casal arrogante e distante que estava na sua base. Aumentaram o pessoal, mudaram-se para um edifício grande situado numa rua principal e abriram lojas, administradas directamente por eles, em Ginza, Aoyama e Shinjuku. O nome da marca que criaram começou a aparecer amiúde nos meios de comunicação e adquiriu fama internacional.

À medida que a empresa crescia, começou a mudar a natureza do trabalho de cada um. A confecção de roupa, embora seja também uma actividade criativa, não é o mesmo que fazer uma escultura ou escrever um romance, na medida em que se trata de um negócio que congrega os interesses de muita gente. Não é possível a uma pessoa criar só aquilo de que gosta, fechada no seu *atelier*. Alguém tem de dar a cara em público, funcionar como o «rosto» da empresa aos olhos do mundo. Quanto maior o volume do negócio, mais imperiosa se torna essa necessidade. Era preciso assistir a festas, desfiles de moda, cumprimentar as pessoas, misturar-se e fazer conversa com os convidados, por vezes ser entrevistado pelos órgãos de comunicação. Noz-Moscada não tinha a mínima intenção de se prestar a esse papel, de modo que a tarefa de dar a cara em público recaiu sobre o marido. Tal como acontecia com Noz-Moscada, também ele se mostrava pouco fadado para o convívio social, e, ao princípio, viveu aquela situação como se de um verdadeiro suplício se tratasse. Era incapaz de falar com desconhecidos e chegava a casa exausto. Ao fim de seis meses, porém, descobriu que já não lhe custava assim tanto. Continuava a não ser um orador brilhante, mas, ao contrário do que acontecia quando era mais novo, dir-se-ia que as pessoas eram atraídas pelos seus modos bruscos e despassarinhados. As suas saídas desprovidas de tacto, fruto da sua timidez, já não eram interpretadas como arrogância, mas sim como expressão de um fascinante temperamento artístico. Em breve ele começou a apreciar a sua nova posição e, antes de ter sequer tempo para se dar conta disso, convertera-se no herói cultural do momento.

«De certeza que deve ter ouvido falar dele», disse-me Noz-Moscada. «Na realidade, àquela época era eu que me encarregava de dois terços do trabalho criativo, sozinha. As ideias dele, ousadas e originais, obtinham grande êxito no mercado, e felizmente tinha-as em grande número, cabendo-me a mim a tarefa de as desenvolver e expandir e de lhes dar forma. Mesmo assistindo ao crescimento da empresa, não quisemos contratar novos desenhadores. É certo que o número dos nossos colaboradores aumentou, mas o grosso do trabalho era feito por nós pessoalmente. Criávamos a

roupa que queríamos, sem atender à condição social dos clientes. Nada de estudos de mercado, de cálculo de custos ou de estratégia de planeamento. Sempre que queríamos fazer um modelo concreto, desenhávamos esse vestido seguindo as nossas ideias, usávamos os melhores materiais e investíamos nisso o tempo que fosse preciso. O que as outras empresas do ramo confeccionavam em dois tempos, nós demorávamos quatro a fazer. Se os outros fabricantes usavam três metros de tecido, nós quatro. Inspeccionávamos pessoalmente todas as peças que saíam do nosso *atelier*. O que não se vendia, ia para o lixo. Nunca fazíamos saldos. Como é evidente, os nossos preços eram muito elevados, encontrando-se entre os mais caros do mercado. A princípio, no sector éramos considerados loucos, mas o certo é que a roupa por nós criada se transformou num dos símbolos daquela época. Como aconteceu com Peter Max, Woodstock, Twiggy, *Easy Rider* e tantos outros. Recordo com saudade do divertido que era desenhar roupa na altura! Podíamos dar livre curso à imaginação e criar os modelos mais ousados, que os clientes nunca nos abandonavam. Tínhamos a impressão de poder voar livremente para onde quiséssemos, como se tivéssemos asas.»

Contudo, ao mesmo tempo que o negócio ia de vento em popa, começava a cavar-se um fosso cada vez maior entre Noz-Moscada e o marido. Trabalhavam juntos, mas ela, de quando em quando, tinha a impressão de que o marido estava distante, que o seu coração andava por outras paragens. Os olhos dele pareciam ter perdido o brilho voraz de outros tempos, a violência de que costumava dar mostras quando alguma coisa não era do seu agrado apagara-se, dando lugar a uma expressão absorta, um olhar perdido no vazio. Os dois deixaram praticamente de falar fora do local de trabalho, e as noites em que ele não regressou a casa tornaram-se mais numerosas. Noz-Moscada pressentia que o seu marido mantinha relações com outras mulheres, mas não se ressentia particularmente disso. Achava natural ele ter amantes, uma vez que já não tinham relações sexuais desde há algum tempo (sobretudo porque, diga-se de passagem, Noz-Moscada perdera todo o desejo sexual).

Em finais de 1975, o seu marido foi assassinado. Noz-Moscada tinha então quarenta e cinco anos e o seu filho, Canela, onze. O corpo dele foi encontrado num quarto de hotel em Akasaka, esquartejado. Às onze da manhã, a empregada havia entrado no quarto com a chave mestra e dera de caras com o cadáver. O corpo tinha-se esvaído literalmente e a casa de banho era um mar de sangue. O coração, o fígado, os rins e o pâncreas haviam desaparecido. Tudo indicava que o assassino seccionara os órgãos antes de os levar dali, possivelmente metidos em sacos de plástico ou uma coisa do género. A cabeça, separada do corpo, estava colocada de frente sobre a tampa da sanita. O rosto apresentava uma infinidade de golpes. Aparentemente, o assassino tinha-o degolado primeiro, e só depois lhe extraía os órgãos.

Extraír as vísceras humanas requer uma faca muito afiada e uma técnica bastante apurada. Era preciso serrar várias costelas. Para uma operação daquela natureza, é preciso tempo – e o derramamento de sangue é considerável. As razões que teriam levado o assassino a tal carnificina permaneceram um mistério.

O encarregado da recepção do hotel lembrava-se de ter registado a entrada da vítima, por volta das dez da noite, acompanhado de uma mulher – por sinal uma mulher bonita, dos seus trinta anos, com um casaco vermelho e não muito alta. Tudo o que ele se recordava era de lhes ter destinado um quarto no décimo primeiro andar e de ela levar uma malinha na mão. Na cama eram visíveis os sinais de actividade sexual. Os cabelos e o esperma encontrados nos lençóis pertenciam ao marido de Noz-

Moscada. O quarto estava cheio de impressões digitais, demasiadas para poderem ser analisadas numa investigação. No pequeno saco de pele do estilista foram encontrados artigos de higiene pessoal, uma muda de roupa, um portefólio com documentos de trabalho e uma revista. Dentro da carteira encontraram mais de cem mil ienes em notas e vários cartões de crédito, mas a agenda que ele costumava trazer consigo desaparecera. Não havia sinais de luta no quarto.

A Polícia investigou entre os amigos e conhecidos da vítima, mas não encontrou ninguém que correspondesse à descrição feita pelo recepcionista. Três ou quatro mulheres foram citadas no decorrer do processo, mas, segundo a investigação policial, não existia nenhum móbil, nem ressentimento de qualquer espécie, nem tão-pouco ciúme, e todas apresentavam sólidos álibis. Mesmo dando-se o caso de alguém no mundo da moda (onde não reina propriamente um ambiente cordial e amigável) o detestar, a verdade é que não havia ninguém de quem se suspeitasse abrigar propósitos homicidas. Além do mais, era impensável que alguém pudesse dominar a técnica necessária para extrair os seis órgãos com a ajuda de uma faca.

Tratando-se de uma pessoa famosa, o facto mereceu ampla cobertura por parte da imprensa, com jornais e revistas a abordarem a questão com o tom sensacionalista da praxe. A fim de evitar publicidade exagerada em torno de um caso já por si tão bizarro e, como tal, susceptível de excitar a curiosidade mórbida das pessoas, a Polícia conseguiu, no entanto, impedir a divulgação de alguns pormenores mais macabros. O hotel, um estabelecimento prestigiado e desejoso de salvaguardar o seu bom-nome, chegou mesmo a exercer uma certa pressão indirecta sobre as forças da lei e da ordem. A única coisa a ser divulgada foi que o estilista havia sido morto num quarto de hotel. Durante algum tempo correram rumores de que «algo de anormal» tinha ocorrido ali, mas a coisa não passou disso mesmo, de um simples boato. Apesar de a Polícia ter conduzido uma investigação de grande envergadura, o autor do crime nunca foi capturado, nem tão-pouco foi possível apurar o móbil do assassinato.

«Aquele quarto de hotel ainda hoje deve estar selado», concluiu Noz-Moscada.

Na Primavera do ano seguinte, Noz-Moscada vendeu a sua empresa – juntamente com a marca, as lojas e o material armazenado – a um importante fabricante de roupas. Quando o advogado que tratou do caso lhe trouxe os documentos e pôs à frente o contrato de venda, Noz-Moscada assinou tudo em silêncio, sem verificar sequer o montante.

Depois de se desfazer da empresa, Noz-Moscada descobriu que a sua paixão pelo desenho se tinha desvanecido. A fonte de desejo intenso e ardente que era para ela sinónimo de vida secou de repente, por completo. Uma vez por outra, muito raramente, aceitava uma encomenda, e entregava-se ao trabalho com grande profissionalismo, mas sem sentir qualquer alegria. Era o mesmo que comer alimentos que não sabiam a nada. «É como se *eles* me tivesse extraído todos os órgãos», pensava ela. Todos aqueles que haviam conhecido de perto a energia e a capacidade de Noz-Moscada para criar modelos inovadores, recordavam-na como uma figura quase lendária. As encomendas eram mais do que muitas, mas Noz-Moscada a todos dizia «não», excepto nos casos em que não podia de modo algum recusar. Seguindo os conselhos do seu contabilista, e aproveitando o período de prosperidade económica que então se vivia, investiu na Bolsa e no mercado imobiliário e viu o seu capital aumentar rapidamente.

Pouco tempo depois de se ter desfeito da empresa, a sua mãe morreu, vítima de doença cardíaca.

Encontrava-se a regar o pavimento à entrada da casa num dia quente de Agosto quando, de um momento para o outro, se sentiu «mal». Estendeu-se em cima do *futon*⁴⁶, adormeceu e começou a ressonar ruidosamente. Morreu durante o sono. Noz-Moscada e Canela ficaram sozinhos no mundo. Noz-Moscada fechou-se em casa durante um ano, quase sem sair. Sentada no sofá, passava o santo dia a contemplar o jardim, como que procurando recuperar a tranquilidade de espírito e a paz que até então lhe fora negada. Mal comia, dormia dez horas por noite. Quanto a Canela, que estava então na idade de entrar para a escola secundária, ocupava-se da lida da casa no lugar da mãe e, no resto do tempo, interpretava sonatas de Mozart e Haydn ou aprendia línguas.

Após aquele ano de vida calma, que funcionou assim como uma espécie de vazio na sua vida, Noz-Moscada deu-se conta, um belo dia, de que possuía *um poder especial*. Um estranho dom que desconhecia por completo. Sem dúvida algo que nascera dentro dela para ocupar o lugar da ardente paixão que sentia pelo estilismo, imaginou ela. E, efectivamente, esse poder transformou-se no seu novo labor, substituindo assim o desenho. Isto apesar de não ter sido ela a procurá-lo.

A sua primeira cliente foi a esposa do proprietário de uns grandes armazéns, mulher inteligente e cheia de vida, que nos seus verdes anos havia sido cantora de ópera. Tinha sabido reconhecer o talento de Noz-Moscada enquanto desenhadora de moda muito antes de ela atingir a fama e nunca perdera a sua carreira de vista. Sem o seu apoio, provavelmente Noz-Moscada nunca teria chegado onde chegou. Devido à cumplicidade muito especial que as unia, Noz-Moscada aceitou ajudá-la a escolher os vestidos da senhora e da sua filha para o casamento desta. Uma tarefa que não se afigurava particularmente difícil.

Um dia, quando estavam as duas a conversar enquanto esperavam por uma prova de roupa, a esposa do dono dos grandes armazéns levou de repente as mãos à cabeça e encolheu-se de dor até ficar de joelhos. Assustada, Noz-Moscada susteve-a, impedindo-a de cair desamparada, ao mesmo tempo que pousava a mão sobre a sua têmpora direita. Tratou-se de um acto mecânico, feito por reflexo, mas foi quanto bastou para Noz-Moscada sentir que ali havia «qualquer coisa». Quase deu para perceber a sua forma debaixo da palma da mão, como se estivesse a apalpar por cima um objecto dentro de uma bolsa de tecido.

Aturdida, Noz-Moscada fechou os olhos e esforçou-se por pensar numa outra coisa. Veio-lhe à cabeça o jardim zoológico de Hsin-ching – o jardim zoológico deserto onde ela, filha do veterinário, tinha licença de passear no dia de fecho semanal. Aquela tinha sido, muito provavelmente, a época mais feliz da sua vida. Ali, sentia-se protegida, amada, segura. Eram as suas mais antigas recordações. O jardim zoológico deserto. Lembrava-se de tudo, dos cheiros, da claridade da luz, da forma das nuvens que se recortavam no céu. Caminhava por ali sozinha, percorrendo as jaulas, uma a uma. Estava-se no Outono, o céu era infinitamente alto e claro, os pássaros da Manchúria voavam em bandos, de árvore em árvore. Tinha sido aquele o seu mundo original, um mundo que, em muitos sentidos, havia perdido para sempre. Não soube quanto tempo passou, mas a mulher do dono dos grandes armazéns por fim lá se levantou, devagarinho, e pediu desculpa pelo sucedido. Ainda que desorientada, passara-lhe por completo a forte dor de cabeça, disse ela. Dias mais tarde, Noz-Moscada ficou espantada ao receber, em jeito de agradecimento pelo trabalho, uma quantidade de dinheiro muito superior ao que imaginara.

Um mês depois do incidente, Noz-Moscada recebeu uma chamada da esposa do proprietário dos

grandes armazéns, convidando-a para almoçar. No fim do almoço, a mulher levou-a a casa dela, dizendo que tinha um favor a pedir-lhe. Aí, disse-lhe: «Importa-se de me tocar na cabeça, como fez da outra vez? Queria certificar-me de uma coisa.» Noz-Moscada não tinha nenhuma razão especial para recusar o pedido. Sentou-se ao lado da mulher, colocou a palma da mão nas têmporas. Voltou a sentir a mesma coisa. Concentrou-se e tentou definir a sua forma, mas, ao mesmo tempo que se abstraiu de tudo o mais, sentia que «algo» lhe escapava, ao mesmo tempo que se transformava. *Está vivo!* Noz-Moscada sentiu um ligeiro pânico. Cerrou os olhos e pensou no jardim zoológico de Hsin-ching. Não lhe foi difícil: graças aos relatos que em tempos fizera a Canela, lembrava-se daquela paisagem, da história em todos os seus pormenores. Por momentos, a sua consciência abandonou o seu corpo, errou pelos interstícios entre a memória e a história, antes de regressar a ela. Quando voltou a si, a esposa do dono dos grandes armazéns pegou-lhe na mão e agradeceu-lhe. Nem Noz-Moscada fez perguntas à mulher nem ela lhe deu explicação alguma. Tal como antes, Noz-Moscada sentiu uma ligeira fadiga, e uma ligeira película de suor na testa. Ao despedir-se, a esposa do dono dos grandes armazéns fez menção de lhe dar uma gratificação dentro de um sobrescrito, à laia de agradecimento por se ter incomodado a ir até sua casa. Noz-Moscada recusou-se a aceitá-lo, firme mas educadamente. Disse que aquilo não era um trabalho e que se considerava recompensada de sobra pelos honorários recebidos da outra vez. A outra não insistiu.

Algumas semanas mais tarde, a mesma senhora apresentou Noz-Moscada a uma outra pessoa: uma mulher na casa dos quarenta, pequena, de olhos encovados e penetrantes. Estava muito bem vestida, mas, tirando uma aliança de prata, não levava mais jóia nenhuma. Noz-Moscada compreendeu que não se tratava de uma mulher vulgar. A esposa do dono dos grandes armazéns tinha avisado Noz-Moscada: «Esta senhora deseja que lhe faça o mesmo que me fez a mim. Por favor, não diga que não, e veja se aceita o pagamento sem fazer objecções. Digo isto porque, a longo prazo, isso será importante, tanto para si como para mim.»

Noz-Moscada ficou a sós com a mulher no quarto do fundo. Pousou a palma da sua mão sobre as têmporas, como havia feito antes. Também ali sentia «algo». Mas aquela «coisa» era mais forte, movia-se mais depressa do que a outra. Com os olhos fechados, contendo a respiração, Noz-Moscada tentou dominar aquele movimento. Tratou de se concentrar mais e de perseguir as suas recordações com mais tenacidade. Foi penetrando nas pregas mais recônditas da sua memória e transmitiu àquela «qualquer coisa» o calor das suas lembranças.

«Foi assim que, sem me dar conta, esta passou a ser a minha ocupação», concluiu Noz-Moscada. Compreendeu então que fazia parte de uma grande corrente. E quando cresceu, Canela passou a ajudar a mãe no seu mister.

⁴⁶ Uma espécie de colchão com lençol e coberta que se estende à noite por cima do *tatami* e, de manhã, é guardado no *oshire*, armário de parede com portas de correr. (N. da T.)

O mistério da mansão dos enforcados (2)

Setagaya, Tóquio: Quem são as pessoas que entram e saem da famosa «Mansão dos Enforcados»?

Antevê-se a sombra de um político. Que segredo se esconde por detrás de uma trama tão bem urdida?

(Da edição de 21 de Dezembro da revista semanal ***)

Como já demos conta no nosso número de 7 de Dezembro, na tranquila zona de Setagaya encontra-se a «mansão dos enforcados», famosa pelo facto de todos aqueles que ali habitaram terem sido vítimas da adversidade, pondo fim à sua vida, a maior parte por enforcamento.

[resumo do artigo anterior]

A investigação por nós realizada permitiu-nos, contudo, chegar a uma conclusão. A saber, de cada vez que tentamos obter a identificação do actual proprietário da «mansão dos enforcados», e seja qual for o caminho percorrido para chegar à verdade, acabamos invariavelmente por embater num muro de cimento intransponível. Quando, a título de exemplo, conseguimos localizar a empresa construtora que assumiu o encargo de pôr de pé a obra, esta negou-se taxativamente, através dos seus representantes, a conceder-nos uma entrevista. Por outro lado, e de um ponto de vista legal, a empresa fantasma que adquiriu a propriedade é completamente legítima, o que faz com que também esta rota em busca da verdade resulte num beco sem saída. Tudo aponta para que cada passo desta operação tenha sido planificado até às suas últimas consequências, o que só vem confirmar as nossas suspeitas de que ali, com efeito, alguma coisa se esconde.

Outro elemento significativo que chamou a nossa atenção foi a identidade da empresa gestora na origem da empresa fantasma que adquiriu o terreno. Com efeito, a nossa investigação revelou que a empresa em questão foi criada há cinco anos como entidade «subcontratada» de uma conhecida assessoria económica com amplas ligações ao mundo da política e que desempenha, na sombra, um importante papel. Esta «assessoria económica» tem, de facto, diversas «entidades subcontratadas» que, como acontece com a referida empresa gestora, são utilizadas com vista à prossecução de um determinado fim em vista, mas que, ao mínimo sinal de alarme, se vêm abandonadas. Se bem que a referida «assessoria económica» não tenha chegado a ser directamente investigada pelas entidades responsáveis pelo gabinete do Procurador-Geral, nas palavras de um analista político de um importante jornal diário, «a empresa por mais de uma vez esteve envolvida em escândalos políticos, pelo que não é de estranhar que se seja alvo de vigilância.» Por tudo o que atrás ficou dito, somos, pois, levados a supor a existência de uma ligação entre o novo proprietário da dita mansão e os influentes meios políticos. À luz destes factos, os altos muros que rodeiam a casa, o moderníssimo

sistema de vigilância electrónica, o *Mercedes-Benz* negro de aluguer, a empresa fantasma cuidadosamente planeada, são tudo indícios que apontam com maior ou menor insistência para o envolvimento de uma destacada figura política da nossa praça.

PRODIGIOSAS MEDIDAS DE SEGURANÇA

Apostada em aclarar diversos aspectos, a nossa equipa levou por diante uma investigação a fim de clarificar a questão das entradas e saídas do *Mercedes-Benz* preto que visita diariamente a «mansão dos enforcados». Ao todo, o número total de entradas e saídas do *Mercedes* ao longo dos dez dias de vigilância foi de vinte e uma. Por norma, o veículo apresentou-se duas vezes por dia, assistindo-se a um padrão regular no que diz respeito ao movimento das entradas e saídas. Assim, costuma chegar por volta das nove da manhã e sair às dez e meia. O condutor, muito pontual, nunca ultrapassou, de um dia para o outro, os cinco minutos de diferença. Comparado com a regularidade das manhãs, o resto das entradas e saídas ao longo do dia revela-se algo irregular. A maior parte regista-se entre a uma e as três da tarde, mas as horas de entrada e de saída são, em cada ocasião, diferentes. Vezes há em que o veículo sai menos de vinte minutos depois de ter entrado, enquanto noutras chega a demorar cerca de uma hora. Posto tudo isto, importa salientar o seguinte:

1. As entradas e saídas regulares da parte da manhã indicam que alguém se desloca diariamente àquele lugar. Os vidros escuros da viatura impedem ver o seu interior e, portanto, desconhece-se a identidade do(s) ocupante(s).
2. As entradas e saídas irregulares das tardes apontam para a existência de um visitante. Esta irregularidade das horas no que toca à entrada e à saída deve-se, provavelmente, à conveniência do visitante. Desconhece-se se se trata de uma ou mais pessoas.
3. Parece não existir qualquer movimentação no interior da casa à noite. Da mesma forma, também não foi possível determinar se nela fica alguém durante aquele período, visto que as luzes não são visíveis do lado de fora do muro.

Outro elemento que pode-mos considerar como dado adquirido é o facto de o único veículo a cruzar os portões da casa durante os dez dias que a investigação durou ter sido o *Mercedes-Benz* preto. Tirando esse, mais nenhum carro foi detectado nas imediações, da mesma forma que mais ninguém teve acesso à casa. Diz-nos o senso comum que algo de estranho se passa naquele lugar. Se é verdade que ali vive «alguém», nesse caso não sai para passear nem fazer compras. Quanto aos visitantes, entram e saem fazendo-se transportar única e exclusivamente no grande *Mercedes-Benz* com os vidros fumados. Que é como quem diz: *por alguma razão não querem, seja em que circunstância for, ser identificados*. Qual o porquê de tudo isto? Por que razão se rodeiam de tantos cuidados e investem tanto dinheiro para manter tudo em segredo?

Acresce, neste ponto, que a porta da fachada principal é o único meio de acesso à propriedade. Na parte de trás da casa existe apenas uma ruela estreita sem saída. Não é possível entrar nem sair sem passar pelos terrenos dos vizinhos. Segundo os elementos da vizinhança, nenhum dos residentes usa presentemente a ruela, o que explica o facto de a casa não possuir saída pelas traseiras. A única coisa que ali existe é um muro, alto como a muralha de uma fortaleza.

Ao longo dos dez dias que a nossa investigação demorou, carregaram no botão do

intercomunicador diferentes pessoas, entre distribuidores de publicidade e vendedores, mas nunca houve resposta, e a porta, como seria de esperar, permaneceu fechada. É, no entanto, muito possível que haja alguém no interior da casa que, através da câmara de um circuito fechado de televisão, observe os visitantes, optando por não responder aos visitantes indesejados. Assinale-se ainda que não foi entregue qualquer carta ou encomenda naquela morada durante os dez dias.

Por todas as razões apontadas, a única maneira por nós encontrada no sentido de dar seguimento à investigação foi seguir o *Mercedes-Benz* e tentar descobrir para onde se dirigia. Seguir aquele reluzente *Mercedes* que percorria as ruas da cidade a velocidade reduzida, não se revelou tarefa difícil, mas apenas nos foi possível fazê-lo até ao momento em que o carro penetrou no parque de estacionamento subterrâneo de um hotel de cinco estrelas de Akasaka. A entrada do estacionamento encontra-se protegida por um guarda de uniforme e por um sistema de vigilância que impede a entrada a todos os que não possuem credencial própria para o efeito. Como tal, o veículo por nós conduzido viu-se impedido de passar dali. Aquele hotel é muitas vezes palco de conferências e encontros internacionais, pelo que ali se encontram habitualmente alojadas muitas personalidades influentes vindas um pouco de toda a parte. A fim de garantir a necessária privacidade aos clientes normais, o hotel dispõe de estacionamentos exclusivos para clientes VIP, com medidas especiais destinadas a proteger a sua segurança e a sua privacidade. Os espaços de estacionamento privados dispõem de ascensores independentes sem qualquer sinalização exterior, a fim de impedir que, do exterior, se possa saber qual o andar em que param. Quer isto dizer que podem entrar e sair sem serem vistos por ninguém. Ao que tudo indica, o *Mercedes* dispõe de lugar reservado num destes estacionamentos destinados aos hóspedes mais importantes. A julgar pela sucinta e cautelosa explicação que nos foi dada pela direcção do hotel, estes espaços são alugados «normalmente», e por uma tarifa especial, apenas a empresas com personalidade jurídica que cumpram determinados requisitos após «aturada investigação», ainda que não nos tenha sido possível apurar informação pormenorizada sobre as condições de uso e sobre os respectivos utilizadores do espaço.

O hotel dispõe de uma galeria comercial, cafetarias, restaurantes, quatro salões para banquetes e casamentos e três salas de conferência, o que significa que um número indeterminado de pessoas entra e sai de manhã à noite. Como tal, torna-se impossível apurar a identidade dos ocupantes do *Mercedes*, a não ser que se seja portador, para o efeito, de alguma autorização especial. Quem sai do veículo apanha de imediato o elevador privado até ao andar desejado e, uma vez ali, perde-se no meio dos restantes hóspedes. É evidente que o sistema de segurança montado prima pela perfeição, o que nos leva a constatar tratar-se de uma utilização quase abusiva do poder e do dinheiro. De entre as explicações oferecidas pela direcção do hotel, pudemos concluir que alugar e utilizar um dos espaços de estacionamento reservados aos VIP não é fácil. Por certo que na mencionada «investigação rigorosa» levada a efeito contará a opinião das autoridades responsáveis pela protecção dos mais altos dignitários estrangeiros, o que, por conseguinte, indica a existência de ligações políticas. Não basta pagar uma importante quantidade de dinheiro, ainda que, escusado dizer, a riqueza seja uma condição indispensável.

(Omite-se qualquer referência aos rumores segundo os quais a «mansão dos enforcados» seja utilizada por uma seita religiosa agrupada em torno de uma importante figura política.)

Medusas de todo o mundo

A metamorfose

À hora combinada, sento-me à frente do computador de Canela e, depois de introduzir a *password*, acedo ao painel de comunicações. Digito o número que me tinha sido dado por Ushikawa. Ao todo, demoro cinco minutos até estabelecer ligação. Entretanto, bebo o café que acabei de fazer, procurando dominar a ansiedade. A verdade, porém, é que o café não sabe a nada e o ar que respiro, de cortante, fere-me os pulmões.

Pouco depois, ouve-se o sinal acústico e aparece no ecrã uma mensagem que indica que a ligação foi estabelecida. A seguir trato de fazer «clique» no sítio que determina que a chamada será a pagar pelo destinatário. Tomo precauções a fim de evitar que o uso que faço do computador fique registado. Canela não precisa de saber que eu estou a usar o computador dele (não está, contudo, nas minhas mãos assegurá-lo: aquele é o *seu* labirinto, eu não sou mais do que um intruso destituído de poder).

Ao fim de algum tempo, mais tempo do que eu previra, lá aparece no ecrã a mensagem que indica que a pessoa que está do outro lado aceita a comunicação. Algures, no outro lado do fio que corre por entre a escuridão subterrânea de Tóquio, é possível que esteja Kumiko. Também ela sentada diante do monitor, com as mãos sobre o teclado. Na realidade, a única coisa que vejo pela frente é o ecrã do monitor, que emite uns pequenos ruídos mecânicos, electrónicos. Faço «clique» no painel, escolho *chat mode* e começo a teclar as frases que tantas e tantas vezes formulei mentalmente.

> Tenho uma pergunta. Não é uma pergunta difícil, mas preciso de uma prova de que és realmente tu que estás desse lado. Antes de nos casarmos, quando saímos juntos pela primeira vez, fomos ao aquário. Podes dizer-me o que mais despertou a tua atenção?

Depois de ter escrito o texto, faço um clique para enviar (**Podes dizer-me o que mais despertou a tua atenção?**) Depois mudo para *receive mode*.

A resposta chega após um breve intervalo. Uma resposta curta.

> Medusas. Medusas de todas as partes do mundo.

A minha pergunta e a resposta à minha pergunta estão dispostas na metade superior e na metade inferior do ecrã. Fico a olhar para as palavras alinhadas durante algum tempo. Medusas de todas as partes do mundo. Era Kumiko, sem dúvida. Mas o facto de ser Kumiko quem está de facto do lado de lá só serve para me provocar sofrimento. Sinto como se me abrissem o corpo e me arrancassem as entranhas. *Por que carga de água é que só podemos falar deste modo um com o outro?* Por agora, não tenho outro remédio senão aceitar as regras do jogo. Escrevo.

> Começo pela boa notícia. O gato voltou para casa esta Primavera. Estava muito magrinho, mas encontrava-se perfeitamente bem e não tinha nenhuma ferida. Desde essa altura nunca mais se afastou de casa. Bem sei que deveria ter-te consultado antes, mas achei melhor dar-lhe

outro nome. Agora chama-se *Cavala*. Como o peixe. Entendemo-nos às mil maravilhas. É uma boa notícia, não achas? ←

Passa um certo tempo. Não consigo perceber se é um lapso de tempo normal próprio das comunicações deste género ou se se trata de um silêncio por parte de Kumiko.

> Fico muito contente por o gato estar vivo. Estava preocupada com ele. ←

Bebo um gole de café para molhar a boca, que está seca. Ataco outra vez as teclas.

> E, agora, as más notícias. Tirando o regresso do gato, receio bem que tudo o resto sejam más notícias. Para começar, ainda não fui capaz de decifrar nenhum dos enigmas.←

Voltei a ler o que tinha acabado de escrever no ecrã e continuei:

> Primeiro enigma: Onde é que estás? Que fazes? Por que continuas longe de mim? Por que é que te recusas a ver-me? Existe alguma razão concreta? Quero dizer, há tantas coisas de que teríamos de falar cara a cara. Não te parece?←

Kumiko demora um certo tempo a responder. Imagino-a sentada defronte do teclado, concentrada, a morder os lábios. Pouco depois o cursor começa a percorrer o ecrã, seguindo o movimento dos seus dedos.

> Tudo o que tinha para te dizer, pu-lo por escrito na carta que te enviei. O que gostava que compreendesses é que, de certa maneira, já não sou a Kumiko que conheceste. As pessoas passam a vida a mudar, por todas as razões e mais alguma, e há casos em que essa metamorfose estraga tudo e mudam para pior. É por isso que não me quero encontrar contigo. E é por isso que não quero voltar para ti.←

O cursor pára por momentos e fica ali a piscar, como se estivesse à procura de palavras. Deixo-me estar durante dez ou vinte segundos de olhos fixos no ecrã, à espera que se formem novas palavras. *Há casos em que essa metamorfose estraga tudo?*

> Desejo que me esqueças o mais rapidamente possível. O melhor que nos pode acontecer seria ficarmos oficialmente divorciados, a fim de tu começares uma nova vida. O lugar onde me encontro e o que estou a fazer de pouco ou nada interessa. Neste momento, o que mais importa, isso sim, é que tu e eu estamos separados, cada qual no seu mundo distinto. E que não é possível voltar atrás. Por favor, tenta compreender que falar contigo assim é uma coisa que me é extremamente penosa, para não dizer que me parte o coração. Nem tu imaginas de que maneira...←

Releio as palavras de Kumiko várias vezes. Não detecto nelas o mínimo sinal de hesitação, o que significa que estão cheias de uma convicção profunda e dolorosa. É provável que as tenha repetido para si mesma, na sua cabeça, mil e uma vezes. Apesar de tudo, tenho de ver se consigo fazer vacilar aquela sólida muralha de convicções. Volto ao teclado.

> O que dizes não deixa de ser um bocadinho vago, para não dizer confuso e difícil de compreender. O que é que queres dizer com isso de «ficar tudo estragado»? Não percebo. Os tomates estragam-se, os guarda-chuvas estragam-se. Até aí, entendo. Que os legumes apodrecem e os objectos se partem, empenam e enferrujam, não é novidade nenhuma. Agora, tu? Confesso que não tenho nenhuma imagem concreta do que isso poderá significar. Dizias-me na tua carta que tinhas ido para a cama com outro homem, será a isso que te referes, quando dizes que «te estragaste»? É óbvio que não vou negar que isso constituiu um choque para mim, mas quer-me parecer que isso está longe de «estragar» uma pessoa...←

Segue-se um longo silêncio. Chego a recear que Kumiko se tenha ido embora, deixando a

comunicação a meio. Finalmente aparecem outras vez as palavrinhas escritas por ela, uma após a outra.

> Também é isso, mas não só.←

Mais um longo silêncio.

> Aquilo foi apenas uma manifestação. Para uma pessoa ficar «estragada» é preciso um período maior de tempo. Isto é algo que ficou decidido há mais tempo, por outra pessoa, sem que eu tenha sido tida nem achada, algures num quarto mergulhado nas trevas. Quando te conheci e casámos, pareceu-me que se abria diante de mim uma nova oportunidade. Julguei ter encontrado uma saída. Afinal, não passava tudo de uma ilusão. Há sinais para tudo, daí que eu me tenha empenhado tanto em encontrar o gato, quando ele desapareceu daquela vez.←

Fiquei a olhar para a mensagem no ecrã, mas a flecha que apontava para o fim da mensagem nunca mais aparecia. Continuava em *receive mode*. Kumiko estava a pensar na melhor maneira de continuar. *Para uma pessoa ficar «estragada» é preciso um período maior de tempo*. O que estaria ela a tentar dizer-me? Concentrei a minha atenção no ecrã, mas há como que uma parede invisível. Uma vez mais, os caracteres começam a alinhar-se.

> Gostaria que viesses as coisas deste ângulo, se possível: imagina que eu padeço de uma doença incurável que faz com que o meu rosto e o meu corpo se vão deformando, uma doença que me conduz à morte. É apenas uma metáfora. Claro que o meu rosto e o meu corpo não estão a ficar deformados, mas a comparação aproxima-se bastante do que me está a acontecer na realidade. E é por isso que não quero voltar a encontrar-me contigo. Bem sei que um exemplo assim tão vago não te vai ajudar a compreender a minha situação. Também não espero convencer-te de coisa alguma. Tenho muita pena, mas de momento não posso adiantar mais nada. Só te peço que aceites os factos como eles são.←

Uma doença incurável.

Confirmo que estou no modo de enviar e ponho-me a teclar:

> Se me pedes que aceite esta comparação, estou pronto a fazê-lo. Mas há uma coisa que não consigo entender. Partindo do princípio, como tu dizes, de que estás «estragada» ou que padeces de uma «doença incurável», por que é que, de entre todas as pessoas, sentiste necessidade de procurar refúgio junto de Noboru Wataya? Por que é que não ficaste aqui comigo? Não foi para isso que nos casámos?←

Silêncio. Um silêncio tão palpável que podia sopesá-lo, manipulá-lo. Com os dedos de ambas as mãos entrelaçados sobre a mesa, respiro fundo várias vezes, enquanto espero pela resposta.

> Pelo facto de me encontrar aqui, independentemente de gostar ou não, isso significa que é este o lugar certo. O lugar onde devo estar. Não tenho o direito de escolher. Mesmo que quisesse encontrar-me contigo, não o poderia fazer. Pensas que não tenho vontade de te ver?←

Uma pausa, como se estivesse a recuperar o fôlego, antes de continuar a mexer os dedos sobre o teclado.

> Não me faças sofrer mais. A única coisa que está nas tuas mãos é esquecer-me rapidamente. Apagar da tua memória o tempo em que vivemos juntos. É o melhor para ambos. Estou profundamente convencida disso.←

Agora é a minha vez de responder.

> Dizes-me para esquecer tudo. Pedes-me que te deixe em paz. E, ao mesmo tempo, chega até mim, de uma parte qualquer do mundo, a tua voz a pedir a minha ajuda. Uma voz débil e

distante, é certo, mas que chega até mim com nitidez no silêncio da noite. Essa voz é, sem sombra de dúvida, a *tua voz*. Aceito o facto de que existe algures uma Kumiko que procura afastar-se de mim, e até percebo que ela tenha as suas razões para o fazer. A verdade, porém, é que também existe outra Kumiko que procura desesperadamente voltar para mim. É nisto que acredito piamente. Digas o que disseres, não posso deixar de escutar a Kumiko que reclama a minha ajuda e procura aproximar-se de mim. Digas tu o que disseres, por mais legítimas que sejam as tuas razões, não posso esquecer assim facilmente nem expulsar da minha memória o tempo que vivi ao teu lado. Porque isso foi uma coisa que aconteceu de facto na minha vida, é impossível esquecê-lo por completo. Seria o mesmo que apagar a minha pessoa da face da Terra. Para que isso aconteça, preciso que me dês uma boa razão.←

Mais um vazio. Dá para captar perfeitamente o silêncio através do monitor. Esse silêncio escapa-se por um ângulo do ecrã e flutua por todo o quarto, como fumo denso. Conheço bem os silêncios de Kumiko. Quantas vezes não senti na pele aqueles silêncios ao longo da nossa vida em comum! Agora Kumiko deve estar a reter a respiração, de testa franzida, a tentar concentrar-se à frente do computador. Estendo o braço, bebo um gole de café frio. Com a chávena vazia nas mãos faço o mesmo que ela, que é como quem diz, retenho a respiração e fixo o ecrã. Estamos ambos unidos pelos laços do mais profundo silêncio que passa através da parede que separa os nossos dois mundos. Mais do que tudo, penso que precisamos um do outro. Tenho a certeza disso.

> Não percebo o que dizes.←

> Percebo eu.←

Pouso a chávena de café na escrivaninha e digito o mais rápido possível, como se quisesse agarrar a cauda do tempo que me escapava por entre os dedos.

> Percebo que quero chegar, quanto antes, ao lugar onde te encontras, onde se encontra a Kumiko que chama por mim e me pede ajuda. Para mal dos meus pecados ainda não descobri maneira de chegar até lá, nem o que diabo me espera nesse lugar. Desde que fugiste, vivi com a sensação constante de ter sido atirado para as trevas mais profundas. E, contudo, aos poucos, sinto que me estou a aproximar do coração do problema. Estou mais próximo desse lugar, mais próximo de ti, quero que saibas disso. Estou mais perto e faço tenções de me aproximar ainda mais.←

Pouso as mãos no teclado, à espera da resposta.

> Não percebo, estou a falar a sério.←

Kumiko tecla estas palavras e dá por terminada a comunicação:

> Adeus.←

O ecrã indica que Kumiko abandonou a sessão. A conversa chegou ao fim. Apesar disso, deixo-me ficar ali, à espera não sei do quê. Pode ser que Kumiko reconsidere e volte a estar em linha. Pode ser que se tenha esquecido de me dizer alguma coisa. Kumiko, porém, não volta. Após uma espera de vinte minutos, renuncio a essa ideia. Deixo o ecrã ligado, levanto-me e vou à cozinha beber um copo de água fria. Por momentos fico parado diante do frigorífico, com a mente em branco, tentando respirar normalmente. À minha volta reina um profundo silêncio. Dá-me a sensação de que o mundo inteiro está de ouvido à escuta, atento aos meus próximos pensamentos, mas o certo é que não consigo pensar em coisa nenhuma. Tenho muita pena, mas não me ocorre rigorosamente nada.

Regresso ao meu posto diante do computador, sento-me, releio atentamente a conversa transcrita no ecrã azul, do princípio ao fim. Aquilo que eu disse e aquilo que foi dito por ela. As minhas perguntas e as respostas dela. A nossa conversa permanece representada graficamente no ecrã, tal qual, e dir-se-ia que há nela qualquer coisa de estranhamente vivo. Ao ler aquelas frases, é a voz de Kumiko que oiço. Reconheço a sua entoação, as mudanças subtis, as pausas, as hesitações. O cursor continua a piscar no final da última linha. Com a regularidade de um coração que bate, à espera da próxima palavra, contendo o fôlego. Mas não há mais palavras.

Gravo toda a nossa conversa inscrita no ecrã (pareceu-me melhor não imprimir o texto), faço clique para sair do programa. Dou ordem para a troca de mensagens não ficar gravada. Desligo o computador. Com um último sinal electrónico, o ecrã fica branco e morre. O monótono ruído mecânico é absorvido pelo silêncio da sala. Como as imagens ainda vivas de um sonho rasgado pelas garras de coisa nenhuma.

Não sei quanto tempo passou. Quando dou por mim, continuo sentado à secretária, a olhar fixamente para as minhas mãos. Nas minhas mãos perduram as marcas do meu prolongado olhar pleno de interrogações.

«Para uma pessoa ficar *estragada* é preciso muito tempo.»

Quanto tempo é muito tempo?

Contar carneiros

O que existe no centro do círculo

Alguns dias após a visita de Ushikawa, pedi a Canela para me levar todos os dias um jornal diário. Estava na altura de começar a pôr-me em contacto com o mundo exterior. De qualquer maneira, por mais que o quisesse evitar, eles tratariam de aparecer quando chegasse o momento.

Canela assentiu com a cabeça e, a partir daí, começou a aparecer todas as manhãs com três jornais debaixo do braço. Há tanto tempo que deixara de ler jornais que o próprio acto de os folhear provocou em mim uma sensação estranha. O conteúdo parecia-me frio e vazio. O intenso cheiro a tinta provocou-me dores de cabeça. As colunas, com aqueles batalhões de pequeninos caracteres a negro, eram como facas espetadas nos olhos, deixando-me cego. A distribuição das letras, a composição dos títulos na página, tudo aquilo me parecia irreal. Por mais de uma vez fui obrigado a desviar os olhos e a baixar os jornais, ao mesmo tempo que respirava fundo. Nunca na minha vida me acontecera tal coisa. Dantes, ler o jornal era a coisa mais natural do mundo. O que teria acontecido para os jornais mudarem tanto? Ou talvez não fossem os jornais que estavam diferentes. Se calhar, *era eu que tinha mudado*.

Depois de os ler, entrou-me pelos olhos dentro uma verdade: Noboru Wataya estava a consolidar a passo de gigante a sua posição na sociedade. A par da sua ambiciosa carreira política na Dieta, publicava regularmente uma coluna de opinião num jornal, escrevia para diversas revistas e aparecia na televisão como comentador fixo. O seu nome começava a aparecer em tudo o que era sítio. Por uma qualquer razão que não descortino, toda a gente parecia escutar as suas opiniões – e com crescente entusiasmo. Acabara de aparecer na cena política e já era citado como um dos jovens políticos que mais prometiam e de quem toda a gente esperava grandes feitos no futuro. Foi eleito o político japonês mais popular num inquérito realizado por uma revista feminina. Era considerado o representante emblemático de uma nova geração de políticos, ao mesmo tempo intelectual e vocacionado para a acção.

Pedi a Canela que me comprasse, juntamente com outras, para não despertar a atenção, as revistas em que os seus artigos apareciam publicados. Canela passou os olhos pela lista e guardou-a no bolso do casaco sem mostrar particular interesse. No dia seguinte, apareceu com uma mão-cheia de revistas e jornais diários e deixou-os ficar em cima da mesa. A seguir, como era seu costume, pôs-se a fazer a limpeza da casa ao som de música clássica.

Recortei com ajuda de uma tesoura todos os artigos assinados por Noboru Wataya e arqueei-os. O dossiê engordava enquanto o diabo esfregava um olho. Depois de ter lido tudo e mais alguma coisa acerca do destacado papel desempenhado por Noboru Wataya nos acontecimentos políticos do dia-a-dia, virei-me para a minha cada vez maior colecção de obras sobre a Manchúria, tudo livros que Canela se encarregara entretanto de me arranjar. Nem mesmo assim, contudo, logrei escapar à

sombra de Noboru Wataya. Por exemplo, certa vez fui dar com um livro sobre problemas logísticos. Publicado em 1978, a cópia que existia na biblioteca tinha sido emprestada apenas uma vez, quando o livro era novo, e devolvido pouco tempo depois. Se calhar só mesmo o tenente Mamiya e os seus correligionários é que tinham interesse nas questões logísticas que diziam respeito ao estado de Manchukuo.

Segundo o autor do livro, no início da era Showa o exército imperial japonês aventava a hipótese de equipar as suas tropas com uma grande quantidade de roupa de Inverno, como forma de lutar contra a guerra prevista contra a União Soviética. O Exército de Terra não possuía experiência de combate em regiões tão frias como a Sibéria e tornava-se imperativo dotá-lo de equipamento que permitisse aos soldados estarem protegidos contra as baixíssimas temperaturas. Caso a guerra devido a um incidente fronteiriço estalasse (coisa de todo impensável), o exército não estava preparado para uma longa campanha de Inverno. Foi assim que o Estado-Maior criou uma comissão de estudo para enfrentar uma hipotética guerra contra a União Soviética, grupo de trabalho esse encarregado de realizar, para o departamento de logística, um relatório rigoroso sobre o equipamento dos soldados para zonas muito frias. A fim de dar seguimento à missão, os membros da dita comissão seguiram viagem até ao extremo norte da ilha de Sacalina, desde há muito ponto de discórdia entre a Rússia czarista e a então União Soviética. Aí, experimentaram na pele os verdadeiros rigores do Inverno, utilizando um verdadeiro pelotão de combate paratestar roupa interior, casacos e botas impermeáveis contra o frio. Estudaram a fundo os equipamentos utilizados pelas tropas soviéticas e a indumentária do exército de Napoleão na sua campanha contra a Rússia e chegaram à conclusão de que era impossível os soldados japoneses sobreviverem ao Inverno na Sibéria com o seu equipamento habitual. Dois terços dos soldados de infantaria, calcularam eles, ficariam fora de combate, vítimas de enregelamento. O equipamento de frio do Exército da Terra havia sido concebido a pensar nos Invernos da China do Norte, e, para além disso, em quantidade insuficiente. A comissão de estudo calculou o número exacto de carneiros imprescindíveis para confeccionar indumentárias eficazes contra o frio siberiano para os soldados das dez divisões (corria a piada no seio do grupo de trabalho que estavam tão ocupados a contar carneiros que nem tempo tinham para dormir!), ao mesmo tempo que calculava também as infra-estruturas necessárias para o fabrico da lã, e apresentou finalmente o seu estudo.

A acreditar no relatório, numa situação de bloqueio efectivo ou de sanções económicas, e no caso de uma guerra prolongada a norte contra a União Soviética, o número de ovelhas criadas no Japão era, a todos os títulos, insuficiente. Como tal, seria indispensável assegurar, a partir da Manchúria e da Mongólia, um fornecimento constante de lã (sem esquecer as peles de coelhos e outras), assim como a instalação de centros para o seu processamento artesanal. E foi o tio de Noboru Wataya que, no ano de 1932, se dirigiu ao recém-formado Estado de Manchukuo a fim de estudar a situação! A sua missão consistia em calcular quanto tempo seria necessário para tornar efectivo um tal fornecimento. Chamava-se ele Yoshitaka Wataya e era um jovem tecnocrata, recém-saído da academia militar e especialista em logística.

Em Mundken, um conhecido do tio de Noboru Wataya apresentou-o ao general Kanji Ishiwara⁴⁷ e passaram os dois a noite a beber e a conversar. Kanji Ishiwara. Aí estava outro nome que eu bem conhecia. Ishiwara percorrera todo o território chinês e estava convencido de que a guerra contra a União Soviética era inevitável e, ao mesmo tempo, de que a chave da vitória consistia no reforço da logística e na industrialização acelerada do novo império da Manchúria, bem como no

estabelecimento de uma economia auto-suficiente no recém-criado Estado de Manchukuo. Estes argumentos foram por ele expostos com eloquência e paixão, ao mesmo tempo que defendia a importância de estabelecer colonos japoneses a fim de organizar a agricultura e aumentar o rendimento agrícola e o nível de eficiência. Ishiwara era da opinião de que não se devia converter o Manchukuo numa colónia do Japão, como a Coreia e Taiwan, mostrando-se senhor de um admirável realismo ao considerar que devia transformar-se, isso sim, num novo modelo de nação asiática, capaz de funcionar como base logística em caso de guerra contra a União Soviética, ou até mesmo contra os Estados Unidos e a Inglaterra. Estava persuadido de que, naquela época, o único país da Ásia capaz de levar por diante uma guerra contra o Ocidente («guerra final», era como ele lhe chamava) era o Japão e de que as outras nações asiáticas tinham o «dever» de colaborar com o Japão a fim de se libertarem do jugo ocidental. Entre os generais e oficiais do exército imperial japonês, ninguém possuía o grau de erudição de Ishiwara nem ninguém manifestava tanto interesse pelas questões de logística. Na sua maioria, os militares menosprezavam as questões logísticas, que consideravam «efeminadas», convencidos de que a «via do guerreiro»⁴⁸ era lutar até à morte, sem olhar à precariedade do seu próprio equipamento. Para eles, a verdadeira glória militar consistia em enfrentar um inimigo poderoso, superior em número e armamento, e alcançar a vitória. Ir ao encontro do inimigo e dar cabo dele tão depressa «que não desse tempo à intendência de chegar»: era essa a súpula da glória.

Aos olhos de Yoshitaka Wataya, considerado por excelência um tecnocrata, semelhantes ideias não passavam de uma perfeita estupidez. Começar uma guerra de longa duração sem o adequado suporte logístico equivalia ao suicídio. A União Soviética havia incrementado e modernizado o seu armamento graças aos planos económicos quinquenais estabelecidos por Estaline. Esse banho de sangue que havia sido, durante cinco anos, a Primeira Guerra Mundial, tinha destruído por completo os valores do velho mundo, e a guerra mecanizada revolucionara os conceitos de estratégia e de logística nos países europeus. O tio de Noboru Wataya, que durante dois anos tinha vivido em Berlim na qualidade de adido militar, sabia disso melhor que ninguém, mas a maior parte dos militares japoneses vivia ainda num clima de euforia (ainda não lograra superar a euforia) provocado pela sua exaltante vitória frente à Rússia, trinta anos antes.

Regressado à pátria, Yoshitaka Wataya mostrara continuar a ser um fervoroso admirador da visão do mundo e das teorias lúcidas defendidas por Ishiwara, e a amizade entre ambos resistiu à passagem do tempo. Mais tarde, quando Ishiwara fora repatriado da Manchúria e enviado para Maizuru como comandante da fortaleza, continuou a visitá-lo frequentemente. O relatório, conciso e meticoloso, apresentado por Wataya sobre as possibilidades de criação de rebanhos de ovelhas e as instalações para o fabrico de lã foram muito bem recebidos no quartel-general. Todavia, em virtude da dolorosa derrota em Nomonhan, no ano de 1939, e do reforço das sanções económicas da parte da Inglaterra e dos Estados Unidos, a atenção dos militares foi sendo pouco a pouco desviada para o Sul da Ásia, e os relatórios da comissão de estudo acerca de uma hipotética guerra com a União Soviética ficaram em águas de bacalhau. Diga-se, em abono da verdade, que um factor importante que contribuiu para o facto de o incidente de Nomonhan terminar rapidamente, no princípio do Outono, sem correr o risco de se transformar num incidente em grande escala, foi precisamente o relatório conclusivo da equipa de investigação, assinalando «a impossibilidade de levar por diante uma campanha de Inverno contra o exército soviético com as actuais condições de aprovisionamento». Quando o vento outonal começou a soprar, o Estado-Maior General lavou rapidamente as mãos, num gesto sem precedentes

no exército japonês, regra geral obcecado com a preocupação de manter as aparências, e, mediante um processo de negociações diplomáticas, cedeu à Mongólia Exterior e ao exército soviético uma estreita faixa em plena estepe de Hulunbuir.

Num dos seus artigos, Noboru Wataya contava que, aquele episódio, ouvira-o primeiro da boca do tio, e depois prosseguia com uma dissertação topográfica sobre economia regional, tomando como modelo as linhas de abastecimento bélico. No entanto, o que despertou a minha atenção foi o facto de o tio de Noboru Wataya ter sido um tecnocrata ao serviço do Estado-Maior imperial e de ter estado ligado à batalha de Nomonhan. Yoshitaka Wataya foi expulso do seu posto de oficial pelo exército de ocupação chefiado pelo general MacArthur e, durante uns tempos, viveu retirado do mundo em Niigata, sua terra natal; porém, uma vez prescritas as penas de expulsão, regressou à política e apresentou-se às eleições pelo Partido Conservador, tendo sido eleito senador em duas ocasiões e passando depois para a Câmara de Deputados. Nas paredes do seu escritório estava pendurada uma citação assinada por Kanji Ishiwara.

Não faço ideia que tipo de membro da Dieta tinha sido o tio de Noboru Wataya, nem quais os seus feitos no campo da política. Havia desempenhado funções de ministro uma vez e, pelos vistos, tinha bastante influência na sua circunscrição eleitoral, ainda que não tivesse chegado a ser um líder no plano nacional. E, agora, o seu sobrinho Noboru Wataya tinha herdado a sua esfera de influência política.

Pus o livro de lado e deixei-me ficar ali, de braços cruzados atrás da cabeça, a olhar distraidamente na direcção do portão do jardim. Faltava pouco para o portão se abrir e dar passagem ao *Mercedes-Benz* conduzido por Canela. Como de costume, viria acompanhado de uma «cliente». Aquelas «clientes» e eu encontrávamo-nos ligados pela mancha na minha cara. Também estou ligado pela mancha ao avô de Canela (e pai de Noz-Moscada). Por seu turno, ao avô de Canela e ao tenente Mamiya, unia-os a cidade de Hsin-ching. Ao tenente Mamiya e ao clarividente senhor Honda, unia-os uma missão especial na fronteira entre a Manchúria e a Mongólia. Kumiko e eu fomos apresentados ao senhor Honda pela família de Noboru Wataya. E o tenente Mamiya e eu estamos ligados pelas respectivas experiências no interior de um poço. O que diz respeito ao tenente Mamiya ficava na Mongólia, o que me diz respeito situa-se na mansão onde presentemente me encontro. Por outro lado, nesta mesma propriedade viveu em tempos um oficial do exército que chefiou tropas na China. Uns e outros, encontramos-nos todos ligados, fazemos todos parte do mesmo círculo, no centro do qual se destacam a Manchúria ao tempo antes da guerra, o continente chinês, o incidente de Nomonhan em 1939. Só não compreendo é a razão pela qual Kumiko e eu fomos tidos e achados neste encadeamento de causa e efeito e arrastados para toda esta história. Tudo coisas que aconteceram muito antes de ela e eu termos nascido.

Sentei-me à escrivaninha de Canela e pus os dedos em cima do teclado. Ainda guardava a sensação despertada pela minha conversa com Kumiko. Tenho a certeza de que Noboru Wataya interceptou a nossa comunicação. Está apostado em ficar a saber qualquer coisa mais. Decerto não fora por amabilidade que havia arranjado aquele esquema. O mais certo era ele e os seus homens, através do programa do computador de Canela, arranjam maneira de ter acesso aos segredos que se escondem nesta casa. Não que essa questão me preocupe demasiado. A profundidade deste computador é proporcional à profundidade de Canela. E eles não têm maneira de saber até que ponto

as trevas são impenetráveis.

47 Esta figura existiu na realidade (1889-1949). Partidário do controlo sobre a Manchúria, foi integrado em 1935 no Estado-Maior General das Forças Armadas, que se recusou a aceitar as suas ideias sobre a guerra moderna. (*N. da T.*)

48 Código de honra dos samurais (*bushi*), isto é, *bushido*. (*N. da T.*)

O semáforo passa a vermelho

Um braço tentacular

Quando chegou à mansão, no dia seguinte, eram nove da manhã, Canela não vinha sozinho. No assento ao lado do condutor estava a sua mãe, Noz-Moscada. Há mais de um mês que Noz-Moscada não dava um ar da sua graça. Da última vez apresentara-se igualmente sem aviso prévio, sempre acompanhada do filho, tomara um pequeno-almoço frugal na minha companhia, ficara a conversar comigo de tudo e de nada e partira de novo ao fim de uma hora.

Canela pendurou o casaco no cabide e, sempre a ouvir o *Concerto Grosso* de Händel (andava há três dias a escutar a mesma coisa), apareceu na cozinha, preparou chá e torradas para Noz-Moscada, que ainda não havia comido nada. O pão ficou tostado no ponto, mais pareciam aquelas torradas que se vêem nos anúncios de televisão. A seguir, como era seu hábito, Canela limpou a cozinha e deixou tudo em ordem. Noz-Moscada e eu sentámo-nos a uma mesinha e bebemos o nosso chá. Noz-Moscada comeu apenas uma fatia de pão, depois de a barrar com uma fina camada de manteiga. Lá fora caía uma chuva gelada, quase granizo. Noz-Moscada pouco ou nada disse, e comigo aconteceu o mesmo – apenas duas ou três observações acerca do tempo. Contudo, via-se perfeitamente que ela tinha qualquer coisa para me dizer. Adivinhava-se pela expressão do seu rosto, pela sua maneira de falar. Partia a torrada em pedacinhos do tamanho de um selo e levava-os à boca, um de cada vez. De vez em quando lançávamos o nosso olhar para o lado de fora da janela, como se a chuva fosse uma velha amiga comum, de longa data.

Quando Canela acabou de arrumar a cozinha e começou na lida da casa, Noz-Moscada levou-me com ela à «sala de provas», reprodução exacta, tamanho e tudo, da que havia no *atelier* de Akasaka. Como seria de esperar, também aqui as janelas tinham cortinas duplas corridas, que até de dia deixavam a sala mergulhada na penumbra. As cortinas só eram abertas dez minutos por dia, quando Canela fazia a limpeza. Havia um sofá de pele, uma mesinha baixa com uma jarra de vidro sempre cheia de flores, e um candeeiro de pé. No meio da sala via-se uma mesa de trabalho e, sobre o tampo, tesouras, amostras de tecido, uma caixa de costura de madeira com agulhas e linhas, lápis, um caderno de esboços (com alguns modelos desenhados) e vários utensílios profissionais que eu não sabia nem que nome tinham nem para que serviam. Na parede havia ainda um grande espelho de corpo inteiro. A um canto estava um biombo para quem quisesse mudar de roupa. Todas as «clientes» eram sempre conduzidas a esta salinha.

Não faço a mínima ideia por que razão Noz-Moscada e o seu filho fizeram questão de ter naquela sala uma cópia exacta do original salão de provas de Akasaka. Estariam eles (ou elas, as visitas) assim tão habituados àquele cenário, ao ponto de não conseguirem arranjar mais nenhuma ideia para decorar a sala? Também podiam fazer-me a pergunta ao contrário: qual é o problema da sala de provas? Quaisquer que fossem as razões, eu, pela parte que me tocava, gostava bem daquela salinha.

Era única, diferente de todas as outras, e o facto de me saber ali, no meio de todos aqueles artigos de costura, produzia em mim uma estranha sensação de tranquilidade. Uma atmosfera algo surrealista, é certo, mas não antinatural.

Noz-Moscada convidou-me a sentar no sofá de pele e ocupou o lugar ao meu lado.

– Então, como é que te sentes?

– Bem – respondi.

Ela trazia um fato de saia-e-casaco de um verde-vivo. A saia era curta, e uma fileira de botões hexagonais fechava o casaco até ao pescoço, à imagem e semelhança das vestes indianas que Neru costumava usar. Os ombros tinham chumaços do tamanho de pequenos pães. Lembrou-me um filme de ficção científica que vira uma vez, há muitos anos. As mulheres que entravam na fita vestiam quase todas fatos parecidos com o de Noz-Moscada, e viviam numa cidade futurista.

Noz-Moscada usava uns grandes brincos de plástico da mesma cor do fato. Um verde intenso, de um tom peculiar, que parecia resultar da combinação de várias cores. A não ser que fosse ao contrário e, nesse caso, o fato tivesse sido feito a combinar com os brincos – como um nicho na parede ajustado à medida do frigorífico. Não era uma maneira de ver as coisas má de todo, pensei. À chegada, apesar da chuva que se fazia sentir, ela trazia óculos escuros, e as lentes, se não me engano, eram verdes. As meias, também. Decididamente, devia ser o dia do verde.

Com uma sucessão de movimentos lentos e fluidos, ela tirou o seu maço de tabaco de dentro da mala, pôs um cigarro na boca e acendeu-o com o isqueiro, retorcendo ligeiramente os lábios. Pelo menos o isqueiro não era verde, era aquele de ouro, achatado, com ar de ter sido caro. Vendo bem, o tom doirado combinava na perfeição com o verde. A seguir cruzou as pernas vestidas de verde. Examinou atentamente os dois joelhos, compôs a bainha da saia. O olhar estendeu-se à minha cara, como se fosse um prolongamento dos seus joelhos.

– Estou bem – repeti. – Como sempre.

Noz-Moscada assentiu com a cabeça.

– Não estás cansado? Não sentes necessidade de descansar, por exemplo?

– Não especialmente. Aos poucos, habituei-me a este trabalho, confesso que até me parece mais fácil, agora.

Noz-Moscada não disse nada. O fumo do seu cigarro subia a direito, formando uma linha parecida com a corda de um faquir indiano, até desaparecer, aspirado pela boca de ventilação que havia no tecto. Era o ventilador mais silencioso e mais potente que alguma vez vira.

– E a *senhora*, como é que está? – perguntei.

– Eu?

– Não *está* cansada?

Noz-Moscada olhou para mim.

– Dou essa impressão?

A verdade é que tinha ficado com essa impressão, mal a vira chegar. Ela suspirou quando lho disse.

– Apareceu outro artigo sobre a casa na tal revista semanal, posta à venda esta manhã. Continua a «telenovela» dedicada ao «Mistério da Mansão dos Enforcados». Parece o título de um filme de horror.

– Já é o segundo, não é?

– Podes crer. Para dizer a verdade, saiu outro artigo sobre a casa numa outra revista, mas, por

sorte, não estabeleceu qualquer relação. *Por enquanto.*

– Descobriram alguma coisa? Quer dizer, a *nosso* respeito?

Ela deitou a mão ao cinzeiro e esmagou o cigarro, após o que abanou ao de leve a cabeça, em sinal de negação. Os seus brincos verdes oscilaram como duas borboletas no ar da primavera.

– Nada de especial – afirmou, e fez uma pausa. – Ninguém sabe quem somos nem o que fazemos aqui. Deixo-te ficar a revista, se te interessar podes ler o artigo. A propósito, alguém me disse que eras cunhado de um jovem político em ascensão. É verdade?

– Infelizmente – retorqui. – É o irmão mais velho da minha mulher.

– O irmão mais velho da tua mulher, aquela que *desapareceu*?

– Exactamente.

– E o teu cunhado por acaso está a par do que fazemos aqui?

– Sabe que venho até cá todos os dias, e que faço *qualquer coisa*, mas ignora concretamente o quê. Ele contratou alguém para investigar as minhas actividades. Dá-me a impressão de que anda desconfiado, mas não deve saber muito mais.

Noz-Moscada ficou por momentos a reflectir na minha resposta. Depois levantou o rosto e perguntou:

– O teu cunhado não é propriamente uma pessoa do teu agrado, pois não?

– Não gosto lá muito dele, não.

– E ele também não gosta de ti.

– E isso é dizer pouco.

– E agora as tuas actividades deixaram-no inquieto. Por que será?

– Deve recear que o escândalo se abata sobre ele, caso venha a saber-se que o cunhado anda implicado em algo de suspeito. É preciso não esquecer que ele é o homem do momento, por assim dizer. Não admira que a sua reputação lhe dê que pensar.

– Quer então dizer que não é provável que tenha sido ele a estar na origem das revelações saídas na imprensa acerca deste lugar?

– Para ser franco, não faço a mínima ideia de quais possam ser as intenções de Noboru Wataya. Diz-me o elementar bom senso que ele não teria nada a ganhar com isso, que é do seu interesse manter tudo isto em segredo e chamar o menos possível a atenção das pessoas.

Noz-Moscada ficou ali que tempos a fazer girar o minúsculo isqueiro entre os dedos. Dir-se-ia um pequeno moinho dourado num dia de pouco vento.

– Por que é que nunca me falaste no teu cunhado? – quis ela saber.

– Nem a si nem a *ninguém* – redargui. – Eu e ele nunca nos demos bem, desde que nos conhecemos, e agora quase nos odiamos. Não foi minha intenção escondê-lo, nem nada disso, simplesmente pensava que não havia necessidade de trazer o assunto à baila.

Noz-Moscada soltou um profundo suspiro.

– Devias ter sido sincero comigo.

– É possível – reconheci.

– Como deves saber, entre os teus «clientes» encontram-se pessoas ligadas ao mundo da política e das finanças. Pessoas *muito bem colocadas* e influentes. Importa salvaguardar, acima de tudo, a sua privacidade, daí que tenhamos adoptado todas estas precauções. Tens consciência disso, não tens?

Respondi que sim com a cabeça.

– Canela tem investido muito tempo e esforço para pôr a funcionar este sistema de segurança, tão

complexo quanto preciso. O labirinto de falsas empresas, os livros que tornam possível manter esta contabilidade dupla, o espaço de estacionamento reservado anonimamente no grande hotel de Akasaka, a rigorosa seleção de clientes, o controlo dos ganhos e das despesas, o desenho desta «mansão», saiu tudo da cabeça dele. E, até à data, o esquema funcionou quase na perfeição, de acordo com os planos dele. É evidente que custa muito dinheiro manter este esquema a funcionar, mas o dinheiro não é problema. O importante é que estas mulheres sintam que estão *inteiramente* protegidas.

– Está a querer dizer que a situação começa a revelar-se perigosa, é isso?

– Infelizmente, sim.

Noz-Moscada tirara um cigarro do maço, mantendo-o entre os dedos, sem o acender.

– E, como se não bastasse, o facto de o meu cunhado ser um político famoso aumenta o risco de escândalo.

– Exactamente – confirmou Noz-Moscada, formando com os lábios a caricatura de um sorriso.

– E qual é a análise que Canela faz da situação?

– Refugia-se no silêncio. Como uma grande ostra pousada no fundo do mar, mergulhou no mais profundo de si e fechou a porta, enquanto reflecte seriamente sobre o assunto.

Noz-Moscada olhava para mim fixamente. Passado um bocado, como se tivesse acabado de se lembrar que o tinha na mão, acendeu o cigarro. Depois disse:

– Ainda agora penso muito naquilo, sabes? Na morte do meu marido, na forma como o mataram. Por que é que ele foi assassinado daquela maneira tão horrível, as vísceras arrancadas, o quarto transformado num mar de sangue? Não consigo entender, por mais que pense nisso. O meu marido não merecia uma morte tão horrenda.

«Porém, não se trata apenas da morte do meu marido. Ao longo da minha vida, foram tantos os acontecimentos inexplicáveis que nem sei... Por exemplo, a verdadeira paixão que sinto pelo desenho de moda nasceu e morreu de repente; a forma como Canela perdeu a fala; o modo como me vi envolvida neste estranho trabalho que é o meu – é como se tudo tivesse sido habilmente e meticulosamente preparado do princípio ao fim, com o propósito de me trazer até aqui, onde me encontro hoje. Tenho a sensação de ser manipulada por um braço tentacular que se estende de muito longe, sinto que a minha vida mais não tem sido outra coisa senão uma simples passagem destinada a permitir que essas coisas aconteçam e se concretizem, através de mim.

Do quarto ao lado chegava até nós o ruído ténue do aspirador de Canela. Executava o seu trabalho dando mostras da mesma concentração sistemática de sempre.

– Nunca tiveste esta sensação? – perguntou-me ela.

– Não posso dizer que conheça a sensação de alguma vez ter sido manipulado, isso não – respondi. – Estou aqui porque é necessário, só por isso.

– Para tocar a flauta mágica e encontrar Kumiko.

– Isso mesmo.

– Andas à procura de alguma coisa – replicou ela, cruzando e descruzando devagar as pernas enfiadas nas meias verdes. – E tudo tem o seu preço.

Continuei calado.

Por fim, Noz-Moscada deu-me a conhecer a sua conclusão.

– Decidimos não trazer mais «clientes» durante uma temporada. Melhor dizendo, quem decidiu foi Canela. Com os artigos que saíram nas revistas e a entrada em cena do seu cunhado, o semáforo

passou de amarelo para vermelho. Ontem cancelámos todas as visitas, a começar hoje.

– Quanto tempo vai durar essa «temporada»?

– Até que Canela possa reparar as falhas no sistema de segurança e possamos ter a certeza de que o perigo passou por completo. Tenho muita pena, mas não queremos correr o mínimo risco. Canela continuará a vir, como de costume, mas acabaram-se as clientes.

Quando Canela e Noz-Moscada se foram embora, a chuva que caía desde manhã tinha parado por completo. Quatro ou cinco pardais lavavam escrupulosamente as penas numa poça formada no caminho de acesso. Quando desapareceu o *Mercedes* conduzido por Canela e o portão automático se fechou lentamente, sentei-me à janela, a contemplar o nublado céu de Inverno que os ramos das árvores deixavam entrever. Pensei naquele «braço tentacular que se estende de muito longe», de que Noz-Moscada me tinha falado. Imaginei esse braço emergindo por entre as nuvens baixas que cobriam o céu. Como uma ilustração sinistra de um livro qualquer.

Orelhas triangulares

O som das campainhas de trenó

Passei o resto do dia embrenhado na leitura do livro sobre Manchukuo. Não tinha pressa de regressar a casa. De manhã, ao sair de casa, calculei logo que iria chegar tarde e deixei ficar a *Cavala* a sua ração para dois dias. Podia ser que o gato não gostasse, mas pelo menos fome não passaria. Só de pensar nisso fiquei ainda com menos vontade de regressar a casa, passar pela ruela, saltar o muro. O que queria era esticar-me em qualquer sítio e dormir. Fui ao armário da «sala de provas» buscar uma manta e uma almofada, instalei-me no sofá e apaguei a luz. Assim que fechei os olhos, pus-me a pensar em *Cavala*. Dissemos o que dissemos, ao menos o gato *regressara* para mim. Desse lá por onde desse, tinha-se desunhado para voltar, vindo de algum lugar distante. Devia ser um bom auspício. Ali estirado, de olhos fechados, pensei no toque suave como borracha do chumaço na parte de baixo das suas patas, nas orelhas triangulares, frias, na língua rosada. Na minha imaginação, *Cavala* dormia tranquilamente, todo enrolado numa bola. Podia sentir o calor que se desprendia dele na palma das minhas mãos. Podia ouvir a sua respiração regular. Apesar de ter os nervos à flor da pele, o sono não demorou muito a chegar. Um sono profundo, sem sonhos.

Acordei a meio da noite. Tinha a sensação de estar a ouvir, ao longe, o som produzido pelas campainhas de trenó. Em jeito de música de fundo numa canção de Natal.

Campainhas de trenó?

Sentei-me no sofá e procurei às apalpadelas o relógio de pulso que tinha deixado sobre a mesinha de café. Uma e meia, indicavam os ponteiros fosforescentes. Afinal, tinha dormido mais profundamente do que imaginara. Apurei o ouvido. Só se ouvia o bater do meu coração dentro do peito, um rumor surdo e apagado. Devia ter-me enganado e ouvido aquele som em sonhos. Mesmo assim, achei melhor tirar a situação a limpo e passar revista à casa. Enfie as calças que estavam caídas aos meus pés e, com passinhos de lã, fui à cozinha. O som tornou-se mais audível assim que saí da sala. Decididamente, pareciam mesmo campainhas de trenó, e pareciam vir do quarto de Canela. Parei diante da porta e deixei-me ficar ali um bocado, à escuta, antes de experimentar bater. Podia muito bem ter acontecido que Canela tivesse regressado enquanto eu dormia. Não houve resposta. Entreabri a porta e dei uma espreitadela.

Na penumbra, à altura da minha cintura, flutuava uma luz branca. Uma luz recortada em forma de rectângulo. Era a luz que provinha do ecrã de computador. Quanto às campainhas de trenó, era o som de chamada que a máquina ia produzindo repetidamente (um sinal acústico que eu nunca tinha ouvido antes). O computador estava a chamar por mim. Sentei-me diante da luz, como que atraído por ela, e li a mensagem escrita no ecrã:

Acaba de aceder ao programa «Crónica do Pássaro de Corda». Seleccione um documento, de 1 a 16.

Alguém tinha ligado o computador e acedido a um programa chamado «Crónica do Pássaro de Corda». Ora, não devia estar mais ninguém em casa, para além de mim. Nesse caso, quem teria posto a funcionar o computador do exterior? E, partindo do princípio de que alguém o fizera, só podia tratar-se de Canela, ou não?

«Crónica do Pássaro de Corda»?

O alegre sinal de chamada, parecido com as campainhas de trenó, continuava a soar ininterruptamente. Até parecia que estávamos na manhã do dia de Natal. Era como se me estivesse a pedir para escolher um número. Depois de alguma hesitação, sem nenhuma razão especial, escolhi o n.º 8. O som de chamada deixou de se ouvir naquele preciso instante, e, acto contínuo, como se um rolo de escrita acabasse de se desenrolar diante de mim, abriu-se o documento.

Crónica do Pássaro de Corda N.º 8

(ou O segundo massacre injustificável)

O veterinário acordou ainda não eram seis da manhã, lavou a cara com água fria e preparou o pequeno-almoço. No Verão amanhecia cedo e a maior parte dos animais do jardim zoológico já se encontravam despertos. Através da janela aberta ouviam-se as suas vozes, como sempre, e os seus cheiros chegavam até junto dele transportados pela brisa. Só pelas vozes e pelos odores, o veterinário podia adivinhar que tempo fazia sem precisar sequer de olhar lá para fora. Fazia parte da sua rotina. Primeiro punha-se à escuta, depois inspirava o ar pelo nariz, e era assim que se preparava para o novo dia.

Aquele dia, porém, só podia ser diferente do anterior. *Tinha* de ser diferente. Eram tantas as vozes e os cheiros que faltavam! Os tigres, os leopardos, os lobos, os ursos: todos executados na véspera, eliminados pelo pelotão. Naquele momento, depois de uma noite de sono, tudo o que acontecera parecia fazer parte de um pesadelo desagradável que tivesse ocorrido há muito tempo. E, no entanto, ele bem sabia que aquilo tinha acontecido de verdade. Nos seus ouvidos perdurava ainda a dor difusa causada pelo estampido dos disparos. Não, aquilo não podia ser um sonho. Estava-se em Agosto de 1945, na cidade de Hsin-ching, capital da Manchúria, e as tropas soviéticas, que haviam atravessado a fronteira, aproximavam-se cada vez mais. Era a realidade – tão real como o lavatório e a escova de dentes que tinha diante dos seus olhos.

Ao ouvir o barrir dos elefantes sentiu-se aliviado. Sim, os elefantes tinham sobrevivido. «Por sorte», pensou o veterinário enquanto lavava a cara, «aquele jovem tenente tivera a sensibilidade e o bom senso de qualquer comum mortal ao riscar os elefantes da lista de animais a abater.» Desde a sua chegada à Manchúria, o veterinário travara conhecimento com muitos jovens oficiais partidários de um fanatismo rígido, e podia dizer-se que não os suportava. Eram, na sua maioria, rapazes do campo, filhos de camponeses, que tinham sentido na pele, em plena adolescência, a tragédia da depressão económica, nos difíceis anos trinta, ao mesmo tempo que no seu espírito eram inculcados princípios de um nacionalismo megalómano. Executavam cegamente as ordens dos seus superiores, fossem elas quais fossem. Eram jovens, agarrariam numa pá, deitariam mãos à obra e desatariam a cavar, caso recebessem, em nome do imperador, a ordem de cavar um túnel até ao Brasil. Há quem chame a isto «pureza», mas para o veterinário tinha outro nome. Filho de um médico, o veterinário crescera numa grande cidade e tinha sido educado na atmosfera relativamente liberal do período Taisho⁴⁹. Era óbvio que não podia simpatizar com as ideias deles, de forma nenhuma, mas o jovem tenente que comandava o pelotão de execução, apesar de falar com um ligeiro sotaque de província, parecia, ainda assim, muito mais normal do que a maioria dos oficiais da idade dele – dava a impressão de ter estudos e via-se que actuava movido por critérios lógicos. Isso percebera o veterinário pela sua maneira de falar e de estar.

Em todo o caso, fora graças a ele que os elefantes haviam escapado e só por isso tinha de lhe estar agradecido, pensou o veterinário para consigo mesmo. Também os soldados deviam ter ficado aliviados, ao serem poupados a semelhante missão. Quem, pelo contrário, devia ter tido uma decepção eram os chineses, privados de toda aquela quantidade de carne, para já não falar no marfim.

O veterinário aqueceu água numa chaleira, pôs uma toalha quente por cima da cara e fez a barba. Em seguida, tomou sozinho o pequeno-almoço: chá e pão torrado com manteiga. Não se podia dizer que o abastecimento de alimentos na Manchúria chegasse para as necessidades, mas, quando comparado com a pobreza franciscana de outros lugares, era relativamente abundante, o que era uma sorte, tanto para ele como para os animais do jardim zoológico. Os animais tinham-se ressentido ao verem as suas rações reduzidas, mas, ainda assim, a situação era menos grave do que nos restantes jardins zoológicos do Japão, onde a reserva de alimentos se encontrava esgotada. Ninguém sabia o que o futuro lhes reservava. De momento, tanto os animais como as pessoas haviam sido poupados aos horrores da fome.

Interrogou-se sobre o que estariam a fazer a sua mulher e a sua filha. Se tudo tivesse corrido como previsto, sem incidentes de percurso, àquela hora o comboio em que viajavam já deveria ter chegado a Pusan, na Coreia. Era aí que vivia a família do seu primo, em casa de quem elas tinham ficado alojadas, até à partida do primeiro navio que as levaria até ao Japão. Ao acordar, o veterinário sentia sempre a falta delas. Não se ouvia, como de costume, as suas alegres vozes tratando do pequeno-almoço e fazendo os preparativos para o novo dia. Em vez disso, só ficara o vazio e o silêncio. Aquele já não era o lar que amava e a que pudesse chamar seu. Ao mesmo tempo, todavia, ele não podia deixar de sentir uma estranha alegria perante a ideia de se encontrar completamente sozinho na residência oficial. A verdade é que, naquele momento, ele sentia no mais fundo de si a poderosa e inexorável força do destino.

O veterinário tinha a mania da «fatalidade». Desde os seus verdes anos que tinha a convicção, estranhamente clara, de que «eu, como ser humano, vivo debaixo do controlo de alguma força exterior». Talvez fosse tudo por culpa da mancha de uma viva cor azul que tinha na bochecha esquerda. Desde pequeno que odiava com todas as suas forças aquela mancha, que só ele tinha e mais ninguém. Sentia-se morrer aos bocadinhos de cada vez que as outras crianças suas amigas faziam troça da mancha ou que algum desconhecido se punha a olhar fixamente para ele. Se ao menos pudesse pegar numa faca e libertar-se daquele sinal que o desfigurava! Contudo, à medida que foi crescendo, aprendeu a conformar-se com aquela desgraça e a aceitá-la como uma coisa que fazia parte integrante da sua pessoa. Pode ter sido este um dos factores que contribuíram para a sua atitude de resignação fatalista perante o destino.

Na maior parte do tempo, a força do destino apenas servia para colorir, de forma monótona e silenciosa, os acontecimentos que ocorriam à margem no quadro da sua vida, como um ruído de fundo grave. Raramente a sua presença era perceptível na existência de todos os dias, mas, de tempos a tempos, essa força aumentava, deixando-o ficar num estado de profunda resignação que roçava a paralisia. Nessas ocasiões não tinha outro remédio senão abandonar tudo e deixar-se levar pela corrente. Sabia por experiência que nada do que pudesse fazer ou pensar iria alterar aquele estado de coisas. O destino levava sempre a sua avante e, até obter o que pretendia, não o largaria da mão. Estava piamente convencido disso.

Não que se considerasse um fatalista no sentido geralmente aceite da palavra. Longe de ser uma

criatura passiva, era, isso sim, um homem decidido, que se esforçava por levar avante as suas decisões. Na sua profissão, era um excelente veterinário, um pedagogo entusiasta. Podia não ser brilhante, mas em criança sempre se destacara nos estudos, chegando mesmo a ser escolhido para chefe de turma. Gozava do reconhecimento do seu trabalho e era respeitado pelos seus pares, mesmo pelos profissionais mais jovens. Era óbvio que não se tratava do típico «fatalista» que as pessoas imaginam. E, no entanto, desde muito pequeno nunca tivera a sensação palpável de haver tomado, por sua livre iniciativa, uma resolução. Tinha a sensação de que era sempre o destino que, à sua revelia, o obrigava a «tomar uma decisão». Ainda que começasse por experimentar a satisfação de pensar que tinha decidido algo por sua própria vontade, mais tarde acabava por se dar conta de que uma força exterior habilmente camuflada o tinha feito decidir daquele modo. Simplesmente, aparecera disfarçada de «livre-arbítrio», uma espécie de isco para o amansar. Pensando bem, as coisas que ele decidia por sua própria iniciativa não passavam de trivialidades relativamente às quais, na realidade, não havia necessidade de tomar decisão alguma. Sentia-se como um monarca titular de um país que mais não fizesse do que apor o selo nos documentos do estado submetido à vontade de um regente que detivesse o poder real. Que era precisamente o que acontecia com o imperador chinês fantoche da colónia japonesa do Manchukuo.

O veterinário amava profundamente a mulher e a filha. Estava convencido de que elas eram a coisa mais maravilhosa que alguma vez lhe acontecera na vida – sobretudo a filha, por quem o seu amor tocava as raias da adoração. Por elas, daria de bom grado a vida. Verdade seja dita, fantasiava muitas vezes que isso acontecia, ao ponto de a morte que idealizava para elas ser, aos seus olhos, a morte mais doce que se podia imaginar. Ao mesmo tempo, porém, ao regressar do trabalho, quando era confrontado com a presença da mulher e da filha em casa, havia alturas em que sentia que elas eram, de facto, dois seres independentes, com quem não tinha nenhuma relação, levando uma existência própria numa outra dimensão, a anos-luz dele. Quando isso acontecia, o veterinário dava por si a pensar que não tinha sido ele a escolhê-las para fazerem parte da sua vida – o que não o impedia de as amar sem reservas, incondicionalmente. Para o veterinário, tudo aquilo era um paradoxo enorme, uma contradição irresolúvel, uma armadilha gigantesca que a vida lhe tinha armado.

Quando se viu sozinho na residência anexa ao jardim zoológico, o mundo do veterinário tornou-se mais simples, mais fácil de compreender. A sua única preocupação consistia em tomar conta dos animais. A sua mulher e a sua filha tinham-se ido embora. De momento não havia necessidade de pensar nelas. O veterinário encontrava-se a sós com o seu destino, sem nada nem ninguém pelo meio.

E, vendo bem, as ruas de Hsin-ching estavam nas mãos da gigantesca força do destino, naquele mês de Agosto de 1945. Quem ali desempenhava o papel principal não era o exército de Kwantung, nem o exército soviético, nem as tropas comunistas, nem as do Kuomintang, mas sim o destino. Era óbvio aos olhos de toda a gente. Ali, a força de um indivíduo deixara de ter qualquer sentido. Tinha sido o destino a matar, no dia anterior, os tigres, os leopardos, os lobos, os ursos, e a poupar os elefantes. E ninguém podia prever quem, a partir dali, seria salvo, e quem estaria condenado a perecer.

O veterinário saiu de casa e preparou-se para dar de comer aos animais. Pensava que não iria aparecer ninguém para trabalhar, mas à sua espera no escritório encontrou dois jovens chineses que não conhecia. Deviam ter os seus treze ou catorze anos. Eram magros, tinham a pele morena e uns olhos muito abertos, inquietos como os dos animais. «Disseram-nos que viéssemos dar-lhe uma mãozinha», explicou um dos rapazes. O veterinário assentiu com a cabeça. Perguntou-lhes como se

chamavam, mas eles não lhe deram resposta. Nem tão-pouco se alterou a expressão do rosto, branca e inexpressiva, como se não tivessem ouvido. Era evidente que tinham sido enviados pelos chineses que ali haviam trabalhado até ao dia anterior. Antecipando o que estava para vir, tinham decidido cortar todos os elos com os japoneses, mas consideraram que não havia inconveniente algum em mandarem os rapazes. Podia entender-se como um gesto de simpatia para com o veterinário. Sabiam que, sozinho, ele não poderia ocupar-se de todos os animais do jardim zoológico.

O veterinário deu a cada um dos rapazes duas bolachas, antes de empreender, juntamente com eles, a tarefa de dar de comer aos animais. Percorriam, de jaula em jaula, o jardim zoológico com uma carroça puxada por uma mula, deixavam a comida própria para cada um e mudavam a água. Era impossível limpar as jaulas. Com a ajuda da mangueira, tiraram os excrementos, mas não se podia fazer mais nada. De qualquer maneira, o jardim zoológico estava encerrado: mesmo que cheirasse mal, ninguém se queixaria.

Sem os tigres, os lobos, os leopardos e os ursos, a tarefa tornou-se muito mais fácil. Cuidar dos grandes carnívoros dava muito trabalho – para além de ser perigoso. Por muito que lhe custasse passar diante das jaulas vazias, o veterinário não podia deixar de sentir, ao mesmo tempo, um certo alívio pela sua ausência.

O veterinário e os dois jovens chineses começaram às oito e terminaram o seu trabalho já passava das dez, após o que os dois rapazes desapareceram sem dizer água vai. Ele regressou ao escritório e informou o director de que os animais estavam alimentados.

Antes do meio-dia, o jovem tenente regressou ao jardim zoológico acompanhado dos mesmos oito soldados. Armados dos pés à cabeça como no dia anterior, avançavam em formação, precedidos pelo ruído metálico produzido pelo entrecostar dos diferentes tipos de metais. Tal como antes, os seus uniformes mostravam manchas escuras de suor e as cigarras cantavam sem parar nas árvores. Daquela vez, porém, não estavam ali para matar os animais. O tenente dirigiu uma breve saudação ao director e exigiu: «Quero ser informado da actual situação das carroças e dos cavalos de tiro em condições de serem utilizados no jardim zoológico.» O director respondeu que, na prática, havia apenas uma carroça e uma mula. Fez saber ainda que, duas semanas antes, tinham contribuído para o esforço de guerra com um camião e dois cavalos de tiro. O tenente assentiu com a cabeça e informou que a mula e a carroça ficavam a partir daquele momento requisitados por ordem do Exército de Kwantung.

«Espere um momento», interveio precipitadamente o veterinário. «Precisamos delas de manhã e à noite, para dar de comida aos animais. Os empregados chineses desapareceram todos. Sem a mula e a carroça, os animais morrerão à fome. Mesmo assim, agora mal conseguimos dar conta do recado.»

«Toda a gente mal se consegue aguentar», respondeu o tenente. Tinha os olhos avermelhados, o rosto coberto por uma barba cerrada. «A nossa primeira prioridade é defender a cidade. Quando virem que não dão conta do recado, tirem-nos a todos das jaulas. Eliminámos os carnívoros perigosos, os outros, mesmo que andem por aí à solta, não constituirão nenhum problema de segurança. É uma ordem do exército. Quanto ao resto, tomem as medidas que acharem necessárias.»

Comandados pelo tenente, os soldados partiram levando atrás de si a carroça e a mula, sem dar ao veterinário oportunidade de acrescentar mais nada. Ao vê-los desaparecer, o veterinário e o director olharam um para o outro. O director não fez nenhum comentário, limitando-se a beber um gole do seu chá e a fazer um gesto de assentimento com a cabeça.

Quatro horas mais tarde, os soldados regressaram com a mula a puxar a carroça. Lá dentro havia um carregamento qualquer tapado com uma lona militar toda suja. A mula coxeava, e a pelagem estava coberta de suor por causa do calor que se fazia sentir e do peso da carga com que alombava. De baionetas em punho, os oitos soldados escoltavam quatro chineses. Eram todos jovens, andariam pelos seus vinte anos, usavam o equipamento de uma equipa de basebol e caminhavam com as mãos atrás das costas. A julgar pelas marcas azuis de pisaduras, os quatro haviam sido brutalmente golpeados. O olho direito de um deles estava de tal maneira inchado que nem o podia abrir, outro levava o equipamento manchado do sangue que lhe corria do lábio partido. Na parte da frente dos equipamentos não figurava inscrição alguma, mas viam-se sinais de letras arrancadas com o nome da equipa. Nas costas cada um tinha o seu dorsal, e os seus números eram o 1, o 4, o 7 e o 9. O veterinário não conseguia encontrar nenhuma explicação para aquela cena: numa altura de crise como aquela, por que razão estariam aqueles chineses vestidos como uma equipa de basebol e, mais, por que estariam a ser conduzidos pelos soldados japoneses depois de terem apanhado uma sova valente? Tudo aquilo tinha contornos de uma visão fantasmagórica, irreal, pintada por um artista com perturbações mentais⁵⁰.

O tenente virou-se para o director e perguntou se ele tinha picaretas e pás que lhe pudesse emprestar. O jovem oficial parecia ainda mais pálido e extenuado do que antes. O veterinário indicou-lhes o caminho para o armazém que ficava nas traseiras da oficina. Aí, o tenente escolheu duas picaretas e duas pás e entregou-as aos seus homens. Depois, fez sinal ao veterinário para o seguir e, deixando os outros para trás, penetrou num bosque espesso que ficava afastado da estrada. O veterinário foi atrás dele. A cada passo saltavam ao caminho do tenente grandes gafanhotos. À volta deles sentia-se o odor das ervas de Verão. Ao longe, no meio do ensurdecido canto das cigarras, os barritos agudos dos elefantes soavam como uma espécie de advertência.

O tenente avançou rapidamente em silêncio por entre as árvores. Ao chegar a uma vasta clareira, deteve-se. Tratava-se de um lugar onde estava previsto construir uma zona de jogos onde os mais novos pudessem brincar com animais pequenos. À medida que a ameaça de guerra se tornava mais palpável, contudo, o plano tinha sido adiado indefinidamente por falta de material de construção. As árvores tinham sido cortadas de maneira a formar um largo círculo de terra seca que o Sol iluminava como o foco num cenário de teatro. De pé no meio do círculo, o tenente inspeccionou tudo à sua volta, após o que se pôs a remexer na terra com a sola das botas.

– Durante algum tempo vamos assentar arraiais aqui no jardim zoológico – anunciou ele, agachando-se e agarrando num punhado de terra.

O veterinário anuiu em silêncio. Não compreendia por que tinham de permanecer ali, mas achou melhor não fazer perguntas. A experiência na cidade de Hsin-ching havia-lhe ensinado que aos militares era melhor não perguntar nada. Nas mais das vezes as perguntas só serviam para os irritar, além de ficarem sem uma resposta sincera.

– Primeiro abriremos aqui uma grande vala – disse o tenente, como se tentasse convencer-se a si mesmo. Levantou-se, tirou do bolso da camisa do uniforme um maço de tabaco, tirou um cigarro, ofereceu outro ao veterinário e acendeu os dois com um fósforo. Durante algum tempo deixaram-se ficar ali os dois a fumar, tentando preencher o silêncio. O tenente voltou a remexer a terra com a sola das botas. Desenhou um diagrama qualquer, depois apagou-o.

– O senhor é de onde? – perguntou ele finalmente ao veterinário.

– Sou da província de Kanagawa. De um lugar chamado Ofuna, que fica perto do mar.

O tenente assentiu.

– E o senhor nasceu onde? – perguntou o veterinário.

Em vez de responder, o tenente semicerrou os olhos e ficou a ver o fumo que se lhe escapava por entre os dedos. «É inútil perguntar alguma coisa a um militar», pensou o veterinário. «São sempre eles que fazem as perguntas, mas quando questionados nunca respondem.»

– Existe lá um estúdio de cinema, não é? – interrogou o tenente.

O veterinário demorou algum tempo a perceber onde é que o tenente queria chegar.

– É verdade. Um grande estúdio de cinema. Pessoalmente, nunca lá pus os pés.

O tenente atirou o cigarro para o chão e esmagou-o.

– Espero que um dia consiga regressar a Ofuna – disse ele. – Temos um oceano a separar-nos do Japão, é bom não esquecer. Provavelmente vamos acabar todos por morrer aqui – rematou o tenente, sem tirar os olhos do chão. – Diga-me uma coisa, doutor, tem medo da morte?

– Creio que depende da maneira de morrer – retorquiu o veterinário, depois de reflectir por momentos.

O tenente levantou a cabeça e lançou ao veterinário um olhar cheio de curiosidade. Parecia esperar outra resposta.

– Tem toda a razão. Depende da maneira de morrer.

Ficaram os dois outra vez calados. O tenente, no limite das suas forças, parecia que a todo o momento poderia adormecer ali em pé. Um gafanhoto enorme levantou voo como um pássaro e desapareceu ao longe por entre os tufo de ervas com um bater precipitado de asas. O tenente consultou o relógio.

– Está na hora de deitar mãos à obra – disse ele como se falasse para ninguém em especial. E acrescentou: – Não se vá embora ainda. Posso vir a precisar da sua ajuda.

O veterinário assentiu com a cabeça.

Os soldados conduziram os chineses até à clareira do bosque e desataram-lhes as mãos. Com a ajuda de um taco de basebol, o cabo desenhó um grande círculo no chão – muito embora a razão por que um soldado tivesse um taco de basebol, fosse, aos olhos do veterinário, um perfeito mistério – e ordenou aos prisioneiros, em japonês, que cavassem um buraco com aquele tamanho. Os quatro chineses com o equipamento da equipa de basebol cavaram o buraco em silêncio usando as pás e as picaretas. Entretanto, os soldados revezaram-se e foram fazendo turnos: enquanto quatro estavam de guarda, os outros quatro descansavam à sombra das árvores. Pareciam ter uma profunda necessidade de dormir e, mal se estendiam em cima da erva, vestidos e equipados, começavam logo a roncar. Os que não dormiam vigiavam a curta distância o trabalho dos chineses, de armas em punho e baioneta em riste, prontos para entrar em acção. O tenente e o cabo que comandavam o pelotão passaram por seu turno pelas brasas, à sombra de uma árvore.

Em pouco menos de uma hora haviam cavado um buraco com os seus quatro metros de diâmetro e suficientemente fundo para caber lá dentro alguém até ao pescoço. Um dos chineses pediu água. O tenente assentiu e um soldado foi buscar um balde cheio de água. Um após o outro, os quatro chineses beberam por uma colher de madeira. Esvaziaram praticamente o balde. Os seus equipamentos

estavam negros de sangue, lama e suor.

O tenente fez sinal a dois dos soldados para que trouxessem a carroça. Quando o cabo arrancou a cobertura de lona, ficaram à vista quatro cadáveres. Usavam os mesmos equipamentos de base e, pelos vistos, também eram chineses. Pareciam ter sido fuzilados, e sobre os seus equipamentos tingidos de sangue começava a rondar um exército de moscas.

O tenente ordenou aos quatro chineses que tinham aberto a vala que atirassem os corpos lá para dentro. Impassíveis e silenciosos, os chineses descarregaram os cadáveres da carroça e começaram a atirá-los, um após o outro, para o buraco. Cada vez que um cadáver embatia no fundo do buraco, ouvia-se um ruído surdo e lúgubre. Os dorsais dos mortos eram o 2, o 5, o 6 e o 8. O veterinário memorizou-os.

Quando acabaram de despejar os cadáveres, os quatro chineses foram atados com força aos troncos de umas árvores que havia ali perto. O tenente levantou o braço e olhou para o relógio com uma expressão grave. Em seguida levantou os olhos para um determinado ângulo do horizonte, como se estivesse à procura de alguma coisa. Dir-se-ia um chefe da estação num cais de embarque, à espera de um comboio atrasado que nunca mais chegava. Verdade seja dita que ele não estava a olhar para nada, esperava apenas que o tempo passasse. Depois, virando-se para o cabo, ordenou-lhe que executasse a golpes de baioneta três dos quatro prisioneiros (dorsais números 1, 7 e 8). Os três soldados designados tomaram posição, cada um diante de uma árvore. Os soldados estavam mais brancos do que os chineses. Era como se os chineses estivessem demasiado cansados para esperar alguma coisa. O cabo ofereceu-lhes um cigarro, mas nenhum aceitou. Ele voltou a guardar o maço de tabaco no bolso da camisa.

O tenente, ao lado do veterinário, estava de pé, um pouco afastado dos seus homens.

– Veja bem – disse o tenente ao veterinário. – Esta também é uma maneira de morrer.

O veterinário, sem dizer nada, anuiu. «Não é comigo que está a falar, mas com ele mesmo», pensou o veterinário.

– Para acabar com eles, o fuzilamento é muito mais rápido e mais cómodo, mas tenho ordens para não gastar munições – e, sobretudo, não as desperdiçar em chineses. São demasiado valiosas, é para os russos que as devemos guardar. Por outro lado, matar alguém com uma baioneta não é tão fácil como parece. A propósito, doutor, alguma vez lhe ensinaram a usar a baioneta quando estava no exército?

O veterinário respondeu que, enquanto oficial de cavalaria, nunca havia recebido instrução de luta com baioneta.

– Para matar um homem com baioneta há que cravá-la por baixo das costelas, aqui. – O tenente apontou com um dedo para um ponto acima do seu próprio abdómen. – Enfia-se a baioneta na barriga e depois faz-se um movimento circular, tão profundo quanto possível, a fim de esquartejar as tripas, e só no fim se empurra a baioneta até ao coração. Não basta enfiá-la no corpo. Não há nenhum soldado que não tenha aprendido isto, depois de o instrutor lhe martelar a cabeça. A luta corpo a corpo com baionetas e assaltos-surpresa nocturnos são a especialidade do Exército Imperial japonês –, sobretudo porque saem muito mais barato do que os carros de combate, os aviões e os canhões, isto falando bem e claro. Claro está que, por mais industriados que estejam, até agora treinaram sempre com bonecos de palha, e um boneco é um boneco, não é um homem: não sangra, não grita, nem lhe saem as entranhas. Na realidade, estes soldados nunca na vida mataram uma pessoa. E eu também não.

O tenente fez um sinal afirmativo com a cabeça na direcção do cabo. A uma ordem do cabo, os três soldados deram meio passo atrás, puseram-se em sentido, baixaram a ponta da baioneta e colocaram-se em posição. Um chinês (o número 7) lançou o que parecia ser uma maldição na sua língua e cuspiu, mas a saliva não chegou ao chão, caiu sem força, resvalando sobre a parte da frente do seu equipamento de basebol.

À ordem seguinte, os soldados enfiaram com todas as suas forças a ponta das suas baionetas por debaixo das costelas dos chineses. Retorceram as lâminas afiadas de forma a rasgar os intestinos, depois empurraram a ponta para cima, direito ao coração. Os chineses gritaram, mas não muito alto. Mais pareciam lançar profundos soluços do que gritos propriamente ditos, como se expulsassem de uma só vez, por uma fenda, todo o ar contido dentro dos seus pulmões. Os soldados arrancaram as baionetas dos corpos e retrocederam um passo. Então, a nova ordem do cabo, repetiram exactamente a mesma operação. Espetar a baioneta, remover os intestinos, empurrar até ao coração, arrancar a baioneta. O veterinário olhava sem dizer nada. Tinha a impressão de que ele próprio começava a ficar dividido em dois. Tornara-se simultaneamente vítima e carrasco. Sentia o contacto da baioneta na sua mão, enterrando no corpo do outro, e, ao mesmo tempo, a dor das suas próprias entranhas dilaceradas.

A agonia dos chineses foi mais longa do que seria de imaginar. Do interior dos seus corpos supliciados saíam grandes quantidades de sangue que empapavam a terra, mas nem com os intestinos de fora eles paravam de se contorcer debilmente. O cabo cortou com o fio da sua baioneta as cordas que os prendiam às árvores e, com a ajuda de um soldado que não havia participado na carnificina, arrastou os três para a vala e atirou-os lá para dentro. Chocaram contra o fundo, mas desta vez ouviu-se um ruído surdo diferente do produzido pelos cadáveres dos outros quatro. «Se calhar é porque ainda não estão completamente mortos», pensou o veterinário.

Só faltava o chinês número 4. Os três soldados, lívidos, agarraram em grossos punhados de erva a seus pés e limparam com eles as baionetas sujas de sangue, às quais tinham ficado agarrados fluidos de cores estranhas e bocados de carne. Foi preciso uma grande quantidade de erva para devolver às longas lâminas o brilho metálico de origem.

O veterinário perguntava a si próprio por que teriam deixado com vida apenas aquele homem (o chinês número 4), mas, apesar da curiosidade, achou por bem não fazer mais perguntas. O tenente acendeu outro cigarro e ofereceu um ao veterinário. O veterinário aceitou-o em silêncio e levou-o à boca, acendendo-o ele próprio daquela vez com um fósforo. As mãos não lhe tremiam, mas notava-se que tinham perdido a sensibilidade. Tinha a impressão de estar a acender o fósforo com elas enfiadas dentro de luvas grossas.

– Eram cadetes na Academia Militar do Exército de Manchukuo – explicou o tenente. – Recusaram-se a participar na defesa de Hsin-ching. Limparam o sebo a dois instrutores japoneses e desertaram. Fomos dar com eles durante uma patrulha nocturna, matámos quatro logo ali e capturámos os outros quatro. Dois deles fugiram a coberto da escuridão – prosseguiu o tenente, apalpando a barba na cara com a palma da mão. – Tentaram escapar com o equipamento da equipa de basebol. Se calhar pensaram que os uniformes militares os trairiam e que se arriscavam a ser apanhados e acusados de deserção. Ou talvez pensassem que seria pior, caso o exército comunista os apanhasse com o uniforme do Exército do Manchukuo. Em todo o caso, fora os uniformes militares, no quartel não havia outra roupa a não ser aqueles equipamentos de basebol da academia. Por isso, arrancaram os nomes que lá figuravam e puseram-se em fuga assim vestidos. Talvez você não saiba,

mas a equipa de basebol da Academia Militar é francamente boa. Chegou mesmo a deslocar-se a Taiwan e à Coreia a fim de disputar alguns jogos amistosos. E aquele homem – referiu ele, apontando para o chinês atado ao tronco de árvore – era o capitão da equipa, o quarto batedor. Pensamos que foi ele o organizador da deserção. Matou os dois instrutores com o taco. Os instrutores sabiam que o ambiente do quartel estava ao rubro e haviam decidido não entregar armas até ao último momento, mas esqueceram-se dos tacos de basebol. Abriram-lhes a cabeça com eles. Diz quem assistiu que morreram ambos no mesmo instante, acto contínuo. Com este mesmo taco.

O tenente ordenou ao cabo que lhe trouxesse o taco e mostrou-o ao veterinário. Este pegou nele com ambas as mãos, ergueu-o à altura dos olhos, como faz um batedor quando toma posição para interceptar uma bola. Era um vulgaríssimo taco de basebol, para não dizer de segunda categoria. Mal-acabado, áspero ao tacto. Apesar disso, pesava bastante e via-se que estava muito usado. A base estava negra com o suor. Não tinha nada o aspecto de um taco usado para matar dois homens. Depois de o sopesar, o veterinário entregou-o ao tenente, que, por seu turno, o brandiu várias vezes no ar, com ar de especialista na matéria.

– Sabe jogar basebol? – perguntou o tenente ao veterinário.

– Jogava muito quando era pequeno – respondeu o veterinário.

– E chegando a adulto parou?

– Acabou-se o basebol para mim – retorquiu o veterinário. «E você?», esteve quase a perguntar o veterinário, mas depois engoliu as palavras a tempo.

– Recebi ordens para matar este homem usando a mesma arma com que ele cometeu o crime – declarou o tenente com voz seca, dando pequenos golpes no chão com a ponta do taco. – «Olho por olho, dente por dente.» Aqui para nós que ninguém nos ouve, confesso-lhe que se trata de uma ordem absurda. De que servirá andar a matar estes rapazes? Não temos aviões, nem navios de guerra, os nossos melhores soldados morreram em combate. A cidade de Hiroxima desapareceu do mapa num abrir e fechar de olhos depois de ter sido atingida por uma nova bomba de uma potência inigualável. Não tarda nada somos corridos da Manchúria, ou então mortos, e a China voltará para as mãos dos chineses. Que sentido faz, contribuir para aumentar ainda mais o número de mortos? Mas uma ordem é uma ordem. Como militar, devo obedecer a todo o tipo de ordens. Ontem foram os tigres e os leopardos, hoje tenho de matar estes homens. Esteja atento ao espectáculo, doutor. Também esta é uma maneira de morrer. Enquanto médico, por certo estará habituado a tudo isto, às facas, ao sangue, às vísceras, mas quase aposto que nunca viu ninguém morrer, assassinado com um taco de basebol, pois não?

O tenente deu ordem ao cabo para levar o batedor número 4 para a borda da vala. Uma vez aí chegado, ataram-lhe as mãos atrás das costas, foi novamente vendado e obrigaram-no a pôr-se de joelhos. Era um homem alto e bem constituído, com braços grossos como a coxa de um homem normal. O tenente chamou um dos jovens soldados e passou-lhe o taco para as mãos.

– Toma lá e mata-o com isto – disse ele.

O jovem soldado pôs-se em sentido, fez continência e agarrou no taco que o tenente lhe estendia, mas depois deixou-se ficar ali com o taco na mão, como que petrificado. Matar o chinês com aquele taco de basebol? Parecia incapaz de apreender o sentido de semelhante ordem.

– Alguma vez jogaste basebol? – perguntou o tenente ao jovem soldado (que mais tarde seria assassinado a golpes de pá por um soldado soviético numa mina de carvão perto de Irkutsk).

– Nunca, meu tenente – respondeu o soldado em voz alta.

Tanto na aldeia de Hokkaido, onde nascera, como na Manchúria, onde crescera, as pessoas eram igualmente pobres. Não havia família que se pudesse dar ao luxo de comprar tacos e bolas de baseball para dar aos seus filhos. Passara a sua infância a correr pelos campos, caçando libélulas e brincando às guerras com uma espada feita de madeira. Nunca na sua vida jogara baseball ou vira sequer um jogo. Era a primeira vez que tinha um taco de baseball na mão.

O tenente mostrou-lhe como empunhar o taco e ensinou-lhe a forma de o brandir, exemplificando ele próprio o movimento várias vezes.

– Estás a ver? O importante é a rotação da bacia – explicou ele, separando bem as sílabas. – Primeiro, colocas o taco lá atrás, depois fazer girar o corpo rodando a cintura. A extremidade do taco seguirá automaticamente o movimento do corpo. Entendes o que te estou a dizer? Se te concentrases demasiado no gesto de brandir o taco, imprimes demasiada força aos braços e perdes o impulso natural. Agita o taco, mas em vez da força dos braços usa antes a rotação da bacia.

O soldado não parecia ter compreendido lá muito bem as explicações do tenente, mas, seguindo ordens, levantou o pesado equipamento e começou a praticar os movimentos. O tenente colocou as suas mãos sobre as do soldado, para o ajudar a corrigir os principais defeitos na forma de brandir o taco. Não se podia dizer que fosse mau treinador. Passado pouco tempo, o jovem soldado lá conseguiu rasgar o ar com um silvo, ainda que num gesto algo desajeitado. O que ao jovem soldado faltava em perícia, sobrava em força de braços, ou não tivesse ele trabalhado no campo desde miúdo.

– Assim está bem – disse o tenente, secando o suor da testa com o boné militar. – Presta atenção. Mata-o sem vacilar, de um só golpe, com toda a força. Não o faças sofrer.

O que ele na realidade queria dizer era: «Também eu não quero matar este homem com um taco de baseball, o que é que pensas? Quem diabo se terá lembrado de semelhante estupidez? Matar alguém com um taco de baseball...» A verdade, porém, era que um oficial nunca poderia fazer semelhante discurso a um subordinado.

O soldado tomou posição por trás do chinês, que permanecia de joelhos no chão, com os olhos vendados. Quando o soldado ergueu o taco, os fortes raios de sol projectaram a sombra longa e volumosa do taco sobre o terreno. «Que estranho», pensou o veterinário. «O tenente tinha razão: não estou habituado a ver matar ninguém desta maneira.» O jovem soldado manteve o taco em riste durante muito tempo, como que suspenso no ar. O médico podia ver a ponta a estremecer violentamente.

O tenente fez sinal ao soldado. Inspirando profundamente, este deu um passo atrás, ganhou balanço e golpeou com todas as suas forças o chinês na base do crânio. Foi uma pancada de uma perfeição espantosa. A sua cintura rodou, tal como lhe havia ensinado o tenente, e com a extremidade grossa do taco acertou em cheio mesmo atrás das orelhas do homem. Tinha brandido o taco até ele completar a sua trajectória. O crânio rebentou com um ruído surdo. O chinês nem sequer soltou um gemido. Por segundos ficou imóvel, suspenso no ar, numa posição estranha e, depois, como se se recordasse de repente de algo, desfaleceu. Ficou ali caído com a cara por terra, o sangue a escorrer da orelha. Não se mexia. O tenente olhou para o seu relógio. Sem largar o taco, o jovem soldado olhava o vazio, com a boca aberta.

O tenente era uma pessoa muito cautelosa. Esperou um minuto. Depois de se certificar de que o chinês não se mexia, disse para o veterinário: «Importava-se de verificar se aquele homem está realmente morto?»

O veterinário assentiu, aproximou-se do chinês, agachou-se e tirou-lhe a venda. Tinha os olhos abertos, fora das órbitas, as pupilas reviradas para cima, e das orelhas escorria um sangue vermelho. Ao fundo da boca via-se a língua, enrolada. Por causa do impacto, o pescoço estava torcido num ângulo estranho. Dos orifícios do nariz saíam coágulos de sangue escuro que manchavam de negro a terra seca. Uma grande mosca – mais viva dos que as outras – já conseguira introduzir-se numa das narinas para aí pôr os seus ovos. Por uma questão de escrúpulo, o veterinário apalpou com o polegar a artéria, mediu-lhe o pulso. Já não tinha pulso. Pelo menos não se ouviam os batimentos. O jovem soldado matara de um só golpe com o taco (é bom não esquecer que se tratava da primeira vez que o fazia) aquele homem tão robusto. O veterinário fitou o tenente e assentiu com a cabeça indicando que estava morto. Uma vez completada a sua tarefa, começou a levantar-se devagar e sentiu, de repente, que os raios de sol que lhe aqueciam as costas redobravam de intensidade.

Naquele preciso momento, o jovem batedor chinês com o dorsal número quatro ergueu-se sem vacilar, como se tivesse acabado de acordar. Sem a menor hesitação – pelo menos foi a impressão que deu a todos os que assistiam à cena –, agarrou o pulso do veterinário. Aconteceu tudo numa questão de segundos. O veterinário estava perplexo: aquele homem estava morto, disso não restavam dúvidas. E, contudo, não é que o chinês, graças a um último sopro de vida, lhe deitara a mão ao pulso com a força de um torno. Com os olhos esbugalhados, as pupilas ainda reviradas, o homem caiu para a frente arrastando consigo para dentro da vala o veterinário. O médico caiu sobre o corpo do chinês e ouviu uma das costelas do homem fracturar-se debaixo do seu próprio peso, mas nem então o chinês soltou a mão do veterinário. Os soldados aproximaram-se, não querendo crer no que os seus olhos viam, ainda que demasiado petrificados de espanto para poderem agir. Foi o tenente o primeiro a recuperar a presença de espírito. Saltou para dentro da vala, sacou a pistola do coldre, encostou o cano à cabeça do chinês e disparou duas vezes. Os dois estampidos secos ressoaram, um atrás do outro, e viu-se então um buraco enorme nas têmporas. Agora sim, estava morto, e bem morto, mas nem assim largava o pulso do veterinário. O tenente, agachado, sem nunca largar a pistola, tratou então de dobrar, um atrás do outro, os dedos da mão do corpo sem vida que continuava a manter prisioneiro o desgraçado do veterinário. O veterinário jazia no fundo da vala, no meio dos cadáveres mudos dos oito chineses vestidos com o equipamento da equipa de basebol. Ali em baixo, o barulho das cigarras soava muito diferente do que à superfície.

Quando o veterinário conseguiu libertar-se por fim da mão do cadáver, os soldados puxaram-no para cima e ajudaram-no a sair de dentro da vala. De cócoras sobre a erva, respirou fundo várias vezes, depois examinou o pulso. Os dedos do chinês haviam deixado cinco marcas vermelhas claramente impressas na pele. Naquela quente tarde de Agosto, o veterinário sentiu-se percorrido por um frio tão intenso que o deixou gelado até à medula dos ossos. Pensou: «Jamais poderei expulsar este frio de dentro de mim. Aquele homem estava verdadeiramente empenhado em levar-me com ele para algum lugar.»

O tenente travou a sua arma, antes de voltar a guardá-la com gestos lentos no coldre. Era a primeira vez que disparava sobre um homem. Esforçou-se por não pensar nisso. A guerra arrastar-se-ia durante mais algum tempo, as pessoas continuariam a morrer. O melhor seria deixar as reflexões para quando tudo estivesse acabado. Secou a transpiração da palma da mão direita nas calças, ordenou aos soldados que não haviam participado na execução que cobrissem a vala onde jaziam os cadáveres. Uma incalculável quantidade de moscas começara já a tomar conta da pilha de corpos.

O jovem soldado permanecia de pé no mesmo sítio, aturdido, agarrado ao taco. Não conseguia

soltá-lo. Nem o tenente nem o cabo lhe disseram nada. Assistira a tudo o que acontecera, observara sem reagir o homem que ele tinha matado erguer-se, agarrar o pulso do veterinário, arrastá-lo com ele para a vala e, depois, o tenente saltar lá para dentro e acabar com ele, e vira, por fim, como os seus companheiros cobriam a vala com grandes pazadas de terra. Na realidade, não tinha visto coisa nenhuma. Durante todo aquele tempo apenas prestara atenção ao canto do pássaro de corda. Tal como acontecera na noite anterior, algures numa árvore, o pássaro lançava o seu grito como se estivesse a dar corda a alguma coisa. *Cric, cric, cric*. Levantou a cabeça, procurando alcançar o pássaro com a vista, mas não conseguiu vê-lo em parte nenhuma. O soldado tinha uma vaga sensação de náusea no fundo da garganta, mas não tão intensa como a que sentira na véspera, depois do massacre dos animais.

Enquanto escutava o canto do pássaro mecânico, o jovem soldado viu desfilar diante dos seus olhos imagens fragmentárias para logo desaparecerem. Desde que o exército soviético derrotara o exército japonês, viu o jovem tenente ser desarmado pelos soviéticos, entregue às autoridades chinesas, condenado à morte e enforcado, enquanto responsável pelas execuções. O cabo morreria de peste no campo de concentração da Sibéria: encerrado num barracão isolado, de quarentena, acabaria por sucumbir de inanição, uma vez que não contraíra a peste – pelo menos antes de o atirarem ali para dentro. O veterinário com a marca na cara morreria num acidente, um ano depois. Ainda que se tratasse de um civil, cairia nas mãos dos soviéticos, acusado de ter participado nas atrocidades ao lado dos militares. Condenado a trabalhos forçados nas minas de carvão, morreria afogado juntamente com muitos outros soldados, em consequência de uma inundação. E eu?... pensou o jovem soldado sem nunca largar o taco, mas sem conseguir ver o seu próprio futuro. E não era só o futuro. A verdade é que ele nem sequer conseguia ver os acontecimentos reais que naquele momento se desenrolavam diante dos seus próprios olhos. Fechou as pálpebras, procurou concentrar-se apenas no grito do pássaro de corda.

E foi então que lhe veio à ideia o mar. No mar que ele só havia visto da ponte daquele navio, durante a viagem que o levara do Japão para a Manchúria. Foi a primeira e a última vez que viu o mar. Oito anos tinham entretanto decorrido. Ainda se lembrava do odor da brisa marinha. O mar era, aos seus olhos, uma das coisas mais maravilhosas que alguma vez vira na sua vida. Era grande e profundo, muito mais do que alguma vez teria podido imaginar. Mudava de cor, de forma e de expressão conforme a hora, o tempo, o lugar. O mar despertava uma tristeza imensa no seu coração e, ao mesmo tempo, enchia-o de um sentimento de paz e de tranquilidade. Algum dia tornaria a ver o mar?, interrogou-se. Deixou cair o taco, que embateu no chão produzindo um ruído seco. Ao soltar o taco, a sensação de náusea tornou-se mais intensa do que nunca.

O pássaro de corda continuava a cantar, mas o seu chamamento não chegou aos ouvidos de mais ninguém, era ele o único a ouvi-lo.

Aqui terminava a «Crónica do Pássaro de Corda» n.º 8.

⁴⁹ Entre 1912 e 1926, marcado a um tempo por um acelerado desenvolvimento económico e por uma forte instabilidade social e política. (N. da T.)

⁵⁰ Referência ao pintor espanhol Francisco Goya (1746-1828) e a *Os Fuzilamentos de 3 de Maio de 1808*, um dos seus quadros fundamentais, pintado em 1814 e incluído na série «Os Desastres da Guerra». (N. da T.)

Os elos perdidos de Canela

Dei um clique no «encerrar», voltei ao menu inicial, seleccionei «Crónica do Pássaro de Corda» n.º 9 e voltei a dar um clique. Queria ler a continuação da história. Em vez de abrir, porém, apareceu-me a seguinte mensagem:

O acesso à «Crónica do Pássaro de Corda» n.º 9 não é possível com o código de acesso R24. Seleccione outro documento.

Escolhi o n.º 10, mas o resultado foi o mesmo.

O acesso à «Crónica do Pássaro de Corda» n.º 10 não é possível com o código de acesso R24. Seleccione outro documento.

A mesma história com o n.º 11 – e com todos os outros documentos que tentei em vão abrir, incluindo o n.º 8. Não fazia ideia do que era o «código de acesso R24», mas, pelos vistos, não podia aceder aos documentos por alguma razão ou por alguma regra. No momento em que abrira o n.º 8, todas as outras portas tinham ficado bloqueadas. Talvez este programa só permitisse o acesso a um documento de cada vez.

Fiquei sentado diante do computador, sem saber que passo dar a seguir. Confrontava-me com um mundo meticulosamente articulado, fruto da lógica e da inteligência de Canela. E, verdade seja dita, eu não conhecia as regras do jogo. Desisti e desliguei o computador.

Que a «Crónica do Pássaro de Corda» era uma história narrada por Canela, isso de certeza. Ele tinha introduzido no computador dezasseis relatos sob o título de «Crónica do Pássaro de Corda» e eu, por mero acaso, escolhera o número oito. Multipliquei por dezasseis o tamanho do documento que acabara de ler. Não se podia dizer que fosse propriamente uma história breve. Tudo imprimido, teria dado um livro bastante volumoso.

Que significaria o tal número oito? A palavra «crónica» no título provavelmente significava que as histórias estavam contadas por ordem cronológica. Que o n.º 7 viria antes do n.º 8, o n.º 8 antes do n.º 9 e assim por diante. Era uma dedução lógica, mas não forçosamente certa. Não se podia excluir a hipótese de a história seguir uma ordem inversa, recuando do presente para o passado. Sem esquecer outra hipótese, porventura mais rocambolesca, caso Canela tivesse feito dezasseis versões da mesma história, que seria assim contada em paralelo. De qualquer maneira, eu aterrara precisamente no n.º 8, que era a continuação da história que a sua mãe, Noz-Moscada, me contara a propósito da matança dos animais do jardim zoológico de Hsin-ching em Agosto de 1945. A história passava-se no dia seguinte e tinha por cenário o mesmíssimo jardim zoológico. E, uma vez mais, o protagonista era o veterinário sem nome, pai de Noz-Moscada e avô de Canela.

Não tinha maneira de apurar até que ponto a história era verdadeira. Quem é que me garantia que não se tratava, do princípio ao fim, de uma invenção de Canela? Como saber se todos os episódios

eram baseados em factos verdadeiros? Noz-Moscada, a sua mãe, tinha-me garantido que não sabia «rigorosamente nada» do que acontecera com o seu pai desde a última vez que o vira. Logo, a história podia muito bem não ser totalmente verdadeira, ainda que certas partes fossem baseadas em acontecimentos históricos. No meio do caos que reinava num período como aquele, era possível que os cadetes da Academia Militar do Manchukuo tivessem sido executados e enterrados no jardim zoológico de Hsin-ching e que o oficial japonês que dirigiu a execução fosse por sua vez executado ao terminar a guerra. Em circunstâncias como aquelas, a deserção e a insubordinação não eram factos raros e podia dar-se o caso de os chineses assassinados envergarem o uniforme da equipa de basebol. Tinha o seu quê de estranho, mas podia ter acontecido. Uma vez na posse desses factos, era possível que Canela tivesse construído a história à sua maneira, incorporando a figura do seu avô.

Agora, por que razão o teria Canela feito, isso já era outra história. O que o levaria a dar-lhe a forma de histórias? Por que é que escolhera dar o nome de «Crónica» a este conjunto de histórias? Sentado no sofá da «sala de provas», a dar voltas a um lápis por entre os dedos, pus-me a pensar sobre tudo aquilo.

Para ter uma resposta, só lendo as histórias todas. No entanto, só pela leitura do capítulo oito já ficara com uma ideia, ainda que vaga, do que levara Canela a escrever. Através da escrita, ele procurava o sentido da sua própria vida. E, sem sombra de dúvida, tinha esperança de o encontrar em factos anteriores ao seu nascimento.

Para tal, Canela precisava de preencher os espaços em branco do passado que estavam fora do seu alcance. A fim de encontrar os elos perdidos pelos seus próprios meios, reinventara a história da sua família a partir das estórias contadas vezes sem conta pela sua mãe quando ele era criança, apoiando-se nelas para recriar a figura enigmática do avô num cenário novo. O estilo era essencialmente o da sua mãe. A saber: a realidade pode não ser verdade, e a verdade pode não ser real. Era possível que aos olhos de Canela não fosse muito importante saber quais as partes da história que eram verídicas e quais o não eram. O importante, para ele, era o que o seu avô *deveria ter feito*, e não o que ele fizera. E isso era uma coisa que, se conseguisse contar bem a história, ele ficaria a saber à medida que a sua história se desenrolasse.

As histórias usavam «crónica do pássaro de corda» como palavra-chave, e desenrolavam-se até aos nossos dias sob a forma de crónicas (mas não forçosamente apresentadas por ordem cronológica). Agora, a expressão «pássaro de corda» não era uma invenção de Canela. Era o termo que a sua mãe, Noz-Moscada, usara sem querer no meio da história que me contara no restaurante de Ayoama. E, naquele momento, Noz-Moscada ainda não sabia que a mim me tinham dado o nome de Pássaro de Corda. O que significava que eu me encontrava ligado à sua história por uma estranha combinação de circunstâncias.

No entanto, nada disto era um dado adquirido. Podia muito bem acontecer que Noz-Moscada por qualquer razão já soubesse que eu respondia pela alcunha de Pássaro de Corda. E que, inconscientemente, tivesse introduzido a expressão na história que era a dela (melhor dizendo, na história *deles*). Uma história para a qual não existia uma única forma fixa, mas que continuava sempre a ser aumentada e enriquecida com novos elementos, como acontece na literatura de tradição oral.

Enfim, quer se tratasse ou não de uma coincidência, a verdade é que a existência do «pássaro de corda» desempenhava um papel fundamental na história de Canela. Com efeito, era o canto daquele pássaro, dado a ouvir apenas a umas quantas pessoas especiais, que as guiava em direcção à

catástrofe inevitável. Como o veterinário sempre palpitara, o livre-arbítrio era coisa que não existia. As pessoas eram como bonecos mecânicos aos quais se tinha dado corda nas costas e posto em cima de uma mesa, condenados a seguir um caminho que não tinham sido eles a escolher, obrigados a avançar numa direcção que lhes era imposta. Quase todos os que tinham ouvido o canto haviam conhecido a ruína e a perdição. Muitos tinham morrido, como bonecos de corda avançando até à beira da mesa e caindo no vazio.

Canela devia ter assistido à minha conversa com Kumiko. O mais provável era ele estar a par de tudo o que se passava no seu computador. Tinha esperado que a comunicação chegasse ao fim para então me pôr diante dos olhos a «Crónica do Pássaro de Corda». Nada disto acontecera por acaso, ou fruto de um capricho da sua parte. Canela programara o aparelho com um objectivo muito claro e tinha-me deixado ler *uma única* das suas histórias. Ao mesmo tempo, também deixara no ar a possibilidade de existir uma data de outros relatos.

Deitei-me em cima do sofá e fiquei ali a olhar para o tecto na penumbra da sala de provas. A noite era profunda e pesada, à minha volta reinava um silêncio que quase me fazia doer o peito. O tecto branco parecia uma espessa capa de gelo pousada sobre a divisão.

O veterinário sem nome (e avô de Canela) e eu estávamos ligados por estranhos pontos em comum – uma mancha na cara, um taco de basebol, o grito do pássaro de corda. Sem esquecer o tenente que aparecia na história de Canela, e que me fazia lembrar o tenente Mamiya. Também ele prestava serviço no quartel-general de Kwantung, em Hsin-ching, por aqueles dias. O verdadeiro tenente Mamiya, contudo, não era oficial de carreira, era miliciano e integrava os quadros da secção de topografia e, além disso, não tinha sido enforcado depois da guerra (o destino negara-lhe a morte), regressando ao Japão depois de ter perdido o braço esquerdo em combate. Ainda assim, não me saía da cabeça que o oficial que dirigira a execução dos quatro soldados chineses tinha sido, na realidade, o tenente Mamiya. Pelo menos, *não estranharia* que tivesse sido ele.

Depois põe-se a questão do taco de basebol. Canela sabia que eu costumava ter sempre o taco comigo quando estava no fundo do poço. Por isso, é muito possível que a imagem do taco se tenha «infiltrado» mais tarde na sua história, tal como aconteceu com a expressão «pássaro de corda». A ser esse o caso, porém, havia um enigma inexplicável relacionado com o taco: o homem com o estojo da guitarra que me tinha agredido à entrada do prédio de apartamentos abandonado. O mesmo homem que havia queimado a palma da mão com a chama da vela, num bar em Sapporo, e que, mais tarde, me golpeará com o taco, e fora ele próprio a *pôr-me o taco nas mãos*.

Outra coisa: por que é que me aparecera uma mancha no rosto com a mesma forma e da mesma cor que a do avô de Canela? Seria isso o resultado da minha presença, melhor dizendo, da minha «intromissão» na sua história? O certo é que Noz-Moscada não tinha necessidade nenhuma de inventar uma história do género sobre o pai. De resto, se ela me «descobrirá» em Shinjuku, isso ficava precisamente a dever-se à mancha que eu apresentava em comum com o pai dela. Todos os elementos se interrelacionam, com a complexidade de um quebra-cabeças tridimensional – um quebra-cabeças no qual a verdade nem sempre é real e a realidade nem sempre é verdadeira.

Levantei-me do sofá e voltei ao pequeno quarto de Canela. Sentado à escrivaninha, com os

cotovelos apoiados na mesa, fico ali a olhar para o computador. *Canela pode muito bem estar ali.* Ali dentro, as suas palavras silenciosas respiravam e viviam transformadas em histórias. As suas palavras pensavam, procuravam, cresciam, emitiam calor. No entanto, o ecrã que tinha à minha frente continuava tão profundo e impassível como a Lua, dissimulando a existência de Canela na floresta labiríntica dos enganos. Nem o rectângulo opaco do monitor nem Canela, escondido lá atrás, faziam tentões de me revelar mais para além das histórias que já me tinham contado.

Não se pode ter confiança numa casa
(O ponto de vista de May Kasahara – 5)

Como estás, senhor Pássaro de Corda?

No fim da minha última carta, escrevi que tinha a sensação de te ter dito tudo o que tinha para te dizer – assim como quem põe um ponto final no assunto, lembras-te? Acontece que pensei melhor e afinal parece-me que ainda não deitei tudo cá para fora. Por isso, aqui me tens, ainda a pé na calada da noite, como uma barata, sentada à mesa, a escrever-te esta carta.

Não sei porquê, mas nestes últimos tempos deu-me para pensar nos Miyawaki. Falo daquela pobre família que vivia na casa abandonada e que, perseguida por credores, acabou por se suicidar. Tenho quase a certeza de ter lido algures que a filha mais velha não tinha morrido e que ninguém sabe onde ela pára... Posso estar a trabalhar, a comer na cantina, no meu quarto a ler ou a ouvir música, que de repente, zás!, salta-me à lembrança a imagem daquela família. Atenção, não se pode dizer que esteja obcecada com isso o tempo todo, mas sempre que encontra uma fenda (e a minha cabeça está cheiinha delas!), essa ideia infiltra-se e deixa-se ficar, como o fumo de uma fogueira entra pela janela. Na última semana, ou nos últimos quinze dias, está sempre a acontecer-me.

Vivi ali toda a minha vida, na casa em frente da deles, e cresci a olhar para as janelas do outro lado da ruela. Quando entrei para a escola básica e tive finalmente direito ao meu quarto, já os Miyawaki tinham mandado construir a casa nova e estavam a morar lá. Havia sempre muito movimento, nos dias de sol via-se a roupa estendida nas traseiras, as duas raparigas punham-se a chamar o cão aos gritos, um grande pastor alemão preto (bem me tento lembrar do nome, mas varreu-se-me). Quando escurecia, viam-se pelas janelas as luzes acesas no interior e a casa ficava com um aspecto francamente acolhedor, e mais tarde, noite dentro, era a vez de se irem apagando, uma a uma. A filha mais velha estudava piano e a mais nova, violino (a mais velha tinha um ano mais do que eu, a segunda era mais nova). Faziam grandes festas nos anos e no Natal, convidavam muitos amigos e fartavam-se de se divertir. Uma pessoa que só tenha conhecido a casa depois de abandonada, quando não passava de um monte de ruínas, não pode imaginar o que aquilo era.

Nos dias de descanso, costumava ver o senhor Miyawaki a cuidar do jardim. Se queres que te diga, sempre fiquei com a ideia de que ele tinha prazer em ser ele a desempenhar todas aquelas pequenas tarefas, coisas que ainda levavam o seu tempo, como limpar as goteiras do telhado, levar o cão a passear, encerar o carro. Hei-de morrer sem entender como é que alguém pode gostar de actividades tão chatas, mas está visto que há gostos para tudo, além de que faz sempre falta alguém assim numa família que se preze. Quando chegava o Inverno iam todos contentes não sei para onde com os esquis em cima do grande carro que tinham (pessoalmente, detesto esquiar, mas isso não vem ao caso).

Dito isto, parecia que se tratava da típica família feliz que se encontra por aí ao virar de cada

esquina. Não parecia, era a típica família feliz que se encontra por aí ao virar de cada esquina. Não havia nada a dizer, nenhum pormenor que nos desse vontade de franzir o sobrolho e dizer: «Que diabo é isto? Ná, não me convencem...» Como não podia deixar de ser, nas costas deles os vizinhos diziam coisas do género: «quem não vivia naquela casa sinistra nem que me pagassem era eu», mas, como acabo de te contar, os Miyawaki davam a imagem de uma família tão pacífica que uma pessoa até ficava com vontade de emoldurar a fotografia deles e pôr na parede. Viviam os quatro uma bela vida e a frase com que terminam todos os contos de fada «... e viveram felizes para sempre» parecia ter sido escrita a pensar neles. A mim, pelo menos, e comparando com a minha família, eles pareciam-me dez vezes mais felizes. E as duas filhas eram sempre muito simpáticas para mim, quando nos cruzávamos. Muitas vezes pensava: «Quem me dera ter umas irmãs assim!» Dava a sensação de ser uma daquelas famílias em que as pessoas estão sempre a rir – sem esquecer o cão. Nunca teria imaginado que um dia tudo aquilo acabaria por desaparecer enquanto o diabo esfrega um olho.

Porque foi precisamente o que aconteceu. Um belo dia, quando dei por isso, toda a família – sem esquecer o pastor-alemão desaparecera, como que varrida por um golpe de vento e deixando apenas atrás de si uma casa vazia. Durante um certo tempo (uma semana, para aí), ninguém se deu conta do seu desaparecimento. Eu bem estranhava não ver as luzes acesas, à noitinha, mas pensava sempre que deviam ter ido de viagem, numa das suas famosas viagens. Foi então que a minha mãe ouviu dizer que os Miyawaki «andavam a monte». Lembro-me de ter perguntado à minha mãe o que significava a expressão «andar a monte». Hoje em dia diríamos que se tinham «fugido pela calada», acho eu.

Em todo o caso, a monte ou fugidos pela calada, o certo é que, aos meus olhos, a casa dos Miyawaki mudou radicalmente de atmosfera depois de eles terem desaparecido. Quase metia medo. Nunca na vida tinha posto os olhos em cima de uma casa abandonada, e até hoje continuo sem saber que aspecto pode ter uma casa abandonada normal, mas no fundo estava à espera de encontrar uma casa com um aspecto triste, abatido, como um cão abandonado ou uma concha vazia. A casa dos Miyawaki, porém, não tinha nada essa sensação de «abatimento». Mal a família desapareceu de cena, ficou com uma expressão de indiferença, como se dissesse: «Não conheço esses tal Miyawaki de parte nenhuma.» Pelo menos, foi a impressão com que fiquei. Era como um cão estúpido e ingrato. Assim que os Miyawaki bateram com a porta, transformou-se numa «casa abandonada auto-suficiente», que não tinha nada que ver com a felicidade do clã. Fiquei pior do que estragada! Afinal, a casa devia ter boas recordações enquanto os Miyawaki lá moravam, não te parece? Eles tratavam dela com todo o cuidado, além de que nem sequer existiria se não fosse o senhor Miyawaki se ter lembrado de a construir. Não achas que foi injusto? Por essas e por outras é que uma pessoa nunca pode ter confiança numa casa.

Depois disso, e como tu sabes, Pássaro de Corda, nunca mais ninguém lá viveu e a casa, abandonada, acabou por se encher de excrementos de pássaros. Passei anos da janela do meu quarto a olhar para a casa abandonada. Observava-a enquanto estava sentada à secretária a estudar – ou a fingir que estudava. Fizesse sol ou fizesse chuva, nos dias de neve ou em dias de tufão. É bom de ver que a casa está mesmo ali em frente, é só levantar os olhos e ela ali está. E o estranho é que, por mais que quisesse, não conseguia desviar os olhos. Podia passar meia hora seguida – e passei, muitas vezes – com os cotovelos fincados na mesa, numa espécie de estado de encantamento, sem fazer mais nada a não ser olhar para a casa. Não sei como explicar-te, mas

pouco tempo antes a casa estava a transbordar de risos, e cheia de roupa a ondular ao vento, mais branca do que a de um anúncio de detergente na televisão (não diria propriamente que a senhora Miyawaki era «anormal» nem nada que se pareça, mas que gostava de fazer a barrela, mais do que o comum dos mortais, lá isso gostava). Pois bem, tudo isso desapareceu de um momento para o outro, o jardim encheu-se de ervas daninhas, e não ficou ninguém para recordar os dias felizes no lar dos Miyawaki. A mim, tudo aquilo me parecia muitíssimo estranho!

Quero que fique bem claro que eu não era especialmente amiga dos Miyawaki. A verdade é que só costumava falar com eles para lhes dar os bons-dias quando nos cruzávamos na rua. O que acontece é que, de gastar tanto do meu tempo e da minha energia a olhar para a casa da janela do quarto, quase tinha a sensação de que a felicidade quotidiana deles fazia parte de mim. Como um desconhecido que aparece no ângulo escondido de uma fotografia de família, estás a ver? Há alturas em que penso que uma parte de mim «anda a monte» juntamente com eles e bazou para qualquer lado. Não sei explicar bem, mas acredita que produz uma sensação estranha, saber que parte de ti «anda a monte», para mais na companhia de pessoas que mal conhecia.

E já que aqui estamos, tenho outra coisa estranha para te contar. A sério: esta é que é mesmo bizarra!

Nos últimos tempos, tenho por vezes a sensação de me ter transformado em Kumiko. Sou eu a tua mulher, senhor Pássaro de Corda, que abandonou o lar por alguma razão e vive escondida ao mesmo tempo que trabalha numa fábrica de perucas que fica numas montanhas para lá do sol-posto. Por mil e uma razões, utilizo, por agora, o falso nome de «May Kasahara», ponho uma máscara e finjo não ser Kumiko. Enquanto isto, tu, senhor Pássaro de Corda, passas o tempo sentado sem fazer nada na tua triste varanda, impaciente, à espera que eu regresse... E olha que é uma sensação muito intensa.

Diz-me lá uma coisa, senhor Pássaro de Corda, alguma vez te sentiste obcecado com ideias deste género? Não é que me sinta orgulhosa disso, mas eu passo a vida nisto. Nos piores casos, chego a trabalhar o dia inteiro rodeada por uma nuvem de obsessões. Não me estorva o trabalho porque aquilo que faço não passa de uma série de tarefas simples e mecânicas, mas isso não impede que as outras raparigas se ponham a olhar para mim de uma maneira estranha. Se calhar, falo sozinha e digo disparates. É uma coisa que detesto, mas sei que não serve de nada lutar contra isso. As obsessões aparecem pontualmente, como a menstruação. Quando batem à porta, não podes dizer: «Por que é que não apareces antes outro dia, que hoje estou ocupada?» É uma chatice. Seja como for, espero que não leves a mal que às vezes finja ser Kumiko. Acredita que não o faço por querer.

Começa a dar-me o sono. Agora vou dormir três ou quatro horas como uma pedra. Depois, levanto-me e mato-me a trabalhar durante todo o santo dia, a fazer perucas na companhia das outras raparigas, escutando o tempo todo uma música inofensiva. Não te preocupes comigo. Sei desenvencilhar-me bem, mesmo no meio das minhas obsessões. Pela minha parte, espero sinceramente que esteja a correr tudo bem contigo. Oxalá Kumiko volte para casa e possam regressar os dois à vossa vida tranquila e feliz de antigamente.

Adeus.

Na manhã seguinte deram as nove, deram as dez, e Canela sem aparecer. Nunca semelhante coisa tinha acontecido. Desde que eu começara a «trabalhar» na casa, todos os dias sem exceção, o portão abria-se às nove em ponto da manhã para deixar entrar a cintilante estrela de três pontas na dianteira do *Mercedes*. Aquela chegada quotidiana e, porventura, com o seu quê de teatral, marcava o início da minha jornada. Habituará-me àquela rotina diária, da mesma forma que toda a gente se acostuma a viver com a gravidade e a pressão atmosférica. Na pontualidade meticulosa de Canela havia qualquer coisa de caloroso, algo que ia para além do puramente mecânico, algo que me reconfortava e animava. Uma manhã sem Canela era, aos meus olhos, uma paisagem bem pintada à qual faltasse o essencial.

Desisti, afastei-me da janela, descasquei uma maçã e foi esse o meu pequeno-almoço. A seguir dirigi-me ao quarto de trabalho de Canela para ver se havia alguma mensagem no computador. Nada, o ecrã continuava apagado. Não tive outro remédio senão seguir o exemplo de Canela e lavar a loiça, aspirar a casa, limpar os vidros das janelas, enquanto ouvia uma cassette de música barroca. Executei cada uma das tarefas com deliberada meticulosidade, para melhor matar o tempo. Fui ao ponto de lavar as pás do exaustor da cozinha – nem assim o tempo passava mais depressa.

Às onze, sem saber o que mais fazer, fui deitar-me no sofá da sala de provas e abandonei-me ao lânguido correr do tempo. Procurei convencer-me de que Canela devia estar atrasado por qualquer motivo: o carro tivera uma avaria no caminho, ou então tinha sido apanhado por um engarrafamento monstruoso. Impossível. Podia apostar todo o meu dinheiro. A viatura de Canela nunca avariava, e ele tomava sempre os engarrafamentos em linha de conta para calcular a duração do seu trajeto. Mais, imaginando que tivesse tido algum percalço inesperado, teria ligado do carro para me prevenir. Não, se Canela não aparecia era porque *tinha decidido* não vir.

Um pouco antes da uma, tentei ligar para o escritório de Noz-Moscada em Akasaka, mas não obtive resposta. Telefonei várias vezes, sempre com o mesmo resultado. Então liguei o número do escritório de Ushikawa. Em vez do toque de chamada, uma gravação de voz informava que o número de telefone estava fora de serviço. Era estranho. Ainda nem há dois dias tinha falado com ele para aquele número. Desisti e voltei para o sofá na sala de provas. De um momento para o outro, parecia que naqueles dois últimos dias toda a gente se tinha posto de acordo e combinado evitar-me.

Voltei para ao pé da janela e espreitei lá para fora através de uma fresta nas cortinas. Pousados num dos ramos, dois passarinhos de Inverno cheios de energia olhavam vivamente à sua volta. Depois, como se tivessem perdido o interesse em tudo o que os rodeava, levantaram voo. Tirando isso, não se registava nenhum outro movimento. A mansão parecia uma casa vazia, acabada de construir.

Durante cinco dias não pus os pés na casa. Por algum motivo, não sentia desejo algum de descer ao fundo do poço. Tal como Noboru Wataya me havia dito, acabaria por perder esse desejo num futuro não muito distante. Se não houvesse mais visitas, e com o dinheiro que de momento ainda me sobrava, poderia manter a casa por mais dois meses, no máximo. Entretanto, deveria usar o poço com a maior frequência possível. Custava-me respirar. De repente, assaltou-me a sensação de estar num lugar errado, onde não devia estar.

Sem nada para fazer, punha-me a vaguear pelos arredores sem me aproximar da casa. De tarde, dirigia-me à saída oeste da estação de Shinjuku e sentava-me no banco do costume, para matar o tempo. Noz-Moscada nunca se dignou aparecer. Uma vez cheguei a ir ao seu escritório em Akasaka, toquei à campainha, sem tirar os olhos da lente da câmara em frente do elevador, mas ninguém respondeu. Era por de mais evidente que Noz-Moscada e Canela tinham decidido interromper qualquer relação que tivessem comigo. Aquela estranha parelha composta por mãe e filho deveria ter abandonado o barco que estava em riscos de se afundar, procurando refúgio num local seguro. Aquilo produziu em mim uma inesperada tristeza. Tive a sensação de estar a ser atraído pela minha própria família.

A cauda de Malta Kano

Boris, o Esfolador

No meu sonho (se bem que, na altura, não soubesse que se tratava de um sonho), Malta Kano e eu estávamos sentados, frente a frente, a tomar chá. A sala, rectangular, estava muito limpa e era tão grande que não se conseguia alcançar todos os ângulos, ainda que pelo menos desse para ver que havia quinhentas ou mais mesas brancas e quadradas, perfeitamente alinhadas. A nossa encontrava-se mesmo a meio, e estávamos sozinhos. O tecto, tão alto que fazia lembrar o de um templo budista, era atravessado por inúmeras vigas grossas das quais pendiam, como plantas em vasos, aquilo que pareciam ser perucas. Olhando melhor para eles, vi que se tratava de autênticos escalpes humanos. Percebi isso por causa do sangue negro coagulado no seu interior. Aquelas cabeleiras humanas deviam estar a secar, assim penduradas das vigas. Fiquei com medo que o sangue, ainda fresco, pudesse cair dentro das nossas chávenas de chá. Na realidade, à nossa volta ouvia-se o sangue a cair, aqui e ali, como gotas de chuva, e naquela imensa sala vazia, aquilo produzia um ruído demasiado forte. Apenas os couros cabeludos por cima das nossas cabeças pareciam secos e já não pingavam.

O chá estava a ferver. Ao lado das colheres de chá, em cada um dos pires, havia três torrões de açúcar de um verde sinistro. Malta Kano pôs na chávena dois dos três torrões e mexeu-os lentamente com a colher, mas não havia maneira de derreterem. A certa altura aparecia um cão e vinha sentar-se ao pé da mesa. Ao olhar para o focinho, reconheci a cara de Ushikawa. Um canzarrão preto, corpulento e disforme, que do pescoço para cima era Ushikawa, tirando o facto de tanto o rosto como a cabeça estarem cobertos pelo mesmo pêlo negro que lhe cobria o resto do corpo.

«E esta, hem?, se não é o senhor Okada!», exclamava Ushikawa, na versão canídea. «Já viu a minha cara, toda coberta de pêlo? A verdade é que, a partir do momento em que me transformei em cão, começou a crescer-me pêlo por tudo quanto era sítio. Espantoso. Até os testículos aumentaram, e já não tenho aquela dor de estômago de todo o tamanho! Nem sequer preciso de óculos, não sei se está ver?! E escusado dizer que não preciso de me vestir. Nunca me tinha sentido tão feliz como agora. Como é que nunca me lembrei disto antes? Quem me dera ter-me transformado em cão mais cedo! Que lhe parece, senhor Okada? Não estará por acaso interessado em passar a ser cão?»

Malta Kano pegava no torrão de açúcar verde que ainda tinha no pratinho e atirava-o com toda a força que tinha contra o focinho do cão, atingindo-o em cheio na fuça. O sangue começava a escorrer, tingindo de negro o focinho de Ushikawa. Era um sangue muito escuro, como tinta-da-china. Dir-se-ia, porém, que aquilo não fizera mossa a Ushikawa. Com um sorriso, alçava a cauda e afastava-se sem dizer nada. Verdade seja dita, os seus testículos eram extraordinariamente grandes.

Malta Kano vestia um impermeável. As lapelas estavam cuidadosamente fechadas sobre o peito, mas bastava-me aspirar a delicada fragrância da sua pele nua para eu ficar a saber que ela não tinha nada vestido por baixo. Como não podia deixar de ser, trazia o chapéu de plástico vermelho. Eu

erguia a taça e bebia um gole do meu chá. Não sabia a nada. Estava quente, mais nada.

«Ainda bem que veio!», dizia ela num tom francamente aliviado. Passado tanto tempo, a sua voz parecia-me um bocadinho mais alegre do que antes. «Ultimamente, tenho-lhe telefonado várias vezes e, como nunca o encontrava em casa, comecei a ficar preocupada e a perguntar a mim mesma se não lhe teria acontecido alguma coisa. O importante é que esteja bem. Não imagina como fiquei mais tranquila, só de ouvir a sua voz! Em todo o caso, tenho de lhe pedir desculpa por ter estado sem dizer nada durante tanto tempo. Poupo-lhe os pormenores, uma vez que se me pusesse para aqui a contar o que aconteceu, tudo muito explicadinho, seria demasiado longo. Atendendo a que estamos a falar ao telefone, tentarei ser breve. Para resumir, digamos que estive ausente em viagem durante muito tempo e que acabei de regressar há coisa de uma semana. Senhor Okada, está a ouvir-me?»

«Sim, estou a ouvir», replicava eu, dando-me conta de repente de que tinha o auscultador na mão, encostado à orelha, o mesmo acontecendo com Malta Kano, do outro lado da mesa. O som da sua voz chegava até mim de muito longe, como numa chamada internacional cheia de interferências.

«Estive ausente do Japão, como sabe, na ilha de Malta, no Mediterrâneo. Um belo dia, senti a necessidade de regressar a Malta, de estar outra vez perto daquela água. Compreendi que chegara o momento. Isso aconteceu pouco depois da nossa última chamada telefónica, lembra-se? Na altura eu andava à procura de Creta. Seja como for, não era minha intenção ficar durante tanto tempo afastada do Japão. Tinha previsto regressar passadas duas semanas. Foi, de resto, por essa razão que não lhe disse nada. Apanhei o avião sem avisar ninguém nem levar bagagem comigo, praticamente com a roupa que tinha vestida. Uma vez ali chegada, já não consegui abandonar a ilha. Alguma vez esteve em Malta, senhor Okada?»

Eu respondia-lhe que não. Lembrava-me de ter tido com ela uma conversa muito parecida há um ano atrás.

«Está? Está?», dizia Malta Kano.

«Sim, ainda aqui estou», respondia eu.

Tinha qualquer coisa para lhe dizer, mas não me conseguia lembrar o quê. Ao fim de puxar pela cabeça, acabei por me lembrar. Mudei o auscultador de mão e disse: «Há muito tempo que ando com uma coisa para lhe dizer, senhora Kano. O gato voltou.»

Malta Kano ficou calada durante quatro ou cinco segundos.

«O gato voltou?»

«Sim. Vendo bem, foi por causa de o gato andar desaparecido que nos conhecemos, por isso pareceu-me que tinha de lhe dar a notícia.»

«Quando é que voltou?»

«No princípio desta Primavera. Desde então tem estado sempre comigo.»

«E não apresenta nenhuma mudança, exteriormente? Nota-lhe alguma diferença?»

Alguma diferença?

«Agora que pergunta, deu-me a impressão que a forma da cauda era ligeiramente diferente», dizia eu. «Quando me pus a fazer-lhe festas, mal ele voltou, pareceu-me, por instantes, que antes tinha a cauda mais dobrada, mas posso estar enganado. Afinal de contas, andou por fora quase um ano.»

«Tem a certeza de que se trata do mesmo gato?»

«A certezinha absoluta. Há muito tempo que está cá em casa, teria dado por isso.»

«Estou a ver», dizia Malta Kano. «Para lhe dizer a verdade, senhor Okada, tenho muita pena mas a verdadeira cauda do animal está na minha posse.»

Dito isto, Malta Kano pousava o auscultador em cima da mesa, despiu o impermeável e ficava nua. Tal como eu suspeitava, não trazia nada por baixo. O tamanho dos seios e o formato da região púbica assemelhavam-se em muito aos da irmã, Creta Kano. Continuava sem tirar o chapéu vermelho de plástico. Virava-se e ficava de costas para mim. Ali à vista, mesmo por cima das nádegas, exibia um rabo de gato. Era maior do que o do gato, proporcional à estatura de Malta Kano, mas tinha sem dúvida a mesma forma da cauda de *Cavala*. Via-se a mesma ponta dobrada, de certo modo muito mais real e verosímil do que a cauda do meu próprio gato.

«Repare bem», dizia Malta Kano. «Esta é a verdadeira cauda do gato desaparecido. Aquela que o gato agora tem é uma imitação. Parece igualzinha, mas, se olhar com atenção, verá que é uma cauda diferente.»

Estendi a mão para lhe tocar na cauda, mas ela mexia o rabo, escapava-se. Sempre despida, saltava por cima de uma das mesas. Sobre a palma da minha mão aberta caíam, do tecto, gotas de sangue. De um vermelho tão vivo como o do chapéu de Malta Kano.

«Senhor Okada, o nome do bebé que Creta Kano deu à luz é Córsega», lançava Malta Kano de cima da mesa, agitando violentamente a cauda.

«Córsega?»

«“Um homem não é uma ilha”», atalhou o cão preto, que é como quem diz, Ushikawa, vindo não se sabe de onde.

O bebé de Creta Kano?

Acordei alagado de suor.

Há já muito tempo que não tinha um sonho assim tão longo, tão vívido, tão bem estruturado. Já para não dizer estranho. O meu coração continuou a bater desalmadamente durante um grande bocado, mesmo depois de acordar. Tomei um duche muito quente, fui buscar um pijama limpo, mudei de roupa. Já passava da uma da manhã, mas não tinha sono. Desencantei uma velha garrafa de *brandy*, guardada há que tempos no fundo do armário da cozinha, e servi-me de um copo para ver se acalmava o espírito.

Em seguida, dirigi-me ao quarto, à procura de *Cavala*. O gato estava profundamente adormecido, todo enroscado debaixo da manta. Destapei-o, agarrei na cauda e pus-me a examiná-la com curiosidade. Passei os dedos por ela, tentando lembrar-me do ângulo exacto formado pela ponta dobrada, quando o gato acordou com um ar de poucos amigos, para logo voltar a adormecer. Não saberia dizer ao certo se aquela era a mesma cauda dos tempos em que o gato respondia pelo nome de *Noboru Wataya*. Era como se, de certa forma, o apêndice de Malta Kano fosse, aos meus olhos, bem mais parecido com o verdadeiro rabo de *Noboru Wataya*. Lembrava-me vivamente da cor e da forma que aparecera no sonho.

O nome do bebé que Creta Kano deu à luz é Córsega, dissera-me Malta Kano em sonhos.

No dia seguinte não me afastei muito de casa. De manhã fui ao supermercado que ficava junto da estação, comprei comida para vários dias e tratei do meu almoço. Ao gato dei a comer umas sardinhas enormes. À tarde, depois de uma longa ausência, fui nadar à piscina municipal. Talvez por se aproximar a época de celebrações de Fim de Ano, a piscina não estava muito cheia. As colunas instaladas no tecto difundiam músicas de Natal. Nadei calmamente até que, depois de ter feito para aí uns mil metros, senti uma câibra no peito do pé e deixei de nadar. Numa parede da piscina havia um

grande enfeite de Natal.

Ao chegar a casa tinha uma carta à minha espera na caixa do correio – por sinal um sobrescrito volumoso. Nem precisei de olhar duas vezes para saber o nome do remetente. Não havia mais ninguém, tirando o tenente Mamiya, que desenhasse a pincel aqueles magníficos caracteres.

No seu estilo elegante e educado, começava a carta apresentando as suas desculpas pelo facto de ter estado tanto tempo sem escrever desde a última vez. Só de ler as suas palavras, quase me senti na obrigação de ser eu a pedir desculpa.

Tenho estado para lhe escrever há meses, a fim de completar o relato da minha história, mas diversas circunstâncias impediram-me de reunir as forças necessárias para me sentar no meu escritório e pegar no pincel. Agora, quase sem dar por isso, verifico que o tempo passou e que temos o fim de ano à porta. A verdade é que estou velho, posso morrer a qualquer momento. Daí que me encontre numa situação que não me permite adiar por mais tempo esta tarefa. É possível que esta carta seja mais longa do que o previsto – espero, no entanto, que não tão longa que o afaste da sua leitura.

Quando o visitei no Verão passado, para lhe entregar em mão a recordação do senhor Honda, passei muito tempo a narrar-lhe a nossa missão em terras da Mongólia, mas, na realidade, a história não acaba aí. Com efeito, pode dizer-se que tem como se diz, uma «sequela», sendo várias as razões que me levaram a omiti-la então na sua totalidade. Uma prende-se justamente com a extensão do relato, uma vez que, como decerto estará lembrado, na altura um assunto urgente reclamava a minha presença, impedindo-me assim de prosseguir a minha exposição até ao fim. Porventura mais importante, contudo, foi o facto de não me encontrar ao tempo emocionalmente preparado para relatar com sinceridade a minha história a terceiros.

Não obstante, ao despedir-me de si, dei por mim a pensar que não deveria ter permitido que os assuntos urgentes de natureza burocrática interferissem, e que deveria, isso sim, ter-lhe contado, a si, honestamente, a história até ao fim, sem esconder nada.

Atingido pelo impacto de um projectil de metralhadora no decorrer dos violentos combates que se desenrolaram às portas de Hailar, no dia 13 de Agosto de 1945, fiquei caído por terra e perdi o meu braço esquerdo, esmagado debaixo da lagarta de um carro de combate T-34 do exército soviético. Ainda inconsciente, transferiram-me para o hospital militar soviético de Chita, onde fui operado e assim logrei escapar, por uma unha negra, à morte. Como já anteriormente referi, pertencia aos quadros do departamento topográfico do quartel-general de Hsin-ching e tínhamos ordens de retirar assim que a União Soviética interviesse no conflito. Apostado em morrer, havia solicitado a minha incorporação nas tropas estacionadas em Hailar, perto da fronteira, e, no decorrer de um ataque suicida, lancei-me contra uma unidade de carros de combate do exército soviético com uma granada na mão. Tal como acontecia na profecia feita pelo senhor Honda, a morte não quis nada comigo. Levou-me a mão, mas deixou-me inteiro. Se a memória me não falha, todos os homens que eu comandava perderam aí a vida. Se bem que me limitasse a cumprir ordens dos meus superiores, há que convir que tudo aquilo não passou, de facto, de um estúpido acto de suicídio, condenado ao malogro. Com efeito, que podiam as pequenas granadas de mão por nós utilizadas contra os poderosos T-34?

A razão pela qual fui alvo, no hospital, de um tratamento preferencial, prende-se com o facto de, ainda inconsciente, ter proferido frases em russo no meu delírio. Pelo menos assim mo fizeram

saber mais tarde. Como também já lhe dei a conhecer, possuía conhecimentos rudimentares da língua russa, além de que, mais tarde, enquanto prestava serviço no quartel-general de Hsin-ching, aproveitara os meus tempos livres para aperfeiçoar o idioma. Em Hsin-ching viviam muitos russos brancos, incluindo empregadas de bares e restaurantes, de modo que oportunidades para praticar a língua não me faltaram. Segundo parece, enquanto permanecera sem sentidos, ter-me-ão ocorrido espontaneamente aos lábios palavras em russo.

Desde o princípio, o Exército soviético tinha a intenção de enviar para os campos de trabalhos forçados na Sibéria todos os prisioneiros de guerra japoneses capturados na Manchúria ocupada. Tal como, de resto, tinham feito com os soldados alemães no final das hostilidades na Europa. Os soviéticos estavam do lado dos vencedores, é certo, mas a sua economia andava pelas ruas da amargura e a escassez de mão-de-obra masculina era uma das suas prioridades em todo o país. Por esta razão, precisavam de recorrer ao maior número possível de intérpretes, ainda que estes fossem em número reduzido. Por isso, ao verem que eu falava russo, enviaram-me para o hospital de Chita em vez de me deixarem morrer. Se não tivesse delirado em russo, provavelmente ter-me-iam deixado para ali. O mais certo era ter sido enterrado nas margens do rio Hailar, sem direito a lápide. O destino é realmente uma coisa estranha.

Em seguida, fui investigado e sujeito a um apertado interrogatório, após o que frequentei durante meses um campo de doutrinação ideológico, antes ainda de ser enviado para as minas de carvão da Sibéria. Omitirei aqui todos os pormenores relativos a essas circunstâncias. Enquanto estudante, tinha lido às escondidas algumas obras de Marx, então proibidas no Japão, e pode dizer-se que, se bem que estivesse basicamente de acordo com as grandes linhas da ideologia comunista, vira demasiadas coisas para já então me deixar convencer globalmente pelos princípios ali consignados. Em resultado da minha ligação aos serviços secretos, estava por dentro da sangrenta repressão a que Estaline e os ditadores que estavam a seu soldo tinham submetido a Mongólia. Desde o início da revolução, dezenas de milhares de monges lamaístas, de proprietários de terras e de elementos das forças opositoras tinham sido enviados para campos de trabalhos forçados na Sibéria e aí condenados ao internamento e cruelmente eliminados. Exactamente o mesmo que fizeram na União Soviética. Ainda que eu em tempos acreditasse na ideologia em si, a verdade é que não podia crer nem nos indivíduos nem nas instituições que punham em prática aqueles princípios. Pensava o mesmo relativamente ao que nós, japoneses, fizemos na Manchúria, em nome de uma outra ideologia. Tenho a certeza de que o senhor não consegue imaginar quantos trabalhadores chineses morreram durante a construção da base secreta de Hailar – assassinados a fim de garantir o secretismo daqueles planos.

Além disso, eu já antes fora testemunha daquela cena dantesca perpetrada pelo oficial russo e pelos soldados mongóis, ao esfolarem um homem vivo. Como se não bastasse, tinha sido atirado para um poço sem fundo na Manchúria, onde perdera por completo a vontade de viver. Como podia alguém que havia experimentado tudo aquilo acreditar ainda numa ideologia e na política?

Na qualidade de intérprete, assegurava a ligação entre os prisioneiros de guerra japoneses que trabalhavam nas minas de carvão e os representantes da União Soviética. Não sei dizer como eram os outros campos de prisioneiros que havia na Sibéria, mas na mina em que eu estive morria gente todos os dias. Não eram poucas, as causas de morte. Desnutrição, desgaste físico causado pelo trabalho, afundamentos nas galerias, inundações, doenças contagiosas provocadas pela ausência de instalações sanitárias, um Inverno de um rigor inimaginável, a violência por parte

dos guardas, uma repressão violenta ao menor sinal de resistência. Assistia-se ainda a casos de linchamento entre os próprios prisioneiros. Surgiam ódios pessoais, todos desconfiavam uns dos outros, reinavam o medo e o desespero.

Com o aumento do número de mortos, começou a diminuir pouco a pouco a mão-de-obra disponível. Começaram então a chegar novos comboios de prisioneiros de guerra vindos de outras paragens. Esfarrapados, enfraquecidos, esqueléticos, incapazes de resistir ao duro trabalho na mina, um quarto desses homens morreram ao cabo das primeiras semanas. Os seus cadáveres eram atirados para dentro de um poço profundo numa mina abandonada. A maior parte do ano, o solo estava gelado e era impossível abrir uma vala com as pás, daí que as minas abandonadas funcionassem como lugares perfeitos para servirem de sepultura. Eram profundas, escuras, o frio impedia que o odor de putrefacção se espalhasse. Volta e meia, espalhávamos um pouco de cal lá para dentro, E, quando o poço começava a ficar cheio, cobríamo-lo de terra e de pedras e passávamos ao seguinte.

Os mortos não eram os únicos a serem atirados para dentro dos poços. Por vezes, também os vivos lá iam parar, a título de algum castigo exemplar. Qualquer soldado japonês que mostrasse sinais de resistir e uma atitude rebelde era separado dos demais e selvaticamente espancado pelos guardas soviéticos, que lhes partiam os ossos dos braços e das pernas e, finalmente, os atiravam para o escuro abismo. Ainda hoje oiço os seus gritos de dor. Aquilo era realmente o Inferno em vida.

A mina, considerada como uma importante instalação estratégica, era dirigida por destacados funcionários do Comité Central do Partido e estava rigorosamente vigiada pelo Exército. Dizia-se que o homem do Politburo, número um na mina, era originário da mesma terra de Estaline, um homem ainda novo, cheio de ambição e, também, duro e cruel. A sua única preocupação consistia em aumentar os números de produção, sem denotar a mínima consideração pelo custo humano que isso pudesse significar. Se a produtividade aumentava, a mina seria reconhecida pelo Comité Central do Partido como um local exemplar e, como tal, recompensada com mão-de-obra acrescida. O número de mortos entre os trabalhadores podia aumentar, que eles acabariam por ser sempre substituídos. A fim de melhorar os resultados obtidos, procedia-se à perfuração, uma atrás de outra, de novas e perigosas galerias, que normalmente nunca teriam sido exploradas. Consequentemente, o número de acidentes ia aumentando cada vez mais, mas aos olhos do director da mina isso era uma coisa irrelevante.

E não eram apenas os dirigentes os únicos sem coração, que se comportavam daquele modo. Os guardas que prestavam serviço nas minas eram, na sua maioria, ex-presidiários, sem educação, surpreendentemente cruéis e vingativos. Não só não mostravam indícios de compaixão como pareciam nem sequer ter sentimentos. Quase seríamos levados a pensar que o frio da Sibéria, com o passar do tempo, os havia transformado, naquele fim do mundo, em seres desumanos. Haviam sido enviados para ali por crimes cometidos, depois de terem cumprido longas penas numa prisão qualquer da Sibéria. Sem uma família nem um lugar para onde voltar, acabaram por estabelecer-se em solo siberiano, casando com mulheres da região e com elas tendo filhos.

Os prisioneiros de guerra japoneses não eram os únicos enviados para as minas de carvão. Também havia numerosos russos, tanto criminosos como prisioneiros políticos como, ainda, antigos militares vítimas das purgas desencadeadas por Estaline. Entre eles podiam contar-se alguns homens que haviam recebido uma educação superior, pessoas bastante requintadas.

Também existiam, ainda que em menor número, mulheres e crianças, por certo familiares de presos políticos. As mulheres e as crianças realizavam trabalhos de cozinha, limpezas, lavagem da roupa e coisas desse género. As mulheres jovens eram em muitos casos obrigadas a prostituir-se. E não estamos apenas a falar de russos, mas também de polacos, húngaros e outros estrangeiros de pele escura (porventura arménios ou curdos). Uns e outros, todos foram chegando nos comboios. O campo por nós ocupado estava dividido em três zonas: na maior, concentravam-se os prisioneiros japoneses; depois havia a zona destinada aos outros prisioneiros de guerra e demais presidiários; e, à parte, uma zona onde viviam os que não eram prisioneiros. Dentre estes últimos encontravam-se os mineiros de profissão e outros técnicos que trabalhavam nas minas, os oficiais e guardas das tropas de vigilância e as suas famílias, sem esquecer os vulgares cidadãos russos. Próximo da estação havia um vasto recinto ocupado pelo destacamento militar. Os prisioneiros de guerra e os presidiários estavam proibidos de circular por aquela zona. Os diferentes recintos estavam separados por grandes vedações de arame farpado, constantemente patrulhadas por soldados armados de metralhadoras.

Enquanto intérprete encarregado das transmissões, eu tinha liberdade para me deslocar de uma zona para a outra mediante um salvo-conduto. Nas imediações do quartel-general ficava a estação de caminho-de-ferro e, de frente para a estação, viam-se algumas casas alinhadas que formavam como que uma pequena povoação habitada. Havia meia dúzia de lojas miseráveis que vendiam artigos de primeira necessidade, uma taberna, alojamentos para os funcionários do Comité Central e os oficiais de alta patente. Uma grande bandeira vermelha da União Soviética ondulava na praça onde estavam as manjedouras para os cavalos. Por baixo da bandeira estava estacionado um carro blindado, e um soldado jovem, armado com uma metralhadora e com uma eterna expressão de aborrecimento estampada na cara. Mais adiante ficava o recém-construído hospital militar e, à entrada, erguia-se, não podia faltar, uma estátua enorme de José Estaline.

O homem de quem a partir de agora passo a falar, encontrei-o na Primavera de 1947, creio que em princípios de Maio, quando a neve começara finalmente a derreter-se. Passara um ano e meio desde que eu para ali tinha sido enviado. Aquele homem, vestido com o uniforme dos prisioneiros russos, trabalhava nas obras de reparação da estação, juntamente com dez outros compatriotas. Encontravam-se a partir pedra com um maço a fim de pavimentar a rua. O barulho produzido pelos martelos de encontro às pedras ressoava no ar, um pouco por toda a parte. Passei por ali casualmente, depois de ter ido entregar um relatório ao escritório central onde se encontravam as autoridades que administravam a mina. O suboficial que vigiava as obras fez-me parar e ordenou-me que mostrasse o meu salvo-conduto. Tirei o documento do bolso e entreguei-lho. O sargento, homem grande e robusto, ficou ali a examiná-lo com desconfiança, mas saltava à vista que nem sequer sabia ler. Chamou um dos presos que estavam a trabalhar e mandou-o ler o papel. Era um preso diferente dos outros, tinha todo o aspecto de ser um homem educado e culto. Era ele. Ao vê-lo, fiquei branco, literalmente sem pinga de sangue. Não conseguia respirar, como alguém que está debaixo de água, a afogar-se.

Aquele prisioneiro instruído era o oficial russo que, nas margens do rio Khalkha, dera ordens aos mongóis para que esfolassem Yamamoto. Estava mais magro, completamente calvo, e faltavam-lhe alguns dentes à frente. No lugar do impecável uniforme militar, sem uma ruga, vestia agora o uniforme cheio de manchas usado na prisão, e sapatos de tela esburacados em vez das botas reluzentes. As lentes dos seus óculos estavam sujas e riscadas, as hastes, torcidas. E, no

entanto, era o mesmo homem, sem sombra de dúvida. Tê-lo-ia reconhecido entre mil. Também ele olhou para mim fixamente. Talvez a sua curiosidade ficasse a dever-se ao facto de eu ter ficado ali a fitá-lo, como quem não acreditava no que estava a ver. Também eu, comparado com nove anos antes, devia estar marcado e avelhentado. Até cabelos brancos tinha. Ainda assim, quis-me parecer que também ele me havia reconhecido. Uma expressão de espanto atravessou o seu olhar. Devia ter partido do princípio de que eu iria apodrecer no fundo daquele poço na Mongólia. Da mesma forma que nunca eu sonharia ir dar com ele numa mina da Sibéria, vestido com roupas de presidiário.

Não demorou mais do que um minuto a recompor-se e a começar a ler o que estava escrito no meu salvo-conduto ao sargento analfabeto que trazia uma metralhadora a tiracolo. Leu o meu nome, referiu o meu trabalho como intérprete, que tinha licença para circular por aquela zona e assim por diante. O sargento restituiu-me o salvo-conduto e fez-me sinal com o queixo, indicando que me podia ir embora dali. Dei alguns passos e voltei-me. O homem estava, também ele, a olhar para mim. Dir-se-ia que arvorava um ligeiro sorriso, mas talvez fosse imaginação minha. Tinha as pernas a tremer e, durante um certo tempo, mal consegui dar dois passos seguidos. Todo o terror que experimentara na pele nove anos antes havia ressuscitado de um momento para o outro.

Imaginei que o homem tivesse sido destituído do seu cargo por alguma razão, feito prisioneiro e enviado para a Sibéria. Não era raro isso acontecer naquela época, na União Soviética. As ferozes lutas intestinas no governo, no partido e no exército eram fomentadas pela desconfiança doentia de Estaline. Àqueles que caíam em desgraça, só lhes restavam dois caminhos: o fuzilamento imediato ou a transferência para um campo de concentração, depois de um julgamento sumaríssimo, mas só os deuses sabem qual das duas penas era preferível. Porque, ainda que tivessem escapado à pena de morte, eram obrigados até ao fim dos seus dias a realizar trabalhos forçados de uma crueldade terrível. A nós, que éramos prisioneiros de guerra, ainda restava a esperança de sobreviver e regressar algum dia à pátria, mas os russos desterrados nem essa remota esperança tinham. Tal como os outros, também aquele homem estava condenado a morrer inutilmente nas estepes da Sibéria.

Uma única coisa me preocupava: agora ele sabia o meu nome e onde me encontrava. E sabia que antes da guerra eu havia participado, ainda que sem disso ter sido informado, numa missão secreta, ao lado de Yamamoto. Juntos, tínhamos atravessado o rio Khalkha, entrado em território mongol e levado por diante uma acção de espionagem. Caso ele revelasse a alguém aquela informação, ver-me-ia metido numa camisa de onze varas. Contudo, honra lhe seja feita que ele não me denunciou. Porém, como vim mais tarde a saber, tinha para mim planos bem mais ambiciosos.

Tornei a vê-lo diante da estação uma semana depois. Os pés acorrentados, a mesma roupa de presidiário encardida, a partir pedra com um malho. Olhei para ele, e ele olhou para mim. Depositou o martelo no chão, virou-se na minha direcção, endireitando as costas como quando era oficial e militar. Desta vez, sem dúvida alguma, tinha um sorriso estampado no rosto – um sorriso ténue, mas um sorriso, por sinal um sorriso onde transparecia algo que me arrepiou até à espinha. Era o mesmo olhar que tinha quando assistia à cena de Yamamoto a ser esfolado vivo. Passei ao largo sem dizer nada.

Na altura, havia apenas um oficial entre os oficiais do exército soviético com quem podia falar com uma certa confiança. Tal como eu, também ele era licenciado em Geografia (no caso dele pela

universidade de Leninegrado), e tinha mais ou menos a minha idade. Como seria de esperar, estávamos ambos interessados no traçado de cartas geográficas e, ao mínimo pretexto, passávamos o tempo a arranjar maneira para conversar sobre assuntos relacionados com a elaboração de cartas geográficas. O interesse dele incidia especificamente nos mapas estratégicos elaborados pelo Exército de Kwantung. Naturalmente que não podíamos falar destes temas quando os seus superiores estavam por perto, daí que estivéssemos sempre à espreita de uma oportunidade para podermos desfrutar em paz das nossas discussões enquanto especialistas na matéria. Às vezes ele dava-me comida. Também me mostrou fotografias da mulher e dos filhos, que tinham ficado em Kiev. Foi o único russo, durante o tempo que passei no campo de prisioneiros na União Soviética, com quem mantive uma relação de cumplicidade.

Um dia, sem alterar o tom de voz, fiz-lhe perguntas sobre os presos que trabalhavam na estação. Contei-lhe que tinha visto um homem que tinha todo o ar de não ser um prisioneiro comum. Parecia um homem educado, quem sabe se não teria alguma vez ocupado um posto elevado? Descrevi-lhe o aspecto dele. O oficial – Nikolai era o nome do meu amigo – olhou-me com uma expressão de desagrado.

«É Boris, o Esfolador», respondeu ele. «Para teu próprio bem, aconselho-te a manteres-te afastado dele.»

Quis saber porquê, mas Nikolai não estava interessado em esmiuçar aquele tema. Por fim, ainda que de má vontade, lá me explicou as razões pelas quais Boris, o esfolador, tinha sido desterrado para aquela mina.

«Não digas a ninguém que te contei», advertiu-me ele. «Estamos a falar de um indivíduo verdadeiramente perigoso. Eu, nem a dez metros dele queria estar.»

Segundo o que Nikolai me contou, o nome completo de Boris era Boris Gromov, e havia sido comandante do NKGB²¹, a polícia secreta do Ministério do Interior. Tal como, de resto, eu imaginava. Fora enviado para Ulan Bator em 1938, quando Choybalsan se tornara primeiro-ministro da República Popular da Mongólia. Uma vez no poder, Boris Gromov fundara a polícia política da Mongólia segundo o modelo da polícia secreta soviética dirigida por Beria, e demonstrara grande capacidade para reprimir as forças anti-revolucionárias. Todos os que foram por ele capturados foram enviados para campos de concentração e torturados. Todo aquele sobre quem recaía a mínima suspeita, era eliminado sem piedade.

Ao terminar a guerra em Nomonhan e uma vez evitada a crise no Extremo Oriente, foi mandado regressar ao Comité Central. Enviaram-no então para a Polónia, zona ocupada pela União Soviética, onde se encarregou das purgas dos ex-oficiais do exército polaco. Foi ali que recebeu o nome de Boris, o Esfolador, isto porque a sua tortura preferida consistia em esfolar vivas as suas vítimas. Para tal, recorria a um indivíduo que, segundo diziam, trouxera consigo da Mongólia. Como não podia deixar de ser, os polacos tinham um medo de morte dele. Aqueles que eram obrigados a assistir a uma sessão de tortura daquelas, confessavam tudo. Quando rebentou a guerra contra a Alemanha e o exército alemão atravessou a fronteira, Boris foi mandado regressar da Polónia por Moscovo. Muitos foram os detidos, suspeitos de terem conspirado a favor de Hitler e, sem provas incriminatórias, executados ou enviados para campos de concentração. Também aí, Boris, então braço-direito de Beria, se distinguiu graças à sua técnica particular de interrogatório. Estaline e Beria precisavam de inventar uma conspiração interna a fim de encobrir a sua própria responsabilidade por não terem sido capazes de prever a invasão nazi e,

deste modo, consolidarem as suas posições enquanto líderes. Muitos foram os que sucumbiram sem motivo só na fase em que decorreram as brutais sessões de tortura. Não era uma coisa de que se falasse abertamente, mas corria, à boca pequena, que Boris e o seu homem-de-mão mongol teriam pelo menos esfolado, naquela altura, cinco pessoas. Corria igualmente o rumor segundo o qual ele fazia gala em decorar as paredes do seu gabinete com aquelas peles.

Boris era cruel, mas nem por isso deixava de ser extremamente cauteloso, o que lhe permitiu escapar a todas as purgas. Beria gostava dele como um filho, o que talvez tenha levado Boris a pensar que era invulnerável e a passar das marcas. Foi então que cometeu um erro fatal. Capturou o comandante de um regimento de blindados suspeito de ter conspirado, durante os combates na Ucrânia, com oficiais alemães das SS, e acabou por matá-lo no decorrer do interrogatório. O homem morreu vítima de tortura, depois de lhe terem sido introduzidos um ferro em brasa em tudo o que era orifício – orelhas, nariz, ânus, pénis. Acontece, porém, que aquele oficial era sobrinho de um alto dirigente do Partido Comunista. Mais tarde, uma minuciosa investigação realizada pelo Estado-Maior do Exército Vermelho apurou a sua completa inocência face às acusações de que tinha sido alvo. O quadro do Partido, como seria de esperar, foi possuído por uma violenta cólera. Quanto ao Exército Vermelho, cuja honra fora posta em causa, não se ficou pelos ajustes e reagiu em conformidade. Nem sequer Beria logrou salvar o seu protegido. Boris foi de imediato destituído, julgado e condenado à pena de morte, o mesmo acontecendo com o seu ajudante mongol. Graças à intervenção do NKGB, a pena foi reduzida, e Boris deportado para um campo de concentração na Sibéria e aí condenado a trabalhos forçados (o mongol foi enforcado). Dizia-se que Beria tinha feito chegar uma mensagem secreta a Boris, prometendo-lhe usar toda a sua influência no seio do exército e do partido para o libertar do campo e lhe restituir o seu cargo, assim ele aguentasse durante um ano. Pelo menos foi isso que Nikolai me contou.

«Faço-me entender, Mamiya?», disse-me então Nikolai baixando a voz. «Aqui, toda a gente acredita que Boris voltará a ocupar o seu antigo cargo. Assim que puder, Beria tratará de o salvar. É certo que este campo de concentração é administrado, por agora, pelo Comité Central e pelo Exército Vermelho, o que significa que até Beria se vê obrigado a andar com passinhos de lã. O que não significa que nós, pela parte que nos toca, possamos baixar a guarda. A direcção do vento muda enquanto o diabo esfrega um olho. E, quando isso acontecer, todo aquele que o tiver feito passar um mau bocado bem pode esperar uma vingança terrível. O mundo pode estar povoado de idiotas, mas ninguém é estúpido ao ponto de assinar a sua própria sentença de morte. Daí que, por estas bandas, ele seja tratado quase como um hóspede, com todos os cuidados e mais algum. Como é óbvio, não vamos ao ponto de o instalarmos num hotel, rodeado de criados, mas, a fim de salvar as aparências, obrigámo-lo a usar correntes nos pés e pusemo-lo a partir pedra. Na realidade, tem direito ao seu próprio quarto e recebe álcool, tabaco, enfim, tudo o que pede. Na minha maneira de ver, não passa de uma serpente venenosa. Deixá-lo viver não é bom nem para o país nem para ninguém. O ideal seria aparecer alguém com coragem para lhe cortar o pescoço e acabar de vez com ele, uma noite destas.»

Passado uns dias, estava eu a passar diante da estação quando o tal sargento encorpado e analfabeto da outra vez me chamou. Preparava-me eu para lhe mostrar o meu salvo-conduto quando ele fez um sinal negativo com a cabeça e me mandou ir ter com o chefe da estação. Intrigado, assim fiz, e deparei-me, não com o chefe da estação, mas sim com Boris Gromov, vestido com o uniforme de presidiário, mas liberto das correntes nos pés. Estava sentado à secretária, a

beber o seu chá. Fiquei parado à entrada da porta, petrificado. Ele fez-me um sinal com a mão, mandando-me entrar.

«Como passa, tenente Mamiya? Há muito tempo que não nos víamos...», disse-me ele, exibindo um sorriso de orelha a orelha. Ofereceu-me um cigarro, que eu recusei.

«Nove anos, para ser preciso», continuou ele «Ou são oito? Folgo em ver que está vivo e de saúde. Em todo o caso, é sempre uma alegria reencontrar um velho amigo! Sobretudo depois de uma guerra tão cruel como esta, não é verdade? A propósito, como é que fizeste para sair de dentro daquele maldito poço, não me dirás?»

Limitei-me a ficar ali especado, sem abrir a boca.

«Muito bem, que importa isso agora? O importante é que conseguiste escapar. E depois deves ter perdido o braço, algures. E aprendeste a falar russo fluentemente. Excelente, excelente. Perder um braço não é nada do outro mundo. O importante é conservar a vida.»

Respondi que, se estava vivo, não era por vontade minha.

Ao ouvir aquilo, Boris desatou às gargalhadas.

«Mas que personagem tão interessante que o senhor me saiu, tenente Mamiya. Não é todos os dias que se conhece alguém que não quer estar vivo, mas, ao mesmo tempo, conseguiu sobreviver. Sim, senhor, deveras interessante! A mim não me enganas tu com essa facilidade toda. Nenhuma pessoa normal estaria em condições de sair vivo daquele poço e depois regressar à Manchúria, para mais tendo de atravessar o rio. Enfim, não te preocupes, não é minha intenção contar nada a ninguém.

Quanto a mim, infelizmente, e como podes ver, fui demitido das minhas funções, e agora não passo de um prisioneiro qualquer, aqui desterrado neste campo. Acredita, porém, que não é minha intenção passar o resto dos meus dias a partir pedra, nesta terra perdida nos confins do mundo. Agora, bem sei, encontro-me aqui, nesta situação, mas detenho ainda uma certa influência no Comité Central e todos os dias faço por consolidar o meu poder, também aqui, utilizando precisamente essa influência. Isto para te dizer, com toda a sinceridade, que gostaria de ter uma boa relação convosco, prisioneiros japoneses. Digam o que disserem, os resultados desta mina, em matéria de produtividade, dependem em grande parte da vossa força de trabalho. Acredito piamente que nada do que aqui aconteça pode fazer-se sem ter em conta a vossa prestação, o vosso poder. Por isso, para começar, gostaria que me desses uma ajuda. Pertencias à secção de espionagem do Exército de Kwantung, e por sinal um elemento muito corajoso. Falas russo na ponta da língua. Creio que poderei oferecer algumas facilidades, a ti e aos teus compatriotas, se aceitares servir de intermediário. Penso que se trata de uma boa oferta, esta que agora que te estou a pôr sobre a mesa.»

«Nunca fui espião, e não tenho intenção de passar a sê-lo», afirmei eu.

«Não te estou a pedir que passes a ser espião», retorquiu Boris num tom conciliador. «Não me interpretes mal. Só estou a dizer que posso melhorar as condições de vida dos prisioneiros japoneses. Proponho-te que tentemos estabelecer um melhor entendimento, daí que te peça que sirvas de mediador. Juntos, podemos fazer saltar o inútil desse georgiano de merda do trono que ocupa no Politburo. E olha que consigo fazê-lo, não duvides. De certeza que vocês, os japoneses, lhe têm um ódio de morte. E uma vez com ele fora do caminho, seria possível conceder-vos uma autonomia parcial, montavam o vosso próprio comité, organizavam-se autonomamente. Desse modo, deixariam de receber maus-tratos por parte dos guardas. Tenho ou não razão em pensar que

isso corresponderia às vossas expectativas?»

Nisso Boris tinha razão. Há muito que vínhamos reclamando aquilo junto das autoridades do campo, mas as nossas pretensões haviam sido sempre negadas.

«E que nos pedes em troca?», perguntei.

«Nada de especial», replicou ele, com um amplo sorriso e abrindo os braços. «Tudo o que procuro é uma colaboração estreita e cordial com os prisioneiros japoneses. Necessito da vossa ajuda para me ver livre de uns quantos camaradas, meia dúzia de tovaritch com quem tenho um entendimento difícil. Uma vez que temos interesses em comum, por que não unir esforços em benefício mútuo? Como é que os americanos dizem? “Give and take.” Se colaborarem comigo, não vos farei nada de mal.

Não guardo nenhum truque na manga. Evidentemente, tenho perfeita consciência de que não estou em posição de pedir a tua amizade. Entre nós existem alguns episódios difíceis de esquecer, mas, ainda que possa não parecer, a verdade é que sou uma pessoa em quem se pode confiar. Quando faço uma promessa, cumprio sempre a minha palavra. Proponho-te que passemos uma esponja pelo passado, que me dizes?

Dou-te alguns dias para reflectires sobre a minha proposta. Creio que vale a pena fazer a experiência, além de que, pela vossa parte, nada têm a perder. Não é assim? Escuta bem o que te digo, tenente Mamiya, a única coisa que te peço é que mantendas em absoluto sigilo o que acabo de te dizer, e que só o transmitas a alguém da máxima confiança. Para te dizer a verdade, existem entre os teus camaradas alguns delatores que colaboram com o Comité Central. Faz de maneira a que eles não saibam de nada. Caso isto chegasse aos ouvidos deles, ficaríamos metidos numa grande alhada, e a minha influência aqui não seria suficiente para nos livrar dela.»

Regressei ao meu sector e, em segredo, comentei a proposta com um antigo tenente-coronel, homem inteligente e corajoso. Comandava as tropas que ficaram sitiadas numa fortaleza, nos montes Khingan, e nunca, nem sequer depois de terminada a guerra, içou a bandeira branca, era um líder assumido e incontestado entre os prisioneiros japoneses e até mesmo os russos sabiam que podiam contar com ele. Omitindo o episódio que se desenrolara nas margens do rio Khalkha, expliquei-lhe que Boris tinha sido oficial de alta patente na polícia secreta e passei a transmitir-lhe a proposta dele. O tenente-coronel pareceu interessado na possibilidade de expulsar o representante do Politburo e, ao mesmo tempo, de conseguir a autonomia dos prisioneiros japoneses. Insisti, contudo, no facto de Boris ser um homem cruel, perigoso, maquiavélico e mestre na arte de enganar, em quem não se podia confiar sem tomar precauções.

«Pode ser que sim», comentou o tenente-coronel, «mas, tal como ele diz, não temos nada a perder, pois não?» E o certo é que ele tinha razão. Também aos meus olhos era difícil imaginar que a situação pudesse piorar mais. Contudo, enganava-me redondamente. De facto, não há limites para o horror.

Alguns dias mais tarde, organizei um encontro secreto entre o tenente-coronel e Boris, e servi de intérprete entre ambos. Ao fim de trinta minutos de negociações, chegaram a acordo sobre o compromisso secreto e apertaram a mão. Desconheço o que aconteceu depois disso entre ambos, mas estou em crer que evitaram os contactos directos, por forma a não atrair as atenções, passando a trocar mensagens codificadas. Pela minha parte, não tive outra oportunidade de fazer as vezes de intermediário, o que, diga-se de passagem, só tinha de agradecer. Se possível, esperava nunca mais voltar a ter contacto com Boris. Só depois vim a compreender que não podia

estar mais enganado.

Tal como Boris prometera, um mês mais tarde o representante do Politburo foi afastado das suas funções por ordem do Comité Central do Partido, sendo substituído por um outro funcionário de Moscovo. Dois dias depois, pela calada da noite, três prisioneiros japoneses foram estrangulados. A fim de simular o seu suicídio, foram pendurados com cordas de umas vigas do tecto, mas era evidente que tinham sido linchados pelos outros prisioneiros japoneses. Devia tratar-se dos delatores que Boris tinha mencionado. O incidente ocorreu sem interrogatórios nem investigação alguma. Naquele momento, Boris tinha nas suas mãos o verdadeiro poder sobre o campo de concentração.

⁵¹ Comissariado Popular para os Assuntos Internos, extinto a 3 de Fevereiro de 1941; os serviços de segurança e espionagem passaram então a ser assegurados pelo Ministério da Segurança do Estado (MGB). (*N. da T.*)

O taco desaparecido

La Gazza Ladra volta à cena

Vesti uma camisola de malha e um casaco, um barrete de lã que ficava enfiado quase até aos olhos, saltei o muro das traseiras e enfiei pela ruela sem fazer barulho. O Sol não tardaria a nascer e ainda havia gente a dormir. Percorri em passinhos de lã o caminho que me levava à mansão.

Lá dentro continuava tudo como eu havia deixado, seis dias antes, incluindo os pratos sujos no lava-loiça. Não havia nenhum bilhete, nem uma mensagem que fosse no gravador de chamadas. No escritório de Canela o computador estava apagado. O aparelho de ar condicionado mantinha todas as divisões à mesma temperatura. Despi o casaco, as luvas, aqueci água para fazer chá à inglesa. Comi umas bolachas com queijo a fazer as vezes de pequeno-almoço, depois lavei a loiça e guardei tudo nos armários. Chegaram as nove horas e Canela continuava uma vez mais sem aparecer.

Fui até ao jardim, levantei a tampa do poço e espreitei. Lá dentro reinavam as mesmas trevas profundas de sempre. Conhecia agora muito bem o poço, como se fosse uma extensão do meu próprio corpo: a sua escuridão, o seu cheiro, o seu silêncio haviam-se convertido numa parte de mim. Num certo sentido, conhecia melhor o poço do que Kumiko. Era evidente que bastava fechar os olhos para me recordar dela, de cada pormenor do seu rosto, do seu corpo, para trazer à memória os seus gestos, a sua maneira de andar. Tinha vivido seis anos com ela na mesma casa. Ao mesmo tempo, porém, tinha a sensação de que havia coisas que diziam respeito a Kumiko que era incapaz de recordar com nitidez. Ou, se calhar, não estava assim tão certo das minhas recordações. Da mesma forma que não tinha sido capaz de me lembrar da curva que a ponta da cauda fazia quando o gato voltou para casa.

Sentei-me na beirinha do poço, enfiei as mãos nos bolsos do casaco e olhei em redor. Tudo indicava que iria começar a cair uma chuva gelada a qualquer altura, talvez até nevasse. Não havia vento, mas estava um ar glacial. Um bando de pequenos pássaros cortava o céu numa formação complexa, como se desenhasse uma mensagem em código cheia de hieróglifos, para logo se afastar velozmente outra vez. Pouco depois ouvi o rumor de um avião a jacto, mas não o consegui ver, tapado que estava por pesadas nuvens. Em dias nublados, tão escuros como aquele, enfiava-me dentro do poço em pleno dia sem recear que a luz do Sol me ferisse os olhos quando de lá saísse.

Permaneci sentado sem fazer nada durante um bom bocado. Não tinha pressa. O dia mal começara, ainda faltava muito para o meio-dia. Abandonei-me a pensamentos mil que me iam passando pela cabeça. O que teria acontecido à estátua do pássaro que ali costumava estar? Para onde a teriam levado? Quem sabe se não estaria a decorar o jardim de outra casa qualquer, eternamente pronta e confiando em vão nesse impulso capaz de o fazer levantar voo? Ou teria ido parar ao lixo quando a

casa dos Miyawaki tinha sido demolida, no ano anterior? (juntamente com os escombros da casa). A verdade é que sentia a falta da estátua. Sem ela, parecia-me que o jardim havia perdido o delicado equilíbrio de outrora.

Passava das onze quando, não arranjando mais nada em que pensar, desci pela escada metálica ao fundo do poço. Como de costume, enchi os pulmões de ar, para verificar a atmosfera: era a mesmo de sempre, cheirava a mofo, mas dava para respirar. Às apalpadelas, pus-me a procurar o taco que tinha deixado encostado à parede. *O taco não estava lá. O taco não estava em lado nenhum.* Tinha desaparecido sem deixar rasto.

Sentei-me no chão, no fundo do poço, e encostei-me à parede.

Suspirei várias vezes. Eram uns suspiros vazios, sem ponta de esperança, como o vento que sopra caprichosamente atravessando por entre vales áridos e sem nome. Depois de ter suspirado tudo, esfreguei as bochechas com ambas as mãos. Quem poderia ter levado dali o taco? Canela? Era a única possibilidade que me vinha à ideia. Mais ninguém sabia da sua existência, e só ele poderia descer ao fundo do poço. Por que carga de água se lembraria Canela de levar o meu taco? Decididamente, era uma coisa que não conseguia compreender – melhor dizendo, era apenas uma das muitas coisas que eu não conseguia compreender.

Não tinha outro remédio senão passar sem o taco. Não havia de ser nada. Vendo bem, o taco não passava de uma espécie de talismã protector. Mesmo sem ele, de certeza que ia correr tudo bem. «Da primeira vez também não tive problema nenhum para chegar até àquele quarto sem levar protecção, pois não?», pensei para comigo mesmo. Depois de me convencer a mim mesmo, puxei a corda e fechei a tampa do poço. A seguir entrelacei os dedos das mãos em torno dos joelhos e fechei lentamente os olhos no meio da escuridão profunda.

Como da última vez, senti dificuldade em adormecer. Assaltavam-me o espírito pensamentos de toda a espécie, impedindo-me de adormecer. Para ver se me livrava deles, esforcei-me por me concentrar na piscina – na piscina municipal coberta, de vinte e cinco metros de comprimento, onde costumava ir nadar. Imagino que estou a nadar *crawl*, para cima e para baixo, a nadar várias distâncias. Nado lentamente, tranquilamente, sem me preocupar com a velocidade. Levanto devagar os cotovelos da água, introduzo suavemente os braços na água, seguindo a ponta dos dedos para evitar ruídos desnecessários, sem levantar espuma. Encho a boca de líquido, depois expulso-o devagarinho, como se respirasse água. Passado um tempo, sinto que o meu corpo a fluir naturalmente no elemento água, como que empurrado por uma leve brisa. Aos meus ouvidos chega-me apenas o som da minha respiração regular. Flutuo no ar como um pássaro no céu. Vejo uma cidade distante, pessoas em ponto pequeno, a correnteza de um rio. Envolve-me uma sensação de serenidade, um sentimento próximo do êxtase. Nadar sempre foi para mim uma das melhores coisas da vida. Nunca me ajudou a resolver nenhum dos meus problemas, mas também nunca me fez mal. Nadar...

Nisto, ouvi qualquer coisa.

Apercebi-me de que estou a ouvir um ruído grave e monótono parecido com o bater de asas de um insecto. Não, vendo bem o som é demasiado artificial, demasiado mecânico, para ser o zumbido de um insecto. A frequência varia de forma subtil, aumenta e diminui, como quando se sintoniza uma emissão em onda curta. Contive a respiração e pus-me à escuta, tentando descobrir de onde vinha o som. Parecia vir de um ponto qualquer no meio das trevas, se bem que, ao mesmo tempo, parecesse

formar-se no interior da minha cabeça. Naquela escuridão impenetrável tornava-se difícil estabelecer uma clara linha divisória.

Enquanto fazia os possíveis por me concentrar naquele som, adormeci sem dar por isso. Isto para dizer que não tive a sensação de ir aos poucos «caindo no sono». É como se caminhasse por um corredor sem pensar em nada e, de repente, alguém viesse por trás e me agarrasse, metendo-me à força dentro de um quarto desconhecido. Quanto tempo passei neste estado de torpor que me envolve como uma espessa camada de lama, não sei dizer. Não pode ter sido muito. Talvez não tenha durado mais de um minuto. Quando, por fim, alguma coisa me faz recuperar a consciência, sei de imediato, por alguns indícios, que me encontro numa outra escuridão diferente. O ar era diferente, a temperatura era diferente, tanto a profundidade como a qualidade das trevas eram distintas. Esta escuridão onde agora me encontro parecia misturar-se com uma ligeira luz opaca. E o odor forte e familiar do pólen atingiu-me em cheio as narinas. Encontrava-me naquele misterioso quarto de hotel.

Levantei os olhos, olhei à minha volta, sustive a respiração.

Atravessei a parede.

Estava sentado no chão, em cima da alcatifa, encostado a uma parede forrada a papel. Tenho ambas as mãos entrelaçadas sobre os joelhos. Estava tão brutalmente e tão completamente desperto como antes tinha estado profundamente adormecido. O contraste é tão forte que demoro um certo tempo a render-me ao facto de estar acordado. Sinto o bater veloz do meu coração, perceptível e audível. Não há dúvida. Estou aqui. Consegui chegar a este quarto, finalmente.

Mergulhado naquela escuridão espessa, como que feita de uma infinidade de camadas, o quarto era idêntico à imagem que dele guardava. No entanto, à medida que os olhos se vão habituando à penumbra, começo a reparar em pequenas diferenças. Para começar, o telefone não se encontra no mesmo lugar. Não está sobre a mesinha-de-cabeceira, mas sim por cima da almofada, dir-se-ia que quase afundado. Na garrafa de uísque, a quantidade de uísque diminuiu bastante. Agora, só há um restinho, mesmo no fundo. Os cubos de gelo no balde derreteram por completo, dando lugar a uma água turva e choca. O copo está seco por dentro, e quando toco nele, um pó branco cola-se ao meu dedo. Aproximo-me da cama, levanto o auscultador e aproximo-o do ouvido. Não tem linha. O quarto parece abandonado, esquecido desde há muito. Não se sente a presença de ninguém. Só as flores na jarra conservam uma frescura inquietante.

A cama apresenta sinais de alguém ali ter estado deitado: os lençóis, o edredão, as almofadas estão vagamente em desordem. Puxo a roupa de cama para trás e passo a mão. Não sinto resquícios de calor humano, nem sequer o rasto de perfume. Deve ter passado muito tempo desde a última vez que alguém se levantou daquela cama. Sento-me à beirinha, olho à volta e fico atento, mas não oiço rigorosamente nada. Aquele lugar parece uma cripta da Antiguidade depois de os ladrões de túmulos por lá terem passado e levado a múmia.

De repente, nesse preciso momento, começa a tocar o telefone. O meu coração quase pára de bater, gelado, como um gato paralisado de medo. O ar vibra intensamente, despertando os grãos de pólen suspensos no ar, as pétalas das flores erguem ligeiramente a cabeça no escuro. O telefone? Como é que o telefone pode estar a tocar, se estava morto como um rochedo profundamente enterrado na areia

há momentos? Os batimentos do meu coração vão diminuindo, recupero aos poucos o fôlego, comprovo que ainda ali estou, naquele mesmo quarto, que não fui parar a outro sítio. Estendo o braço, toco ao de leve com os dedos no auscultador, deixo passar um momento antes de atender. Por essa altura já o telefone tocara três ou quatro vezes.

– Está lá?

No momento em que levanto o auscultador, desliga-se a chamada. Sinto na mão um peso morto, como um saco de areia, já não posso voltar atrás.

– Está lá? – volto a repetir, num tom seco, mas o eco devolve-me a minha voz, depois de embater numa parede fria. Desligo o auscultador, levanto-o outra vez, aproximo-o do ouvido. Nada, nem um pio. Sento-me na beira da cama e espero, procurando respirar com calma, que o telefone volte a tocar. Não toca, silêncio. Observo como os grãos de pólen voltam a desvanecer-se no ar, ao mesmo tempo que se fundem na escuridão. Esforço-me por reproduzir o toque do telefone na minha cabeça. Já nem sequer a certeza tenho de que tocou na realidade, mas, se começo a pensar assim, se deixo esse género de dúvidas infiltrar-se no meu espírito, então é o fim. Tenho de traçar um limite algures. Caso contrário, estaria a pôr em perigo a minha própria existência. *O telefone tocou, tenho a certeza absoluta.* E, no momento seguinte, deixou de funcionar. Aclaro ligeiramente a garganta, mas até mesmo esse som morre automaticamente no ar.

Levanto-me e dou uma volta pelo quarto. Observo o chão, examino o tecto, sento-me à mesa, encosto-me à parede, faço girar a maçaneta da porta, ponho-me a acender e a apagar o interruptor do candeeiro de pé. A porta não se abre e, como seria de esperar, o candeeiro não funciona. A janela, essa está fechada por fora. Ponho-me à escuta. O silêncio é como uma parede alta e lisa. Apesar de tudo, há indícios que apontam para uma presença que tenta enganar-me. Não querem que eu saiba que estão ali, contendo a respiração, literalmente colados à parede, disfarçando a cor da pele para eu não dar por eles. Finjo que não me dou conta. Somos bons na maneira como nos enganamos mutuamente. Pigarreio outra vez. Passo a ponta dos dedos pelos lábios.

Decido voltar a inspeccionar o interior do quarto. Torno a acender o interruptor do candeeiro de pé. Não acende. Destapo a garrafa e cheiro o restinho de uísque. O mesmo odor de sempre. *Cutty Sark.* Fecho a garrafa e deixo-a ficar na mesa, no mesmo sítio onde estava. Levanto o auscultador e encosto-o ao ouvido, por mero descargo de consciência. Não podia estar mais morto. Dou meia dúzia de passos, sentindo a espessura da alcatifa com a sola dos sapatos. Encosto a orelha à parede e concentro toda a minha atenção nos sons que possam vir do outro lado, mas continuo sem ouvir rigorosamente nada. Páro diante da porta e procuro de novo abri-la, com a certeza de que não vou conseguir. Para minha surpresa, a maçaneta roda ligeiramente para a direita. Por segundos, sou incapaz de acreditar no que me está a acontecer. Um minuto antes, não se movia nem um centímetro, como se estivesse agarrada a um muro de cimento. Volto ao princípio e recomeço a operação: tiro a mão da maçaneta, volto a pousá-la, faço girar para a esquerda e para a direita. Na minha mão, a maçaneta gira suavemente. Tenho a estranha sensação de que a língua começa a inchar dentro da boca.

A porta está aberta.

Abro-a um nadinha, o suficiente para deixar entrar pela fresta um raio de luz ofuscante. O taco. Se ao menos tivesse comigo o taco de basebol, sentir-me-ia mais tranquilo. *Vá, deixa lá o taco!* Abro a porta sem hesitações. Olho para a direita e para a esquerda, não vejo ninguém. Saio para o corredor, um corredor comprido, alcatifado. Mais à frente vê-se um grande jarrao com flores. O mesmo jarrao

atrás do qual me tinha escondido quando o empregado batera à porta a assobiar. Daquilo que me lembrava, era de um corredor que nunca mais acabava, com muitas curvas e bifurcações. Tinha dado de caras com o empregado que assobiava por mero acaso e seguira-o até aqui. Na porta havia uma placa com o número 208.

Sempre a ver onde punha os pés, avancei até ao jarrão. Pensei que gostaria de chegar ao vestíbulo, onde a televisão projectava a imagem de Noboru Wataya. Havia muita gente, movimento. Com sorte, talvez conseguisse descobrir alguma pista. Orientar-me naquele hotel, porém, era como aventurar-me num imenso deserto sem bússola. Se não conseguir encontrar a entrada do hotel, não tenho maneira de regressar ao quarto número 208, o que significa que estou condenado a ficar para sempre neste hotel, encurralado neste labirinto, sem poder regressar ao mundo real.

Não há tempo para hesitações. Talvez seja a minha última oportunidade. Durante mais de seis meses, dia após dia, esperei que isto acontecesse, no fundo do poço, e agora, finalmente, a porta abre-se diante de mim. De resto, o poço está quase a ser-me tirado. Se agora der um passo em falso, todo o esforço e todo o tempo investidos nesta empresa terão sido inúteis.

Dobrei várias esquinas. Os meus sapatos de ténis não faziam o mínimo ruído na alcatifa. Não se ouvia um som – nem vozes, nem música, nem o barulho da televisão. Nem sequer o ruído do ar condicionado. No hotel reinava um silêncio absoluto, profundo, como uma ruína esquecida pelo tempo (abandonada no tempo). Dobrei muitas esquinas e passei por muitas portas. O corredor dava voltas e mais voltas, e em cada bifurcação tomava sempre a direita, porque assim sabia que, no caso de querer voltar atrás, seria capaz de encontrar sempre o quarto limitando-me a virar à esquerda. O certo, porém, é que tinha perdido todo o sentido de orientação, ao ponto de nem sequer saber o que procurava e se estava realmente a avançar em direcção a algo. A numeração das portas não obedecia a nenhuma ordem, de modo que não me servia para me orientar nem nada. E se por acaso calhava memorizar um número, esquecia-o no momento seguinte. Volta e meia tinha a sensação de já ter passado pela frente de certos números. Detive-me a meio do corredor para recuperar o fôlego. Estaria a dar voltas e mais voltas sem nunca sair do mesmo sítio, como se estivesse perdido na floresta?

Ali parado, de pé, sem saber o que fazer, de repente ouvi um som ao longe que me parecia familiar. Era o empregado e vinha a assobiar. Um som límpido, afinado. Confesso que não conheço ninguém capaz de assobiar assim na perfeição. Tal como da outra vez, assobiava a abertura de *La Gazza Ladra*, de Rossini. Não se podia dizer que fosse propriamente uma melodia fácil de assobiar, mas, ao ouvi-lo, dir-se-ia que era a coisa mais fácil do mundo. Avancei pelo corredor na direcção do som, cada vez mais forte, mais nítido. Parecia vir na minha direcção. Escondi-me atrás de uma coluna que encontrei pelo caminho.

Tal como da outra vez, o empregado levava na mão uma bandeja cromada com a garrafa de *Cutty Sark*, dois copos e um balde com gelo. Passou por mim sem dar pela minha presença, sempre a olhar em frente, despassarado, com todo o ar de só estar a ouvir o seu próprio assobio à medida que caminhava rapidamente. Tinha tanta pressa de chegar que não podia perder um segundo. *Exactamente como da outra vez*, pensei. Como se o meu corpo tivesse voltado atrás no tempo.

Assim que o empregado passou por mim, comecei a segui-lo. A bandeja oscilava alegremente ao som da ária que ele estava a assobiar, ao mesmo tempo que ia reflectindo as luzes do tecto. Da forma

como ele repetia sem parar a abertura de *La Gazza Ladra*, mais parecia uma fórmula mágica. Perguntei a mim mesmo qual seria a história de *La Gazza Ladra*. Tudo o que conheço dessa ópera é a ária de abertura e o seu estranho título. Quando era pequeno, lá em casa tínhamos um disco com a abertura dirigida por Toscanini. Comparada com a interpretação actual, moderna e elegante, sob a batuta de Claudio Abbado, a de Toscanini criava um efeito dramático muito mais intenso e vibrante. Ao escutá-la, éramos levados a imaginar uma cena na qual o herói estrangulava lentamente um inimigo terrível, no decorrer de uma violenta luta. Será que *La Gazza Ladra*⁵² conta realmente a história de uma pega, de uma ave que rouba objectos?

Quando as coisas acalmassem, logo trataria de ir à biblioteca procurar a resposta numa enciclopédia de música. E, quem sabe, até comprar o disco com a ópera completa e escutá-lo. E daí, não sei. Provavelmente quando chegar a essa altura já deixei de ter curiosidade pelo tema.

O empregado de hotel continuava o seu caminho, a passos firmes e sem perder o ritmo, como um boneco mecânico. Pela minha parte, seguia-o a uma distância prudente. Não tinha a menor dúvida quanto ao seu destino. Transportava uma garrafa por abrir de *Cutty Sark*, um balde de gelo e dois copos, e ia direitinho para o quarto 208. E, de facto, foi diante do quarto 208 que ele parou. Passou a bandeja para a mão esquerda, confirmou o número da porta, endireitou as costas e bateu três vezes ao de leve, de forma maquinal. Três toques, depois mais outros três toques.

Não sei dizer se alguém lhe respondeu. É preciso ver que continuava escondido por detrás do jarrão. O tempo passava, mas o empregado permanecia firme e hirto diante da porta, sempre na mesma posição, como se quisesse testar os limites da paciência. Não voltou a bater, limitou-se a ficar ali, à espera que abrissem a porta. Às tantas, a porta lá acabou por se entreabrir para dentro, como que em resposta às suas preces.

⁵² Traduzida à letra, *A Pega Ladra* (1817) faz parte das óperas cómicas de Rossini, com o elemento histriónico excelentemente representado em toda a sua dimensão, tanto narrativa como musical. (*N. da T.*)

A arte de fazer trabalhar a imaginação dos outros
(seguido da história de Boris, o esfolador)

Boris cumpriu a sua promessa. Concedeu aos prisioneiros japoneses uma autonomia parcial e permitiu que criássemos o comité representativo, presidido pelo tenente-coronel. A partir daí, os guardas russos foram proibidos de actuar de maneira violenta e o comandante assumiu a responsabilidade de manter a ordem dentro do campo de prisioneiros. A postural oficial do novo Politburo (que é como quem diz, de Boris) foi a de conceder-nos carta branca, desde que mantivéssemos as quotas de produção estabelecidas e não causássemos problemas. Aquelas reformas, aparentemente democráticas, deveriam ter constituído, aos nossos olhos, uma boa notícia.

E, no entanto, as coisas não eram tão simples quanto pareciam. Para começar, todos nós, incluindo eu, exultantes como estávamos com as reformas, revelámo-nos demasiado estúpidos para adivinhar as intrigas diabolicamente engenhosas que estavam a ser urdidas nas nossas costas.

Com efeito, os novos funcionários do Comité Central foram incapazes de conter o ímpeto de Boris, que, com o apoio da polícia secreta, aproveitou a circunstância para transformar o campo de concentração e a cidade mineira a seu bel-prazer. Em muito pouco tempo, as intrigas e o terror passaram a ser moeda corrente. Entre os prisioneiros e os vigilantes, Boris seleccionou, pela sua corpulência e crueldade (é preciso ver que esse género de homens ali não faltavam), meia dúzia de indivíduos, treinou-os e converteu-os na sua guarda pessoal. Armados de espingardas, facas e picaretas, eram capazes, a uma ordem de Boris, de ameaçar, retalhar, sequestrar ou torturar até à morte qualquer um que lhes fizesse frente. Nada nem ninguém lhes podia fazer frente. Até mesmo os soldados do exército japonês responsáveis pela vigilância da mina faziam os possíveis para fechar os olhos ao comportamento arbitrário evidenciado por aquele grupo de indivíduos. A verdade, porém, é que naquele momento já nem sequer o Exército tinha mão em Boris. Os soldados limitavam-se a vigiar a estação e os arredores do quartel, e preferiam ignorar o que acontecia na mina e no campo de concentração.

De todos os membros da guarda pessoal, o preferido de Boris era um prisioneiro mongol a quem todos chamavam «o Tártaro». Esse homem escoltava Boris para todos os sítios, como se fosse a sua sombra. Dizia-se que «o Tártaro» havia sido campeão de luta mongol. Na sua face direita, tinha uma grande queimadura, produto, segundo parecia, de uma ocasião em que tinha sido torturado. Boris deixara de vestir roupas de presidiário, vivia numa confortável residência oficial e tinha ao seu serviço uma prisioneira que fazia as vezes de criada.

No dizer de Nikolai (cada vez mais taciturno e relutante em falar), alguns russos que ele conhecia haviam desaparecido na calada da noite, sem que voltasse a saber-se nada mais deles. Oficialmente, foram catalogados como desaparecidos ou dados como mortos em acidentes de

trabalho, mas saltava aos olhos de toda a gente que tinham sido os homens de Boris a encarregarem-se deles. Não acatar os desejos ou as ordens de Boris era morte certa. Dizia-se também que alguns tinham tentado fazer chegar um apelo directo ao Comité Central do Partido, informando acerca de tudo o que ali se passava, mas que haviam fracassado nos seus intentos e, como tal, sido eliminados.

«Dizem», explicou-me um Nikolai muito pálido, em segredo, «que esses indivíduos foram ao ponto de matar um rapazinho de sete anos, à laia de castigo exemplar. Mataram-nos à pancada, diante dos olhos dos seus progenitores.»

A princípio, Boris manobrou com mais cautela na zona japonesa. Primeiro que tudo, concentrou todas as suas forças na tarefa de controlar os russos e de consolidar a sua posição no campo. Parecia desejoso de deixar aos japoneses campo de manobra para serem eles próprios a gerir os seus assuntos. Assim, durante os primeiros meses após as reformas, pudemos gozar de um breve período de tréguas. Desfrutámos de alguns dias de doce acalmia, uma espécie de paz podre. As duras condições de trabalho melhoraram, ainda que não muito, devido às exigências do comité, e passou a não ser necessário temer a violência dos guardas. Pode dizer-se que sentimos até, pela primeira vez desde a nossa chegada, algo parecido com a esperança. Os prisioneiros estavam convencidos de que, a partir daí, as coisas iriam melhorando a pouco e pouco.

Contudo, não se pode dizer que Boris nos tivesse ignorado durante aqueles meses. Em segredo, continuava sempre a preparar-se para os tempos que se avizinhavam, e ia colocando debaixo da sua asa, um após o outro, mediante subornos e ameaças, todos os membros do comité japonês. Levou por diante as suas intrigas com muito cuidado, evitando a violência manifesta, de modo a que não pudéssemos dar conta de nada. E quando, por fim, nos apercebermos de tudo, já era demasiado tarde. De facto, ao mesmo tempo que nos distraía, concedendo-nos um certo grau de autonomia, mais não fazia do que aprimorar um sistema de ditadura férrea que não tardou a abater-se sobre nós. Os seus cálculos eram de uma precisão e davam mostras de um sangue-frio diabólicos. A violência absurda e gratuita desapareceu das nossas vidas, mas em seu lugar nasceu uma violência cruel, premeditada, um tipo de violência bem diferente.

Boris investiu seis meses de vida na consolidação do seu sistema de controlo, após o que mudou de rumo e começou a exercer o seu regime de opressão sobre os prisioneiros japoneses. O tenente-coronel, figura central no comité, foi a sua primeira vítima. Em representação dos interesses dos prisioneiros japoneses, o tenente-coronel acabou por se opor directamente a Boris em várias questões que diziam respeito aos interesses dos japoneses, acabando por ser eliminado. Naquela época, os únicos membros do comité que Boris não tinha debaixo de controlo eram o tenente-coronel e uns poucos companheiros seus. Durante a noite, amarraram-no de mãos e pés e asfixiaram-no, tapando-lhe a cara com uma toalha molhada. Escusado será dizer que obedeciam a ordens de Boris. Quando se tratava de assassinar japoneses, Boris fazia questão de nunca sujar as mãos. Dava as suas instruções ao comité e eram os próprios japoneses que se encarregavam de tudo. A morte do tenente-coronel foi considerada «morte por doença». Todos sabíamos quem os assassinos eram, mas ninguém ousava falar. Sabíamos que, entre nós, Boris tinha os seus espiões, pelo que tínhamos de usar de toda a prudência. Depois do assassinato do tenente-coronel, o comité elegeu como substituto um esbirro de Boris.

Paralelamente às mudanças no comité, as condições de trabalho foram piorando de forma gradual, até regredirem à situação anterior, o que equivale a dizer que se perdeu tudo o que se

havia conquistado. Em troca da autonomia, prometêramos a Boris manter as quotas de produtividade, mas aquele pacto acabou por se transformar numa carga cada vez mais pesada. Todos os pretextos eram bons para fazer aumentar a produção e, enquanto o diabo esfregava um olho, o trabalho tornou-se mais duro do que alguma vez até então. Os acidentes começaram a ocorrer com cada vez maior frequência e muitos foram os prisioneiros que perderam a vida inutilmente, numa terra que não era a deles, vítimas da extracção de carvão em galerias de alto risco. Pela parte que nos tocava, a famosa autonomia significava apenas que passáramos a ser nós a vigiar o trabalho dos nossos próprios companheiros, em vez dos russos.

Como não podia deixar de ser, o descontentamento cresceu entre os prisioneiros. Naquela pequena sociedade, que anteriormente soubera o que era estar irmanada por um sentimento de desgraça comum, grassava agora um sentimento de injustiça e, ao mesmo tempo, um ódio profundo e uma desconfiança sem limites. Àqueles que serviam os interesses de Boris, era-lhes dado trabalho ligeiro e privilégios especiais, ao passo que nós, os outros, víamo-nos obrigados a arrostar com uma existência cruel, sempre na fronteira da morte. Queixarmo-nos em voz alta, porém, era uma coisa que não nos podíamos permitir – uma resistência aberta significava a morte certa. Podíamos morrer de frio ou desnutrição, encerrados de castigo numa cela gelada. Podia acontecer que nos tapassem de noite a cara com uma toalha molhada, enquanto dormíamos. Temíamos que nos atacassem pelas costas, ou que nos abrissem a cabeça com uma picareta enquanto trabalhávamos, ou, ainda, que nos empurrassem para dentro do poço de alguma galeria. Ninguém sabia o que poderia acontecer nas trevas impenetráveis da mina. Apenas que alguém havia desaparecido, mais nada.

Eu não podia evitar sentir-me responsável por ter servido de intermediário entre Boris e o tenente-coronel. Caso eu me tivesse recusado a cooperar com ele, é evidente que, mais cedo ou mais tarde, Boris teria logrado obter os seus intentos por outros meios, e com os mesmos resultados. Todavia, isso em nada aliviava a minha consciência nem acalmava a dor no meu peito. Cometera um erro terrível.

Um dia, de repente, Boris mandou-me chamar ao edifício onde despachava as suas ordens. Há já muito tempo que o não via. Sentado à secretária, estava a tomar um chá, tal como acontecera daquela outra vez no escritório do chefe da estação. Atrás dele, de pé, estava como sempre o Tártaro, com uma pistola automática à cintura. Quando entrei, Boris virou-se para o mongol e fez-lhe sinal para sair. Ficámos os dois sozinhos.

«Que lhe parece, tenente Mamiya? Tenho ou não cumprido a minha promessa?»

Respondi-lhe que sim. Era verdade. Infelizmente, tudo o que prometera se concretizara. Pela minha parte, tinha assinado um pacto com o diabo.

«Tu e os teus companheiros conquistaram a vossa autonomia. E eu, detenho o poder», afirmou ele, com um grande sorriso, fazendo um gesto largo. «Assim sendo, todos conseguimos o que pretendíamos. O volume de extracção de carvão é o mais elevado desde sempre, Moscovo está satisfeita. Estamos todos satisfeitos, nenhuma das partes se pode queixar. Estou-te muito grato por teres servido de intermediário, e, em troca, gostaria de fazer algo por ti.»

Respondi-lhe que não era preciso agradecer, nem tão-pouco oferecer-me algo.

«Vá lá, homem, não te mostres assim tão distante, afinal somos velhos conhecidos. Vou direito à questão: quero que trabalhes para mim. Quero que sejas meu ajudante. Neste lugar, as pessoas com cabeça podem contar-se pelos dedos da mão. Tens apenas um braço, é certo, mas, em

contrapartida, inteligência não te falta. Se aceitares ser meu secretário, podes crer que saberei recompensar-te e dar-te todas as facilidades para que a tua vida se torne mais fácil. Sobreviverás e um dia poderás regressar ao Japão, isso é garantido. Comigo não farás mau negócio.»

Numa situação normal, teria recusado aquela oferta. Não tinha intenção alguma de servir às suas ordens e de ser eu o único a levar uma vida fácil, traindo os meus companheiros. E se recusar significava a morte, tanto melhor, vinha de encontro aos meus desejos. Naquele momento, porém, um plano começava a germinar no meu espírito.

«Que trabalho me estaria destinado?», quis saber.

A tarefa que Boris exigiu de mim não era fácil. Havia uma quantidade de assuntos práticos a tratar, mas, acima de tudo, estava incumbido de administrar a sua fortuna pessoal. Tinha-se apropriado de uma parte (que chegou a perfazer quarenta por cento do total) de tudo o que eram medicamentos, víveres e roupa enviados para o campo pela Cruz Vermelha Internacional e por Moscovo. Tudo coisas que escondia num armazém para depois serem vendidas nos mais diversos sítios. Ficava ainda com uma boa parte do carvão extraído, fazia-o transportar em vagões de mercadorias e vendia-o no mercado negro. Atendendo a que a carência de combustível era geral, procura não faltava. Tinha subornado os empregados da estação de caminho-de-ferro, bem como o chefe da estação, e fazia circular os comboios a seu bel-prazer. Também oferecia dinheiro e comida aos soldados que montavam vigilância, para que fizessem vistas grossas. Graças àqueles «negócios» tinha arrecadado uma fortuna considerável. Explicou-me que, de futuro, pensava utilizar aquele dinheiro para financiar a polícia secreta. A qual tinha necessidade, para as suas actividades, de importantes somas que não poderiam constar de nenhum documento oficial. Era mentira. Quer dizer, é provável que enviasse parte desse dinheiro para Moscovo, mas estou convencido de que mais de metade passara a engrossar a sua fortuna pessoal. Ainda que desconheça os pormenores, sei que depositava esse dinheiro em contas nos bancos estrangeiros ou, então, trocava-o por ouro.

Não sei por que razão, mas o certo é que Boris depositava em mim uma absoluta confiança. Ainda hoje me custa a crer, mas ele nem sequer parecia preocupar-se com a possibilidade de eu revelar o seu segredo. No contacto com os russos e outros homens brancos, adoptava uma atitude dura, cruel, fruto da desconfiança, mas dava ideia de confiar cegamente em japoneses e mongóis. Ou, então, talvez se julgasse invulnerável e pensasse que nada lhe poderia acontecer mesmo que eu desse com a língua nos dentes. Para começar, a quem é que eu poderia confiar uma coisa daquele género? À minha volta movimentavam-se apenas colaboradores e subordinados de Boris, e todos eles beneficiavam das suas actividades ilegais. Os únicos que morriam devido à ausência daqueles alimentos, das roupas ou dos medicamentos, desviados por Boris em seu proveito pessoal, eram os prisioneiros do campo, que nada podiam contra ele. Além do mais, todo o correio era censurado, e o contacto com o exterior proibido.

E foi assim que passei a exercer com diligência e fidelidade as funções de secretário. Refiz tudo, desde a base dos complicados livros de contabilidade e do inventário de aquisições, reorganizei e simplifiquei os movimentos de mercadorias e dinheiro. Elaborei um ficheiro que permitisse, à vista desarmada, conhecer em pormenor a lista de mercadorias e as variações de preços. Elaborei uma longa lista com os nomes das pessoas subornadas e calculei os «gastos necessários». Trabalhei para ele de manhã à noite sem descanso. E, em consequência disso, perdi os poucos amigos que tinha. Toda a gente pensava (e era lógico que pensassem) que eu não passava de um indivíduo

desprezível, que se rebaixara à condição de fiel homem-de-mão de Boris. E o mais triste disto tudo é que alguns ainda devem pensar isso de mim. Até Nikolai deixou de me falar. Dois ou três prisioneiros japoneses que antes me honravam com a sua amizade afastaram-se. É óbvio que, em contrapartida, outros houve que se aproximaram, ao verem que eu me tornara entretanto no favorito de Boris, mas a esses confesso que preferia evitá-los. Cada dia que passava ia ficando mais sozinho, mais isolado. Só não me mataram porque Boris me protegia. A minha presença era para ele um bem precioso e, caso me matassem, Boris não hesitaria em exercer represálias. Todos sabiam perfeitamente até onde podia ir a sua crueldade. A sua fama como esfolador também ali era lendária.

Quanto mais isolado ficava, mais confiança Boris depositava em mim. Mostrava-se muito satisfeito com o meu trabalho, escrupuloso e preciso, e não me poupava palavras de elogio.

«És um homem verdadeiramente espantoso, tenente Mamiya. Enquanto houver japoneses como tu, o Japão não terá dificuldade em superar o caos que se segue inevitavelmente à derrota em tempo de guerra. Já o mesmo não se pode dizer da União Soviética. Infelizmente, estamos perante um caso perdido. Quase se pode dizer que era melhor nos tempos dos czares. Pelo menos não se viam obrigados a queimar os miolos com teorias arrevesadas. O nosso querido Lenine só aproveitou o que quis das teorias de Marx e para usar como bem entendeu, e o nosso querido Estaline só aproveitou das teorias de Lenine o que foi capaz de entender (e que não era muito), e ainda por cima para seu próprio benefício. Neste país, quanto mais limitado um homem é intelectualmente, mais poderoso se torna. Escuta bem o que te digo, tenente Mamiya. Neste país só há uma maneira de sobreviver. Que é não usar a imaginação. Eu, escusado será dizer, nunca me sirvo da minha imaginação. O meu ofício consiste em fazer trabalhar a imaginação dos outros. É bom que tenhas isto sempre presente. Pelo menos enquanto aqui permaneceres neste campo, e se alguma vez tiveres vontade de dar largas à imaginação, lembra-te da minha cara. E pensa: «Não, não é bom sinal, a imaginação pode ser fatal.» É este o precioso conselho que te dou. Deixa a imaginação para os outros.

E assim se passaram seis meses. O Outono de 1974 estava a chegar ao fim, e a minha presença tornara-me indispensável a Boris. Era eu que me encarregava da parte administrativa dos seus negócios, enquanto o Tártaro se ocupava da sua guarda pessoal, das actividades violentas, por assim dizer. A polícia secreta ainda não o chamara a Moscovo, mas queria-me parecer que Boris não tinha intenção alguma de regressar. Tinha assentado arraiais no campo de concentração e na mina, vivia confortavelmente e arrecadava uma fortuna, sempre protegido pelo seu exército privativo. Provavelmente, em vez de o obrigarem a regressar à sede central do partido, os dirigentes de Moscovo pensaram que poderiam consolidar o seu domínio na Sibéria, mantendo-o ali instalado de armas e bagagens. Boris mantinha uma correspondência regular com Moscovo, ainda que não por correio, mas sim por intermédio de emissários secretos que chegavam até ali de comboio. Eram homens altos, de olhar frio como o gelo. Quando entravam na sala, eu tinha a sensação de que a temperatura baixava bruscamente.

Entretanto, os prisioneiros destinados a trabalhos forçados continuavam a morrer em elevado número e os seus cadáveres iam sendo atirados, um após o outro, para dentro dos poços. Boris avaliava com rigor a capacidade de cada um deles e, numa primeira fase, fazia-os trabalhar em excesso e reduzia as rações de comida até os deixar num estado físico de grande debilidade. Deste modo, diminuía o número de bocas a alimentar, guardava o alimento para os mais fortes e, em

consequência disso, aumentava a produção. O campo de concentração converteu-se num mundo regido pelas leis da selva, onde prevalecia o critério da eficácia, e os tubarões comiam os peixes miúdos. Os fortes apropriavam-se da melhor fatia, os fracos caíam que nem tordos. Quando faltava mão-de-obra, mandavam vir novos prisioneiros, que chegavam em vagões de carga a abarrotar, transportados como animais. Era frequente que vinte por cento da «carga» morresse durante a viagem, mas ninguém dava mostras de se preocupar com isso. A maior parte dos recém-chegados era de origem russa ou provinha da Europa de Leste. Felizmente para Boris, parecia que a oeste prosseguia a política de terror instaurada por Estaline.

O meu plano consistia em matar Boris. Era evidente que não havia garantia alguma de que a situação melhorasse com a sua morte. O mais certo era continuar aquele inferno, ou um inferno parecido. Apesar disso, não podia permitir que aquele homem continuasse a existir. Era uma víbora, como Nikolai tinha dito. Alguém tinha de o matar de um só golpe. Enquanto fazia as vezes de seu secretário, espreitava o momento oportuno, mas Boris, como já tive ensejo de referir, era um homem extremamente cauteloso. Dia e noite, tinha sempre o Tártaro por perto. E ainda que pudesse, um dia, surpreendê-lo sozinho, como poderia matá-lo, apenas com um braço e desarmado? Esperava com impaciência que a oportunidade se proporcionasse. Estava convencido de que, se Deus existisse, aquela ocasião chegaria, mais cedo ou mais tarde.

No início de 1948, corriam pelo campo rumores de que os prisioneiros japoneses iam ser finalmente repatriados. Diziam que na Primavera zarparia um barco que nos levaria a todos de regresso ao Japão. Perguntei a Boris se era verdade.

«É verdade, tenente Mamiya», disse-me ele. «Esses rumores têm fundamento. Todos vós estareis de regresso ao Japão num futuro não muito distante. O certo é que não podemos retê-los a todos aqui eternamente, a trabalhar para nós, e isso deve-se em grande parte à pressão feita pela opinião pública internacional. Que me dizes a ficar neste país, não como prisioneiro mas como livre cidadão soviético? Tens trabalhado bem ao meu serviço e, se te fores embora, terei grande dificuldade em encontrar alguém para te substituir. Além disso, creio que ficarás melhor a meu lado do que no Japão, sem um cêntimo no bolso. Tenho ouvido dizer que no Japão não há comida, que as pessoas morrem de fome. Aqui, não nos falta nada, quer seja dinheiro, mulheres ou poder.»

A proposta de Boris era a sério. A verdade é que eu sabia demasiado, talvez ele pensasse que seria perigoso deixar-me partir. Caso eu recusasse a sua proposta, o mais provável era matar-me para eu ficar de boca calada, mas eu não tinha medo. Agradei-lhe a sua amável oferta e disse-lhe que preferia regressar ao Japão, porque estava preocupado com a sorte dos meus pais e da minha irmã mais nova, que haviam ficado na terra onde viviam. Boris encolheu os ombros e não insistiu.

Uma noite de Março, aproximava-se o dia da repatriação, apresentou-se a oportunidade ideal para eu levar por diante os meus propósitos. Na altura encontrávamo-nos os dois sozinhos no escritório. O Tártaro, que tinha por hábito escoltá-lo sempre, estava ausente. Faltavam poucos minutos para as nove da noite, eu encontrava-me ocupado com os meus livros de contabilidade, ele escrevia uma carta sentado à secretária. Era raro ficar no escritório até àquelas horas tão tardias. Ia bebendo o seu brandy em pequenos goles. O seu casaco de couro, o seu chapéu e o estojo com a arma estavam no cabide. A pistola não era de grande calibre, como as usadas geralmente pelo Exército soviético, mas sim uma pequena Walther PPK de fabrico alemão. Corria à boca pequena que Boris a tinha a rapinado a um tenente-coronel das SS capturado depois da batalha do Danúbio. A pistola estava limpa e polida, e na culatra figuravam os dois relâmpagos

que simbolizam as SS. Observava-o sempre com atenção quando ele costumava limpá-la e sabia que havia oito balas no carregador.

Era raríssimo que ele deixasse o estojo pendurado no cabide. Boris era muito cauteloso e, sempre que trabalhava sentado à secretária, tinha por hábito guardá-la na gaveta do lado direito, a fim de a ter sempre à mão em caso de necessidade. Naquela noite, porém, por qualquer razão, estava sobremaneira alegre e de bom humor, e talvez por isso se tivesse esquecido de tomar as usuais precauções. Era a ocasião por que eu havia esperado, uma oportunidade única. Mentalmente, tinha repetido vezes sem fim a operação que consistia em puxar a patilha de segurança com uma só mão e em meter rapidamente a primeira bala no carregador. Decidido, levantei-me e passei pela frente do cabide, fingindo que ia buscar uns documentos. Absorto a redigir a carta, Boris não me viu. Ao passar diante do bengaleiro, saquei a pistola do coldre. Não era muito grande, cabia-me na palma da mão. Ao pegar nela, dei-me conta de que era uma excelente arma, tanto pelo seu peso como pela sensação agradável de a empunhar. Plantei-me diante dele, destravei a arma, segurei a pistola entre as pernas, com a mão direita abri o carregador e enfiei uma bala na câmara. Ao ouvir o ruído seco, Boris levantou por fim os olhos. Apontei-lhe a arma à cara.

Boris sacudiu a cabeça e suspirou.

«Tenho muita pena, mas essa pistola não está carregada», atirou ele, depois de enroscar a tampa da caneta de tinta permanente. Podes comprovar isso através do peso. Ora experimenta sopesá-la na tua mão. Oito cartuchos de 7.65 mm, dá cerca de oitenta gramas.»

Não acreditei nele. Continuei a apontar a arma e apertei o gatilho sem vacilar, mas tudo o que saiu foi uma espécie de «clique» seco. Tal como ele havia dito, não estava carregada. Baixei a pistola e mordi os lábios. Não conseguia pensar em nada. Foi então que ele abriu a gaveta da secretária e tirou de lá um punhado de balas, passando a mostrar-mas na palma da mão. Tinha descarregado a pistola. Tinha-me montado uma armadilha e eu caíra direitinho. Não passara tudo de uma farsa.

«Há já algum tempo que sei dos teus planos para me matar», disse ele, com toda a calma. No teu imaginário, pensaste muitas vezes em fazê-lo. Verdade ou mentira? E, no entanto, bem te avisei para não te deixares levar pela imaginação. Disse-te que imaginar arruinaria a tua vida, foi ou não foi? Bom, agora já não interessa. Seja como for, nunca serás capaz de me matar.» Boris atirou-me duas balas que tinha na palma da mão. As balas rolaram ruidosamente pelo chão e vieram embater nos meus pés. «São balas verdadeiras», continuou ele. «Não é nenhum truque. Carrega a arma e dispara. É a tua última oportunidade. Se queres acabar comigo, faz pontaria e atira a matar. Se falhares, promete que nunca contarás ao mundo os meus segredos. Será este o nosso pacto.»

Fiz sinal que sim com a cabeça. Prometi.

Voltei a pôr o revólver entre as pernas, extraí o carregador, meti as duas balas. Não foi tarefa fácil, só com uma mão. Além do mais, tinha a mão a tremer. Boris observava os meus movimentos com uma expressão despreocupada no rosto. Creio mesmo ter detectado um ligeiro sorriso. Introduzi o carregador na culatra, apontei aos olhos, apertei o gatilho esforçando-me por evitar que o pulso tremesse. Na sala ressoou um disparo, mas a bala passou rente à orelha de Boris e foi cravar-se na parede. Braços pedaços de gesso saltaram e fragmentaram-se no ar, em todas as direcções. Tinha falhado o tiro, apesar de me encontrar a apenas dois metros do alvo. Tal não se

devia, porém, à minha fraca pontaria. Na guarnição de Hsin-ching gostava de praticar tiro. É certo que agora tinha menos um braço, mas, em compensação, possuía mais força na mão direita do que muitas pessoas e, além disso, a Walther era uma arma de precisão, que permitia uma pontaria acertada. Nem queria acreditar que não acertara no alvo. Carreguei a arma de novo, apontei, respirei fundo. «Tenho de matar este homem», lembro-me de ter pensado. »Matar este homem daria sentido à minha vida.»

«Vê-me bem essa pontaria, tenente Mamiya. Olha que é a tua última bala.» Ao dizer aquilo, Boris mantinha ainda uma ponta de sorriso na cara. Nesse momento, o Tártaro, que ouvira o disparo, precipitou-se para dentro do escritório, empunhando uma pistola de grande calibre.

«Quieto, não te metas nisto!», disse ele num tom brusco. «Deixa que o tenente Mamiya dispare. Se ele me matar, a seguir poderás fazer dele o que quiseres.»

O Tártaro assentiu, sempre com a arma apontada na minha direcção.

Empunhei a Walther com a mão direita, estiquei o braço na direcção de Boris e apertei com serenidade o gatilho, fazendo pontaria ao centro do seu sorriso frio, carregado de desprezo. Amorteci o recuo da arma com a mão. Foi um disparo perfeito. Porém, tal como da primeira vez, a bala passou a rasar a sua cabeça e desfez em mil pedaços o relógio de parede que estava por detrás dele. Boris nem sequer mexeu o sobrolho. Apoiado nas costas da cadeira, olhava para mim fixamente, com aqueles seus olhos de serpente. A pistola caiu ao chão com estrépito.

Por instantes, ninguém disse nada, ninguém se mexeu. Até que, por fim, Boris se levantou da cadeira, baixou-se devagar e apanhou a Walther que eu tinha deixado cair. Depois de contemplar, pensativo, a pistola durante alguns segundos, tornou a guardá-la no coldre, abanando devagar com a cabeça. Em seguida deu-me duas palmadas ligeiras no braço, como para me consolar.

«Bem te disse que não me conseguirias matar, não disse?» Dito isto, sacou do bolso um maço de Camel, levou um cigarro à boca e acendeu-o. «Não é que dispires mal. Acontece que não me podes matar, mais nada. Não és capaz de o fazer. Por isso é que perdeste a tua oportunidade. Tenho muita pena, mas não tens outro remédio senão voltar ao teu país levando contigo a minha maldição. Nunca poderás ser feliz, estejas onde estiveres. Jamais amarás alguém e nunca serás amado por ninguém. É esta a minha maldição. Salvo-te a vida, mas não é por bondade que o faço. Matei muito boa gente até à data, e continuarei a matar ainda mais. Porém, nunca o faço quando não há necessidade disso. Adeus, tenente Mamiya. Dentro de uma semana partirás daqui e irás direito ao porto de Nakodhka. Bon voyage. Nunca mais voltaremos a ver-nos.»

Foi a última vez que pus a vista em cima de Boris, o Esfolador. Na semana seguinte, abandonei o campo de concentração. Apanhámos o comboio para Nakodhka e, no início do ano seguinte, após uma data de vicissitudes (que me escuso aqui de contar), pude então regressar ao Japão.

Para lhe falar com toda a franqueza, senhor Okada, não sei que sentido poderá esta minha longa e estranha odisséia ter aos seus olhos. Vendo bem, talvez não passe da lengalenga de um velho senil. A verdade, porém, é que queria, a todo o custo, narrar-lhe esta história. Senti que tinha de lhe contar. Como decerto compreenderá, agora que chegou ao fim da carta, fui derrotado em toda a linha. Perdi tudo. Estou perdido. Não tenho direito a nada. Que não tenha amado ninguém nem ninguém me tenha amado, deve-se à força desta maldição que me persegue. Num futuro não muito longínquo, estou condenado a desaparecer nas trevas, como uma carapaça vazia que teve o seu tempo. Agora, porém, depois de lhe ter transmitido esta minha história, senhor Okada, conheçom certo alívio e sei que posso finalmente deixar este mundo com um sentimento

de algum contentamento.

Desejo que tenha uma vida feliz, sem arrependimentos.

Um lugar perigoso

As pessoas à frente da televisão

O homem vazio

A porta entreabriu-se ligeiramente para dentro. Agarrando a bandeja com ambas as mãos, o empregado do hotel fez uma pequena vénia e entrou no quarto. Enquanto esperava cá fora, atrás do jarrão, pus-me a pensar qual deveria ser o passo seguinte. Podia aproveitar o momento em que ele saísse para entrar. *Havia alguém no quarto número 208*. Se continuasse tudo a desenrolar-se como da outra vez (o que parecia ser o caso), a porta decerto não estaria fechada à chave. Outra hipótese era deixar o quarto para mais tarde e, em vez disso, ir atrás do empregado. Desse modo, ficaria a conhecer o lugar ao qual ele pertencia.

Hesitei entre as duas alternativas, mas optei por ir no encalço do empregado. Podia muito bem haver algum perigo escondido no quarto 208, quem sabe se um perigo que pudesse vir a revelar-se fatal. Lembrava-me perfeitamente dos golpes violentos, ressoando na escuridão, de alguém a bater à porta, e do lampejo branco e cintilante de algo parecido com uma faca. Tenho de ser cauteloso. Primeiro, vamos lá ver para onde se dirige o empregado. Depois, logo terei tempo de regressar ao quarto. Mas como? Enfiei as mãos nos bolsos das calças e apalpei o que tinha lá dentro. A carteira, algumas moedas soltas, um lenço, uma esferográfica pequena. Tirei a caneta e experimentei traçar uma linha na palma da mão para ver se escrevia. Podia ir fazendo marcas na parede à medida que seguia o empregado. Assim, para voltar ali mais tarde só teria de seguir as marcas. Perfeito, em teoria.

A porta abriu-se e o empregado saiu, de mãos a abanar. Tinha deixado ficar tudo, incluindo a bandeja, dentro do quarto. Depois de fechar a porta, endireitou-se e, agora sem nada nas mãos, sempre a assobiar *La Gazza Ladra*, regressou por onde tinha vindo, caminhando num passo vivo. Saí de trás do jarrão e fui atrás dele. Cada vez que chegava a uma bifurcação fazia uma pequena marca, um «x» a esferográfica azul na parede de cor creme. O empregado nunca olhou para trás, nem uma única vez. Havia algo de estranho na maneira como ele se movia, parecia que estava a fazer uma demonstração em algum Concurso Internacional de Marcha para Empregados de Hotel. Cabeça levantada, queixo para a frente, costas bem direitas, avançava pelo corredor fora balançando os braços ao ritmo de *La Gazza Ladra*. Era como se estivesse a proclamar: é assim que devem andar todos os empregados de hotel. Dobrou muitas esquinas, subiu e desceu meia dúzia de lanços de escadas. A luz era mais ou menos intensa consoante os lugares. Os nichos nas paredes formavam sombras com formas variadas. Não me era difícil segui-lo mantendo sempre a distância necessária para não me dar a conhecer. Mesmo que o perdesse de vista de cada vez que chegávamos a um canto do corredor, não havia a mínima possibilidade de lhe perder o rasto, graças ao seu melodioso

assobio.

Da mesma forma que um salmão sobe o rio, até alcançar um remanso tranquilo, também o empregado acabou por ir dar a um enorme vestibulo. Era o átrio do hotel onde eu tinha visto Noboru Wataya aparecer na televisão. Agora estava quase deserto, via-se apenas meia dúzia de pessoas reunidas diante de um televisor gigante. Estava a dar o telejornal da NHK. Ao chegar ao átrio, o empregado deixara de assobiar, para não incomodar os clientes. Depois atravessou a sala em linha recta e desapareceu pela porta de serviço do hotel.

Fazendo de conta que estava a matar tempo, caminhei sem rumo pelo átrio do hotel, corri vários dos muitos sofás que estavam sem ninguém, olhei para o tecto, avaliei o estado da alcatifa. A seguir, dirigi-me ao telefone público e inseri uma moeda para ver no que dava. Tal como o do quarto, não funcionava. Deitei a mão a um telefone do hotel e experimentei marcar o número 208. Também não dava sinal de vida.

Fui sentar-me numa cadeira um pouco afastada e pus-me a observar com naturalidade as pessoas reunidas à frente do televisor. Eram doze, ao todo, nove homens e três mulheres. A maioria dos homens devia andar entre os trinta e os quarenta, havendo dois que poderiam muito bem ter os seus cinquenta e poucos. Estavam todos de fato, gravatas discretas, mocassins de couro. Nenhum deles apresentava nenhuma característica particular, tirando as diferenças de estatura e de peso. As mulheres andariam pelos trinta e quatro, trinta e cinco anos, bem vestidas e maquilhadas com esmero. A julgar pelo seu aspecto, pensei que podiam muito bem estar de regresso de alguma festa de antigos alunos de um qualquer colégio ou instituto de ensino secundário, muito embora o facto de estarem em cadeiras separadas desse a entender que não se conheciam. Pelos vistos, o mais provável era cada uma das pessoas que faziam parte do grupo ter chegado ali pelos seus meios, juntando-se às outras, sem dizer nada, para ver o mesmo programa de televisão, sem tirar os olhos do pequeno ecrã. Ninguém dizia nada, não havia ali trocas de olhares nem de opinião.

Do sítio onde estava, a uma certa distância, deixei-me ficar sentado, a seguir as notícias durante algum tempo. Nenhuma em especial chamou a minha atenção. A inauguração de uma estrada, com o presidente da Câmara a cortar uma fita, a descoberta de uma substância tóxica em certas marcas de lápis de cor para crianças, o choque entre um autocarro e um camião devido à má visibilidade e ao piso gelado, de que resultaram a morte do condutor de um camião e ferimentos em vários turistas que se dirigiam para uma estância termal em viagem de grupo organizada. O pivô ia lendo as notícias, umas atrás das outras, num tom contido, como se estivesse a distribuir cartas baixas no decorrer de um jogo. Aquilo trouxe-me à memória o televisor em casa do senhor Honda, o velho adivinho: também ele costumava ter o televisor sintonizado na NHK o tempo todo.

As imagens daquelas notícias eram, a um tempo, muito realistas e completamente irreais. Tive pena do motorista do camião, um homem de trinta e sete anos que morrera no acidente. Ninguém quer acabar com as vísceras à mostra nem morrer de hemorragia interna num lugar como Asahikawa no meio de um nevão. Pela minha parte, não conhecia pessoalmente o camionista, nem ele a mim. Como tal, não nutria por ele nenhuma simpatia especial. Sentia, isso sim, um sentimento de compaixão generalizada por um ser humano como eu, inesperadamente vítima de morte violenta. Uma generalização daquelas pode ser sentida como real e, ao mesmo tempo, ser perfeitamente irreal. Deixei de ligar à televisão e virei a minha atenção para o átrio vazio, mas não encontrei ali nada que despertasse a minha atenção. Não se via por ali nenhum recepcionista, o pequeno bar ainda não estava aberto. Nas paredes, a única decoração era um grande quadro a óleo representando uma

paisagem de montanha.

Quando voltei a dirigir a minha atenção para o televisor, apareceu-me diante dos olhos um grande plano de um homem que eu conhecia bem – Noboru Wataya. Pus-me direito e prestei toda a minha atenção às palavras do jornalista. Tinha acontecido alguma coisa a Noboru Wataya. Infelizmente, perdera o princípio da notícia. Instantes depois desapareceu a fotografia dele, substituída de novo pela imagem do repórter. Por baixo do casaco usava gravata, e empunhava um microfone. Estava diante da fachada de um edifício enorme.

«... foi transportado para o Hospital da Universidade Médica Feminina de Tóquio, onde se encontra nos cuidados intensivos. De momento, sabemos apenas que o seu estado é grave e que continua inconsciente na sequência de um traumatismo craniano. Quando perguntámos à direcção do hospital se a sua vida corria perigo, foi-nos dito que o seu estado era reservado e que nada mais podia ser adiantado, sendo para o efeito necessário esperar algumas horas pela publicação de um relatório com mais pormenores acerca do seu estado clínico. Em directo do Hospital da Universidade Médica Feminina de Tóquio...»

A emissão voltou ao estúdio, onde o pivô começou a ler uma notícia acabada de receber. «Segundo uma informação que chegou até nós, a agressão ocorreu por volta das onze e meia da manhã de hoje, quando entrou pelo seu gabinete um jovem que o agrediu por várias vezes com um taco de basebol na cabeça, causando-lhe ferimentos graves. Na altura o deputado encontrava-se reunido com diversas personalidades. O escritório encontra-se situado num edifício da zona de Minato-ku, em Tóquio. [No ecrã, imagens do edifício.] Segundo o testemunho das pessoas na altura presentes no local, o agressor terá entrado no edifício como visitante, levando o taco escondido no interior de um tubo para mapas e plantas, daqueles que são vendidos nos Correios, e atacou o deputado sem aviso prévio. [Passavam agora no ecrã imagens da sala onde decorrera a agressão, vendo-se cadeiras espalhadas, uma mancha escura de sangue no chão.] Segundo pudemos apurar, foi tudo muito rápido, de modo que nem o deputado nem as pessoas que com ele se encontravam reunidas tiveram oportunidade de pedir ajuda ou impedir o ocorrido. Depois de se certificar de que o deputado estava caído e inconsciente, o atacante terá fugido, levando consigo a arma da agressão. Segundo algumas testemunhas oculares, o agressor, um homem com cerca de trinta anos e um metro e setenta e cinco de altura, vestia um casaco azul-marinho, gorro de esqui alpino da mesma cor e óculos escuros. Na face direita tinha aquilo que parecia ser uma mancha de nascimento. A Polícia emitiu já um mandado de captura. O homem conseguiu fugir sem deixar rasto, misturando-se com as pessoas que circulavam nas imediações. De momento, a Polícia carece de pistas.» [Imagens de polícias no local do crime e das agitadas ruas de Akasaka.]

Taco de basebol? Marca na cara? Mordi os lábios.

«Noboru Wataya, célebre economista e comentador político, conhecido pelo seu dinamismo e pela sua postura crítica, foi eleito na Primavera deste ano para a Dieta, em representação da circunscrição eleitoral que fora anteriormente do tio, o deputado Yoshitaka Wataya, e acedeu por eleição ao Parlamento. Desde então, destaca-se pela sua capacidade e, também, pelo tom polémico de algumas das suas declarações políticas, demonstrando que, apesar da sua juventude e inexperiência, tinha diante de si um grande futuro. As investigações da Polícia orientam-se em duas direcções, uma relacionada com o mundo da política, a outra apontando para um ajuste de contas ou uma vingança pessoal. Passamos agora a actualizar esta notícia de última hora. O deputado Noboru Wataya foi agredido com um taco de basebol e encontra-se hospitalizado com um traumatismo craniano. Os

médicos continuam a não se pronunciar sobre o seu estado de saúde, considerado muito grave. E agora, passamos à notícia seguinte...»

Alguém deve ter desligado o televisor. De um momento para o outro, a voz do jornalista deixou de se ouvir e o silêncio invadiu o átrio. Os telespectadores mudaram de posição e pareceram descontrair-se. Era óbvio que se tinham reunido à volta do televisor com o propósito de assistirem às notícias que diziam respeito a Noboru Wataya. Uma vez o televisor apagado, ninguém se levantou. Não se ouviu um suspiro, ninguém deu um estalo com a língua, ninguém aclarou a garganta.

Quem é que poderia ter atacado Noboru Wataya daquela maneira? Pela descrição, o agressor possuía as mesmas características que eu – o casaco e o gorro, os óculos de sol. A mancha no rosto. Sem esquecer o taco de baseball. Costumava guardá-lo no fundo do poço e, agora, o certo é que tinha desaparecido. Se era aquele taco o causador dos ferimentos infligidos no crânio de Noboru Wataya, nesse caso alguém deveria tê-lo roubado do poço com essa intenção.

Foi então que uma das mulheres, por acaso, se pôs a olhar para mim. Era magra, com os ossos da cara salientes e olhos de peixe. Pendurados dos lóbulos compridos, usava uns brincos de cor branca. Virada para mim, ficou ali a olhar-me que tempos. Nem mesmo quando o seu olhar se cruzou com o meu desviou os olhos ou mudou de expressão. A seguir foi a vez do homem calvo que estava sentado ao lado dela. Intrigado, seguindo o olhar da mulher, também ele se pôs a fixar-me. Pela estatura e pela constituição física, fazia-me lembrar o dono da lavandaria que ficava defronte da estação. Um a um, todos os telespectadores começaram a virar-se na minha direcção, como se finalmente se tivessem dado conta da minha presença. Debaixo daqueles olhares penetrantes, era impossível não me aperceber do meu casaco azul e do meu gorro da mesma cor, do meu metro e setenta e cinco de altura e de ter pouco mais de trinta anos. Isto sem esquecer a mancha de nascimento na bochecha direita. Ao mesmo tempo, porém, todas aquelas pessoas pareciam saber que eu era o cunhado de Noboru Wataya e que não tinha por ele qualquer simpatia (isto para não dizer que o odiava). Lia tudo isto nos seus olhos. Não sabendo que comportamento adoptar, apertei com força os braços da cadeira. Não tinha sido eu a agredir Noboru Wataya na cabeça com o taco de baseball. Para além de não ser o tipo de pessoa que faz esse género de coisas, a verdade é que já nem sequer tinha o taco comigo. Podia, no entanto, ver que eles nunca acreditariam em mim. Tinham todo o ar de só acreditar no que a televisão dizia.

Levantei-me devagarinho e dirigi-me para o corredor que me levara até ali. Tinha de sair daquele lugar o mais depressa possível, visto que já não era bem recebido. Dera apenas meia dúzia de passos quando me apercebi de que alguns deles se tinham posto de pé e vinham atrás de mim. Acelerei o passo, atravessei o átrio e encaminhei-me para o corredor. «Tenho de encontrar o quarto número 208, dê lá por onde der», pensei.

Chegara por fim ao outro lado do vestíbulo e estava precisamente a entrar no corredor quando as luzes do hotel se apagaram todas, sem fazer barulho. De repente, encontrei-me mergulhado na escuridão, como se o pesado manto das trevas se tivesse abatido, sem que nada o fizesse esperar, sobre aquele lugar, como um violento golpe de machado. Atrás de mim alguém lançou um grito que exprimia sobressalto. O som estava muito mais próximo do que eu alguma vez teria imaginado, notava-se no mais profundo dessa voz a dureza do ódio.

Continuei a avançar no escuro, com cuidado, tacteando a parede. Tenho de me afastar o mais possível deles. Contudo, tropecei numa mesinha e deitei ao chão qualquer coisa, parecia um jarro qualquer. O objecto caiu ao chão com estrondo. Ao perder o equilíbrio, fiquei de gatas. Pus-me de pé

a correr e procurei às apalpadelas continuar a seguir, sempre agarrado à parede. Senti então um violento puxão na bainha do casaco, como se tivesse ficado preso num prego. Por momentos não percebi o que estava a acontecer. Estava alguém a agarrar-me pelo casaco. Sem hesitar, despi o casaco e desatei a correr como um bólido, rasgando a escuridão. Dobrei uma esquina, sempre às cegas, subi aos tropeções uma escada, virei novamente, subi mais uns degraus, sempre com a cabeça e os ombros a irem de encontro às coisas. A certa altura, dei um passo em falso na escada e fui bater com a cara na parede. Apesar disso, não senti qualquer dor, apenas uma sensação de vertigem no fundo dos olhos. Não podia deixar que eles me apanhassem.

À minha volta a escuridão era completa. Nem sequer as luzes de emergência estavam a funcionar. Depois de ter atravessado aquelas trevas em que não se distinguia rigorosamente nada no meio da mais completa desorientação, parei por momentos a fim de recuperar o fôlego, e fiquei de ouvido à escuta. A única coisa que se ouvia, porém, era o bater do meu coração. Deixei-me ficar ali um bocado de cócoras, a descansar. Eles deviam ter abandonado a perseguição. O mais certo era perder-me nos meandros do labirinto, caso continuasse a avançar. Decidi ficar por ali. Encostei-me à parede e esforcei-me por recuperar a calma.

Quem teria apagado as luzes? Não me parecia que tivesse sido coincidência. Vendo bem, acontecera no preciso momento em que pusera o pé no corredor com aquela gente toda quase em cima de mim. Muito provavelmente era alguém a tentar salvar-me do perigo. Tirei o gorro, limpei o suor da cara com um lenço, voltei a enfiar o gorro. De repente parecia que todas as articulações me tinham começado a doer, mas não se podia dizer que estivesse propriamente ferido. Olhei para o mostrador luminoso do relógio de pulso e só então é que me lembrei que o relógio tinha parado às onze e meia. Precisamente na altura em que entrara para dentro do poço, à mesma hora a que Noboru Wataya tinha sido atacado com um taco de basebol no seu escritório de Akasaka.

Era possível que tivesse sido eu o culpado?

À luz daquela escuridão profunda, aquilo começava a ganhar uma certa consistência lógica. Podia muito bem ter acontecido que, à superfície, no mundo real, tivesse de facto infligido graves ferimentos a Noboru Wataya com um taco de basebol, e que fosse eu o único a ignorá-lo. Era provável que o ódio violento que habitava em mim me tivesse conduzido àquele lugar a fim de cometer a agressão, sem ter consciência disso. Eu disse «conduzido»? Não, não me parece que seja a palavra certa. Para ir até Akasaka é preciso apanhar a linha Odakyu, e depois fazer transbordo em Shinjuku e ir de metro. Seria possível que tivesse feito semelhante coisa sem me dar conta? Era impossível – a não ser que tivesse o dom da ubiquidade.

– Senhor Okada – disse alguém ao meu lado no escuro.

O meu coração deu um salto e subiu-me à garganta. Não fazia ideia de onde poderia ter aparecido aquela voz. Tenso, perscrutei a escuridão à minha volta, mas, como seria de esperar, não via nada.

– Senhor Okada – repetiu a voz. Uma voz baixa de homem. – Não se preocupe, senhor Okada, estou do seu lado. Já nos encontrámos antes. Não se lembra?

De facto, aquela voz era-me familiar. Pertencia ao «homem sem rosto». Pelo sim, pelo não, continuei calado.

– Tem de sair daqui o mais depressa possível. Quando as luzes se acenderem, de certeza que vão dar consigo aqui neste sítio. Siga-me, vou conduzi-lo por um atalho que conheço.

O homem acendeu uma lanterna de bolso em forma de caneta. Mal se podia dizer que alumiasse alguma coisa, mas era quanto bastava para mostrar o caminho.

– Por aqui – disse ele, instando-me a ir atrás dele.

Levantei-me do chão e segui na direcção da voz.

– Foi o senhor que apagou as luzes todas, não foi? – perguntei cá de trás.

O homem não me deu resposta, mas também não disse que não.

– Agradeço a sua ajuda. Escapei por uma unha negra.

– São pessoas perigosas – disse ele. – Muito mais perigosas do que imagina.

– É verdade que Noboru Wataya foi agredido e se encontra em estado grave? – quis eu saber.

– Foi o que disseram na televisão – retorquiu o homem, parecendo escolher as palavras cuidadosamente.

– Não sou eu o culpado. Àquela hora encontrava-me sozinho no interior do poço.

– Se o diz, é porque deve ser verdade – replicou o homem com o ar mais natural do mundo.

Abriu uma porta e, apontando o feixe da lanterna para o chão, começou a subir os degraus, um a um. Eu continuava sempre atrás dele, mas a escada nunca mais acabava e, ainda ia a meio, já não sabia se estava a subir ou se estava a descer. Às tantas já nem tinha a certeza se aquilo era uma escada.

– Há alguém que possa testemunhar que estava dentro do poço àquela hora? – perguntou o homem sem nunca se virar.

Não respondi. Não havia ninguém nessas condições.

– Nesse caso, o melhor será fugir sem grandes explicações, é a atitude mais inteligente. Eles estão convencidos de que foi o senhor o autor da agressão.

– E quem diabo são eles?

Chegado ao cimo da escada, o homem virou à direita, deu meia dúzia de passos e abriu uma porta que dava para um corredor. Depois, imobilizou-se e pôs-se à escuta.

– Temos de nos despachar. Agarre-se ao meu casaco.

Em silêncio, fiz o que ele mandava.

– Aquela gente está permanentemente colada ao ecrã da televisão. Por isso, não é de estranhar que o detestem. Afinal, eles são verdadeiros fanáticos do irmão da sua mulher.

– E o senhor, sabe quem eu sou? – perguntei.

– Claro que sim.

– E também sabe onde se encontra Kumiko actualmente?

O homem permaneceu calado. Sempre agarrado ao seu casaco, como se estivéssemos a jogar às escondidas no escuro, dobrámos uma esquina, descemos um lanço de escadas, abrimos uma portinhola escondida que ia dar a outra passagem secreta de tecto baixo e fomos de novo ter a um longo corredor. O percurso estranho e complicado seguido pelo homem sem rosto era como dar voltas e mais voltas na barriga de uma gigantesca estátua de bronze.

– Escute uma coisa, senhor Okada. Não pense que eu sei tudo o que se passa aqui. Este lugar é imenso e eu, eu sou apenas responsável pelo átrio. Há muitas outras coisas que desconheço.

– Por acaso conhece um empregado que anda sempre a assobiar?

– Não – respondeu o homem taco a taco. – Aqui não há empregados, ninguém assobia nem deixa de assobiar. Caso tenha visto algum empregado assim, fique sabendo que não se trata de um empregado, mas sim de *qualquer coisa* que se faz passar por um empregado. A propósito, esqueci-me de lhe perguntar, mas é para o quarto número 208 que deseja ir, não é?

– Exactamente. Vou ter com uma mulher que ali se encontra.

Ele não fez comentários, não me perguntou de quem se tratava nem tão-pouco qual era o assunto que eu tinha a tratar com ela. Continuou sempre a caminhar pelo corredor fora, com a passada confiante de um homem que sabe para onde vai, da mesma forma que o comandante orienta o seu navio pelo meio de uma complexa rede de canais.

Pouco depois, sem avisar, estacou diante de uma porta, tão bruscamente que eu fui contra ele e quase o deitei ao chão. Com o choque, senti o seu corpo estranhamente ligeiro, como se não pesasse nada. Tive a sensação de chocar com uma carcaça vazia de uma cigarra. Ele, porém, recuperou de imediato o equilíbrio, iluminou com a lanterna a porta à sua frente, fazendo aparecer o número 208.

– Não está fechado à chave – disse ele. – Fique com esta lanterna. Eu oriento-me bem no meio da escuridão. Depois de entrar, dê duas voltas à chave e não abra a porta a ninguém. Resolva o assunto que tem de resolver lá dentro o mais depressa possível e, a seguir, regresse pelo mesmo caminho. Este sítio é perigoso. Aqui, é considerado um invasor, e o seu único aliado sou eu. Lembre-se bem disso.

– Quem é o senhor?

O homem sem rosto fez deslizar discretamente a lanterna para a minha mão, como se me estivesse a entregar o testemunho no decorrer de uma estafeta.

– Sou o homem vazio⁵³ – disse ele. Depois, virou o rosto para mim, sempre no escuro, à espera da minha reacção, mas não consegui encontrar as palavras certas. Então, ele desapareceu em silêncio. Num minuto estava ali, mesmo ao pé de mim, e no minuto seguinte desaparecera, engolido pelas trevas. Apontei a lanterna para o lugar onde ele deveria estar. Na escuridão apenas se via, vagamente, uma parede toda branca.

Como o homem tinha dito, a porta não estava fechada à chave. A maçaneta girou sem fazer ruído debaixo dos meus dedos. Tive o cuidado de apagar a lanterna, antes de entrar no quarto com passinhos de lã. O quarto continuava mergulhado em silêncio, sem o menor sinal de presença humana. Só se ouvia o ruído seco do gelo a estalar dentro do balde. Acendi a lanterna e fechei a porta à chave atrás de mim, produzindo um barulho metálico anormalmente forte. Em cima da mesinha ao centro do quarto via-se uma garrafa de *Cutty Sark* por abrir, copos limpos, um balde com gelo. Mesmo ao lado, a bandeja cromada reflectia provocantemente o feixe da lanterna, como se estivesse à minha espera desde há muito. E, como se também tivesse esperado por aquele momento durante todo aquele tempo, o cheiro do pólen das flores tornou-se mais intenso. À minha volta, o ar fez-se mais denso, e o peso da gravidade aumentou. De costas para a porta, procurei detectar algum movimento em redor fazendo incidir a luz da lanterna no ar à minha frente.

Este lugar é perigoso. Aqui, é considerado um invasor, e o seu único aliado sou eu. Lembre-se bem disso.

– Não me encandeies com essa luz – disse uma voz feminina vinda das profundezas do quarto. – Prometes não lançar essa luz sobre mim?

– Prometo – respondi eu.

⁵³ Ainda e sempre a referência na obra de Murakami a *The Hollow Men*, de T. S. Eliot (*Os Homens Vazios*, na tradução de João Paulo Feliciano publicada pela Hiena). (*N. da T.*)

A luz de um pirilampo

Uma maneira de quebrar o feitiço

Um mundo onde os despertadores tocam

– Prometo – disse eu, mas a minha voz tinha qualquer coisa de artificial, como acontece quando ouvimos a nossa voz numa mensagem gravada.

– Quero ouvir-te dizer que não lançarás a luz sobre a minha cara.

– Não lançarei a luz sobre a tua cara. Prometo.

– A sério? Não estás a mentir?

– Não estou a mentir. Cumprirei a minha promessa.

– Nesse caso, aquilo que eu realmente gostaria que fizesses era que preparasses dois uísques *on the rocks* e mos trouxesses até aqui. Com muito gelo, se não te importas.

O tom era titubeante, como o de uma rapariguinha mimada, mas a voz era a de uma mulher madura e sensual. Pousei a lanterna de bolso em cima da mesa para ter alguma luz, fiz uma pausa para recuperar o fôlego e preparei dois uísques. Rompi o selo da garrafa de *Cutty Sark*, pesquei o gelo com a pinça, deitei o uísque sobre os cubos de gelo. Via-me obrigado a pensar cada um dos gestos que as minhas mãos executavam. Uma grande sombra oscilava na parede ao compasso de cada movimento.

Entrei no quarto do fundo com os dois uísques na minha mão direita e iluminando o chão que pisava com a lanterna na esquerda. A temperatura do ar parecia estar mais baixa do que anteriormente. No escuro, sem me dar conta disso, ficara a transpirar, e agora o suor começava lentamente a arrefecer. Só então me lembrei de que tinha deixado ficar o casaco algures ao longo do caminho.

Apaguei a lanterna e guardei-a no bolso das calças, tal como havia prometido. Às apalpadelas, lá pousei um dos copos em cima da mesinha-de-cabeceira. Com o outro na mão, sentei-me numa cadeira ligeiramente mais afastada da cama. Mesmo no escuro, ainda dava para me lembrar por alto da posição dos móveis.

Ouvi o barulho dos lençóis a roçarem um no outro. Ela ergueu-se devagarinho, pegou no copo e encostou-se à cabeceira da cama. Agitou ao de leve o copo, fazendo tilintar o gelo, e bebeu um gole. No meio da escuridão, todos aqueles ruídos eram, aos meus ouvidos, como efeitos sonoros de um folhetim radiofónico. Pela minha parte, ergui o copo para sentir o cheiro do álcool, mas continuei sem beber.

– Há muito tempo que não nos encontrávamos – disse eu. A minha voz soava agora num tom mais natural do que antes.

– Achas? – retorquiu ela. – Ainda hoje estou para saber o que é que essa coisa do «há que tempos»

ou «há muito tempo» quer dizer.

– Se não me falha a memória, não nos víamos desde há um ano e cinco meses, para ser exacto.

– Ah, sim – fez ela com indiferença. – Pois eu, para ser exacta, não me lembro bem.

Pousei o copo no chão e cruzei as pernas.

– Quando aqui estive, da última vez, tu não estavas cá, pois não?

– É evidente que estava, aqui deitada na cama, como agora. Nunca saio daqui.

– Mas olha que foi no quarto 208 que eu estive, tenho a certeza absoluta. Este é o 208, não é?

Ela fez girar os cubos de gelo dentro do copo. Depois soltou um risinho abafado.

– E eu tenho *a certeza absoluta* de que estás *de certeza* enganado. Deves ter entrado num outro quarto com o número 208, isso é mais que certo.

Notava-se na sua voz uma sombra de incerteza que me irritava. Podia ser o álcool a falar por ela. Tirei o gorro de lã da cabeça e pousei-o nos joelhos.

– O telefone não funcionava – disse eu.

– Sim, é verdade – retorquiu ela com uma pontinha de resignação. – Eles mandaram cortá-lo. E se eu gostava de falar ao telefone...

– E são *elas* que te mantêm aqui fechada, não são?

– Hmm, disso já não tenho bem a certeza – respondeu ela, rindo em voz baixa. Quando se ria, a sua voz parecia tremer, fazendo vibrar o ar em volta.

– Tenho pensado muito em ti, desde a última vez que aqui estive – disse eu, virando-me na direcção dela. – Perguntava a mim próprio quem serias, que diabo estarias a fazer.

– Ah, sim? Parece interessante – replicou ela.

– Imaginei diversas coisas, mas por enquanto ainda não tenho certezas. Ainda estou só na fase das ideias.

– Muito bem – referiu ela com admiração. – Quer então dizer que ainda não tens certezas, mas que já tens algumas ideias.

– É isso mesmo. E, para te dizer a verdade, acredito que tu és a Kumiko. Ao princípio não me apercebi disso, mas agora estou cada vez mais convencido.

– A sério? – disse ela passado um momento, parecendo divertida com a ideia. – Quer então dizer que eu sou a Kumiko?

De repente, fiquei desorientado. Tive a sensação de estar a cometer um grave erro. Tinha vindo ao lugar errado e estava a dizer as coisas erradas à pessoa errada. Era tudo uma perda de tempo, um desvio sem sentido. Depois lá consegui encontrar-me no escuro. Para tornar a encontrar o contacto com a realidade, apertei o boné que tinha sobre os joelhos com ambas as mãos.

– Sim, acredito que tu sejas a Kumiko. Isto porque todas as pontas soltas ficaram atadas. Passaste a vida a telefonar-me daqui. Penso que estarias a querer revelar-me algum segredo. Um segredo que escondias dentro de ti. Estavas a tentar contar-me qualquer coisa que a verdadeira Kumiko, no mundo real, não me podia dizer. Por isso, eras tu que o fazias em vez dela – através de uma linguagem cifrada.

Por momentos ela não disse nada. Inclinou o copo e bebeu um gole de uísque, depois pegou no que eu tinha dito:

– Bom – referiu –, se é isso o que pensas, talvez tenhas razão. Talvez eu seja, na realidade, Kumiko. Ainda não estou totalmente convencida. Porém, a ser verdade, se eu for realmente Kumiko, poderia falar contigo usando a voz de Kumiko, quero dizer, através da sua voz, não te parece? É uma

conclusão lógica. Torna as coisas um bocadinho mais complicadas, é certo. Faz-te diferença?

– Não me importo – respondi. A minha voz tornara a perder a calma e a noção da realidade.

A mulher pigarreou no escuro.

– Vamos lá ver se consigo – disse. E soltou novamente um riso estrangulado. – Devo dizer-te que não é nada fácil. Estás com pressa? Podes ficar mais um bocadinho?

– Não sei. Talvez se arranje – disse eu.

– Espera um momento. Desculpa lá... Hem... É só um minutinho.

Esperei.

– *Com que então, vieste até aqui à minha procura? Querias ver-me?* – A voz de Kumiko, muito séria, ressoou no escuro.

Não voltara a ouvir Kumiko desde aquela manhã de Primavera em que a tinha ajudado a subir o fecho das costas do vestido. Lembrava-me de que Kumiko tinha posto atrás das orelhas umas gotas da água-de-colónia que lhe havia oferecido alguém que não eu. Depois saíra de casa para não mais voltar. Aquela voz nas trevas, verdadeira ou imitada, teve o condão de me transportar àquela manhã. Podia cheirar o seu perfume, ver a pele branca das suas costas. No escuro, as minhas recordações tinham peso e densidade – eram porventura mais pesadas e densas do que na realidade. Agarrei no meu gorro ainda com mais força.

– Para ser preciso, não vim até aqui para te *ver*. Vim até aqui para te *buscar* – afirmei eu.

Ela deixou escapar um ligeiro suspiro.

– Por que é que desejas tanto levar-me de volta contigo?

– Porque te amo – respondi. – E tu também me amas, e me desejas.

– Estás muito seguro de ti – replicou Kumiko, ou a voz de Kumiko, num tom que não denotava qualquer menosprezo, mas que também não era propriamente calorosa.

Na sala ao lado, dava para ouvir o gelo a estalar dentro do balde.

– No entanto, ainda tenho alguns enigmas para resolver antes de te levar comigo – continuei eu.

– Não é um bocado tarde para reflectires nisso tudo com calma? – perguntou ela. – Pensei que me tinhas dito que não tinhas muito tempo...

Ela tinha razão. Tinha pouco tempo e demasiadas coisas em que pensar. Limpei o suor da frente com as costas da mão. «Pode muito bem ser esta a tua última oportunidade», disse a mim mesmo. Pensa, mas despacha-te!

– Preciso da tua ajuda.

– Não sei se pode ser – disse a voz de Kumiko. – Se calhar, não vai dar, mas estou disposta a tentar.

– A primeira pergunta diz respeito à tua saída de casa. Quero saber a *verdadeira* razão que te levou a partir. Bem sei que na carta que me enviaste dizias que era por causa de estares envolvida com outro homem. Li a carta vezes sem conta, acredita. Até certo ponto aceito essa explicação, só não acredito que seja essa a verdadeira razão. Soa a falso, não me convence. Não estou a dizer que seja mentira, atenção, mas, ao mesmo tempo, sinto que não passa de uma metáfora.

– Uma metáfora? – perguntou ela, parecendo realmente chocada. – Não entendo. Como é que o facto de ir para a cama com outro homem pode ser uma metáfora? Explica-te melhor.

– O que eu quero dizer é que me parece um simples pretexto. Essa explicação não leva a parte alguma, não passa de uma explicação provisória. Quanto mais lia a carta, mais isso se tornava evidente. Deve haver uma razão mais autêntica – e mais profunda. E provavelmente pelo meio anda

metido Noboru Wataya.

Senti o olhar dela pousado em mim, mesmo às escuras. Estaria a ver-me?

– Pelo meio, dizes tu? Como é que isso é possível?

– A bem dizer, ultimamente tenho passado por situações muito complicadas, têm aparecido em cena toda uma série de personagens e têm-se multiplicado os acontecimentos em cadeia, qual deles o mais estranho. A coisa chegou a um ponto que, se tentar dar-lhes uma ordem e contar-te tudo desde o princípio, arrisco-me a perder o fio à meada. Em contrapartida, se olhar para as coisas com um certo distanciamento, o sentido torna-se evidente e o argumento ganha uma lógica própria. E o que vejo é que *tu passaste do meu mundo para o mundo de Noboru Wataya*. O que é importante, é isso; o resto não interessa. Mesmo que tenhas ido para a cama com outro homem, isso seria sempre uma questão secundária. Uma cortina de fumo. É isto que tenho para te dizer.

Ela inclinou ligeiramente o copo na penumbra. Parecia-me, olhando fixamente para o sítio de onde provinha o som, que era capaz de vislumbrar vagamente os movimentos do seu corpo. Contudo, não passava de uma mera ilusão.

– As pessoas nem sempre enviam mensagens umas às outras a dar conta da verdade – disse ela. Já não era a voz de Kumiko, mas também não era a tal voz ingénua do princípio. Era uma voz completamente diferente, de outra pessoa, que se exprimia num tom repousado e inteligente. «... Da mesma maneira que as pessoas nem sempre se encontram umas com as outras para mostrar a sua verdadeira personalidade. Compreende o que lhe quero dizer, senhor Okada?»

– Seja como for, o certo é que Kumiko estava a tentar comunicar-me *qualquer coisa*. Verdadeiro ou falso, ela tentava dizer-me *algo*. Essa é que é, para mim, a verdade.

Tinha a sensação de que, à minha volta, as trevas se iam tornando cada vez mais densas. O peso específico da escuridão aumentava como a maré que sobe na calada da noite. «Tenho de me despachar. Não me sobra muito tempo. Se a luz volta, eles ainda aparecem aí para me vir buscar.» Arrisquei-me a traduzir em palavras as ideias que se tinham ido formando aos poucos na minha mente.

– Isto não passa de uma suposição minha, mas deve haver uma espécie de tendência hereditária no sangue da família Wataya. Não sei explicar exactamente em que consiste essa *tendência*, mas ela *existe* – e tu vivias em pânico por causa disso. Por isso tinhas tanto medo de ter filhos. Quando engravidaste, entraste em pânico, pensando que essa tendência poderia manifestar-se no teu filho. Porém, não foste capaz de te abrir comigo, de me contar o teu segredo. Tudo começou aí.

Ela não disse nada, mas pousou delicadamente o copo em cima da mesinha. Eu continuei:

– E a tua irmã não morreu de intoxicação alimentar. Penso que terá morrido por razões muito diferentes. Foi Noboru Wataya a empurrá-la para a morte, e tu sabes perfeitamente disso. A tua irmã deve ter-te contado antes de morrer, deve ter-te avisado. Noboru Wataya tem um poder qualquer especial. Sabe como detectar as pessoas vulneráveis a esse poder e aproveita-se delas para tirar algo que elas têm dentro de si. Foi isso que fez, e de uma maneira extremamente violenta, com Creta Kano. Ela conseguiu recuperar, de uma maneira ou de outra, mas o mesmo não aconteceu com a tua irmã. Vendo bem, vivia na mesma casa, debaixo do mesmo tecto que ele, não tinha para onde escapar. Às tantas, escolheu a morte porque não conseguiu aguentar mais a situação. E os teus pais sempre esconderam de ti o facto de ela se ter suicidado, não é assim?

Não houve resposta. Ao fundo das trevas, ela continuava muda, como se tentasse ocultar a sua presença.

Eu continuei:

– A partir de certo ponto, não sei por que razão, Noboru Wataya deve ter reforçado de forma brutal o seu poder destrutivo. E, através da televisão e de outros meios de comunicação, conseguiu dirigir esse poder em grande escala contra toda a sociedade, servindo-se dele para se apropriar do que essa enorme multidão de pessoas anónimas esconde no mais profundo do seu inconsciente. Fá-lo em benefício dos seus próprios fins políticos. E isso é muito perigoso, isso que ele está a tentar por todos os meios tirar de dentro das pessoas, está fatalmente impregnado de sangue e violência. E está directamente ligado com as trevas mais negras da história da Humanidade. Porque é algo que acabará por arruinar e destruir muitíssimas pessoas.

Ela suspirou no escuro.

– Não me queres arranjar outro uísque? – pediu com uma voz calma.

Levantei-me, dirigi-me à mesa-de-cabeceira e peguei no copo vazio. Eram os únicos gestos que eu conseguia fazer às escuras sem dificuldade. A seguir fui até à outra sala, acendi a lanterna e preparei um segundo uísque com gelo.

– Tudo isso não é mais do que o produto da tua imaginação, certo? – perguntou ela.

– Limitei-me a reunir algumas ideias que me ocorreram – respondi. – Não tenho nenhuma base que me permita provar que isto é verdade.

– Em todo o caso, gostaria de saber como é que continua. Se é que continua.

Regressei ao quarto e deixei ficar o copo sobre a mesa-de-cabeceira. Em seguida, apaguei a lanterna e sentei-me na cadeira. Concentrei-me e prossegui o meu relato.

– Tu nunca chegaste a saber concretamente o que aconteceu à tua irmã. Ela avisou-te antes de morrer, mas tu ainda eras muito pequena e não foste capaz de apreender o verdadeiro significado da sua mensagem. No entanto, ainda que vagamente, percebeste que de certa maneira Noboru Wataya tinha ultrajado e magoado a tua irmã. Sentias que nas tuas veias corria uma espécie de obscuro segredo e que isso era uma coisa de que nem tu própria estavas a salvo. Por isso te sentias sempre sozinha, sempre inquieta, na casa onde vivias. Vivias numa imensa e indefinível angústia, sempre latente. Como aquelas medusas que vimos no aquário.

«Quando acabaste a universidade – e uma vez ultrapassados todos os trâmites e dificuldades –, pudeste finalmente casar-te comigo e afastar-te da casa onde vivia Noboru Wataya. Ao meu lado, levaste uma vida serena que te fez esquecer a escuridão dos teus antigos medos. Aos poucos, começaste a recuperar e a integrar-te na sociedade, como uma pessoa nova. Durante um tempo, acreditaste que estava tudo a correr bem, mas as coisas não eram assim tão simples. Um belo dia, apercebeste-te de que aquela força escura que pensavas ter deixado para trás ainda te arrastava sem que o soubesses. Deves ter-te sentido muito confusa, nessa altura, e foi então que te viraste para Noboru Wataya, a fim de descobrir a verdade. E depois foste ter com Malta Kano, em busca de ajuda. E fui eu a única pessoa a quem não tiveste coragem de o confessar.

«Palpita-me que deve ter começado tudo depois da gravidez. Pelo menos é a sensação que me dá. Quer dizer, é nessa altura que se dá o ponto de ruptura. Por isso é que recebi o primeiro sinal de advertência por parte do guitarrista, em Sapporo, na noite em que fizeste o aborto. Talvez a gravidez tenha estimulado e despertado algo que permanecia adormecido dentro de ti. E era precisamente *disso* que Noboru Wataya estava pacientemente à espera. Possivelmente, ele só consegue relacionar-se sexualmente com as mulheres por essa via. Por isso é que tentou afastar-te de mim nesse momento, quando essa *tendência* começou a manifestar-se em ti. Ele precisava desesperadamente de ti. Noboru

Wataya precisava de ti para desempenhares o papel que em tempos fora o da tua irmã mais velha.

Quando acabei de falar, um silêncio profundo preencheu o vazio do quarto. Tudo aquilo era fruto da minha imaginação. Algumas partes eram ideias vagas que me tinham vindo à cabeça até à data, e o resto tinha-me ocorrido à medida que ia falando, ali no escuro. Podia muito bem ter acontecido que o poder das trevas tivesse de certo modo exaltado a minha imaginação, ajudando-me a preencher os espaços em branco. Ou então, também podia ter acontecido que a presença daquela mulher me tivesse ajudado. Uma coisa, porém, era certa: as minhas suposições careciam de fundamento.

– Uma história muito interessante – disse a mulher. O tom voltara a ser o de uma menina mimada. Era espantosa, a velocidade cada vez maior a que mudava de voz. – Com que então, abandonei-te para esconder de ti a vergonha do meu corpo ultrajado. Como acontece no filme *A Ponte de Waterloo*⁵⁴, num cenário de nevoeiro, à mistura com Robert Taylor e Vivien Leigh...

– Quero que venhas comigo – cortei eu, interrompendo-a. – Vou levar-te de volta ao mundo que deixaste. A um mundo onde existe um gato com a ponta do rabo dobrada, um pequeno jardim, onde o despertador toca todas as manhãs.

– E como? – quis a mulher saber. – Como é que pensas tirar-me daqui?

– Como nos contos de fada – explico eu. – Só tenho de quebrar o feitiço.

– Estou a ver – disse a voz. – O único senão é que tu pensas que eu sou a Kumiko. Queres levar-me para casa como se eu fosse a Kumiko. E se eu não for a Kumiko, o que acontecerá depois? Arriscas-te a levar contigo a pessoa errada. Tens a certeza de que sabes o que estás a fazer? Não será melhor pensares nisto tudo com mais calma?

Apertei a lanterna com força dentro do bolso. A mulher só podia ser Kumiko, mas não tinha maneira de o demonstrar. Decididamente, não passava de uma hipótese. Dentro do bolso, a minha mão estava banhada de suor.

– Vou levar-te para casa – repeti numa voz seca, sem timbre. – Foi para isso que aqui vim.

Ouviu-se o som roçagante dos lençóis. Ela parecia ter mudado de posição na cama.

– Podes afirmá-lo com toda a certeza? Sem nenhuma hesitação? – insistiu ela.

– Sim, tenho a certeza. *Vou levar-te para casa.*

– Não voltarás atrás?

– Não. A minha decisão está tomada – afirmei.

Ela permaneceu em silêncio durante um bom bocado, como se estivesse a verificar alguma coisa. Depois respirou fundo, como que para assinalar o fim da nossa conversa.

– Tenho um presente para ti. Não é nada de especial, mas acho que te pode ser útil. Aproxima a tua mão – muito, muito devagar – mas não acendas a luz. Devagarinho, na direcção da mesa-de-cabeceira.

Levantei-me da cadeira, estendi o braço direito no escuro, como se estivesse a medir a profundidade do vazio. Podia sentir os espinhos afiados do ar cravados na ponta dos meus dedos, até que, por fim, a minha mão tocou naquela coisa. Quando me apercebi do que se tratava, o ar condensou-se no fundo da minha garganta e endureceu até petrificar. O «presente» era o taco de basebol.

Agarrei nele pela base e ergui-o à altura dos olhos. Era, sem sombra de dúvida, o taco que arrebatara ao homem com o estojo de guitarra. Verifiquei a forma do punho, o tacto, o peso. Só podia ser. Era o taco de basebol. Contudo, ao inspeccioná-lo, descobri que estava qualquer coisa agarrada, mesmo por cima da marca que tinha no cimo. Pareciam cabelos humanos. Desprendi-os e apalpei-os

com os dedos. A julgar pela espessura e pelo tamanho, era cabelo humano *verdadeiro*. Havia meia dúzia de cabelos agarrados a um coágulo de sangue. Alguém se servira daquele taco para dar com ele na cabeça de outro ser humano – provavelmente Noboru Wataya. Foi com dificuldade que consegui expelir o ar que tinha atravessado na garganta.

– Este é o teu taco, não é verdade? – perguntou ela.

– Creio que sim – retorqui eu, contendo a emoção. No meio daquela escuridão, também a minha voz começava a adquirir um tom diferente, como se fosse outra pessoa a falar por mim. Antes de prosseguir, limpei a garganta para ter a certeza de que era mesmo eu a falar:

– Segundo parece, o taco foi usado como arma para golpear alguém.

Ela continuou calada e bem calada. Sentado, baixei o taco e coloquei-o entre as pernas.

– Deves saber muito bem a que me refiro. Alguém agrediu Noboru Wataya na cabeça com o taco. A notícia que deu na televisão era verdade. Noboru Wataya está em coma no hospital e o seu estado é considerado muito grave. Talvez não resista aos ferimentos e morra.

– Ele não vai morrer – disse a voz de Kumiko, sem ponta de emoção. Dir-se-ia que enunciara um facto histórico escrito num livro. – No entanto, é provável que nunca mais recupere a consciência. Talvez esteja condenado a errar eternamente nas trevas. Agora, que trevas são essas, é uma coisa que ninguém sabe.

Às cegas, apanhei o copo do chão e engoli a bebida de um só gole, sem pensar. Aquele líquido insípido escorregou-me pela garganta e desceu até ao esófago. De repente, sem motivo algum, senti um calafrio. Tive a sensação de que algo se estava a aproximar devagarinho de mim, através do longo corredor das trevas, e que estava cada vez mais perto. Como se o tivesse pressentido, o meu coração desatou a bater desalmadamente.

– Não temos muito tempo – disse eu. – Quero que mo digas, se puderes. Que diabo de lugar é este?

– Já aqui estiveste antes, por mais do que uma vez, e encontraste sempre o caminho para aqui chegar. Além disso, consegues sempre sobreviver sem ser destruído. *Devias saber* onde te encontras. Seja como for, isso agora de pouco ou nada importa. O mais importante...

Foi então que se ouviu uma pancada na porta. Um toque seco e duro, como se estivesse alguém a espetar um prego na parede. Duas pancadas, seguidas de outras duas pancadas. Exactamente como da outra vez. A mulher susteve a respiração.

– Tens de fugir daqui – instigou-me a voz inconfundível de Kumiko. – Depressa, enquanto ainda podes atravessar a parede.

Não sabia se a ideia que tinha da situação era correcta ou não, mas sabia, isso sim, que tinha de derrotar aquela coisa. Aquela era a minha guerra, a batalha que eu tinha de travar.

– Desta vez não faço tenções de fugir – disse eu. – Vou levar-te para casa comigo.

Pousei o copo, enfiei o gorro de lã na cabeça, agarrei no taco que tinha no meio das pernas. Depois dirigi-me lentamente para a porta.

⁵⁴ Para além das referências ao enredo e ao cenário físico, importa destacar o tom genuinamente melodramático do filme realizado em 1940 por Mervyn LeRoy, que converte a estrutura narrativa do argumento num exercício sobre o esbatimento do tempo e do espaço. (*N. da T.*)

Nada como uma verdadeira faca

A famosa profecia

Dirigi-me para a porta sem fazer barulho, apontando a luz da lanterna para os meus pés. O taco estava na minha mão direita. Ia ainda a caminho quando voltaram a bater: duas pancadas, depois outras duas pancadas. Desta vez com mais força, mais violência. Encostei-me à parede que fazia um ângulo com a porta e esperei, mal respirando.

Quando os golpes pararam, um silêncio profundo abateu-se de novo sobre tudo, como se nada tivesse acontecido. A verdade, porém, é que sentia ainda uma presença do outro lado da porta. Esse alguém estava ali, de pé, à escuta e contendo a respiração, tal como eu. Em silêncio, esforçando-se por ouvir os batimentos de um coração, ouvir o som de um suspiro, ler o movimento de um pensamento. Eu respirava em silêncio, sem agitar o ar em meu redor. *Não estou aqui*, disse para comigo mesmo. Não estou aqui, não estou em parte alguma.

Pouco depois, ouviu-se uma chave a girar na fechadura. Esse alguém executava cada um dos seus gestos muito devagar, com extrema cautela. Os sons chegavam até mim de tal maneira fragmentados e isolados uns dos outros que deixavam de ter significado. Quando a maçaneta rodou, apenas se ouviu o perceptível chiar dos gonzos. As contracções do meu coração aceleraram. Tentei acalmá-las, mas sem o conseguir.

Alguém entrou no quarto. Senti a vibração do ar. Concentrei-me para apurar os meus cinco sentidos e percebi o vago odor de um corpo estranho. Um odor desconhecido no qual se misturavam roupa espessa a cobrir um corpo, a respiração contida, a excitação reprimida no silêncio. Teria o intruso uma faca na mão? Era possível que sim. Lembrava-me de ter visto um lampejo agudo e branco. Sustendo a respiração, ocultando a minha presença, apertei com força o taco nas duas mãos.

Uma vez no interior, aquele alguém fechou a porta atrás de si e trancou-a por dentro. Encostado à porta, estudou atentamente o quarto. As minhas mãos, agarradas ao cabo do taco, estavam alagadas de suor. Só tinha vontade de secar as mãos nas calças, mas o mínimo movimento poderia ter consequências fatais. Pensei na estátua do pássaro que havia no jardim da casa abandonada dos Miyawaki. A fim de anular a minha presença, identifiquei-me com o pássaro. Ali, naquele jardim de Verão, banhado pelos deslumbrantes raios de sol, sou a estátua do pássaro que se ergue, imóvel, no ar, com as asas antes do voo, a contemplar, imóvel, o céu.

Aquela pessoa levava uma lanterna. Uma vez acesa, projectou diante de si um pequeno feixe de luz, a direito. Não era muito intenso. Tratava-se de uma lanterna de bolso, como a minha. Esperei, imóvel, que o feixe avançasse e passasse à minha frente, mas o meu adversário nunca mais se decidia a avançar. Ia alumiando, um atrás do outro, como um projector, todos os objectos que havia no quarto. As flores na jarra, a bandeja prateada sobre a mesa (que voltou a devolver o brilho, sensual), o sofá, o candeeiro de pé... Passou diante do meu nariz e imobilizou-se a uns cinco centímetros dos

meus sapatos, lambendo os recantos do quarto como uma serpente. Tinha a impressão de que a minha espera ia durar eternamente. O medo e a tensão converteram-se numa dor aguda que me trespassou a consciência como uma broca.

«Não devo pensar em nada», pensei. *Não penses em nada*. Lembrei-me do que o tenente Mamiya me dizia na carta. Pôr-me a imaginar coisas podia ser o meu fim.

Finalmente, a luz da lanterna começou a avançar devagar, muito devagar. Tudo indicava que o homem se dirigia para o quarto do fundo. Apertei o taco com mais força. Apercebi-me de que o suor das palmas das minhas mãos secara por completo. Agora, ficara com elas demasiado secas.

O homem deu um passo à frente, na minha direcção, depois outro passo. Parecia estudar o terreno que pisava. Retive a respiração. Mais dois passos e tinha-o onde eu o queria. Mais dois passos, e poderia acabar com aquele pesadelo ambulante. Naquele preciso momento, porém, a luz desapareceu. Tudo voltou a mergulhar na escuridão profunda. Tinha apagado a lanterna. Às escuras, tentei fazer o meu cérebro funcionar rapidamente, mas em vão. Por um instante, um calafrio desconhecido percorreu o meu corpo. O homem tinha-se apercebido da minha presença.

«Mexe-te», pensei. «Não fiques aí parado.» Tentei passar o peso do pé direito para o pé esquerdo, mas os meus pés não se mexeram, estavam como que pregados ao chão, como a estátua do pássaro. Inclinei-me para a frente e às tantas lá me consegui pôr de cócoras, inclinando a parte superior do tronco para a esquerda. E foi então que algo chocou violentamente contra o meu ombro direito. Uma coisa dura, muito fria, atingiu-me em cheio no osso, como uma chuva gelada.

Com o impacto, o torpor que me havia paralisado desapareceu de uma assentada. Dei imediatamente um salto para a esquerda, mergulhei na escuridão para melhor descobrir onde é que se encontrava o meu adversário. As veias do meu corpo dilatavam-se e contraíam-se. Os músculos e as células de todo o meu corpo reclamavam oxigénio. O meu braço direito estava como que insensível, anestesiado ao ponto de eu não o sentir. A dor viria mais tarde. Não me mexi. O meu adversário também não. Imóveis, sustendo a respiração, enfrentávamo-nos no escuro. Não se via nada, não se ouvia nada.

Uma vez mais, sem aviso prévio, a faca voltou a atacar. Passou a rasar o meu nariz como uma vespa enfurecida. A ponta afiada roçou-me a face direita, onde eu tinha a mancha. Senti a pele a ser rasgada, mas não me pareceu que fosse uma ferida profunda. Não, o meu adversário ainda não me vira, senão já há muito que teria acabado comigo. Balanceei o taco na escuridão com todas as minhas forças, tentando adivinhar o sítio de onde viera a facada, mas o taco fendeu o ar com um silvo, e foi chocar contra nada. A rotação tinha sido perfeita. Ao mesmo tempo, aquele silvo deixou-me mais aliviado. Queria dizer que estávamos empatados. Eu tinha apanhado com duas facadas em cima, mas nada de grave. Nenhum de nós conseguia ver o outro. E, se era verdade que tinha uma faca, eu tinha o meu taco.

O combate às cegas recomeçou. Espiávamos mutuamente os movimentos. Pela minha parte, aguardava, mal ousando respirar, que o inimigo se mexesse. Reparei que o sangue me escorria pela cara abaixo. Estranhamente, porém, não sentia medo. «É apenas uma faca», disse para mim próprio. «Não passa de um ferimento.» Sem me mexer, fiquei ali, pacientemente à espera. À espera que ele voltasse a atacar-me com a faca. Estava disposto a esperar eternamente. Inspirava e expirava sem fazer ruído. «Mexe-te!», disse eu em silêncio ao meu inimigo. Eu estou aqui quieto, à espera que avances. Do que é que estás à espera para me esfaquear? Não tenho medo de ti.

Vinda de qualquer parte, a faca caiu sobre mim, rasgando-me a gola da camisola. Senti que me

passava rente à garganta. Foi por pouco, mas não me tocou. Dei um salto para o lado, contorcendo-me todo, e brandi o taco no ar, impaciente por recuperar o equilíbrio. O taco deve tê-lo atingido na clavícula. Não era uma zona vital, nem o golpe tinha sido tão forte de molde a quebrar-lhe os ossos, mas, pelo menos, tinha sido o suficiente para o magoar. Senti que recuava, ouvi-o respirar com dificuldade. Voltei à carga e desfechei-lhe outro golpe com força, sempre na mesma direcção, desta vez um bocadinho mais acima, de onde me parecia vir a respiração.

Foi um golpe perfeito. O taco acertou-lhe no pescoço. Ouviu-se o barulho sinistro de ossos a partir. Ao terceiro golpe levou com o taco em cheio, que é como quem diz, na cabeça –, fazendo-o voar. O homem caiu no chão soltando um grito breve e estranho. Durante alguns instantes permaneceu caído por terra, numa espécie de estertor, até que o ruído acabou de vez. Fechei os olhos e, sem pensar, assestei o golpe definitivo no lugar de onde tinha vindo o som arquejante. Não queria fazê-lo, mas não tinha escolha. Tinha de acabar com ele: não era por ódio, nem por medo, era pura e simplesmente porque devia fazê-lo (tinha de o fazer). Na escuridão, algo rebentou como uma peça de fruta madura. Uma melancia. Fiquei ali parado, empunhando com firmeza o taco, o corpo inclinado para a frente. Só então reparei que todo eu tremia. E não havia maneira de conseguir parar. Dei um passo atrás e tentei sacar a lanterna do bolso.

– Não olhes – ouviu-se uma voz no escuro. – Não olhes para essa coisa. – Era a voz de Kumiko, que vinha do quarto lá do fundo. Ao mesmo tempo, tinha a mão esquerda agarrada à lanterna. Tinha de olhar, tinha de saber o que era aquilo. Queria ver com os meus olhos aquela figura que jazia no coração das trevas e que eu tinha reduzido a uma massa de carne com as minhas próprias mãos. Uma parte de mim compreendia o que Kumiko estava a querer proibir-me de fazer. Ela tinha razão, não tinha nada que ver. Ao mesmo tempo, porém, a minha mão esquerda já empunhava a lanterna e movia-se sozinha.

– Por favor, peço-te que pares – gritou ela de novo. – Se me queres levar para casa contigo, não deves olhar!

Cerrando os dentes, expulsei devagarinho o ar dos pulmões, como se estivesse a empurrar uma pesada janela que teimava em não abrir. Ainda não conseguira parar de tremer. No ar havia um cheiro desagradável – um odor nauseabundo a miolos e violência e morte. E aquilo tinha sido obra minha. Atirei-me para cima do sofá que estava ali ao pé e, por momentos, lutei contra as náuseas que sentia crescer dentro de mim, vindas do fundo das tripas, mas a náusea venceu. Vomitei tudo o que tinha no estômago sobre a alcatifa. Quando já não tinha mais nada para vomitar, despejei a bília, depois o ar, depois a saliva. Entretanto, deixei cair o taco, que rolou ruidosamente pelo chão e foi parar não sei onde.

Quando os espasmos acalmaram, quis tirar o lenço do bolso para limpar a boca, mas não conseguia mexer a mão. Nem sequer podia levantar-me do sofá.

– Vamos para casa – disse eu, na direcção do escuro. – Acabou tudo, vamos para casa.

Ela não me respondeu

Já não havia ninguém no quarto. Afundei-me no sofá e fechei os olhos.

Senti que as forças me abandonavam – por entre os dedos, primeiro, depois pelos ombros, pelo pescoço, pelas pernas. Ao mesmo tempo, desaparecia a dor nas feridas. O meu corpo começava a perder peso e massa. Isso, porém, não me deixava minimamente perturbado nem assustado. Sem resistência, entreguei-me – entreguei a minha carne – a essa coisa branca, grande e quente. Era natural. Quando dei por mim, estava a atravessar uma enorme parede gelatinosa, deixando-me ir ao

sabor da corrente, envolto por aquele fluido quente. «Nunca mais aqui voltarei», pensei para comigo enquanto atravessava para o lado de lá. Acabou tudo. *Onde é que Kumiko se teria metido?* Tinha de a levar para casa. Fora por isso que eu matara o homem. Sim, por isso é que eu lhe fendera o crânio com um taco de baseball, como a uma melancia. Por isso é que eu... Não consegui pensar mais. A minha consciência foi engolida por um vazio profundo.

Quando voltei a mim, continuava sentado no escuro. Com as costas apoiadas à parede, como de costume. Regressara ao fundo do poço.

E, contudo, o poço não era o mesmo poço de sempre. Tinha algo de novo, algo que não me era familiar. Concentrei-me e tentei chamar a mim todas as minhas faculdades para ver se percebia o que estava a acontecer. O que haveria ali de diferente? A verdade é que o meu corpo se encontrava ainda como que paralisado, e as únicas impressões que tinha eram incompletas, fragmentárias. Tive a sensação de ter sido posto, por engano, num recipiente errado. No entanto, ao fim de algum tempo comecei a compreender.

Água. Estava cercado de água.

O poço deixara de estar seco. Encontrava-me sentado no meio da água. Respirei fundo várias vezes para ver se me acalmava. Que teria acontecido? Estava a jorrar água. Não estava fria, pelo contrário, até me parecia quase tépida, dir-se-ia a água de uma piscina aquecida. Lembrei-me então de meter a mão ao bolso, à procura da lanterna. Teria trazido a lanterna do outro mundo? Haveria alguma ligação entre o que acontecera lá e esta realidade que agora me rodeava? As mãos, porém, não me responderam, nem tão-pouco as pernas. Não me conseguia sequer levantar.

Procurei reflectir calmamente, fazer o ponto da situação. Primeiro que tudo, a água ainda só me chegava à cintura, por isso não corria perigo de me afogar. É certo que não me podia mexer, mas isso devia ser porque tinha abusado das minhas forças e estava esgotado. À medida que o tempo fosse passando, acabaria por recuperar a minha energia. As feridas não eram profundas e, enquanto o corpo estivesse dormente, não sentiria dor. O sangue estava seco e já deixara de me escorrer pela cara.

«Está tudo bem, não tenho motivos de preocupação», pensei, encostando a cabeça toda à parede. Agora, sim, é que acabara tudo. Bastava-me descansar um bocadinho e, depois, regressaria ao mundo à superfície da Terra, o mundo inundado de luz, ao meu mundo de origem... Mas por que diabo é que o poço começara de repente a produzir água? Afinal, estivera tanto tempo vazio, morto, por que razão é que agora voltara a funcionar, a ter vida? E teria isso alguma relação com aquilo que eu *ali* tinha feito? Era provável que sim. Se calhar alguma coisa tinha feito saltar o tampão que anteriormente obstruía a corrente.

Pouco depois, dei-me conta de uma realidade sinistra. Ao princípio ainda tentei desesperadamente iludi-la. A minha mente foi enumerando diversas possibilidades, com vista a negar a evidência. Tentei convencer-me de que era uma ilusão provocada pela escuridão e pelo cansaço juntos. Acabei, no entanto, por ter de me render e não tive outro remédio senão aceitá-la como um dado adquirido. Por mais que tentasse enganar-me a mim mesmo, a realidade não desapareceria.

A água estava a subir.

Pouco antes, chegava-me à cintura; agora, porém, dava-me pelos joelhos, dobrados contra o peito. Lenta mas paulatinamente, estava a acontecer, o nível da água estava a aumentar. Voltei a tentar mexer-me. Chamei a mim todas as forças e redobrei esforços no sentido de ordenar aos músculos que se mexessem. Foi inútil. O mais que consegui foi virar um nadinha o pescoço. Olhei para cima. A tampa estava fechada. Tentei ver as horas no relógio de pulso que trazia no braço esquerdo, mas nada feito.

A água brotava de uma fenda – e tudo indicava que ia correndo cada vez mais veloz. A princípio, corria apenas um pequeno fio, agora quase que jorrava. Dava para ouvir. Não tardou a chegar-me à altura do peito. Até onde é que poderia subir?

É preciso ter cuidado com a água, já lá dizia o senhor Honda. Na altura, pouco ou nada ligara à profecia. É certo que não me esquecera das suas palavras (eram demasiado estranhas para me ter esquecido delas), mas o certo é que nunca as tinha levado a sério. O senhor Honda não passara de um episódio inofensivo das nossas vidas, e a profecia transformara-se numa brincadeira. De vez em quando eu virava-me para Kumiko e dizia: «Vê lá se tens cuidado com a água.» E desatávamos os dois a rir. Éramos jovens, não precisávamos de profecias para nada. Viver já era em si uma profecia. Afinal de contas, quem tinha razão era o senhor Honda. Só me dava vontade de rir às gargalhadas. A água estava a subir, e eu estava numa situação desesperada.

Pensei em May Kasahara. Imaginei que ela chegava ali e levantava a tampa – via a cena como se ela se estivesse a passar diante dos meus olhos, com uma incrível nitidez. A imagem era tão real e tão nítida que eu quase podia entrar nela. O meu corpo não se mexia, mas a minha imaginação continuava a trabalhar. Que mais podia eu fazer, para além de dar largas à imaginação?

– Olá, senhor Pássaro de Corda! – disse May Kasahara. A voz dela ecoava por todas as concavidades do poço. Não fazia ideia de que um som pudesse ressoar mais profundamente num poço com água do que num poço seco. – Que fazes aí? Outra vez a meditar?

– Nada de especial – respondi eu, olhando para cima. – Agora não tenho tempo para grandes explicações, mas a verdade é que não me consigo mexer. Além disso, a água começa a subir dentro do poço. O poço já não está seco, como estava. Por este andar, vou acabar por morrer afogado.

– Pobre senhor Pássaro de Corda – disse May Kasahara. – Esforçaste-te desesperadamente por salvar Kumiko. E *muito provavelmente* até o conseguiste! Certo? Isto ao mesmo tempo que no decorrer do processo salvavas uma data de outras pessoas. E, agora, não tens quem te salve a ti. Esgotaste todas as tuas forças e o teu destino salvando os outros. Já não te sobra nenhuma semente no saco, estão todas semeadas aqui e ali. Que injustiça, não te parece? Tenho muita pena de ti, senhor Pássaro de Corda. A sério, lamento do fundo do coração, mas, vendo bem, foste tu a escolher este caminho. Entendes o que te quero dizer?

– Sim, creio que sim – retorqui eu.

De repente senti uma dor surda no ombro direito. «Afinal, sempre era verdade, aquilo tinha acontecido mesmo», pensei. Aquela faca era verdadeira e tinha-me cortado a sério.

– Olha uma coisa, tens medo da morte? – quis saber May Kasahara.

– É evidente que sim – respondi. Conseguia ouvir o eco da minha voz nos meus ouvidos. Era a minha voz e, ao mesmo tempo, não era. – Claro que tenho medo quando penso que vou morrer afogado desta maneira no fundo de um poço escuro.

– Nesse caso, adeus, pobre senhor Pássaro de Corda – disse May Kasahara. – Tenho muita pena, mas nada posso fazer para te ajudar. Estou demasiado longe.

– Adeus, May Kasahara – disse eu. – Ficavas muito bonita com aquele biquíni.

E então May Kasahara repetiu com uma voz muito suave:

– Adeus, pobre senhor Pássaro de Corda.

Depois a tampa do poço fechou-se. A imagem desvaneceu-se. Não aconteceu mais nada. Aquela imagem não estava ligada a coisa nenhuma. Gritei na direcção da boca do poço: «*May Kasahara, onde é que estás e o que andas a fazer quando mais preciso de ti?*»

A água dava-me pela garganta. Como uma corda, começava a apertar-se à roda do pescoço, como a corda de um enforcado. Comecei a sentir dificuldades em respirar. Debaixo de água, o coração marcava com esforço o compasso do tempo que ainda me restava. Se a água continuasse a subir sempre ao mesmo ritmo, em cinco minutos estaria a cobrir-me a boca e o nariz, num instante chegaria aos pulmões. Não tinha maneira de escapar. Afinal, tinha sido eu a dar vida àquele poço e agora aquele poço era a causa da minha morte. No mundo há muitas maneiras bem piores de morrer.

Fechei os olhos e tentei aceitar a morte da maneira mais serena e pacífica que me foi possível. Esforcei-me por vencer o medo. Pelo menos tinha conseguido deixar algumas coisas para a posteridade, o que me dava uma certa consolação. Uma boa notícia. As boas notícias anunciam-se sempre baixinho. Tentei sorrir ao recordar esta frase, mas não fui capaz. «Apesar de tudo, *estou com medo* de morrer», sussurrei a mim mesmo. Seriam aquelas as minhas últimas palavras. Não se podia dizer que fossem particularmente memoráveis. Agora era tarde de mais para mudar de discurso. A água chegava-me à boca, depois chegou ao nariz. Deixei de respirar. Os meus pulmões lutavam desesperadamente por ar novo, mas ar era coisa que não havia. Apenas água tépida.

Estava a morrer. Como muitas outras pessoas que vivem neste mundo.

A história da família pato

Sombras e lágrimas

(O ponto de vista de May Kasahara – 6)

Olá outra vez, senhor Pássaro de Corda!

Espero bem que esta carta chegue às tuas mãos.

Para dizer a verdade, não tenho feito outra coisa senão escrever-te cartas e mais cartas, e começo a não ter assim tanta certeza de que as tenhas recebido todas. A bem dizer, a morada para onde as tenho enviado é assim a modos que uma morada «aproximada», além de que não tenho posto remetente, por isso o mais provável é as cartinhas terem ido parar a um correio qualquer e estarem todas empilhadas e ao pó na posta-restante, com o carimbo «destinatário desconhecido» em cima. Até à data, costumava pensar: Tudo bem, se as cartas não chegam ao destino, que se lixe! O que é que uma pessoa há-de fazer? O importante, para mim, era transformar os meus pensamentos em palavras e fazer-te passar a mensagem. Não sei porquê, mas o certo é que me era fácil alinhar as palavras: só de pensar que era a ti que se destinavam, as frases como que se escreviam sozinhas. É verdade, por que será?

Esta carta, porém, é para ser lida por ti, dê lá por onde der. Só espero e rezo para que, esta sim, te chegue às mãos.

Para começar, vou falar-te na família pato. Se bem que esta seja novidade para ti, mas aqui vai.

Como já te expliquei, o terreno da fábrica onde trabalho é muito grande e até tem espaço para um bosquezinho e um tanque, onde por sinal é muito agradável andar a passear. O tanque é bastante grande e é ali que vive a família pato. Ao todo, uma dezena de palmípedes. Não sei até que ponto se pode falar em família, nem de que forma estão organizados, mas é provável que, entre si, eles tenham as suas discussões, com alguns dos membros a darem-se melhor com uns e não tão bem com outros e assim. A verdade é que nunca os vi andar à bulha.

Estamos em Dezembro e o tanque começa a ficar gelado, ainda que a camada de gelo não seja lá muito espessa e continue sempre a haver uma extensão de água suficientemente grande para que os patos possam nadar um bocadinho, mesmo com frio e tudo. Dizem-me algumas das minhas companheiras de trabalho que, mal as temperaturas baixarem mais e o tanque ficar coberto de gelo, fazem tenções de começar a vir patinar para aqui. Nessa altura, a família pato (bem sei que é uma expressão um bocado estranha, mas habituei-me a falar assim e sai-me, o que é que queres?) não terá outro remédio senão ir para outras paragens. No fundo, se queres que te diga, penso que o melhor que poderia acontecer era o tanque não gelar, porque odeio patinagem sobre o gelo, mas, pelos vistos, não devo ter sorte nenhuma. Aqui, nesta zona do país, os invernos são muito rigorosos. Quanto à família pato, uma vez que é aqui que vive, não terá outro remédio senão

preparar-se para o que der e vier.

Nos últimos tempos, venho sempre para aqui ao fim-de-semana e mato o tempo a observar a família pato. Posso perfeitamente ficar duas ou três horas a olhar para eles que nem dou pelas horas a passar. O tempo voa. Venho bem equipada para enfrentar o frio, cheia de malhas, gorro, cachecol, botas, casaco, mais pareço um caçador de ursos polares. Sento-me numa pedra e fico ali, horas a fio, sozinha, sem pensar em nada, a ver a família pato nas suas andanças. Às vezes, atiro-lhes com uns bocados de pão duro. Escusado será dizer que, por estas bandas, mais ninguém tem vida para isto.

Se calhar é uma coisa que tu não sabes, senhor Pássaro de Corda, mas os patos são gente divertida. Por mais tempo que passe na companhia deles, nunca me canso. Não entendo como é que as outras raparigas perdem o seu rico tempo a deslocar-se até à cidade mais próxima e ainda por cima pagam dinheiro para ir ao cinema ver filmes que não interessam a ninguém quando podiam estar aqui a assistir a este espectáculo! Volta e meia, os patos aparecem a voar e aterram em cheio no gelo, desatando a bater as asas, e muitas vezes rebolam e caem. É mil vezes mais divertido do que uma daquelas séries de comédia que passam na televisão! Claro que a família pato não faz de propósito para o meu divertimento. Levam até muito a sério a sua vida, o que acontece é que de vez em quando começam a patinar e dão as suas quedas, mais nada. Fixe, não te parece?

Esta família pato que conheço tem umas patas planas e achatadas cor de laranja, que fazem lembrar as botas que eu usava em criança quando comecei a andar na escola, mas é óbvio que não foram feitas para andar sobre gelo. Todos os membros da família escorregam e alguns caem de cu. Pelos vistos, não possuem nenhum sistema antiderrapante. Nestas condições, é óbvio que o Inverno não é propriamente uma estação divertida para a família pato. O que será que eles pensam, lá no fundo a respeito do gelo? Bem que gostaria de saber a resposta a esta pergunta. Ainda assim, não creio que o cenário lhes desagrade tanto quanto isso. Ao vê-los, pelo menos é essa a conclusão a que chego. Diria mesmo que eles até tiram partido da vida que levam, mesmo no Inverno. Às vezes, parece que estou a ouvi-los resmungar: «Gelo? Outra vez? Bem, paciência...» Aí tens outra coisa que me agrada na família pato.

O tanque fica no meio do bosque, longe de tudo e de todos. Ninguém (a não ser eu, claro) se dá ao trabalho de vir até aqui nesta altura do ano, excepto num ou noutro dia de sol. A neve que caiu há meia dúzia de dias transformou-se em gelo no caminho que vai dar ao bosque, e, ao pisá-lo com as minhas botas, o gelo parte-se com um barulhinho agradável. Também se podem ver muitas aves por estas bandas. Quando caminho com a gola do casaco levantada e o cachecol todo enrolado à volta do pescoço, lançando uma nuvem branca de respiração, com um pedaço de pão duro no bolso, a pensar que vou ter com a família pato, sinto-me contente e alegre como um passarinho. Ao ponto de pensar que há muito tempo que não experimentava esta sensação de felicidade.

Pronto, ficamos por aqui no que diz respeito à família pato!

Para ser franca, acordei há coisa de uma hora, quando estava a sonhar contigo, senhor Pássaro de Corda, e sentei-me logo à mesa a escrever-te esta carta. Agora são (olho para o relógio) exactamente duas e dezoito. Enfie-me na cama pouco antes das dez, como de costume, despedi-me dizendo «Boa noite a todos, família pato», e adormeci como uma pedra, para acordar de repente, mesmo há bocadinho. A verdade é que não tenho a certeza se foi um sonho ou não. Isto porque não

me lembro nada do que sonhei. Começo a pensar que, se calhar, não se tratou de um sonho. Tudo o que sei é que ouvi claramente a tua voz. Ouvi a tua voz e tu, senhor Pássaro de Corda, estavas a chamar por mim, alto e bom som. Gritavas o meu nome, vezes sem conta. Por isso é que acordei assim sobressaltada.

Quando abri os olhos, o quarto não estava totalmente às escuras, visto que entrava a luz da Lua por uma janela. Esta grande Lua suspensa sobre as colinas como uma bandeja cromada. Uma Lua tão grande, tão grande, que parecia que até podia estender a mão e escrever qualquer coisa na sua superfície. E a luz que entrava pela janela formava uma espécie de charco branco no chão. Por que seria que gritavas o meu nome tão alto e de forma tão nítida? Durante um bom bocado o meu coração quase parou de tanto bater. Se estivesse em minha casa, o mais certo era ter-me vestido a correr e atravessado a ruela para ir ter contigo, mesmo a estas horas da noite. O que é impossível, uma vez que estou no meio das montanhas, para aí a uns milhares de quilómetros de tua casa. Por mais que queira acudir-te, é impossível, certo?

Nesse caso, o que é que fiz?, perguntar-me-ás tu.

Despi-me. Hmm. Não me digas nada. Nem sequer eu sei o que me levou a fazer isto. Contenta-te em ouvir a minha história sem me interromper. Seja como for, fiquei toda nua e saltei da cama. Depois pus-me de joelhos, iluminada pela luz branca do luar. Dentro do quarto devia estar frio, com o aquecimento desligado, mas nem dei por isso. Tinha a sensação de que, através da luz da Lua que entrava pela janela, havia algo de especial que me protegia, envolvendo-me como se fosse uma fina película protectora. Deixei-me ficar ali despida durante algum tempo, sem pensar em nada, e a seguir expus à luz da Lua cada uma das partes do meu corpo, uma atrás da outra. Não sei como dizer isto de outra maneira, para mim, era a coisa mais natural do mundo. Era impossível não o fazer, ali exposta àquela luz tão espantosa e tão bonita. Pus-me de maneira a que a luz incidisse no pescoço, nos ombros, nos braços, no peito, na barriga, nas pernas, no rabo e naquele sítio que tu bem sabes onde, como se estivesse a banhar-me.

Se houvesse alguém a espreitar pela janela, por certo teria achado a cena bizarra. Devia ter o ar de uma lunática qualquer, daquelas que nas noites de lua cheia perdem por completo o tino. Escusado será dizer que ninguém me pôs a vista em cima. Quando muito, só se o rapaz da moto estivesse à coca, mas esse é inofensivo. Não conta, está morto. Se quiser olhar para mim, se for isso que lhe dá prazer, pois então que olhe e que o espectáculo lhe dê gozo.

Em todo o caso, não havia ninguém a ver-me. Estava sozinha ao luar. De vez em quando, fechava os olhos e punha-me a pensar na família pato, que devia estar a dormir algures junto ao tanque. Pensei também naquele sentimento quente, de felicidade pura, que partilhava com os membros da família pato. Os patos, bem vês, são para mim uma espécie de talismã precioso.

Fiquei ali, ajoelhada, ainda um grande bocado. Sozinha, de joelhos, banhada pela Lua, completamente nua. A luz da Lua conferia ao meu corpo uma cor estranha e a sombra do meu corpo projectava-se no chão, formando uma mancha, escura e comprida, que alastrava até à parede. Não parecia a minha sombra, aquela. Dava-me a sensação de que era o corpo de outra mulher. De uma mulher mais madura. Não era o corpo de uma jovem virgem como eu, tão angulosa, mas sim de uma mulher mais cheia, com mais peito e os mamilos mais salientes. E, contudo, aquela era a sombra que eu projectava, só que maior, mais alongada. Quando eu me movia, a sombra também se movia. Estudei a relação entre a minha sombra e eu em todos os seus pormenores, observei atentamente o meu corpo ao mesmo tempo que fazia movimentos diferentes.

Porque seria que tinha um aspecto tão diferente de mim? Não tenho resposta para isso. Quanto mais olhava, mais estranho me parecia.

E agora, senhor Pássaro de Corda, vamos à parte realmente difícil de explicar. Duvido que consiga, mas aqui vai.

Resumindo e concluindo, desatei a chorar de repente. Se isto fosse o argumento de um filme, escreveria: «Sem aviso prévio, May Kasahara cobre a cara com as mãos e rompe em lágrimas.» Não fiques assustado. Ainda não te tinha dito nada, mas a verdade é que sou uma chorona assumida. Que é como quem diz, choro por tudo e por nada. Aí tens o meu ponto fraco. O facto de eu ter começado a chorar sem nenhum motivo especial não é, por isso, de estranhar. Normalmente choro durante um bocado e chega uma altura em que paro e digo para comigo mesma que já chega. Ando sempre de lágrima ao canto do olho, é certo, mas também fecho a torneira com toda a facilidade. Esta noite, porém, não conseguia deixar de chorar. Saltou-me a rolha e foi o que se viu, não consegui parar. Uma vez que nem sequer sabia por que razão chorava, não havia maneira de parar. As lágrimas continuavam sempre a cair, como sangue de uma grande ferida que não estanca. Derramei lágrimas e mais lágrimas, tantas que até a mim me custa a acreditar. Cheguei a temer que pudesse ficar sem uma gota de água no corpo e secar por completo, acabando por me transformar numa múmia.

As lágrimas caíam no charco branco de luz projectado no chão e faziam um barulho como se estivessem a ser absorvidas por ele. Ao caírem, brilhavam à luz da Lua como cristais maravilhosos. Foi então que reparei que a minha sombra também chorava, recortando-se, nítida, a sombra das lágrimas. Alguma vez viste a sombra de uma lágrima, senhor Pássaro de Corda? A sombra das lágrimas não é uma sombra qualquer, não tem nada que ver. Vem de um mundo distante, especialmente para os nossos corações. E daí talvez não. Se calhar, as lágrimas derramadas pela sombra são as lágrimas verdadeiras e as lágrimas que eu choro não passam do seu pálido reflexo. Foi o que pensei na altura. Olha, senhor Pássaro de Corda, palpita-me que isto é muita areia para a tua camioneta. Tudo pode acontecer quando uma rapariga de dezassete anos, na calada da noite e nua à luz da Lua, chora todas as lágrimas que tem para chorar. Esta é que é a verdade.

E pronto, foi isto que aconteceu há uma hora, neste mesmo quarto. Aqui estou, de lápis na mão, a escrever-te esta carta (depois de me ter vestido, claro).

Adeus, senhor Pássaro de Corda. Não sei bem como dizer isto, mas a família pato que vive no bosque e eu rezamos para que sejas muito feliz. Se te acontecer alguma coisa, não hesites em chamar por mim bem alto.

Boa noite.

A coisa que desapareceu

– Foi Canela quem te trouxe até aqui – disse Noz-Moscada.

Ao acordar, a primeira coisa que senti foram umas dores difusas. Doíam-me os ferimentos produzidos pela faca, doíam-me as articulações, os ossos, os músculos do corpo todo. De certeza absoluta que, na minha fuga em grande correria pelo meio da escuridão, devia ter chocado com violência numa quantidade de coisas. E, contudo, aquelas dores não haviam ainda assumido uma forma concreta. Aproximavam-se do que era a dor, mas não se podia dizer que fossem um verdadeiro sofrimento.

A seguir percebi que estava deitado no sofá da «sala de provas» da «mansão», enfiado dentro de um pijama azul-marinho que não me era familiar, tapado com uma manta. Os cortinados estavam abertos, deixando entrar a luz clara da manhã. Calculei que fossem umas dez horas. O ar estava fresco, o tempo passava normalmente, mas a verdade é que eu não compreendia por que é que tais coisas existiam.

– Foi Canela que te trouxe até aqui – repetiu Noz-Moscada. – As mazelas não são graves. A ferida do ombro é profunda, mas, por sorte, não atingiu nenhuma artéria, e a da cara não passa de um lanho. Canela coseu-te as duas feridas com agulha e linha, para não ficares com nenhuma cicatriz. Tem uma habilidade muito especial para essas coisas. Tu mesmo podes tirar os pontos daqui a meia dúzia de dias, ou pedir a um médico que o faça.

Tentei dizer alguma coisa, mas sentia a língua entaramelada e a voz não me saiu. Limitei-me a inspirar e a expulsar o ar com um ruído rouco, desagradável.

– O melhor é não te tentares mexer nem falar – disse Noz-Moscada, sentada numa cadeira ali ao pé, com as pernas cruzadas. – Canela contou-me que permaneceste demasiado tempo no poço e que escapaste por um triz, mas não me perguntes mais nada. A verdade é que não sei o que se passou. Recebi um telefonema dele a meio da noite, apanhei um táxi e vim a correr. Desconheço os pormenores do que aconteceu antes disso. Em todo o caso, deitei fora a tua roupa, estava completamente encharcada e empapada de sangue.

Com efeito, Noz-Moscada devia ter vindo a correr, visto que estava vestida de uma maneira muito mais simples do que era seu costume. Trazia um casaco de caxemira creme por cima de uma camisa às riscas de homem e uma saia de lã verde-azeitona. Não usava jóias e tinha o cabelo apanhado simplesmente atrás. Estava com um ar vagamente cansado, o que não a impedia de poder figurar num catálogo de moda. Levou um cigarro à boca e acendeu-o com o seu habitual isqueiro de ouro, produzindo aquele agradável ruído seco, antes de aspirar o fumo com os olhos semicerrados. Afinal, eu não tinha morrido. «Afinal, não morri», pensei, ao ouvir de novo o som do isqueiro. «Canela deve ter-me salvado enquanto o diabo esfregava um olho.»

– Canela possui um conhecimento especial das coisas – disse Noz-Moscada. – E, ao contrário de

mim ou de ti, está sempre a pensar profundamente em todas as eventualidades. Pelos vistos, nem sequer ele alguma vez imaginou que a água pudesse voltar ao poço tão depressa. Pura e simplesmente isso não estava nos cálculos dele. E a verdade é que, por causa disso, tu ias perdendo a vida. Foi a primeira vez que vi aquele rapaz em pânico.

Ao dizer aquilo, ela sorriu ao de leve.

– Ele deve gostar muito de ti – acrescentou.

A partir daí, deixei de ouvir o que ela me dizia. Começou a doer-me no fundo das órbitas, pesavam-me as pálpebras. Fechei os olhos e fui mergulhando aos poucos na escuridão, como se estivesse a descer de elevador.

Demorei dois dias a recuperar fisicamente. Durante todo aquele tempo, Noz-Moscada nunca saiu de junto de mim, uma vez que eu não conseguia levantar-me sem ajuda nem falar, e mal podia comer. Só bebia, de vez em quando, sumo de laranja, ou então comia uns pedacinhos de compota de pêsego em calda cortados muito fininhos. Ela regressava a casa à noitinha e voltava a aparecer de manhã. De qualquer maneira, as noites, eu passava-as a dormir profundamente. E não só as noites, também dormia a maior parte do dia. Tinha absoluta necessidade de dormir para recuperar.

Durante aquele tempo, Canela nunca apareceu. Parecia estar propositadamente a evitar encontrar-se comigo. Ouvia o seu carro a entrar e a sair pelo portão. Lá de fora, chegava-me o característico e profundo ronronar do motor do seu *Porsche*. Pelos vistos, acompanhava Noz-Moscada a casa e usava o carro para ir buscar e trazer roupa e comida, em vez de utilizar o *Mercedes-Benz* – só não entrava em casa. Entregava o pacote a Noz-Moscada à porta da frente e ia-se embora outra vez.

– Dentro de pouco tempo já estaremos livres desta casa – disse-me Noz-Moscada. – Vou começar a receber as clientes outra vez, não tenho outro remédio. Pelos vistos, estou condenada a continuar sozinha a ocupar-me delas, até ao fim da linha, até ficar completamente vazia. Está escrito, deve ser o meu destino. E entre nós deixará de haver qualquer relação. Quando tudo isto terminar e tu já estiveres bom, o que tens a fazer é esquecer que nós existimos, e quanto mais depressa melhor. Porque... ah, sim, já me estava a esquecer de te dizer uma coisa. É sobre o teu cunhado, Noboru Wataya.

Noz-Moscada foi buscar o jornal a outra divisão e deixou-o ficar em cima da mesa. – Canela trouxe este jornal mesmo há bocadinho. Diz aqui que o teu cunhado foi vítima de um ataque. Levaram-no para o hospital de Nagasáqui, onde continua em coma. Não sabem dizer se conseguirá recuperar.

Nagasáqui? Tive dificuldade em compreender as palavras de Noz-Moscada. Ao mesmo tempo, queria falar, mas as palavras não me saíam. Noboru Wataya tinha sido agredido em Akasaka, não em Nagasáqui. Porquê Nagasáqui?

– Noboru Wataya deu uma conferência de imprensa em Nagasáqui – explicou Noz-Moscada – perante um público numeroso, e encontrava-se mais tarde a jantar com os organizadores quando, de repente, caiu para o lado e teve de ser levado para o hospital mais próximo. Parece que se tratou de uma hemorragia cerebral. Dizem que devia ter algum problema congénito nos vasos sanguíneos que alimentam o cérebro. No jornal vem escrito que ele deverá continuar internado durante uma grande temporada, e que, mesmo que recupere o conhecimento, nunca mais recuperará o uso da palavra. Como é óbvio, isso implica o fim da sua carreira política. Que pena, um homem ainda tão novo!

Bom, deixo-te ficar o jornal à mão, assim podes ler tu mesmo a notícia quando te sentires com coragem.

Levei um certo tempo a aceitar a verdade daqueles factos, uma vez que as imagens televisivas que tinha visto no átrio daquele hotel estavam gravadas na minha mente com demasiada nitidez. As cenas ocorridas no escritório de Noboru Wataya, em Akasaka, os polícias, a entrada no hospital, a voz tensa do repórter... Pouco a pouco, lá me consegui convencer a mim próprio de que as notícias a que tinha assistido eram, simplesmente, as notícias que só existiam *naquele mundo*. Na realidade, neste mundo, eu não tinha agredido Noboru Wataya com um taco de baseball. Como tal, a Polícia não tinha motivos para me deter ou me interrogar. O homem tinha caído para o lado, diante de uma quantidade de pessoas, vítima de uma hemorragia cerebral. Isso excluía a hipótese de crime. Quando me dei conta disto, senti um profundo alívio. A descrição do criminoso que tinha sido adiantada na televisão correspondia ao meu perfil e o certo é que eu não tinha nenhum álibi que pudesse provar a minha inocência.

Devia haver, sem dúvida, alguma relação entre aquela coisa que eu tinha matado dando-lhe forte e feito com o taco de baseball no outro mundo e o ataque fulminante de Noboru Wataya. Eu tinha eliminado algo que ele tinha no seu interior ou a que se encontrava ligado por fortes elos. Era provável que Noboru Wataya tivesse pressentido o que o estava para vir. O que eu tinha feito, porém, não contribuíra para lhe tirar a vida. Bem ou mal, Noboru Wataya ainda estava vivo. A verdade é que deveria ter acabado com ele, de uma vez por todas. Que teria acontecido a Kumiko? Enquanto Noboru Wataya continuasse vivo, conseguiria ela libertar-se dele? Ou, do fundo das trevas do seu inconsciente, continuaria ele a mantê-la prisioneira?

Foi o mais longe que consegui ir nas minhas análises. Os meus pensamentos começaram a afundar-se na escuridão, fechei os olhos e adormeci. Tive um sono agitado, povoado de fragmentos de sonhos. Creta Kano com um bebé nos seus braços. Não se via a cara da criança, que ela apertava contra o peito. Creta Kano tinha o cabelo curto e não estava maquilhada. Disse-me que o nome do bebé era Córsega e que eu partilhava a paternidade com o tenente Mamiya. Não chegara a ir até à ilha de Creta, pois ficara no Japão, onde tinha dado à luz um menino que agora estava a criar. Só muito recentemente é que conseguira encontrar um novo nome para si, e levava agora uma vida tranquila e afastada, encontrando-se a viver com o tenente Mamiya nas montanhas perto de Hiroxima, onde juntos se dedicavam a cultivar uma pequena horta. Nada do que ela me disse constituiu surpresa para mim. Era algo que tinha previsto, pelo menos em sonhos.

– E que é feito de Malta Kano? – perguntava-lhe eu.

Creta Kano não respondia a isto. Limitava-se a pôr uma expressão triste. E desaparecia do mapa.

Na manhã do terceiro dia lá consegui, com grande dificuldade, pôr-me de pé sozinho. Ainda me custava horrores a caminhar, mas pelo menos já podia dizer qualquer coisa. Noz-Moscada preparou-me arroz cozido. Comi isso e uma peça de fruta.

– O que terá acontecido ao gato? – perguntei-lhe. O gato nunca deixara de estar no centro das minhas preocupações.

– Não te preocupes. Canela tem ido todos os dias a tua casa para tomar conta dele. Dá-lhe de comer, muda-lhe a água. Não precisas de te preocupar com nada, só contigo.

– Quando é que esta casa é vendida?

– Assim que puder ser. No mês que vem, se calhar. O que significa que irás recuperar parte do dinheiro. É possível que tenha de ser vendida por um preço mais baixo, e que o montante a receber não seja muito alto, mas, em todo o caso, ficarás com a tua parte do empréstimo que paguesse todos os meses. Isso deve bastar para te aguentares, durante algum tempo não precisas de te preocupar com questões de dinheiro. Afinal de contas, trabalhaste bem, no duro, e é justo que recebas a tua paga.

– A casa irá ser outra vez demolida?

– É o mais certo. E também devem secar o poço. É uma pena, agora que voltou a ter água, mas nos dias que correm ninguém quer um velho poço daquele tamanho. Agora metem um tubo na terra e tiram a água com a ajuda de uma bomba. Dá menos trabalho e não ocupa espaço.

– Quer-me parecer que este terreno já se deve ter transformado num lugar normal, sem maldições de espécie alguma – alvitrei eu. – A «mansão dos enforcados» já passou à história.

– Pode ser que tenhas razão – declarou Noz-Moscada, e mordeu ligeiramente o lábio, em sinal de hesitação. – No entanto, agora nada disso tem já que ver nem contigo nem comigo, não é verdade? Seja como for, vê mas é se descansas nos dias mais próximos e não dês muitas voltas à cabeça com coisas que não interessam a ninguém. Ainda vai demorar até te restabeleceres por completo.

Noz-Moscada mostrou-me o artigo sobre Noboru Wataya que tinha saído num jornal matutino. Um artigo pequeno. Dizia que Noboru Wataya tinha sido transferido em coma de Nagasáqui para o hospital da Universidade de Medicina de Tóquio, onde estava internado na unidade de cuidados intensivos. O seu estado era estacionário. O artigo pouco ou nada mais dizia. Naquele momento, pensei em Kumiko, como não podia deixar de ser. Por onde é que andaria Kumiko? Pela minha parte, tinha de regressar a casa, mas a verdade é que ainda não tinha forças para percorrer a distância que faltava.

No dia seguinte, pouco antes do meio-dia, lá consegui chegar sozinho à casa de banho e, ao fim de três dias, vi-me pela primeira vez ao espelho. A minha cara tinha um aspecto assustador. Mais do que uma pessoa viva, parecia um cadáver bem conservado. O ferimento no rosto estava, de facto, bem suturado, como Noz-Moscada me garantira. Os bordos da ferida tinham sido muito bem unidos com fio branco. Devia ter dois centímetros de comprimento, mas, em contrapartida, não era profunda. Quando mexia os músculos da cara, sentia aquela zona a repuxar, mas quase não me fazia doer. Lavei os dentes e fiz a barba com a máquina eléctrica. Não me atrevia ainda a usar uma navalha de barba. Para meu grande espanto, foi então que me apercebi de uma coisa. Pousei a máquina e olhei atentamente para a minha imagem no espelho, mal podendo acreditar no que os meus olhos viam. A mancha tinha desaparecido! O homem sem rosto tinha-me atingido em cheio na bochecha direita, precisamente onde estava a marca. Ficara uma cicatriz, mas a marca já lá não estava. Desaparecera da minha face sem deixar rasto.

No quinto dia à noite, ouvi ao longe o som das campainhas de trenó. Passava pouco das duas da manhã. Levantei-me do sofá, vesti um casaco de malha por cima do pijama e saí da sala de provas. Passei pela cozinha, fui até ao escritório de Canela, abri a porta e espreitei lá para dentro. Canela chamava por mim de dentro do computador. Sentei-me à secretária e li a mensagem que aparecia no monitor.

Acaba de aceder ao programa «Crónica do Pássaro de Corda». Escolha um documento (1-17).

Dei um clique no número 17. O documento abriu-se e apareceu um texto no ecrã.

Crónica do Pássaro de Corda N.º 17
(A carta de Kumiko)

Tenho muitas coisas que te explicar, mas para te contar tudo precisava de muito tempo, anos, quem sabe... Não posso adiar o coração, há muito que te devia ter confessado tudo honestamente, mas, infelizmente, faltou-me coragem para tal. Além do mais, tinha ainda a vã esperança de que as coisas não chegassem nunca ao ponto dramático a que chegaram. Em resultado disso, fomos ambos apanhados no meio deste pesadelo, e sou eu a culpada de tudo. Agora, porém, é demasiado tarde para explicações, não temos tempo a perder. Agora, chegou a hora de te dizer, em primeiro lugar, o que é mais importante para mim.

Tenho de matar o meu irmão, Noboru Wataya.

Vou agora pôr-me a caminho do hospital onde ele dorme com a intenção de desligar o sistema de respiração assistida que o prende à vida. Na qualidade de sua irmã, estou autorizada a tratar dele durante a noite, no lugar das enfermeiras. Quando desligar o aparelho, ainda há-de demorar um bocado até que alguém se aperceba do que está a acontecer. Ontem, pedi ao médico que me ajudasse mais ou menos a compreender o funcionamento da máquina. E só quando tiver a certeza de que o meu irmão está morto é que irei à Polícia e confessarei então que o deixei morrer intencionalmente. Não lhes direi rigorosamente mais nada acerca do meu gesto. Dir-lhes-ei que me limitei a fazer o que me pareceu correcto. O mais provável é ser detida e acusada de homicídio, e depois irei a julgamento. Escusado será dizer que os meios de comunicação acorrerão em massa, e cada pessoa expressará a sua opinião sobre o que é uma morte digna e outros assuntos do mesmo género. Pela minha parte, não tenho a mínima intenção de alimentar o debate, nem penso defender-me. É muito simples, quis matar um homem chamado Noboru Wataya. Essa é a única verdade em toda esta história. O mais certo é ir presa, mas a ideia não me faz medo. Para mim, o pior já passou.

Se não tivesses estado ao meu lado, há muito que teria perdido a razão. Ter-me-ia entregado a outro qualquer e caído num abismo de onde nunca mais teria podido sair. O meu irmão mais velho, Noboru Wataya, fizera exactamente o mesmo com a minha irmã, há muitos anos, e foi essa a razão que a levou ao suicídio. Ele desonrou-nos. Para ser mais exacta, não se pode dizer que nos tenha desonrado fisicamente. Não, o que ele fez foi ainda pior.

Privada da liberdade de actuar, permanecia encerrada e isolada num quarto às escuras. Não tinha os pés acorrentados, nem era vigiada por ninguém, mas dali não tinha como escapar. O meu irmão mantinha-me presa com correntes e debaixo de uma vigilância mil vezes pior. Eu mesma. Era eu a corrente que me imobilizava os pés, o carcereiro que nunca dormia. Uma parte de mim desejava fugir, mas havia outra parte, cobarde, dissoluta, que vivia já acomodada com a ideia do sequestro, pensando que, fizesse o que fizesse, jamais poderia escapar. E a parte de mim que desejava fugir era

demasiado fraca e nunca poderia vencer porque o meu coração e o meu corpo tinham sido conspurcados. Não tinha direito de voltar para ti, caso conseguisse sair dali. Não só tinha sido desonrada pelo meu irmão mais velho, Noboru Wataya, como, antes disso, me tinha desonrado a mim mesma de forma irreparável.

Na carta que então te enviei contava que tinha dormido com outro homem, mas isso não era bem assim. Agora tenho de confessar-te a verdade. Fui para a cama com muitos outros homens. Com um número incalculável de homens. Nem eu própria sei explicar o que me levava a isso. Por influência do meu irmão, seria? Agora, analisando a frio a questão, talvez seja essa a resposta. A sensação que me dava era a de que ele abria uma série de compartimentos secretos que havia dentro de mim, tirava lá de dentro sem o meu consentimento uma pulsão incompreensível, obrigando-me a ter relações sexuais com um homem atrás do outro. Tinha esse poder, o meu irmão, e, ainda que me custe reconhecê-lo, encontrávamo-nos os dois, eu e ele, ligados num recanto escuro e secreto da nossa alma.

Em todo o caso, quando o meu irmão veio ter comigo, já eu me encontrava irremediavelmente manchada. Cheguei mesmo a contrair uma doença venérea. Naquela altura, porém, e como já te escrevi na outra carta, era incapaz de ter sentimentos de culpabilidade em relação a ti. Aquilo que fazia, parecia-me a coisa mais natural do mundo. Não podia ser o meu verdadeiro eu. Essa é a única explicação que me ocorre. Agora, será esta a verdade? Poderá toda esta história terminar de uma forma assim tão simples? E, a ser verdade, qual é então o meu verdadeiro eu? Existe algum fundamento legítimo que me permita pensar que quem está agora a escrever esta carta possa ser o meu «verdadeiro eu»? Nunca tive a certeza de ser quem era, e continuo, até hoje, sem saber quem sou.

Sonhei muitas vezes contigo. Eram uns sonhos muito lúcidos, cheios de histórias com princípio, meio e fim. Nesses sonhos, via-te sempre desesperadamente à minha procura. Estávamos numa espécie de labirinto, e tu estavas muito próximo de mim. «Já falta pouco, estás quase lá», apetecia-me gritar. Tinha a certeza de que se tu me encontrasses e me abraçasses, todos os meus pesadelos chegariam ao fim e tudo voltaria a ser como dantes, mas abria a boca e não me saía grito nenhum. E tu passavas por mim no escuro sem me ver e prosseguias o teu caminho. As coisas passavam-se sempre da mesma maneira. Ainda assim, confesso que aqueles sonhos me ajudaram, me deram um certo ânimo. Pelo menos sabia que ainda me sobravam forças para sonhar. Isso nem o meu irmão conseguia roubar-me. Sentia também que tu fazias tudo o que estava nas tuas mãos para me encontrar. E pensava sempre que, um dia, talvez conseguisses levar a água ao teu moinho. Abraçavas-me com força, lavarias as minhas manchas e eu seria salva para sempre. Podia ser que conseguisses quebrar o feitiço e impedir a retirada a fim de impedires o meu verdadeiro eu de voltar a partir. Por isso consegui manter acesa a débil chama da esperança naquela escuridão fria e sem saída. Foi isso que me permitiu conservar um ténue eco da minha própria voz.

Esta tarde descobri a *password* para aceder a este computador. Alguém ma enviou por correio urgente. É graças a essa palavra-chave que estou a escrever-te esta mensagem no computador do escritório do meu irmão. Espero que a recebas.

Já não tenho tempo para mais. Tenho lá fora um táxi à minha espera. Está na hora de ir para o hospital. Devo matar o meu irmão e esperar o castigo da justiça. É estranho, mas já não lhe tenho ódio. Sinto apenas, com absoluta serenidade, que é meu dever fazê-lo desaparecer da face da Terra. E é também por ele que sinto esta obrigação. Tenho que fazê-lo, aconteça o que acontecer, para que a minha vida volte a fazer sentido.

Toma bem conta do gato. Fiquei muito contente ao saber que ele tinha voltado. Dizes que se chama *Cavala*? Gosto do nome. O gato foi sempre o símbolo de algo de bom que existiu entre nós os dois. Nunca devíamos tê-lo perdido de vista.

Não posso escrever mais nada. Adeus.

– Não imaginas a pena que tenho de não te ter podido mostrar a família pato, senhor Pássaro de Corda! – lamentou-se May Kasahara.

E a verdade é que tinha uma expressão verdadeiramente desolada.

Estávamos sentados de frente para o tanque, a contemplar a grossa camada de gelo branco que se formara à superfície. Era um tanque enorme. No gelo viam-se mil e um pequeninos cortes, como cicatrizes feitas pela lâmina dos patins. Era uma segunda-feira à tarde e May Kasahara tinha tirado o dia inteiro para estar comigo. Pensava aparecer num domingo, mas houve um acidente ferroviário e fui obrigado a mudar os meus planos e a atrasar a viagem um dia. May Kasahara vestia um casaco forrado de pele e um gorro de lã de um azul muito vivo. O gorro tinha uns motivos geométricos a branco e um pompom. Contou-me que tinha sido tricotado por ela. E que me faria um igual para o Inverno seguinte. Tinha as faces coradas e os olhos transparentes e límpidos como o ar das montanhas que se respirava. Fiquei feliz com isso. Afinal de contas, ainda só tinha dezassete anos – e um mundo de possibilidades à sua frente.

– Quando a água do tanque gelou, a família pato mudou-se para outra freguesia. Tenho a certeza de que ias adorar vê-los. Tens de voltar aqui na Primavera, está bem? Nessa altura apresento-te a família toda.

Sorri. Levava vestido um casacão de fazenda que não me protegia do frio todo, um cachecol enrolado até ao queixo e as mãos enfiadas dentro dos bolsos. Fazia um frio intenso, no meio da floresta. A neve estava gelada. Com os meus ténis, escorregava sem parar nas placas de gelo. Devia ter comprado umas botas com solas antideslizantes, antes de vir.

– Com que então, parece que vais ficar por estas bandas? – perguntei eu.

– Parece-me bem que sim. Pode ser que entretanto me dê na bolha e queira regressar à escola, não sei. Ou então pode ser que me case... não, também não – retorquiu May Kasahara, rindo e soltando uma nuvem de respiração branca. – Mas sim, de momento fico por cá. Preciso de mais algum tempo para pensar. Pensar com calma no que quero fazer, para onde quero mesmo ir, e isso tudo.

Concordei com a cabeça.

– Talvez seja o melhor – disse eu.

– Diz-me uma coisa, senhor Pássaro de Corda, também costumavas pensar nestas coisas quando tinhas a minha idade?

– Para ser franco, não sei bem. Quer dizer, sou capaz de ter pensado nisso, mas não me lembro de levar estas coisas todas tão a sério como tu. Parece-me que na altura acreditava que, levando uma vida normal, as coisas acabariam por funcionar sozinhas. E, de facto, vendo bem não foi isso que aconteceu, pois não? Com grande pena minha.

May Kasahara olhou para mim fixamente com uma expressão serena. Tinha as mãos enfiadas em luvas e pousadas sobre os joelhos, uma em cima da outra.

– Quer então dizer que deixaram Kumiko sair em liberdade, sob fiança? – perguntou ela.

– Ela recusou-se a sair – expliquei eu. – Disse que preferia estar na prisão, sossegada, do que ser assediada pelos órgãos de comunicação. Não quer ver ninguém, nem sequer a mim. Pelo menos até estar tudo acabado.

– Quando é que o julgamento começa?

– Talvez na Primavera. Ela declara-se culpada e está disposta a cumprir pena, seja qual for o veredicto. Não creio que o julgamento se arraste durante muito tempo. Há grandes possibilidades de ela obter pena suspensa e, mesmo que fique presa, deverá apanhar uma pena ligeira.

May Kasahara apanhou uma pedra que estava no chão e atirou-a para o meio do tanque. A pedra rolou sobre o gelo até à outra margem.

– E tu, senhor Pássaro de Corda, pensas regressar a casa e ficar à espera de Kumiko, não é verdade?

Fiz que sim com a cabeça.

– Nesse caso está tudo bem... por assim dizer.

Foi a minha vez de fazer com a respiração uma nuvem branca.

– Acho que sim. Ao fim e ao cabo, foi graças a nós que as coisas correram como correram e chegaram até aqui.

«Podia ter sido muito pior», pensei.

Ao longe, no bosque que rodeava o tanque, ouviu-se o grito de um pássaro. Levantei a cabeça e olhei em redor. Tinha durado um instante apenas, já não se ouvia nada. Não se via nada. Só o ruído seco e oco de um pica-pau a fazer um buraco com o bico no tronco de uma árvore.

– Quando a Kumiko e eu tivermos um filho, estou a pensar pôr-lhe o nome de Córsega.

– É um nome fixe! – exclamou May Kasahara.

Enquanto caminhávamos pelo bosque, um ao lado do outro, May Kasahara tirou a luva da mão direita e enfiou a mão no bolso do meu casaco. Aquilo fez-me pensar em Kumiko. Ela costumava fazer aquele mesmo gesto quando andávamos a passear juntos no Inverno. Nos dias frios, partilhávamos o mesmo bolso. Apertei a mão de May Kasahara dentro do bolso do casaco. A sua mão era pequena e quente como uma alma aprisionada.

– Sabes uma coisa, senhor Pássaro de Corda? Toda a gente vai pensar que somos amantes.

– É provável.

– Diz-me lá, leste todas as minhas cartas?

– As tuas cartas? – espantei-me eu. – Não fazia ideia do que ela estava a falar. – Tenho muita pena, mas nunca recebi nenhuma carta tua. Como não sabia nada de ti, entrei em contacto com a tua mãe, que me deu o número de telefone e a morada deste lugar. E podes crer que para isso tive de inventar uma data de histórias do arco-da-velha.

– Essa é boa! Escrevi-te para cima de umas quinhentas cartas... – exclamou May Kasahara de olhos postos no céu.

À noitinha, May Kasahara acompanhou-me até à estação para se despedir de mim. Apanhámos o autocarro até à cidade, comemos uma piza juntos num restaurante perto da estação, e esperámos juntos pelo comboio a diesel de três carruagens. Na sala de espera, duas ou três pessoas agrupavam-se à volta de uma enorme estufa a lenha que ardia com um brilho vermelho. Pela nossa parte,

preferimos esperar na plataforma lá fora, de pé e ao frio. No céu flutuava uma Lua gelada de Inverno, de contornos bem nítidos. Estava ainda em quarto crescente, curva e afilada como um sabre chinês. Debaixo daquela Lua, May Kasahara pôs-se em bicos dos pés e pousou suavemente os lábios sobre a minha face direita. Senti os seus pequenos lábios, finos e gelados, no sítio onde a minha mancha azul tinha estado.

– Adeus, senhor Pássaro de Corda – sussurrou May Kasahara em voz baixa. – Obrigada por teres vindo de tão longe só para me ver.

Deixei-me ficar a olhar para ela com as mãos bem enterradas no fundo dos bolsos do casaco. Não sabia o que lhe havia de responder.

Quando o comboio chegou, ela tirou o gorro e deu um passo atrás. Depois disse-me:

– Se alguma vez te acontecer alguma coisa, senhor Pássaro de Corda, chama por mim com todas as tuas forças, está bem? Por mim e também pela família pato.

– Adeus, May Kasahara – disse eu.

A lua em quarto crescente continuou a flutuar por cima da minha cabeça muito tempo depois de o comboio ter seguido viagem, aparecendo e desaparecendo de cada vez que fazia uma curva. Deixei-me estar com os olhos postos nela, e sempre que a perdia de vista, dirigia o olhar para as luzes das pequenas povoações que iam deslizando do outro lado da janela. Pensei em May Kasahara, com o seu gorro de lã azul, a percorrer sozinha o caminho que a levaria de volta à fábrica nas montanhas, e pensei na família pato que deveria estar a dormir algures no meio das ervas. Depois, recordei o mundo a que ia voltar.

– Adeus, May Kasahara – disse. – Adeus. Oxalá haja sempre uma força a proteger-te.

Fechei os olhos e tentei dormir. Passou muito tempo até conseguir adormecer, e só então me deixei embalar por momentos num sono tranquilo, longe de tudo e de todos.